

VAULINE GONÇALVES



Bellissime-se!



VAULINE GONÇALVES

Bellaune-se!

BELLANNE-SE!

Obra de

VAULINE GONÇALVES

Brasil, 2018

Copyright © 2017 Vauline Gonçalves
Copyright © 2017 Bellanne-se!
Editora Responsável: Vauline Gonçalves
Revisão: Daiane Amancio
Capa: Bárbara Dameto
Diagramação: Vauline Gonçalves
Foto Capa: (Adaptada)
Canstock - royalty free

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTA OBRA, DE QUALQUER FORMA OU POR QUALQUER MEIO ELETRÔNICO, MECÂNICO, INCLUSIVE POR MEIO DE PROCESSOS XEROGRÁFICOS, INCLUINDO AINDA O USO DA INTERNET, SE PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA NA PESSOA DE SEU EDITOR (LEI 9.610 DE 19/02/1998). ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS DESCRITOS SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DA AUTORA.

QUALQUER SEMELHANÇA COM ACONTECIMENTOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.
TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS PELA: AUTORA.

LIVRO 1

PREFÁCIO

Este livro é uma bela história de amor, da magia que há na descoberta do amor. Bellanne-se! nos mostra que, basta um engarrafamento, uma troca de olhares, dentro do inusitado, para tudo acontecer.

Mergulhamos no mundo de Bellanne em todo seu esplendor. Carismática, com personalidade e auto estima invejáveis, Bell, como é carinhosamente chamada, é uma profissional de sucesso e um ser humano livre. Livre nos gostos, na sensualidade e nas escolhas.

É uma personagem tão solar que vaza do interior do livro e ilumina o ambiente e a nossa alma. Dá gosto vê-la bailar entre as letras, pois, de tão inquieta, não suporta esperar que o pobre leitor lhe acompanhe o passo.

E a autora, conhecedora de sua cria, deu-lhe seu príncipe; mas não um qualquer, porque Bellanne não aceita padrões. Para ela, nada menos do que o especial Erik Lars, um homem calmo e seguro, mas que nas veias tem o sangue do guerreiro Viking, que venera as grandes conquistas.

E assim, enquanto ela distribui luz, ele se transforma no seu porto seguro e no conforto de um abraço com gosto de lar.

Vauline Gonçalves se supera nesta duologia pela profundidade com que mergulha na emoção dos personagens, sem nenhum pudor.

Com sua escrita rica e fluida, mergulhamos junto com ela nesta história fascinante sobre a força da paixão, que gera o amor e que se fortalece.



Prólogo

PRÓLOGO

Bellanne

Quando elaboro uma exposição fotográfica, penso na pré-produção, no tema e no efeito que as fotografias causarão no público, mas é só ao finalizar todo o trabalho que penso em um título para denominá-la. Por isso, causa-me estranhamento que aqui se tenha colocado o título antes que a obra fosse concluída. Como na vida, o futuro da história é incerto e não se sabe o que haverá ao dobrar a esquina. Programá-lo não é nada salutar.

O verbo criado com meu nome, e ainda usado no imperativo, não condiz com a fama que carrego de intempestiva, transgressora e mordaz. A mamãe diria que não sou o melhor exemplo. A verdade é que não me importo em ser um exemplo. Quero apenas ser eu mesma. Tenho plena consciência que fujo de tudo que tenha relação com padrões, que sou aquele ovo azul que veio por engano na cesta de ovos perfeitos e alvinhos. E sabe o que eu fiz quando isso me chegou à consciência? Eu amei a cor azul.

1º Capítulo



CAPÍTULO 1

Bellanne

Mordi os lábios, em êxtase, quando comecei a analisar o meu trabalho de dezoito dias no *Hawaii*.

Está divino!

Quase gritei de excitação, quando vi estampada na foto digital a essência do que eu havia ido buscar: adrenalina, medo, ansiedade. Aquele segundo que precede a descarga elétrica.

Meu coração disparou e me deixei admirar aquelas cenas... Garotos preparando-se para pular na Piscina da Morte; dois rapazes prestes a enfrentar uma onda de quinze metros de altura; e um close da jovem finlandesa que, absolutamente morta de medo e excitação, sobrevoou a cratera de um vulcão em um helicóptero - e eu estava lá, em todos esses momentos, registrando... eternizando. Aquilo era adrenalina em seu estado bruto! E agora mesmo eu estava sentindo a danada correr em minhas veias.

— Lucien precisa ver isso aqui... — murmurei sozinha. — Valeu a pena. Valeu muito a pena!

Selecionei quinze, dentre as melhores fotos. E modéstia à parte, estavam

exatamente como eu desejava. Talvez apenas um ajuste no brilho fosse necessário, por causa da luz fria que incidia naquele horário.

Abri o programa de edição com certa cautela. Tenho minhas reservas com respeito às edições de imagens. Trago comigo o resquício da ideia - retrógrada, eu sei - de que fotografia se faz na câmera (embora essa minha teoria também houvesse, em parte, caído por terra quando adotei a câmera digital). Eu ainda usava a câmera analógica para fotos e momentos especiais, mas a *Canon EOS 5D Mark* - mais conhecida como Chiquinha - era a minha grande companheira.

Comecei pela foto dos garotos na Piscina da Morte. Ajustei o brilho, fiz um discreto recorte e pronto. Abri a da garota no vulcão, que me daria um pouco mais de trabalho, exatamente porque eu resistia a mexer em suas configurações.

Enquanto lidava com minhas questões éticas, com relação à edição de imagens, pensava na edição de gente. Do mesmo jeito que acontecia com as fotos digitais, as pessoas desejavam o tempo inteiro editar umas às outras. Sombrear alguns pontos, iluminar aquilo que quisesse ressaltar, recortar partes que não lhes interessavam e montar tantas outras partes que sequer lhe caíam com perfeição.

Assim como na foto digital, eu também sou avessa à edição de pessoas. Será que algum dia me dobraria a isso, do mesmo jeito que enverguei - um pouquinho, mas a verdade é que enverguei - aos programas de edição? Será que algum dia me pegaria tentando editar as pessoas, e pior, me deixando editar? Quanto sobraria de mim depois das montagens? Quanto haveria de mudar o meu olhar quando alterassem minhas luzes?

Respirei fundo e quando dei por mim, estava no último tratamento. Assim também se desenrolaria a minha história: com dúvidas sobre edições, uma montagem aqui, um ajuste ali... Mas e no fim? Depois que tivéssemos editado tanto uns aos outros e já não nos reconhecêssemos, só nos restaria uma última decisão: Salvar ou deletar as alterações?

A orla estava agitada. As luzes já estavam acesas, iluminando o calçadão, e a todo momento eu precisava desviar de um ou outro corredor naquele final de tarde. Mulheres e, por vezes, algum casal passeavam com suas crianças e cachorros; vendedores ambulantes estendiam colares em minha direção e meu olhar cruzava com pessoas conhecidas — velhos companheiros de calçada. Eu via o trânsito infernal da hora do *rush*, mas graças aos fones de ouvido, escutava apenas a voz *sexy* de *Rob Thomas*, cantando para mim.

Diminuí o ritmo da corrida quando senti o celular vibrar na correia presa em meu braço. Atendi no fone de ouvido sem parar de caminhar.

— Oi.

— Bell? Ainda na rua?

— Terminando minha corrida. E você, tudo certo para amanhã?

Era Lucien, meu agente e grande amigo.

— Tudo mais que certo, Belzita! Amanhã lacramos aquele contrato e seu nome estampará o fabuloso catálogo de estreia da Drakkar no Brasil!

É claro que Lucien é *gay* - declarado e registrado! Hétero nenhum usaria o termo "lacrar" nesse contexto.

— Eu ainda não consigo acreditar que me convenceu a fazer fotos de moda. Tenho um pressentimento...

— Êpa, êpa! Nada de pressentimentos. Não é qualquer catálogo de moda. É a Drakkar, miguxa!

Parei de andar e comecei a me alongar. Eu realmente estava achando que aquilo tudo ia me trazer mais estresse do que vantagens. Catálogos de moda significavam modelos frescas, produtores irritantes, chefes intrometidos e o inevitável editor de imagens.

— Eu só aceitei essa loucura porque você me garantiu que terei liberdade e que a Drakkar tem um perfil conceitual. Só por isso!

Estiquei a coluna e desci o tronco até colá-lo às coxas, enquanto escutava Lucien tecer dois mil elogios à rede de lojas dinamarquesa. Depois de um estrondoso sucesso na Europa, a marca estava para inaugurar cinco lojas em duas das maiores cidades do país.

Fiz uma pesquisa sobre a tal rede e vi que, realmente, eles prezam por uma valorização do ser humano além da roupa. Vi que eles têm produção própria, não exploram mão de obra escrava e que têm diversos projetos ligados a questões sociais.

— Lu, estou indo para casa. O que acha de reunir o pessoal para...

— Fechado! — Lucien e a terrível mania de me interromper. Ele pensa rápido demais! — Já estou chegando em sua casa e você tem até às dez para descansar. A balada será fervorosa!

Atravessei a rua e acenei, cumprimentando o chaveiro que trabalha na banca da esquina.

— Hoje não, Lucien. Amanhã terei que levantar cedo... Pensei em chamarmos as meninas e pedirmos pizza, sei lá! Que tal um vinho?

— Ok, ok... — disse, meio desanimado - Podemos deixar para

comemorarmos amanhã, após, enfim, você assinar o bendito contrato.

— Beleza. Vou ligar para Let e Tati e pedir a pizza.

Desliguei antes que ele sugerisse convidar mais pessoas. Normalmente, sou do tipo festeira e adoro ter a casa cheia de gente, mas amanhã será um dia difícil e tudo o que quero é um pouco de paz.



Eu usava apenas uma camisa do *Bob Esponja*, que chegava até o meio das minhas coxas, e os cabelos estavam enrolados em um desses palitos japoneses, quando abri a porta de casa para Letícia. Ela fazia tudo ao mesmo tempo: me beijava, entrava em casa e me cobria de perguntas.

— Oi, anjo! O que iremos comemorar mesmo? Pedi pizza vegetariana também, né? Cadê o pessoal?

— As fotos que fiz no *Hawaii*, pedi pizza de tomate seco e rúcula para você e eles já devem estar chegando.

Depois de mais de quinze anos convivendo com Letícia, a gente acaba se acostumando e até pegando algumas manias. Só não me tornei vegetariana, ainda.

Let, como eu a chamava desde que éramos garotas, é o tipo furacão, mas que, de uma hora para outra, se transforma em brisa leve, serena. Faz o estilo natureba, é dona de uma loja de produtos naturais e é casada - não no papel, mas para mim tanto faz - com o Caio, que é um tipo encostado/gente fina/meio mala que a gente ama, mas está sempre querendo matar.

— Quero ver todas! — Se empolgou, jogando-se na *chaise* e abraçando uma das almofadas de *patchwork*. — Colocou em slide?

— Coloquei sim — gritei da cozinha, enquanto servia uma taça de vinho. — Vou passar enquanto a gente come.

Voltei para a sala e ofereci uma taça à Let, enquanto sorvia o meu próprio vinho. Letícia deu um generoso gole e fechou os olhos, saboreando.

— Você sabe escolher, não é, criatura?

Sorri e me joguei ao lado dela.

— E aí, como vai o Caio?

— E em que mal pode ir?! Está lá, com o curso de ioga e suas três únicas alunas. — Ela me olhou com a cabeça pendendo no encosto do sofá. — A

mais nova tem sessenta e dois anos!

Rimos juntas.

— E ele entende de ioga, Let?

— Entende o quê, Bel? E Caio precisa entender de alguma coisa para se achar apto a ser professor?

— Enquanto ele não cismar com medicina ou engenharia...

Em meio à risada, a sineta da porta tornou a tocar. Levantei em um salto, deixei a taça sobre a mesa de jantar e abri a porta já recebendo um abraço.

— Amiga linda! — Tati me deu um de seus abraços apertados e eu o retribui com a mesma intensidade. — Estava azul de saudade!

Me afastei para olhar para a minha amiga de faculdade.

— Eu também, Tati, estava morta de saudade! — Lucien, que estava atrás dela, esgueirou-se pelo canto da porta, me deu um selinho rápido e correu para os braços de Letícia. Acredito que ele seja o maior cliente da Let e suas massagens terapêuticas. Nem posso imaginar o tipo de assunto que estes dois desenvolvem em suas tardes esotéricas.

Eu fechei a porta, peguei minha taça sobre a mesa e fui direto para a cozinha, servir mais vinho para os recém-chegados. Tati me acompanhou.

— E aí, Bell, como foi a viagem?

— Perfeita, Tati... perfeita! Fiz fotos fantásticas e já até separei algumas para exposição.

Entreguei uma taça a ela e observei-a saborear o vinho.

— Isso está bom demais! — Disse, admirando o líquido através do vidro. — Mas você só fotografou ou aproveitou para curtir?

— Claaaaro que curti, e muito! Mas conheço esse tom e lhe digo logo: Não curti os havaianos.

— E os gringos, amiga? Lá está sempre cheio de gringos!

— Surfistas, né Tati? Surfista é mais a praia da Let, não a minha.

— E o Alex? Vocês se falaram durante a viagem?

Alex é o par ideal de boa parte das mulheres que conheço. É lindo, bem-sucedido, gentil, educado e bom de cama, mas.... Não sei. Algo nele é "adequado" para mim, mas não perfeito.

— Pelo menos a cada três dias. — Quando ergui os olhos para Tati, ela me olhava como se eu fosse um caso perdido. Talvez por causa da revirada de olhos que dei, antes de baixá-los para a bebida.

— Ai, Bella... Dá pena. Vocês formam um casal tão lindo, e ele é louco por você.

Encostei o quadril na pia e bebi o resto de vinho que havia na taça de uma só vez.

— E eu gosto dele, te juro! Só que... Só que eu não consigo me ver casada com o Alex. Não consigo me ver sendo a esposinha que ele sonha, a "mãe dos filhos dele" e todo o peso que isso...

— Chega, chega. — Tatiana me abraçou e eu senti o carinho em forma de calor. — Conheço bem suas opiniões sobre o assunto e não quero te aborrecer. Vamos lá, ou aqueles dois irão fofocar sem a gente.

Voltamos para a sala. Letícia contava algo engraçado ao Lucien, mas não escutamos do que se tratava. Tati sentou ao lado de Let no sofá e eu na mesa de centro, com Lucien deitado no tapete, aos meus pés.

— Não acredito, Bellanne Fraise! Let me contou que você não pegou um único daqueles surfistas gostosos?

É claro que o assunto seria esse! O que mais entusiasmava e divertia tanto Lucien e Letícia? Esta última, aliás, monitorou toda a minha viagem via mensagens instantâneas.

— Não, Luciano Dórea! — O chamei pelo nome de batismo que, para ele, era másculo e desagradável demais. — O tempo foi curto, tinha muita parafina e no barzinho do hotel havia sempre uma nuvem suspeita pairando no ar. Então, não.

Lucien parecia realmente decepcionado. Estava certo de que ouviria um dos meus relatos cheios de sacanagem sobre havaianos e surfistas sarados. É claro que havia uma porção de caras atraentes e até flertei com um francês, mas eu estava focada e quando trabalho em algo tão excitante, meio que esqueço as distrações.

— Ei! Que caras são essas? Se são histórias de sacanagem o que querem, posso providenciar rapidinho alguém para me inspirar.

Lucien riu, mas Letícia fez cara de desdém.

— Qual é, Bell? Há quase um ano que suas sacanagens só têm o Alex como protagonista e, apesar dele ser uma delícia, você precisa variar, né amiga?

— Como assim? — Tatiana olhou Letícia com espanto. — Eles se dão tão bem! Além do mais, o Alex é um cara muito legal e delícia é apelido, né Let? O Alex é um tesão!

A sineta da porta tocou novamente e Lucien foi atendê-la.

— Ei, ei! Delícia ou tesão, quem come sou eu. Sendo assim, deixem que eu decida se mantenho a dieta ou vario o cardápio, beleza? — Tentei encerrar

o assunto, sem sucesso.

— Eu também gosto do Alex, Tati, mas... Vamos combinar, né? — Letícia quase riu, vendo Tatiana revirar seus lindos olhos castanhos. - Ele é meio quadrado para a Bel. Ele é certinho demais!

— Let, quem disse que eu não curto o certinho? — Tive que me meter.
— Fique sabendo que, na cama, ele faz coisas bem pouco certinhas. — Aquilo não era exatamente uma verdade, mas talvez satisfizesse a Let.

— Isso, amiga! — Tati comemorou.

— Isso, amiga! — Let a imitou. — Mantenha-o na cama, mas não cometa a loucura de colocar uma aliança nesse dedo. Não dou dois meses para você morrer de tédio.

Eu comecei a rir, esperando que a qualquer momento as duas abrissem um placar com os gols e os foras de Alex, mas Lucien se aproximou com duas pizzas nas mãos, cortando o assunto.

— Parem de falar do gostoso do Alex e vamos comer essas gostosas aqui.
— Lucien, se referindo às pizzas de tomate seco e de *pepperone*.

Não voltamos ao assunto Alex, mas percebi Tatiana entristecer o olhar. Ela era a que mais sabia o que significava "tédio no casamento", mas ainda assim, apostava suas fichas no *ship* "Alexllanne".

No final da noite, estávamos apenas eu e Let, mais alcoolizadas do que deveríamos. João havia ido buscar Tatiana, e Lucien, depois de me perguntar pela milionésima vez se eu não queria transformá-lo em hétero — coisa que ele sempre fazia quando passava da quinta taça de vinho e, porque, segundo ele, eu estava muito *sexy* na camisa de Bob Esponja — foi para casa assistir aos últimos episódios de “*Once Upon a Time*”.

— E amanhã, hein? Um passo e tanto!

A voz de Let estava arrastada, mas ela estava visivelmente orgulhosa de mim.

— Ai, amiga... você sabe que eu não curto esse lance de fotografar moda.
— Suspirei preguiçosamente. — Não vou mentir... Estou com um pouquinho de medo.

Ela ergueu a cabeça e lutou contra a pálpebra pesada.

— Medo, Bellanne Fraise?!

— É... medo de acabar como um fotógrafo de moda qualquer, me rendendo ao comercial. Não quero perder meu foco do pitoresco, da poesia.

— Ah, Bellanne, por favor! São apenas fotos! E muita grana no bolso, diga-se de passagem.

Eu deixei a cabeça pender no encosto do sofá e olhei para ela.

— Desde quando minha amiga alternativa, *hiponga* e porra louca acredita no dinheiro?

Ela levou alguns segundos para responder. Apenas me fitando.

— Desde quando trabalho doze horas seguidas para que meu amado marido curta dar suas aulas sem se preocupar com o número de alunas ou com o tamanho do processo que iremos enfrentar, se alguma delas decidir processá-lo por "exercício ilegal da profissão". Não quero isso pra você, irmã.

Ergui a cabeça de vez, ainda olhando para ela.

— Que diabos você tá falando, Letícia?! Eu sequer tenho marido! E jamais teria um marido como seu "amado" Caio. Não tenho sua paciência, amiga.

Rimos juntas. Sem muito humor, é verdade, mas rimos, levemente embriagadas.

— Ai, quanta besteira! — Ela pousou a palma da mão na testa.

— Ai, ai... A gente podia trocar amanhã, né Let? Eu aturava o Caio por algumas horas e você ia encontrar meu pai e minha mãe.

— Verdade. É amanhã, né? — Let fez uma careta. — Marjorie também vai?

— Por que essa cara?! — E gargalhei. — Não, ela não vai, eu acho. Iremos apenas colocar algumas ideias no papel e depois sentaremos com ela e o Fábio, para fecharmos alguns pontos. Mamãe quer que eu fique à frente de tudo porque a "*Margie é tão frágil e insegura, coitadinha. Mas você, Bellanne, é tão decidida, tão despachada!*" — Imittei a voz da mamãe, em um agudo um tanto exagerado, arrancando risos de minha amiga.

— Frágil... Sei. A Marjorie é uma sonsa!

— É sim, mas também não precisa espezinhar, né Let? A sonsa, no caso, é a peste da minha irmã e, mesmo querendo esganá-la às vezes, eu amo aquela coisinha.

— Ai, Bel... Te desejo um dia tranquilo, amanhã. Um dia feliz e prazeroso... — Letícia empertigou-se no sofá repentinamente. — Caraca! — E levantou rapidamente, indo mexer em sua sacola sobre a mesa de jantar.

— O que foi, criatura? — O sono estava me deixando zozona.

— Já ia esquecendo. — E voltou com uma caixa pequena na mão. Antes mesmo que eu pudesse ver mais de perto, já imaginava do que se tratava. — Trouxe para você.

Let me estendeu aquele pacote.

— Que coisa é essa, Letícia? — Eu conhecia aquele pequeno demônio de olhos azuis. Letícia, além da loja de produtos naturais, mantinha o hábito incorrigível de vender absolutamente tudo que lhe caísse nas mãos. No momento, ela estava na fase do *sexy shop*, e eu era a sua "pilota de *test-drive*".

— Amiga... — Ela falava arrastando as sílabas e isso não era bom. — Essa coisinha aqui vai fazer o maior sucesso!

Eu olhava para a caixa como se esperasse sair um palhaço de mola lá de dentro.

— Ah não, Let! Da última vez, o Alex levou choque e tudo. Por favor, não!

— Ele levou choque porque achou de usar o anel peniano dentro da banheira, né Bellanne?!

— Você não disse nada sobre onde usar. Queria o quê? Que eu parasse de gozar e pedisse licença para tirar aquilo dele, enquanto me carregava para a banheira?

— Bem feito pra ele!

— Eu também levei choque, Letícia Amorim!

Ela fez um bico e seus olhinhos me fitaram como se ela fosse o gato de botas do *Shrek*.

— Esse é diferente... — E se ajoelhou aos meus pés. — Com esse, ele nem precisa estar perto. Olha!

Ela tirou o pequenino vibrador da caixa. Até que era bonitinho o danado. Parecia um "L", mas com a base curva e anatômica, e a outra parte roliça, fállica, mas relativamente pequena.

— Letícia, Letícia... Por que não dá para a Tati experimentar?

Ela revirou os olhos e bufou, meio exausta.

— Porque o João me faria engolir isso, caso o encontrasse na bolsa da mulher. Sabe o quanto ele é tapado para esses lances.

— E o Lucien? — Valia qualquer coisa para me livrar de ser cobaia.

— O Lucien, Bellanne?! O Lucien, por acaso, tem vagina?

— Ele tem ânus, têm próstata! Uma próstata doidinha para ser... vibrada.

— Eu examinava aquela caixa com indesejável curiosidade. — Ou seja lá que zorra isso faz.

Letícia me encarou respirando fundo, e foi então que decidi encarar meu *karma*. Tomei o aparelho da sua mão, enfiei na sacola que ela segurava e o lancei sobre o sofá.

— Tá bom! Tá bom! Eu testo. — No fundo, não podia dizer que era de todo ruim, fazer esse "favor" para a minha amiga. — Agora, chame um táxi ou durma aqui. Mas eu, realmente, preciso dormir.

Ela levantou e me abraçou, quase caindo por cima de mim no sofá.

— Amiga linda! Amanhã vai dar tudo certo, você vai ver.

— Espero, Let... Espero.

E, ao mesmo tempo em que via Letícia escorregar e se aninhar no sofá, levantei e caminhei trôpega para o meu quarto. Desabei sobre a cama e entrei em completo estado de letargia.

A voz anasalada de *Aloe Blacc* soou com o seu "*Wake me up*" do meu despertador. Porque realmente tenho dificuldades para abrir os olhos pela manhã, abri apenas um deles. Eram nove horas e eu tinha que estar com meus pais às dez e meia. Por puro instinto, apertei a tecla soneca e fingi para mim mesma que iria voltar a dormir. Aqueles quinze minutos de preguiça determinavam o meu humor, então, não poderia ignorá-los. Revivi minhas últimas atividades e projetei o dia de hoje. Seriam horas bem difíceis.

Quando *Aloe* me chamou novamente, não pude negar-lhe atenção. Comecei meu ritual que, admito, era feito diariamente no piloto automático: peguei a toalha no roupeiro atrás da porta e fui direto para o chuveiro; deixei a água escorrer, diminuindo a temperatura aos poucos.

Mais uma vez, repassei mentalmente a agenda do dia: teria um encontro - o qual minha mãe chamou de *brunch* ou algo assim - com meus pais, para falarmos sobre o casamento da Marjorie. Então, precisaria almoçar no bistrô ao lado do estúdio para otimizar o tempo. Teria até às catorze horas para uma pesquisa rápida sobre "casamentos duradouros" e depois disso, uma sessão de fotos com o senhor e a senhora Dannemann. Só então, no final da tarde, teria uma reunião na Drakkar para, enfim, fecharmos o polêmico e controverso contrato para o lançamento da rede de lojas no Brasil.

Não. Definitivamente, este dia não entraria na minha lista dos "mais mais".

Ok, tudo bem. Eu não podia dizer que não estava ansiosa e até um pouco excitada para esta reunião. A Drakkar é uma das grandes - das bem grandes - lojas de roupas e acessórios da Europa e agora estava inaugurando seus investimentos no Brasil. Toda a imprensa nacional estava de olho, e ter meu nome assinando as fotos de moda me renderia uma pequena e significativa

fortuna, além de fama - embora esta não fosse exatamente o tipo de fama que eu desejasse.

Como fui me meter nisso, desviando tanto da minha rota?

Terminei de passar hidratante no corpo e andei nua pelo quarto para secá-lo.

Segundo Lucien, um dos administradores da Drakkar é fã do meu trabalho e fez questão de fechar esse contrato comigo. É claro que isso inflou meu ego, mas não posso esquecer de que estamos falando de moda. Ou seja, ele é meu fã, mas... Como foi mesmo que Lucien disse? Ah! Que o cara quer meu "olhar diferenciado".

Tá bom! Vou tentar pensar bastante nisso, quando estiver lidando com as modelos anoréxicas e os produtores irritantes.

"Eles não querem mostrar a beleza das modelos, querida, e nem mesmo a beleza das roupas... Eles querem mostrar a comunhão entre uma e outra, um conceito! E isso, meu bem, só você pode fazer". A voz do Lucien soava em minha mente.

Além de grande amigo, o Lu também é meu agente e me conhece o suficiente para saber como me convencer a fazer algo que, em meu estado normal, jamais o faria. Moda nunca foi a minha praia.

Abri o armário e tudo que via ali parecia inadequado. O que serviria perfeitamente, na visão dos meus pais, passaria uma imagem aristocrática demais para uma empresa que está contratando uma artista. E o que seria *cool* suficiente para uma reunião sobre moda e fotografia, pareceria um visual *hippie* para os meus pais. Por isso, optei por mim mesma e decidi por um lindo vestido tomara-que-caia azul marinho com *poá* branco, na altura dos joelhos e sobreposto por uma jaqueta azul - o estilo meio *pin-up* combina comigo.

Entrei no vestido e ergui o zíper com imensa dificuldade.

Que falta me fazia o Alex nessas horas!

Certo que já fui meio *hippie*, meio "tô nem aí" e até tive meu período mocinha discreta e refinada para agradar a mamãe. Mas a maturidade dos meus vinte e sete anos me faz assumir quem sou, e eu gosto de ser sexy, gosto de usar o que acho bonito. E ainda que a maioria das mulheres que, assim como eu, se encontram "acima do peso", prefira usar o que dizem que "lhe cai bem para seu tipo físico", eu prefiro seguir minha própria opinião. E vou dizer mais: nunca recebi reclamações ou críticas — excluindo, óbvio, as ressalvas severas da mamãe e da Margie.

"Você bem que podia fazer um regime ou ir para um spa, Bellanne. Veja a Margie: nunca saiu do manequim 38". Este é o discurso eterno da mamãe. Imagina se eu conseguiria sair do número 44 para o 38, com tantas coisas maravilhosas para saborear no mundo? E mais... Por que eu iria querer isso, se estou muito feliz com minhas formas?

Foi em meio a este imenso devaneio que me dei conta do tamanho do meu atraso. Meu coração falhou quando vi que se não corresse, corresse mesmo, escutaria um sermão homérico da senhora Ana Maria Fraise, minha mãe.

Calcei um par de sapatilhas vermelhas, mas cuidei de enfiar um par de *scarpins* escarlate, uma bolsa carteira de mesma cor e minha *necessaire* em uma sacola que encontrei sobre o sofá. Assim, poderia caprichar na produção para a reunião do final da tarde.

Engoli o suco de acerola correndo, apanhei meus apetrechos sobre o sofá e saí batendo a porta, penteando os cabelos com os dedos e agradecendo a Deus por ao menos o cabelo ser meu amigo. Eram naturalmente os cabelos que a Gisele Bündchen leva horas no salão para conseguir — Chupa, Gisele! —, porém, em um loiro mate mais escuro. Deus foi legal comigo.

Com a ponta da sapatilha batucando impacientemente no chão do elevador, vi cada um dos cinco andares passar no *display*. Não havia colocado sequer uma maquiagem e isto significava que não estava em meu estado normal. Jamais saía sem ao menos um batom vermelho e um rímel. Apesar de ter um rosto bonito — *forte e marcante*, como diz o papai — sempre fui fissurada em maquiagem.

Eu disse "maquiagem", não *extreme makeover*.

Quando sentei no banco do carro e, enfim, respirei fundo, dei-me conta do quanto havia prendido a respiração.

Por que estou tão nervosa? É só um encontro bobo com meus pais. Um encontro com a finalidade de traçar planos para o casamento perfeito de minha linda irmã perfeita, com seu gatíssimo noivo perfeito, que me darão sobrinhos perfeitos.

E por que esse nervosismo?

Porque eles esperavam que eu também fosse perfeita.

Soltei o ar com força, como se assim pudesse expulsar toda a tensão e o receio de que aquela reunião familiar me deixasse marcas para o resto da semana. Decidi que minha pressa acabava ali. Eles que esperassem.

Apanhei minha *necessaire* da sacola e iniciei um ritual de maquiagem

minucioso que me serviria de calmante. Caprichei no rímel e no delineador — meus olhos castanhos e as sobrancelhas bem marcadas pediam isso — e, claro, passei meu batom vermelho "*La sangre*".

Com o autocontrole renovado, fiz a manobra no carro e já estava para sair da garagem quando precisei novamente esperar. O vizinho do segundo andar estava estacionado em frente ao portão, pelo lado de dentro, impedindo-me de sair da garagem. Era um senhor de idade e parecia ter dificuldades com o carro à álcool pela manhã. Restou-me aguardar. Não podia simplesmente xingar o homem e exigir que tirasse o carro do caminho, Ana Maria Fraise investira muito em minha educação doméstica para que eu agisse assim.

Fiquei ali cerca de dez longos segundos, observando-o dar a partida e nada do carro responder. Ele discutia com a esposa ao seu lado, e falavam algo que envolvia "a moça está esperando" e "não posso carregar o carro nas costas".

Distraída, e já conformada com a espera, suspirei e logo meus olhos caíram sobre a sacola, no banco do carro. Só então dei-me conta de que era a sacola da Letícia, a mesma que continha o "presentinho" para o *test-drive*, imposto a mim na noite anterior.

A lembrança me fez rir. Letícia é um ser impagável. Ao menos, as minhas avaliações dos produtos ajudavam-na a concentrar sua energia nas vendas certas.

Com um sorriso leve nos lábios e ideias loucas na cabeça, pensei naquele "mimo" como um excelente relaxante muscular — tudo o que precisava naquela manhã estressante.

Apanhei a caixinha de dentro da sacola e observei o rótulo. Era pouco atrativo e parecia falar sobre um utensílio doméstico. Ergui os olhos para me certificar de que nada mudara na minha condição de espera: o vizinho ainda tentava fazer o carro pegar. Então, retirei o aparelho da embalagem hermética e voltei a ler as instruções com um pouco mais de atenção. Ali dizia: "*Coloque as pilhas, posicione o aparelho de forma que a parte maior seja introduzida na vagina, enquanto a parte rugosa esteja em contato com o clitóris, e ligue a chave. Obs.: Usar uma calcinha enquanto utiliza o aparelho irá proporcionar maior contato de superfície*".

Me pareceu simples e conveniente. E assim o fiz, depois de conferir se o casal de idosos seguia concentrado na partida do carro.

O equipamento tinha uma anatomia de qualidade e encaixou-se com perfeição, quando introduzi em mim o *plug* do tamanho de um dedo médio de

um homem. A superfície rugosa encaixou-se na minha vulva e eu achei bastante confortável. Além do mais, o danado era vermelho, a minha cor preferida.

Não vou mentir. Se tivesse raciocinado direito meio segundo antes, eu não teria o feito. Não tenho qualquer problema em usar brinquedos sexuais, mas utilizá-lo no carro, com um casal de idosos bem à minha frente, não era exatamente uma demonstração de juízo.

Mas como juízo é algo que nem sempre está entre os meus atributos, virei a pequena chave e senti uma vibração quase imperceptível dentro de mim. E se o meu vizinho não tivesse conseguido arrancar com seu carro naquele exato instante, eu iria desistir daquela experiência louca e retiraria aquele troço da minha vagina. O que, obviamente, não fiz.

Subi a ladeira da garagem sentindo o *plug* interno vibrar com um pouco mais de força e o suporte rugoso dar sinal de vida.

Uau! Aquilo era bom! Tão bom, que me senti idiota quando o porteiro me cumprimentou da guarita e me dei conta que eu estava sorrindo... Largamente.

É claro, quando peguei a rua principal e o suporte rugoso tremulou, eu poderia muito bem ter desligado a chave, mas novamente não o fiz. Enfim, eu começava a relaxar e já nem lembrava para onde estava indo. Simplesmente ergui os vidros, liguei o ar e o som do carro. Se era para relaxar, que relaxasse direito.

Tocava *Joss Stone* e parecia a trilha sonora perfeita. Comecei a cantar junto com ela, imitando sua entonação e deixando o bem-estar se espalhar, enquanto meu novo "amiguinho" aumentava seu ritmo.

Tamborilei os dedos no volante, sentindo meus músculos dissolverem, em resposta aos estímulos do pequeno brinquedo. Eram movimentos lentos, cadenciados e circulares dentro de mim, enquanto a superfície áspera vibrava sutilmente.

Quando desci o viaduto que levava à uma das principais avenidas da cidade, desacelerei o carro, mas meu "amiguinho" aumentou sua potência e passou a alternar o movimento circular com fortes vibrações que me davam a sensação de que estava sendo penetrada de forma vigorosa.

Uma onda de calor subiu pelo meu corpo, ignorando o ar condicionado do carro. Arrepios pós arrepios começaram a acelerar meu coração e rarear o ar, que me custava a chegar nos pulmões. As ondas de prazer vinham cada vez mais violentas e eu mordi o lábio para tentar conter o gemido — em vão.

Minha racionalidade me mandava desligar a chave, contudo, meu corpo negava-lhe o comando. O prazer vinha como um redemoinho partindo do meu sexo e contorcendo meu ventre, me fazendo arquear um pouco o corpo e respirar cada vez mais rápido.

Desliga essa merda Bellanne! Desliga logo! — Eu escutava ao longe, meu juízo sussurrando sem a menor presença.

O gemido seguinte foi um pouco mais forte, devido ao novo movimento de fricção sob o meu clitóris, e também ao imenso engarrafamento no qual eu acabava de cair.

— Droga... — murmurei em meio a um novo gemido.

Não havia para onde fugir. Naquela altura da avenida, não existiam saídas, marginais nem nada. Apenas carros e carros e um caminhão de mudança, atrás de mim.

Olhei pelo retrovisor no exato instante em que o motorista, suado, debruçou-se sobre o volante, aborrecido por causa do tráfego. Não pude ver muito mais. Meus olhos viraram e eu me espremi contra o banco do carro, sorrindo de nervoso e tesão, enquanto tentava, sem muito sucesso, conter os gemidos.

Caraca! Essa porcaria é boa mesmo! — Consegui formular meio pensamento e, a essa altura, sequer cogitei desligar aquele abençoado.

Fechei os olhos, agradecendo a Deus pelo divino ar condicionado do carro, e deixei aquele tesão todo apoderar-se de mim. Não havia muito o que fazer naquele trânsito, então... Apenas deixei fluir.

O massagedor clitoriano iniciava movimentos altamente frenéticos e comecei a sentir os espasmos chegando. A vontade de gritar e puxar os meus próprios cabelos era contida por um tolo resquício de bom senso. Gradualmente, aquilo estava me consumindo e o orgasmo iniciou como uma avalanche: me arrastando aos poucos, ganhando força, até virar o caos.

As vibrações percorriam meu ventre, explodindo nos meus seios e dissolvendo tudo, me fazendo ver luzes por trás da pálpebra cerrada.

A voz sexy de Joss Stone cantando "*Don't cha wanna ride*" me empurrava ainda mais no abismo. Pressionei uma coxa contra a outra, tentando conter a explosão e apertei o volante com toda a minha força, mas ele veio... Ah, se veio!

— Puta merda!

As palavras saíram de mim sem que eu percebesse, assim como os gemidos, ora roucos, arrastados, ora mais parecidos com miados, quase

choringos. Apertei os olhos, contraindo o cenho, e mordi o lábio, sentindo o gozo estourar cada célula minha e depois me dissolver.

Aos poucos fui descendo daquela montanha-russa, tomando consciência de mim mesma por partes. Primeiro, escutei as buzinas por trás da voz de Joss; depois, ainda de olhos fechados, enfiei a mão na calcinha e senti a minha umidade.

Putá merda! Você é uma louca, Bellanne!

E comecei a rir de mim mesma, enquanto ainda arquejava e aos poucos relaxava sob os efeitos da endorfina que afogava meu cérebro.

Ainda com a mão na calcinha, finalmente desliguei a bendita chave do vibrador e respirei. O coração seguia acelerado e eu tinha certeza de que devia estar vermelha e com aquela típica cara pós-foda, mas ri. Sorri relaxada e feliz, até pôr os olhos no espelho retrovisor.

A cena foi própria de um filme pornô de décima quinta categoria! O motorista do caminhão olhava diretamente para mim, com sua boca aberta, passando a língua nojenta de um lado para o outro.

— Merda! Merda! Merda! — Praguejei a mim mesma.

O filho da puta tinha me visto gozar. E, naquele instante, arrependi-me amargamente de não ter colocado a película nos vidros.

Fechei a cara e desloquei o retrovisor para não ter que encarar aquele sujeito asqueroso novamente. Enquanto revirava meus olhos, imaginando que seria protagonista dos sonhos eróticos daquele porco, recostei a cabeça no encosto do banco e olhei para o lado.

E eu, que cheguei a crer que as piores coisas do meu dia seriam uma reunião de negócios e outra familiar, me deparei com um par de olhos azuis, embasbacados, e um sorriso de escárnio no carro ao lado. Ele não era asqueroso como o caminhoneiro — era até bem bonito; não estava passando a língua nos lábios nem nada, mas o jeito como me olhava e sorria, com o canto dos lábios, sarcasticamente... Que ódio! Tive ímpetos de xingá-lo! Se houvesse um balão de pensamento visível sobre ele, estaria escrito "*Que safadinha... gozou gostoso, foi?*" E isso foi tão nojento quanto o sujeito do caminhão. Ele estava debochando de mim!

Quando abri a boca para mandá-lo ao seu devido lugar, os carros andaram e buzinas soaram impacientes, salvando-o da minha boca suja, mas não do meu dedinho saliente. Ergui o dedo médio e mostrei para ele com todo o vigor. Ainda o vi gargalhar, antes de arrancar com o carro e quase bati no carro da frente, ao furar uma fila para mudar de faixa. Faria qualquer loucura

para sumir dali imediatamente.



Quando cheguei ao restaurante, onde havia combinado encontrar meus pais, ainda estava com o "presente de grego" de Letícia dentro de mim, mas tratei de arrancá-lo da minha calcinha imediatamente. Espumava de raiva, mais pelo carinho do carro ao lado, do que pelo caminhoneiro. Ainda podia ver-lhe o riso cínico e todo o julgamento do mundo em seu olhar.

Peguei a caixinha de lenços de papel no porta-luvas, limpei o vibrador e o guardei em sua caixa. Assim que tivesse chance iria queimar aquele brinde do capeta!

Soltei o ar com força e inspirei com a máximo de calma que consegui.

Calma, Bellanne, calma.

O que é que há? Tá bom, alguns estranhos te viram se masturbar e gozar no trânsito, e daí? Você não os conhece, é muito bem resolvida, não depende de ninguém... Por que está tão constrangida?

Respirei mais uma vez, troquei as sapatilhas pelos *scarpins* e peguei a bolsa carteira. Era hora de enfrentar outro tipo de constrangimento. Seria bom marcar o dia de hoje na agenda, para que no ano que vem, me lembre de nem sair da cama.

2º Capítulo



CAPÍTULO 2

Bellanne

Entrei no restaurante já esquecida do lamentável episódio do congestionamento. Lá estavam eles, inclusive a Marjorie, sentados em uma mesa redonda e com as feições bem expressivas.

Mamãe já havia me visto e agora me fitava com ambas sobrancelhas erguidas e um sorriso forçado no rosto. Podia apostar que ela havia chegado bem mais cedo do que o combinado e já estava farta de esperar.

Marjorie enrolava uma mecha do cabelo loiro — quase platinado — e rabiscava em um caderno. Assim que me avistou largou o lápis e ajeitou-se na cadeira. Seria a primeira a me dizer impropérios.

Apenas o papai me olhava com genuína satisfação. Ah, papai...

— Até que enfim, hein, Bella Fraise?!

Não disse? Essa é a minha irmãzinha.

— Tive problemas no trânsito, Marjorie Fraise — ironizei.

Contornei a mesa e beijei a mamãe, quase conseguindo escapar, mas ela me segurou pelo braço enquanto beijava a minha bochecha.

— Poderia ter ligado, Bell. Estamos aqui há quase uma hora —

sussurrou, disfarçando com um sorriso.

— Desculpe, mamãe. Você está certa — sussurrei de volta. Era melhor não provocar.

Abracei o papai e beijei-lhe a testa.

— E aí, Bella Anne?

Me chamar de Bella Anne era uma "piada interna" entre eu e meu pai e, da qual, apenas ele achava graça. Mesmo assim, eu lhe sorria para ser gentil. E embora meu nome não tivesse nada a ver com a junção do “Bella” e do “Anne”, mas sim com o nome do vinho que meus pais conheceram quando viajaram em lua de mel pelo interior da França, eu aceitava aquele tratamento como algo muito carinhoso, algo só nosso.

— Oi, paizinho. Vocês estão bem? Já pediram algo? — Fui sentando e ajeitando o guardanapo no colo.

— Já quer almoçar, Bell? Não acha que é muito cedo?

Ocupei o único lugar vago na mesa, entre o papai e a Marjorie, o que me dava uma distância suficiente para acertá-la, caso me torrasse a paciência.

— Quem falou em comida aqui foi você, Margie. Tem feito muito jejum? Parece só pensar nisso!

Antes que a pequena pudesse responder, mamãe interveio, nos mandando parar de discussão.

— Por favor, poderia trazer uma água de coco? — Gentilmente, pedi ao garçom ao meu lado, ignorando o bico infantil da Margie.

Um breve silêncio se fez na mesa e eu apreciei aquela paz. Infelizmente, durou pouco.

— Bellanne, você precisa experimentar o vestido de dama de honra. Você escolheu o modelo e foi a única que ainda não...

Droga!

— Eu sei, Margie. — Fitei seus olhos astutos sob a sobrancelha soberba. — Prometo que irei amanhã. Sabe que eu estava no *Hawaii* e só cheguei há dois dias.

— Tudo bem, Bell, a Margie entende. — Minha mãe sempre fazia a parte conciliadora, enquanto papai alisava a minha mão sob a mesa. — Se quiser, irei com você, amor. — E usou o seu tom mais doce, capaz de convencer um judeu a comemorar o Natal.

Não... Ela não me deixaria ir só. Precisava verificar se eu não iria mandar subir a bainha ou descer o decote.

— Certo, mãe. Te pego no final da manhã, tudo bem?

— Hum... Pode ser à tarde? Tenho que fechar a coluna do jornal até o meio-dia de amanhã.

— Pode sim, mãe. Podemos almoçar juntas, o que acha?

— Excelente, Bella! — E esticou o braço sobre a mesa, pedindo a minha mão.

Eu apertei a sua mão e amoleci com o olhar e o lindo sorriso que me deu de volta. Minha mãe é como um furacão que sai dominando tudo, tomando o controle e deixando tudo do seu jeito. Mas também é um poço de amor e doçura. Um pouco atrapalhada em suas infinitas e controversas maneiras de demonstrar seus sentimentos, mas bastante zelosa com sua família.

Sem dúvidas, Ana Maria Fraise era a "dominatrix" da relação. Jornalista aclamada, colunista de economia e escritora, era o holofote, enquanto meu pai, doutor Paulo Henrique Fraise, um neurologista e professor universitário, era a sua feliz e conformada sombra. Papai era a brisa calma, o porto seguro de todas nós. A sabedoria discreta, a inteligência humilde que sabe dar a vez para o outro brilhar, para a sua amada brilhar.

— Bell, preciso te dizer que, definitivamente, flores de laranjeiras não caem bem na catedral. — Minha irmã conferia a sua listinha de tarefas pré-nupciais e pontuava suas observações com a voz costumeiramente esganiçada. Batia o fundo do lápis na caderneta, sob o olhar avaliador da nossa mãe.

— Na catedral? Marjorie, você mudou novamente o local? Não seria na capela do mirante?

Eu não podia crer nisso! Marjorie mudava de opinião como mudava de roupa! Havia me incumbido — dentre outras milhares de incumbências — de escolher as flores da decoração da igreja. Mas com a sua inconstância, seria difícil chegar ao final daquela *via crucis* sem me estressar.

— Ah, me perdoe! Você viajou e eu... bem, achei que você soubesse. É isso... mudei — disse, cinicamente. — Será na catedral e à noite. Sendo assim... — Margie estreitou seus olhinhos verdes, encantadores, e sorriu, exatamente como fazia quando era criança e queria algo de mim. Tem coisas que jamais mudam na nossa vida.

— Ok, Margie. Me dê um ou dois dias e irei trocar as suas flores.

Pelo canto do olho, percebi minha mãe sorrir discretamente. A sua ansiedade, quanto às minhas reações, era quase tangível.

— E as fotografias?! — Ela olhou para mamãe e depois para o papai, e eu sabia que o que ela queria era o apoio deles.

— Ah não, Margie... pare com isso. — Tentei, mais uma vez, justificar.
— É o seu casamento, o casamento da minha irmã! Você não pode me forçar...

— Bella, por favor! Você é a melhor das melhores! — Ah! Ela sabia puxar meu saco! — Lembra-se das fotos que você fez do casamento da Bianca com o Bruno? Ficaram perfeitas!

Ela evocou um trabalho que fiz há anos! Olhei para o papai suplicando sua ajuda, mas foi dona Ana Maria quem me socorreu.

— Margie, Bell conhece gente muito boa no ramo. Tenho certeza de que irá escalar um fotógrafo tão bom quanto.

— Mas, mãe...

Se fosse realmente por valorizar o meu trabalho, eu faria as benditas fotos. No entanto, o que Margie pretendia era me manter ocupada. Bellanne ocupada significava mais atenção para ela e menor possibilidade de escândalo, imagino.

— Marjorie. — A voz do papai soou firme. — Bellanne já é sua madrinha, sua dama de honra, quase a sua cerimonialista... deixe-a ao menos curtir a festa, ok?

Olhei para os meus pais cheia de gratidão. A questão não estava apenas em curtir ou não a festa. Fotografar casamentos era algo que eu tinha deixado para trás. Não me envergonho, óbvio, e nem sinto raiva desse tempo. Ao contrário. Era muito feliz eternizando momentos tão mágicos. Mas eu alcancei um patamar de realização profissional tão almejado, que me sinto tolhida, tendo que voltar a fotografar algo cheio de expectativas. As pessoas esperam um formato preestabelecido de imagens dos seus casamentos e não há absolutamente nada em mim que queira obedecer a padrões.

— Olha... Quero te fazer uma proposta: eu fotografo vocês dois em outro ambiente, em outro momento. Faço fotos do casal, mas alguns dias antes e não na festa. O que acha?

Vi os três se entreolharem e os sorrisos nascerem aos poucos. Podia escutar as engrenagens de Marjorie trabalhando freneticamente.

— Perfeito, Bell! Perfeito! — Mamãe determinou, porque sua aprovação meio que colocava fim à discussão.

Marjorie levantou e me abraçou, mas eu conhecia aquela loirinha há exatos vinte e quatro anos e sabia que ela não havia desistido. Não ainda.

Após a reunião familiar, acabei nem almoçando e apenas comi um sanduíche e parti para o estúdio.

Tratava-se de um lugar simples em um condomínio fechado. Um grande armazém que comprei mais pela vista do que pela construção em si. Gastei uma fortuna na reforma, abrindo claraboias no alto das imensas paredes, para depois enchê-las de persianas, para que pudessem ser fechadas, quando necessário.

Dividi o galpão em três ambientes menores e um salão um pouco maior. Os três menores são: um sanitário, uma pequena copa e meu escritório.

O salão é propriamente o estúdio, com luzes, *backgrounds* e elementos cenográficos, mas a "cereja do bolo" é a vista. Instalei uma janela de cima a baixo na parede principal, de onde posso ver o lago e o pôr do sol, enquanto tomo um café. É inspirador.

Quando fiz a última sequência de fotos do casal Dannemann, os pobrezinhos estavam exaustos. Mariana, minha assistente, cuidou para que eles, um casal de idosos, tivessem o máximo de conforto, mas na idade em que se encontram, qualquer esforço já era desgastante.

Agradei ao simpático casal e os acompanhei até o carro. Havia tanto amor naqueles dois que até deu uma pontinha de inveja. Não tenho a menor perspectiva de encontrar alguém com quem queira fazer bodas de ouro e, antes que a imagem do Alex surgisse à minha mente, construindo um futuro improvável para nós, voltei ao estúdio e apanhei as minhas coisas. Eu precisava correr para a minha última e mais penosa missão do dia: assinar o contrato com a Drakkar.



Eu sabia que não seria nada fácil encontrar uma vaga naquela avenida. Tratava-se de um dos grandes centros empresariais da cidade e até os estacionamentos privados ficavam lotados. Além do mais, não tinha a menor pretensão de estacionar a léguas do prédio e sair estragando os saltos do meu

sapato novo nas calçadas irregulares.

Depois de quase vinte minutos rodando o quarteirão, finalmente consegui encaixar o meu carro, um *Kia Soul*, em um espaço surreal.

O prédio era imponente e, eu precisava admitir, de bom gosto. A entrada se parecia muito com a de um prédio residencial, com guarita e um belíssimo jardim suspenso. A fachada espelhada refletia o sol de final de tarde e também o luxo da Drakkar.

Lucien ficou de me encontrar logo na entrada e, como de praxe, cumpriu sua palavra.

— Estamos no horário cravado, Bell. Você está bem?

Ele me conhecia tão bem quanto poucos, sabia que eu estava nervosa. Costumo ser bem corajosa, mas quando se trata de uma situação que não me agrada, virar e ir embora é sempre a primeira opção. Se me desagradar, caio fora mesmo!

Mas era o Lucien, e eu jamais faria isso com meu melhor amigo. Ele teve um trabalho danado para arrumar aquele contrato. Eu seria muito irresponsável e cruel se desistisse de tudo agora. Portanto, iria sim, assinar aquele papel e fazer um trabalho fantástico. E depois, iríamos juntos gastar parte do pagamento em tequilas à beira do mar de *Ibiza*. Este era o combinado.

— Estou nervosa, Lu, mas tudo bem. Vai ficar tudo bem. — Eu tentava me convencer de que assinar aquela porcaria era o melhor a fazer. — E aí, estou toda certinha? — Passei a mão pelo vestido azul de poá branco, alisando a saia que ia até os joelhos.

— Certinha você nunca foi, né Bell? Mas está com tudo no lugar. — E piscou para mim, acariciando meu braço. — Linda, *sexy* e petulante como sempre.

Estreitei os olhos, mas não protestei. Estava mais preocupada com o que estava por vir. Segurei em seu braço e entramos juntos no prédio da presidência da Drakkar no Brasil.

— Vamos logo, antes que eu desista. — Brinquei.

Se a fachada era imponente, o saguão de entrada era majestoso! Para resumir, havia muito vidro, alguns espelhos e jardins suspensos por todos os lados, além de granito preto cobrindo o chão.

Chegamos à recepção e nos apresentamos. Uma jovem simpática nos acompanhou até o elevador e de lá subimos para o décimo segundo andar —

a cobertura.

Eu e Lucien não trocamos palavra alguma durante todo o percurso, ao contrário da moça, que nos contou sobre as obras das lojas que seriam inauguradas nos próximos dias, em duas grandes capitais do país. Falou também sobre o enorme sucesso da Dakkar na França e do quanto ela estava feliz em fazer parte da empresa.

Eu e Lucien nos olhamos e não era preciso falar nada para saber que ambos estávamos entediados com o “puxa-saquismo” da garota. No entanto, fingimos interesse e sorrimos simpaticamente.

As portas do elevador abriram e, de repente, estávamos em um ambiente espetacularmente bem decorado. Tratava-se de um espaço aberto com o granito rosa no chão e mobiliário refinado com detalhes na cor vinho. Víamos diversas salas suntuosas com paredes de vidro fumê. A privacidade ali era bem parcial.

Havia também um *lounge* no centro do andar e, logo depois deste, duas mesas enormes — uma de frente para outra — ocupadas por duas elegantes jovens.

O segurança nos saudou e logo uma das duas jovens veio nos receber, cumprimentando primeiro a moça que nos acompanhava e, em seguida, esta mesma nos apresentou.

— Ana Paula, essa é...

— Sei quem ela é. — Os olhos da moça brilhavam de admiração e até eu fiquei surpresa quando ela tomou minhas mãos entre as suas. — Que prazer enorme em conhecê-la! Eu, simplesmente, amo o seu trabalho!

Aquele tipo de carinho sempre derretia meu coração e sorri com sincera gratidão.

— Obrigada. Fico muito feliz por você gostar.

Logo atrás da Ana Paula surgiu a segunda jovem: uma mulher alta, esbelta, de cabelos muito negros, presos em uma trança lateral. Ela estendeu a mão para mim com polidez, encarando-me com evidente segurança.

— Boa tarde, senhorita Bellanne Fraise. Seja bem-vinda à Drakkar. — De uma formalidade gélida, esta não era tão simpática quanto a Ana Paula. — Chamo-me Flávia e sou a secretária do senhor Erik Lars. — E olhou furtivamente para a colega. — Ana Paula é a secretária do senhor Thomaz Orlosson.

Apertei a sua mão com suavidade, mas tratei de soltá-la assim que senti

afrouxar seu aperto. Parecia não querer muito contato físico.

— O prazer é todo meu, Flávia. — E contive a imensa vontade de corrigir a pronúncia do meu sobrenome. Fraise é de origem francesa e é necessário certa intimidade com o idioma, para pronunciá-lo com fidelidade.

A moça sorriu, forçando simpatia, e depois de cumprimentar o Lucien, começou a caminhar vagarosamente em direção ao fundo do *hall*. Todos a acompanharam.

— A sala já está pronta para a reunião. Gentilmente, peço que fiquem à vontade enquanto aguardam. — A tal Flávia abriu a suntuosa porta de madeira, revelando uma sala ampla com uma das paredes inteiramente em vidro fumê, por onde víamos a cidade e o mar, logo além. Havia ainda uma mesa de reuniões com doze lugares. — Os senhores Lars e Orlosson logo virão recebê-los.

Flávia nos deixou e eu sorri para o Lucien, admirando o marcante bom gosto naquela decoração simples e absolutamente requintada. Lucien também estava admirado, pude ver pelo tamanho dos seus olhos ao vislumbrar a vista.

— Os senhores desejam algo? Posso servir-lhes água, chá, refrigerante? — Ana Paula esforçava-se para demonstrar que receptividade era uma prática própria da Drakkar.

— Não. — Lucien e eu respondemos juntos. — Obrigada. — Acrescentei sem olhar para o meu amigo, ainda perdida na elegância discreta daquele lugar.

E logo estávamos a sós: eu e Lucien.

— Menina! Olha só essa tela! — Meu amigo estava embasbacado com a tela de pintura à óleo que tomava outra parede da sala. A pintura mostrava um homem velho, de cabelos longos e grisalhos, coberto apenas por um tecido lilás na altura dos quadris. Suas pernas pareciam raízes e o jogo de sombras chamaram a minha atenção. Era uma pintura impressionante!

Lucien falava algo sobre a vista e a altura do prédio, mas eu não lhe dei atenção. Estava hipnotizada pela tela à óleo. As sombras, a luz, os contornos... Estava certa de que não era um *Caravaggio* — tanto porque conhecia quase todas as suas obras, quanto pela assinatura no canto da tela, que não lhe pertencia. — mas a forma espetacular como a sombra e a luz foram utilizadas... Era como se o próprio *Caravaggio* houvesse voltado à vida para pintá-la.

Eu estava tão absorta naquela contemplação, que somente quando senti uma presença ao meu lado, dei-me conta de que não estávamos mais sozinhos. Acabava de entrar um grupo de pessoas: Flávia, Ana Paula e dois homens, e o que tomava a frente logo me chamou a atenção. Ele me olhava de maneira verdadeiramente admirada, quase como se visse uma estrela de cinema.

— Senhorita Bellanne... — disse Flávia, parecendo bem mais agradável do que antes. — Este é o senhor Thomaz Orlosson...

Era o homem que me olhava quase com adoração. Era alto, jovem, muito claro, bonito e de cabelos escuros. Estendeu-me a mão, exibindo um sorriso largo.

— Senhorita Bellanne Fraise! Que prazer recebê-la aqui!

Era um dos donos da gigantesca Drakkar. Estranhei o seu português tão perfeito, quase sem sotaque. Ele não é dinamarquês?

— O prazer é meu, senhor Orlosson. — O seu aperto de mão era vigoroso, porém macio.

— Por favor, me chame apenas de Thomaz. Sou um entusiasta da sua arte. Tenho absolutamente todos os seus livros!

Uau! — Ergui as sobrancelhas, surpresa. — Eu havia lançado sete livros de fotografia, incluindo um em parceria com o famoso Sebastião Salgado e outro com Fabs Grassi. Alguém que tivesse os sete livros, podia sim, se considerar um fã fervoroso. Fiquei orgulhosa e até um pouco vaidosa, e sorri com genuína simpatia, meneando a cabeça em agradecimento.

Thomaz tocou muito sutilmente em meu antebraço e virou o corpo, dando passagem para o outro homem, que eu nem mesmo tinha reparado ainda.

— E este é Erik Lars... — Coloquei os olhos sobre aquele homem e simplesmente senti todo o sangue desaparecer das minhas veias! — Somos sócios há mais de dez anos!

O homem alto, jovem, de cabelo loiro escuro e sorriso insolente era, sem sombra de dúvidas, o mesmo canalha que ficou sorrindo, cinicamente, enquanto me observava gozar! Era ele! Não o caminhoneiro... o outro! O debochado, o cínico, o idiota! Era ele! E ainda trazia aquele sorriso irritante no rosto! Ainda trazia aquele maldito sorriso!

Tentei respirar fundo e retomar meu equilíbrio, mas simplesmente não consegui. Fiquei sem chão e sem saber o que fazer. Então, me dei conta de que ele mantinha o braço estendido,

aguardando o meu cumprimento. Quase que automaticamente, toquei em sua mão. Era quente. Seu toque era quente.

— Muito prazer — balbuciei sem conseguir encará-lo. Tudo o que via era o seu sorriso cínico. Não um sorriso largo, apenas uma insinuação de sorriso. Algo encoberto, sonso e dissimulado.

Ele soltou a minha mão e enfiou a dele nos bolsos da calça. A minha pendeu feito uma bigorna.

— É, eu vi... — E rapidamente completou. — Mas o prazer é meu também. Ao menos agora, não é? — E tornou a sorrir, descaradamente. — Imagino que tenham pego congestionamento. Olhando aqui de cima, parece um caos!

Eu não pude acreditar no tamanho da minha falta de sorte! De todos os homens deste imenso mundo, justamente aquele biltre havia de ser o meu contratante. E ainda tinha a petulância de fazer piadinhas infames com a minha surpresa!

Meu rosto queimou e senti a garganta fechar. Lá no fundo, beeem no fundo, eu tinha a esperança de que ele não houvesse me reconhecido. Mas aquele sorriso descarado não era em vão. Ele não apenas me reconheceu, como estava escarnecendo. E eu continuava ali, sem chão, feito uma idiota completamente surpresa.

Quase em estado de catalepsia, observei Lucien ser apresentado ao tal Erik e, juntos, nos encaminhamos à mesa, com exceção de Ana Paula, que deixou a sala.

Thomaz e Lucien já se conheciam bem, porque vinham tratando pessoalmente dos detalhes do contrato há cerca de quinze dias e, por isso, pareciam relativamente próximos. Mas o Erik mantinha-se distante, apenas com aquele ar prepotente, mas distante.

Após alguns segundos de conversa frívola, encabeçada por Thomaz e Lucien, eu ainda estava perdida, com o olhar preso no Thomaz, mas sem escutar-lhe uma única palavra. Então, em meio ao seu discurso, o Orlosson falou meu nome e eu despertei.

— Então, Bellanne, gostaríamos de saber se você tem alguma dúvida, alguma pergunta a nos fazer... — Thomaz parecia ansioso. Lucien já havia me dito que o Orlosson estava mais do que entusiasmado com a minha contratação, mas realmente admirou-me saber que era meu fã.

Eu juro que tentei me concentrar, focar no assunto, mas sentia o olhar do

tal Erik sobre mim e isso me irritava, me distraía. Ele estava ali, sentado bem na minha frente, reclinado, empurrando a cadeira para trás displicentemente, olhando diretamente para mim e me deixando absurdamente desconcertada, fazendo-me lembrar cada momento difícil vivido no dia.

— É... Eu estudei o contrato e me inteirei sobre a proposta de moda conceitual de vocês. Achei bem interessante. — Esforcei-me para não dizer muita besteira, manter-me coerente, e também para não olhar na direção do Erik.

Sentia o olhar fulminante do Lucien sobre mim. Ele sabia que eu estava dispersa e, conhecendo-o bem, estava à beira de um ataque de nervos. Não me atrevi a olhá-lo.

— Lucien também me explicou todas as condições e o desejo de vocês por um material completo. — Concluí.

Aquela era uma situação absolutamente inusitada para mim: constrangida frente a um desconhecido, por algo relacionado a sexo. Ah, merda! Eu já tinha transado em público! O que mais poderia me constranger?!

Erik Lars era a resposta.

— Sim, sim! Desculpe, interrompê-la, mas é isso mesmo. — Thomaz tomou a palavra. — Será toda a campanha outono/inverno que é, justamente, a nossa entrada no mercado nacional. Queremos você trabalhando diretamente com o pessoal de comunicação e propaganda.

Sem que pudesse controlar, meus olhos foram parar nos olhos azuis de Erik Lars e ali se prenderam por cinco segundos. Ele aprumou-se na cadeira e passou a mão pela boca e pela barba curta. Percebi que havia um ar de riso por baixo disso, que ele provavelmente tentava conter.

O que estaria pensando de mim? Será que pensava na cena do carro? Será que estava me julgando, me achando vulgar e pouco digna de sua empresa? Dane-se!

Ele manteve-se fixo em mim até que, em dado momento, Erik baixou os olhos, mas ainda sustentando a sombra de um sorriso sarcástico.

Thomaz continuava falando e antes de voltar a dar-lhe atenção, olhei para Lucien. Eu o conhecia demais e vi que estava desesperado para saber o que estava acontecendo. Eu simplesmente o ignorei e me virei ao Thomaz — o único que interessava ali.

— ...Isso envolve catálogo, site, material promocional... Absolutamente

tudo, Bellanne. Queremos entrar no Brasil pelo seu olhar!

Havia perdido metade no discurso do Thomaz, mas consegui acompanhá-lo de alguma forma. Me mexi, ajeitando-me na cadeira. Sentia espinhos por toda a parte, além do gosto de fel na boca, o que se devia ao fato de estar sendo obrigada a fazer algo que já nem lembrava quando tinha feito pela última vez: ficar calada ante um sujeito petulante — Erik Lars.

— Thomaz, eu gostaria de agradecer a deferência e explicar que a minha negativa à sua primeira proposta não se deve a qualquer fator pessoal ou mesmo com relação à empresa. Sendo conhecedor de meu trabalho, deve saber que não costumo lidar com moda.

Thomaz sorriu um pouco constrangido.

— Sim, sim. E até aproveito para agradecer mais uma vez. — Ele olhava de mim para o Erik e vice-versa. — Agradecemos você ter aceitado esse convite.

Sorri, tentando ser simpática, e buscando afastar de vez aquele mal-estar que sentia.

— Eu ainda não aceitei — falei quase cantarolando, a fim de descontraír a tensão. — Antes, precisamos acertar os termos.

A expressão de Thomaz caiu visivelmente, desanimado por minhas palavras.

— Claro, Bellanne, claro. E... Quais seriam esses termos?

Que droga! Por que diabos não conseguia simplesmente ignorar aquele homem à minha frente? Mesmo sem querer, acabava olhando em sua direção.

E agora, por sorte, ele estava mais ereto na cadeira e perdera o sorriso insolente, mostrando-se mais interessado no teor da reunião do que nas suas possíveis e inconvenientes lembranças desta manhã.

Então, Ana Paula retornou à sala acompanhada por duas copeiras, que passaram a servir cafés, águas e biscoitos finos em uma compoteira elegante. O clima na sala estava tenso e até as funcionárias nos olhavam confusas, apressadas.

Eu precisava de algum apoio para me firmar, então, coloquei os cotovelos sobre a mesa e entrelacei os dedos, como uma maneira inconsciente de criar minha "base". O movimento comprimiu os seios, salientando o decote de forma sexy, mas sutil. Foi algo impensado, mas logo fiquei bem consciente da

curva do meu busto, provocante, e simplesmente deixei que servisse de distração ao sujeito.

— Thomaz, serei bem honesta com você. Não gosto de trabalhar com o mundo *fashion* e o que me atraiu foi justamente o conceito diferenciado com o qual vocês trabalham a moda. — Meneei a cabeça, dando ênfase à palavra "moda".

— Por que não gosta de moda, *Bellanse*? — Enfim, a voz do Erik soou na sala, e nela havia menos sotaque ainda do que na do Thomaz. Talvez algo bem longe, pronunciado no final das palavras, algo que me lembrou o francês e não outro idioma. Mas... Ele também não era dinamarquês? Estranho...

— Bellanne. O meu nome é Bellanne, senhor *Ericsson*.

Ele sorriu, divertido, e acrescentou em tom gentil:

— Perdão, não tornarei a errar. E pode me chamar de Erik. É como todos costumam me tratar.

Que cínico!

Pelo canto do olho vi Lucien ajeitar-se na cadeira. Conhecia-o bem o bastante para saber que estava “em cólicas” e doido para torcer o meu pescoço, por causa da tensão que pairava entre eu e o demônio de olhos azuis.

Então, em meio ao clima altamente desconcertante, Thomaz escreveu algo em um papel e o mostrou ao Erik, sussurrando uma pequena frase em outro idioma. Certamente, seu idioma natal.

Lucien aproveitou o ensejo e também dirigiu-se a mim em um sussurro:

— O que diabo está fazendo?! Sabia que já reservei o hotel em *Ibiza*? Não estrague isso, *Jezebell*!

Eu o ignorei e observei Erik franzir o cenho e balançar a cabeça em negativa, nada satisfeito com o que havia escutado do Thomaz.

— Respondendo à sua dúvida... — E dei uma pausa e fingi estar tentando lembrar seu nome — Erik. — disse, por fim, encarando seu semblante debochado. — Eu já trabalhei com moda e não gosto da forma como tudo soa falso neste meio. Não admito retoques exagerados em meu trabalho e nem modelos fingindo estarem confortáveis em roupas amarradas com fita crepe porque, na realidade, não lhe caem bem. Por isso, sugiro dispensarmos as modelos e trabalharmos com mulheres comuns. Que façamos seleções com mulheres que de fato representem o que vemos nas ruas.

Erik ergueu as sobrancelhas e sorriu, insolente.

— Você quer que a Drakkar entre no Brasil com uma campanha

representada por amadoras? É isso?

— Não, Erik. As mulheres passariam por uma seleção criteriosa e posterior treinamento.

— Ah! Quer transformá-las em modelos para substituírem as modelos.

O cinismo ocupava o seu semblante e me irritava profundamente.

— A ideia é que as mulheres aprendam a se comportar em frente às câmeras, mas que sejam elas mesmas, com estereótipos comuns, reais. Como suas consumidoras, que são trabalhadoras, donas de casa, mães... Mulheres com rostos e corpos de mulheres brasileiras. As suas consumidoras precisam saber que as roupas da Drakkar não são apenas para as deusas *fashionistas*. Precisam compreender que os seus produtos, Erik, são para a médica, a professora, a recepcionista, a estudante, a fotógrafa... Esta é a minha proposta. E eu realmente espero que aprove, se quiserem meus serviços.

Empinei meu nariz e o enfrentei. Erik sustentava meu olhar, mas sem hostilidade. Ele parecia estudar minhas reações, ler minha alma. Para a sua infelicidade, eu sabia me vedar.

— Tudo bem! — A voz tensa do Thomaz rompeu o breve silêncio. — Tuuudo bem, Bellanne. Concordamos com você. — Enquanto concordava com meus termos, Thomaz olhou para o sócio e eles se encararam por alguns segundos, com cumplicidade. — Está tudo bem, meu amigo, como combinamos, ok?

Erik suspirou e forçou um pseudo sorriso.

— O Tom está certo. Combinamos que toda esta parte seria de sua responsabilidade e que eu iria apenas apoiá-lo. E eu o apoio em qualquer decisão.

Era evidente a disputa de poder, de controle entre eles. O tal Erik não me queria metida em seus negócios, mas Thomaz parecia fazer questão do meu trabalho. Para o bem ou para o mal, a vontade de Thomaz prevaleceu. Ponto para mim!

— Posso prosseguir? Tudo bem para você, Thomaz? — Procurei usar um tom mais gentil, até mesmo sedutor, e vi quando Erik ergueu apenas uma sobrancelha, talvez percebendo a minha evidente mudança de humor.

Thomaz apenas meneou a cabeça, incentivando-me a continuar.

— As locações serão escolhidas por mim, mas com a aprovação dos senhores, claro. Precisarei de todo o material: croquis, inspirações... e algumas reuniões com o pessoal da publicidade. Precisarei de um prazo para conceber a ideia e, então, voltamos a discutir. Vocês estando de acordo, inicio os trabalhos.

— Quanto tempo? — A voz séria do Erik soou novamente, chamando minha atenção. *Ora, ora... enfim, o seu sorriso petulante havia desaparecido.* — Quanto tempo leva isso tudo?

— Se não houver interrupções ou entraves... Duas semanas, no máximo.

Antes que Erik protestasse — e ele estava pronto para isso — Thomaz interveio.

— Está ótimo, Bellanne! Está ótimo!

Ofereci ao Thomaz o meu melhor sorriso: a minha arma de golpe mortal. Ele estava comigo e realmente disposto a fazer as minhas vontades. Azar do Erik, que ficou ali, parado, me fitando com olhos estreitos, pernas cruzadas de modo másculo e a cabeça inclinada, me analisando.

As coisas começaram a acontecer à nossa volta, mas parecíamos estar em uma bolha, isolados. Percebi Thomaz e Lucien levantarem e deixarem a sala, falando algo sobre setor jurídico. Enfim, o contrato seria assinado.

Embora eu estivesse presa no olhar mordaz e absolutamente azul do Erik, notei que Ana Paula e as copeiras também deixavam a sala, e apenas a secretária de nome Flávia permanecia.

Erik debruçou-se sobre a mesa, apoiou os cotovelos sobre esta e me encarou mais de perto. Eu não esperava por isso, mas aceitei o desafio e adotei a mesma posição, fitando-o bem no fundo dos olhos, desafiando-o sem recuar um milímetro. Se ele estava pensando que poderia me intimidar, estava redondamente enganado. O susto já havia passado e eu estava pronta para o combate.

— Flávia. — Sua voz era grave, cortante, e seus olhos permaneciam diretos nos meus. — Por favor, poderia ir à minha sala e gentilmente trazer o meu celular? Eu o esqueci.

Seu olhar parecia me dividir ao meio, e não... não era uma encarada sedutora, um flerte. Era puro desafio. E esta constatação me fez empertigar a coluna e engolir seco. Se fosse um flerte, eu saberia dominar melhor a situação. Se fosse um flerte, ele já estaria perdido. Contudo, a força daquele

homem tanto me fazia tremer, quanto me impelia a enfrentá-lo.

— Agora mesmo, senhor Erik.

A moça nos deixou sozinhos e eu não perdi tempo.

— O que pensa que está fazendo? — A minha voz soou sussurrada, porém firme. Erik fez uma expressão de pura incompreensão e descaradamente fingida. — Você sabe sobre o que estou falando.

— Do que mesmo está falando, moça? Do congestionamento na cidade? É entediante, não?

E lá estava novamente aquele sorriso sem ser exatamente um sorriso, se é que me entende.

Estreitei os olhos e travei as mandíbulas. A raiva voltava a me manipular.

— Ok. Acabou a sua diversão. — E afastei o corpo da mesa, recostando-me na cadeira. — É isso mesmo. Eu estava no congestionamento, completamente entediada... — revirei os olhos, momentaneamente — ...estressada e dei sim, uma gozada fantástica! — Fiz questão de pronunciar a última palavra saboreando cada letra. — Sou adulta, independente e ninguém tem nada com isso. Muito menos você.

Erik riu e, tenho que admitir, como esse demônio ficava ainda mais bonito quando sorria!

— Bellanne, Bellanne... Não estou julgando você. E, olha... Para ser muito honesto, achei uma cena incrível! Na verdade, inesquecível! — E voltou a sorrir, apenas com os lábios. — Mas fiquei curioso...

— Não é da sua conta! — respondi secamente, tentando falar baixinho, mas o sussurro saiu um pouco mais alto do que eu desejava. — Esqueça o que viu e vamos tratar APENAS do nosso contrato. E pare já com os risinhos petulantes. São cínicos demais.

— Eu paro! — Ele ergueu as mãos, se rendendo. — Mas com uma condição. — Ergui uma sobrancelha, evidenciando a minha surpresa, mas mantive a pose contra a sua postura desafiante, inclinado na minha direção. — Adoraria saber o que te motivou àquele orgasmo cinematográfico, bem no meio da avenida mais movimentada da cidade. — Ele estreitou os olhos e me provocou com a voz sedutoramente perigosa. — O que foi, Bellanne? Estou realmente curioso.

Que filho da mãe! Então, ele quer me constranger? Quer me humilhar? Ah... Ele não me conhece!

Sustentei o olhar. Não queria perder nem um segundo da sua reação.

— Quer mesmo saber? — Erik apertou os lábios em um pseudo-sorriso e aquiesceu.

Não pensei muito no que estava fazendo, eu quase nunca penso. Enfiei a mão na bolsa e joguei a pequena caixa, atirando-a sobre a mesa. Empertiguei-me para manter ao máximo a minha dignidade e o incitei, novamente erguendo uma sobrancelha e adotando o mesmo sorriso cínico que ele me oferecia até então.

A caixa ainda tinha o *post-it* grudado, com o recado de Letícia.

— Está higienizado e você pode usar. — Sim, eu fui sarcástica. — Não é propriamente anal, mas com esse tamanho, vai dar para alcançar a próstata.

Falei como quem dá instruções a alguém sobre como chegar a um lugar, e quase gritei de satisfação, ao vê-lo completamente sem ação, com os olhos grudados na caixinha. Tive vontade de gargalhar e dizer: "Toma, distraído!". Contudo, travei, quando o vi esticar a mão e apanhar a caixinha sobre a mesa.

O que ele estava fazendo?!

Erik girou a embalagem em suas mãos e ateve-se ao *post-it*, lendo-o. Lembrei que nele estava escrito: "*Experimenta, amiga, e depois dê a sua nota*". Sentia leves espasmos, um misto de nervoso e raiva.

Ele passou novamente a mão pela boca, já não conseguindo conter o sorriso tão descarado quanto belo. Então, ergueu os olhos e voltou a me encarar.

— E então, de zero a dez, quanto o amiguinho aqui merece? — E com suas mãos grandes, balançou a caixa do vibrador para mim.

Antes que eu sequer pudesse esboçar uma reação, Thomaz e Lucien retornaram à sala.

Não consegui desviar do seu olhar azul, completamente estarrecida com o descaramento daquele homem. De longe, Erik Lars era o cara mais patife que eu já havia conhecido.

Segundos depois, já refeita do meu choque, pisquei rápido e, como se estivesse saindo de um transe, vi os papéis que Thomaz havia acabado de depositar sobre a mesa, então, ainda conturbada, fitei o simpático executivo.

— Importa-se que eu leve o contrato para casa? Para estudá-lo um pouco mais? — Eu só queria sair dali antes que perdesse o controle e cometesse uma insanidade.

— É... — Lucien interveio com uma calma tão calculada, que parecia

estar lidando com uma fera perigosa. Bem, ele estava. — Bell, eu já examinei o contrato, minuciosamente. Está tudo certinho, viu? — Lu me fitava com o desespero no olhar e falava quase em súplica.

Eu apenas o mirei de soslaio. Sentia-me meio torpe, desorientada e muito, muito puta!

Apanhei a caneta e assinei as duas vias, rápido e mecanicamente, confiando plenamente em meu amigo e agente.

Quando voltei a erguer os olhos, Thomaz sorria radiante.

— Não vejo a hora de tê-la trabalhando conosco. — E ponderou, rapidamente. — Há algum problema em vê-la trabalhar, de vez em quando? É curiosidade de fã. — E sorriu, meio sem graça.

Franzi o cenho e esbocei um leve sorriso com estranhamento

— Não há problema algum. *Você* é bem-vindo — frisei.

Assim, como cavalheiros, todos os homens se levantaram e, por fim, voltei a encarar o tal Erik.

— Passar bem, senhor Lars. — Virei-me para deixar a sala, frustrada por dar-me conta de que, o que mais me irritava naquele homem, era a sua capacidade de me surpreender, de me pegar desprevenida e me deixar sem resposta. Contudo, antes que pudesse alcançar a porta, voltei-me para aquele "viking dos infernos".

— Ah! — Ele permanecia de pé, com as mãos nos bolsos e me olhando com uma expressão indecifrável. — Respondendo a sua pergunta, Lars... Ele mereceu um lindo 7! — E usei toda a minha graciosidade, tentando transmitir uma falsa empatia — Mas o senhor não deve saber o que é isso, não é? É, de fato, uma nota alta demais. Compreendo... — suspirei teatralmente. — Passar bem.

Quando saí para o *hall*, ainda escutava Lucien se despedir, mas logo o senti no meu calcanhar. Cruzei com Flávia no caminho e notei que não trazia nada nas mãos.

Não havia ido buscar o celular? Típico!

Enquanto esperávamos o elevador, um jovem muito bonito se aproximou do Lucien. Eles se conheciam e conversaram animadamente, mas não escutei uma só palavra. Olhei para trás e vi o Erik parado na porta da sala de reuniões, mãos enfiadas nos bolsos da calça e o olhar fixo em mim. Thomaz lhe falava algo, mas ele nem mesmo lhe dava atenção. Então, o elevador

chegou e eu não voltei a olhar em sua direção. Tudo o que eu queria era uma boa dose de tequila e esquecer que não consegui colocar Erik Lars em seu lugar. Ainda não.

3º Capítulo



CAPÍTULO 3

Erik Lars

— O que foi isso, Erik? O que aconteceu? O que disse para irritá-la daquele jeito?

Thomaz falava sem parar, fazendo-me sentir ainda pior.

Vi Bellanne olhar para trás e em seus olhos havia mais do que raiva. Ela seria capaz de me matar com aquele olhar. Eu sei... Passei dos limites.

— Nada, Thomaz. Talvez eu tenha sido um tanto seco, mas posso reverter isso, prometo.

— Que droga, Erik! Tem ideia do quanto será importante termos o nome de Bellanne Fraise vinculado à nossa campanha? Você quase estragou tudo!

— Ela assinou, não assinou? Então, pronto! Vamos encerrar o assunto.

Flávia aguardava ao lado, como uma fiel escudeira, e quando Thomaz bufou e saiu em direção à sua sala, ela se aproximou.

— Senhor, eu não encontrei seu celular. Tem certeza de que...

Meti a mão no bolso, retirei o aparelho e mostrei o celular para ela.

— Me perdoe, Flávia. Esqueci que estava em meu bolso. — Eu não quis fazê-la de boba, mas precisava daqueles segundos com Bellanne e não queria

que comessem a especular nada. Colegas de trabalho são sempre especuladores.

Tornei a guardá-lo e senti o outro aparelho, o que tinha recebido uma nota 7, no fundo do meu bolso. O humor chegou fácil ao lembrar os olhos da Bellanne cravados em mim, crispando de fúria. Precisava dar um fim àquele aparelho ou dar um jeito de devolvê-lo à sua dona.



A noite já havia chegado, mas eu não tinha vontade de ir para casa. Estranhava as rotinas, as pessoas, e me sentia inquieto demais. Além disso, estava arrependido de ter cometido uma espécie de *bullying* com a fotógrafa. Não foi justo e nem decente.

Sorvi um pouco do uísque, enquanto admirava a noite estrelada através da imensa janela de vidro.

Foi engraçado sim, e vê-la corar era surpreendentemente encantador. Mas, em algum momento, senti que passei dos limites, que cheguei a um lugar onde já não havia graça.

— Com licença?

Olhei para trás e vi a Flávia com metade do corpo já dentro da sala.

— Ainda aqui? — Achei que já não houvesse ninguém na presidência. — Seu expediente já não acabou?

— Achei que pudesse precisar de algo.

Voltei a olhar o céu através da janela, mas escutei a porta fechar e sabia que ela havia entrado.

— Não. Estou bem, obrigado.

Flávia aproximou-se e encostou o quadril na minha mesa, ao meu lado.

— A noite é linda daqui, não é?

Não respondi. Apenas baixei meus olhos para o líquido âmbar no fundo do copo. Flávia era excelente assistente, mas parecia interessada demais em ser útil. Mais do que deveria. Mais do que a sua função pedia.

— É sim, e perigosa. Deveria ir para casa.

Ela sorriu, mas não respondeu. Ao invés disso, mudou de assunto.

— É tudo muito diferente, não é? Toda essa mudança... Dinamarca, França, Brasil.

Ergui o olhar e tornei a atenção à paisagem. O que ela sabia sobre mim? Onde queria chegar? Não gosto nada dessa invasão.

— Sim, muito.

— O senhor sabe que as pessoas são curiosas e... Bem, me contaram um pouco sobre todas essas mudanças. Sobre como o senhor foi corajoso e saiu de casa ainda tão novo. Não que o senhor seja velho, por Deus! Trinta e dois anos não chega nem perto de velho, mas... Mudar de país tão jovem e iniciar um negócio... E ainda ter o sucesso que tem...

— Flávia, quer me perguntar alguma coisa? Essa história eu já conheço, não preciso que você me conte.

Não quis ser rude. Para falar a verdade, eu até estava gostando de ter companhia, só que, talvez, não quisesse exatamente a dela.

— Hãn... Me perdoe. — Ela ficou claramente constrangida e eu me senti mal. — Não quis ser abusada. É que a sua história me fascina e dá também um pouco de aflição. — Ela saiu do seu lugar e posicionou-se de frente para mim. — Trabalhamos juntos há mais de seis meses e... Bem, já o vejo mais como um amigo. Passamos tanto tempo juntos. — Eu a fitava diretamente e devo dizer que, embora eu não tenha o menor interesse na minha secretária, não pude ficar imune àquela passada de língua pelos lábios. — Se o senhor precisar...

Não sabia exatamente o que ela pensava que iria conseguir com aquela conversa, mas também não queria descobrir. Ela já havia se insinuado algumas vezes, mas quem me conhece sabe que quando não quero, não adianta me oferecer. E, definitivamente, não quero me envolver com ela.

Tratei de levantar e apanhar meu *blazer*.

— Estou bem, Flávia. Estou acostumado a ficar sozinho e, caso precise, tenho o Thomaz. Somos amigos desde a infância. Nossas mães eram praticamente irmãs. Agradeço a sua preocupação, mas não quero que se aflija com isso. Ainda assim, obrigado.

Tomei o caminho da saída. Mais de uma vez precisei colocá-la em seu lugar e não queria precisar dispensá-la. Era uma excelente profissional. Além do mais, eu também estava com fome e ainda precisava arranjar um lugar para comer.

— Feche tudo, por favor, e tenha uma boa noite — conclui ao sair.

Quando alcancei o elevador, ele ainda estava no térreo. Peguei o celular e senti o brinquedinho da Bellanne ainda no meu bolso. Sorri sozinho, lembrando da sua resposta petulante.

— Boa noite.

O sotaque latino me chamou a atenção.

— Boa noite. — Respondi, mas só depois observei o rapaz e lembrei que o vi mais cedo, conversando com o agente da Bellanne. — Perdoe-me, qual o seu nome mesmo?

O rapaz devia ter a minha idade, talvez um pouco menos, e me olhou surpreso.

— José Carlos, senhor.

Assenti.

— Eu o vi hoje, conversando com a Bellanne. Vocês se conhecem?

— Ah, não! Eu não estava conversando com a Bellanne. Quem me dera... — sussurrou para si mesmo. — Estava falando com o Lucien, um conhecido meu. Trabalhamos juntos, certa vez. Mas admiro demais o trabalho da Bellanne. Ela é fantástica! Espero poder conhecê-la hoje.

Eu adoro essa característica típica dos brasileiros, de me dar muito mais informações do que peço.

— Ah, hoje?! Estará com ela hoje ainda?

— Espero. Lucien me chamou para comemorar a contratação... Bem, é claro que o senhor sabe. — E sorriu, sem graça. — O senhor é o contratante. Então, o Lucien me chamou. Será em um bar, que é meio restaurante, mas bem legal.

Percebi o quanto José havia ficado constrangido ao se dar conta de que se tratava da comemoração de um contrato meu e, para a qual, eu não fora convidado.

— Um bar legal? É um que tem aqui perto? — Enquanto falava, eu mexia no celular para parecer desinteressado.

O elevador chegou e entramos juntos.

— Não. É um que fica na avenida central. “*Cien Fuegos*”, conhece? — Balancei a cabeça lentamente, fingindo pouco interesse e dizendo que não o conhecia. — O senhor iria gostar. É bem animado, embora não seja tão badalado, atualmente.

— Legal. E lá tem o que comer? Eles servem comida e tal, ou apenas bebida?

— Ah, eles servem lá umas coisinhas. Apareça lá qualquer dia.

O elevador chegou ao térreo e nos despedimos formalmente. Desci para a garagem, e ao entrar no carro, tirei o vibrador do bolso. Que explicação eu daria, se alguém me pegasse com aquilo na mão? Ri sozinho, imaginando as possíveis respostas petulantes da Bellanne.

É... com este nome, "Cien Fuegos", devem servir comida mexicana. Há

quanto tempo não como tacos?



Aquilo era uma tentativa frustrada de recriar os *pubs* londrinos.

Sinceramente, apesar de não ter o charme dos bares londrinos, por dentro parecia bem melhor do que a fachada anunciava. Logo na entrada, encontrei uma área com uma grande bancada de madeira lustrosa. Lâmpadas, estrategicamente posicionadas, iluminavam exclusivamente o balcão e auxiliavam o barman em suas tarefas. Por falar em *barman*... O cara tinha um cigarro pendurado na boca e me observou fixamente quando entrei.

Eu o encarei e acenei com a cabeça. Talvez eu não fosse um tipo muito comum por ali e, por isso, me estranhava. Em resposta ao meu aceno, ele retirou o cigarro da boca e pousou as duas mãos sobre o balcão, aguardando que eu me aproximasse. Não tive pressa.

Ao meu lado esquerdo, de frente para o bar, havia uma pista de dança, onde luzes coloridas piscavam e um grupo razoável de pessoas já dançava bem animado.

A fumaça dos cigarros, talvez maconha ou sei lá mais o quê, pairava no ar e, através desta, pude ver que havia algumas mesas em uma espécie de varanda, acima da pista. Não havia banda, apenas DJ.

— E aí, o que vai tomar?

A voz grave vibrava por sobre a música que, embora estivesse alta, permitia que falássemos sem que precisássemos gritar.

Estreitei os olhos, sentindo-os arder um pouco por causa da fumaça.

— O que você indica?

Ele, o barman, não me assustou, apesar de mal encarado e grande — ainda mais alto do que o meu 1,90 m, e mais forte também. O cara era uma montanha!

O "montanha" nada disse, apenas voltou a pendurar o cigarro no canto dos lábios e pegou um copo largo na prateleira sob o balcão. Derramou uma dose de uísque importado — provavelmente, o mais caro da casa — e acrescentou duas pedras de gelo. Depois, estendeu a mão para mim e entendi que ele queria o meu cartão de consumo.

Enquanto ele registrava minha bebida, virei de costas para o balcão e vasculhei a pista. Que diabos eu tinha ido fazer ali? Se não bastassem as

dezenas de bons bares e restaurantes no caminho para casa, ainda havia o conforto do meu lar e a autenticidade dos meus uísques, então, por que inferno eu estava ali?

Cogitei ir embora, mas nessa hora, o barman bateu o copo no balcão, com o uísque e os gelos girando dentro do copo.

— Ei! — Foi tudo o que disse, enquanto tragava seu cigarro.

— Vocês servem tacos? — Perguntei.

Ele estreitou os olhos, e depois de tragar novamente, tirou o cigarro da boca para falar.

— Os melhores da cidade. Vou mandar preparar uma porção para você.

Agradei, apanhei o copo com o uísque e caminhei mais para o canto do balcão. Me sentei ali, em um lugar onde a visão era boa, tanto para a pista de dança, quanto para o balcão. Honestamente, estranhei o lugar não estar lotado. Sem dúvida estava cheio, mas de algum modo confortável.

Enquanto bebia o meu uísque e comia uns tacos que, surpreendentemente, estavam muito bons, vasculhei o local. Eram pessoas bonitas. Mulheres bem atraentes dançavam e um grupo de jovens — na maioria homossexuais masculinos — também dançava e bebia, bem no meio da pista. Mas o que eu instintivamente buscava não estava ali.

Sentia-me mal por ter provocado tanto uma pessoa que nem conhecia. Não lembro de ter feito algo assim antes, mas me senti impelido pela ousadia de Bellanne. Me senti instigado a provocá-la e ver até onde ela iria. Mas no final de tudo, eu tinha passado dos limites. Precisava pedir desculpas. Meu comportamento foi realmente vergonhoso. Além do mais, Thomaz esperava que eu me desculpasse.

Depois de algum tempo ali, acabei me distraindo com a animação das pessoas. Na Dinamarca, mesmo os muito jovens, costumam ser tão frios uns com os outros... Não podia deixar de admirar como as pessoas ali se tocavam, se abraçavam. Era bonito de se ver.

Inevitavelmente, lembrei de minha mãe.

Ela tinha esse hábito de nos abraçar, nos beijar, nos colocar em seu colo e fazer carinho. Ela tinha essa alegria. O "sangue brasileiro" corria em suas veias, mesmo depois de tantos anos longe da sua terra. Mesmo depois do meu pai ter abafado toda a sua vivacidade e espontaneidade. O ciúme, a possessividade e a mania de dominação destruíram toda a alegria da nossa casa. Destruíram nossa família.

Em meio às indesejáveis lembranças, meu olhar foi atraído para a entrada

do bar, boate, sei lá. Ela havia chegado e era impossível não notá-la.

Bellanne

Eu não sabia exatamente o que estava comemorando, mas sabia bem o que queria: esquecer aquele dia de merda, aquele contrato suspeito e, principalmente, aquele *viking dos infernos*!

Durante o trajeto até o *Cien Fuegos*, Alex não parou de falar. Me contou sobre os processos em que está trabalhando — um a um —, falou sobre a gastrite da mãe, sobre a revisão do carro e sobre o quanto sentiu a minha falta.

Não é como se eu não gostasse dele. Alex é um amor! Sempre gentil, atencioso e gostoso pra cacete! Minha vida está ligada à dele há anos e eu meio que já me habituei tanto ao seu *modus operandi*, que acabo apenas deixando-o falar e falar. Aproveito para também deixar a minha mente voar, e sempre que ele pede a minha opinião, sorrio e digo: "Você é quem sabe". Pronto, tudo fica bem.

Olhei para ele ao volante. Alex falava e sorria, sorria e falava. Alto, forte, de cabelos muito negros, traços másculos, inteligente, educado... Por que diabos eu não conseguia me apaixonar por ele? Nos damos muito bem na cama, temos assuntos em comum e até financeiramente somos compatíveis, mas... Não sei. Não consigo me ver como a senhora Dourado. Não consigo me ver dividindo uma vida com o Alex. Estar com ele é bom demais, mas é muito bom também entrar em minha casa e não precisar continuar com ele.

Soltei o ar com força e isso chamou a sua atenção.

— Tudo bem, Bell?

Ele não havia mostrado muito interesse nos meus assuntos do dia, então, também não fiz questão de detalhar nada.

— Tudo. Só estou um pouco cansada.

— Quer voltar? Posso te fazer uma massagem.

— Não. Eu realmente preciso de umas tequilas e estar com meus amigos. Preciso mesmo.

Alex apenas sorriu e acariciou minha coxa sob a calça preta.

— Tudo bem. Vamos tomar essas tequilas e mais tarde te faço uma massagem.

Já na porta do *Cien Fuegos*, encontramos Letícia com o Caio, seu marido, e o Lucien com mais dois amigos. A Tati e o João haviam desistido de ir em

cima da hora, o que não era propriamente uma novidade. Nos cumprimentamos e fiquei mais do que feliz em encontrar minha amiga Letícia. Precisava contar a ela sobre aquele dia insano! Precisava contar a alguém!

Entramos entre risos e falatório, mas o som logo atrapalhou nossa conversa. O *Cien Fuegos* não estava lotado, porém, estava mais cheio do que normal.

— Posso apostar que Lucien convocou uma horda de bibas amigas — O som não estava ensurdecedor, mas gritei para Let, a fim de ser ouvida.

— E ele iria perder a chance de se exhibir ao lado da mais nova estrela do mundo *fashion*?! — Letícia curti esse lance de me provocar.

Estreitei os olhos para ela, que sabia bem o que eu pensava sobre o "mundo *fashion*".

— Vamos, preciso beber. — E arrastei-a comigo para o balcão.

Lá estava Raí, o "coração mole" mais forte que conheci na vida. O *barman*.

— Raí! — Chamei, ao me debruçar sobre o balcão para lhe dar um abraço desajeitado. — Como vai?

— Tudo beleza, Bell. Estava sumida, hein?

— Trabalho, amigo, trabalho.

Virei para a pista e logo vi duas ou três pessoas que sempre estavam por ali. Acenei, dizendo que logo me juntaria a elas. Enfim, eu estava feliz! Onde quer que houvesse amigos ao meu redor, eu estaria sempre feliz!

— E aí, Bell... — A voz de Raí me chamou de volta. — Soube que rolou um contrato gordo no trampo. Esse é por conta da casa, para comemorar.

Ele esfregou o limão na borda do copo e o emborcou sobre o sal.

— É, rolou sim.

Raí ergueu os olhos para mim, enquanto enchia meu copo de tequila.

— E por que ainda não subiu no balcão e botou isso aqui a baixo?

A gargalhada veio fácil, ao lembrar da vez em que bebi tanto, que realmente subi no balcão e dancei feito louca, com Raí segurando a minha mão para que eu não caísse.

— É complicado, mas estou feliz sim. Vai rolar uma grana legal e, enfim, terei condições financeiras para fazer o trabalho dos meus sonhos.

— Viajar para Índia para fotografar as putas de lá, não é?

Ri da simplicidade de Raí.

— São as *Devadasis*. Honrosamente, elas se oferecem à prostituição em

nome da deusa. A tradição está se acabando e eu morro de medo de não achar mais nenhuma delas por lá.

Ele cortou mais uma banda de limão e estendeu o copo e o limão para mim.

— Se sumirem as putas por lá, tem aos montes por aqui, menina. Bebe logo isso, antes que decante.

Bebi de uma vez, sentindo o líquido quente rasgar a minha garganta e o fogo me subir pelas pernas quase que imediatamente.

Yeah! Era disso que eu precisava! Un poco de fuego, un tico de animación!

Rapidamente, o *barman* começou a preparar outra dose. Pelo canto do olho pude ver Alex pedindo algum petisco à atendente, e os demais já haviam partido para a pista de dança.

— Ei, Bell... — Raí se aproximou de mim sobre o balcão, para falar de modo mais íntimo. — Tá vendo aquele cara ali, no final do balcão? — Olhei na direção que ele indicou e todo o calor da tequila se esvaiu. — Ele não tirou os olhos de você, desde que chegou.

Eu não podia acreditar no que estava vendo.

— Ah não... — gemi baixinho. Não podia ser. — Que diabo ele está fazendo aqui?

— Você conhece esse cara? — A voz alarmada, demonstrando preocupação.

— Conheço sim. Infelizmente.

Respirei fundo, e quando me dei conta, já caminhava na direção do Erik. No entanto, antes que pudesse dar o segundo passo, Raí segurou meu antebraço.

— Está tudo bem? Quer que eu dê um chega pra lá nele?

Por um segundo imaginei Raí segurando o Viking dos infernos pelo colarinho e acabando com a dignidade dele. Foi uma visão tentadora, mas o cara era — tecnicamente — meu chefe. Não poderia me dar esse luxo.

— Não, está tranquilo.

Caminhei lentamente em sua direção. Não era charme nem nada, lógico. Eu apenas ganhava tempo porque não fazia a menor ideia do que iria falar. Na medida em que ia me aproximando, ele ficava mais nítido em meio à penumbra. Eu seria uma completa idiota se dissesse que aquele “Loki” era feio. Na verdade, ele era mais que bonito... Era um tesão.

Erik

— Boa noite, Erik. Que surpresa te encontrar aqui, pela segunda vez no dia.

Eu nem percebi que estava sorrindo. Normalmente, sorrio sem esta intenção, mas o fato é que abri o sorriso e tentei contê-lo bebendo um gole de uísque.

— Terceira... — Umedeci os lábios, saboreando o bom malte. — Pela terceira vez.

Ela revirou os olhos e suspirou. Estava bonita de cabelos soltos, caídos em ondas e cachos grandes até abaixo dos ombros. A blusa de estampa étnica deixava um dos ombros à mostra e o fato de não haver uma alça de sutiã chamou-me a atenção.

— Puta que pariu, você não vai me deixar mesmo esquecer esse incidente, não é? — Para a minha grata surpresa, ela não parecia estar com raiva. Estava até divertida.

Aquela boca vermelha ficava ainda mais *sexy* quando xingava. Achei graça disso e, tenho quase certeza, meu riso soou cínico.

— Vou, quando você me deixar esquecê-lo. — Ela ficou ali parada, me olhando, com um meio sorriso nos lábios. A boca carnuda, entreaberta, deixando à mostra uma pequena parte dos dentes alvos. — E sorrindo assim, você não está ajudando. — Completei.

Vi quando Bellanne ergueu uma das sobrancelhas, provavelmente surpresa pela minha audácia. Esperei pela ofensa, esperei pela resposta petulante, mas ela apenas baixou os olhos e puxou o ar por entre os lábios. Dois segundos depois, voltou a me encarar com um olhar firme e absurdamente penetrante.

— Está me cantando, Erik?

Deus do céu! Como era fácil sorrir com esta mulher! Sorvi rapidamente mais um gole do uísque, me dando tempo para respondê-la de forma comedida. De nada adiantou.

— Nããoo... — falei de modo arrastado. — Estou apenas dizendo que cada vez que me sorri assim, lembro do quanto o trânsito é caótico nesta cidade. Apenas isso.

Bellanne estreitou os olhos, transformando-os em olhos felinos, mas antes que pudesse concluir seus pensamentos, fomos interrompidos pelo barman, que arrastou um copo de tequila entre nós.

— Bell, vai querer mais uma dose agora? — O "Montanha" não tirava os olhos de mim, e eu sustentei o seu olhar. Era protetor. Estava claramente protegendo Bellanne. Por alguma razão o apreciei.

— Vou sim, Raí. Obrigada.

O *barman* a serviu, retirando os olhos de mim por breves segundos, apenas o suficiente para não derramar a bebida no balcão. Eu observei seus movimentos por alguns instantes, mas logo desviei a atenção para a mulher ao meu lado. Ela também estava me analisando e eu a flagrei enquanto deslizava os olhos pelo meu peito. Algo inflou dentro de mim.

— "Bell" é apenas para seus amigos?

Seus olhos encontraram os meus e quando isso acontecia, eu tinha impressão de que levava uma trombada.

— Sim. E não... Você não pode me chamar de Bell.

Calmamente, bebi o último gole do uísque e apoiei os braços sobre o balcão, debruçando-me um pouco sobre ele, aproximando-me alguns centímetros de Bellanne — o suficiente para captar o seu perfume. Meu cérebro registrou esta informação de forma irremediável.

— Isto significa que poderei ter um apelido só meu? Exclusivo?

Senti que apertei o botão errado no momento em que ela empertigou o corpo e bebeu sua tequila de uma só vez.

— Seria bom mantermos nossa relação no nível profissional. Aliás, o que mesmo veio fazer aqui, Erik?

Ergui meu corpo, entendendo perfeitamente seus sinais.

— Comer algo, beber um bom uísque e... Bem, eu vim te ver. — E antes que ela desse prosseguimento à risada que se iniciava, tratei de explicar. — Eu precisava me desculpar com você. Precisava vir erguer a bandeira de paz e pedir desculpas pela imensa grosseria de hoje cedo. Por favor, me perdoe.

Lentamente, Bellanne pousou o seu copo vazio sobre o balcão. Seus olhos me analisavam, certamente, buscando um motivo escuso sob o meu arrependimento.

Ela abriu a boca para falar algo, mas antes que pudesse dizê-lo, um homem aproximou-se e a abraçou por trás. Bellanne fechou os olhos quando ele lhe beijou o pescoço e sua expressão me remeteu à mesma expressão encantadora de quando a vi pela primeira vez, em pleno gozo.

— Está tudo bem, Bell? — O cara mantinha o rosto em seu pescoço, mas olhava diretamente para mim.

Eu o encarei e vi a possessividade em seu olhar, me dizendo que estava

com Bellanne. E daí? Esse era um problema deles dois, não meu. Tive vontade de dizer que relaxasse, pois não sou uma ameaça.

Quando desviei o meu olhar do sujeito, encontrei o da Bellanne. Ela me fitava com uma expressão de quem estava gostando muito das carícias. Aquilo me incomodou. Será que não se davam conta de que estavam em público?

Brasileiros!

Então, virou-se para o carinha e o beijou. Ao menos, foi um beijo rápido e não cinematográfico. Vi que sussurrou algo para ele, mas não pude entender. Então, ela voltou a me olhar.

— Alex, este é Erik... Erik, Alex.

Fiz uma anotação mental para o fato de que ela não nos identificou como amigo, noivo... essas coisas. Seria seu namorado?

Eu e o Alex apenas nos cumprimentamos com discretos meneios de cabeça.

— Ok. Está perdoado — disse-me de modo cortante, alternando o olhar entre a minha boca e os meus olhos, causando-me um estranho arrepio.

Ficamos assim, apenas nos fitando, por cerca de cinco segundos. Naquele silêncio, imaginei que ela estivesse decidindo se meu pedido de desculpas era real. Ou talvez já estivesse arrependida.

— Erik, quer se juntar à nós? — Me convidou, indicando a pista de dança com a cabeça. — Estamos com uma turma legal.

Uau! Por essa eu não esperava. Apesar do tom de voz simpático e convidativo, olhei bem no fundo dos seus olhos e ali não havia a menor receptividade. Ela estava sendo apenas educada. Além do mais, eu já estava de saída mesmo.

Olhei para o meu copo quase vazio.

Bellanne era engraçada... Por que me convidava, se estava bastante óbvio que não me queria ali?

Ponderei sobre o convite. Poderia ficar apenas para irritá-la. Não posso mentir que vê-la furiosa atiçava um diabo dentro de mim. Era excitante ver uma mulher tão naturalmente poderosa, de presença marcante e segura de si, simplesmente perder a linha por causa de duas ou três provocações. Ah, sim... era divertido.

— Não, obrigado. Vim apenas comer e relaxar um pouco, mas... — Verifiquei as horas e já passavam das onze da noite. — Tenho compromisso.

Ela ergueu as sobrancelhas e apertou os lábios. Fiquei sem saber se era

apenas um trejeito seu, ou se tentava conter um sorriso. Provavelmente sim, um sorriso de satisfação por eu não querer ficar. Então, sussurrou-me um "até mais" e sumiu em direção à pista de dança, arrastando o tal Alex pela mão.

Antes de tomar o último gole do meu uísque, observei-a por mais alguns segundos. Só se eu fosse cego para não perceber que Bellanne era sim, uma mulher fascinante. Voluptuosa, sexy, sedutora de uma forma tão natural, que eu poderia apostar toda a minha vida como ela conseguia tudo o que queria só com um sorriso e aquele olhar destruidor.

Não... Ela não fazia parte do que o mundo chamaria de "tipo perfeito". Estava um tanto acima do que costumam chamar de "peso ideal", tinha a boca suja e era uma completa desavergonhada, mas ali estava ela, atraindo os homens como moscas ao mel.

Com suas curvas sensuais e olhares provocantes, algo nela funcionava como ímã. Ainda bem que eu era imune a este ímã. Não saberia lidar com alguém assim. Preferia as mais tranquilas e previsíveis. Me davam paz.

Virei o copo, sorvi o restinho do uísque e depois caminhei até o caixa. Após pagar a conta, antes de ir embora de uma vez, ainda a observei por um tempo, vendo-a dançar completamente grudada ao Alex. Poucas vezes vi cena tão perturbadora. Mas só hoje, já era a segunda que eu presenciava.



Ao chegar em casa, joguei a chave sobre o console, antes de bater a porta atrás de mim. A luz da secretária eletrônica piscava, indicando mensagem e, para falar a verdade, eu não estava com muita vontade de escutar meu pai ou meu irmão Mateo. Passei direto para a cozinha e abri a geladeira. A luz iluminou boa parte do cômodo que eu mal utilizava. Peguei a garrafa de água mais acessível e virei na boca.

As cenas do dia passaram sucessivas em minha mente. Eu não deveria ter deixado ela tão desconcertada. Isto não é do meu feitio. A minha posição era opressora e ela, certamente, se sentiu acuada e, ainda assim, quando a vi no bar, não havia raiva em seu olhar. Ao contrário. Ela parecia muito contente e feliz, agarrada ao Alex e...

O som do Nirvana soou alto, vindo do celular no meu bolso e interrompendo meus devaneios.

Peguei o aparelho do bolso de trás da calça e a foto do Mateo apareceu,

colorida e iluminada no visor. Meu irmão sorria, com seus olhos da mesma cor dos meus, mas seus cabelos eram ainda mais claros. Era um cara bem bonitão. Soltei o ar e chutei a porta da geladeira, fechando-a.

— Fala, Mateo — disse, sem muito ânimo.

— Por que você não retorna as ligações? Que você não queira muita conversa com o papai, entendo, mas por que não quer falar comigo?

Passei a mão pela cabeça, bagunçando o cabelo e arejando a mente. Não estava fugindo do Mateo. Ele é o meu irmão mais novo, somos só nós dois e eu jamais deixaria ele na mão. Mas eu não queria ter notícias de casa e muito menos do Axel.

— Não é você, Teo. Sabe que o problema não é com você.

— Meu pai nem está aqui, Erik. Está viajando com Soraia e Silvinha.

Soprei o ar com impaciência. "Silvinha". Irritava-me vê-los com este nível de intimidade. Ela não era boa gente.

Meu pai havia casado com Soraia dois anos após a morte da minha mãe, e com ela veio a sua filha, Sílvia. Elas chegaram precisamente no mesmo mês em que saí de casa. Lembro bem da garotinha mimada e deslumbrada, de cabelinhos cacheados e vestida como uma boneca, mesmo já tendo quinze anos.

A verdade era que Mateo estava só naquele ninho de cobras, e a culpa me acertou.

— Desculpa, Teo. O que é que foi?

— É o lance dos quadros da mamãe. Preciso dar um jeito de tirá-los daqui. Conseguimos esconder do papai todos esses anos, mas Soraia está querendo reformar o sótão e... Erik, vai ser difícil mantê-los escondidos.

Sentei no sofá e apoiei os cotovelos nos joelhos. Eu estava cansado, física e emocionalmente. Eram os melhores quadros da mamãe. Foram pintados quando eu ainda era pequeno e ela estava grávida do Mateo; quando a mãe cantava e dançava; quando saía e passava as tardes no parque, chegando sempre com um quadro belo e novo nas mãos. Foram pintados quando a mamãe ainda era feliz.

— Se a Soraia descobrir, o Axel também descobrirá e tratará de dar um fim aos quadros. Ele os odeia. Ele odeia a beleza que existe neles.

— Odiava, Erik. Lembre que o papai pensa que você vendeu esses quadros há muito tempo.

— Eu jamais os venderia, Mateo.

Mantive-me em silêncio por alguns segundos e agradei o silêncio e a

compreensão do meu irmão. Eu precisava pensar. Não havia cogitado transportá-los porque, até mesmo tirá-los de casa seria arriscado. Mas com Axel viajando... Talvez fosse o momento.

— Teo, preciso que você contrate uma transportadora de valores. Explique do que se trata e mande todos os quadros para mim. Farei o pagamento por aqui.

— Erik, por que não me deixa levá-los aí?

— Mateo... — Esfreguei a mão pelo rosto. Eu estava com sono e exausto.

— Eu não posso ficar com você aqui. Não agora.

— Ei! Eu não tenho doze anos, Erik! Sei me cuidar sozinho.

Respirei fundo. Não queria discutir com ele e, para mim, aquele assunto já estava morto. Apesar dos seus vinte e quatro anos, Mateo ainda era um garotão e era portador de diabetes. Tê-lo aqui seria mais uma preocupação. Não posso me concentrar no trabalho, tendo que me preocupar com a segurança e saúde dele. Não posso.

— Assunto encerrado, Mateo. Quando for possível, eu te aviso e você vem passar um tempo comigo. Por enquanto, apenas envie os quadros.

Ele não insistiu. Nunca discutíamos. Sempre foi assim: eu decidia e ele acatava.

Nos despedimos após ele me dar mais algumas notícias de casa. Lá na Dinamarca, apenas me interessavam o Mateo, a Soraia, que era uma boa pessoa, e a Britta, que foi nossa babá e seguia servindo aos Lars. Meu pai, as lembranças, os anos sob o seu comando, as imposições, as regras... nada disso me pertencia mais. Axel Lars é um tipo de pai que tudo dá e tudo toma.

Nunca deixou nos faltar nada, sempre fomos tratados como realeza, mas também tínhamos que seguir suas regras, sua rigidez de forma minuciosa de lidar com nossos interesses.

O ciúme insano que sentia pela mãe jamais nos permitiu dormir uma noite sequer ao lado dela. Ditando o que deveríamos estudar, o que deveríamos comer.

E eu suportei.

Suportei o quanto pude, até ver minha mãe definhar sob meu nariz. Depois, aguentei aquela situação por Mateo. Tolarei porque ele precisava de mim, mas quando ele já estava prestes a completar quinze anos, era o meu momento. Era a minha vez de viver.

A voz de *Kurt Cobain* voltou a soar rouca, vindo do meu celular. Achei que fosse Mateo novamente, mas, dessa vez, era o rosto de Thomaz que

surgia no visor.

— Erik, onde você está? O celular estava caindo na caixa. Na Drakkar ninguém atende... Onde você está?

A voz de Thomaz estava carregada de preocupação.

— Em casa. Não escutei tocar, desculpe.

Tom suspirou ruidosamente.

— Ok... Eu queria ter conversado com você lá no escritório, mas você sumiu.

— Eu tive uma reunião de urgência com os engenheiros, mas não foi nada demais. O que houve? — Menti descaradamente.

— Ah, deixa pra lá. Já é mais de meia-noite. Mais tarde nos falamos.

Como assim?! Ele me procura feito doido e agora não é importante?!

— Não, não... Agora fala. O que é que há?

O silêncio indicava que Tom estava escolhendo as palavras. Isso não era nada bom.

— Erik, o que é que foi aquilo na reunião? O que houve entre você e Bellanne? O clima estava tão denso, que eu até poderia tocá-lo! Vocês se conhecem? Por que não me disse?!

Esfreguei o rosto com as mãos, completamente arrependido de ter atendido ao telefonema. Falar de Bellanne, àquela hora da noite?

— Que droga, Tom, não podemos falar disso amanhã?

A lembrança de todo o dia voltou à tona. A cena excitante no engarrafamento, a minha extrapolação durante a reunião e depois... Bem, depois foi aquilo e mais aquilo. E agora, Thomaz estava me ligando, quase de madrugada, para me pedir satisfações?!

— Podemos, mas é que...

— Ela é petulante! — Explodi. — Ela estava colocando a maior banca para cima de você, e você lá, babando feito um panaca.

— Eu?! Eu não estava babando — sussurrou a última palavra. Certamente, Sophie, sua esposa, estava por perto. — Estava sendo cortês, o que, aliás, você também deveria ter sido.

Levantei e caminhei pela sala até a imensa janela de vidro, do alto do vigésimo andar.

— Eu teria sido, se ela não estivesse tão senhora de si, quase menosprezando a Drakkar.

— Ah, por favor, Erik! Pare já com isso. Você me deu carta branca para cuidar da campanha e eu escolhi Bellanne. Então, nos deixe trabalhar e seja

gentil com a moça. Basta ser gentil. Você vai ver que valerá à pena.

Dei dois suspiros, expulsando aquela exasperação de dentro de mim.

— Você está certo, Tom e... Olha, eu já consertei isso, tá bom? Eu já pedi desculpas a ela. Fui atrás dela e só faltei pedir desculpas de joelhos. Está tudo...

— Você o quê?! — A voz de Tom era puro espanto, surpresa.

Mesmo ao telefone, ele me desconcertou. Levantei do sofá e tirei os sapatos com os próprios pés, procurando palavras. Mas que droga! Eu não tinha que explicar nada!

— Olha, Tom, é isso... — Me esforcei para parecer gentil, sem muito sucesso. — Eu pedi desculpas e está tudo bem. Agora quero muito ir dormir. Tenha uma boa noite, dá um beijo na Sophie e até amanhã.

Não esperei resposta. Depois de tudo, eu já não aguentava mais escutar o nome "Bellanne". Voltei à cozinha, tomei duas aspirinas e me joguei na cama. Queria esquecer aquele dia.

Bellanne

Deslizei pelo banco envernizado do bar. Estava suada e exausta de tanto dançar. Mirei a pista e vi Lucien todo enroscado no pescoço do José, seu amigo cubano. Alex estava à um canto, tendo um papo bastante empolgado com um amigo seu, e Letícia fazia uma dança esquisita com Caio — algo envolvendo piruetas e *cambrets*.

Um forte assobio me chamou a atenção e olhei para o fundo do balcão. Raí me chamava, querendo saber se queria mais tequila. Eu neguei com o dedo indicador, mas fiz sinal que precisava de água.

Estava sentada no mesmo banco que, há cerca de duas horas, Erik havia sentado. Homem intrigante aquele. Evitei pensar nele naquelas últimas horas, enchendo a minha cabeça de tequila e música, mas agora, ele voltava a ativar minha curiosidade.

Por que apareceu ali? Será que sabia que eu estaria no *Cien Fuegos*? Não... Não tem como. E por que me irritava daquele jeito? Era porque estava querendo uma aproximação ou era para me desestabilizar, porque na verdade me queria fora de sua empresa?

É... Talvez fosse exatamente isso. Era clara a discordância entre ele e seu sócio, quanto à minha contratação, e me fazer desistir era uma jogada mais inteligente do que bater de frente com o Thomaz.

Estava tão distraída que só me dei conta da proximidade da Letícia quando ela já estava sentada ao meu lado.

— Gatão, traz uma água para mim também? — Pediu ao Raí, quando ele se aproximou trazendo a minha água.

— Encerrou o alambique? — Raí tinha intimidade suficiente com Letícia para brincar com ela assim, de forma que sequer estranhei.

Ela riu, daquele jeito meio grogue, mas que não me enganava: estava bem longe de estar bêbada. Tão longe quanto eu.

— Amanhã cedo tenho que iniciar uma contagem de estoque. Caio achou que seria incentivador dar uma lembrancinha às suas alunas. Resultado: uma baixa de nove tapetes, vinte incensos e seis pacotes de chia... De um quilo cada.

Enquanto falava, Letícia revirava os olhos e quase deitava sobre o balcão.

— Putz! — Soltei, enquanto abria a minha garrafinha de água, ansiosa por um longo gole. — Ele não fala com você antes de fazer essas coisas?

— Huuumm... — gemeu, pegando a água das mãos do Raí. — Digamos que ele escolheu a pior hora para me dizer isso. Tínhamos acabado de transar e eu concordaria com qualquer coisa, amiga.

Sorri por trás da garrafa.

— Esse cara entende das coisas — murmurei.

Let concordou, mesmo sendo claramente contra essas atitudes do marido. Esperei minha amiga beber todo o conteúdo da garrafa de uma só vez. Então, ela tampou a garrafa vazia e me encarou.

— Estou esperando.

Disse apenas isso e continuou me encarando. Eu sabia exatamente o que ela estava esperando. Já havia lhe adiantado em que circunstâncias tinha ocorrido a reunião na Drakkar e, principalmente, o episódio desencadeado pelo seu presentinho, mas aquela “*suricato curiosa*” esperava por mais. Esperava informações sobre o Viking do inferno, com o qual havia me visto conversar logo cedo.

— Nada demais, Suricato. Aquele era o tal Erik, que veio parar aqui Deus sabe como. Algum capeta deve tê-lo guiado. — Olhei para Lucien na pista de dança. Não queria encarar o olhar desconcertante de Letícia. — Disse que queria me pedir desculpas.

— Sério?! — Se houvesse qualquer vestígio de embriaguez em Letícia, este teria evaporado nesse instante. — Eu estava longe, mas deu para notar que ele é um gato! Um homem importante como aquele, vir se bater no *Cien*

Fuegos só para...

— Êpa! Pode parar! — Meneei a cabeça e fitei-a com fogo nos olhos. — Ele é importante lá para as quengas dele! Para mim, é gente como a gente e não há nada de especial nisso. E vir me pedir desculpas, faz parte de um plano sórdido para me fazer desistir do contrato. Só isso.

— E você ficar toda derretida também faz parte desse plano, Bellanne Fraise?! — disse, enfeitando o meu sobrenome com um falso e péssimo sotaque francês.

Abri a boca com genuína indignação.

— Não! Não fiquei derretida porra nenhuma, Letícia Mendonça!

— Ah, ficou sim! Mas também, que mal há nisso?! O cara é enorme, forte, gostoso, lindo e rico. Quem nunca, né?

A expressão de Letícia me irritou. Era como se ela descrevesse o maior e mais suculento *hamburger* da face da terra. Quase escutei a famosa musiquinha da cadeia de *fast food* americana.

— Por mim, ele pode enfiar a força, a gostosura e o dinheiro dele onde bem quiser. — E fiz questão de falar pausadamente. — Pare de fantasiar agora mesmo. Não rolou clima algum e ainda tem o Alex. Então, por favor, tire essa sandice da sua cabecinha oca.

— Para começo de conversa, você e Alex nem são namorados, Bell.

— É como se fôssemos. — Eu só queria encerrar o assunto. Era pedir muito?

— Mas não são. E adivinha quem é que foge do compromisso?

— Letícia, vamos mudar de assunto? Não rolou nada entre eu e o Erik. O que deu foi muito o contrário disso, ok?

Mas Let ficou ali, “pegando sério” comigo, me olhando fixamente, como se tentasse pescar algum lampejo de mentira em meu olhar. Até que começamos a rir, juntas.

— Vá à merda, Letícia! — falei rindo, enquanto buscava a boca da garrafa para beber o restinho da minha água.

Pelo canto do olho vi Alex e Caio se aproximarem e, antes que propussem qualquer esticada na noite, me adiantei.

— Alex, me leva pra casa? Estou exausta!

Pela cara que fez, ele tinha sim, planos de irmos para algum outro lugar. Provavelmente, comer algo em uma lanchonete 24 horas. Fiquei aliviada quando ele simplesmente assentiu e me puxou pela mão. Na passagem, deixei um beijo rápido na bochecha da minha amiga e acenei para Lucien, que me

ignorou completamente. Teve bons motivos.

Alex não ligou o som e nem deu sequer uma palavra por todo o caminho. Intimamente, agradei por esse favor. Com a cabeça recostada na janela do carro, pensava na loucura que havia sido aquele dia. Pensei também em meus pais e em Margie.

Lembrei que havia prometido almoçar com a minha mãe e que ainda enfrentaria uma prova de vestidos. E a reunião com a equipe de comunicação da Drakkar estava agendada para a parte da tarde. Seria um dia de cão! Mais um dia de cão, corrigi. E como já passava das duas da manhã, percebi que meu calvário já se iniciava.

Ao invés de simplesmente parar o carro na entrada do prédio, Alex girou o volante e entrou na garagem, dando sinal de luz para o porteiro, que já era seu velho conhecido.

Ergui a cabeça alarmada.

— Você vai entrar? — Esforcei para não parecer ofensiva.

— Claro. Podemos continuar a comemoração, só eu e você.

Um sexo gostoso com Alex não era algo para se recusar, mas sinceramente, hoje eu passaria a vez.

— Tem certeza, Alex? Vou precisar acordar cedo...

Mas ele já havia entrado na garagem e agora manobrava o carro.

— Tudo bem, amor. Posso te fazer uma massagem e vai acordar refeita, você vai ver.

Eu não tinha nem ânimo e ou forças para discutir. Apenas abri a porta do carro e saí para o elevador sem esperá-lo. Rapidamente ele me alcançou e me abraçou por trás, beijando-me o pescoço.

Estava claro que ele não tinha a menor intenção de que aquela noite terminasse em apenas uma massagem.

— Alex... — gemi, quase me rendendo à sua boca úmida e provocante.

— Tem câmera no elevador.

Bingo! Alex tinha pavor à exposição. Imediatamente se recompôs e conformou-se em apenas deixar a mão pousada em minha cintura. Quando o elevador abriu, eu já segurava a minha chave e não lhe dei chance de recomeçar as carícias. Joguei a bolsa sobre o sofá, tirei os sapatos e parti para o banheiro, mas quando ia fechar a porta, ele colocou a mão e a segurou.

Seus olhos estavam que eram só luxúria.

— Bell, estou louco de saudade de você. Cara, você passou quantos dias viajando? Me dá uma chance.

Caraca! Ele estava certo, mas isso não queria dizer que eu teria que transar com ele, não é?

Ah! A quem eu estava tentando enganar? Bastaria meia dúzia de beijos e uma colada naquele corpo lindo para fazer meu útero tremer.

Nunca fui muito resistente, em matéria de sexo. O desejo ardia nos olhos do Alex e aquilo acendeu algo grande em mim.

Por instinto, relaxei a mão na porta e ele entrou. No segundo seguinte, a língua de Alex estava dentro da minha boca. Senti o gosto de uísque ao longe e pensei que deveria ser o mesmo uísque que Erik estava bebendo.

Merda!

Apertei os olhos e me concentrei no corpo maravilhoso do Alex. Tirei a sua blusa e o acariciei. Senti minha calça escorregar pelos quadris e a sua mão apertar meu seio sob o sutiã tomara-que-caia. Ele os tomou em suas mãos e girou os mamilos como se fossem um *dial*, buscando a sintonia exata da minha estação.

Revirei os olhos.

As carícias me excitavam cada vez mais e escorreguei por seu corpo, beijando o peito tão bem trabalhado e retirando sua calça.

Entramos no chuveiro e enquanto a água escorria por nossos corpos, imaginei Alex me segurando com força e fazendo forte comigo. O imaginei segurando meus cabelos molhados e me pressionando contra a parede de azulejo, gemendo em meu ouvido e falando insanidades. Então, ele me abraçou mais uma vez e ficamos ali, sentindo a água morna escorrer entre nossos corpos.

A sua boca quente explorava meus ouvidos, meu pescoço e tornava aos meus lábios. Nos ensaboamos e menos de cinco minutos depois, estávamos na cama.

O Alex pesava sobre mim. Era um homem grande e com admiráveis predicativos sexuais.

Enquanto me invadia, mexendo-se cadenciadamente, lembrei-me de quando éramos bem jovens e começávamos uma amizade colorida. Ele era muito tímido e eu me apaixonava por um garoto diferente à cada semana.

No meio disso tudo, descobri rapidinho que aquele corpo de nadador grego, abrigando uma cabecinha adolescente, era um exímio laboratório para

as minhas experiências sexuais.

Foi bom demais poder me aventurar nas águas calmas e previsíveis do Alex. Margie me odiava por isso. Dizia que eu o estava usando, o que era uma grande mentira. Sempre curti o Alex e nos dávamos prazer mutuamente. Tanto, que estamos juntos até hoje. Ou quase isso.

É claro que tivemos outros relacionamentos não muito duradouros, mas somos como um abrigo seguro um do outro, quando chegam as tempestades.

As ondas de prazer cresceram rapidamente dentro de mim e eu me agarrei aos seus ombros fortes, sentindo-o arfar e gemer meu nome bem ao pé do meu ouvido. Acelerei meus movimentos, em busca do orgasmo rápido e relaxante que eu tanto necessitava, e só precisei de mais cinco segundos para deixá-lo fluir.

Alex também gozou. – Graças a Deus por isso! — Não conseguiria manter meus olhos abertos nem por mais dois minutos, e tendo a última recordação do dia antes de dormir, sorri, pensando no Erik, no vibrador e facilmente atribuindo uma linda nota 5 ao desempenho do Alex, então, apaguei completamente.

4º Capítulo



CAPÍTULO 4

Bellanne

"*Wake up*" soou do meu celular, e quando me virei e vi o Alex ainda dormindo, abdiquei do hábito de protelar a saída da cama. Se eu ficasse mais dez minutos ali, ele não me deixaria sair antes das oito.

Levantei rapidamente e coloquei uma calça de moletom, uma camiseta, preendi meus cabelos e calcei os tênis. Precisava respirar o ar marinho e pensar um pouco. Precisava muito ver o mar, olhar a linha do horizonte e sentir aquela imensidão.

Havia poucos carros na rua e alguns rostos conhecidos no calçadão. Selecionei a coletânea de *Blake Shelton* e iniciei um alongamento rápido, puxando o ar carregado de maresia e enchendo meus pulmões. Logo estava iniciando a minha caminhada.

Precisava preparar meu espírito para a prova de roupas com a mamãe. Ana Maria é uma mulher fascinante. Sempre muito elegante, discreta e inteligente — um modelo bem difícil de alcançar. Minha mãe sempre foi o exemplo a ser seguido por mim e por Margie, mas nenhuma das duas havia

conseguido chegar sequer perto. Margie, com seu jeito delicado, princesinha de ser, conseguiu me ultrapassar léguas, mas ainda assim, estava longe de fazer jus à Senhora Ana Maria Fraise.

Naquela manhã, eu iria encontrar a Ana Maria mais difícil de lidar: a que manipula sem ser autoritária; a que critica sem proferir uma única palavra de ofensa. Em vinte e sete anos, eu ainda não sabia como agir com esta sua versão. Por sorte, ela também sabia ser uma mãe doce, amorosa e encorajadora.

Eu já havia alcançado um ritmo de corrida confortável, mas o susto que levei ao ver o carro de luxo preto parado no semáforo fez meu coração disparar. Não podia ser...

Parei de correr e estreitei os olhos. Era o mesmo carro que o Erik usava quando nos vimos no congestionamento. Não é possível que nem na minha corrida, na minha zona de conforto, ele me daria sossego!

O semáforo abriu e, na medida em que o carro se aproximava, eu sentia o ar parar ao meu redor. O vidro era escuro e pouco dava para ver, mas quando ele passou bem ao meu lado, soltei o ar que nem havia me dado conta de que estava prendendo.

Era uma mulher ao volante.

Coloquei as mãos na cintura e soltei o ar com força, enquanto dobrava o corpo e ria de mim mesma.

Que idiota, hein, Bellanne?

Seria azar demais, esbarrar com Erik às sete e meia da manhã. Seria um sinal de péssimo presságio. Dei meia volta e retomei minha rota no mesmo ritmo em que estava antes de quase encontrar o Viking infernal.



— Bell? Vai querer ovos?

Cheguei da minha corridinha matinal e encontrei o Alex na cozinha e o cheiro de ovos fritos e pão integral torrado perfumando o ar.

— Quero sim, apenas ovos e suco. Tem uma jarra de suco de graviola na geladeira.

Passei direto para o banho e tomei uma ducha rápida, abdicando de lavar os cabelos para não me atrasar.

Quando voltei para a cozinha, a mesa estava impecavelmente posta. Alex usava apenas a calça da noite anterior e servia os ovos fritos na minha louça de margaridas: um presente delicado da vovó, antes de falecer, há dois anos.

— Nossa! Eu realmente precisava de um café assim!

Alex se aproximou com a frigideira na mão e me deu um selinho.

— Foi muito longe?

— Não. Só até a barraca do Zé. Preciso fazer algumas coisas agora de manhã, antes de encontrar a mamãe.

Alex sentou ao meu lado e, apesar de eu ter dito que beberia apenas o suco, fiz sinal para que ele me passasse a xícara e a jarra da cafeteira. Eu estava em constante negação do café, mas a verdade é que não conseguia viver sem esse pretinho.

— Mande um beijo para a minha sogra. Faz muito tempo que não nos vemos.

Eu ergui os olhos para ele, censurando-o.

— Alex... Se continuar iludindo a mamãe assim, teremos problemas para fazê-la entender que o único genro que terá é o Anderson.

— Era melhor que a gente não precisasse fazê-la entender isso, não é? — Ele havia parado de comer e estava me encarando, repentinamente aborrecido.

Não, não, não! “D.R.” agora não, por favor! Mas ainda assim, ele continuou:

— Bell... Ao menos aceite ser minha noiva. A nossas famílias esperam por isso desde que saímos da faculdade! Não entendo essa sua negativa...

— Ssss... — sibilei suavemente, fazendo-o calar. — Por favor, Alex, não é hora.

— Como não é hora, Bellanne? — Sua voz era irritantemente suave. — Em que hora será, então? Eu te dou toda liberdade, deixo você viajar para fazer as suas fotos, não implico com seus amigos, somos independentes financeiramente, somos sucesso na cama... Não entendo por que você tem medo de casar!

Levantei depois de ter comido todo o meu ovo e bebido tanto o café quanto o suco, enquanto Alex falava sem parar.

— Não tenho medo de casar! De onde tirou isso? — Levei a louça para a pia, aliviada por ficar de costas para ele, enquanto lavava o que havia sujado.

— Eu gosto de ser solteira e para mim está muito bem assim.

— E filhos, Bell? Não quer filhos? Não quer dormir e acordar comigo

todos os dias? — Apertei os olhos e rezei para que ele não percebesse a minha tensão. — Bell, somos perfeitos juntos!

Soltei o ar e meus ombros desceram. Enxuguei as mãos no pano de pratos e me virei para ele, apoiando o quadril na pia.

— Não penso em filhos agora, Alex. Não penso em casamento agora. E não vim ao mundo com um cronômetro grudado na testa. A beleza de não se saber quando iremos morrer é justamente isso: não sabemos. Se não sabemos, temos uma eternidade pela frente. Não vou atropelar o meu tempo, contando com um limite que não sei quanto será. Teoricamente, posso ter filhos até os quarenta anos. Teoricamente, posso me casar até os cem anos! Sendo assim, adoraria continuar convivendo com você, me divertindo com você, mas se não está bom para ti...

Em um segundo ele estava sentado, no segundo seguinte ele estava de pé, segurando meu rosto e me beijando.

— Tudo bem, tudo bem — disse, em meio ao beijo —, vamos parar com essa conversa, está bem?

Suspirei. Era sempre assim: Alex me pressionava, usava os argumentos mais manipuláveis do mundo e quando eu batia o pé, ele recuava. Foi assim quando terminamos pela primeira vez, quando tínhamos dezessete anos; foi assim quando coloquei fim definitivamente ao namoro, há dois anos; e estava sendo assim neste momento, bem no meio da minha cozinha.

Agora, ele iria concordar com absolutamente tudo que eu quisesse, mesmo que fosse a coisa mais inadmissível do mundo e, no mês seguinte, começaríamos o novo ciclo do "plano infalível" para me convencer a casar. E eu estava pressentindo que este novo ciclo seria ainda pior, com o casamento de Margie "batendo à porta".

— Alex, preciso te avisar que hoje e amanhã estarei muito ocupada. Hoje à noite as meninas virão para cá e amanhã precisarei trabalhar. Podemos nos ver no final da semana que vem. Tudo bem para você?

Eu o estava testando. Queria ver se concordaria mesmo com tudo, sem questionar. Ele caiu como um pato!

— Tranquilo, Bell. Se precisar de mim, é só chamar.

Droga! Pode parecer loucura, mas eu odeio isso! Odeio o fato de Alex concordar com tudo que eu digo. Odeio ele ficar "comendo pelas beiradas". Odeio o fato dele aceitar coisas que, eu sei, estão retorcendo suas entranhas!

Me esquivei do beijo que estava por vir e virei o corpo, estendendo o pano de prato que segurava até então.

— Preciso sair, Alex.

Ele se afastou, sentindo cada grama do elefante branco que acabava de sentar bem ali, entre nós dois.

— Posso te ligar mais tarde?

Olhei para ele com uma expressão que dizia "sério"?!

— Claro que pode. — Concordei sem muito ânimo — Se eu não atender, deixe recado. Como eu disse, o dia será complicado. — E lhe ofereci um sorriso sem graça, tentando aliviar a tensão.

Ele apenas me deu um selinho e entrou no banheiro. E eu... Eu afundei na cadeira mais próxima e comi a fatia de pão integral que ele havia deixado, tendo cuidado de besuntá-la excessivamente com *cream cheese*. Era a Dona Ansiedade mostrando suas garras.

Passei no estúdio e Mariana estava em uma conversa bem animada ao telefone. Soltei um beijo para ela e fui para o meu cantinho preferido: minha saleta com um sofá que dá vontade de afundar; uma estante repleta de objetos coletados em viagens e livros; uma janela de madeira muito charmosa e a minha mesa mega bagunçada. Um lugar para se esconder e esquecer o mundo.

Não muito tempo depois, Mariana veio falar comigo.

— Oi, Bell! Sua mãe ligou. Disse que cansou de escutar a mensagem da secretária eletrônica e preferiu escutar a secretária de carne e osso. — Eu ergui os olhos e a vi completamente rubra, sorrindo. Mariana era naturalmente loira, mas seus traços eram orientais. Uma garota linda, doce e eficiente. — Ela quis confirmar a prova do vestido, na hora do almoço.

— Ok, Mari, está confirmado. — Até Mariana estava rendida aos encantos de Dona Ana Maria Fraise.

— Ligaram também do escritório da Drakkar, uma tal de... — E consultou a agenda em suas mãos. — Flávia. Ela disse que você tem uma reunião com a diretoria às quinze horas. Pediu para te avisar que há uma vaga no estacionamento da empresa em seu nome.

Aquilo foi música para os meus ouvidos.

— Graças à *Jah*! A primeira boa notícia do dia!

Mariana riu e se balançou, com as mãos escondidas atrás do corpo.

— Bell, eu queria te pedir um favor... — Larguei os CDs com fotos que eu estava organizando e fitei-a com atenção. — Vou sair com um garoto hoje

à noite. Se importaria de me liberar um pouco mais cedo? Quero cuidar dos cabelos, fazer as unhas...

Estreitei os olhos para ela e meneei a cabeça, esperando ver em quantos segundos ela ficaria com o rosto vermelho como um tomate.

— Um garoto? Aos vinte e dois anos e você ainda sai com um garoto, Mariana?

— Err... Bem, ele tem vinte e quatro anos. Garoto foi só força de expressão. — Ela quase gaguejou.

— Mari, eu te libero desde agora, mas vai me prometer saber escolher um homem, eu disse um homem, que saiba te fazer tremer, querida. Ainda lembro do carinha que te levou para assistir *Dragon Ball Z* e jogar fliperama. Você merece bem mais que isso.

Ela riu sonoramente, ficando entre constrangida e animada.

Eu me recostei na cadeira e observei aquela garota. A conhecia há pouco mais de um ano, mas era como a irmã menor que eu sempre desejei que a Margie fosse.

— Esse garoto... O Jéferson, ele tem aquela coisa, sabe? Aquela pegada...

Ela me falava em confiança e aparentava estar entre mega envergonhada e doida para contar tudo e pedir conselhos. Ela tentava justificar suas escolhas.

— Ahá! — Ela não precisava justificar nada para ninguém, e por isso dei o conselho que toda mulher deveria seguir, inclusive eu. — É isso aí! Dê valor a quem tem pegada. Tem que saber tratar com delicadeza, com carinho e cuidado, mas também tem que saber dar aquele beijo de fazer o útero dar cambalhotas e as pernas ficarem bambas. Se não for assim... Nem gaste o batom!

Mariana estava com olhos arregalados e a boca entreaberta, mas sorria para a minha ênfase teatral na fala.

— Uau, Bell! Você deve ter um cara desse para cada dia da semana, não? Eu bem vejo como os homens olham para você.

Aí sim, eu gargalhei.

— Que “homem para cada dia da semana” o quê, garota! — Rimos juntas. — Minha vida é muito mais tediosa do que você pode imaginar. Quem me dera... — Suspirei e tornei a fitá-la. — Está esperando o quê? Se manda, Mari! — E a enxotei com a mão. — Com essa cara feia que você tem, vai precisar do dia inteiro para se arrumar!

E porque sabia que isso era uma mentira deslavada, ela riu e saiu

saltitante pelo estúdio. Minutos depois, escutei a porta bater e o silêncio me rodear.

Mergulhei na arrumação dos mais de oitenta CDs, esforçando-me para imaginar o encontro e a vida feliz que Mariana merecia, e não na reunião na Drakkar e em todos que participariam desta, ou não. Eu só saberia na hora.



Apanhei a "madame Fraise" na porta da sua casa exatamente ao meio-dia. Paramos em um restaurante elegante próximo à costureira e deixei mamãe escolhendo nossos almoços enquanto fazia um *pipi* e dava uns telefonemas.

Havia recebido um recado do casal Dannemann, dizendo que desejavam estender o ensaio comemorativo e incluir os filhos e netos. Minha cabeça fervia, já pensando nas fotos alucinantes que iria tirar. E, claro, no gordo acréscimo ao meu pagamento.

Modéstia bem à parte, ter um álbum assinado por Bellanne Fraise não saía barato.

— Lucien? Graças a *Jah*! Amor, você pretende chegar que horas à Drakkar?

— Eita, Bell... Nem sei se conseguirei ir. Estou indo para um almoço com os diretores da agência e não faço ideia de quando conseguirei me livrar.

Lucien trabalhava também para uma famosa agência de modelos.

— Ah, não! Sério que vou ter que enfrentá-los sozinha?

— Ei! Qual é, Bellanne Fraise?! Está com medinho do Thor?

— Vai à merda, Luciano! Aquele palhaço nem vai estar. A reunião é com a comunicação e já vimos que ele não sabe se comunicar muito bem, não é?

— Ainda não falamos sobre aquilo de ontem, mas deu para ver as faíscas. Por favor, se controle, "Bomballanne"!

— Ele não vai estar, Lucien, relaxe. Agora preciso ir, e vê se adianta esse seu assunto aí e aparece por lá. Eu te mato se me deixar sozinha.

Voltei para a mesa e senti todo o desânimo frente ao prato repleto de rúcula, ricota de búfala e tomate seco. Ah, sim... e ovos de codorna: a pseudo proteína.

— Mãe! O que é isso? — Olhava abismada para a flora que ela achava que eu iria comer.

Ana Maria Fraise me olhou como se eu tivesse acabado de falar mandarim.

— Isso o quê?

— Isso! — E aponte novamente para o prato à minha frente. — Essa ração para cágado.

Minha mãe riu com toda elegância do seu ser.

— Menos, Bell... Menos. Isso é uma refeição saudável, escolhida por uma mãe zelosa, que pensa na saúde da filha compulsiva.

Enquanto ela justificava, eu já acenava para o garçom.

— Minha saúde está ótima, mãe. Fiz *check-up* antes da viagem, lembra?

— Graças a Deus, Bell, mas é preciso se cuidar.

— Pois não, senhora. — O garçom se aproximou.

— Querido, por favor, pode me trazer uma porção desse filé de badejo ao molho de maracujá? — E mostrei a ele a foto succulenta no cardápio.

Minha mãe não disse nada, mas suspirou sonoramente.

— O que foi?! Estou saudável, estou faminta e terei um dia complicado. Não é como se eu tivesse pedido um mocotó com fritas, não é?

— Quero só ver como você vai entrar naquele vestido de dama de honra, depois desse badejo.

— Se eu não entrar, a costureira pensa em um jeito de aumentá-lo. Não vou usar nada me apertando e, muito menos, passar fome só para entrar em um vestido.

Eu tentava manter o tom de voz tão suave quanto o dela. Sabiamente, Ana Maria mudou o assunto e me trouxe os problemas de insegurança e ansiedade da Marjorie, mas minutos depois, ela retornou. Era uma estrategista, essa minha mãe.

— Filha... — Ela segurou a minha mão sobre a mesa, enquanto lamentava o prato de folhas deixado de lado. — Eu só quero o seu bem. Tenho medo que comece a ter problemas de saúde, além do mais, você está acima do seu peso ideal e isso não é bom.

Nesse momento, o garçom chegava com meu delicioso peixe.

— Eu sei, mãe... Sei que se preocupa comigo. Mas eu realmente acho que deveria se preocupar mais com a Margie, por exemplo. Ela anda muito estressada e isso sim, pode matá-la. Eu estou bem de saúde e super tranquila com meus “quilinhos a mais”. Não tenho visto ninguém reclamar, salvo você e Margie. Quer? — Perguntei, oferecendo-lhe um pedaço do badejo.

Ela sorriu e negou educadamente.

— Você tem razão. E por falar em "pessoas que não reclamam"... O Alex irá te acompanhar no casamento, não irá?

Terceiro Round!

— Ainda não sei, mãe. Não sei se estarei com ele na ocasião. Vai ficar chato sentar na mesa entre Alex e um provável namorado.

Quis rir, ao ver os olhos de minha mãe arregalando.

— Por Deus, Bellanne Fraise! Não vá causar um escândalo bem no casamento de sua irmã. Ela não merece!

— Então, não conte como certo Alex ser meu par. Sabe que não somos namorados.

— Como não são namorados?! Quantas vezes encontrei com ele na sua casa, de manhã bem cedo? Quem estava de agarramento com você, bem na sala de jantar da sua tia, durante o Natal?

Deitei os talheres educadamente sobre o prato e sorvi um gole da água tônica da mamãe. Lá vou eu de novo à velha, empoeirada e maçante explicação.

— Mãe, eu e o Alex somos grandes e bons amigos. Confiamos um no outro e sentimos tesão um pelo outro. Sendo assim, às vezes a gente transa, se beija...

Ela estava horrorizada e, não posso mentir, eu estava me divertindo.

— Bell...— Sua voz era apenas um fio. — Quer parar de tentar me constranger? Há anos eu os vejo juntos. E conheço bem as expectativas do Alex. Você o está enrolando, isso sim.

Não respondi. Conhecia bem aquele caminho e sabia que não daria em lugar algum. Terminamos nosso almoço em silêncio e, antes de pagarmos a conta, ela tornou a segurar minha mão e beijou-me os dedos, enquanto sorria e sussurrava um "eu te amo".



Ordinária!

Foi a palavra que me veio à boca quando vi o modelo dos vestidos das damas de honra, escolhido por Marjorie. Por sorte, não falei alto.

A cor era linda! Um rosa chá fechado, ajustado no corpo e longo. O decote era impossível de ser aprofundado, pois a gola ia até o pescoço,

deixando os ombros à mostra no modelo cava americana.

Aquilo ali iria delinear meu corpo e, como a minha cintura é afinada — com relação ao meu quadril generoso — ficaria um tanto "escandaloso", na concepção da minha mãe. Para completar, um franzido de organza e flores de seda adornavam a gola, dando a impressão de que havia um ninho de passarinhos bem embaixo do meu queixo.

— E então, não é lindo? Só acho que poderíamos, talvez... — E deslizou a mão pelo meu quadril. — Não, sei... Ah! Está bonito assim.

O quê?! Ela nem falou do tamanho da minha bunda?! Estou em choque!

Tive vontade de perguntar se não estava muito justo, mas lembrei que ela iria jogar o badejo com molho de maracujá em minha cara.

— Eu só gostaria de pedir uma modificação. — Dirigi-me ao modista que nos atendia. — Nada desse ninho no pescoço. Além de cafona, vai me dar coceira.

Foi sutil, mas vi quando o rapaz esboçou um breve sorriso, aliviado. Estou certa de que o pobre tentou convencer minha irmã a não incluir aquilo no modelo, obviamente sem sucesso.

— Humm... Sua irmã não vai gostar nada disso. Ela mesma escolheu essas flores de seda. — Mamãe ressaltou.

Bingo! Mas eu já estava arrancando aquilo de sob meu queixo.

— É exatamente por isso que ela aguardou tanto para que eu aprovasse o vestido, porque no fundo, sabe que meu gosto é melhor que o dela.

Minha mãe esticou os lábios em um sorriso meio maroto.

— Ela te esperou porque sabia que não gostar do vestido seria a sua desculpa para não ser dama de honra, Bell.

Eu apenas concordei, balançando os ombros e, enfim, gostando do que via no espelho. No entanto, assim que minha mãe nos deixou, saindo para atender ao telefonema do meu pai, chamei o modista às pressas.

— Ei! O que acha de uma fenda generosa bem aqui? — sussurrei, indicando com o dedo o caminho da fenda que viria até acima do joelho.

A resposta foi um brilhante e cúmplice sorriso.

5º Capítulo



CAPÍTULO 5

Bellanne

Depois de deixar a aliviada Ana Maria na portaria do jornal Diário, segui para a Drakkar. Fui recepcionada por um segurança na entrada do estacionamento que, após verificar a minha identidade, me encaminhou para uma vaga V.I.P e eu não pude deixar de notar que a minha vaga ficava na mesma área do *Maserati* preto do Erik Lars — só soube a marca do carro porque dei uma boa olhada na passagem, já que não entendo nada sobre carros.

Estacionei meu humilde *Kia* e optei por retocar a maquiagem ali mesmo, para não correr o risco de topiar com alguém sem estar ao menos com um batom.

Entrei no elevador e apertei o décimo segundo andar. Conferi o visual no espelho e fiquei satisfeita. Usava a calça jeans — daquelas que caem tão bem, que faz a gente revirar o mundo atrás de mais calças do mesmo modelo —, sandálias altas e uma blusa branca chique, com alcinhas: leve, elegante e *sexy*.

Ah! Quem eu queria enganar? Eu estava nervosa, sim. Estava até tendo leves espasmos no diafragma, mas meu nervosismo era porque receava dar de cara novamente com Erik e, mais uma vez, termos aquelas indisposições.

Era isso.

A porta do elevador abriu e eu caminhei distribuindo simpatia. Precisava acreditar nisso para não falar ou fazer besteira. A verdade é que eu estava revivendo uma sensação que há anos não sentia e já nem me lembrava como era: eu estava insegura.

Senti as cabeças virando para mim, e como eu não estava com uma melancia pendurada no pescoço, supus que era admiração. Sorri internamente, me sentindo um pouco melhor.

— Boa tarde.

A garota "irritante de tão bela" ergueu os olhos e, assim que me viu, levantou imediatamente.

— Senhora Bellanne. — E estendeu a mão, cumprimentando-me sem muito entusiasmo. — Como tem passado?

— Bem. — Estreitei os olhos com graça, tentando me lembrar o seu nome. — Flávia, não é?

— Isso mesmo. — O primeiro impacto havia passado e agora, ela começava a adotar a mesma prepotência que vi em nosso primeiro encontro. — A reunião está marcada para às quinze horas, mas a senhora já é aguardada.

Ela levantou e eu a segui. Sentia o coração acelerar e praguejei o Lucien. Se ele estivesse ali, eu estaria mil vezes mais tranquila.

Flávia abriu uma porta larga e luxuosa, dando-me passagem. O ar condicionado era bem mais forte ali e eu senti a lufada gelada antes mesmo de entrar.

Era uma sala completamente decorada em tons nude e dourado, mega requintada e, assim como a sala de reuniões, com a parede oposta à entrada completamente envidraçada, parcialmente encoberta por uma cortina que ia do teto ao chão.

De costas para mim e de frente para janela, apoiando uma das mãos no vidro, estava ele. De cabeça baixa, falava ao telefone.

Flávia fechou a porta atrás de mim e não me atrevi a interromper o telefonema do Erik. Apenas aguardei. E o observei, claro.

Apesar dele falar em alto e bom som, eu não conseguia compreender uma só palavra. Certamente, falava em dinamarquês, porque se fosse em inglês eu

compreenderia. Falava com calma, mas era possível sentir a autoridade no seu tom de voz.

Usava uma calça branca — eu não saberia dizer se era brim ou jeans — e uma camisa social azul, por fora da calça e com as mangas dobradas, surpreendendo-me. Eu sempre achei que homens como ele usassem apenas ternos no ambiente de trabalho.

Erik passou a mão pelos cabelos e ergueu a cabeça, ainda olhando pela janela. Deus do céu, não havia reparado o quanto era alto. Tinha os ombros largos, os braços fortes e o quadril, apesar de estreito, era proporcional.

Ele era todo proporcional.

E eu estava tão absorta na contemplação daquele bumbum divino, que fui pega de surpresa, quando ele se virou e me encarou, ficando tão constrangido quanto eu.

Eu acho.

Erik se despediu de quem quer que fosse ao telefone e o desligou. Senti os seus olhos descerem e pararem por dois segundos em meu ombro, para tornarem ao meu rosto logo em seguida. Ele havia notado a minha tatuagem: uma pequena borboleta azul em 3D.

— Bellanne... Não sabia que já havia chegado.

Droga! Eu estava completamente sem graça e isso era algo tão inusitado quanto incômodo. Segurei minha bolsa na frente do corpo, apertando o couro branco em minhas mãos e lutando contra os espasmos que sentia bem no meu estômago.

Era culpa do ar condicionado, que estava forte demais.

Não poderia ser nervoso. Não havia qualquer motivo para estar tão nervosa.

— A Flávia me trouxe aqui. Disse que estavam me aguardando.

Será que eu não tinha nada melhor para dizer?!

Ele não respondeu de pronto, apenas aquiesceu e, então, aproximou-se. Seu perfume me invadiu, com um aroma inebriante de almíscar e algo de cítrico.

Antes que eu pudesse me dar conta, Erik pousou a mão em meu ombro e, levemente, me puxou para um rápido beijo no rosto. Seu toque foi quente e firme, mas ao mesmo tempo suave, como se tivesse receio de me tocar, mas tocou. E eu senti cada dedo, o calor, o peso, o tamanho, a aspereza e também a contrastante maciez daquele toque.

— Sente-se, por favor. — Convidou, depois de se afastar.

Caminhei até a sua mesa e sentei em uma das duas confortáveis poltronas. Erik sentou na pontinha da sua mesa, bem na minha frente.

— Posso te servir alguma coisa? Acredito que tenhamos de tudo: chá, café, água, vinho, suco... — E sorriu, antes de retificar. — Menos tequila.

Sorri, surpresa com o seu poder de observação.

— Café está bom.

Ele esticou-se sobre a mesa e apertou o comunicador do telefone.

— Flávia, por favor, poderia providenciar um café para a senhorita Bellanne?

— E para o senhor? — Pude escutá-la, através do viva-voz.

— Nada, obrigado.

Com toda graciosidade, ele retornou à posição original e me olhou diretamente nos olhos. Nossa! Eu jamais havia visto um olho tão azul!

— A equipe de comunicação teve um contratempo, mas já deve estar chegando. — Eu apenas assenti para a informação. Onde foi parar a minha voz? Eu fiquei ali, sentada, de cabeça erguida, hipnotizada pelo azul intenso dos seus olhos.

Onde diabos estava o Lucien? Eu precisava dele como jamais havia precisado na vida!

— Tudo bem. Eu não tenho mais nada para fazer hoje. — *Como assim? Ele vai pensar que sou uma desocupada!* — Quero dizer... tenho a tarde livre.

Ele sorriu apenas com o canto dos lábios e meu estômago deu uma cambalhota. O que esse demônio *viking* está fazendo comigo?

Ele estava tão próximo, que sua perna quase tocava a minha. Empurrei um pouco a poltrona para trás e levantei, tendo cuidado para não esbarrar nele.

— Que vista linda, hein! — Falei rapidamente, olhando para a cidade através da imensa janela. Desviei de Erik, coloquei a minha bolsa sobre a mesa e me aproximei da parede de vidro.

A altura me deu um pouco de vertigem e, por isso, dei um passo para trás. Busquei um ponto de equilíbrio naquela paisagem. Um ponto que me trouxesse de volta a costumeira segurança, mas tudo o que senti foi a proximidade de Erik atrás de mim.

Ele não encostou. Estava à uma distância que me permitia ter total consciência do seu corpo e do seu perfume, mas não me tocava de forma alguma.

Pelo reflexo do vidro, vi que havia enfiado as mãos nos bolsos, mas não

consegui ver se sorria ou para onde olhava. Algo me disse que ele estava dando uma leve secada na minha bunda, mas isso não me incomodou.

Nem um pouquinho.

— É linda sim. A vista daqui é perfeita.

Ok. É claro que ele falava da cidade aos nossos pés e não do meu bumbum. Que ideia!

Ficamos alguns segundos em silêncio, apenas tomando consciência da presença um do outro e contemplando aquela tarde ensolarada, mas que a película de proteção não permitia penetrar na sala gelada.

— Legal a localização deste prédio, porque apesar de não ser tão alto, conseguimos ver boa parte da orla da cidade. Eu moro mais ou menos ali...

— E aponte para a esquerda, mostrando a ponta da orla. — Na Barra.

— Sêrio? Parece um bom lugar. — Ele deu um passo para a frente, colocando-se ao meu lado. De repente, pousou a mão no alto das minhas costas e senti minha pele queimar onde me tocava. Delicadamente, me inclinou um pouco para a frente, para que eu visse além da cortina, à minha direita. — E eu moro ali. Exatamente naquele prédio azul. O mais alto.

Uau! Onde você pensou que ele moraria, Bellanne? Ele é o dono da Drakkar!

— A vista deve ser ainda mais bonita de lá. Posso apostar que consegue ver a África ali do alto, não?

Ele riu do meu gracejo, e foi um som sutil, mas gostoso.

— É sim. É espetacular.

Esperei que ele me convidasse para "ver a vista do seu apartamento", o que seria bem típico. Eu estava retomando as rédeas do meu juízo e já tinha uma resposta atrevida na ponta da língua, prontinha para rebater.

— Eu gosto de lugares altos. São sempre os melhores.

What?! E o convite?!

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Ele observando a vista e eu engolindo minha resposta. Até que a porta abriu, sem que ninguém batesse, e Flávia nos surpreendeu, trazendo consigo a copeira com o meu café.

— Senhor Erik, a equipe de comunicação acabou de chegar. Eu os encaminhei para a sala que o senhor determinou.

— Ótimo, Flávia. Logo iremos também.

A secretária permaneceu parada por alguns instantes, apenas nos observando. Como preferi ignorar o olhar intrigado dela e dei atenção ao delicioso café que a gentil senhora me servia, nem ao menos percebi quando

ela se retirou.

Erik sentou em sua cadeira, de maneira displicente, apoiou o cotovelo no braço do móvel e apenas ficou me observando, enquanto parecia roer a pontinha do polegar.

Meu estômago deu mais uma volta, daquele jeito estranho, e eu senti uma imensa e inapropriada vontade de rir. Nada tinha graça, mas eu já me via gargalhando de nervoso.

— Pronto. Podemos ir? — Tentei me concentrar nos desaforos que eu iria dizer ao Lucien, para não começar a rir feito uma louca.

Erik levantou, apanhou o celular sobre a mesa e o enfiou no bolso de trás da calça. Seguimos juntos para a sala de reuniões, lado a lado, com aquela mão grande, quente e possessiva, serenamente apoiada sobre a minha omoplata.

Erik

Ela caminhava na minha frente, bem próxima a mim. A vontade de deslizar a mão pelo seu ombro e costas era real, mas prevalecia o bom senso. Sua pele macia parecia queimar sob meus dedos e os cabelos sedosos, roçando em meu braço, completavam o prazer que havia naquele mínimo contato.

Eu tentei, juro que tentei ser discreto, conter meus instintos e meus olhares. Queria apagar a impressão grosseira que passei em nosso primeiro encontro, mas as curvas da Bellanne não ajudavam.

Foi meio constrangedor, quando dei passagem para ela entrar na sala de reuniões e, acredito, tenha sido flagrado pela Flávia.

Foram apenas três segundos, mas tempo suficiente para imaginar uma sequência de imagens excitantes envolvendo minhas mãos e aquele quadril tão feminino. Foram apenas três segundos e quando ergui os olhos, Flávia desviou o olhar de mim. Esperava que ela não tivesse percebido.

Chegamos à sala de reuniões privativa — uma menor e mais aconchegante do que o lugar onde tivemos nosso primeiro encontro formal. — Estava localizada entre a minha sala e a do Thomaz, e lá estavam os três representantes da agência de publicidade contratada.

Flávia entrou logo depois de nós e apresentou Carol, Joyce e André à Bellanne. Eu já os conhecia.

Sentamos ao redor da mesa oval. Bellanne sentou espontaneamente ao

meu lado e me deu um sorriso tentador, ao jogar o cabelo para trás e recostar no encosto de couro. O perfume dela era muito bom e me dava uma imensa vontade de cheirá-lo mais de perto.

— Antes de qualquer coisa, eu gostaria de pedir perdão a vocês pela ausência do Thomaz. — Apoiei os braços sobre a mesa, ficando mais próximo de Bellanne. — Ele tem uma garotinha e ela não está muito bem hoje. — Um pequeno coro de "oh" se fez dentre os presentes. — Mas isso não prejudica a nossa reunião. André, por favor, faça a sua exposição.

Eu sentia o olhar de Bellanne e, de alguma forma, sabia que ela não era indiferente a mim.

Quando ela chegou, eu estava ao telefone com o Mateo e, apesar de saber que ela chegaria em breve, me surpreendeu vê-la parada no meio da minha sala. Foi uma surpresa gratificante tê-la ali, me olhando, vestida de branco e dourado, como um anjo.

Será que ela se deu conta do quanto seus ombros me perturbam? E aquela borboleta tatuada no ombro? Será que ela tem outras tatuagens? Seria interessante ter a chance de descobrir.

— Vimos sua proposta, Bellanne, e é realmente interessante. — André parecia um cara naturalmente entusiasmado e demonstrava a costumeira admiração que Bellanne despertava em todos. — Confesso que pensávamos em trabalhar em outra vertente, mas você nos trouxe algo tão inusitado!

Eu olhei diretamente para a mulher ao meu lado. Ela brilhava!

— Obrigada, André. Eu apenas pensei que seria prazeroso trabalhar a moda de outra forma e fico imensamente agradecida por vocês terem acatado a ideia. Afinal, acabei me metendo no trabalho de vocês.

Era estranho ver alguém tão seguro de si, exibir tamanha humildade. Mas era Bellanne e, ao que tudo indica, nada é estranho nela.

Detive-me um tempo olhando aquele rosto. Lembrava-me as divas do cinema antigo, glamorosas e explodindo de *sex-appeal*. Os lábios carnudos e pequenos, o nariz aristocrático, olhos inacreditavelmente sedutores e quando sorria, iluminava tudo ao redor.

Em certo momento, Carol segurou na mão de Bellanne sobre a mesa e lhe disse meia dúzia de gracejos, incluindo que adoraria trabalhar com ela e que gostaria que se reunissem para discutir umas ideias.

Será que Bellanne havia percebido que Carol estava a fim dela? Será que ela percebeu que eu estou a fim dela?

Ao final da reunião, ficou decidido que a partir das fotos de Bellanne,

seriam criadas peças publicitárias de toda espécie. Sendo assim, o trabalho da fotógrafa começaria logo no dia seguinte.

Me despedi do pessoal e observei Carol demorar-se na despedida de Bellanne. Aproximei-me, e novamente pousei minha mão no alto das suas costas, sentindo seu leve estremecimento, mas ela sequer me olhou. E antes que Bellanne mencionasse sua partida, toquei seu braço com delicadeza.

— Bellanne, se importa de me acompanhar?

Surpresa, ela assentiu, e após trocar beijos e observarmos por alguns segundos a esfuziante Carol se dirigir ao elevador, fomos para a minha sala.

Eu não sabia exatamente o porquê de tê-la segurado ali. Eu só não queria que ela fosse embora e muito menos que fosse embora com Carol. Que desculpa iria dar agora? Não fazia a menor ideia.

Fechei a porta e me adiantei até a mesa. O sol já estava se pondo e a luz rosada, que entrava fria pela janela, conferiu à Bellanne cores inacreditáveis!

Fiquei de pé, quase hipnotizado por aquela visão. Seus olhos pareciam uísque transparente, os cabelos tinham ouro nos fios e me senti um garoto diante de um ser etéreo.

— Bellanne, você disse que tinha a tarde livre... O que acha de comermos alguma coisa? A gente pode discutir algo sobre as fotos. Ou não. Se quiser, podemos apenas conversar...

Ah, droga! Conversar sobre trabalho? Sério?!

Ela sorriu e a visão se tornou quase irreal.

— Comermos algo, juntos? Eu e você? — Ela perguntou com algo de incredulidade em sua entonação. Instintivamente, balancei a cabeça, confirmando. Bellanne enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu um pequeno passo à frente, cruzando as pernas e parecendo estar avaliando a proposta. — Tudo bem. Mas se falar de trabalho, dou meia volta.

O ar, suspenso em meus pulmões, saiu de uma só vez.

— Sem trabalho. — Confirmei.

Apanhei a carteira na gaveta e a chave do carro. E quando caminhei até ela, mordi o lábio para conter o sorriso exagerado que ameaçava nascer, reflexo do meu contentamento.

Descemos no elevador falando sobre Lisa, a filha do Thomaz e minha afilhada.

— Espera. — Ela parou quando nos aproximamos do carro, na garagem. — Eu vim de carro. Melhor nos encontrarmos no local, não?

Não. Eu queria ela comigo. Queria que fôssemos juntos, conversando.

— Você não mora longe, não é mesmo? Podemos deixar seu carro em casa e vamos juntos.

— Tudo bem — disse, após analisar a proposta. — Me segue, então.

E quando a vi se dirigir ao carro branco, lembrei imediatamente do dia em que a conheci.

Bellanne

Eu estava fazendo uma série de besteiras: esqueci de dar a seta na hora de virar e quase encostei no carro da frente, quando o semáforo fechou. Nossos olhos se cruzavam no retrovisor interno e me permiti encarar aquela beleza viking.

Eu e você saindo juntos. Hummm... Aonde isso irá nos levar, Erik Lars?

Nos encarávamos e ele tinha aquele sorriso quase inexistente nos lábios, mas o olhar intenso.

Você é lindo, interessante, rico... Faço ideia da quantidade de mulheres que tem atrás de você. O que em mim está te instigando, Erik? Por que me chamar para sair? Eu pensava alto.

Não que eu não seja interessante. Sei que sou interessante, mas Erik não é qualquer homem lindo e sexy. Ele é "o cara" lindo e sexy. Devem ter "*angels*" da *Victoria's Secret* se jogando aos pés dele. Devem ter filhas de magnatas querendo beijar aquele corpinho.

Por que eu, Erik Lars?

Os olhos dele continuavam fixos em mim, até que as buzinas nos despertaram para o semáforo aberto.

Duas quadras depois, fiz sinal para ele, indicando que me aguardasse e entrei na garagem do meu prédio. É claro que eu não iria apenas guardar o carro.

Corri para o elevador e apertei o quinto andar ao mesmo tempo em que ligava para Letícia.

— Let, Let, Let.... Atende, mulher!

— Diga, filhota!

— Let! Ele me chamou para sair!

Letícia levou dois segundos para entender.

— O cara que você não estava interessada e era uma relação profissional, quando muito?! Que evolução, hein!

A porta do elevador abriu e eu já procurava a chave de casa no fundo da

pequena bolsa.

— Vou fazer de conta que não escutei sua ironia, tá? O fato é que ele me chamou para sair e eu tô uma pilha!

Entrei direto para meu quarto. Precisava renovar o perfume, escovar os dentes, retocar o batom, trocar a calcinha por uma mais *sexy* e pegar preservativos. Nunca se sabe.

— Uma pilha? Como assim uma pilha? Uma pilha, tipo nervosa?

Eu apenas murmurei, pois estava com a boca cheia de creme dental.

— Eu sei lá! Faz um tempinho que não transo com um cara que não seja o Alex — disse rapidamente, depois de cuspir. — Acho que perdi a mão.

A gargalhada de Letícia doeu em meu ouvido.

— Bellanne Fraise, eu já te vi no maior amasso com dois caras ao mesmo tempo. Deliciosos, por sinal, e você não estava nervosa. Quem não fica nervosa com isso, não pode ficar tensa porque vai sair com um cara. Por favor!

— Eu não sei por que ainda ligo para você nessas horas, Suricato — resmunguei, trocando a calcinha. — Estou precisando de alguém que me diga "vai dar tudo certo, amiga", mas não... Você não é uma boa amiga.

Ela riu novamente.

— Tá bom, tá bom. Vai lá, Bell. Dá uma chave de perna nesse cara e fica de boa que vai dar tudo certo. Depois me conta cada detalhe.

Peguei a cartela de camisinhas e destaquei uma, jogando as outras no fundo da gaveta. Mas antes de fechá-la, apanhei mais duas camisinhas. Estava sendo bem otimista.

— Eu deveria te castigar e não contar nada.

Bati a porta de casa e chamei o elevador.

— Não seja louca! Vou ficar acordada esperando, hein!

Desta vez, a gargalhada foi minha.

— Tchau, Suricato! — E ainda ria, quando desliguei o telefone.

Uau! O carro de Erik era completamente de couro por dentro. Me senti em um avião, e na primeira classe. Na mais exclusiva primeira classe.

— Desculpe a demora. Uma amiga ligou e precisei resolver um problema para ela.

— Não precisa se desculpar. Você não demorou.

Eu gostava da forma como ele falava comigo, sempre com aquela sombra de sorriso nos lábios, mesmo que estivesse sério um minuto atrás.

Fingi observar a paisagem, mas na verdade, admirava-o ao volante.

Adoro antebraço de homem e Erik tem um antebraço fenomenal! Ele girava o volante e eu me detinha na contemplação dos músculos dos seus braços sob a manga da camisa. O perfil nórdico, o ar viking.

E ri sozinha com esse pensamento.

— Algo em mente, senhorita Fraise? — E me olhou furtivamente. — O que quer comer?

Olhei para a rua à frente e tentei lembrar de algum lugar fantástico para irmos. Certamente, Erik não conhecia muita coisa na cidade. Seria legal levá-lo para um lugar especial.

— Gosta de comida japonesa?

Ele me olhou, primeiro nos olhos e depois mirou meu ombro, para a borboleta, retornando a atenção à rua, logo em seguida.

— Gosto sim. Para onde devo ir?

6º Capítulo



CAPÍTULO 6

Bellanne

Não era um restaurante da moda e nem fazia o tipo caríssimo, mas o lugar tinha um charme sem igual. Dividido em três salões, o melhor deles ficava no subsolo, onde havia uma varanda de madeira apoiada sobre uma escarpa, com vista para o mar. Sob a varanda, havia um jardim belíssimo, com imensos *flamboyants* que subiam e alcançavam a parte mais alta da varanda. As lanternas, espalhadas pelo jardim, davam uma aura aconchegante, e como era dia de semana, não haviam muitas mesas ocupadas.

O *maître* nos levou para a mesa que estava no local mais ermo da varanda, bem ao lado da balaustrada, onde os galhos dos *flamboyants* quase invadiam o espaço.

Nos sentamos e logo o *menu* nos foi apresentado. Enquanto decidia o que gostaria de comer, observava Erik por sobre o cardápio. Seus olhos azuis estudavam de cima a baixo as opções e ele mantinha uma expressão séria, encantadora. Por fim, decidimos pedir uma barca completa e vinho branco para acompanhar, depois que declinei do saquê. Não tinha a menor intenção

de perder a noção das coisas nessa noite.

— Então, senhorita Fraise, quando decidiu que seria uma fotógrafa brilhante?

Seu tom era jocoso e pensei que Letícia iria enfartar, quando escutasse a pronúncia perfeita do meu nome.

— Decidi? — Eu ri, não tanto por achar graça, mas porque me sentia em estado de graça. — Não decidi, simplesmente aconteceu.

— E as coisas simplesmente acontecem para você? Achei que apenas definisse suas metas e as conquistasse. Não me parece o tipo de mulher que espera as coisas acontecerem.

E porque havia um quê de admiração em seu olhar, me permiti não responder de pronto. O garçom já havia nos servido o vinho e notei o Erik a me fitar por sobre a borda da taça. Ele aguardava minha resposta e eu estava buscando na memória se alguma vez já havia esperado por um olhar daquele.

— Quando o que se quer é especial, às vezes, é bom esperar apenas que chegue até você. Naturalmente.

Ele sorriu, do jeito que se tenta segurar o riso para que ele não se torne um super sorriso. Erik era especialista nisso. No riso contido, dissimulado e *sexy*.

— Hoje, na reunião, eu vi que as pessoas não têm muita escolha. — Franzi o cenho, sem entender o que ele dizia. — Elas são "naturalmente" atraídas por você, senhorita Fraise.

Ri sonoramente.

— Se está falando da Carol, eu não fiz absolutamente nada para seduzi-la.

— Não precisa. Como eu disse... As pessoas não têm escolha.

Saboreei o primoroso vinho e decidi mudar o rumo daquela conversa.

— Foi por acaso. A fotografia. Eu sou jornalista, mas a fotografia me ganhou. — Ele assentiu, sem tirar os olhos de mim em nenhum momento. — E você, Erik... De onde vem? Quem é? Quais os seus hábitos alimentares e noturnos?

Rimos juntos da alusão à um programa de TV, especialista em vida animal.

— Eu sou filho de um empresário dinamarquês, nada simpático, com uma artista brasileira cheia de simpatia. Cresci em *Copenhague* e pouco depois que minha mãe morreu, fui embora de casa.

— Eu sinto muito por sua mãe. Você ainda era muito novo?

— Tinha dezesseis anos e meu irmão oito. Fui morar sozinho dois anos depois, mas só aos vinte um, com a minha parte da herança, pude começar a minha vida em Paris.

Ergui uma sobancelha, compreendendo por que a sua pronúncia do meu nome era perfeita.

— Foi quando começou a Drakkar?

Ele sorriu, enquanto me ajudava a abrir espaço na mesa para o garçom depositar a barca de *sushis*, *sashimis* e mais uma variedade de petiscos japoneses.

— Começamos, eu e Thomaz, com algo muito menor que a Drakkar, mas a coisa cresceu mais rápido do que poderíamos supor. Foi rápido mesmo.

Enquanto comíamos, Erik me contou sobre como a mãe, uma mulher dinâmica, alegre e com um espírito livre de artista, iniciou uma depressão que a levou a um câncer de fígado violento e fatal. No peso das suas palavras, e mais ainda na sombra de suas feições, pude perceber que ele culpava o pai pela tristeza e morte da mãe.

— Ele a sufocava. Bloqueava suas inspirações, queria retê-la de qualquer forma. Sabotava seus sonhos, desestimulava suas investidas e, por fim, a convenceu de que sua felicidade era cuidar apenas da família e do lar. E ela queria muito mais. Era uma excelente mãe e esposa, mas não só isso. Ele a matou. Matou sua alegria.

Me senti imensamente comovida com a dor que vi nos olhos do Erik. Não que ele deixasse transparecer facilmente. Foi justamente o contrário. Ele sorria quando seus olhos só tinham pesar. Brincava com fatos pesarosos, e no meio do assunto, comentava sobre o sabor do *sashimi*, como se quisesse dissipar a dor. Eu o achei ainda mais lindo por isso.

— E seu irmão? Ainda mora lá?

E vi seu rosto iluminar. Ah! Que bela visão!

— Mora, mas não por vontade própria. É louco para voltar ao Brasil. Costumávamos vir para cá todos os anos, antes da minha mãe adoecer.

— E por que ele não vem? Já é bem grandinho.

— Em parte, falta de coragem. Ele, ao contrário de mim, tem pena do Axel. Axel é o meu pai. — Explicou.

A garrafa de vinho já havia terminado e o garçom, prontamente, nos trouxe outra.

— Mas seu pai tem a nova esposa e a enteada, então, por que Mateo não faz o que tem vontade? — Ele havia me contado sobre a madrasta submissa e

sua filha dondoca. É claro que ele não usou essas palavras, mas sou boa intérprete.

Erik sorriu sem muito humor.

— Se conhecesse o Axel, você entenderia. Normalmente, as pessoas não têm vontade própria perto do Axel. Ele controla tudo e todos.

Apenas assenti, me sentindo mal com a possibilidade de existir alguém assim. E mais ainda, desse alguém ser o pai do Erik.

— Agora, sabe tudo sobre mim. Estou em desvantagem, senhorita Fraise.

Comi um *gunkan* e sorvi um longo gole de vinho.

— Meu pai é neurocirurgião e professor. É um cara fantástico. — Me senti um pouco culpada por ressaltar o quanto eu era sortuda por ter Paulo Henrique como pai, enquanto ele tinha o Axel. — Minha mãe é a senhora perfeita, mais conhecida como Ana Maria. É jornalista e escritora. Tenho uma irmã também, mais nova, que é a discípula ideal da dona Ana Maria, enquanto eu sou ovo azul da cesta. Às vezes acho que fui adotada.

Ele gargalhou e eu simplesmente amei aquele som. Por isso, provoquei aquela reação mais algumas vezes, contando as minhas diferenças com a Margie, falando sobre as minhas amigas loucas, e claro, sobre as minhas aventuras nas viagens a trabalho.

Erik

Ela havia pedido licença para ir ao toalete e eu simplesmente apoiei o queixo sobre a mão e observei aquele mar perfeito à minha frente. Estava sendo uma noite relaxante e divertida, como há muito eu não tinha.

Bellanne era um poço sem fim de histórias engraçadas, e quando ria, enchia o ambiente e contagiava. Era impossível ficar aborrecido ao lado dela. Minha mãe gostaria de tê-la conhecido.

— Desculpe se demorei. — Não havia o que desculpar. Eu esperaria o tempo que fosse. — Uma moça começou a puxar assunto lá no banheiro e parecia não parar mais.

Eu estava realmente começando a gostar da maneira como ela jogava o cabelo para trás sem precisar tocá-los. Em qualquer outra mulher iria parecer um movimento estudado, mas nela era nato.

— Você me falava sobre as *Devadasis*.

Ela ergueu uma sobrancelha e, sempre que fazia isso, algo em mim saía do lugar.

— Eu não disse que eram as *Devadasis*. Falei sobre mulheres que... Ei! Você conhece as *Devadasis*?!

Ri pela milésima vez, porque com ela era fácil.

— Conheço. Fui uma vez à Mumbai, na Índia, e elas estão em toda parte. É uma escolha estranha, a delas.

— Escolha? Acha mesmo que é escolha? Desde sempre, contam para elas histórias sobre a honra de servir à deusa por meio da prostituição e um sacerdote vai lá, paga aos seus pais por essas meninas e pronto. Elas passam a vida se prostituindo. Não vejo como uma escolha.

Ela estava certíssima. Aquilo não envolvia uma escolha. Se as *Devadasis* precisassem de uma advogada, Bellanne seria perfeita. Havia tanta paixão em seus olhos!

— Tem razão. Está mais para coação.

Ela estreitou os olhos para mim.

— Você utilizou os serviços de uma *Devadasi*, Erik Lars?

Gargalhei, chamando a atenção do único casal que ainda ocupava o restaurante, além de nós.

— Vai acreditar se eu disser que nunca usei os serviços de uma prostituta?

— Nunca?! Nem de uma garota de programa dessas bem caras?

Neguei veementemente.

— Nunca. Não dá nem para imaginar uma mulher na minha cama, sem que ela queira muito isso.

— E tem mulher que não queira? — Ela nem bem havia terminado a frase e vi sua face corar. — Quero dizer... Ah, esqueça o que eu quis dizer.

Tornamos a rir, mas fiz questão de responder.

— Até este momento, não tive problemas. Mas não foram tantas assim quanto você deve estar imaginando. Sou bastante seletivo.

Após alguns segundos de um olhar intenso e um pouquinho de constrangimento, quebrei o gelo.

— E esta borboleta? Pousou aí há muito tempo?

Como um reflexo, Bellanne baixou o olhar e mirou a borboleta azul em seu ombro.

— Algum tempo. É a minha borboleta da sorte.

— Você tem outras? Digo... Outras tatuagens?

Se alguém quiser dar ideias maliciosas a um homem, deve investir na expressão que vi no rosto de Bellanne.

— Tenho essa... — E mostrou no pulso direito uma máquina fotográfica antiga. — E outra em um local mais íntimo.

Eu simplesmente ergui as sobrancelhas, encorajando-a a falar e ela revirou os olhos, vencida.

— No quadril. A frase "*Follow the rabbit*".

Nossa! Fui acometido de uma curiosidade atroz e em segundos criei a imagem de como seria contornar cada letra dessa frase com a língua. Eu não diria algo assim à Bellanne, claro.

Não naquele momento. Mas acho que minha expressão me entregou, porque ela sorriu e baixou os olhos furtivamente, e quando os tornou a erguer, seus olhos brilhavam.

— Tire agora mesmo esta imagem da sua mente, Erik Lars.

Antes que eu pudesse me defender, ela olhou o celular.

— Puta merda, Erik! São uma da manhã!

Olhei no meu celular para confirmar. O tempo passou rápido demais.

— Eu poderia jurar que não eram nem onze horas! Você também manipula o tempo, senhorita Fraise?

Infelizmente, precisei pedir a conta. Teria o maior prazer em ver o sol nascer ali mesmo, naquela varanda ao lado dela. Uma companhia sem igual. Por outro lado... Da minha varanda também se via um nascer do sol incrível. Quem sabe?

Bellanne

Seguimos para o carro em silêncio. Ele com a já costumeira mão pousada no alto das minhas costas e eu com os meus pensamentos.

Erik se mostrava completamente diferente do que eu imaginava. Criei a imagem de um cara cínico, mulherengo, prepotente, mas ele não era nada disso. Ou parecia não ser. Se o fosse, seria muito mais fácil manter nossa relação no campo profissional. Mas como lidar com esse Erik sensível, cavalheiro e, ainda por cima, delicioso?

Ele ligou o som do carro e tocava uma música do *Matchbox 20*. No visor estava escrito "*Bright Lights*". O clima ali dentro estava muito aconchegante e, mais uma vez, me permiti admirar aquele homem, disfarçando meu olhar enquanto ele concentrava-se na rua pouco movimentada.

A barba e o bigode curtos eram de um castanho bem claro, com diversos

reflexos loiros, assim como seus cabelos, cílios e sobrancelhas. Cabelos cheios e sedosos, que estavam repicados até onde começava o colarinho. O nariz angular, combinava perfeitamente com os lábios cheios e vermelhos, como se pintados estivessem.

Os olhos dançavam pela rua, ora sendo acompanhados pelo erguer de sobrancelhas, ora apenas sérios. Então, olhou para mim, sério. Não foram nem três segundos, mas foi um encontro de olhares sem qualquer humor e sem displicência. Foi uma forte e incisiva conexão.

— Está tudo bem?

— Está. Acho que o cansaço chegou. — Justifiquei.

— Amanhã já começarão as sessões fotográficas?

— Não. Amanhã vou selecionar as moças da campanha.

Ele riu, provavelmente, lembrando-se no nosso primeiro embate.

— Não precisa começar tão cedo, não é mesmo? Você precisa descansar.

— Eu marquei para as oito horas, mas ficarei bem.

Minha casa se aproximava e eu o guiei pelas ruas, embora algo dentro de mim desejasse que o caminho fosse mais longo.

Por fim, Erik parou o carro na frente do meu prédio e desligou o motor. A penumbra desenhava seus contornos e tudo aquilo começou a me deixar realmente nervosa.

Era hora de despedir.

Eu não havia sentido nele a intenção de prolongar aquela noite e, se fosse qualquer outro homem, eu não teria problema em ser clara quanto às minhas intenções. Mas era o Erik, ou seja, deveríamos ter uma relação meramente profissional. Eu acho.

— Está entregue, senhorita Fraise — disse, torcendo o corpo para ficar de frente para mim.

O meu próprio corpo já estava mais ou menos de frente para ele e eu sequer tinha percebido que havia virado.

— Obrigada, Erik. Foi uma noite muito legal.

Então, ele ficou apenas me olhando. Ondas de calor e gelo passavam sucessivas pelo meu estômago e leves espasmos me faziam estremecer sutilmente. Deus do céu, o que estava acontecendo comigo?

Seu olhar estava fixo no meu, como se estudasse minuciosamente minhas íris — primeiro uma, depois a outra. Eu estava começando a ficar constrangida, quando seus olhos desceram para os meus lábios. Eu os entreabri instintivamente, apenas porque precisava de mais ar.

De repente, o ar condicionado do carro já não fazia diferença e tudo parecia se fechar ao meu redor.

Erik deslizou a língua, umedecendo e mordendo o lábio inferior, como se estivesse considerando dizer alguma coisa, mas com sérias dúvidas. Então, seu braço direito pousou no encosto do meu banco e seus dedos tocaram meus cabelos.

Fechei os olhos, buscando equilíbrio em algum lugar dentro de mim, porque eu já não tinha muita noção de nada à minha volta.

Quando tornei a abri os olhos, Erik estava concentrado nas carícias que seus dedos faziam nas mechas próximas ao meu rosto. Ele parecia tão calmo, tão sereno... Enquanto eu estava mais para uma represa prestes a explodir.

— Tem certeza? — A voz mais rouca do que o normal, como se tentasse sussurrar, mas fora traído pelo grave.

Do que ele está falando?

— Eu não tenho certeza de nada na vida, Erik. — A respiração saía com certa dificuldade e o toque de riso em minha voz ajudou-me a oxigenar o cérebro.

Ele tornou a me encarar, justamente quando seus dedos alcançaram e massagearam o lóbulo da minha orelha. Me encolhi, sentindo todo o corpo arrepiar.

— Queria que ficasse comigo essa noite.

Se ele usasse esse tom de voz para pedir que me atirasse do vigésimo andar, eu me atiraria. Mas a questão é que me atirar do vigésimo andar seria mais fácil do que entender o que se passava comigo, naquele instante.

Deus do céu, eu queria muito passar a noite com ele! Mas ao mesmo tempo, algo me dizia para não ir.

Nunca havia estado em uma situação dessa em minha vida: querer muito um homem, ser convidada a passar a noite com ele e eu, apesar de querer... não querer. Isso era absurdo!

— Eu quero... Mas não devo. — Aleguei sem muita certeza do que dizia.

Erik meneou a cabeça e a apoiou no encosto do banco. Um leve sorriso enfeitava o canto dos seus lábios.

— Achei que fizesse o que tivesse vontade, senhorita Fraise. O que está te impedindo?

Eu não respondi, simplesmente porque não sabia o que responder. A verdade é que não havia um motivo concreto. Seria pela relação profissional? Ora bolas! Eu estava me enganando o tempo todo. O próprio Thomaz disse

que eu trataria tudo com ele e não com o Erik. Somos adultos, vacinados e solteiros. Por que não?

Porque meu coração parecia que iria parar, sempre que eu pensava em dizer sim. Porque eu estava sufocando, ali naquele carro, com Erik tão próximo. Porque isso nunca, *never*, jamais em toda a minha vida aconteceu e meu estômago começava a embrulhar.

— Porque se eu passar a noite com você, não iremos fechar os olhos até que o sol esteja bem alto, e amanhã tenho muito o que fazer.

Usei a desculpa mais ridícula do mundo e, pelo jeito que me olhou, ele entendeu que era só desculpa, mas não insistiu.

— Tudo bem... — Seus dedos mergulharam mais fundo em meus cabelos e fechei os olhos, absorvendo aquela carícia. — Mas se não te beijar agora, quem não dorme sou eu.

Apenas senti sua mão puxando a minha nuca e, de repente, sua boca estava colada à minha. Eu o recebi com a mesma fome com a qual ele me devorava.

A boca do Erik era exatamente como eu esperava: quente, úmida e macia. Seu beijo foi além de uma perfeita conjunção de lábios e línguas, foi lava que desceu pelo meu interior e explodiu abaixo do meu ventre.

Todo o meu corpo despertou, para "desfalecer" logo em seguida, lânguido, mole e entorpecido. Em algum lugar da minha consciência, senti sua mão esquerda deslizar vigorosamente sobre minha coxa até chegar ao quadril.

Ele não avançou sobre mim, não me puxou para o corpo dele. Apenas suas mãos me tocavam, mas senti como se estivesse completamente entregue.

As nossas línguas dançavam e não era tango não... era *kizomba*! E quando ele finalmente parou de me beijar, ainda manteve a testa colada à minha.

Eu respirava o ar que ele exalava e vice-versa. E quando, enfim, abri meus olhos, vi que ele mantinha os dele fechados, aguardando, assim como eu, que a respiração normalizasse.

Então, afastou-se lentamente.

Suas mãos não me deixaram de vez, apenas deslizaram pelo meu corpo, como uma onda que recua com a maré. Ele abriu os olhos e me encarou, pousando novamente a cabeça no encosto do banco.

— Obrigada pela noite, Senhorita Fraise.

Engoli seco. Todo o meu "corpícho" estava quicando, suplicando que ele me beijasse novamente. E porque não tinha a menor ideia do que falar,

apenas sorri e abri a porta do carro.

De tudo o que aconteceu desde que acordei hoje, o mais difícil de explicar é como consegui caminhar até em casa. As minhas pernas estavam completamente bambas e foi um milagre eu não ter me esborrachado bem no meio da calçada.

Ele esperou que eu entrasse no prédio, mas quando virei para trancar a porta interna do saguão, ele já havia partido.

Erik

À uma hora da manhã, em um dia de semana, as ruas estavam desertas. Agradei mentalmente e pisei mais fundo no acelerador.

Não estava aborrecido, mas era óbvio que também não estava feliz.

De início, não tinha a menor esperança de terminar na cama com Bellanne, embora essa possibilidade estivesse em minha mente desde o primeiro momento. Contudo, a conversa caminhou de uma forma tão natural e agradável, que eu ficaria conformado em levar aquilo até amanhecer, mas aí ela me olhou daquele jeito e me disse aquilo sobre "qualquer mulher querer estar em minha cama". E, de repente, a ideia se tornou concreta. Todo meu desejo acendeu e minhas mãos começaram a queimar, ansiosas por conhecer cada centímetro da deliciosa senhorita Fraise.

Furei os semáforos sem me dar conta, pensava apenas no cheiro que ela exalava, em seu hálito e naquela boca. Uma dúzia de sugestões sobre aquela boca já me passaram pela mente e todas elas me deixavam nervoso.

Entrei na garagem, estacionei e rapidamente peguei o elevador, então me dei conta de que estava com o maxilar tensionado e uma sensação estranha entre a garganta e o peito. Eu já tinha construído todo o cenário mentalmente: ela em minha cama, gemendo, suspirando...

Droga! Eu não estava irritado com ela. Estava irritado comigo, por ter criado tanta expectativa. Por que ela não veio, se assumiu querer estar comigo? O que fiz de errado?

Abri a porta de casa e joguei as chaves sobre a mesa de centro do living, antes de ir até a geladeira. Peguei a garrafa de água e virei diretamente na boca.

Eu a beijei, mas ela também me beijou. Ela não recuou, não me rejeitou... Então, por que não veio?

E, de repente, a minha ficha caiu: *o namorado!*

Maldição! Ela disse: "Eu quero... Mas não devo". Só podia ser isso... O tal do Alex! Eu simplesmente havia esquecido dele.

Bati a porta da geladeira e fui direto para o quarto. Tirei os sapatos com os próprios pés e arranquei a camisa pela cabeça, sem abrir os botões. No caminho para o banheiro, retirei a calça junto com a cueca e entrei no chuveiro.

A água morna caía sobre a minha cabeça, esfriando a confusão de suposições. A imagem dela ainda estava viva, como se ela estivesse ali, bem na minha frente. Seu cheiro tão feminino e inebriante... A boca... Oh, Deus, a boca!

Imaginei aquela boca em minha orelha, sussurrando e gemendo rouco; senti seus lábios macios em meu pescoço, molhados, escorregando sobre a minha pele.

Senti os dentes arranharem meus mamilos e o calor do corpo macio de Bellanne colado ao meu. Senti sua pele, os seios, as mãos me tomando, me instigando. Visualizei nós dois ali, sob aquele chuveiro: ela se abrindo para mim, se entregando.

Apoiei uma das mãos na parede à minha frente e deixei a cabeça pender, sentindo o desejo crescer de forma alucinante. Me toquei, imaginando que eram as mãos da Bellanne, e ela me acariciou, primeiro de forma suave, para depois se tornar mais faminta. E eu a vi me devorar.

Eu senti sua boca, suas mãos, sua respiração.

Senti sua carne em minhas mãos, seus cabelos entrelaçados em meus dedos, e quando todo o meu sensorial se concentrou no quanto ela seria quente, úmida e estreita, explodi em mil pedaços de prazer, escorrendo sob o chuveiro, esvaindo-me em partículas pelo ar.

Minutos depois, quando já estava em minha cama, fitando o teto rebaixado com luzes indiretas, me dei conta de que não teria paz enquanto não a tivesse ali, na minha cama, sob meu corpo e completamente entregue a mim.

70 Capítulo



CAPÍTULO 7

Bellanne

Só *Jah* sabe como cheguei em casa. Sentia-me dissolver rapidamente e foi com essa sensação que me atirei na cama. Meu corpo estava em combustão e eu tive vontade de me bater, de verdade.

O que deu em mim? Onde eu estava com a cabeça quando disse que não poderia ir com ele?

Cada célula minha estava desesperada pelas mãos do Erik. Apenas algumas células, rebeldes e loucas, alojadas irregularmente no meu cérebro, eram contra essa ideia e sabotaram meu organismo. Deve ter sido isso!

Mas só de pensar em estar nua, deitada com aquele homem igualmente nu, me tocando, me enlouquecendo, já fazia meu estômago dar cambalhotas e meu coração disparar com o prenúncio de um ataque de pânico. E isso era totalmente novo para mim.

Já havia sentido algo parecido quando o grande fotógrafo, Sebastião Salgado, me convidou para uma reunião em sua casa; ou quando estava lá na África, depois de horas sob uma barraca de lona, aguardando o momento

perfeito para a fotografia e dois hipopótamos surgiram inesperadamente; ou quando precisei arrancar o siso. Mas com um homem?! Jamais!

Virei-me na cama, alcancei a bolsa e peguei o celular. Eram quase duas horas da manhã.

Dane-se! Amiga é pra essas coisas.

Abri o aplicativo de mensagens e digitei:

"Preciso falar com você. Preciso falar com alguém! Me ligue assim que puder".

Mande para Letícia, porque Tatiana nunca iria me perdoar por estar, na cabeça dela, traindo o Alex.

Esperei, esperei e nada de resposta. Então, virei para o outro lado e me enrosquei em posição fetal. As últimas coisas das quais lembrei antes de apagar, foram a mão de Erik em minha nuca e seus lábios, colados aos meus.



— Obrigada, Mari.

Pousei o café fumegante sobre a mesinha de canto.

— Coloquei pouco açúcar e uma gota de leite, como você gosta.

Sorri para ela. Mariana era sempre muito dedicada e atenciosa. Fiz uma anotação mental para dar-lhe um aumento, antes de viajar com Lucien para Ibiza.

Estávamos sentados em um confortável sofá — alugado pela Drakkar, especialmente para acomodar os avaliadores nos testes de fotografia para a campanha: eu, Lucien, Carol e André, da agência de publicidade.

À nossa frente, três jovens bonitas estavam prontas para os testes. Estávamos fazendo em baterias de três candidatas por horário. A ideia era ver como essas jovens se saíam, transformando-se de mulheres comuns em atividades corriqueiras, para mulheres glamorosas.

Já estávamos na quarta bateria com apenas duas escolhidas, quando André deu por encerrados os testes do dia e partiu com Carol em seu encalço. Eu estava exausta e agradei por isso.

Não demorou muito, Letícia chegou com Tatiana e algumas caixas de comida chinesa.

— Ei! Você deixa um recado daquele no meu celular e depois não atende

ao telefone. Quer me matar de susto?

Letícia veio até mim já reclamando, mas me abraçou, perguntando ao pé do ouvido se eu estava bem. Assenti.

— Eu precisava falar com você naquela hora, mas não foi nada sério.

Tatiana aproximou-se e me deu um beijo na bochecha, já começando a distribuir as caixinhas de comida.

— Bell, venha comer logo, está quase fria. — Tati chamou.

Nos sentamos, eu e Lucien no sofá, Tati e Mari nos dois *puffs* e Let no chão. Conversamos sobre os testes e as ideias para as fotos, e quando Tatiana e Mari levaram as caixas de comida e tudo mais para a copa, Letícia sentou ao meu lado, deixando-me no meio, entre ela e Lucien.

— Desembucha! O que foi aquela mensagem?

Sorri para Let, fazendo sinal, perguntando se Tati conseguiria nos escutar. Como ela negou, eu comecei.

— Saí com o Erik ontem à noite.

— *What?!* — Lucien deu um pulo no sofá. — Você saiu com aquele gostoso?!

Letícia riu e eu dei um tapa na coxa do meu amigo, para ele ser mais discreto.

— Cala a boca, Luciano! Sabe que a Tati é a maior puxa-saco do Alex e vai me encher a paciência com papo de traição.

— Alex que se dane! Todo mundo sabe que vocês não namoram. — Não era como se Letícia não gostasse do Alex, mas para ela, eu precisava de um cara com mais atitude.

— Bell do céu, esquece a Tati e me conta como foi que você evoluiu de querer matá-lo para comê-lo, em dois dias!

Fiz uma careta para Lucien enquanto retirava as minhas botas.

— Ele me chamou para jantar e eu fui, ué!

Por me conhecerem bem, meus amigos entenderam que eu precisava de um mimo. Coloquei a cabeça no colo do Lucien e Letícia pegou meus pés para massageá-los.

— E onde rolou, na sua casa ou na dele?

Eu ri de Letícia e dei um chute de mentirinha no queixo dela.

— Palhaça! Fomos jantar naquele japonês dos *flamboyants*.

Letícia segurou as minhas pernas e fez uma cara entusiasmada de quem descobriu a roda!

— Naquela rua tem um motel fantástico! Com uma suíte...

— Cala a boca, Letícia! Você só pensa em putaria, né? — Brincou Lucien, ansioso pelos detalhes. — Conta, Bell, no que deu?

Relaxei, suspendendo mais o vestido já curto e deixando que as mãos de fada da Letícia operassem milagres em meus músculos.

— Foi maravilhoso. Ele é encantador, educado, enfim... Um príncipe.

— Bell, sua avó nos dizia isso: "Uma dama na sociedade e uma puta na cama", lembra? Vale para homens também. Na cama, ele tem que ser putão.

Lucien respirou fundo para a pérola de Letícia e, assim como eu, estava odiando as interrupções, por receio da Tatiana retornar e termos que encerrar o assunto.

— Não fomos para a cama, Let. Ele me beijou, foi perfeito, mas eu não quis ir para a cama com ele.

— Você não quis?! — Perguntaram, uníssono.

Olhei espantada para ambos, mas a culpa me assolou. Eles estavam certos em estranhar.

— Não sei o que me deu. Ele me chamou para a casa dele e eu estava doida para ir, mas... Não sei. Me deu certo pânico. Algo me dizia para não ir, embora eu estivesse...

— Povo, estreou aquele filme da viagem espacial. O que acham de irmos agora, aproveitan... — Tatiana, que nos interrompeu de chofre, parou de falar e nos fitou com desconfiança. — O que foi? Por que essas caras?

Provavelmente, estávamos com os olhos arregalados, sem saber se ela havia escutado algo da nossa conversa. Bem, eu estava sobressaltada por esse motivo.

— Pode ser, Tati — respondi sem muita certeza. — Por que não vê se tem sessão por agora?

Tatiana não era boba e ainda ficou alguns segundos nos avaliando, desconfiada. Então, deu meia volta e foi para o escritório, acessar meu computador.

— Puta que pariu! Será que ela escutou? — Lucien sussurrou.

— Acho que não, mas ficou desconfiada. — Constatei.

— Com certeza não. Se tivesse escutado, eu teria levado um cascudo por estar te incentivando.

Eu estava rindo da lembrança da Letícia, sobre certo cascudo que recebeu de Tatiana, quando me aconselhou a "varrer" os surfistas do *Hawaii*. Contudo, quando ergui os olhos, dei de frente com a figura escultural do Erik, de pé, atrás de Letícia. Ele sorria apenas com os lábios e seus olhos passaram

dos meus olhos para as minhas coxas e delas de volta para me encarar.

— Erik?!

Sentei rapidamente, ao mesmo tempo em que Letícia se virava e Lucien sussurrava um "aí vamos nós!"

— Boa tarde. A porta estava aberta... Perdoem entrar assim.

Ok, minha alma estava no pé, encolhidinha. Erik usava uma camisa social preta, com as mangas dobradas e uma calça da mesma cor. O contraste entre a roupa e os seus tons naturais era uma verdadeira covardia contra meus nervos.

— Tudo bem. — Quase gaguejando, apresentei meus amigos. — Lucien você já conhece. Esta é Letícia e... — Tatiana vinha entrando na sala com olhos avaliadores, fixos em Erik. — Esta é Tatiana... E aquela é Mariana, minha assistente. Esse é Erik, executivo da Drakkar.

Erik cumprimentou as duas últimas, uma a uma, desculpando-se pela intromissão. Mariana, e a própria Tati, estavam de queixo caído.

— Já ouvi falar de você, Erik. Tudo bem? — Letícia, a mais assanhada, tratou de me envergonhar.

— De mim? Espero que bem. — Ele foi gentil, dando dois beijos rápidos em Letícia.

— Ah, bem demais! — Letícia sorria de um canto a outro das orelhas. — Nem tem como falar mal, não é?

Revirei os olhos e levantei do sofá. Aproximei-me dele e, segurando em seu ombro, dei-lhe dois beijos no rosto. Descalça, eu ficava bem mais baixa do que ele, apesar do meu 1,70m de altura.

— Que surpresa é essa?

— Na verdade, tentei ligar, mas você não atendeu. Na portaria havia apenas o jardineiro e ele me deixou entrar. Trouxe o catálogo com as roupas da coleção. — Disse, ao erguer a pasta marrom.

Eu o observei por alguns instantes, pensando que ele bem poderia tê-la enviado por um *motoboy*.

— Pensei que o Senhor Thomaz fosse ficar à frente disso. — Lucien se aproximou com um sorriso bem cínico nos lábios. — Tudo bem, Senhor Erik?

Erik apertou a sua mão.

— Apenas Erik, Lucien. Pois é, combinamos isso, mas ele anda tendo problemas pessoais, então, assumi a missão.

— Bem, meninas, sabe aquele cineminha que a Tati propôs? É hora de

irmos. Vamos, Mariana, Tati e Lucien?

Letícia não era uma mulher discreta.

— Estou atrapalhando vocês? — Erik enfiou as mãos nos bolsos. — Por favor, só vim entregar o catálogo.

— Não... — Lucien nem me deixou falar. — Bellanne não pode ir. Tem muito trabalho, não é Bell? Vamos meninas!

A agitação foi geral, mas eu apenas a percebi. Meus olhos estavam perdidos no azul dos olhos do Erik.

Letícia passou por mim e me deu um tapinha na bunda.

— É pênalti, amiga. Só você e a bola.

Eu ri. E penso que Erik talvez a tenha escutado, pois ele também sorriu.

Tatiana aproximou-se, chamando a minha atenção.

— Ei, Bell... A gente conversa depois, certo? — E beijou minha testa com muita seriedade. — Eu te amo.

Aquiesci. Acenei para Mariana e Lucien, ao vê-los saindo e fechando a porta. Então, se fez silêncio no estúdio. Parado à minha frente, estava o homem mais lindo, educado e delicioso que já conheci.

— Atrapalhei, não foi? — E fez uma careta, encolhendo o cenho.

— Não. De verdade não. — Caminhei em direção ao meu escritório e ele me seguiu. — Eu estava curtindo uma preguiça após o almoço e o pessoal estava a fim de ir ao cinema, mas eu não poderia ir.

Olhei para trás e vi que ele estava parado, observando minhas fotografias na parede. Erik estava qualquer coisa entre "tudo de bom" e "melhor do que nunca". Sorri para mim mesma e voltei minha atenção para a cafeteira e as cápsulas de café.

— Se quiser, podemos ir ao cinema. Quando você estiver disponível, claro.

Eu parei e o fitei. Fiquei tão encantada, que nem me dei conta de que sorria.

— Você é muito gentil, senhor Viking.

Ele riu largamente. E por isso ser tão raro, tornava-se algo precioso.

— Para ser sincero, estou feliz por não ter ido com seus amigos. Está vendo? — fez uma expressão travessa.

— Não sou tão gentil assim.

Olhei para ele de soslaio, um olhar maroto e fugaz, e procurei me concentrar na cafeteira.

Mas após poucos segundos de silêncio, Erik soou sério.

— Bellanne... O que houve ontem?

Apertei o botão para iniciar a cafeteira e me virei para ele.

— Sinceramente? Eu não sei. — Encostei o quadril de costas na minha mesa e apoiei as mãos na mesma.

Ele se aproximou e a luz que entrava pela janela fez os olhos dele parecerem água de uma piscina límpida. Meu peito apertou e senti o coração pulsar na garganta.

— Você disse que queria ir comigo. — A voz rouca, sussurrada, estava me deixando meio torpe. — Mas que não podia... Foi algo que fiz ou disse?

Sorri de nervoso. Ele estava perto demais. Tão perto, que eu sentia seu cheiro e o calor do seu corpo.

— Tudo o que disse e fez, foram justamente a parte que me fez querer ir.

Senti uma vontade idiota de sair correndo. Estava difícil respirar, e na medida em que ele chegava mais perto, mais o ar se tornava rarefeito.

Erik debruçou-se sobre mim e apoiou os punhos fechados sobre a mesa, de cada lado do meu quadril.

Ele estava fixo em meus olhos e minhas mãos queimavam com a vontade de tocá-lo.

— Tudo bem se testarmos seus limites mais uma vez?

Engoli seco e minhas pernas perdiam as forças. Sentia-me uma idiota, uma menina inexperiente e deslumbrada e, para falar a verdade, estava farta de me sentir assim, a presa fácil. Munida da coragem aliada ao desejo, ergui a mão e acariciei sua barba, surpreendendo-me com tamanha maciez. Ele fechou os olhos e quando tornou a abri-los, havia fogo neles.

Sem conseguir resistir, deslizei a mão até os cabelos e de lá, mergulhei em sua nuca, puxando-o para mim.

Mal seus lábios tocaram os meus, senti como se sugasse minha alma. Erik me invadiu sem a menor cerimônia e eu o recebi de muito bom grado.

Por entre nossas bocas, puxei o ar, quando senti seu braço forte envolver minha cintura e me erguer, fazendo com que eu sentasse sobre a mesa e, conseqüentemente, abrisse as pernas para recebê-lo entre as coxas.

Nossos quadris ficaram na mesma altura e ter o corpo de Erik colado ao meu, ainda que estivéssemos vestidos, trouxe-me uma emoção diferente de tudo que eu conhecia. Foi como se eu tivesse esperado por isso a vida inteira.

Erik

Toda a minha atividade mental estava em Bellanne. Seu cheiro, suas formas tão femininas, a boca macia, os gemidos que escapavam dos lábios colados aos meus... Ela era tão cheia de experiências sensoriais, que não havia espaço para mais nada.

De seu corpo emanava um calor abrasador que me aquecia e queimava sem arder. As mãos, de afiadas unhas cor de vinho, tateavam meus ombros e braços numa fome que me levava às alturas.

Eu tinha ânsia em tocá-la e o fiz sem pedir licença. As coxas grossas envolviam meu quadril e eu deslizei minhas mãos por elas — desde os joelhos até o quadril. Eram firmes e aveludadas e o desejo e apertá-las, de mordê-las, me assaltou.

Enquanto explorava sua boca pequena e quente, saboreando a língua tão ferina e mordendo aqueles lábios que me atiçavam, respondia aos movimentos do seu quadril. O calor que emanava do seu sexo atravessava as minhas calças e me tomava de maneira quase dolorosa. Eu queria tanto esta mulher, que estava à ponto de arrancar a sua roupa ali mesmo.

Como se reconhecesse terreno, tateei parte por parte do seu corpo, gravando aquele relevo fantástico. Apertei seu quadril largo e me visualizei sob ela, segurando-a e forçando-a contra mim.

Deslizei pela cintura afunilada e me perdi em fantasias ainda mais ousadas. E quando subi as mãos por suas costas, Bellanne empertigou e deixou meus lábios, erguendo a cabeça e deixando-a pender para trás. O seu cheiro me guiou e eu cravei os dentes naquela garganta.

Meus lábios estavam em todas as partes, beijando a orelha, mordendo o maxilar, chupando a boca.

Mergulhei a mão em seu cabelo preso e não me importei por estar desfazendo-lhe o coque. Tão pouco ela se importou. E quando Bellanne gemeu meu nome ao meu ouvido, investi duro contra ela, me esfregando sem dó e tendo como resposta maior acesso à sua intimidade. Ela se abria para mim.

Bellanne

Meu vestido estava suspenso até o quadril, estávamos sobre a minha mesa de trabalho, meu coque estava destruído e eu só conseguia pensar na boca, nas mãos, no hálito excitante do Erik contra a minha pele.

Deus do céu! Eu daria o que ele pedisse ali mesmo, sem nem pestanejar.

O beijo do Erik já seria o suficiente para me fazer perder o tino, mas ter aquele homem entre as minhas pernas, com suas mãos em todos os lugares e a boca arrancando meu juízo, estava me fazendo questionar até a minha existência.

Cheia de orgulho, confesso que havia empurrado a minha "fulaninha melindrosa e amedrontada" para algum canto do meu inconsciente e estava bem mais preocupada com a falta de camisinha no meu escritório do que com os espasmos nervosos na boca do estômago.

Os pensamentos chegavam confusos e incompletos. A ereção do Erik, esfregando duro contra meu sexo, estava tirando a minha capacidade de raciocínio e tudo o que conseguia pensar era que queria mais e mais.

A sensação dos músculos de seus braços sob as minhas mãos, o hálito gostoso e quente percorrendo a minha garganta, o gosto da sua pele... As ondas de prazer estavam num crescente sem fim e eu sabia que o gozo não demoraria a chegar. Eu estava mais do que pronta para recebê-lo e sem forças para suportar.

O torpor me fez quase desfalecer, e quando inclinei-me para trás, arqueando as costas sobre a mesa, Erik começou a morder meus seios sob o vestido. Escutava meus próprios gemidos como se fossem de outra pessoa, escutava-o gemer meu nome como se fosse alguém a quilômetros de distância.

As vibrações de prazer que vinham do encontro dos nossos sexos explodiam e uniam-se às tantas outras fontes de prazer que aquele homem me proporcionava. Deixei que ele deslizasse meu vestido até a cintura e arquejei, delirando com o contato das suas mãos no meu ventre, mas quando seus dedos mergulharam por baixo das laterais da minha calcinha, um jato de água fria jorrou sobre nós: o telefone tocou bem ao lado dos nossos ouvidos.

Tocou a primeira vez e o ignoramos; tocou a segunda vez e nos incomodou; mas na terceira vez, Erik largou-se sobre meu corpo, arqueando-se e pressionando com força seu quadril contra o meu.

— Puta que pariu! — murmurou contra meu seio.

Eu ri, enquanto tentava respirar. O que mais poderia fazer? O gosto amargo do desejo frustrado chegando à garganta e o sangue ainda pulsando firme em meu sexo.

— Não acredito nisso... — murmurei, enquanto esticava a mão e alcançava o telefone fixo sobre a mesa.

— Fala. — Tive consciência de que não fui muito gentil e de que ainda

arfava.

— Dona Bell, o senhor Alex está aqui na portaria. — *Puta merda! O Alex não!* — Em outros tempos, eu deixaria ele entrar direto, mas a senhora sabe que os condôminos reclamaram da gente não anunciar...

É, mas Erik entrou sem problema algum.

— Sei, sei, sei... — Soltei o ar com força, enquanto acariciava os cabelos do Erik e encarava seus olhos azuis. — Tudo bem, Dênis. Pode liberar.

Entendendo a deixa, Erik ergueu-se e me levou com ele. Sua expressão era a mesma de um menino que vê quebrada a promessa de passear com os pais. Eu lhe sorri, quase me desculpando.

— O Alex está aqui.

Ele ergueu as sobrancelhas, enrugando a testa.

— Seu namorado?!

Revirei os olhos, tocando-o no peito e afastando-o para que eu pudesse descer da mesa.

— Ele não é meu namorado. — A expressão de Erik mudou visivelmente. — Mas é alguém muito especial para mim.

Não vi como ele reagiu a esta colocação porque me preocupei em descer o vestido e me recompor. Sacodi o cabelo para frente e para trás e soltei o ar com força. Hora do show!

Abri a porta e, embora me esforçasse para parecer natural, sentia meu rosto arder.

— Oi, Alex.

Ele me segurou pela cintura e me deu um selinho. Nem tive tempo de reagir.

— Ainda bem que peguei vocês aqui. A sessão será que horas? — Ele foi entrando e procurando o pessoal na área do estúdio. — Cadê a turma?

Eu parei e, de onde eu estava, tanto via Alex no meio do estúdio, quanto via Erik sentado no sofá, dentro do escritório com um catálogo de fotos aberto no colo. Ele ergueu os olhos e me sorriu, descaradamente.

— Alex, eles não estão aqui. Já foram. — Respondi.

Ele abriu o maior sorriso do mundo e veio para mim com tudo, me agarrando pela cintura, mas antes que alcançasse minha boca, eu o detive com as duas mãos em seu peito.

— Alex... — E virei o rosto para o escritório. — Esse é Erik.

Senti Alex afrouxar os braços gradativamente e depois me encarar com um vinco enorme entre as sobrancelhas.

— Quem é esse cara, Bellanne? — Perguntou, quase irritado.

— Um dos executivos da Drakkar.

Tratei de me desvencilhar de vez e caminhei para dentro do escritório. Erik levantou-se e estendeu a mão para o Alex.

— Muito prazer. — A voz calma nem de longe parecia pertencer a alguém que estava gemendo três minutos antes. — Já nos vimos no bar mexicano. Tudo bem?

— Ah, é você... Novamente.

Oh, oh! Eu conhecia aquela cara e sabia bem que o sangue do Alex começava a ferver.

— Erik, esse é o Alex, um *amigo* muito querido. — Fiz questão de dar ênfase ao "amigo", para aclarar as coisas, e enfrentei a imensa interrogação no rosto do Alex. — O Erik veio me trazer um material e ficamos batendo papo. O pessoal já saiu e se correr, consegue a mesma sessão que eles.

Meu coração apertou quando vi o olhar perdido do Alex. Ele sabia que eu tinha outros caras, como eu sabia que ele, às vezes, "viajava em outras pernas", mas nunca tivemos o desprazer de encontrar nossos pseudo rivais.

— Ele... Ele vai ficar aqui? — Alex questionou e cada palavra veio carregada de indignação.

— Não. Sinto que estamos atrapalhando Bellanne. — Erik colocou o catálogo na prateleira e tocou meu ombro, me puxando para um beijo no rosto. — Seria melhor deixarmos que ela trabalhe em paz.

— Eu vou ficar um pouco mais. Preciso conversar com ela. — Alex quase bateu o pé de birra.

E pela primeira vez, vi o Erik amuar. Ele travou o maxilar e o vinco entre as sobrancelhas apareceu. Eu não gostaria de ser o alvo daquela exasperação. Respirei fundo e mordi o lábio.

Onde fui me meter?

Segurei no braço do Erik, indicando que ele deveria ir embora.

Ele fez um aceno de despedida sutil para o Alex e caminhamos juntos em direção à porta.

— Está tudo bem. — Falei, quando chegamos à porta da rua, me adiantando e prevendo o que ele iria dizer. — É difícil, mas ele precisa entender que não pertencem a ninguém.

Erik me puxou para fora, para longe do olhar do Alex, e me encurralou contra a parede. Seus lábios sugaram os meus e eu me senti dissolver. Ridiculamente, todo o meu corpo obedecia, aos seus comandos.

— Não terminamos, senhorita Fraise.

Eu encarei aquele azul agoniante.

— Não terminamos, senhor Viking do inferno.

Ele riu e tornou a me beijar em meio ao riso, antes de sair para o seu carro.

Não o vi partir. Logo voltei para dentro do estúdio, mas antes de dirigir-me ao escritório, respirei fundo três vezes. Estava me sentindo em uma montanha-russa, cheia de *loops* e sem freios.

Quando entrei no escritório, Alex estava de pé ao lado da mesa que há pouco eu quase havia colocado a baixo com Erik. Uma das mãos estava metida no bolso, e com a outra, mexia aleatoriamente nos CDs de fotos.

— Ele já foi?

Ops! Não gostei do tom.

— Sim. O que quer falar comigo, Alex?

Ele me olhou e senti um arrepio nada prazeroso.

— O que há entre vocês?

Ergui uma sobrancelha e caminhei até ele, respirando fundo e procurando as palavras certas.

— Uma atração. Por enquanto, apenas isso.

— Por enquanto?! O que há com você, Bellanne? — Sua voz subiu alguns decibéis e me fez arregalar os olhos.

— Como assim, "o que há comigo", Alex? O que há com você, para chegar aqui e achar que pode falar alto comigo?

Ele ficou me olhando, fixo, tenso. Sustentei seu olhar, embora meu estômago tremesse.

— Desculpe — disse, sem qualquer sinal de humildade —, mas não posso aceitar que você tenha dormido comigo ontem e transado com esse cara hoje. Não aceito!

— Eu dormi com você anteontem e, embora não tenha transado com ele hoje, se o tivesse feito, não seria da sua conta. Posso dormir com ele e mais quatro e, ainda assim, não será da sua conta.

A pálpebra do Alex tremia e vacilei frente à cogitação dele ter um ataque do coração.

— Não é justo comigo, Bell. — Uau! Ele passou de "homem-trovão" para "garotinha assustada" em menos de dois segundos. — Temos uma história.

— Temos sim, Alex. E nessa história ficou bem claro que somos livres.

A respiração dele bateu violenta em meu rosto e engoli seco. Poucas

vezes o tinha visto alterado desta forma.

Ele baixou a cabeça e enfiou as duas mãos nos bolsos.

— Eu sei... Mas é muito difícil para mim.

Toda a sua dor, sua raiva e decepção bateram em meu peito. Apesar de tudo ser muito prático para mim, eu podia entender o quão difícil estava sendo para ele.

Por mais que eu tivesse deixado claro, Alex nunca se esforçara muito para compreender. Ele já havia encontrado uma camisa de outro homem em meu guarda-roupa, já tinha me visto conversar com outro ao telefone, mas nunca havia tido uma evidência tão real quanto encontrar o rival cara a cara. E para piorar, eu tinha consciência de que o "sim, estávamos praticamente transando" estava estampado na minha testa. Meu coração doeu.

— Alex... — Segurei seus ombros e depois o seu queixo, forçando-o a me olhar. — Por favor, tente entender.

— Eu te amo, Bell. Eu te amo e sempre te amei.

— Eu sei — entoei de forma quase maternal. — E sou muito grata por isso. Eu tenho plena consciência do quanto sou sortuda por ter o seu amor, mas eu simplesmente não posso retribuí-lo. Não como você espera e merece.

Seus olhos dançavam entre uma e outra pupila minha, e havia um quê de desespero nesse movimento.

Lentamente, seus dedos percorreram meu pescoço e foram para a minha nuca. Arrepiei. Fechei os olhos e busquei meu controle, mas antes que pudesse abri-los, minha boca foi tomada pelos lábios de Alex. Sua língua me invadiu e eu tentei virar o rosto, mas ele o segurou com as duas mãos.

Tentei empurrá-lo, espalmando as minhas mãos em seu peito, mas ele me pressionou contra a mesa. Enverguei o corpo para trás e para o lado e, por fim, consegui escapar.

— Que merda, Alex! — Me afastei com passos largos. — Que droga! Vai embora daqui!

Em meio segundo ele já estava perto de mim novamente, mas desta vez, não tentou me agarrar. Tinha as mãos perdidas, como se quisesse contê-las e estivesse lutando por isso.

— Desculpe, desculpe, desculpe.... — Tentou me tocar e eu recuei. — Que merda eu tô fazendo? — sussurrou para si mesmo.

— Está mesmo fazendo uma grande merda. — Apesar de estar condoída pelo seu desespero, mantive a entonação ríspida. — Melhor ir embora. Vá esfriar a cabeça e nos dê um tempo.

Alex me encarou, e novamente senti um arrepio esquisito. Uma sensação de arrependimento, pena, e ao mesmo tempo, um desejo imenso de que ele fosse embora o mais depressa possível.

Alex continuou me encarando até o clima ficar realmente constrangedor, então, simplesmente desceu o olhar e saiu.

Eu girei no meu próprio eixo e me deixei desabar no sofá. A esta hora, meus amigos deviam estar acomodados nas poltronas do cinema, curtindo um filminho e comendo pipoca. E eu deveria estar lá, com eles, longe desse furacão todo.

8º Capítulo



CAPÍTULO 8

Erik

A garota mais linda, mais esperta e faladeira do mundo inteiro correu em minha direção e pulou em meus braços.

— *Tio Elik!*

Lisa agarrou meu pescoço com força e beijou meu rosto.

— Pensei que estava zangada comigo!

Tinha apenas quatro anos e parecia-se muito com a mãe.

— *Eu tô mesmo! Você julgou que me levava pro cinema, mas não veio não.*

Achei graça na sua fala, ainda incapaz de pronunciar certos fonemas.

— Oh, meu amor... — Dei um beijo demorado em sua bochecha. — O tio não pôde vir, mas avisei ao seu pai. Aquele malandrinho não lhe disse?

Ela fez carinha de manha.

— *Disse, mas eu queria ir.*

— E o que me diz de irmos agora?

— *Agola?! É pra ver o filme da Barbie, né, tio?! — Fiz que sim. — Posso*

ir vestida de plincesa? Posso? Posso?

Ela comemorou em meu colo e eu ri, imaginando as pessoas olhando um homem de um metro e noventa, de mãos dadas com uma princesa de oitenta centímetros.

— Você pode tudo, Lisa.

Coloquei-a no chão e ela saiu correndo, gritando pela mãe como se houvesse um incêndio.

A casa do Thomaz era grande e bem localizada, em um condomínio fechado. Cada cômodo me lembrava muito as casas dinamarquesas, com tons crus e tapetes para todos os lados.

Encontrei meu amigo na sala de jantar. Estava terminando sua refeição.

— Ah! Eis o culpado de toda essa gritaria! — Apontou para mim, terminando de limpar os lábios com um guardanapo de linho.

Sentei ao seu lado e belisquei o assado no centro da mesa.

— Você não me convidou, mas já estou comendo. — E comecei a me servir de *frikadeller*: almôndegas de porco — uma comida típica da cozinha dinamarquesa —, com batatas *roast*.

Thomaz me passou a salada, mas dispensei.

— Não vai à Drakkar hoje? — Perguntou, enquanto mastigava.

— Passo lá depois do cinema.

Devorei o meu *frikadeller*, sentindo-me extasiado com o sabor, e de tão bom que estava, só instantes depois me dei conta de que Thomaz me observava com um ar de riso.

— O que foi?

— Você está animadinho demais, Erik. O que aconteceu?

Limpei os lábios e me servi de um pouco de água.

— Está dando na cara assim?

— Sabia! — Thomaz lançou o guardanapo sobre a mesa, empolgado. — Desembucha!

Fiz um pouco de mistério. Não havia muito para contar, mas Thomaz era a única pessoa com quem eu conversava.

— Saí com a Bellanne.

Pousei os braços sobre a mesa, aguardando o queixo dele cair. Porém, a expressão que vi não foi bem a que eu esperava. Ele ficou parado me olhando e depois soltou o ar com um riso meio sem graça.

— Você está brincando, não é?

Bebi a minha água de uma vez.

— Por que estaria? Fomos jantar e foi muito legal.

— Erik... — Tom franziu as sobrancelhas. — Com tantas mulheres lindas por aí!

Surpreso, ergui as sobrancelhas e recostei-me na cadeira, sem entender a reação do meu amigo.

Não foi ele mesmo quem rasgou mil elogios à Bellanne?!

— Não entendi, Tom.

Ele riu, ainda mais sem graça do que antes.

— Veja bem... Não me entenda mal. Bellanne é brilhante, uma fotógrafa magnífica... — E riu mais uma vez, o que me pareceu meio cínico da sua parte. — Não vou negar, até tem um rosto lindíssimo e tal, mas... Erik, ela é assim... meio gordinha, não?

Ah, é isso.

Uni as mãos sob o queixo e o olhei diretamente.

— E o que isso tem de incômodo?

— Como assim, Erik?! Em cada festa que a gente vai, sempre encontramos modelos, manequins, mulheres lindíssimas, elegantes, majestosas... E cada uma dessas, arrastando todas as asas para você. Por que a Bellanne?

— Porque ela me atrai. — *Que óbvio!*

— Meu amigo, nem pega bem um homem como você de braços dados com uma gorda, uma obesa!

Nem tanto pela palavra, mas pelo tom que ele usou, senti meu sangue esquentar.

— Ela está absurdamente longe de ser uma obesa. E ainda que fosse, isso pouco me importa. Apenas gosto de conversar com ela e... — Abaixei o volume da voz para não ser escutado por Lisa ou Sophie, esposa de Thomaz. — Se quer saber, ela me deixa louco!

Thomaz ficou me olhando com uma expressão atônita, como se eu tivesse lhe dito que possuo uma cauda. Eu o encarava, aguardando o que mais teria que rebater.

— Olha... Entendo sua atração. Ela tem seus encantos, é sexy e tal, mas... Cara, só não estraga a parceria da Bellanne com a Drakkar. Satisfaz sua tara, mas leva numa boa, não deixa ela se apegar. Não quero problema.

Respirei fundo e balancei a cabeça. Não podia crer que estava escutando essas coisas do meu melhor amigo. Não era tara, era apenas uma atração. Chamar de tara fez parecer algo meio doentio.

— Deixa quieto, Thomaz. Esquece o que falei. — Eu não iria me desgastar em uma discussão sem sentido.

Estava decepcionado com o pensamento obtuso do Thomaz, mas não valia a pena uma discussão.

Mal concluí meus pensamentos e Lisa entrou na sala, radiante com seu vestido cor-de-rosa e a coroa sobre o cabelinho loiro e fininho.

— Olha só essa princesa!!! — Dei por terminado o almoço, que mal havia começado, e carreguei Lisa no colo. — Barbie, aí vamos nós!

Sophie me emprestou seu carro, por causa da cadeirinha infantil, e partimos felizes e cantarolando "*Let it go*" garagem à dentro!

Bellanne

Antes mesmo de tocar a sineta da porta, ela se abriu. Lucien me recebeu com uma taça de vinho na mão e um turbante multicolorido na cabeça.

— Entre, minha deusa. Let está se preparando para me fazer uma massagem fenomenal!

Peguei o vinho de sua mão e provei.

Hummm... Divino!

— Letícia, não acredito que você me prometeu essa massagem há séculos e o Lucien vai receber antes de mim! Que traíra!

Letícia estava sentada no tapete, em posição de lótus, esfregando óleo essencial nas mãos. Me abaixei e dei-lhe dois beijos no rosto. Então, retirei as botas e me joguei no sofá. De todas as coisas mais exóticas e desconexas no apartamento do Lucien, a que eu mais curtia era o sofá feito todinho em *patchwork*.

— Fui pega de surpresa, amiga. Ele me chantageou.

Lucien deitou no tapete, já sem a camisa. Era um homem muito bonito e esbelto.

— Que tipo de chantagem? — Sorvi mais um generoso gole do vinho magnífico. Lucien tinha os melhores canais para a compra de vinhos chilenos, e eu fazia questão de não saber que canais eram esses, embora usufruísse dos benefícios.

— Esquece as besteiras da Let, Bell. Quero saber do deus viking. O que rolou? Vocês fizeram sexo selvagem naquele sofá de seiscentos reais a diária?!

— Seiscentos reais?! — Letícia quase deu um salto. Levantei com um

impulso e fui procurar o que beliscar na cozinha, ignorando o seu espanto. A conta era da Drakkar mesmo!

— Não fizemos nada, Lu. Acredita que o Alex apareceu bem na hora H?

— Lucien virou o corpo com tudo, quase desequilibrando Letícia, sentada sobre sua lombar.

— Que porra é essa, Bell?! E o que você fez? — Repentinamente, a voz de Lucien tornou-se "hétero"! Era um traço seu, como se o espanto o traísse em sua afetação.

— Eu?! Não fiz nada. Erik teve bom senso e saiu.

Terminei o vinho da minha taça e bisbilhotei o seu armário de gulodices.

— E o lerdo do Alex? — Escutei o gemido de Lucien por trás da voz de Letícia: era ela, começando a massageá-lo. — Ele flagrou vocês?

— Se você chamar ele de lerdo mais uma vez, eu vou chamar o Caio de coisa muito pior. E não, ele não flagrou, mas atrapalhou. — gritei da cozinha.

Voltei para a sala com a garrafa de vinho e uma vasilha plástica contendo azeitonas e queijo, que encontrei perdidos na geladeira chique do meu amigo.

Letícia escorregou, sentando nas pernas do Lucien, então, olhou para mim com malícia e fez sinal, fingindo que iria morder a bunda dele. Um bumbum primoroso, por sinal.

— E afinal, Bell, qual é a sua com o magnata? — Letícia perguntou, tentando disfarçar o riso. Todas nós tínhamos a fantasia secreta de testar os limites homossexuais do Lucien, mas era apenas brincadeira. Sabíamos que ele era perfeito do jeitinho que era, deliciosamente *gay*.

Sentei no tapete, ao lado dos dois, deixando claro que seria a próxima a ser massageada.

— Nem eu sei. Ele é um tesão! De longe o cara mais gostoso, inteligente e educado que já encontrei, mas sei lá...

Lucien ergueu o tronco e apoiou-se nos cotovelos, enquanto Letícia massageava suas coxas sob a calça de moletom.

— Bell, você sempre foi a loba, a gata selvagem, a indomável... — Eu e Letícia ríamos com o jeito engraçado e exagerado com que ele falava. — Por que diabo ainda não finalizou esse cara?

— Ele é diferente, Lu — Falei ainda em meio ao riso. — Erik mexe comigo de uma maneira esquisita, me deixa bamba, sem saber o que fazer.

— Você está apaixonada, queridinha. Concorde comigo, Lucien?

Lu não respondeu, apenas se contorceu para me olhar diretamente.

— Do que você tem medo? — Ele perguntou "na lata".

Os dois prestavam atenção em mim, quase em suspense, aguardando minha resposta. Tentei arrumar os pensamentos, mas as três taças de vinho, ingeridas seguidamente, mexeram um pouco comigo.

Abaixei os olhos. Não sabia como dizer aquilo que estava ali, estacionado em minha garganta, como se no momento em que eu dissesse, meus medos se tornassem reais. Por fim, eu sabia que precisava torná-los reais, só assim poderia enfrentá-los.

— Ele é o Erik Lars. — Voltei a encará-los. — Se a gente conhece uma mulher linda, elegante e divina a cada década, ele conhece uma dúzia destas a cada festa. E pelo menos metade dessa dúzia deve ser a fim dele.

Lucien sentou-se prontamente, sem se importar de estar derrubando Letícia ao fazer isso. Ela começou a protestar, mas ele a calou com um gesto enérgico.

— Bellanne Fraise! — Sua voz rasgada e repreensiva me alertou. — Isso que eu vejo aí é insegurança?

Eu o encarei, surpresa com o tom de voz quase igual ao da minha mãe.

— Sou humana, Lucien. Tenho direito aos meus minutos de patinho feio. Sei das minhas qualidades, mas a competição é meio desleal.

Lucien pegou a garrafa de vinho e encheu a minha taça, depois bebeu um grande gole direto do gargalo.

— Não acredito... — Letícia sussurrou. Olhei para ela, que tinha uma expressão atônita. — Não acredito que estou vendo a Bell de doze anos de idade, bem na minha frente. Ei, garota! — Let estalou os dedos a centímetros dos meus olhos. — Olha pra você! Esse tempo passou! Você é Bellanne Fraise, a mais gostosa, a delícia das delícias! A brilhante, poderosa e vitoriosa, Bellanne Fraise. Qual o seu problema?

Foi impossível conter o riso.

— Claro que não sou mais aquela “garota-mimimi”...

— Mimimi não, Bell. Você era vítima! Até a sua irmã judiava de você.

— Eu me deixava judiar, Letícia. — Sentia que estava me exaltando. Não gosto de pensar no meu tempo de escola fundamental. — Só faziam aquelas coisas comigo porque eu era uma idiota e não fazia nada para combater!

— Eu estava lá, Bellanne! — Letícia também alterava a voz. — Eu lembro bem de como você passava os intervalos escondida, enquanto aquela quadrilha de mini delinquentes gritava aquele seu apelido horroroso...

— Chega as duas! — Lucien esbravejou — Acabou! Esse tempo passou e Bellanne não tem absolutamente mais nada dessa época, nem as lembranças.

Ele, que olhava para Letícia fuzilando-a, voltou-se para mim.

— E você, mocinha, pare já com essa besteira de dúzia de lambisgoias, entendeu?! Esse cara está pagando pau pra você, então, pare de pensar nas outras e pense nele.

Nós três ficamos mudos por alguns segundos. Lucien olhava sério para mim, com as sobrancelhas unidas, então, o que havia em sua expressão mudou de rispidez para remorso em segundos.

— Ah, merda, Bell... Bebe logo isso aqui. — E quase enfiou o gargalo da garrafa em minha boca. — Vem você também, lambisgoia-mor. Amo vocês, minhas pestes. — E abraçou Letícia, trazendo-a para que eu a abraçasse também. Ele estava certo. E a Let também, de certa forma. Eu não era mais aquela garota e, para falar a verdade, estava me fazendo muito mal me sentir como antes. Passei um longo tempo me importando com o que achavam e esperavam de mim, até que simplesmente deixei de me importar e decidi que seria feliz. E desde esse dia, nunca mais me senti insegura... Até conhecer Erik Lars.

— Sabem... — E bebi mais um gole do vinho, fazendo uma nota mental de roubar uma garrafa para mim. — O primeiro pensamento que tive quando comecei a sentir o coração disparar, foi fugir dele. Fugir do Erik, fugir daquela sensação. — Olhei para eles e ri. Letícia estava com uma cara de pateta e Lucien parecia uma tia velha e melosa. — Ainda quero fugir, para falar a verdade. Ao mesmo tempo em que ele me causa calafrios e emoções inéditas em minha vida, também me arrasta para aquela sensação ruim de insegurança.

— Isso é normal, Bell... — Lucien segurou minha mão e beijou a palma. — Todo mundo sente essa insegurança quando se apaixona.

— Você está mesmo apaixonada, Bell? — Parecia que Let estava me perguntando se eu estava grávida. Voltei a rir.

— Eu sei lá, Let! Devo estar.

— O que você precisa, minha irmã, é cair de boca naquele homem!

— Lucien! — As duas o repreenderam juntas e também rimos juntas, do nosso falso moralismo.

— É isso mesmo! Tenho papas nesta linguinha não! Você precisa jogar aquele homem em uma cama e deixar essa paixão explodir! — Ele revirou os olhos, mega afetado. — Bellanne apaixonada! Isso vai gerar um colapso no universo, gata!

— Verdade, mas antes, você precisa é de uma massagem, amiga. Tirara

esses nós, essa tensão... — Let pegou a taça da minha mão e me ajudou a tirar a blusa. — Deita aí que eu vou te deixar molinha. Vê se aprende e faz com o Erik... Mas com a boca, *mon cher*.

Demos ainda muitas risadas, delirando entre as conjecturas de como seria uma noite com o Erik e os poderes afrodisíacos dos produtos vendidos por Letícia, em sua pequena "loja dos horrores", como chamávamos para irritá-la. Sem dúvida, eles eram os melhores amigos do mundo!

Erik

Confesso! Cochilei logo depois que a Barbie saiu às compras com suas amigas. Às vezes, abria um dos olhos, apenas para verificar a princesa ao meu lado, comendo pipoca e com os olhos vidrados na tela do cinema. Como ela consegue achar aquilo interessante? Meninas!

No fim, deixei Lisa e suas duas novas — e caras — bonecas em casa e segui para a Drakkar. Já havia passado boa parte do dia fora e estava certo de que Flávia me aguardava com dezenas de pendências.

Estranhamente, sentia-me com muito bom humor. Diante do que vinha sendo a minha vida, isso era algo diferente.

Antes de entrar na garagem da empresa, meu celular tocou. Era o rosto do Mateo no visor.

— *Hej!* — "alô", em dinamarquês.

— Erik! Tudo bem?

Conheço Mateo desde que abriu os olhos pela primeira vez. Sei exatamente o que está sentindo, apenas pelo tom da sua voz. E ele não estava bem.

— O que houve? — Parei o carro na vaga, mas não desliguei o motor. — O que você tem?

— Não... Não sou eu. — Ele começou a chorar e meu peito apertou, quase me sufocando. — É o pai, Erik... Ele está morrendo.

A sensação foi a de estar sendo tragado. Um buraco enorme se abriu sob meus pés e senti um peso no peito.

— Mateo! Mateo, fica calmo. O que está acontecendo?

Eu tentava parecer calmo, mas tinha plena consciência de que falhava.

— Estávamos bem, Erik. Estávamos jogando xadrez... — Ele soluçava de tanto chorar. — Estávamos nos dando bem, sabe? Mas então... Então ele simplesmente caiu sobre o tabuleiro. Erik, pelo amor de Deus!

Ele não precisava pedir, não precisava falar. Escutar o desespero de Mateo estava me quebrando. É claro que saber que seu pai está morrendo abala qualquer um, mas não vou ser hipócrita, a causa do desespero que nascia em mim, agora, era o Mateo. Ele precisava de mim.

— Teo, tenta ficar calmo. Chamaram uma ambulância?

— Sim, sim! Ele já foi para o hospital. Eu e Soraia estamos à caminho.
— E no silêncio que se fez repentinamente, senti toda a dor do meu irmão.

— Vai ficar tudo bem, Teo. Ele é forte, temos excelentes médicos. Ele vai ficar bem. — Passei a mão pela barba, buscando organizar meus pensamentos. — Olha, vou agora mesmo para o aeroporto, tudo bem? Vou fretar um avião e o quanto antes, estarei aí com você, mas fica tranquilo.

— Obrigado, Erik. Eu sei que você e o pai...

— Ele é meu pai, Mateo. E mais ainda, você é meu irmão. Se cuida e me manda notícias.

Desliguei rapidamente, antes que a comoção fosse tanta, que eu não conseguisse me conter. Um misto de emoções se acumulou em meu peito como um ciclone.

— Droga! — Esmurrei o volante uma, duas, três vezes. Então, soltei o ar com força, encarando o teto do carro. Axel estava morrendo. Mateo estava precisando de mim e minha cabeça estava em curto.

Peguei o telefone.

— Flávia, sou eu. Por favor, com a maior rapidez possível, frete um jatinho em meu nome, com destino a *Copenhague*. Tenho uma emergência em casa e preciso ir o mais depressa possível.

Ela ficou muda nos primeiros segundos.

— Claro, claro! Verei isso agora mesmo. O senhor... O senhor precisa de algo mais? Quer que o acompanhe?

— Não. Apenas providencie o que pedi e cancele meus compromissos. Encaminhe o que eu puder resolver por *e-mail*, por favor.

— Tudo bem. Assim que tiver as passagens, eu retorno para o senhor.

Agradei e liguei para Tomaz. A conversa foi rápida e, como era de se esperar, ele foi um amigo solícito e altamente compreensível. Dei partida no carro e fui para casa. Precisava do passaporte e algumas roupas.

Depois de passar em casa e arrumar minha pequena mala, ainda estava desnortado, quando verifiquei, pela quarta vez, se o passaporte estava mesmo no bolso do *blazer*. Repassei mentalmente meus compromissos mais urgentes e, claro, pensei em Bellanne.

Precisava falar com ela, explicar. Peguei o celular e liguei, mas caiu na caixa de mensagens. Não, eu não iria embora deixando uma mensagem. Não era do meu feitio.

9º Capítulo



CAPÍTULO 9

Bellanne

— Daí, você enrola o filé no papel alumínio e deixa no forno por trinta minutos. No final de tudo, joga chia por cima...

— Chia?! Ah não, você acabou com meu filé, Marta.

A colega de corrida no calçadão achava-se uma *expert* em dietas e truques para emagrecimento. Com certeza eu deveria ser o projeto da sua vida, e só porque sabia que ela ficava meio desmotivada do intuito de fazer-me "secar", sempre encontrava defeitos em suas receitas *light*.

Diminuímos o ritmo quando Marta começou a dissertar sobre os benefícios da chia. Ela já havia me dito tudo aquilo no início da semana, e repetia-se incessantemente.

Quando passamos ao ritmo de caminhada leve, avistei o *Maserati* parado na frente do meu prédio e, claro, um viking magnânimo encostado nele.

Me despedi de Marta sem tirar os olhos do Erik. Ele usava uma calça jeans, camisa do tipo *t-shirt* branca e um *blazer* azul marinho. Ri sutilmente para o fato de que havia gente atrapalhando o trânsito, só para passar devagar

com o carro e observar melhor aquele belíssimo espécime.

Quando me avistou, Erik abriu um sorriso luminoso e eu me derreti inteira. Atravessei a rua e só por um milagre não fui atropelada.

Eu estava hipnotizada.

Erik

Eu a avistei quando já estava bem próxima. Usava uma calça justa e uma camiseta sem mangas que lhe cobria até o quadril, desenhando suas curvas. Me lembrou um perfeito violoncelo, e eu estava louco para aprender a tocar aquele instrumento.

Ela não percebeu, mas os homens passavam por ela admirados, com seus olhares cobiçosos. Ainda bem que ela não os notava.

Na medida em que Bellanne se aproximava, eu sentia as minhas mãos suarem. Era incômodo.

— Erik?! — Ela se aproximou sorrindo.

— Senhorita Fraise! Se soubesse que gostava de caminhar, teria comprado um apartamento por aqui. É uma bela visão, Fraise.

Ela estreitou os olhos e, mais uma vez, sorriu. Será que ela sabia que brilhava, quando sorria e apertava os olhos assim?

Bellanne se aproximou e deu soco bem leve no meu peito. — Posso me informar sobre apartamentos nos arredores. E não, não estou sendo altruísta. Estou pensando na *minha* vista.

E porque a vontade de morder aqueles lábios e lambe a pele suada era enorme, não resisti e segurei seu rosto entre as minhas mãos, trazendo-a para mim e beijando-a com força.

Bellanne dissolveu-se em meus braços. Não criou a menor resistência, não protestou. Apenas se entregou, respondendo aos meus estímulos, deslizando a mão sobre meu peito. Seu gosto me invadiu, doce e levemente adstringente, fazendo minhas glândulas salivarem e desejarem cada vez mais.

Quando a deixei, seus olhos brilhavam para mim. Estávamos colados e nossas respirações alteradas. E como era boa a sensação de tê-la ofegante em meus braços!

— Uau! — Foi tudo o que me disse.

Sorri.

— Uau! — E tornei a beijá-la, dessa vez com mais suavidade.

Suas mãos circundaram minha cintura e agarraram o cós da calça. Senti

meu corpo retesar e começar a responder — ostensivamente — aos estímulos de Bellanne.

— Vamos subir... Estamos dando um showzinho e logo causaremos um caos no trânsito. — Ela sugeriu, sorrindo contra a minha boca.

Sorri de volta. Ah, como eu adoraria subir com ela! Mas a realidade do que me levou ali voltou com tudo. Por alguns minutos, eu havia esquecido completamente a minha urgência.

— Fraise, vou ser obrigado a declinar. Na verdade, eu vim me despedir.

Ela afastou-se bruscamente, arrancando aquele calor do meu corpo. Bellanne me fitou com uma clara confusão no olhar e logo tratei de explicar.

— Meu irmão me ligou há pouco. Estava em desespero. Parece que Axel sofreu um enfarto, AVC, algo assim. Está no hospital e parece bem grave. Eu preciso ir.

A última frase saiu como um sussurro.

Eu esperava que, ao explicar, fosse ficar tudo bem, mas Bellanne parecia tão confusa quanto antes.

— Sim, seu pai... Seu irmão precisa de você. Entendo, mas... Você...

— Eu volto assim que tudo se acalmar. Espero que Axel fique bem. Os médicos o atenderam de pronto e... Bem, eu preciso estar com Mateo. Preciso até mesmo estar com Axel. Espero que você...

— Tudo bem. Claro! Está tudo bem.

Mas suas mãos já não estavam em mim.

— Sério? Está tudo bem mesmo?

Bellanne me olhou diretamente e eu senti um baque no peito. Sentia isso sempre que ela me olhava assim.

— Claro. — E sorriu, acalmando meu coração. — Espero que volte logo. E que tudo fique bem.

— Posso te ligar? Posso mandar mensagens?

— Só não vá me pedir nudes. — Brincou.

Ri sonoramente. O seu senso de humor era incrível!

— Que chato... Eu tinha esperança.

Dessa vez, foi ela quem riu... E me abraçou forte.

Acaricieei suas costas e cheirei seu cabelo. Queria guardar aquele perfume em meus pulmões.

— Você me deu permissão. Não vá reclamar se eu te chamar a cada hora.

— Você vai derrubar o avião, se fizer isso, Viking.

Tornei a fitá-la.

— Preciso ir. Meu voo sai daqui a uma hora e meia e devemos fazer apenas uma escala, para abastecimento.

— Me chame quando pousar. Quero ter certeza de que chegará bem. — Havia tanta sinceridade em seu olhar, que me emocionou.

Apenas assenti e beijei primeiro sua testa, depois sua boca.

Ela ficou na calçada, me olhando, até que virei a esquina. Sentirei saudade dela, muito mais do que seria conveniente sentir.

Bellanne

Atirei a chave sobre a mesa e me joguei no sofá.

Como assim? Como Deus faz isso comigo? Me prova que a perfeição existe, me deixa saborear, para depois tirá-la de mim, assim?!

Suspirei na esperança de tirar aquela angústia do peito.

Ele volta, Bellanne, ele volta.

Repetia e repetia, na intenção de me convencer. A verdade é que, mais uma vez, minha mente era bombardeada com imagens de Erik entre lindas mulheres. Erik em uma paisagem fenomenal da Dinamarca, passeando com loiras esculturais; Erik rindo, daquele jeito lindo...

O som estridente do interfone soou, assustando-me.

— Deus do céu! — Sobressaltei.

Fui até a cozinha e o atendi. Era Tatiana e estava subindo.

Deixei a porta aberta e parti para o banho. Ainda estava pensando no Erik, quando Tati bateu na porta do banheiro, embora esta estivesse aberta.

— Ei, Bell?! Vai demorar? Trouxe um *temaki* de salmão.

— Ai, que delícia! — Salivei. Nem havia me dado conta de que estava com fome. — Já estou terminando.

Usava um roupão e uma toalha na cabeça, quando cheguei na sala e encontrei Tati comendo um *temaki* e folheando um livro de fotografias. Fui até ela e beijei-lhe o alto da cabeça.

— Como você está, amiga? — Sabia que havia algo. Tati não costumava aparecer sem avisar. Ri intimamente, quando pensei que ela poderia ter interrompido algo muito gostoso entre eu e o Erik. Poderia: futuro do pretérito, bem pretérito.

— Estou bem. E você?

Respirei fundo. Mentir seria horrível, já que Tati me conhece e sabe quando não estou bem.

— Vou ficar bem.

Tatiana me olhou e sorriu apenas com os lábios.

— Ele é um sacana, não é? Já caiu fora?

Ai, meu Deus! Agora essa! A vidente!

— Não, Tati. O pai dele está na UTI e ele precisou ir para a Dinamarca, mas ele volta.

Ela balançou a cabeça sem muito convencimento.

— E você e o Alex? Como ficam?

Peguei meu *temaki* e sentei ao lado dela à mesa. Cruzei minhas pernas em posição de lótus sobre a cadeira e comecei a comer o *temaki*, lentamente. Minha fome havia passado.

— Ele vai sobreviver. Nós não tínhamos um compromisso, Tati, ele precisa entender isso.

Minha amiga é teimosa. Quase tão teimosa quanto eu, e quando põe algo na cabeça... Nossa! É turrone mesmo!

— É meio difícil, Bell. Ele é louco por você há tanto tempo, que nem sei dizer.

Meneei a cabeça e observei-a. Então, um devaneio tomou forma em minha mente.

— Tati, sabe que eu nem sei se ele me ama, assim como diz? Às vezes, acho que o Alex se acostumou com a ideia de que somos feitos um para o outro.

Ela riu com certo deboche.

— As pessoas não se acostumam umas com as outras, Bell. Ou gostam ou não gostam.

Eu não estava escutando aquilo! Logo dela?!

— Tem certeza, Tati? E você e o João? Ainda existe amor?

A relação de Tatiana com o marido, João, era bem complexa. Estavam juntos há uns treze anos e tinham um garoto, o Júnior, mas o casamento parecia algo automático, frio. Um chegar e sair sem emoção. Dia após dia, vivendo mecanicamente em uma rotina maçante e sem graça.

Ela não se queixava.

Batia na tecla de que era apaixonada pelo marido, mas eu e Letícia sabíamos que João já não atendia às necessidades da Tatiana há séculos! A fome da Tati era grande demais, para os petiscos que o João lhe oferecia.

— Claro que sim! Sabe que sou louca pelo João e temos nossa vidinha pacata, mas somos felizes. Se é o que quer insinuar, Bell, não... Não estamos

acostumados. Nos amamos.

Eu a encarei, tentando demonstrar que ela não me enganava, mas por fim, desisti. Não valia a pena arranhar nossa amizade com algo que não me dizia respeito.

Fez-se um instante de silêncio: eu, comendo meu *temaki*; Tati, perdida em pensamentos. Até que...

— Let me disse que você está apaixonada.

Ergui os olhos e ela estava me fitando, desafiadora. Desisti do *temaki*.

— A Letícia e você são mais gabaritadas nisso. Eu não sei. Não sei o que sinto.

Ela balançou a cabeça, aquiescendo.

— E se o Alex insistir?

— O Alex vai insistir, Tati. Conhecemos ele.

— E você?

— Acabou, Tati. Eu não sei se estou ou não apaixonada pelo Erik, mas sei que não estou apaixonada pelo Alex. Entre eu e o Erik, as coisas só estão começando. Sim, eu me sinto diferente com ele. Erik realmente mexe comigo, mas... É tão cedo!

Tatiana me olhava de um jeito que me irritava, com um ar descrente. Então, após segundos, riu sem muito humor e olhou o relógio.

— Não, Bell... está tarde. Preciso pegar o Júnior na escola de futebol.

Ela levantou e eu a acompanhei até a porta. Minha amiga era bem assim: se o assunto não corria como ela desejava, a tangente era uma opção.

— Ei, dá um beijo no Júnior. Diga que se ele não me chamar mais de tia Bell, levo ele comigo na próxima viagem ao *Hawaii*. Mas nada de "tia Bell".

Tatiana riu, sabendo que eu não me importava nem um pouco com o honroso título de tia do Júnior. Então, ela me abraçou forte.

— Eu te amo, Bell.

— Também te amo, Tati. Muito.

Depois que ela foi embora, partiu também toda a minha vontade de trabalhar. Havia planejado ajustar os projetos para as sessões de fotos, mas já não estava no clima. Decidi apenas assistir a um filme romântico, como "*O diário de Bridget Jones*", e depois dormir. Mas quando o filme já estava no fim e o sono nem dava sinal, o celular tocou o *bip* de mensagem.

Erik — *Fraise, se o avião cair, a culpa é sua.*

Estou chegando a Lisboa para abastecer e só poderemos decolar daqui

a duas horas.

Adivinha quem irá me fazer companhia até lá?

Prepara o café, baby.

Me dei conta de que sorria... largamente.

10º Capítulo



CAPÍTULO 10

Erik

Passei a madrugada entre aeroportos e voos. No aeroporto de Lisboa, enquanto a aeronave era abastecida, decidi descer e andar um pouco.

Eram três da manhã e desembarquei dando risada, em meio a uma conversa divertida com a Bellanne. Tomei um café com pão de Mafra, enquanto no Brasil ela tomava seu café com torradas. Falamos sobre os tempos de escola, sobre vinhos, alergias e brigas entre irmãos. Eram tantos assuntos, tantas curiosidades, que precisei recarregar o celular para continuarmos nos falando, até que o comissário de bordo veio me chamar para seguirmos viagem. Aquele intervalo de quase três horas e meia, entre Lisboa e o meu destino, foi o único momento em que dormi.

Cheguei em casa no final da manhã. Tudo continuava perfeitamente igual a quando estive aqui pela última vez, há cerca de três anos.

Eu já não tinha a chave de casa, e nem era preciso. Como de costume, a porta do fundo estava sem tranca.

— Olá! Britta? — Entrei na cozinha chamando nossa mais antiga e

querida funcionária. — Britta?

— Erik?

A jovem senhora loira, baixinha e sempre usando os cabelos em coque, veio correndo — dentro do que a sua saia longa e justa lhe permitia — em minha direção. Quando parou bem na minha frente, levou as duas mãos ao rosto, completamente surpresa.

— Erik, que alegria! — Falou em dinamarquês, embora todos em casa fossem fluentes em inglês e português.

Britta me abraçou brevemente, o que era uma recepção bastante calorosa, para o costume local.

— Britta, e Mateo?

Sua feição mudou, desfazendo-se da alegria inicial.

— Está no hospital com o seu pai. O senhor Axel está muito mal, Erik. Precisa vê-lo.

— Irei, Britta. Passei horas em uma viagem complicada. Preciso de um banho e depois irei vê-lo.

— Mateo me avisou que você estava prestes a chegar, então, arrumei o seu antigo quarto. Fique à vontade.

Sorri, agradecido por tamanha gentileza.

— Por favor, Britta, deixe o endereço do hospital sobre a mesa.

Me despedi, sentindo a cabeça rodar de cansaço. Entrei pela sala de jantar e me detive alguns instantes ali.

As lembranças nem sempre eram ruins, como por exemplo, a de minha mãe dando comida para o Mateo.

Atravessei o *hall* com o assoalho de madeira e parei na entrada da enorme sala de estar. A lareira, alguns móveis e os quadros eram os mesmos de anos atrás. As obras de arte, os tapetes... Tudo remetia ao aconchego. Um acolhimento que limitava-se à decoração.

Subi a escada e quando estava para abrir a porta do meu quarto, alguém apareceu por trás de mim.

— Erik!

Só tive tempo de me virar, então, Sílvia pulou no meu pescoço, me deixando completamente constrangido, afinal, nunca tivemos esse tipo de intimidade.

— Olá, Sílvia. Como vai? — Segurei em seus braços e me desvencilhei sutilmente.

— Estou triste. Axel não está nada bem e mamãe anda chorando pelos

cantos.

Sílvia era a enteada do Axel, filha de sua segunda esposa, Soraia. Ambas eram também brasileiras.

— Ele vai ficar bem. Vai ficar tudo bem. — Tentei ser simpático, mas ela continuava com os braços em volta do meu pescoço e isso estava realmente me incomodando.

— Vai ficar conosco? Vi que Britta arrumou seu quarto.

Dei um passo para trás, esbarrando na porta ainda fechada e, enfim, afastando-me dela.

— Vou. Agora preciso me apressar. Nos vemos mais tarde, tudo bem?

Entreí em meu quarto e fechei a porta em seguida. À minha frente, o mesmo quarto dos meus dezoito anos remeteu-me a uma viagem ao passado. A emoção travou a minha garganta e só não foi mais angustiante porque o *bip* de mensagens do celular soou, me trazendo de volta ao presente.

Era Bellanne. Há quase 5 horas não trocávamos uma mensagem sequer.

B. Fraise — Devo chamar o resgate?

Eu simplesmente adoro o senso de humor desta mulher. Digitei...

Erik — Rsrs... Não, está tudo bem.

B. Fraise — E seu pai, como está?

Isso me lembrou que eu já deveria estar a caminho do hospital.

Erik — Ainda não o vi.

B. Fraise — Espero que ele esteja bem e você possa voltar logo.

Erik — Já com saudade, Fraise?

Intimamente, torci para que ela dissesse que sim. Era apenas uma pergunta tola, mas no fundo, queria muito essa resposta.

B. Fraise — Kkkkk... Você é mesmo um demônio Viking! Quando puder, mande notícias. Preciso ir.

Erik — Okay...

Olhei o relógio e, mesmo vendo que ela não havia visualizado a minha última mensagem, concluí:

Erik — Mando msg assim que chegar, embora, creio, será tarde. Beijo

Fiquei alguns instantes pensando em Bellanne e no quanto aquilo estava crescendo dentro de mim. Não tinha nada com o qual pudesse comparar. Tive apenas dois relacionamentos sérios na vida: um amor adolescente e complicado com minha prima Hedda, que se tornou um caso bem longo, mas

sem cobranças; e cheguei a dividir um apartamento com a Marie, uma francesa incrível, mas que, no fim, entendemos que queríamos coisas muito diferentes em nossas vidas.

Com nenhuma das duas me senti como me sinto com Bellanne. Não compreendo, não sei definir. Apenas sei que quero mais. Nunca pareço estar farto de sua conversa, de sua presença ou de beijá-la. A simples lembrança da sua pele, da sua boca, faz meus pelos arrepiarem.

— Chega, Erik! — Falei em voz alta, iludido que, com isso, pudesse abafar a imagem daquela mulher dos meus pensamentos.

Ledo engano, ela estava presente em meu banho e em cada minuto no trajeto até o hospital.



A porta do elevador abriu e logo na parede oposta estava escrito "*Intensivafdeling*" — Unidade de tratamento intensivo, em Dinamarquês. Aquilo me estremeceu. Naquele mesmo hospital, naquela mesma ala, há pouco mais de quinze anos, sofria a maior dor de minha vida. Minha mãe passou seus últimos dias inconsciente quase o tempo inteiro. Eu via meu pai pelos cantos, como se não fosse mais do que um trapo. Como ele podia estar sofrendo tanto, se fora o maior causador da doença dela?

E agora, era a vez dele estar naquele lugar frio. Estranhamente, eu não estava contente por isso. Por mais raiva que tivesse dele, por mais mágoa que houvesse, não queria estar ali, na porta da UTI, mais uma vez. Não queria ter que vê-lo naquela situação.

Avistei Mateo apoiado na parede. Estava de cabeça baixa e um outro rapaz falava com ele. Quando me aproximei e meu irmão me viu, veio direto ao meu encontro. Só então dei-me conta do quanto sentia sua falta.

Ele me abraçou forte, sem dizer uma palavra.

Aos poucos o senti afrouxar o aperto. A minha presença lhe era um grande alívio, um alento.

— Estou aqui, Teo. Vai ficar tudo bem — sussurrei em seu ouvido.

Mateo me encarou e seus olhos estavam vermelhos.

— Erik, é tão bom ter você aqui, mano. Eu não estou aguentando tudo isso sozinho. Não dá, cara.

Tornei a abraçá-lo e fiz um sinal para o outro jovem, pedindo-lhe um pouco de água. Havia um bebedouro próximo.

Segurando-o pelos ombros, caminhamos na direção de um banco que havia no corredor e nos sentamos.

— Está tudo bem. — Disse, ao tempo em que pegava o copo d'água que o amigo de meu irmão me oferecia. Entreguei-o ao Teo. — Está mais calmo?

Ele apenas assentiu e respirou fundo, bebendo toda a sua água.

— Então... Como ele está?

— Mal, Erik. Ele sofreu um enfarto e o socorro foi bem rápido, mas no caminho ele sofrer mais um enfarto e na sala de cirurgia, teve outro. Os médicos estão surpresos com a sua força e vontade de viver. — Mateo encarou-me e seus olhos marejaram. — Erik, ele está vivo por um milagre.

Engoli seco aquela informação. Passei tanto tempo odiando-o, desejando que ele sumisse da minha vida... Mas agora, que esta possibilidade era real, sentia-me um idiota, um egoísta. Eu não queria que ele morresse. Queria que mudasse, que visse a vida de uma outra forma, mas não que morresse.

— E isso é bom, não? Se ele é tão forte, irá se recuperar. Acredite nisso, Teo. — Ele assentiu e limpou nariz com as costas da mão. — Ele está consciente?

— Não. Está em coma induzido. Fizeram um cateterismo para a colocação de um *stent* e querem ver se será necessária a colocação de uma ponte de safena. Mas isso dependerá de como ele irá se sair na próxima semana. No momento, está estável.

— Isso é bom, não é? — Tentei ser otimista. Mateo precisava disso.

— Sim. — Só então ele ergueu a cabeça e se deu conta de que não havia apresentado seu amigo. — Erik, esse é Yves, namorado da Hedda.

Apertei a mão de Yves e lhe sorri com simpatia. Parecia um cara legal.

— Como vai a Hedda?

— Bem, e com saudade de você.

Aquilo soou bem estranho, mas contive minha surpresa. Hedda era minha prima e namoramos a adolescência inteira. Escutar isso do seu namorado era meio esquisito. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa que me tirasse daquele constrangimento, ele interveio.

— Ela me contou como vocês três eram unidos e como cresceram como irmãos. Fico feliz em conhecê-lo.

Aquiesci e sorri discretamente, quase sem graça. Furtivamente, encontrei o olhar cúmplice do Teo, tão constrangido quanto o meu.

Agradei-lhe e mandei lembranças à Hedda. Que mais poderia dizer?



Voltamos para casa quando já era noite e Britta nos esperava para o jantar.

Saboreei cada iguaria com gosto de saudade e conversei bastante com o Teo e a Britta. Em meio à conversa, notei a falta de Soraia e Sílvia. Então Britta informou que Soraia estava no hospital com o Axel e que Sílvia havia saído com sua turma. Notei também que Mateo não recebera esta notícia muito bem. Então, esperei Britta levar a louça para cozinha e o interpelei.

— Ei, o que está acontecendo aqui? — Perguntei com serenidade. — Vi que não gostou quando Britta contou sobre a saída de Sílvia.

Mateo esticou as pernas sob a mesa e me encarou por alguns segundos. Havia dureza em suas feições.

— Ela está se lixando para o pai, Erik. Não foi vê-lo um dia sequer e nem mesmo pergunta sobre ele. O pai criou essa garota e lhe deu de tudo!

Droga! Eu realmente não ligava se Sílvia se importava ou não com o Axel, mas percebi que este era um ponto que vinha incomodando Mateo, e vê-lo incomodado em sua própria casa sim, me tirava do sério.

— Teo, não há o que fazer. Soraia é mãe dela e...

— E só mais um motivo pelos quais quero ir embora para o Brasil, Kivo! Soraia é muito legal e não merece a filha que tem, mas essa garota...

Não quis dizer, mas do pouco que conhecia Sílvia, ela parecia mais filha do Axel do que qualquer um de nós dois. Espertamente, a garota sempre seguia seu comando e isso era tudo o que Axel queria. Ele jamais precisou de carinho, apenas de subordinação.

— Não se prenda a isso, Mateo. Ele é nosso pai e somos nós que temos a obrigação de cuidá-lo.

— Sim, mas ele a trata como a uma filha. Ele se preocupa mais em estar bem com ela do que com...

E ele parou, encarando-me com olhos assustados. Nesse momento, eu soube que iria falar de mim. Axel lidava melhor com a enteada do que comigo. Eu não me importava com isso.

— Teo, há muito tempo abdiquei do amor do Axel e vivo muito bem

assim. Muito melhor do que antes.

— Sem amor, Erik? Como se vive sem amor?

Óbvio que sua pergunta era genérica, mas ergui o olhar para ele, cheio de malícia.

— Quem disse que vivo sem amor?

Os olhos do Mateo se iluminaram e ele empertigou o corpo na cadeira, animado com minha resposta.

— Como é que é?! Você está amando?!

Gargalhei, divertindo-me com o entusiasmo infundado do meu irmão.

— Calma lá! Estou falando de você, dos amigos, da Britta... — Eu pensava em parar por aí, mas me trai e comecei a rir. — E tem essa mulher...

— Ahá! Eu sabia! — Ele deu um tapa sobre a mesa de madeira, arrancando-me risos. — Eu sabia! Quem é ela?

— Vamos com calma... Não sei se posso dizer que é sério. A gente mal se conhece. É tudo muito novo...

— Mas ela está fazendo diferença, não está? Posso ver no seu rosto!

Meu irmão ainda era um garoto, ao menos para mim. Ele não havia precisado passar pelas mesmas experiências que eu. Vivia confortavelmente sem nem saber de onde vinha o dinheiro que o sustentava. Fazia uma boa faculdade e tinha toda a sua vida meticulosamente planejada pelo Axel e, de alguma forma, parecia ser feliz assim. E justamente por causa dessa ingenuidade, me parecia ainda tão garoto.

— Não sei, Teo... Ela é assim, um mulherão, sabe? Linda, inteligente, divertida... Estamos nos conhecendo ainda, mas ela me faz muito bem.

— Qual o nome dela? O que faz? Como ela é?

Ele estava ansioso e interpretei como uma imensa vontade de conversar comigo, de fortificar um laço.

Contei-lhe sobre ela, falei do seu jeito espontâneo, da sua vivacidade e mente maravilhosa.

— Ela é iluminada, sabe Teo? Do tipo que contagia. Às vezes, me dá vontade de colocá-la em um frasco e levá-la comigo o tempo inteiro, para tomar doses de Bellanne três vezes ao dia, por tempo indeterminado.

Rimos juntos da minha alusão. Então, quando o riso foi aos poucos minguando, meu irmão me fitou com um olhar sereno.

— Parecia que falava da mamãe. Se referiu a essa moça do mesmo jeito que me falava da mãe, quando éramos pequenos.

Não lhe dei resposta, mas refleti sobre isso. E quando fomos dormir,

deitei na cama e olhei para o teto do meu quarto, ainda pensando sobre o que Mateo dissera.

De fato, a luz da Bellanne parecia muito com a luz da minha mãe. Sua alegria, seu magnetismo... Peguei o celular e verifiquei a hora: eram três da manhã na Dinamarca, o que significava que seriam dez da noite no Brasil. Digitei a mensagem no celular:

Erik — Oi, “Moranguinho”.

Esperei alguns segundos e nada. Ela nem ao menos havia visualizado a mensagem.

Droga! Certamente estava dormindo. Decidi deixar uma mensagem para que visse no dia seguinte, mas quando começava a digitar, o símbolo ficou azul e no alto da tela surgiu a mensagem "digitando...". Assustei-me com a minha própria reação. Meu coração disparou, então, ergui o tronco, ficando recostado na cabeceira da cama.

B. Fraise — Moranguinho?! Kkkkkkk

Erik — Não resisti. Fraise = morango. Nada original, não é?

B. Fraise — Por mais ordinário que pareça, ninguém fez essa associação ainda. Vc foi original, Viking. ;-)

Fiquei um tempo pensando o que poderia escrever. Era tarde, mas não estava me importando em ser egoísta e prendê-la ali, naquela conversa.

Erik — Como foi o seu dia?

B. Fraise — Muito trabalho. E o seu? Como está o seu pai?

Erik — Em coma induzido, mas estável.

B. Fraise — E seu irmão?

Erik — Está firme. Conversamos bastante. Falamos sobre você.

Me arrependi no exato instante em que enviei a mensagem. Ela iria querer saber o teor da conversa, claro. O que eu poderia dizer?

Antes que ela pudesse questionar algo, mudei de assunto:

Erik — Eu te acordei?

A mensagem "digitando..." não saía da tela e eu estava ficando tenso.

Erik — Fraise?

Meu estômago se agitava e a ansiedade me consumia.

B. Fraise — Estou esperando vc contar como foi essa conversa.

Claro que ela não deixaria passar. Respirei fundo e pensei antes de

escrever.

Erik — Nada demais. Apenas conversamos sobre a minha vida no Brasil.

B. Fraise — Humm... E eu faço parte de sua vida no Brasil. Bom saber.
Pensei sobre aquela última frase: "Bom saber".

Erik — É bem tarde aí. Se quiser dormir, não hesite.

B. Fraise — Estou cansada, mas quero saber de você. Acabamos a primeira bateria de fotos. Ainda estou excitada.

Erik — Excitada? Ainda nem comecei, Fraise. Rsrs

Ela mandou um *emoji* pensativo, mas quem ficou pensativo fui eu. Havia mudado o sentido da conversa e não sabia se ela estava disposta a esta mudança. Nunca fui adepto de conversas virtuais. Olho no olho era muito mais simples.

B. Fraise — Pra você ver! Efeito Viking!

Soltei o ar preso no pulmão.

Erik — Verdade? Tenho esse poder?

B. Fraise — Grava um áudio falando meu nome. Agora.

Franzi o cenho, achando graça e imaginando o que ela queria com isso. Sem supor mais nada, simplesmente apertei o botão do gravador e sussurrei, meio em dúvida se era isso que ela queria.

— Fraise.

Segundos depois ela envia uma imagem. E quando esta carregou, um palavrão nórdico escapou de minha boca, num sussurro. Era uma foto das coxas de Bellanne, mas não era uma simples foto de coxas de mulher: eram as coxas dela completamente arrepiadas. Dava para ver cada pelinho dourado arrepiado sobre a pele brilhante.

Ela havia feito a foto deitada, usava um short curto e estava com as pernas dobradas, encolhidas à sua frente.

Minhas mãos formigaram com a vontade de alisá-las. Só então percebi a frase na legenda: "Efeito Viking".

Comecei a cogitar se ela não estava certa, se não havia realmente um demônio viking em mim, pois o desejo me atingiu em cheio e tive breves e perturbadores pensamentos sobre aquelas coxas, começando a me sentir endurecer.

Apertei novamente o botão do gravador:

— Meu cavalheirismo me impede de te mostrar o "efeito Moranguinho",

Fraise. — Sim, eu arrastei esse "Fraise" por minha garganta, no melhor sotaque francês, apenas para provocá-la.

Ah! Enfim, escutaria a sua voz, pois ela agora gravava um áudio:

— Vou mandar um texto de cinco páginas para você ler em voz alta e garantir meu orgasmo do dia.

Escutá-la me causou uma sensação ainda mais surpreendente. A voz levemente rouca e sexy, o sotaque sensual... Só então me dei conta do quão grande era a sua falta.

Mandei uma mensagem:

Erik — *Aguardando o texto.*

Ela respondeu com *emojis* "chorando de rir".

B. Fraise — *Viking... Eu adoraria ter um orgasmo com você agora, mas são quase onze da noite e preciso levantar às sete. Preciso dormir :-(*

Tudo bem. Mas e eu, como iria dormir depois disso?

Erik — *Irei te compensar, Fraise. Vai guardando esses orgasmos na conta.*

Ela demorou a responder e aquela espera me matava.

B. Fraise — *Vou cobrar cada um deles.*

— Boa noite, Fraise. Tenha bons sonhos. — Mandei em áudio.

Ela apenas devolveu um *emoji* "soltando beijo". Verdade que fiquei um tanto frustrado. Queria conversar mais, brincar mais, mas ela precisava descansar.

Virei para o lado e não consegui dormir de imediato. Abri a nossa conversa e olhei aquela imagem. Suas pernas eram lindas, torneadas, grossas e apetitosas, em um tom dourado único.

Me imaginei abrindo aquelas coxas, deslizando as mãos entre elas, sentindo o calor, a maciez... Me permiti ser mais ousado e imaginei o quanto elas poderiam ser escorregadias, se bem lubrificadas, o quanto seriam saborosas, quando mordidas.

Ela estava tirando o meu juízo e me fazendo sentir como um adolescente. Naquela noite, mais uma vez, me conformei com as possibilidades, com a imaginação.

11º Capítulo



CAPÍTULO 11

Bellanne

É claro que mais uma vez saí atrasada e decidi tomar café na Starbucks. O movimento ainda estava fraco e isso me permitiu organizar os pensamentos. A conversa com Erik havia me proporcionado sonhos bem agitados e uma manhã de pensamentos desconexos. Foi uma conversa quase inocente, mas ele tem o dom de fazer meu corpo inteiro derreter apenas com uma frase.

Algo estava acontecendo e eu não estava entendendo muito bem o quê. Ou, quem sabe, estava com medo de entender.

Logo eu, que nunca tive frescuras no campo sexual, me peguei correndo, quase que literalmente, de uma boa sessão de sexo virtual. Senti o clima esquentar na nossa troca de mensagens e o desejo me envolver. Senti que ele também ficara excitado e tudo estava caminhando para uma madrugada animada, cheia de prazer e intimidade. Mas algo aconteceu entre o Brasil e a Dinamarca, que me fez "amarelar".

Senti vontade de gritar comigo mesma. Aquilo não era nada saudável,

não era normal. Querer tanto um homem, desse jeito, já seria o suficiente para fazer meus cabelos da nuca arrepiarem de assombro, mas desejar e fugir, estava em outro nível de insanidade.

Xinguei a mim mesma, enquanto sorvia o café. Poderia ter curtido o momento, mas algo dentro de mim gritava "Freia, garota! Deixa o coração em *standy by* e libera apenas a *pepeka*", embora eu parecesse ignorar este aviso.

— Bell, está tudo bem?

Ergui a cabeça e me deparei com Letícia de olhos arregalados.

— Sim, por quê?

— Cara, tenho quase cinco minutos aqui, parada, te observando e você não parecia nada bem. — Olhei ao redor e vi que a cafeteria já estava cheia. — Garota, a gente pode resolver essa cara de songa-monga rapidinho. Basta pegar seu caderninho...

— Cala a boca, Letícia! É só o Erik, que está tirando meu sono.

— Ele mandou notícias? — Puxou a cadeira ao meu lado e sentou, curiosa. — Que loucura ele precisar voltar assim para a Finlândia...

— Dinamarca, Let. E se trata do pai, né? Por mais que eles tenham atritos... É pai.

Letícia retirou da bolsa uma sacolinha com um pozinho, despejando-o no café que trazia nas mãos.

— Falou com ele hoje? — Esticou-se e quase mergulhou o nariz no meu café. — O que você está bebendo?

— *Mocha*. E que diabo é isso no *seu* café? — Tentei desviar do assunto. Eu estava confusa e não queria explicar o que nem eu mesma compreendia. Então, apenas disfarcei. — Não, falei com ele ontem.

Ela mexia obsessivamente o café.

— Açúcar egípcio, bom para equilibrar os *chakras*. Conta, mulher! Como está tudo lá? O que conversaram?

Nossas conversas eram sempre assim, sem pé nem cabeça. Seu olhar atento, seu interesse despertou a minha vontade de falar. De alguma forma eu precisava falar.

— Let... Eu achei que com a distância a coisa toda iria esfriar entre nós, mas amiga... está esquentando.

Ela arregalou os olhos.

— Esquentando, é?

Olhei ao redor e baixeí a voz. Não iria proporcionar fantasias sexuais de

graça para ninguém.

— Trocamos mensagens de madrugada e o negócio caminhou bem gostoso.

— Fizeram sexo?! — A voz de Letícia subiu uns dois tons.

— Ssss.... — sibilei — Não. Não chegamos a tanto, infelizmente.

— Por que não?! Tem que se virar com o que estiver à disposição, filha!
— Minha amiga fez uma careta horrível, quando provou sua bebida. Se estava tão ruim, por que insistia em usar aquele troço egípcio?

— Sei lá, Let. Tem alguma merda rolando comigo. — Recostei na cadeira e olhei a rua, através da imensa janela de vidro. — Voltei a sentir aquele “paniquito” esquisito.

Ela debruçou sobre a mesa e segurou meu antebraço com carinho.

— Você já sabe o que está rolando... Está apaixonada. Para já com essa sua frescura e se joga. Ele também está querendo.

Olhei para ela de soslaio, duvidando da sua certeza.

— Sei não, Suricato. Tenho receio de entrar no jogo achando que é xadrez e na verdade ser gamão. Preciso ter certeza de que estamos no mesmo tabuleiro.

Letícia voltou a se recostar em sua cadeira e insistiu em sorver aquela beberagem faraônica.

— Você só vai saber o que está jogando, depois de rolar os dados, garotinha. Deixa essa coisa rolar e ver qual é a dele. Simples assim.

Sustentei o seu olhar por alguns segundos, considerando a sugestão da minha amiga louca, de esquecer o salva-vidas e mergulhar em Erik. De vez em quando, ela conseguia chegar a uma conclusão plausível. De vez em quando.



Quando cheguei à casa dos Fraise, papai e mamãe estavam juntos na cozinha. Aquela era uma cena bem comum em toda a minha vida. Papai era o *chef*, mas a mamãe — apesar de não saber fritar um ovo — era a mestre palpiteira e não saía do seu pé, alegando estar aprendendo os truques culinários da linhagem Fraise. Aquilo era uma mentira deslavada. Em trinta anos de convivência, a mamãe não aprendera nem o ponto do macarrão.

— Oi, casal! — Abracei o papai por trás e dei-lhe um grande beijo na bochecha. Ele estava mexendo um molho que cheirava a manjerição e carne. Parecia delicioso. — O que é isso que cheira tão bem?

Meu pai retribuiu o beijo, enquanto a minha mãe me abraçava por trás, fazendo um sanduíche "Bellanne".

— *Nachos*. A sua mãe que cortou os temperos.

Eu ri. O papai sempre elevava o percentual de participação da mamãe.

— Mentira, Bella, eu cortei apenas o tomate. Cebolas acabam com os meus olhos.

Me virei a abracei a mamãe. Ela estava usando um avental, mas sua maquiagem e blusa de seda estavam impecáveis.

— Estou certa de que os tomates estão cortados com uma precisão britânica e, por isso mesmo, devem estar imprimindo ao prato o seu principal sabor — graciei, satirizando a inabalável defesa do papai, quanto à participação ínfima da mamãe na cozinha.

Rimos, enquanto o meu pai me dava um pouco do molho para provar. Estava divino!

— Cadê a Margie?

Sentei na bancada e esperei, enquanto minha mãe me servia um cálice de vinho.

— Ela e o Anderson estão a caminho. Estão trazendo umas provas de bem-casados e doces para o casamento, garantindo a sobremesa.

— Espero que ela me deixe prová-los — murmurei.

— Não comece, Bellanne. Sua irmã só quer o seu bem.

— E para todos vocês, estar bem é estar magra. Ok, entendi.

— Todos não, Bella Anne...Para mim, você está ótima assim. Está saudável e linda.

— *Ownn...* — Beije o papai. — Você e a ala masculina e hétero da torcida do flamengo pensam assim, papai. Graças a *Jah*!

Gargalhávamos, achando graça da falsa irritação do meu pai, com relação ao meu gracejo, quando a Margie e o Anderson entraram carregando caixas de papelão.

— Boa noite, família! — Marjorie entrou na frente e me entregou uma das caixas que carregava, enquanto trocávamos beijinhos. — Você está ótima, Bell! Está mais magra?

Troquei uma boa revirada de olhos com o papai.

— Não Margie, continuo gostosa. — Escutei o riso dela, mas eu já me

dirigia ao meu cunhado. — Oi, Anderson, tudo bem?

Como ele já havia colocado suas caixas sobre a bancada, tomou a caixa que estava em minhas mãos para dar-lhe o mesmo destino.

— Tudo bem, Bell, e você?

Apenas aquiesci, sorrindo.

Eu e Margie nos dispomos a colocar a mesa do almoço, enquanto Anderson buscava uma trilha sonora suave e meus pais finalizavam a refeição. Tudo estava harmonioso e até Margie parecia mais leve. Brincamos enquanto decidíamos quem sentaria onde e rimos juntas. Adorava este clima com a minha irmã e faria qualquer coisa para prolongá-lo. Esperava que ela estivesse com este mesmo intuito.

Já estávamos na sobremesa, experimentando quatro tipos diferentes de bem-casados e os mais diversos doces. Tudo tinha muita qualidade e eu, definitivamente, não tinha a menor competência para decidir. Para mim, entravam todos eles no cardápio.

— Me ajuda, Bell! Não sei se o melhor recheio é avelã ou creme de nozes.

— Ai, Margie... Sou bem melhor opinando sobre a embalagem. — Eu estava mais concentrada na trufa de maracujá e até lambia os dedos.

Meus pais estavam na cozinha, terminando de lavar a louça, enquanto Anderson devorava os últimos *alfajores*.

— Ah não, Bell... Se tem alguém aqui que entende de comida, é você. Me ajuda!

Ergui uma sobrancelha, dando a última chupada na ponta do indicador.

— Eu?! Por que, eu? Se quiser conselhos sexuais, tudo bem. Mas quem entende de comida aqui é o papai. Por que não pergunta a ele?

Nem liguei para a expressão horrorizada que ela sustentou por meros dois segundos.

— Ai, que horror! Papai entende de cozinha, mas você entende de comer.

Suspirei, de saco cheio desse papo de que gordinhos entendem de comida mais do que os outros.

— Olha aí, Anderson. Explica para a sua noiva que, por mais que você coma, nunca entenderá mais de vaginas do que nós, mulheres. — Segurei a risada, quando vi meu cunhado perdido entre eu e sua noiva. — Pode crer, Margie, o papai entende mais. Porém, usando outra coisa sobre a qual entendo bem — e aponte para a minha cabeça —, suponho que usar recheios de avelãs ou nozes poderá ser desagradável, se houver alguém alérgico.

Mantenha o doce de leite, amor.

Marjorie bufou na minha frente, reclamando, mas a vi riscar "nozes" e "avelã" do cardápio. Foi então que Anderson fez sua participação especial naquela noite.

— Vai pela Bell, Margie, ela pode não entender de bem-casados, mas sabe das coisas.

Minha irmã direcionou um olhar "*frozen*" para o noivo e até eu senti o ar congelar.

— Verdade. Esqueci que Bellanne é a entendida, a sabichona, a melhorzinha da casa.

Oh, céus! Dei a maior revirada de olhos do mundo. O clima bom se espatifou bem ali, diante de nós.

— Qual o seu problema, Marjorie? Não foi você mesma quem pediu a minha opinião?

— Eu estava tentando ser gentil. — Minha irmã falava esganiçada, quando estava nervosa. — Estava tentando fazer você se sentir mais integrada nessa celebração.

— Margie, o casamento é seu! E me sinto bem integrada, afinal, serei madrinha, fotógrafa e sub-cerimonialista. Mais integrada que isso, só se me casar com o Anderson, no seu lugar. — Pelo canto do olho vi o babaca do meu cunhado abrir um sorriso idiota, escarnecendo da noiva.

Marjorie desviou o olhar para o lado da cozinha e baixou o tom de voz, receando que nossos pais nos escutassem.

— Já está reclamando novamente, Bell? Será que o casamento de sua única irmã é pouco para você? O que esperar de você, né, Bellanne? Pouco se importa se meu casamento sairá perfeito. Pouco se importa com o que os convidados irão pensar. — Eu estava atônita, vendo minha irmã surtar na minha frente e "vomitar" coisas insanas. — Você está se lixando se vão sair falando mal ou se irão rir de mim!

As lágrimas escorriam em seu rosto, me deixando ainda mais chocada. E só após alguns segundos, consegui falar.

— Margie... Está tudo bem?

Ela bufou e levantou da mesa, empurrando a cadeira e ignorando o chamado do noivo.

— Droga! Ela está muito tensa, Bell... Está muito nervosa com todos esses preparativos.

Eu olhava para Anderson e não acreditava que isso era tudo o que ele

tinha para me dizer. O que ele estava fazendo para aliviar essa tensão? Ele estava dividindo as responsabilidades com ela? Estava segurando em sua mão e dizendo que tudo estava lindo e perfeito?

Também empurrei a cadeira e saí atrás de minha irmã em seu quarto. Abri a porta sem bater e entrei.

— Não precisa vir me consolar.

Ignorei sua grosseria e me aproximei. Ela estava de pé, olhando pela janela e abraçando o próprio corpo, então, sentei-me em sua cama.

— Margie, nada do que disse é verdade, tá? Eu me importo e muito com o seu casamento. Acontece que eu não sou exigente como você. Estou vendo tudo o que tem me mandado por *e-mail*. Vi as toalhas de mesa, a *playlist*, o vestido da daminha... Para mim, está tudo tão perfeito quanto você.

— Então, está uma droga.

Oi?! É sério que eu estava escutando isso da "senhora Ana Maria Fraise 2"? Da garota que sempre me criticava, me julgava e que se colocava como exemplo?

— Não estou acreditando, Marjorie.

Ela se virou, ficando de frente para mim, mas ainda se abraçando.

— Finalmente, não é Bell? Finalmente admiti que você é a melhor. Pronto! Admiti! Você é a melhor, Bellanne Fraise! É a que faz sempre o que quer. É a que está se lixando para a opinião alheia. A gostosona. A que, mesmo gorda, pega os melhores caras. A queridinha do papai!

Marjorie estava transtornada e chorava copiosamente. Eu nunca, jamais a havia visto nesse estado, salvo quando brigávamos e chegávamos às vias de fato.

— Mais uma vez você está enganada, Marjorie. Não sou perfeita e nem você o é, mas a diferença é que não fico fingindo ser. Não faço disso minha cruzada. — Levantei e caminhei pelo quarto. — Que obsessão é essa, hein? Por que quer tanto ser perfeita?

— Nunca chegarei ao seu patamar de perfeição, Bellanne — vociferou, carregada de ironia. — Nunca serei tão bem resolvida, bem-sucedida e satisfeita comigo mesma. Nunca! Você é inatingível!

— Que porra é essa, Marjorie?! Não está me escutando? Eu não sou perfeita! — Falei silabicamente, na esperança de que ela entendesse. — Tenho sérios problemas de autoconfiança e se passo outra imagem, é porque luto constantemente contra eles. Sou bem-sucedida porque foco meu perfeccionismo no que realmente importa. E não, amorzinho... Minha vida

amorosa não é perfeita. Se há algo em mim que você deveria tomar como exemplo, é justamente se permitir ser imperfeita e não se importar com isso. E antes que eu saia por aquela porta muito puta com você, vou te dizer uma coisa: a mamãe também está longe de ser perfeita e você precisa enxergar isso, então, pare de tentar copiá-la!

Me virei para sair, mas ela agarrou meu braço, me puxando de volta, e eu a abracei imediatamente. Apertei minha irmã em meus braços como se ela ainda tivesse cinco aninhos.

Meu peito doeu pela triste constatação de que ela sofria. Marjorie soluçava em meus braços, molhando minha blusa e apertando-me com força.

— Ssss... — sibilei, tentando acalmá-la. — Eu te amo, anjinha... E você não precisa fazer nada mais para ser amada. Está tudo tão lindo, Margie. Seu casamento, a festa, os doces... Você precisa relaxar porque de nada adianta uma festa linda, com uma noiva triste.

— Me perdoe, Bell... Eu preciso de você. Preciso muito.

— E estou aqui, mas também preciso de você. Preciso que acredite em você mesma. Acredite que está fazendo o seu melhor e que é o suficiente para todos nós.

Ela ergueu o rosto e eu encarei aqueles olhos grandes e esverdeados, agora vermelhos de tanto chorar. Parecia um bichinho indefeso. Parecia minha anjinha.

— Me ensina a ser segura, decidida e firme como você.

Eu gargalhei.

— Vamos aprender juntas, amor, porque eu tenho anos tentando aprender e continuo me batendo.

Rimos e trocamos promessas de paz eterna. Eu sabia que isso era uma grande mentira. Iríamos brigar sempre, simplesmente porque somos irmãs e as brigas fazem parte desse amor. Mas também senti que Marjorie havia aberto seu coração e que estava realmente farta de se sentir insegura e insignificante.

A mudança que tanto desejava não seria repentina e muita água ainda iria rolar sob essa ponte, mas eu estava disposta a fazer qualquer coisa para ajudar a minha irmã. Qualquer coisa.

12º Capítulo



CAPÍTULO 12

Erik

Acordei com uma mensagem de texto do Mateo, dizendo que estava indo para o hospital e que eu também deveria seguir para lá. Os médicos fariam uma junta para discutir o estado do Axel e seria bom que estivéssemos todos juntos.

Já era quase noite, quando levantei ainda grogue, com os efeitos do *jet lag*. Tomei uma ducha rápida e conferi mais uma vez o celular. Nada de Bellanne.

Encontrei a mesa posta, repleta de tudo o que eu gostava. Sorri, sentindo-me um garoto, sendo mimado por Britta.

— Gostou?

Soraia estava em pé, apoiada no umbral da porta entre a sala e a copa, e eu nem a tinha visto ainda. Fui até ela e a intenção era de apenas cumprimentá-la com um aperto de mão — velhos hábitos dinamarqueses — mas ela se jogou em meus braços e me deu um forte abraço.

— Que bom que você voltou, Erik.

— Poderia ser em uma ocasião melhor, não é? — Arrematei, sentindo-me um pouco incomodado com o contato físico e desvencilhando-me de seus braços. — Como você está?

Ela nem precisava me dizer. Estava muito magra, com olheiras, cabelos opacos e um sorriso frio. Soraia não estava nada bem.

— Cansada... E muito preocupada com seu pai.

Sentamos juntos à mesa. Eu vasculhei cada prato, cada bandeja de bolo e cada geleia ali disposta. Estava tudo delicioso!

— Então, como está meu Brasil lindo?

— Com saudades de você, Soraia.

Ela riu e o som de sua risada me fez lembrar de uma Soraia de dez anos atrás, quando era uma mulher cheia de vivacidade. O que aconteceu com ela?

Continuei fitando aquela mulher por mais alguns instantes e tive um lampejo de como minha mãe estava, meses antes de falecer: apática, pálida, quase um zumbi. Soraia não estava muito diferente disso. Antes que pudesse alertá-la de que deveria se cuidar, o furacão Sílvia entrou na sala.

— Erik!

Ela me abraçou por trás e beijou meu pescoço, me causando arrepios. Me encolhi e recuei rapidamente.

— Olá, Sílvia.

Ela continuou enlaçando o meu pescoço, embora eu segurasse em seu antebraço, sutilmente tentando desvencilhar-me. Seu hálito era puro álcool e não era nem 19h.

— Te procurei ontem à noite e hoje, o dia inteiro, mas você estava recolhido. Qual é, Erik? Estamos em *Copenhague*! Temos festas em cada casa dessa maldita cidade e você dormindo!

Finalmente ela desistiu de me abraçar e sentou-se ao meu lado.

— Efeitos do *Jet lag*. Dormi muito mais do que deveria e quase perco o horário da junta médica, no hospital. Ainda estou no horário do Brasil.

— Você deveria vir embora de uma vez. — Soraia falou displicentemente, enquanto servia-se de chá. — Seu lugar é aqui, ao lado da sua família.

Eu apenas fitei-a por alguns instantes, avaliando o que a proximidade com Axel estava fazendo com ela mesma.

— Eu não posso. Estou começando uma vida lá e tenho coisas... Bem, tenho coisas e pessoas importantes no Brasil.

As duas se entreolharam e murmuraram algo com entusiasmo.

— Você está com alguém, Erik? Está pensando em se casar?

Gargalhei, frente a dedução da minha madrastra. Casar não estava nos meus planos para os próximos dez anos.

— Casar, não. Mas estou arrumando a minha vida, estou conhecendo alguém. E não, Soraia... Não há a menor cogitação de voltar para *Copenhague*.

Novamente ela suspirou. Sílvia apenas me observava, e seus olhos eram astutos, espertos demais.

— É uma pena... — Soraia suspirou, limpando a boca com o guardanapo. — Mas precisamos ir para o hospital. Vou tomar um banho. Você me espera?

Assenti para Soraia, mas levantei da mesa junto com ela. De forma alguma ficaria ali, à mercê das inconveniências da Sílvia.

Estava sentado no jardim, apreciando a noite fria do outono. As ruas molhadas pela chuva e repletas de folhas secas, as pessoas sempre de negro nas ruas, o vento forte balançando as árvores e o celular girando em minhas mãos.

No Brasil, já estava quase no meio da tarde e nada de Bellanne mandar uma mensagem. Eu poderia já ter lhe enviado uma dezena de mensagens, mas não queria ser inoportuno. E agora estava ali, me sentindo ansioso como nunca!

Ah, droga! Dane-se!

Tirei uma foto do jardim iluminado pela luz dos postes e mandei com a seguinte legenda: "Até consigo te ver aqui, toda arrepiada de frio". Era uma foto da entrada da casa, com o chão coberto de folhas secas.

Aguardei alguns segundos até que ela visualizou e começou a digitar.

Fraise: Brrrrr... Senti o frio daqui! O que mais se tem para fazer aí nesse frio, além de arrepiar?

Sorri, todo empolgado por ela ter me respondido.

Erik: Lareira, cama, colcha de pele, vinho, sexo... muitas vezes. Incansáveis vezes.

Ela respondeu com vários *emojis*, gargalhando.

Fraise: Saudade de você, Viking infernal.

Só me dei conta que mordia meus lábios quando ergui o celular para fazer

uma *selfie*. Tentei relaxar e fiz uma foto com a legenda "*Matando a sua saudade. Mate a minha*". Enviei-a e aguardei.

Neste momento, Soraia despontou pela porta da frente, vestindo seu casaco.

— Então, vamos?

— Vamos. — Respondi ainda olhando para o celular.

Soraia entrou no carro e eu sentei ao seu lado. Ela não falava nada, mas pude percebê-la me olhando de soslaio, curiosa, no entanto, não me importei. Estava concentrado na mensagem que Fraise estava enviando.

Fraise: Que injusto! Nesse frio, tão longe de mim e ainda mais lindo. Volta já!

— Nossa! — A exclamação de Soraia me chamou a atenção. — Essa carinha de felicidade é só por causa de uma mensagem?

Antes que eu pudesse responder, vi que Fraise havia enviado uma imagem também, aguardei três segundos até que carregasse.

— Não, Soraia... É por isso.

Era uma *selfie* de Bellanne e mostrei a foto para Soraia. Ela estava linda como sempre. Me olhava cheia de sua sensualidade natural e um sorriso sutil nos lábios. Alguém estava mexendo em seus cabelos. Na legenda estava escrito: "*Também sei ficar bonita. Estou no cabeleireiro*".

— Que moça linda, Erik!

— Ela é mais do que isso, Soraia. — Respondi, enquanto digitava uma mensagem para a "moça linda".

Erik: Você é Ph.D. em beleza, Fraise. Não vá cortar o cabelo. Adoro ele.

— Ela é um bom motivo para ficar no Brasil. É modelo?

— Fotógrafa. Muito talentosa, por sinal.

Vi que Soraia sorria, mas voltei a atenção totalmente para Bellanne. A cada vez que nos falávamos, eu tomava mais e mais consciência de que sentia muito a sua falta.

Fraise: Não vou cortá-lo. Ainda não experimentei a sensação das suas mãos mergulhadas nele.

Mordi o lábio para conter o riso escancarado que estava prestes a surgir.

Erik: *Você saberá como é a sensação das minhas mãos em muitos lugares. Em todos os lugares.*

Ela respondeu com *emojis* "chorando de rir".

Fraise: *Como está sendo o seu dia?*

Erik: *Começando agora, indo para o hospital. E o seu?*

Fraise: *almocei com meus pais, discuti com a minha irmã e me comprometi até o pescoço com o casamento.*

Erik: *Que casamento, Fraise?!*

Respondi, acrescentando um *emoji* de "olhos arregalados".

Fraise: *Kkkk... O da minha irmã. A única coisa que não farei nesse casamento, será o papel da noiva. Desde já, está convidado, Mr. Lars. Será após o lançamento da Drakkar.*

Erik: *Serei seu par?*

Fraise: *Fará por merecer?*

Ergui a cabeça e observei a rua, as pessoas... Mas meu pensamento estava nela. O que esperava de mim?

Erik: *O que preciso fazer para merecer?*

A resposta demorou um tempo. Tempo suficiente para que chegássemos ao hospital e, pouco antes de precisar desligar o celular por causa da UTI, vi minha resposta chegar:

Fraise: *Esteja online, hoje, às 21h do Brasil.*

Só tive tempo de enviar um "ok". Nada me faria perder esse encontro.

Bellanne

Entrei no elevador e apertei o 12º andar. Aquele trajeto até a presidência da Drakkar me remetia a doces e saudosas lembranças. Atravessei o saguão e encontrei rostos simpáticos, sorrisos calorosos e um quê de admiração em cada olhar. Orgulhosa, imaginei que os funcionários já haviam recebido o *e-mail marketing* com as primeiras imagens da campanha. Este seria um valioso termômetro para mim e para a agência de propaganda.

— Boa tarde, Ana Paula. Tudo bem?

A secretária de Thomaz sorriu e se levantou para me receber.

— Boa tarde, Dona Bellanne. A senhora precisa de alguma ajuda?

— Sim. Vim buscar algumas coisas que o André, da agência de publicidade, deixou para mim. Ele disse que estariam com a Flávia.

— Sim, sim, mas a Flávia não veio hoje. Com a ausência do Sr. Erik, ela

tem mais liberdade e aproveitou para resolver umas questões pessoais. Aguarde um minuto que irei buscar as pastas para a senhora.

A garota saiu na direção da sala do Erik e eu fiquei ali, aguardando. Quem diria... Jamais imaginaria que o homem insolente que me flagrou no trânsito, hoje seria meu contratante e, pior, meu provável... Nem sei como devo chamá-lo. Amante? Namorado? Casinho?!

— Bellanne?! Que surpresa!

Levei um susto. Thomaz já estava ao meu lado, pousando a mão sobre o meu ombro.

— Oi, Thomaz, como vai?

— Bem, muito bem, obrigado. A que devo essa honra?

— Ah... Vim buscar alguns croquis que o André deixou para mim.

— Excelente oportunidade para nos vermos. O Erik fez boa viagem, mas ainda não conseguiu falar com o pai.

Franzi o cenho sem compreender muito bem como fomos de croqui para Erik, mas tudo bem.

— É, eu sei. — Disse, um pouco desconfortável. — Estamos nos falando.

Agora foi a vez do Thomaz enrugar a testa, sem conseguir disfarçar sua surpresa.

— Mas é claro... Que cabeça a minha. — Se aproximou e sussurrou: — Ele me contou sobre vocês... Que estão se conhecendo melhor.

— É... Ele é legal.

A secretária retornou sorridente, com duas pastas nas mãos.

— Aqui estão, Dona Bellanne. — Peguei as pastas e vi quando ela olhou rapidamente de mim para o Thomaz e vice-versa. — Posso ajudar em mais alguma coisa?

— Não, eu já estou indo...

— Bellanne, por que não toma um café comigo? — Thomaz perguntou, pousando novamente a mão em meu ombro.

Eu pretendia me despedir rapidinho e sumir dali, mas ele era tão gentil, que me senti mal em recusar.

— Tudo bem.

Fomos para a sua sala, que era tão grande e luxuosa quanto a do Erik, contudo, os móveis eram mais escuros, com muito couro preto.

Ele sinalizou, me oferecendo a poltrona. Sentei, cruzei as pernas elegantemente na altura dos tornozelos e pousei as pastas sobre meu colo. Estava de saia.

— Thomaz, não o sei o que o Erik contou a você, mas... — Ele, sentado de frente para mim, sorria. — Nós realmente estamos apenas nos conhecendo. Sou bastante profissional e gostaria de manter este assunto de maneira privada, se possível.

Ana Paula abriu a porta, dando passagem à jovem senhora que veio nos servir café. Segundos depois, estávamos sozinhos novamente.

— Bellanne, não se preocupe com isso. Eu e Erik somos amigos desde muito garotinhos e somos confidentes um do outro. Na verdade, posso apostar que sou o único amigo do Erik, e ele é meu único amigo.

Aquilo me tocou. Por um lapso de ignorância, cheguei a crer que este tipo de amizade só existisse entre mulheres... e *gays*.

— Bonita a amizade de vocês. — E sorvi o café, apenas para ocupar a boca.

— Bellanne... Quando ele me contou que vocês... Que vocês haviam saído, eu não posso mentir... Achei estranho.

Inclinei a cabeça, tentando compreender as entrelinhas.

— O que é estranho, Thomaz?

— Vocês dois. Os achei tão improváveis, que reagi mal no primeiro instante. Mas Erik, com toda a sua sapiência e clara visão, me mostrou que não há nada de improvável entre vocês.

Sorri, ainda sem compreender muito bem.

— Obrigada, Thomaz. Mas, como disse, ainda estamos...

— Sei, sei... Se conhecendo. Fico feliz mesmo assim. Erik, apesar de ser um homem, digamos... cobiçado, não é dado a grandes conquistas. Definitivamente, meu amigo não faz o tipo conquistador. Além do que, a mulher precisa ter fibra para encarar aquele *viking*.

Ri internamente da alusão aos vikings. Será que Erik também havia lhe contado sobre esse apelido? Decidi ignorar a suspeita.

— Está querendo me assustar, Thomaz?

Ele riu largamente.

— De forma alguma, Bellanne. É justamente o contrário. Quero que saiba que vale a pena. Erik tem um gênio difícil, tem lá suas questões familiares que pesam demais, mas é um cara fantástico. Um homem como poucos.

Meneei a cabeça e sorri para ele, marotamente.

— Agora, está querendo me vender o peixe. Você é bom de jogo.

A sua gargalhada soou pela sala.

— O que quero dizer com tudo isso, Bellanne, é que se você está

gostando mesmo dele, faça-o feliz. Ele não faz o tipo que aposta fichas onde não quer ganhar de verdade. Se vocês ainda estão se falando, é porque ele tem interesse genuíno em você.

Uma sensação gélida percorreu minha espinha, me causando arrepios. Será que ele estava mesmo gostando de mim? Será que Thomaz o conhecia o suficiente para afirmar isso?

— Ele não deixou dúvidas quanto ao interesse, Thomaz. Acontece que, como você disse, Erik é um homem cobiçado. Não sei se tenho paciência suficiente para lidar com homens que dispõem de tantas ofertas. — Eu estava jogando e precisava colher aquilo que o Erik não me dava: o que exatamente ele queria comigo. — Eles costumam ser bem inconstantes. E de inconstante na relação, basto eu.

Thomaz me observou com um sorriso pairado nos lábios.

— Bellanne... Já vi mulheres de todos os tipos se atirarem aos pés do Erik. Algumas ele dispensou solenemente, com outras ele se permitiu. E quando ele se permite, não é um homem muito paciente, assim como você. Acredite. Diante disso, repito: Se vocês ainda estão se falando, é porque ele realmente tem um interesse especial por você. E é só por isso que estou aqui, tendo essa conversa. Porque ele a considera digna de sua atenção e estima. E se o que queria saber era se vale a pena... A minha resposta é: Ele não é perfeito, mas vale cada gota de suor. Acredito que o Lucien diria o mesmo sobre, não?

Meu queixo estava no chão, e por diferentes motivos.

Sorri, meio sem graça e balancei a cabeça, afastando todas aquelas informações momentaneamente.

— Ok, Thomaz. Fico feliz em saber. — Eu estava meio zonza, sem saber se ficava feliz ou indignada com a alta conta de Thomaz acerca do amigo. — Obrigada por compartilhar suas impressões comigo. Obrigada mesmo.

Fui levantando devagar, tentando rebobinar a fita deste "filme" e colocá-la em *slow motion*, para ver se entendia. Thomaz acompanhou-me até a porta e, com toda polidez possível, beijou minha mão.

— Bem-vinda ao mundo do Erik. Não esqueça o cinto de segurança, você irá precisar.

Hein?!

— Ok... Obrigada, mais uma vez.

E sorri, sentindo-me completamente boba e perdida.

Saí da Drakkar ainda meio desorientada. Precisava de um vinho,

precisava do Lucien, precisava caminhar. E tudo isso era urgente.

13º Capítulo



CAPÍTULO 13

Duas horas depois...

Bellanne

Enquanto corria pelo calçadão usando fones de ouvido, falava com Lucien pelo celular.

— Ok, Bell, fiz aqui a minha leitura. Letra A: esse Thomaz tem uma paixão “bafônica” pelo seu Viking e quis te dar uma assustada. Letra B: esse cara tem uma paixão “bafônica” pelo seu bofe, mas gosta tanto de você, que está abrindo o caminho. Letra C...

— Para com essa merda de paixão “bafônica”, Lucien.

— Está bem. Para mim é bem simples: Erik é meio *psico*, mas é gostoso. Ele é um mergulho pelado em água cheia de tubarões, assim como você querida. Meu conselho? Entre na dele sabendo que é problema, mas um problema que vai te comer gostoso, *baby*. Então, eu te pergunto: Que “neca das galáxias” nessa vida não é problema?

Gargalhei tão alto que as pessoas me olharam assustadas na rua. Pedi

desculpas aleatoriamente e aumentei o ritmo da corrida, saindo rapidinho de onde estava.

— Você é a bicha mais ordinária que já conheci, Lucien.

— Posso até ser ordinária, mas meu "necômetro" não falha, Bell. Se joga nessa "neca", filha. O lado problemático você resolve depois!

Cheguei até o portão do meu prédio e esperei o porteiro o abrir.

— Vamos ver o que posso fazer pela "neca" do Erik. Amanhã eu te digo se o seu "necômetro" está reguladinho mesmo.

Me despedi ainda rindo e entrei no elevador. A conversa com o Thomaz ainda estava em minha cabeça, mas o Lucien estava coberto de razão. O que importa é que estamos a fim, somos adultos, bem resolvidos e de comum acordo.

Fui direto para o banho e não tive a menor pressa, deixei a água morna escorrer, lavei os cabelos, me ensaboei, sequei e passei um óleo pós-banho. Vez ou outra, trechos da minha conversa com Thomaz vinham à tona. Claro que Erik era um homem cobiçado, mas era a mim que queria nesse momento. E só Deus sabe o quanto eu queria esse homem.

Vesti um conjunto simples de calcinha e sutiã e uma *t-shirt* gigante e decotada, com a imagem de uma santa mexicana na frente. Deixei os cabelos secarem à vontade e fui até a cozinha. Estava me sentindo em paz, tranquila.

Cortei duas fatias de baguete e reguei com um pouco de azeite doce. Iria ocupar meu tempo, até que desse a hora do meu encontro com Erik. Talvez trabalhasse um pouco, lesse um livro ou assistisse à TV.

Acrescentei tomates picados, queijo e manjerição às torradas de baguete. Peguei a garrafa de vinho, que já estava aberta na geladeira, e levei tudo para o quarto. Enquanto comia, acessei meus *e-mails* pelo *notebook* e respondi algumas mensagens, depois liguei a TV e vi que estava começando o filme "*Orgulho e Preconceito*", que eu já tinha assistido umas sete vezes, mas jamais seria o suficiente. Desliguei a luz principal, deixando apenas a do abajur, e me acomodei.

Quando estava terminando a parte mais adorável do filme, quando *Mr. Darcy* se declara para *Elizabeth* e ela o enxota, meu telefone bipou. Só então percebi que já era nove da noite e a mensagem de texto estava acesa na tela.

Erik — *BigBang!* 21h

Sorri. Era tão fácil sorrir com ele.

Fraise — *Quanta pontualidade! Como está seu pai?*

Erik — Parece bem. Amanhã irão tirá-lo do coma induzido e avaliar suas condições para a colocação da ponte de safena.

Fraise — Espero que dê tudo certo.

Erik — Eu também. E você, como terminou seu dia?

Fraise — Almocei com meus pais, estive na Drakkar e depois fui correr. Nada de diferente.

Erik — Sentiu minha falta na Drakkar?

Eu estava sorrindo para a tela do celular feito uma boba.

Fraise — Na Drakkar, na porta do meu prédio, na minha cama...

Meu coração estava disparado e isso estava me assustando pra cacete. Quando me senti assim? Na minha primeira vez? Que nada! Nem na minha primeira transa fiquei tão nervosa, ao contrário, fui absurdamente prática e até ajudei o rapaz a colocar a camisinha.

Se eu estava tensa desta forma porque estávamos começando uma conversa apimentada, como será quando estivermos frente à frente?

Então, o telefone tocou, quase me matando de susto. Era ele! O número no visor já se tornara bastante conhecido.

— Oi?

— Isso é cruel, Fraise — A voz rouca soou em meus ouvidos, me fazendo derreter. — Não há outro lugar onde eu gostaria de estar agora, senão na sua cama.

Ai, Jah!

— Vou fechar os olhos e fingir que está aqui, ao meu lado. — Respondi, sorrindo feito uma idiota.

— Está deitada?

— Sentada, recostada em travesseiros.

— Então, estou deitado em seu colo, beijando essas coxas que tiraram meu sossego ontem.

Olhei para o lado e pude construir a cena com a maior facilidade. Até imaginei que ele estaria usando cueca boxer preta. Era uma visão empolgante.

— E como estão as coisas por aí?

Escutei o riso dele, baixinho. Com certeza havia percebido a minha evasão. Droga! Não era a minha intenção, mas esse frio no estômago também não estava sendo confortável.

E assim, ele começou a contar sobre como estava sendo legal revisitar o

lar de forma tranquila, sem discussões. Falou sobre todos os mimos de Britta, e eu achei graça nesse nome. Depois, foi a minha vez de lhe contar sobre meu dia, inclusive sobre a discussão com a Margie.

— Você tem isso, Fraise, essa segurança nas atitudes, no jeito de enfrentar a vida e isso inspira as pessoas ao seu redor. É natural que sejam impelidas a te seguir ou se frustrar, quando não alcançam essa segurança.

Quase gargalhei, mas me contive. Imagine só... Eu, exemplo a ser seguido!

— Não é algo nato, Erik. Eu batalhei muito para me convencer de que eu merecia o mundo. Sempre fui gordinha e as pessoas costumam ser cruéis com quem não se enquadra nos padrões. Foi à custo de muita determinação, muita luta contra meus instintos, que consegui entender que o erro está neles, não em mim.

— Você está certa. Eu cresci aqui em *Copenhague* e só fui descobrir o que era essa coisa de preconceito com a aparência quando cheguei ao Brasil. Aqui, as pessoas não dão a menor importância se você é gordo ou magro, se tem o cabelo de um jeito ou de outro, ou qual a cor da sua pele. Realmente, não conseguimos ver como essas coisas podem ser relevantes.

— Um lugar feliz, não?

— Não é o lugar, Fraise... São as pessoas. Veja só, estou aqui e não estou feliz. Conto as horas para que meu pai se recupere e eu possa voltar. Queria estar com você agora, olhando em seus olhos.

Ele suspirou e fez uma breve pausa, então, prosseguiu:

— Sinto que você se esquivava de mim e não compreendo o motivo, porque parece gostar das nossas conversas. — Meu coração disparou, prevendo perguntas e respostas complicadas. — Achei que talvez fosse pelo Alex, mas vocês não estão juntos, então, só me resta perguntar: por que foge de mim, Fraise?

Uau! A direta fez meu estômago revirar e me arrependi das *brusquetas* que havia comido.

— Não fujo de você, Erik... Ou fujo? Se fujo, não é intencional.

— Foge, Fraise.

Ele sabia ir direto ao ponto. Instintivamente, eu mordiscava o cantinho da unha.

— Não é de você, é do que eu sinto quando estou com você. É tudo muito recente e eu não sei se estou embarcando nessa sozinha, entende?

O escutei rir. Uma risada rouca e sexy.

— É sério que Bellanne Fraise está insegura?

— Palhaço! Não é bem insegurança. Você mexe comigo, Viking dos infernos, e não quero entrar nessa para me machucar.

— É um risco, Moranguinho. E se houver machucado, será dos dois lados, porque eu estou a fim de embarcar. E não estou preocupado onde vai dar essa viagem.

Deus do céu, ele fazia tudo parecer tão simples! Se ele podia ver as coisas por esse prisma, por que eu também não poderia?

— Você estava gostando, naquele dia no estúdio, não estava? — A voz dele não passava de um sussurro preguiçoso e eu pensei o quanto gostoso seria o seu hálito em meu ouvido. — Você gosta, quando te toco?

Se gosto?! Como não gostar?

— Claro que sim, Erik. E muito. — Sorri.

Seguiu-se um silêncio e escutei que ele havia se mexido, do outro lado da linha.

— Queria poder tocar você agora, Moranguinho. — Eu tinha certeza de que ele estava deitado. Sua voz denotava isso. — Queria ser tocado por você.

Meu ventre se revirou de excitação e, fechando os olhos, consegui sentir as mãos grandes e quentes de Erik sobre mim.

— Onde, exatamente, você gostaria que eu te tocasse agora? — sussurrei, me sentindo a mais sedutora das mulheres.

Ele pediu que esperasse um pouco e desligou o telefone. Não demorou, recebi sua chamada de vídeo. O rosto lindo surgiu na tela e ele me ofereceu um olhar maroto.

— Pode ser aqui? — Desceu a câmera, mostrando a mão sobre o peito nu, e me fazendo suspirar. Era forte, sem ser do tipo "malhado", com poucos pelos dourados, concentrados na região do peito. Desceu a mão, fazendo um rastro tentador, até sumir na tela do celular. Eu não tenho muita certeza, mas acho que salivei.

— Claro que pode. Em muitos outros lugares também. — Deixei escapar de meus lábios, pois ainda estava chocada com a beleza daquele abdômen.

Ele tornou a focalizar o rosto e sorriu, com a expressão absolutamente descarada, antes de continuar sua descrição torturante.

— Sabe o que mais eu queria fazer agora? — Uau! Estava esquentando tanto, que coloquei o *notebook* no chão e me deitei de bruços, apoiando-me sobre os cotovelos, virada para os pés da cama. Concentrei-me na bela imagem estampada no celular. — Queria mergulhar a mão em seus cabelos,

Fraise, e te imprensar contra parede. Te beijar, morder sua boca...

Eu estava começando a entrar em alfa. Estava começando a sentir seu toque exatamente da forma como ele dizia. E por estar ficando tão envolvida, acabei suspirando alto demais.

— Ah, Fraise... — murmurou.

Mordi meu lábio inferior, esquecendo-me de que, assim como eu o via pela chamada de vídeo, ele também me via.

— O que está usando, Viking?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Quer saber que roupa estou usando?

— Se é que está usando. — Mantive o celular parado à minha frente, enquadrando meu rosto e meus seios, imprensados contra a cama. A pouca exibição não era por recato. Se eu era carente de algo nesta vida, era de recato. Mas sexo virtual não era bem a minha praia e todos os receios e lembranças de nudes vazando por aí, vieram à minha memória. Não custava nada ter cautela.

Erik afastou o celular, erguendo-o, aumentando a distância entre o aparelho e seu rosto, e meu queixo caiu. Aquele corpo fenomenal, altamente proporcional, de coxas grossas e abdômen saradinho, estava ostentando uma cueca boxer branquinha, linda, contendo algo quase incontível. O volume decalcado sob o tecido aderente me fez contrair inteira.

— Coisa linda, hein? — graciei.

Ele riu e voltou o celular para próximo ao rosto. Seu semblante era encantador, levemente corado. Sério que Erik Lars era tímido?

— Está falando de mim ou da cueca?

— Ambos, meu bem. Sabe disso. — E pisquei um dos olhos, ratificando minha opinião.

— E você, Moranguinho... O que está usando?

Inclinei o rosto, olhando meio de soslaio, fingindo charme. Então, ergui o celular sobre a minha cabeça e, como estava deitada de bruços, tudo o que ele viu foi o meu bumbum coberto pela *t-shirt* da santa mexicana e a parte de trás das minhas coxas.

— Uma blusa. — Respondi.

O vi contrair as sobrancelhas.

— Nesse calor?! Não acredito nisso, Fraise. Vou mesmo ter que te fazer suar, para essa blusa desaparecer, não é?

Ri da sua insolência. Uma deliciosa insolência.

— Você já começou a fazer isso, Viking endiabrado. E olhe só... A temperatura começou a subir!

Deixei o celular sobre a cama e tirei a *t-shirt*, deixando-a no chão. Voltei a deitar de bruços e ergui o telefone sobre minha cabeça, dando ao Erik uma visão privilegiada do meu bumbum, mal preenchido por uma calcinha boxer de renda preta.

Não sou boba, aquela era uma parte das mais elogiadas do meu corpo, precisava exibi-la.

Ele prendeu o lábio inferior entre os dentes, o que lhe era um gesto natural, inato.

— Que linda, hein?

Ri alto. Ele estava usando os meus truques!

— Já sei, gostou da calcinha.

— Também. Mas o sutiã é igualmente lindo.

Arregalei os olhos. Que ave de rapina! Em dois segundos ele escaneou também meu sutiã?!

— Viking, você é pior do que eu imaginava.

Ele sorriu, me derretendo por dentro, e eu o encarei. Apesar da frieza do celular, pude sentir todo fogo em seus olhos. Uma sequência de cenas libidinosas, envolvendo o Erik, passaram por minha mente. Ele ficou em silêncio, apenas me encarando de volta. Seus olhos me estudavam, avaliavam. Então, muito seriamente, murmurou:

— Fraise... Apoie o celular em qualquer canto, coloque os fones de ouvido e feche os olhos. Fixe apenas na minha voz.

Instintivamente, ergui uma sobancelha, tentando supor o que viria mais. Contudo, obedeci sem questionar. Coloquei uma almofada à minha frente e apoiei o celular, de modo que poderia vê-lo, se abrisse os olhos. E ele, com certeza, poderia me observar. Coloquei os fones.

— Estou pronta, mestre.

Ele respirou fundo e minha espinha arrepiou.

— Fraise... — E o sotaque, arrastando o "Fraise" pela garganta, ganharam uma outra relevância, agora que eu tinha apenas a sua voz como referência.

— Não está sentindo a temperatura subir? Deve estar um calor bem grande por aí.

Eu ri e escutei seu riso sutil, do outro lado da linha.

— Bom você falar...

Levei uma mão às costas e desabotoei o sutiã. A esta altura, eu já havia

perdido o tino, esquecido completamente do bom senso virtual e queria mais era cair na gandaia com Erik Lars.

Abri os olhos para ver sua reação. Eu realmente não estava preparada para isso: Erik era a imagem do puro tesão!

Retirei as alças do sutiã e puxei a peça sem exhibir muito dos seios, ainda imprensados contra o colchão. Queria apenas instigá-lo, não o derrotar de uma vez. Percebi que ele havia apoiado a sua mão direita — a que segurava o celular — em algum lugar, ao lado da sua cabeça, à uma distância que me permitia ver, além do seu rosto, seus ombros. Aquilo era uma ode à beleza!

— Feche os olhos. — Ordenou. E para a minha surpresa, eu estava gostando daquele tom autoritário. Jamais pensei que fosse me excitar com esse tipo de coisa, mas estava dando super certo, então, cerrei os olhos imediatamente.

— Fraise... — O que diabos havia naquela voz que, a cada vez que ele sussurrava meu nome, eu sentia uma espécie de choque?! — Eu conheço a sua pele... Eu sei o quanto é macia. Ela está macia agora?

A voz do Erik estava suave, embora grave. Eu simplesmente amava o seu timbre, a sua entonação. Grave, firme e muitas vezes meio arrastada.

De olhos bem fechados, deslizei a mão pelo meu colo, lentamente, absorvendo cada respiração do Erik, ao telefone.

— Onde exatamente você quer saber se estou macia, Viking? — A minha própria voz não passava de um sussurro. Adoraria saber se conseguia causar-lhe o mesmo efeito.

— Lembro bem do seu pescoço... Ele tem um cheiro diferente. Tão bom quanto o gosto. Ele está macio agora, Fraise?

Havia uma calma calculada em sua voz, contradizendo a respiração profunda e levemente acelerada.

Subi a mão por entre meus seios e mergulhei na nuca. As minhas unhas arranharam e eu arrepiei inteira. Em resposta, apenas murmurei, dizendo que sim.

— Boa garota... Preciso que me ajude a lembrar. Como ela é?

— Quente... arrepiada. Carente de sua boca.

A respiração dele ficou mais pesada e, a julgar pela contração que senti lá embaixo, poderia jurar que eu estava completamente molhada. Quase abri os olhos, mas me contive. Estava gostando mesmo daquilo.

— Você nem imagina o quanto eu queria estar aí...

— O que você faria, Viking, se estivesse aqui?

— Eu iria me certificar de que os seus seios recebessem as carícias mais gostosas. Iria constatar se eles são tão macios quanto a pele entre as suas coxas. — Sorri em silêncio. — Poderia ver isso para mim, Fraise? Se os seus seios são tão macios assim quanto a pele entre as suas coxas?

Enquanto seguia de bruços, apoiando-me sobre o cotovelo esquerdo, desci a mão direita do pescoço para o colo, tendo a plena consciência de que deveria estar parecendo bem *sexy*.

Foquei na voz que invadia os meus ouvidos e me deixei levar.

Mergulhei a mão entre meus seios e a cama, alcançando o mamilo. Ele estava enrugado e duro.

Putz! Estava ficando muito bom!

— Erik... — Seu nome saiu junto com a minha respiração. — São tão macios... Você iria gostar de tocá-los.

— Fale mais sobre isso, senhorita Fraise.

Pelo arfar de sua voz, tive a certeza de que ele estava aproveitando bem a nossa brincadeira. Isso me excitou ainda mais!

— Estão arrepiados, reclamando muito a sua falta, senhor Lars.

Mesmo sem ver, tive a certeza de que sorriu.

— Sabe... Existe uma lenda por aqui, e ela diz que a boca de um viking é sempre quente e sua língua encantada. Imagine, Fraise... A boca quente de um viking provando cada curva dos seus seios, lambendo, sugando...

Ele falava e eu conseguia visualizar e sentir cada lambida sua. A boca tão linda e perfeita do Erik, envolvendo meu mamilo e sugando, sem dó.

— Ah, Viking... Você vai precisar me provar essa lenda.

— Vou te provar todinha, Moranguinho. — Provocou, usando o duplo sentido do verbo. — Agora me diga... Como é sentir o mamilo durinho assim, dentro da minha boca?

Por *Jah!* Ele estava mesmo me fazendo sentir aquilo. Minha vagina estava meio descontrolada, contraindo e relaxando sem o menor respeito pela minha solidão.

Abaixei a cabeça e olhei para os meus seios, ainda comprimidos contra o colchão. Ergui apenas o olhar e o encarei na tela do aparelho. Eu estava muito a fim de provocá-lo, então, sorri como uma legítima safada e ergui um pouco o meu corpo da cama, deixando que ele visse os mamilos triscando o lençol.

Erik arfou. Aposto que não esperava por isso.

— Fraise... — murmurou quase sem voz.

Ri baixinho.

— Viu, como estão ansiosos pela boca quente de um viking?

O vi passar a língua entre os lábios, bem furtivamente. Seus olhos estavam fixos nos meus seios e eu pude ver os seus dentes perfeitos entre os lábios. Percebi também, pelos movimentos nos ombros, que ele se acariciava. Eu adoraria ver isso.

— Você está gostando da brincadeira, Viking? — E ergui uma sobrancelha, o desafiando.

Erik olhou para o teto e riu, com a respiração um tanto ofegante. Seu perfil encheu a tela do meu celular.

— Você abala minhas estruturas, Bellanne Fraise! — E voltou a me encarar — Não sei o que eu não daria, para estar nessa sua cama agora.

— Para fazer o quê? — Fingi inocência.

— Depois de dissolver esses seios perfeitos de tanto chupá-los? Ah, Fraise... Feche os olhos. Quero que sinta.

Obedeci, fechando os olhos novamente, ansiosa pelo o que viria.

— Se eu estivesse aí, iria lambe cada pedaço da sua pele macia. Iria morder sim, porque você é a criatura mais gostosa que há neste mundo. E deslizaria por sua barriga, mordiscando, chupando e me esfregando em você.

Caraca! Minha respiração arfou e eu já começava a querer me esfregar em qualquer coisa que aliviasse aquele tesão. Nem que fosse a última coisa que eu fizesse na vida, mas eu iria dar para Erik Lars. E seria muito bem dado!

Sem muita noção das minhas reações, tive a impressão de gemer e aquilo deve ter mexido com ele, pois ficou em silêncio por alguns segundos e eu entendi que estava cuidando de si mesmo.

Abri os olhos. Erik estava de olhos fechados, respirando fundo e mordendo o lábio inferior.

— Tudo bem? — sussurrei.

Ele sorriu e me olhou.

— Puta que pariu, Fraise, você me deixa doido.

Para bom entendedor, uma boa erguida de sobrancelha é o suficiente. Sim, ele estava se masturbando e isso me deixou doida!

— E você, Erik... Por que não fecha os olhos e me escuta?

Troquei o lado do tabuleiro porque, primeiro, precisava de um tempo ou iria começar a gritar; segundo... Acho estupidamente excitante ver um homem se masturbando. Nem que seja para ver apenas a sua expressão de prazer.

Erik fechou os olhos e tornou a respirar fundo.

— Consegue sentir minha respiração em seu ouvido? — sussurrei.

Erik apenas assentiu, mas seguia com o rosto virado para o teto e de olhos fechados, me deixando ver apenas o seu perfil. Suas mãos estavam ocupadas.

— Não sou um viking, mas também tenho uma língua quente e macia... E estou louca para mergulhá-la em seu ouvido e deslizar, com pequenos chupões, pelo seu pescoço, enquanto coloco a sua perna entre as minhas coxas e me esfrego em você. Consegue sentir o quanto estou quente entre as minhas coxas, Viking?

Ele abriu os lábios e respirou fundo.

— Ah! Fraise... — O sorriso misturando-se ao arquejo. — Claro que sinto. E se eu descer a minha mão, posso alcançar esse calor. Nossa! É mais quente do que eu pensava, é molhadinho... — Ele virou o rosto, me olhando diretamente. — Está sentindo, Moranguinho, os meus dedos no seu calor?

Eu já estava lá. Mergulhei minha mão na calcinha e alcancei meu sexo. Estava exatamente como ele descrevia: pulsante, em brasa e completamente molhado.

— Ai, Erik... Está bem molhadinha... — falei manhosa.

Ele voltou a encarar o teto e fechou os olhos, enquanto ostentava um sorriso sutil e maroto.

Putz! Percebi que ele se mexia mais e já não disfarçava que estava se masturbando. Era uma das cenas mais *sexies* que eu já havia visto na vida. O perfil másculo, perfeito em suas formas, os lábios tão macios, entreabertos, os ombros ondulando e as sobrancelhas contraídas. Eu precisava ter aquilo ao vivo!

Também fechei meus olhos e viajei.

— Posso imaginar como está molhadinha... Me faz um favor, gostosa? Mergulhe dois dedos bem aí. Vá fundo... devagar e fundo.

E foi o que fiz. Gemi, sentindo minhas paredes contraírem contra meus dedos. Instintivamente, abri os olhos e encontrei o azul matador do Erik, direto em mim. — Está gostoso, minha Fraise? Está quente? — Balancei a cabeça, afirmativamente, e sentindo minhas entranhas contraírem de tesão. — Então, mata a minha vontade... Tira os dedinhos daí e chupa. Quero que me diga se é bom, Fraise.

Arfei!

Sem cogitar qualquer desobediência, absurdamente excitada, tirei os dedos de mim e os levei diretamente à boca, sem com isso deixar de encará-

lo. Queria ver sua reação. E eu vi os olhos do Erik vidrarem. Sua expressão ganhou um quê de tortura e ele gemeu rouco e baixinho, sugando o próprio lábio.

— Que gostosa... Consegue sentir o quanto você é gostosa, Fraise? — Fiz que sim com a cabeça, completamente envolvida no jogo. — Então, volta lá e me diz se continua tão quente quanto antes.

Pousei o celular na cama, respirei fundo e tornei a descer a mão, lentamente, sentindo a suavidade da pele, a aspereza da renda da calcinha, a faixa estreita de pelos sedosos e, por fim, a umidade quente, latejante.

Gemi, apreciando o meu próprio toque de uma maneira que jamais havia experimentado. Fechei os olhos e me concentrei na respiração pesada do Erik, para logo em seguida ter meus ouvidos e mente preenchidos por sua voz rouca, sussurrada e preguiçosa, arrastando o sutil sotaque francês. Bastaria isso para me levar ao orgasmo, mas ele foi além.

— Isso, garota... Sente meus dedos em você, cada um deles. Quero te tocar assim, minha Fraise... Quero ter você em minhas mãos, em minha boca. — Eu apenas concordava, mas não respondia. Salvo se minha respiração excitada, e um ou outro gemidinho, lhe servissem de resposta. — Ah, Fraise... Eu vou ter você em minha cama e fazer tudo o que eu quiser. Vou te morder, te chupar, te apertar e me enfiar em você até te fazer gritar. — A voz dele ia ficando cada vez mais pesada, rouca e gutural, sussurrando as mais sujas sacanagens com uma elegância sexy que me fazia levitar, enquanto eu me afogava em imagens desconexas, projetando as promessas que ele me fazia.

Continuei acariciando-me, sentindo o calor juntar-se inteiro bem no centro do meu sexo, ardente, pegando fogo, me levando ao limite.

— Vou te comer de tantas maneiras, Fraise, que você sequer pode imaginar.

— Sim... — Foi tudo o que minha boca tola conseguiu pronunciar, em meio aos gemidos que escapavam, torturantes. E, de fato, eu conseguia imaginar o corpo grande e forte do Erik contra o meu, me forçando, espremendo-me contra a cama... ele me invadindo, me abrindo inteira e me fazendo gritar.

Fantasia e realidade se misturaram quando escutei meu próprio gemido soar mais alto do que deveria. Estremeci inteira, me arrepiando sucessivamente, sem conseguir controlar os espasmos que me dominavam. O gozo subiu por minhas entranhas e fechou minha garganta.

Busquei ar, busquei prumo, mas minha vagina estava apertando e soltando, me levando às delícias prometidas pelo Viking e, feito uma idiota, desabei a cabeça para o lado, com um meio sorriso pairando nos lábios. Abri os olhos e lá estavam os olhos azuis, me fitando de um jeito estranho, mas de uma forma que toda mulher quer ser olhada.

— Eu estou ficando viciado nisso... Te ver gozar.

Sua voz continuava pesada e eu também estava ansiosa para vê-lo gozar. Ainda sentindo o corpo mole, abracei o travesseiro e deitei a cabeça, fixando meu olhar no dele, através da tela fria.

Erik

Ela andava em minhas fantasias com uma intimidade abusada. Há dias só conseguia pensar nas mais diversas formas de fazê-la gozar. Estava mais parecendo um adolescente, com sexo o tempo inteiro na cabeça, e quando a vi entrar na tela, mais cedo, meu tesão desativou as demais funções do cérebro.

Ela estava tão linda, de cabelos meio úmidos e com cara de menina sapeca. Diferente da mulher arrebatadora que costuma ser, mas igualmente sexy.

E agora, o quadro de puro tesão que se formava com o gozo dessa mulher, era algo digno de ser registrado na mente. Consegui sobrepor com facilidade a primeira vez em que a vi em êxtase, no trânsito. Eu mesmo, quase não pude me segurar ao ver sua boca gostosa abrindo em busca de ar, escapando gemidos — esses sim, eu deveria ter gravado de alguma forma! Ela mordida os lábios e ria, em meio ao gozo, elevando minha excitação a níveis preocupantes. Ela era incrível. Deliciosamente incrível!

— Puta que pariu, Fraise. — Escapou da minha boca.

Ela riu, me encarando pelo visor.

— O Viking xinga!

— E muito. Ainda mais vendo você assim, toda linda, gozando pra mim.

Eu mal conseguia falar. Segurava meu pau já para fora da cueca e ele parecia que iria explodir. Acariciava-me quase no automático, sendo guiado por todos os sinais que ela emitia: sua respiração, seu sorriso, o olhar sensual, e claro, a construção perfeita que fiz, em minha mente, do sexo de Bellanne inundado de prazer. Daria qualquer coisa, sem pestanejar, para meter-me completo dentro dela, agora mesmo.

Ela estava de bruços e abraçava um travesseiro, mas então, simplesmente enfiou novamente o indicador na boca, chupando-o deliberadamente.

— Você vai gostar disso, Viking. É bom.

Senti o fogo estrangular meu pau, fazendo-o latejar. Acelerei minhas carícias e não pude deixar de rir, com a sacanagem deliciosa da Fraise. Busquei o teto, tentando me concentrar e encontrar de uma vez o alívio para a minha agonia.

— Aposto que o seu gosto é ainda melhor, Viking — A frase soou perigosamente sensual, em sua voz rouca e sussurrada. Arrepios estavam me levando à loucura. — Deixa eu ver o que você está fazendo, deixa. — Pediu-me, manhosa.

Mesmo que não houvesse a manha em sua voz, eu seria incapaz de negar-lhe algo. Encarei os olhos selvagens de Bellanne e sorri, tendo ciência de que meu sorriso saía sempre meio vacilante.

Tirei o celular do suporte, no qual o havia colocado, e virei a câmera para o meu corpo. Eu continuei me acariciando, com meu pau completamente exposto, em sua melhor forma e apresentação. Mesmo sendo modesto, sabia do efeito que a visão do meu pau causava, mas jamais havia desejado tanto causar um bom efeito à uma mulher. Voltei o celular ao suporte, focando novamente no meu rosto. Fraise estava com uma sobrancelha erguida e uma cara safada que me fez rir.

— Viking do céu, eu quero isso pra mim!

Eu ia rir novamente, mas até o olhar dessa mulher me faz enlouquecer e o orgasmo se anunciou ameaçador, me empurrando para um abismo. Acelerei meu ritmo, enquanto mordida meu lábio em busca de um pouco de controle.

— Ah, Erik... minha boca encheu d'água... como vou dormir agora? Volta logo, Viking... Não vou mais conseguir dormir, pensando em como você deve ser gostoso... em você todo em minha boca, quente, molhado... — Eu estaria mentindo, se dissesse que construía na mente alguma das cenas descritas por Bellanne. Meu pensamento estava inteirinho vermelho. Um grande nada vermelho, com a voz de Bellanne me atormentando. Não eram as suas palavras, era a maneira como as pronunciava. Eu conseguia ver sua boca, os lábios carnudos... vermelhos. A língua macia, molhada... Daí, veio a bunda da Fraise, aquela coisa escultural... E quando a textura da sua pele chegou-me à lembrança, o vermelho tomou outro tom e eu explodi em gozo.

Senti mil unhas arranhando um quadro negro e escoando minhas forças

em fluidos que sujaram minha mão, cueca e lençol. Eu pouco liguei para isso. Fraise ainda gemia ao meu ouvido e quando consegui abrir os olhos e fitá-la pelo celular, ela estava mordendo a ponta do travesseiro, de olhos fechados e novamente gozando.

Put a que pariu! Eu preciso dessa mulher!

— Ah, cacete, Fraise... — sussurrei sem me dar conta de que dizia algo. Eu mal havia gozado e já sentia que poderia endurecer novamente sem muito esforço.

— Erik... que porra você está fazendo comigo? — murmurou contra a franha mordida, refazendo-se do êxtase.

Rimos juntos, e poderia apostar que ela tinha a mesma sensação de fraqueza que eu sentia.

— Isso, porque você não faz ideia das "porras" que ainda quero fazer com você, Fraise.

Ela abriu os olhos e eles pareciam estar mais claros, quase verdes. Algo se fixou na minha mente: a expressão de pós-sexo dela. Eu queria muito bagunçar aquele cabelo, fazê-la gritar e ver aquela mesma expressão um milhão de vezes. Será que eu também estava com aquela cara de felicidade? Sem dúvida.

— Erik, Erik... Se você pudesse estar dentro de mim, agora, saberia o quanto te quero, homem.

E as palavras se perderam quando nossos olhos se encontraram. Estávamos tão longe... Eu percorreria qualquer distância para me perder em Bellanne. Qualquer distância.

— Se eu estivesse dentro de você, agora, Bellanne, não deixaria você pensar em mais nada.

Minha boca salivou, com a vontade de beijá-la. Fraise me encarou pelo visor com um olhar estranho, confuso, e esboçou um sorriso enigmático. No que estava pensando?

— Boa noite, Viking.

Sem entender sua despedida repentina e precipitada, apenas respondi.

— Bom dia, Fraise.

E ela simplesmente sumiu da tela do meu celular.

14^o Capítulo



CAPÍTULO 14

Erik

Com muito esforço, consegui vencer o sono desordenado e levantei pouco antes do almoço. Sentia-me especialmente leve e em meio a este contentamento, dei-me conta de que sentia falta de muitas coisas de *Copenhague*. As casas coloridas às margens do *Nyahvn* — o principal canal da cidade —, os barcos atracados, as praças... Apesar das cores opacas da estação, tudo parecia especialmente belo para mim.

Parei em um *pub* e cumprimentei alguns amigos que sabia, estariam ali àquela hora. Conversamos um tempo e depois fui direto ao hospital. Estávamos todos na expectativa, pois hoje Axel sairia do coma induzido e seu estado diria o que fazer dali para frente.

Entrei no hospital, mas antes de alcançar o botão de chamada, escutei meu nome em uma voz feminina. A moça loira, de olhos muito azuis e corpo esbelto se aproximava apressadamente. Um tanto surpreso, notei que mesmo após alguns anos, Hedda continuava com o seu jeito elegante de se mover e caminhar.

— Erik! — Quando estava perto o suficiente, ela parou, alargando o sorriso. — Que alegria em te encontrar!

Hedda era bonita e os anos haviam lhe feito bem.

— Como vai, prima?

Ela deu de ombros e conferiu sua própria roupa.

— Um pouco esbaforida, mas bem. E você? Eu estava ansiosa para te ver.

Apertei o botão de chamada do elevador e enfiei as mãos nos bolsos. Era um pouco estranho estar com Hedda tanto tempo depois.

— Que bom te encontrar. Outro dia conheci seu noivo.

— Yves é meu namorado, não meu noivo. — Ergui as sobrancelhas e assenti, ante sua resposta cortante.

O elevador chegou e entramos juntos.

— Está chegando agora? Como está o tio Axel?

— Ainda não tenho notícias. Até ontem, seu estado era estável e hoje irão tirá-lo do coma. Acredito que tudo ficará bem.

— Ele vai ficar muito feliz em ver você, Erik.

Hedda pousou a mão em meu ombro e, apesar de ser um gesto à toa, me incomodou um pouco. Não sei o que acontecia comigo. Há dias, aquele tipo de contato não me incomodaria. No Brasil, as pessoas têm o costume de se tocar o tempo inteiro e isso não vinha me importunando, mas desde que cheguei à *Copenhague*, me sentia desconfortável com a mínima intimidade. Aliviado o incômodo inicial, prossegui:

— Tudo o que quero é que fique bem o quanto antes.

Ainda tocando meu ombro, Hedda virou o corpo e me olhou de frente. Seu semblante tornou-se sério, perdendo todo o seu entusiasmo.

— Para voltar ao Brasil? Tem pressa de voltar ao Brasil, Erik?

— Sim. — Respondi de pronto — Tenho negócios e não posso me afastar por muito tempo.

Hedda estreitou os olhos e sorriu, apenas com os lábios.

— Humm... Somente negócios, primo?

Que diabos estava havendo com as pessoas? Não era nada normal se meterem nas vidas umas das outras. Não aqui em *Copenhague*.

— Hedda, não ouvi falar dos seus pais, como eles estão?

Felizmente, a porta do elevador abriu e, apoiando-a pela omoplata, saímos. Ela sentiu a mudança brusca de assunto, mas discreta como era, me pôs a par de como estavam os meus tios e não retornou ao tema.

Caminhamos até a antessala da UTI, onde encontramos Mateo à porta. Ele veio imediatamente ao meu encontro. Estava agitado, no bom sentido.

— Erik, que bom que chegou! O papai, ele acordou há umas três horas e desde então chama por você.

— Por mim?! — Aquilo foi um choque.

Mateo não respondeu, apenas abriu a porta para que eu entrasse.

Axel estava recostado em travesseiros e haviam muitos fios ligados ao seu corpo. No entanto, parecia bem disposto, principalmente para alguém que havia acordado há pouco de um coma.

Soraia estava ao seu lado, segurando-lhe a mão, como sempre.

— Filho... — balbuciou com fraqueza e uma rouquidão estranha. Imagino que seja fruto dos dias em respiração mecânica.

Me aproximei ainda sentindo-me estranho. Há meses não nos víamos ou falávamos.

— Como ele sabia que eu estaria aqui? — Perguntei à Soraia.

— A sua indução ao coma foi avaliada como estágio cinco, na escala *Ramsay*, ou seja, apesar de não responder aos estímulos diretos, ele podia nos ouvir. Desde cedo conseguiram acordá-lo... — Ela olhava para o marido com carinho. — Graças a Deus, há algumas horas ele está plenamente consciente.

Axel seguia com os olhos grudados em mim, e eu, mais constrangido do que nunca.

Eu seria um pária se dissesse que não estava tocado com a cena. Um homem voltando à vida, o amor da sua esposa... Sim, eu estava comovido, mas algo dentro de mim buscava olhar aquele quadro como alguém de fora, como uma cena vista em um filme. Não queria me envolver e nem queria fazer parte daquilo. Eu, mais do que qualquer um ali, sabia como Axel usava a fragilidade e o emocional das pessoas.

Olhei ao redor, fugindo dos olhos lacrimosos do meu pai.

A tensão pairava no ar: Mateo e Hedda, atrás de mim, quase me empurravam para perto do Axel, enquanto Soraia me estendia mão, encorajando-me. Um passo após o outro, decidi chegar mais perto.

A mão rugosa do Axel mexeu-se entre os lençóis. Eu a olhava sem a menor vontade de tomá-la entre as minhas. Não sei descrever o que sentia, apenas não queria estar ali. Não queria tocá-lo. Ele já estava melhor, não estava? O que eu ainda estava fazendo naquele quarto?

— Filho... Por favor...

Engoli seco, escutando sua súplica. Nem de longe parecia com o Axel autoritário, arrogante e dominador que eu conhecia bem. Só que eu também conhecia aquela faceta emotiva.

Aproximei-me mais um pouco, mas não segurei-lhe a mão.

— Como se sente?

Axel fechou os olhos momentaneamente e então, voltou a me olhar.

— Vivo... e feliz.

Assenti. Não posso dizer que a minha emoção era nula. Estava feliz por vê-lo acordado, mas a vontade de sair correndo ainda perdurava.

— Desde que acordou, ele só faz chamá-lo, Erik. Ele o escutou, todas as vezes em que estive aqui. Sabe que se importa com ele.

Ergui os olhos para Soraia. Aquilo não era verdade. Se havia atravessado o oceano em tempo recorde, havia sido por Mateo, apenas por ele. Mas não contestei.

— Erik... você voltou. Nossa família...

Não, não, não... Ele não podia pensar isso! Não foi por ele que voltei!

Ergui as sobrancelhas, meio assustado com as suposições do Axel. Contudo, na hora em que abri a boca para dizer-lhe que estava enganado, que não viera por ele, Soraia me repreendeu com o olhar. Tive pena daquela mulher, tão oprimida e igualmente dedicada.

— Você precisa descansar, Axel. Ainda não acabou. — As palavras pareciam areia em minha garganta. — Os médicos estão cuidando de tudo. Você ficará bem.

Instintivamente, dei um passo para trás. Sentia-me uma pessoa ruim, querendo distância do meu próprio pai, mas só eu sei quem é Axel. Só eu sei como ele despreza completamente a vontade das pessoas em prol do que julga ser o melhor. Sei como ele manipula tudo ao seu redor, até conseguir dobrar todo e qualquer livre-arbítrio.

— Verdade. — O médico responsável entrou, quebrando o clima quase insuportável que se formava ali. — Temos exames a fazer, senhor Lars. Ao que parece, sua saúde está melhor do que esperávamos, mas precisamos de dados concretos.

— Ele precisará da ponte de safena? — Mateo estava preocupado.

Aproveitando toda a distração que a chegada do médico provocou, aos poucos fui afastando-me, até chegar à porta e esbarrar na Hedda.

— Vamos tomar um café? — Ela convidou e eu aceitei de pronto.

Bellanne

— Isso, garota! — sussurrei para mim mesma, por trás da Chiquinha, minha câmera de estimação.

A moça lindíssima — uma garçonne negra com um semblante altivo de cair o queixo — fez novamente a sua divina expressão de "pós dia de trabalho exaustivo" e continuou a caminhada em meio ao beco deserto. Eu aproveitei a luz incrível que as janelas de vidro refletiam na travessa e dei mais uma dezena de cliques.

A cena era a de uma garota saindo do seu trabalho de garçonne — foi ideia minha, elas representarem suas próprias profissões. Usava um short jeans estiloso e uma camiseta rosa escrito "*Enjoy me*" em *neon*, por baixo do avental jeans sujo e puído. Na cabeça, trazia uma touca de cozinha manchada de molho de tomate.

Na medida em que caminhava, ela transformava-se. Jogou fora o avental, retirou os tênis surrados, trocando-os por saltos incríveis, e soltou o cabelo vaporoso, atirando a touca no chão. Finalizou a sequência parando na saída do beco e usando o retrovisor de um carro para passar seu batom rosa-choque.

— Perfeito! — Tornei a sussurrar, mega satisfeita.

A equipe da agência de publicidade filmava tudo para utilizar na TV, sob o *slogan* "Drakkar está onde você está".

— Corta! — gritou André, diretor da agência.

Virei para ele e bati minha palma da mão contra a sua, em pleno entusiasmo.

— Está incrível, Bell! Que ideia mais fabulosa a sua!

— Também estou gostando. E essa garota, a Bárbara, ela é... bárbara! Viu a expressão dela?!

André me puxou para olhar a reprodução do vídeo na câmera filmadora. Nossa! O close que ele deu, pegou bem a expressão de estafa e a mudança para mulher poderosa, depois que ela soltou os cabelos e passou o batom. Eu sabia que só uma mulher conhecedora do valor que há em retirar seu uniforme e voltar a ser ela mesma, poderia me dar aquela interpretação perfeita!

— É isso, André! A Drakkar é exatamente isso!

Mal fechei a boca, senti o olhar perplexo do Lucien, ao meu lado. Sabia que escutaria suas piadinhas mais tarde, por causa da minha esfuziante defesa

da loja.

Fizemos os últimos ajustes daquela sessão e, ainda sentindo a adrenalina de um trabalho bem feito correndo nas veias, me despedi do meu amigo e corri para o *Cien Fuegos*. Era o dia de "folga familiar" da Tati e eu havia lhe prometido umas cervejas.

Erik

Já faziam quase quinze minutos que estávamos ali, em total silêncio. Eu mexia meu café, completamente alheio ao movimento ao meu redor.

— Quer falar sobre isso?

Ergui os olhos e encarei minha prima. Ela, melhor do que muitos, sabia de tudo que Axel já fizera em minha vida.

— Não tenho o que falar. Você sabe muito bem que não posso e não quero me aproximar. Irei esperar que ele faça a cirurgia e quando voltar para casa, vou embora.

— Ele é seu pai, Erik. Ele precisa de você.

— Ele precisa de um sucessor, Hedda! Ele precisa de um boneco que ele possa manipular! Eu não quero estar perto dele, é tão difícil de entender? — Eu não tinha por que me irritar com Hedda, mas não estava conseguindo separar as coisas. — Esqueceu que ele me fez cursar quase dois anos de uma faculdade que eu odiava?! Esqueceu que me fez desistir de todos os meus sonhos, me manipulando com seus joguinhos? Esqueceu, Hedda, que ele convenceu o seu pai a te deixar morar lá em casa, com o mero intuito de nos aproximar?

Ela baixou o olhar imediatamente. Hedda sabia de todas essas coisas. Sentiu na pele as garras do Axel, quando descobrimos que ele manipulou tudo para que um dos filhos namorasse a Hedda. Família era tudo para o Axel, e mantê-la hermética era sua obsessão.

— Você lembra o que ele costumava dizer? — Falei mais calmamente. Hedda tornou a me olhar, mas agora, com evidente constrangimento. — "Diana foi uma fraqueza", referindo-se a mim e ao Teo. Ele queria ter casado com a sua mãe, Hedda. E é por isso que nunca fez um filho em Soraia. É esse tipo de apreço que Axel tem pela família, mantê-la como clã!

Minha prima buscou a xícara e sorveu seu café, como mero subterfúgio para esconder-se.

— Você está certo, Erik. — Limpou os lábios com um guardanapo,

enquanto pousava a xícara de volta ao pires. — Mas veja que o tio está velho. As pessoas se arrependem. Dê uma chance...

Eu não suportaria mais aquela insistência descabida da Hedda.

— Preciso ir... — Estava levantando, mas ela segurou meu braço.

— Perdão. — Seu olhar causou-me pena. — Perdoe a minha intromissão. E, por favor, fique mais.

Respirei fundo e realmente ponderei se seria viável tentarmos conversar sobre algo que não envolvesse o Axel. Por fim, e pelo olhar doce de Hedda, voltei a sentar-me.

— Então... Conta como é o Brasil.

Respirei fundo, ainda sentindo a aura de Axel nos rodear. Ele me intoxicava.

— É perfeito. — disse, sem muita emoção. Ainda estava irritado.

— E os negócios, estão indo bem? O que faz por lá?

Fitei Hedda com genuína curiosidade. Onde ela queria chegar com aquele interesse todo?

— Os negócios estão ótimos, inclusive, é um dos motivos pelos quais preciso voltar logo. Iremos inaugurar duas lojas simultaneamente.

— Um dos motivos? — Hedda meneou a cabeça, analisando minhas expressões. — Está envolvido com alguém, Erik?

A menção a um envolvimento trouxe a imagem viva de Bellanne e, inevitavelmente, esbocei um leve sorriso.

— Acho que sim. Estamos nos conhecendo. E você, casa quando?

Ela fez um aceno com a mão, fazendo pouco da minha pergunta.

— Casar não é para mim. O Yves é um encanto e nos damos bem, mas... — por um segundo, Hedda me prendeu em seu olhar. Aquele seu jeito suave de sorrir apenas com os lábios e transmitir uma sensação de paz com o olhar. — Não temos muito em comum. É mais coisa de pele. Sabe que tenho esse fraco com peles, não sabe?

Ela sorriu, meus alertas soaram. Seu olhar malicioso, mas do que sua insinuação, trouxe-me lembranças com uma pontada de excitação. Éramos jovens e transávamos como loucos, sem qualquer compromisso, culpa ou promessas. Apenas curtíamos o corpo um do outro.

Um tanto sem graça, sorri e abaixei o olhar para as minhas mãos.

— Sei sim.

— Ah, Erik! Não precisa ficar sem graça. — Sua risada discreta também me fez rir. — Era bom, não era? Não devemos nos envergonhar do que foi

bom.

— Foi sim, mas agora você tem o Yves, eu tenho a Fraise...

— Fraise?! Esse é o nome dela?

Eu não queria falar sobre Bellanne. As pessoas não tinham nada com isso.

— Sim, é seu sobrenome — Bati as mãos nos joelhos, erguendo-me em seguida. — Preciso mesmo ir, Hedda. — Segurei em sua mão com carinho, mas logo a soltei. — Até mais.

Saí sem olhar para trás. Sabia que Hedda ainda iria me procurar e, não sendo hipócrita, transar com ela seria bom. Contudo, embora eu e Fraise não tenhamos qualquer compromisso, tenho a opção de não me envolver com outra. Posso esperar.

Bellanne

Dei um beijo estalado na bochecha da Tatiana e lancei outro para o Raí, que estava em um papo animado com uma mulher meio esquisita. Era bem o tipo do Raí.

— E aí, *Tatigirl*, está bebendo o quê?

— Uma *Corona*, JezeBell. Quer uma?

Achei graça dela se lembrar do meu apelido da adolescência. Há tempos apenas o Lucien me chamava assim.

— Quero.

Ao invés de chamar o Raí, a Tatiana simplesmente foi atrás do balcão, pegou uma garrafa de cerveja e acenou para o nosso amigo, mostrando que intimidade era o que não lhe faltava.

Agradei e bebi um longo e refrescante gole. Cada célula do meu corpo clamava por lúpulo, malte e cevada em baixas temperaturas.

— Já viu quem está aí?

Lambi os lábios e estreitei os olhos, buscando um rosto conhecido dentre os que ocupavam o salão do bar. *Cien Fuegos* nunca estava lotado e, por isso mesmo, era tão amado por nós.

— Let?

— Ali, filha! — E apontou para um canto, onde um grupo de rapazes comemorava.

— Oh, céus! — Jamais deixaria de reconhecer aquela bunda fenomenal. Tenho que admitir, Alex era gostoso. — Ele sabia que eu estava vindo?

— Só se alguém contou. Eu cheguei e fiquei quietinha aqui, ele nem me viu.

Olhei desconfiada para a minha amiga. Do jeito que puxava o saco do Alex, não ficaria surpresa se ela mesmo o tivesse alertado.

— Juro! Tenho nada a ver não. — Defendeu-se, erguendo as mãos com a cerveja em uma delas.

Pelo bem da minha paz e da nossa amizade, resolvi acreditar. Então, meu celular bipou, avisando sobre a chegada de mensagem, e todo o mau humor que ameaçava chegar, simplesmente evaporou.

Erik — Olá, Fraise. Axel acordou e está bem. Sabe o que significa, não sabe?

Mordi o lábio inferior, quase não contendo o meu sorriso, enquanto digitava de volta.

Bell — Que horas sai o voo?

Erik — kkk... Vou aguardar apenas a cirurgia para a colocação da safena e estarei aí mais rápido do que imagina.

Escutei o lamento da Tatiana ao meu lado e quando a fitei, estava revirando os olhos e lançando sua cerveja goela a baixo. Ela havia percebido que se tratava do Erik e deixava bem claro o quanto "amava" a minha relação com ele. Ignorei.

Bell — Você estará aqui para o lançamento, não estará? É daqui a uma semana!

Erik — Bem... Axel terá que se virar e estar recuperado daqui a uma semana.

Sorri, tola como uma garotinha e seu crush.

Erik — Estou indo dormir. Nos falamos amanhã?

Bell — Só se me prometer mais coisas, além de apenas conversar.

Erik enviou um *emoji* piscando o olho e senti falta de uma despedida mais calorosa.

— É o gringo?

Desta vez, a revirada foi minha.

— Foi o Erik, Tati. Fala comigo: E-r-i-k, não dói.

Ela estava com os olhos fixos nas poucas pessoas que dançavam salsa à nossa frente, na pequena pista de dança.

— Não tenho nada contra seu paquerinha. Só acho que você se livrou do

Alex cedo demais — e olhou diretamente para mim — Se é que se livrou, né?
— Não me livre, apenas vaguei o lugar.

Tati sustentou o meu olhar e parecia querer extrair a verdade, como se eu estivesse dizendo alguma mentira. Então, quebrei a ligação e, ao mudar meu foco, deparei-me com o objeto da nossa conversa.

Sem nos perceber ali, Alex atravessava o salão para se juntar a outro grupo de amigos.

Era um homem lindíssimo, eu tinha que admitir, mas eu o olhava e não sentia absolutamente nada. E quando virei para dizer justamente isso à minha amiga, ela me surpreendeu:

— Olha lá, Bell! — Apontou para meu ex. — Vocês combinam demais! Olha que lindo!

Fiquei observando Tatiana por um momento. O que ela tanto via em mim e no Alex, que eu não conseguia enxergar? Sem qualquer paciência para aquela ladainha, e com menos vontade ainda de aturar as súplicas do Alex, decidi encerrar o assunto e me mandar antes que ele me visse ali.

— Topa uma pizza? Eu pago, se sairmos em 3, 2, 1!

Quase disputamos uma corrida até a saída sem nos importarmos com as cervejas não pagas. Sem dúvida o Raí nos mandaria a conta.

15º Capítulo



CAPÍTULO 15

Bellanne

Desliguei o telefone após quase uma hora de conversa com minha mãe. Era apenas o casamento da Margie, mas estava parecendo o casamento do príncipe *Harry*! Nunca pude imaginar que escolher a decoração de um bolo demandasse tamanha movimentação. Desta vez, "estávamos" lá, meus pais, Margie e Anderson, além dos pais do Anderson e eu: uma figura onipresente nessas escolhas, mesmo via telefone.

Quase duas horas para chegar a um consenso entre uma cascata de flores de marzipã e a ideia "fenomenal" do Anderson, de fazer uma decoração inspirada no Batman.

Graças a *Jah*, minha irmã sabia ser persuasiva. Claro que o fato dela ter liberado o noivo para uma despedida de solteiro em uma boate o deixou bastante suscetível.

E assim, na noite seguinte, estávamos lá eu, Letícia e Tatiana, no chá de panelas da Margie, sentadas a uma mesa com toalha de renda, comendo mini sanduíches em forma de coração, bebericando chá de hibisco e mergulhadas

em um tédio atroz. Ah, claro... Menos a Tati, que estava se sentindo a *Barbie black* em seu dia de princesa.

Com o rosto apoiado nas mãos, eu olhava de Letícia para Tatiana, e vice-versa. Uma o oposto da outra, em empolgação.

— Que merda, isso de "xx"! — Eu e Tati olhamos para Letícia, sem compreendê-la. — Os cromossomos, meninas... Se tivéssemos "xy", estaríamos nos divertindo muito mais.

A voz desanimada da Let expressava bem a sua derrota.

— Eu estou achando o máximo! — Tati ajeitou seus cabelos lindamente encaracolados e sorveu o chá com afetação. — Estou me sentindo uma *lady*.

Meu olhar encontrou o da Let e reviramos os olhos em perfeita sincronia. Na verdade, eu estava prestes a me transformar em uma princesa da Disney naquele cenário pastel, e se bebesse mais uma xícara de chá de hibisco, começaria a ver passarinhos carregando laços de fitas e ajudando a servir o chá.

— Concordo, Let. — Lhe fui solidária. — A esta hora, os meninos devem estar dançando sobre as mesas, nadando em uísque e se divertindo.

De onde estava, pude ver Margie desfilando dentre as mesas, ostentando seu vestido salmão de corte perfeito e um sorriso encantador. Ela sempre seria a minha bonequinha.

— Nem me fale disso... — Let empurrou os sete camafeus de avelã que ela havia pego, sem que viesse a provar ao menos um. — Posso até ver o Caio no *pole dance* com aquelas vacas! E pior... colocando meu rico dinheirinho em suas calcinhas. Não é para isso que trabalho. Não mesmo!

Achei graça no vinco que se formou entre as sobrancelhas da minha amiga "descolada" e "moderninha", completamente tomada de ciúme.

— Para com isso, Suricato... Deixa o Caio se divertir! — disse Tati, fazendo um gesto de descaso com a mão.

— Se divertir?! Lembra que o João também está lá, né?

Tati riu, limpando os lábios com o guardanapo.

— Se bem conheço meu marido, deve estar falando de redes e programação com algum outro "infomaniaco" que, certamente, encontrou por lá. Eles andam em bandos.

Porque foi impossível visualizar a cena de homens conversando sobre trabalho em uma boate de *strip-tease*, eu e Letícia nos olhamos disfarçadamente.

A Tati realmente acreditava nisso?!

E quando recostei-me na cadeira, mais do que farta e já mirando a saída de emergência, a Let deu um tapa na mesa, assustando todas nós.

— Pra mim, chega! — E sacou o celular de dentro da bolsa, digitando a tecla de discagem rápida com tanta força, que quase vi o celular voando sobre a mesa.

Eu e Tatiana nos entreolhamos, prevendo um tremendo escândalo.

— Caio César! Ainda na esbórnia?

Quando escutei o barulho saindo do aparelho, olhei assombrada. Não pude acreditar que ela havia feito uma chamada de vídeo! Me esgueirei para olhar aquilo e foi impossível não rir. Caio, com os cabelos grudados na testa com o suor, estava "pra lá de Bagdá" de bêbado, e ao fundo, numa profusão de luzes coloridas, vi um rapaz de pé, idolatrando a garota que dançava no pole...

Que porra é essa?!, pensei, ao ver a cena ao fundo, e ainda bem que não pensei alto! *Eu estava vendo mesmo aquilo?!*

— Amor! Aqui está muito legal! Os meninos estão se divertindo muito!
— Caio ria feito idiota e sua voz embolava por cima do som alto da boate, mas meus olhos ainda estavam grudados na cena que ocorria no segundo plano.

Letícia não deu uma palavra em resposta ao marido. Ela estava tendo a mesma visão que eu: João, marido de Tatiana, estava agarrado à dançarina, roçando na bunda da garota e pressionando-a contra o poste de pole dance de forma constrangedora.

— Só estou preocupado com o Anderson... — Caio moveu o celular e focalizou um pequeno aglomerado de homens em um canto escuro. — Ele tá muito bêbado, cara! E a galera não quer largar o osso para socorrer o pobre!

Saí do choque de ver o "santo" João se revelando, para cair na indignação.

— E por que você não socorre o Anderson, Caio? — Baixei o tom de voz quando vi a Tati se interessar pelo telefonema, esticando o pescoço para dar uma espiadinha. — Alguém tem que ajudar esse coitado!

Mas quando Caio coçou a cabeça, fazendo uma cara de quem estava em dúvida do que fazer, soube que a coisa iria "feder".

— Caio César, não acha que já chega?! Vamos buscar vocês! Trate de recolher os restos do Anderson, que já estamos chegando!

Olhei atônita para Letícia, ao tempo em que ela encerrava a ligação.

— "Vamos?" — questioneei.

— O cunhado é seu, querida. Levanta a bunda daí e vamos de uma vez!

Antes de levantar, sendo arrastada pelo furacão Letícia, olhei para Tati e "dei de ombros", esperando que ela compreendesse a gente tão bem quanto eu achava que ela "compreendia" o maridão.

Erik

Entrei no quarto sorrateiramente. A luz da manhã ainda fria passava por entre as frestas da persiana. Ele dormia sob o lençol azul e o monitoramento de algumas máquinas. Estava frio, estava só.

Vim apenas para que houvesse alguém com ele, enquanto Soraia resolvia alguns problemas domésticos e Mateo fazia suas provas finais na faculdade. Caminhei com todo cuidado para não acordá-lo e me acomodei na poltrona, aos pés da cama.

As máquinas faziam barulhos bem suaves, mas irritantes. No entanto, ele dormia sem perturbações. Suas feições, mesmo relaxadas, eram soberbas. Então, repentinamente, Axel abriu os olhos e me flagrou observando-o. Virei o rosto, buscando algo interessante para fixar meu olhar e minha atenção.

— Mandaram você?

Sobressaltei com a voz quase restabelecida do Axel, e então, baixei o olhar.

— Logo estarão aqui. — disse, crendo que a minha presença era-lhe tão desagradável quanto a dele a mim.

— Não queria que você voltasse a este lugar. — murmurou. Olhei para o Axel sem crer que ele iria mesmo trazer esse assunto à tona. — Sei que tem lembranças bem tristes deste hospital.

— As lembranças estão comigo, aqui ou em outro lugar.

— Filho... Eu também sinto a falta dela. Ainda a amo, como sempre. — Firmei o meu olhar no dele e senti as palavras dançarem em minha língua, querendo mandá-lo calar-se. — Você não faz ideia do quanto me arrependo de não tê-la levado daqui.

O quê?! Então, ele achava que levá-la daqui seria suficiente?

— Ela estava aqui por você. E estaria em qualquer lugar por você. — Eu tentava manter meu tom suave, não queria irritá-lo e, por isso, sentia-me impelido a ir embora. Suas palavras traziam-me de volta as lembranças mais duras, mais dolorosas da minha vida.

— Eu sei. — E tentou se erguer, mas os fios o impediam. — Eu tenho a

minha parcela de culpa e queria te pedir desculpas por isso.

Porque a cadeira parecia me dar picadas, levantei e caminhei até a janela, abrindo os dedos entre as paletas da persiana e observando o movimento da cidade àquela hora da manhã.

Ele não me devia desculpas. Devia ao Mateo, que ficou sem mãe ainda um menino. Devia à Diana, que perdeu a vida; e devia à Soraia, com quem ele vinha cometendo o mesmo erro. Eu queria dizer-lhe isso, mas a consciência me avisou de que ele era um homem entre a vida e a morte. Era meu pai, entre a vida e a morte.

— Mateo está terminando o curso. Está ansioso para assumir a empresa.
— Busquei mudar o assunto da conversa e, ao mesmo tempo, lembrá-lo de que tinha outro filho, além de mim.

Eu o escutei suspirar longa e profundamente, mas não me virei para olhá-lo. Parecia cansado, não sei se do assunto, ou se da ação de conversar.

— O Mateo não é forte o suficiente, Erik. A doença dele está cada vez mais complicada de lidar. Ele está cada vez se importando menos com o tratamento, e a Soraia... Coitada, anda tão preocupada com a Sílvia.

— Mateo precisa se cuidar, vou falar com ele. — Foi tudo o que consegui dizer.

Mateo era diabético e o fato de não se tratar era preocupante.

Eu começava a sentir o Axel me cercando, fechando-se ao meu redor. Conhecia o *modus operandi* dele.

— Sei que vai. Você é excelente irmão. Mas... — Ao escutá-lo, virei o rosto e, por cima do ombro, o vi enxugar lágrimas. Voltei rapidamente a fitar a rua. — Eu não sei como será. O que aconteceu deixou-me alarmado. O que será do Mateo, da empresa... Da Soraia, se eu morrer? O que devo fazer, Erik?!

Enfiei as mãos nos bolsos da calça, contendo-me para não dizer-lhe que fizesse qualquer coisa, menos me persuadir a ficar. E era exatamente o que tentava fazer naquele momento.

— Não sei, Axel. Pense em ficar bom, não em morrer.

Senti o silêncio pairar e apenas os aparelhos bipavam, então, me virei para verificá-lo e esbarrei em seu olhar fixo, lacrimoso.

— Venha aqui, filho. — Axel estendeu a mão no ar, me esperando.

Merda! Por que estava fazendo isso?! Por que não podia apenas ficar quieto, dormir, sei lá... Essas coisas que doentes fazem?!

Aproximei-me, mas não tomei sua mão. Não seria capaz de fazê-lo. No

entanto, ele agarrou a barra da minha camisa. Flagrei-me observando aquele gesto. Ele estava tentando me segurar de todas as maneiras.

— Prometi que nunca mais te impediria de ir e vou cumprir. Só não abandone seu pai e seu irmão. Somos uma família, Erik.

Família. Há tanto tempo eu não sabia o que era ter uma família...

Engoli seco. Costumávamos ser uma. Quase senti o calor dos nossos jantares, quando a alegria da minha mãe ainda existia.

Minhas lembranças foram interrompidas pela chegada repentina da Soraia. Com certo choque, me vi próximo demais, tocado demais por Axel. Dei um passo para trás e, mesmo assim, não me pareceu suficiente.

— Tudo bem? — Soraia sorria, provavelmente, tirando conclusões precipitadas.

— Tudo. Eu e meu filho estávamos conversando.

Vi o Axel sorrir e criar uma intimidade entre nós que eu, de jeito algum, estava desejando.

— Bem... Vou deixar vocês conversarem.

E me retirei rapidamente, antes que meu pai fantasiasse mais uma situação entre nós.

Quando fechei a porta do quarto, encontrei Silvia e Mateo encostados na parede do corredor.

— Erik, como ele está? Parece tão mal, com todas aquelas máquinas... Coitado, não? — As insinuações da Sílvia não me passaram despercebidas.

Encarei Mateo, controlando-o para que ele não aceitasse a provocação da garota.

— Ele está se recuperando, Sílvia. Se tivesse vindo visitá-lo, anteriormente, saberia que está melhorando.

— Eu sei, Erik... Eu não tive coragem, me perdoe. Axel sempre foi tão forte e vê-lo assim parte-me o coração. E olhe que nem sou sua filha. Não sei como você consegue...

— Cala a boca, garota! — Mateo avançou contra Sílvia, mas eu o barrei com um braço. Havia um descontrole generalizado e eu o atribuí à tensão dos últimos dias. — Entre Erik e meu pai há coisas que você jamais entenderá!

Sussurrei em dinamarquês, pedindo que Mateo se controlasse, mas eu mesmo estava à ponto de gritar com ela. Na verdade, com qualquer um que cruzasse o meu caminho.

— Desculpem... Eu não tive a intenção. — Sílvia nem tentou disfarçar sua falsidade.

E quando ela se retirou, fugindo mais uma vez de prestar sua solidariedade ao padrasto, ouvi Mateo bufar de raiva. Eu apenas assenti, dizendo para ele que se acalmasse, que tudo ficaria bem, enquanto ele já entrava no quarto para ver o pai. A verdade é que eu não estava nada bem.

Estava tudo ali: o hospital onde vi a minha mãe pela última vez, a doença do Mateo, a pressão do Axel... Tudo girando ao meu redor. Eu precisava de ar.

Bellanne

— A merda da barra da minha calça está toda vomitada, Caio! A merda do carro vai precisar de cinco lavagens para tirar esse fedor de cachaça e você quer ainda que eu fique escutando as suas gracinhas repetidamente?

Letícia estava uma fera! Caio, obviamente alcoolizado, estava contando uma piada ridícula pela quarta vez, enquanto ela tentava dirigir. Let odiava dirigir à noite.

No banco de trás, Anderson estava deitado em meu colo, grogue. E eu me perguntava por que não podia ter terminado a minha noite como um ser normal, com uma xícara de chocolate quente e reprise na tv.

— Eu não tô repetindo, é você quem não está entendendo a piada, Xaninha...

— Xaninha?! — exclamei, sem acreditar que Letícia tinha um apelido íntimo tão ridículo, mas me calei em seguida, tanto porque a minha amiga me fuzilou pelo retrovisor, quanto porque "Moranguinho" também não era lá o apelido mais sexy do mundo.

Enquanto Caio ia para a quinta vez com sua piada e Letícia já estava com o punho cerrado para dar-lhe um soco, Anderson mexeu-se, agarrando minhas pernas.

— Larga, palhaço! — E dei-lhe um tapa na cabeça. — Não vê a diferença no tamanho da coxa, não? Não me confunda com a Margie.

Ele não retrucou, mas ergueu o corpo e olhou ao redor, claramente desorientado. Let e Caio continuavam a se digladiar, mas eu já não os escutava.

— Porra, Bell... O que eu tô fazendo aqui? — O bafo de uísque quase me sufocou.

Abdiquei de lhe responder. Não faria a menor diferença.

Letícia parou o carro bem na frente do prédio do Anderson. Enquanto ele

falava frases absolutamente desconexas, eu o ajudava a sair. Apesar de trôpego, estava conseguindo caminhar com ajuda. Pedi que minha carona esperasse, enquanto deixava o "pacote" em casa. Contudo, ainda no elevador, a coisa toda começou...

Anderson estava encostado em uma das paredes e eu apoiei-me na parede oposta, mantendo uma distância segura, tanto do seu estômago embrulhado, quanto da mão boba e bêbada. Não demorou, meu cunhado escorregou e desabou no chão. Eu até tentei segurá-lo, mas desisti quando suas pernas esticaram e ele começou a rir e chorar ao mesmo tempo.

— Sabe Bell... Não sei o que tô fazendo. — O riso morrendo, dando lugar ao choro. Tinha a voz embolada e os olhos perdidos, tentando encontrar foco.

Ergui os meus olhos “aos céus”, pedindo a *Jah* que me doasse um pouquinho de paciência a mais.

— Eu sei. Tentando se afogar na cachaça. Levanta daí, Anderson.

— Bell... A Margie... Ela tá me matando!

O elevador parou no andar e saí puxando-o pelo braço. Anderson escorregou sentado mesmo, desde o elevador até a porta de casa. Uma cena ridícula: eu puxando-o, enquanto ele se desmilinguia pelo *hall* do apartamento.

— Levanta, Anderson!

— Ela tá me matando, Bellzinha...

Seu tom de voz era alto e logo teríamos plateia. Peguei as chaves de casa em seu bolso e quando abri a porta, ele passou por mim engatinhando. Fechei a porta e o ajudei a levantar. Então, ele desabou em um choro que mais me constrangeu do que apiedou.

Seguimos sala adentro com meu cunhado tecendo uma série de queixas sobre a Margie. Aquilo acendeu meu alerta.

Ajudei-o a deitar-se no sofá e retirei seus sapatos.

— Quer água? Café?

Anderson ainda chorava. Eu estava com pena, mas sabia que era só a "maldita da cachaça" e seus efeitos. Ou não era?

— Do que você está se queixando, cunhado? — Fui até a sua cozinha americana. Ele precisava sim de um café bem forte.

— A Margie, Bell... Ela vai me deixar doido!

Ergui a sobrancelha, avaliando que aquilo poderia ser bom, pelo aspecto sexual. Claro que não era o caso, mas era engraçado imaginar Margie de espartilho e chicote na mão.

— O que ela aprontou, agora? — Instiguei-o a falar, enquanto abastecia a cafeteira.

— Ela tá pirando. Enche meu saco... — Franzi o cenho, tentando entender. — Se algo sai errado, ela surta!

A sua voz estava bem embolada, mas algo consegui compreender: Era o calo no calcanhar da minha irmã: o perfeccionismo exacerbado.

— É só a pressão, “cunha”. Depois que casar, passa. — Encontrei umas aspirinas sobre a geladeira e fui até o Anderson munida de café, água e analgésico.

Ele fungou e olhou o teto. Vi que suas pálpebras estavam pesadas, bem pesadas.

— Se eu conseguir aguentar até lá.

Ei! Aquilo era sério. Ajudei-o a sentar e esperei que ingerisse o remédio, para depois entregar-lhe a xícara com um café bem forte.

— Não diga isso. Precisa entender que ela quer o melhor. Quer que tudo saia perfeito. Essa é a Margie.

— Não. — Anderson pareceu melhorar do porre repentinamente, mas ainda desorientado. — Você não sabe, Bell. A Margie não é assim. Ela quer ser assim.

— O que quer dizer com isso?

Ele terminou o café e me entregou a xícara.

— Ela não era assim quando a conheci. Agora, ela é travada, critica tudo, censura tudo... Tá chata!

Ri por dentro, apesar do assunto ser sério.

— E se eu conversar com ela?

Ele me olhou sério e depois soprou com os lábios unidos, fazendo aquele barulho de vibração e cuspiendo tudo à frente. Afastei-me.

— Pode falar o quanto quiser... — E soluçou. — Mas tem que apressar o casamento. Não sei se aguento até lá.

Balancei a cabeça em negativa, mas estava de fato preocupada. Precisaria conversar com a Margie, mas também com o Anderson, quando sóbrio.

Então, ele me ignorou e deitou no sofá em posição fetal, quase dormindo. Beijei sua testa com genuíno carinho.

— Dorme aí, pinguço. Amanhã eu te ligo e a gente conversa. Qualquer coisa, me chama, tá?

Ele segurou meu braço e, já de olhos fechados, murmurou:

— Bell, ensina ela a ser normal.

Eu gargalhei e fui embora. Ainda entrei no elevador rindo, mas então, as palavras dele pesaram: "Se eu conseguir aguentar".

Mais tarde, quando a madrugada já ia alta e finalmente eu estava deitada em minha cama, pronta para dormir, meu peito apertou de saudade do Viking. Eu estava me apegando rápido demais. O tempo inteiro desejava tê-lo comigo. Queria o cheiro da sua pele, o sabor das suas sardas...

Cliquei em sua foto na agenda do celular e guardei os toques soarem. Não demorou.

— Ah, Fraise... — Aquilo foi um suspiro de alívio, eu senti.

— Olá, Viking... Como você está?

— Sentindo sua falta. E você, o que faz acordada a essa hora?

— Ah! É uma longa história e não quero perder tempo com isso agora. O que está fazendo?

— Estou no hospital. Acabei de ter um daqueles momentos com o Axel. Não foi nada bom.

Torci a boca. Eu estava animadinha para brincarmos um pouco, mas a temperatura despencou em meu termômetro interno.

— Ai, que chato... Quer falar sobre isso?

— Agora não. Outra hora quem sabe.

Suspirei. O desejo de tê-lo ao lado, de deitá-lo em meu colo e fazer-lhe muitos carinhos foi oprimido pela minha impotência.

— Tenha paciência. Precisa aguentar um pouco mais.

Escutei Erik suspirar do outro lado da linha.

— Ainda bem que tenho você, Moranguinho. Está sendo importante demais ter você nesse momento.

Eu não esperava por isso. Puxei o ar, porque de repente me senti sufocar. O coração disparou e, mesmo sentindo-me meio boba, adorei saber que ele me necessitava. Meu estômago tremeu e eu imaginei que fossem as tais borboletas das quais tanto falam os apaixonados. Ou talvez fosse apenas a falta de alimento.

— Eu fico feliz, Viking... Muito feliz por ser seu alento.

Após longos cinco segundos de silêncio constrangedor, eu o escutei sorrir sutilmente.

— Fraise, vou precisar desligar. Depois nos falamos, ok? — Senti que tinha algo mais a dizer, mas ele ficou ali, entre o murmúrio e a palavra não

ditá.

— Tudo bem.

— Fraise! — Chamou repentinamente. — É... — E mais uma vez o suspense ficou no ar, matando-me de ansiedade. Então, seu riso rouco e constrangido soou. — Nada não. Depois nos falamos.

Desliguei e fiquei com cara de besta, olhando no visor aquele rosto tão perfeitamente másculo, exato em sua beleza, em sua sensualidade. Conjecturando o que, realmente, ele queria me dizer e pensando em toda aquela carga que ele vinha carregando.

Deitei, mas não dormi. Erik tinha esse dom de sequestrar meu sono e não devolvê-lo tão cedo.

16º Capítulo



CAPÍTULO 16

Erik

A música sensual soava no fundo da minha cabeça. Um ritmo cadenciado, meio latino... Estava longe, como se alguém o escutasse no cômodo ao lado. Abri os olhos e o quarto estava claro, mas diferente. Havia mais branco nas cortinas, nas paredes e nos lençóis. A cama estava boa, aconchegante, e eu apenas abracei o travesseiro sob mim e voltei a fechar os olhos, e foi então que senti sua perna roçar na minha.

Virei-me na cama, alarmado, e senti meu coração disparar quando encontrei o rosto lindo da Fraise. Os cabelos desgrehados, os olhos apertados, como se tivesse acabado de acordar. Ela sorria, e só isso foi suficiente para me excitar. Não procurei entender, não lhe perguntei como havia ido parar ali. O desejo era mais urgente e não carecia de explicações.

Avancei sobre ela e tomei sua boca sem cuidado. O seu sabor me invadiu e desceu como lava até meu pau. Estremeci com a vontade de estar dentro dela.

Suas mãos deslizavam por meus ombros, arrepiando-me, e quando abriu

as pernas para mim, enfiei-me entre elas e pressionei minha ereção contra sua boceta. O calor respondeu no ato.

Não falávamos. De olhos fechados, eu era capaz de captar cada detalhe seu: suas formas voluptuosas; seu gosto em minha língua, o calor em meus dedos...

O tesão crescia desgovernado, e pela ânsia que sentia, desci por sua pele, lambendo, arranhando meus dentes; segurei seus seios macios com as duas mãos e chupei faminto cada um dos mamilos, sem me preocupar se a machucava. Eu tinha fome, precisava dela e, no fundo, sabia que aquela Fraise estava ali somente para isso... me fazer pirar.

Mexia meu quadril, pressionando-a, e os seus gemidos empurravam-me para a satisfação. Guiei meu pau para dentro dela e mergulhei de uma vez, me afogando em sua lava. Fitei seu rosto e fiquei deslumbrado com a beleza daquela mulher gemendo só para mim.

Mordi sua boca, agarrei seus cabelos, enquanto enterrava-me nela, até que o meu êxtase explodiu, me contorcendo. Travei os dentes no travesseiro, sentindo que gozava em um delírio vazio, sem ela, sem seu cheiro, sem sua pele e seu calor. Ela estava apenas em meus sonhos.

Deslanchei uma dúzia de palavrões pesados contra a fronha, irado, para depois rir sozinho da minha própria situação constrangedora.

Put a que pariu, Fraise!

Trinta minutos depois, saía do banho sentindo-me leve, com as imagens do sonho ainda claras em minha mente.

Enrolei a toalha na cintura e fui até a cômoda. Vesti uma boxer e uma calça jeans. Enxugava os cabelos, quando as batidas na porta foram imediatamente seguidas por sua abertura. O rosto da Hedda surgiu na fresta, surpreendendo-me.

— Desculpe... — Ela estava constrangida. — Não sabia...

Ri, porque também estava constrangido. Não sei o que ela esperava encontrar entrando no meu quarto assim, mas parecia surpresa.

— Tudo bem, Hedda.

— Posso voltar depois.

Mas antes que ela sumisse, mandei-a entrar, enquanto buscava uma camisa.

— Quer falar comigo?

Ela entrou e fechou a porta. Usava um vestido curto e enfiou as mãos nos bolsos laterais.

— A cirurgia do Axel será amanhã bem cedo.

Agradei intimamente. Ainda hoje compraria minha passagem de volta ao Brasil.

— Que bom.

Vesti a camisa de algodão e fui ao banheiro estender a toalha, na volta, dei com a Hedda barrando a minha passagem. Vacilei, com a excitação acordando em mim.

— Erik... — Suas mãos pousaram em meu peito e eu senti o calor emanar.

Fitei seus olhos azuis e eles dançavam nos meus. O perfume suave da minha prima rodeou-me. Era feminino, doce e tentador.

— Hedda... Não é uma boa ideia.

Nem eu tinha muita certeza disso. Ainda ardia de tesão, tanto pela abstinência que mantinha há algumas semanas, quanto pelo sonho com a Fraise.

— Que a ideia é boa, é... — Ela riu, fazendo soar aquele som familiar, agradável. — Tenho saudades, Erik.

Também sorri, sentindo-me perder a resistência. Toquei seus ombros e os acariciei, eram macios, como eu lembrava bem.

— Já faz tempo, Hedda... Não é melhor deixarmos assim?

Eu estava lhe dando a última chance de ser ajuizada, por nós dois, pois o desejo começava a me dominar e eu já não conseguia pensar com clareza. Mas ela não respondeu. Ergueu-se nas pontas dos pés e me beijou.

Mandando à merda o bom senso, empurrei Hedda contra o umbral da porta e chupei-lhe a língua vorazmente. Busquei sua pele sob o vestido, seu gosto na saliva. Encontrei a alça da calcinha e puxei, rompendo-a. Suas mãos afoitas ergueram a minha camisa e ela me ajudou a tirá-la.

O sangue corria quente, violento em minhas veias. Lembrava-me bem o quanto Hedda era gostosa, o quanto me desejava e isso subia fervendo pelo meu pescoço, ardia meus ouvidos e tudo o que eu pensava era em subir seu vestido e enfiar-me nela.

Toquei seu sexo, confirmando que estava pronta para mim. Hedda ofegava, desesperada por um alívio, mas quando desabotoou a minha calça, liberando meu pau teso, quase explodindo, a porta do quarto abriu com violência.

Em "meio segundo" eu já havia largado Hedda e, simultaneamente, ela baixou o vestido, enquanto eu fechava a calça, mas é óbvio que fomos flagrados.

— Caralho, Mateo! Não sabe bater na porra da porta?!

Meu irmão estava pálido, contrastando com Hedda, absolutamente vermelha. Nem posso imaginar com que cor eu estava.

— Perdão... — Mateo murmurou.

Desconfio que a Hedda era a mais constrangida, mas tenho dúvidas. Mateo estava completamente sem graça.

— Desculpe, Erik. — Hedda passou feito uma bala por Mateo e deixou o quarto sem sequer me olhar.

Ergui os braços, encarando meu irmão, e depois os deixei desabar ao longo do corpo. Estava confuso, não sabia se ficava mais puto da vida ou agradecido. Apesar da foda com Hedda sempre ter sido algo muito sem compromisso, sem cobranças, os anos haviam passado e não sei o que esse *flashback* significaria para ela.

— Foi mal, cara. Como eu iria saber?

Soltei o ar com exasperação. Bater na porta não custaria nada, mas era o Mateo e... Enfim, melhor esquecer.

— Deixa pra lá. Foi melhor assim.

Apanhei minha camisa no chão e a vesti.

— Vim te contar que o papai será operado...

— Amanhã cedo. — Completei a informação. Ainda sentia o sangue correr rápido e meu pau ainda estava duro, deixando-me frustrado. — A Hedda veio me contar o mesmo.

Eu vi o sacana do Mateo tentar esconder o riso e depois de passado o constrangimento, o riso foi inevitável. Apontei o indicador para ele, ameaçador.

— Nem uma palavra sobre isso, ouviu bem?

Mateo meneou a cabeça, respeitando a minha ordem, embora estivesse se divertindo.

— Também vim buscá-lo para irmos ver as coisas da mamãe.

— Sim, com a cirurgia amanhã, preciso providenciar o transporte dos quadros e esculturas hoje ainda. Levo tudo comigo para o Brasil.

— Deveria me levar com você também, não é? — Ele sonhava em ir para o Brasil e viver comigo, não exatamente nessa ordem. Mas vi naquele desejo uma oportunidade. Aproximei com as mãos pousadas no quadril e encarei o

loiro de olhos azuis, quase da mesma altura que eu, mas que tinha as feições mais leves, juvenis.

— Você fica até o papai se recuperar da cirurgia. Um mês, e depois você pode ir para o Brasil, mas... Só se me prometer cuidar mais da sua saúde. Se me prometer que lá iremos a um médico e você seguirá o tratamento com seriedade.

Mateo empertigou as costas e ergueu as mãos em juramento.

— Prometo! Mas saiba que se não tenho ido ao médico, é porque o Axel insiste que eu vá apenas ao Jorgen, que é seu amigo. Acontece que o cara vive em conferências, daí, fica difícil.

Registrei aquela informação e o que poderia haver por trás disso, mas não salientei, até porque, dava-me asco pensar que o Axel pudesse estar manipulando também os diagnósticos do meu irmão. Mantê-lo doente significava mantê-lo próximo.

Balancei a cabeça sutilmente, afastando aqueles pensamentos pesados demais. Eu estava de bom humor, apesar de tudo, e pela primeira vez via como possível ter o Mateo comigo no Brasil. Ele e a Fraise se dariam muito bem.

Bellanne

Acordei cedo, e até dei um "olé" em *Aloe Blacc* e seu "*Wake me up*", levantando antes do despertador soar.

Pluguei o *pendrive* no aparelho de som e a voz do *Maluma* soou *sexy*, fazendo meu corpo ondular de imediato. Estava feliz!

Depois de tomar um banho e escolher a dedo as melhores delícias da geladeira, saboreando uma a uma, liguei para o Lucien. Havia muito o que fazer, mas hoje era o meu dia e ele teria que se virar em mil. Hoje, eu iria divar!

— Estou escutando marteladas? Seriam os últimos ajustes da galeria? — Não havia som algum ao fundo do telefonema, mas eu falava com Lucien, e se não houvesse piadas e gargalhadas em nossas conversas, algo estaria muito errado. Além do mais, já era para ele estar na galeria mesmo, cuidando dos últimos detalhes para a exposição das minhas fotos, intitulada: "Quem tem medo do *Hawaii*?".

— Não, amor, está escutando a água escorrendo para dentro da minha banheira. — De fato, havia barulho de água e eu nem havia me dado conta.

Estava mesmo em alfa. — Bombardearam a zona nobre da cidade? O que faz acordada? Vai ficar com olheiras, *baby*!

— É para evitar isso que gasto uma fortuna na M.A.C. O buffet disse que horas iria chegar? E as luminárias, foram ajustadas? Faltava chegar o painel da entrada, precisamos....

— Precisamos de nada, Bellanne Fraise. Quem precisa sou eu! Está tudo sob controle. Por que não relaxa, criatura? Vai à praia, salão de beleza, clube de *swing*... Vai relaxar!

Ele estava certo. Não foi com este propósito que comecei o dia?

— Ok, Lu. Mas te mato se algo sair errado, hein? Vou ver se a Tati quer ir à praia. A Letícia me disse que estaria ocupada com uma espécie de vivência em uma reserva vegana, algo assim. Achei legal.

— Você vai achar legal quando ela começar a viver de luz ou a consumir alucinógenos.

— Ela não já faz isso? — Brinquei.

Lu gargalhou, provavelmente considerando o fato da Letícia não usar maconha, como algo surpreendente, frente às viagens loucas da nossa amiga.

— Ainda não. Deus queria que continue assim. Boa praia, *baby*. Pegue o "contatinho" dos *boys*. Os melhores estão na praia nos dias de semana, junto com quem está com a vida ganha.

Despedi-me com um beijo sonoro e, depois de desligar o telefone, soltei um grito de alegria, extravasando a tensão e assimilando que o dia era todinho meu!



Estreitei os olhos e absorvi a beleza daquele mar tão azul. Surfistas aproveitavam as ondas antes do quebra-mar e algumas pessoas caminhavam ou arrumavam suas cadeiras de praia.

— Aqui está legal?

Tati já abria sua própria cadeira de praia e um rapaz se aproximou, oferecendo os serviços de sua barraca no calçadão. Logo eu estava sentindo o calor do sol atravessar meus poros, me aquecendo, energizando, enquanto equilibrava a temperatura do corpo bebendo uma cerveja geladíssima.

— Ansiosa, Bell? — Tati interrompeu meus pensamentos, e eles estavam

em um lugar mais gelado do que a minha bebida, e eram bem mais quentes do que a areia sob os meus pés.

— Muito. — Sim, eu estava nervosa com a exposição, mas, surpreendentemente, estava ainda mais ansiosa para o lançamento da Drakkar, no dia seguinte. Para falar a verdade, eu estava ansiosa mesmo era pela volta do Erik. — Mas o Lu está cuidando de tudo. Estou pensando também no lançamento da Drakkar.

— Sim, claro.

Fitei a minha amiga e ela olhava para cima, por trás dos seus óculos *Dolce Gabbana*. Tati era uma mulher lindíssima, do tipo “*mignon*”, com uma pele negra uniformemente divina e cabelos cor de mel.

— Que cara é essa de quem comeu e não gostou, Tatigirl? — questionei, enquanto ajeitava meus seios no biquíni.

Ela respirou fundo e pegou seu copo, bebendo alguns goles da sua cerveja.

— Estava me perguntando se está mesmo apaixonada por esse Erik, se é pra valer.

Voltei minha atenção para o mar, da mesma cor dos olhos de Erik.

— Já se apaixonou, Tatiana?

Como demorou a responder, olhei diretamente para ela. Tati estava parada, me encarando.

— O João não conta, Bell? Estamos juntos há quase quinze anos. Temos o Junior e dividimos uma vida inteira. Como poderia ter construído tudo isso sem paixão? E é isso o que vale, Bellzita: a cumplicidade dos anos. Eu e João nos conhecemos muito bem. Isso pesa, sabia?

Voltei a mirar o mar para não encarar Tati ao recordar a cena que vi pelo celular da Let: o João com a dançarina da boate. Ela apenas achava que o conhecia.

— Está querendo, mais uma vez, me convencer de que o Alex é o cara certo para mim? E o que impede que eu e o Erik venhamos a construir essa intimidade?

Tati suspirou fundo.

— Você está certa, Bell. — Ela não parecia convencida, mas se esforçou. — Eu também preciso dar uma chance ao Erik e conhecê-lo melhor.

Sorri com o bom humor começando a voltar. Levantei e ajeitei o meu biquíni retrô.

— Só não vai se apaixonar, Tati. Serei obrigada a te matar com requintes

de crueldade.

Escutei seu riso, enquanto eu caminhava para a água. Um rapaz lindo e sarado passou por mim e trocamos olhares interessados e sorrisos safados. Olhei para trás e vi Tati rir mais alto. Ela me conhecia bem, mas ainda não conhecia a Bell no modo "paixão" ativado. Acho que nem eu mesma ainda a conhecia.

Erik

Já era a quarta vez que ligava e caía na caixa de mensagem. Precisava falar com ela, saber como estava, escutar seu riso. Quando ouvi a voz eletrônica pedindo para deixar mensagem, tornei a desligar, irritado.

Os barcos deslizavam à minha frente e o vento gelava até por debaixo da minha blusa. Às margens do *Nyahvn*, fitando as casas coloridas e o reflexo do sol pálido na água, senti ainda mais saudade do Brasil.

Amava *Copenhagen*, mas ali já não era meu lar. Sentia-me estranho, diferente... Parecia que algo em mim havia sido despertado pelo ar daquele lugar, pela proximidade da minha família. Algo esquisito, desconfortável.

As lembranças, as mágoas... tudo parecia aflorar em *Copenhagen*, fazendo-me estranhar até mesmo o reflexo no espelho.

Tornei a acionar a discagem rápida e, mais uma vez, esperei por ela.

— Erik!

Estranhei ela me chamar de Erik, quando já me acostumava a ser o “Viking”, mas adorei o entusiasmo em sua voz.

— Essa alegria toda é saudade?

O riso dela soou como música e as casas do *Nyahvn* me pareceram mais coloridas.

— Saudade também, muita, e estava pensando em você. Viking, olha isso!

Não demorou e recebi uma mensagem. Abri e era uma foto do mar azul com um sol fortíssimo. Ela estava na praia. *Que sacana!*

— Fraise, você vai para o inferno. Sabe disso, não é?

Ela gargalhou.

— Ah, sei sim. Você estará lá, Viking infernal, aonde mais eu poderia ir?

Eu estava rindo, bobo. Ela dizia cada coisa... E parecia que nem mesmo se dava conta do poder das suas palavras.

— E a sereia? Quero foto da sereia, Fraise.

Ela me mandou esperar e logo mais chegou uma *selfie* dela com outra mulher, mas eu só pude notar a deusa dourada de cabelos claros e sorriso matador. As cores vibravam sobre ela. Bellanne Fraise, definitivamente, era vida!

— Quem é a bela "*sirèna*" ao lado?

— Minha amiga Tatiana, não lembra?

Imediatamente recordei a tarde no estúdio.

— Sim, mas é que tenho outras lembranças daquele dia e a concorrência é desleal.

— Viking, Viking... Estou a perigo. Não me faça lembrar daquela tarde.

Desta vez, eu ri mais alto. Se ela estava "a perigo", o que dizer de mim?

— Ainda esta semana te darei novas memórias, Fraise. Muito mais vivas, bem mais quentes e gostosas.

Esperei os breves segundos de silêncio que fez.

— Erik Lars... Estou em uma praia, sozinha, carente, bebendo e com um desfile de gatos à minha frente. Tem certeza de que quer seguir nesse caminho?

— Já viu a cotação do dólar? Soube que a gasolina subiu.... — A gargalhada dela soou e eu morri de vontade de comer a sua boca carnuda inteira. A minha fome por Fraise só aumentava.

Nos despedimos fazendo planos para a minha volta. Ela prometeu me levar àquela praia, se eu descobrisse um protetor solar fator 150; e lhe prometi o melhor *fondue* da sua vida. Eu tinha muitos outros planos para Bellanne Fraise, e os melhores envolviam apenas eu, ela e nossa saudade.

Bellanne

Mal saí do carro e havia uma equipe de TV e dois fotógrafos me aguardando. Acenei para os dois e me aproximei da equipe de TV. Dei a entrevista ainda no *hall* de entrada, mas quando adentrei o salão, soube — pelos sorrisos com os quais fui recebida — que as pessoas estavam amando o que eu e Lucien havíamos preparado com tanto amor.

Aquilo era a minha vida, minha inspiração.

Alcançava o êxtase quando percebia, nas expressões encantadas, que ao olhar uma fotografia, estavam vendo e sentindo algo bem próximo ao que senti, no momento do "clique". Poder transportar as pessoas para essa emoção era como encontrar *El Dourado*.

Lucien veio ao meu encontro, e estava eufórico!

— Bell do céu! Sabe quem está aí? Aquele crítico chatíssimo! Como é mesmo o nome dele?

— São muitos, Lucien. Seja mais específico. — Eu sorria, disfarçando o teor da nossa conversa.

— O que escreveu aquele artigo e te citou como “fotógrafa de gênero”, por causa daquele ensaio com as grávidas.

Lembrei-me claramente. Tratava-se de uma série de fotos que fiz com mulheres que adquiriram estrias, cicatrizes e manchas durante a gravidez e o sujeito tentou me diminuir, acusando-me de ser uma fotógrafa especializada no feminino. *Palhaço!*

— Ah! Sei bem quem é. Ele odiou o fato de eu ter levado o prêmio que seria do filho e de suas fotos do octógono de MMA. — olhei para Lucien e ele estava roendo o canto da unha, roubando meu velho hábito. — Por que está nervoso assim? Por causa do Cassiano? Mostra a ele as fotos do vulcão. Quero ver ele voltar a falar merda de mim.

— Bell, eu estou nervoso porque ele já comprou duas fotos suas. Não é medo, amiga, é emoção! — E afastou-se, distribuindo sorrisos afetados e deixando-me estupefata. Era mesmo uma figura diferenciada, iluminada e extremamente competente.

Comecei a rir, mas me contive ante a aproximação de uma presença realmente significativa.

— Bellanne Fraise! Estou completamente encantado com o que vejo.

O homem de meia idade me lembrava o Al Pacino, mas na verdade era o Falcão, Jerônimo Falcão, diretor da *National Geographic Brasil*.

— Obrigada, Falcão. É uma honra tê-lo aqui.

Falcão era conhecido como uma "ave de rapina" no meio fotográfico. Não era a primeira vez que "caçava" o meu trabalho, e eu até já havia realizado alguns ensaios junto a *National*, mas naquele momento, tive a impressão de que queria mais do que apreciar as fotos da exposição. Havia um prêmio que eu tinha bastante interesse e ele era a pessoa que indicava os concorrentes. Dei-lhe ouvidos.

Discutimos durante um tempo sobre as fotos. Falcão me fez contar sobre técnicas e dificuldades enfrentadas para realizar as fotos, mas não falou o que realmente queria. Depois de um tempo, acabou encontrando um conhecido e deixamos para conversar sobre negócios em outro momento. Fiquei intrigada, embora meu sexto sentido apontasse para uma provável indicação ao tal

prêmio.

Meus pais, Margie e Anderson, meus amigos, conhecidos, mestres... Eu os tinha ao meu redor. Até o Thomaz fez questão de me prestigiar. Inevitavelmente, senti a falta *dele*.

Sorrindo feito boba, me flagrei imaginando sua presença. Ele estaria encostado em alguma parede, com as mãos nos bolsos da calça, mal segurando o sorriso e me olhando como se estivesse vendo uma estrela de cinema. Meu peito apertou e, ridiculamente, desejei que Erik se materializasse ali.

— Bell! — Alex surgiu à minha frente e me abraçou forte. — Gata, as fotos estão incríveis! Você se superou, garota!

Sorri e retribuí o abraço. Independentemente de não estarmos mais juntos, eu gostava demais dele.

Mal saí dos braços do Alex, meus pais me abraçaram e posamos para algumas fotos juntos.

As pessoas me cumprimentavam e eu nem conseguia atentar para tudo que acontecia à minha volta. A felicidade enchia a minha alma e os poucos comentários que consegui escutar sobre a exposição deixaram-me quase pairando no ar de contentamento.

Não era mera vaidade, era orgulho de ter chegado lá, de ter conseguido alcançar um ponto que eu julgava utópico. E para completar a minha felicidade, recebi um buquê de rosas vermelhas gigante, com um cartão sucinto e encantador:

"Você merece Versailles na primavera, mas só consegui mandar essas rosas. Parabéns, Moranguinho."

Eu menti. Para completar a minha felicidade, faltava ele, o Viking.

— Meus parabéns, Bellanne! — O belo homem de cabelos negros e sorriso simpático me abraçou e notei a loira linda e elegante ao seu lado. — Não consigo dizer qual foto é mais perfeita!

Thomaz segurava a mão da loira e eu deduzi que fosse sua esposa.

— Obrigada, Thomaz. Eu também não consigo escolher uma predileta.

— Bellanne, essa é a minha esposa, Sophie.

Ela brilhava com um sorriso tão luminoso quanto as joias que ostentava.

— Queremos comprar uma para o nosso quarto, mas não consigo escolher. Gostaria muito de pedir a sua opinião. Você é talentosíssima!

Thomaz me falou, mas eu não poderia imaginar.

Sorri embevecida e, ao mesmo tempo, um tanto encabulada.

— O prazer é meu, Sophie. Posso ajudá-la sim. — Olhei ao redor, tentando escolher uma que combinasse com a intimidade de um casal tão bonito. — O que acham daquela?

Apontei uma das mais lindas. Era um pôr do sol clicado no exato instante em que a onda dobrava em um tubo e refletia o sol em suas águas. Dentro do tubo gigante víamos o surfista que, diante daquela luz, tornara-se mero coadjuvante.

Thomaz fez uma careta e Sophie se mostrou desanimada.

— Era a minha preferida — Confessou Sophie. — Mas já foi comprada.

Lamentei... mas só um pouquinho. Era uma das mais caras e gostei de saber que já fora vendida.

— O diabo é que vai combinar direitinho na sala daquele safado. — Diante do meu olhar curioso, Thomaz concluiu: — Erik comprou antes mesmo da exposição abrir. Ele me encarregou de passar o cheque ao Lucien. Acredita nessa rasteira?

Rimos juntos, mas estava certa de que apenas eu senti aquele calor gostoso no peito e, posso garantir, nenhum daqueles dois tinha corações nos olhos.

Depois de indicar outra foto para o Thomaz e sua esposa, tentei ligar para o Erik, mas antes de completar a ligação lembrei que na Dinamarca já era madrugada, então, desisti.

Mais tarde, quando a maioria das pessoas já havia ido embora e eu me permiti curtir o êxito, juntei-me à família e aos amigos.

O clima estava perfeito, leve, e até Margie estava animada. Observei-a com o noivo, que cobria-lhe de beijos e atenção. Pensei sobre isso, sobre até onde aquilo era disfarce, ou se realmente tentava abafar sua frustração com a relação.

Anotei mentalmente que precisaria conversar com minha irmã em algum momento, mas não hoje. Hoje, eu só queria relaxar. O proscenário estava fazendo a sua parte e a seleção de músicas cubanas que o DJ tocava completava a aura *relax* de que eu necessitava há dias.

Tirei muitas *selfies* de biquinho com a mamãe e Margie e dancei com o papai antes deles irem embora. Já estava exausta, mas ainda aproveitando os últimos minutos da minha noite gloriosa, quando Alex me tirou para dançar.

Tocava uma música sexy e o ritmo era meio lento. Eu estava molinha,

entregue ao álcool que me fazia rir; à música que me fazia levitar; e aos braços do Alex, que me fazia esquecer o quanto eu estava só e carente.

— Que sucesso, hein, Bell?

Eu apenas sorri e murmurei qualquer coisa, deixando a cabeça pender para trás enquanto ele segurava em minha cintura e me rodava no salão. Ainda vi Tatiana nos observando a um canto e pensei que deveria estar me julgando mais uma vez. Vi a Letícia de cara feia para o Caio, mas não atentei o porquê; e vi o Lucien beijar um homem lindíssimo, um instante antes de ter os lábios do Alex colados aos meus.

Sua língua me aqueceu e tudo se tornou calor, aconchego, como um banho de banheira morno, no qual vamos emergindo lentamente, apagando a realidade ao redor, abafando o som... entregando-se.

Erik

Aproveitei que a manhã não estava tão fria quanto antes e fui ao hospital caminhando. Não era longe e eu estava certo de que era a última vez, em muito tempo, que iria caminhar por *Copenhagen*. Sentia-me em estado de graça. Em horas eu estaria no calor do Brasil e dos braços da Fraise.

Quando virei a esquina vi o Mateo e gritei, pedindo que me esperasse. Ele havia dormido no hospital com o Axel.

— Bom dia. E aí, onde estava?

Nos abraçamos, trocando tapinhas nas costas.

— Fui comprar um *smorrebrod*. Os do restaurante do hospital são horríveis! — Só então notei o sanduíche aberto em suas mãos. Roubei um pedaço e entramos.

No elevador, notei que o Teo me observava.

— Que diabo você tem? — Perguntou, rindo e debochando de mim.

— Eu? Por quê?

Mateo sacudiu a cabeça e também deu risada.

— Está animado... Diferente.

Meu sorriso se alargou e passei o braço sobre seus ombros.

— Já sinto o cheiro do Brasil, meu irmão. Vai sentir isso também, quando estiver perto de ir.

Saímos no andar onde Axel estava internado e caminhamos pelo corredor, então, escutamos a voz do nosso pai em um quarto que não era o seu. Estancamos e nos olhamos, eu e Mateo, sem compreender. Curiosos, nos

aproximamos da porta entreaberta, mas antes que Mateo a empurrasse, eu o detive. A voz do Axel estava mais firme do que deveria estar, carregada da velha e dura autoridade.

— Já lhe disse que meus advogados estão providenciando, mas só irão concretizar a transferência quando tudo for feito. Não tente me enganar, Niels.

A ameaça ficou evidente no final da frase. A compreensão me chegava, mas eu não queria acreditar.

— Não estou tentando enganá-lo, senhor Lars. O combinado foi feito. Prolongamos a sua internação, mantivemos toda a história e tudo mais, mas não percebe que não posso prosseguir?

Eu não consegui olhar para o Mateo. Senti o gosto de sangue na boca, como se tivesse mordido a língua.

"Mantivemos toda a história"... Que tipo de porcaria era essa?

— Não pode, por quê? Por acaso a doação é irrisória? Por acaso o que estou colocando nesse hospital não irá resolver boa parte dos seus problemas com o banco?

Minha mão estava sobre o ombro do Mateo e eu o senti retesar. Não o fitei, pois sabia que veria uma dor tão imensa quanto a raiva. Eu mal estava conseguindo lidar com a minha própria ira.

— Claro que vai, senhor, e lhe sou grato. Mas é muito sério o que me pede. Não posso envolver toda uma equipe, ocupar um centro cirúrgico, fraudar solicitações! É demais! — O médico se justificava.

Mateo baixou a cabeça, arrasado. Eu ainda não conseguia medir as dimensões do que estávamos ouvindo, mas pude imaginar.

— Demais para você será eu voltar atrás na doação.

— O senhor não faria isso. — A voz do Niels vacilou e ele gaguejou um pouco, antes de falar com mais firmeza. — Sabe que posso contar aos seus filhos que o senhor nunca precisou de uma ponte de safena; que o senhor se recuperou completamente do infarto há mais de uma semana, não sabe?

Meu coração balançou no peito com tanta violência, que praticamente o senti bater na caixa torácica. Abri a porta de uma vez e vi os dois homens empalidecerem. Meu pai, de pé como se jamais houvera adoecido, e o outro sentado, em clara posição de coagido.

— Que merda é essa?! — Meu sangue estava acelerado e cerrei os punhos para não me descontrolar. Senti minha mandíbula travar, como se pesasse quilos. Encarei meu pai e o vi assumir a velha postura soberba. —

Você passou dos limites, Axel!

— Ora, Erik. Você não sabe de nada....

— Escutamos tudo! — A voz do Mateo soou frágil atrás de mim. Ele estava mais abalado do que eu supunha. — Não tente reverter. Escutamos tudo.

Apenas encarei aquele homem. O fitei de cima a baixo, sem pressa. Suas roupas hospitalares, imprimindo-lhe uma fragilidade absolutamente falsa; os pés metidos em pantufas, como se fosse um pobre velho doente; as mãos tensas ao longo do corpo; a postura altiva, ereta, com seu queixo alto, como se assim, pudesse manter-se acima da lama que se espalhava ao seu redor.

— Você é nojento, Axel. — Falei lentamente, deixando-me dominar pelo asco que sentia. — Você é simplesmente podre.

Seus olhos dançaram em mim e então pararam em Mateo. Olhei para o lado e vi meu irmão destruído. Não havia lágrimas, mas os olhos estavam cheios d'água e seu queixo tremia de raiva.

— Erik... — Teo balbuciou e teve toda a minha atenção. — Compre duas passagens. Vou hoje mesmo com você para o Brasil.

Então, deu um passo para trás e deixou o local.

Ainda voltei a encarar o Axel, depois que Mateo saiu.

— Parabéns. — O gosto de fel tomava minha boca. — Mais um que te abandona.

Virei as costas e saí. Pagaria mais uma vez uma fortuna no frete de um avião, mas voltaria para o Brasil o mais depressa possível. Voltaria para a minha casa.... E para a Fraise.

Bellanne

A voz suave do *Maluma* soou do meu celular e chegou aos meus ouvidos como se fosse a de um soprano, no auge de seu grito. Abri os olhos relutante, com a cabeça estourando de dor. Às cegas, tateei e alcancei o celular que não parava de tocar.

— Oi? — Eu mal conseguia enxergar.

— Fraise? Bom dia... — Era o Erik! Me ergui no cotovelo rapidamente e a cabeça chacoalhou.

— Bom dia... O que houve? — Algo estava errado. Sua voz parecia aflita. — Está tudo bem?

— Me perdoe... É cedo ainda, mas precisava muito escutar a sua voz. —

Sim, de fato ele estava aflito. — Estou voltando. Aconteceu algo e... Bem, depois explico.

Meu coração disparou, descompassado.

— Seu pai... Ele...

— Ele está muito bem, Fraise. Bem até demais. É isso... Desculpe, você devia estar dormindo...

— Não importa. É bom ouvir sua voz e saber que logo nos veremos. Ligue durante a viagem, mande mensagens, como da última vez.

Ele fez um instante de silêncio.

— Obrigado, Moranguinho. Obrigado por estar comigo.

Sorri, em meio àquela confusão mental homérica em que me encontrava.

— Venha logo, porque prefiro a prática à teoria.

Fiquei feliz ao escutar seu riso. Adoro fazê-lo rir.

Nos despedimos rapidamente e coloquei o celular sobre o criado mudo, foi então que percebi a primeira coisa estranha... Aquele não era o lado da cama onde eu costumava dormir. Então, uma sensação péssima fez meu estômago revirar, e nem foram as infinitas taças de proseco que ingeri.

Virei-me lentamente na cama e assumi que, se existia alguém capaz de fazer a maior merda do mundo, esse alguém era eu.

— Puta que pariu! — gemi, vendo o Alex dormindo ao meu lado, completamente nu, assim como eu.

17º Capítulo



CAPÍTULO 17

Bellanne

Bell — Lu, por que me deixou fazer isso?

Estava sentada no vaso sanitário, enquanto digitava freneticamente uma mensagem para o meu amigo, buscando algo que servisse de justificativa para o que eu tinha feito. Justificativa não para os outros, mas para mim mesma.

Lucien — Como assim? Você é adulta, amiga. E estava todinha dada ontem à noite. Qual foi o babado? Rolou estresse?

Levei a mão à boca, roendo o canto das unhas, e não lhe respondi.

Eu lembrava perfeitamente de tudo. Estava "altinha", mas bem longe de um "apagão alcoólico". Infelizmente, não estava com amnésia e nem iria usar isso como desculpa. Lembrava-me muito bem do quanto ficara excitada, enquanto dançava, com o Alex beijando meu pescoço; das suas mãos em minhas costas. Lembro de me sentir leve e doida por um alívio do tesão que me rondava há semanas.

— Bell? — O Alex chamou por trás da porta fechada.

Droga! O que vou dizer a ele?

— Espera, Alex. Já saio.

— Está tudo bem, amor?

Apertei os olhos. "Amor" não, por favor!

— Mais ou menos.

Dei descarga e escovei meus dentes, enquanto tentava colocar os pensamentos em ordem. Foi tesão, foi só tesão, repetia na minha mente. Para completar, Erik estava voltando, e à noite ainda tem o lançamento da Drakkar!

Que porra, Bellanne! Tanto homem para quem você dar e você acha de dar para o Alex?!

Olhei no espelho e tive vontade de me socar.

— Com tanto vibrador no mundo... Não podia ter se virado sozinha? — Falava para a burra no espelho. — E agora, hein? Vai dizer ao Alex que foi uma recaída, muito obrigada, de nada e acabou?

— Está falando comigo, amorzinho?

Revirei os olhos com toda vontade do mundo.

— Não, Alex.

Abri a porta do banheiro e dei de cara com um moreno sexy, de cueca e com um sorriso largo. Eu nem tentei deter meu olhar, quando vi aquele corpo maravilhoso na minha frente. Mais "suja" do que eu estava, era impossível ficar.

— Quer que eu faça um café ou vamos comer em algum lugar?

Eu precisava de café preto e forte.

— Um café, aqui mesmo.

Alex avançou para me dar um beijo, mas eu recuei e pairou entre nós aquele clima estranho, ele a dois centímetros de mim, parecendo magoado; e eu, estática. Então, ele apenas respirou fundo e se afastou.

— Vou fazer café e torradas.

Soltei o ar do pulmão. O Alex estava agindo como se nada tivesse acontecido, seguindo seu padrão de fingir-se de morto quando a coisa toda aperta. Era como se estivéssemos namorando ainda e isso era culpa minha. Precisávamos conversar antes que a situação tomasse proporções ainda maiores.

Vesti uma calça de moletom nada sensual, fiz um coque de nó no cabelo e fui para a sala. Minutos depois ele me trouxe uma xícara de café, analgésico

e torradas.

— Alex, precisamos conversar.

Eu não conseguia encará-lo. Estava com vergonha de tê-lo iludido, ainda que tivesse sido impensado.

Alex sentou na mesa de centro, de frente para mim, e pousou sua mão sobre meu joelho.

— Bell, por mim está tudo bem. Foi incrível, foi como antes, e por você eu sou capaz de esquecer tudo.

Ergui os olhos e o fitei, sem compreender se ele referia-se a esquecer nossa separação ou a recaída.

— Alex... Me perdoe...

— Ei! — Inclinou-se para frente e acariciou meu rosto. — Eu disse para esquecermos tudo. Seu trabalho na Drakkar está chegando ao fim e nem vai mais precisar ver aquele cara. Prometo...

— Para, para... — Ergui as mãos, detendo-o em suas conclusões precipitadas. — Alex, estou pedindo perdão pelo o que aconteceu hoje. Não estamos voltando a namorar.

Ele recuou, empertigando as costas.

— Bellanne, você lembra do que fizemos?

Por mais inacreditável que pareça, fiquei vermelha. Eu lembrava perfeitamente de cada detalhe. Lembrava bem do oral que recebi no carro, da rapidinha na garagem e da sua tentativa, acho que frustrada, de continuação em minha cama. Apaguei em algum momento após ficarmos nus de fato.

Abaixei o olhar e beberiquei meu café, antes de me justificar.

— Lembro. Eu não estava totalmente bêbada.

— Então! — Ele levantou e rodeou a mesinha de centro, indignado. — Agora vai querer me dizer que não foi um retorno? Que não foi bom?

Mas que droga! Eu estava tentando não magoá-lo ainda mais, no entanto, ele não estava ajudando.

— Alex, foi bom, foi legal, mas uma relação não é apenas sexo... — Embora seja a melhor parte, pensei alto. — Além do mais, nossa relação desgastou.

— Não, você desistiu! — Ele tornou a sentar na minha frente e segurou meus dois joelhos, olhando-me diretamente. — É um sinal, Bell... Um sinal de que podemos tentar.

Aproveitei que estávamos bem concentrados um no outro e fiz aquilo que eu não queria fazer: fui dura.

— Estou apaixonada pelo Erik.

Eu vi quando suas feições "caíram" de decepção. Isso me doeu.

— Apaixonada? Assim, da noite para o dia?

— Não foi da noite para o dia, mas ainda que fosse... Alex, me perdoe... Isso é irrelevante, não acha?

Ele parecia tão vulnerável, que senti vontade de abraçá-lo e dizer-lhe todas aquelas merdas que se diz quando está terminando um namoro com alguém legal, como "eu não te mereço", "você vai encontrar alguém melhor"... Mas além de eu não ser assim, o Alex merecia mais que isso.

Inclinei para a frente, coloquei a xícara de café sobre a mesa de centro, ao seu lado, e segurei-lhe as mãos entre as minhas. Ele me olhou, mas parecia olhar o vazio.

— Alex, você é um cara muito importante para mim. Pensando em nossas vidas, em nossa história, somos perfeitos um para o outro. Mas você sabe que eu nunca o acompanhei nas expectativas com nossa relação, não sabe?

Ele desceu o olhar diretamente para o meu peito, mas eu sabia que era apenas para não me encarar. Tomei ar e continuei, torcendo para não estar sendo dura demais.

— Alex... O que estou sentindo pelo Erik é novo para mim... E quero ficar com ele.

Alex apenas assentiu e deixou a cabeça pender para a frente. Dei-lhe um tempo para digerir aquilo e, sinceramente, esperava ter sido clara. Era um tipo de conversa que não gostaria de ter com mais ninguém na vida.

Após alguns segundos, ele ergueu as costas e a cabeça, mas relutou em me encarar. Seu olhar vacilou e, por fim, encontrou o meu.

— Acha saudável que ainda sejamos amigos? Digo... Há risco de você não resistir ao meu charme e acabarmos na cama outra vez?

Havia humor em sua fala e sorri, louca de vontade de abraçá-lo bem forte, mas me contendo.

— Sim e não. Eu adoraria continuar sendo sua amiga. O que tivemos sempre será muito especial para mim. Você sempre será alguém especial. E o que aconteceu... Bem, não foi uma recaída, Alex.

— Sei, sei... Foi apenas sexo. — disse, balançando a cabeça com graça e esforçando-se para ser compreensivo.

— Do bom, mas apenas sexo.

Ele me encarou, por fim.

— OK. Mas vou ficar de olho no galego. Se ele der escanteio, eu entro e

faço gol.

Rimos.

Eu conhecia o Alex e sabia que aquele não era o seu ponto final, mas tinha esperança de que ele acabasse aceitando.

Abri os braços e ele entrou para um abraço apertado e amigável. Senti um alívio incrível, como se finalmente tivesse fechado um ciclo, como se tivesse desfeito a mala, no retorno de uma viagem, e colocado cada coisa em seu lugar.

Eu também teria que conversar com o Erik, e então, seria a minha vez de temer uma recusa. Mas essa conversa ficaria para amanhã, depois que eu tivesse usado bastante aquele corpo lindo do Viking. Porque sou honesta, não burra.

Assim que o Alex foi embora, tomei um banho, passei rapidamente na depiladora e depois fui à casa dos meus pais. Eu estava uma pilha de nervos, até mais do que no dia anterior, e nada melhor para me tranquilizar do que a paz rotineira do colinho do papai e do carinho da mamãe Fraise.



— *Hello!* — Entrei em casa com a minha antiga chave. — Pai? Mãe?

Os escutei rindo no quarto e fui devagar. A porta estava entreaberta, então, parei no corredor.

— Mãe, pai... Se estiverem "acasalando", por favor, parem agora! Não preciso de mais traumas.

Eles gargalharam e senti que seria seguro entrar.

— "Acasalar", Bell? — Mamãe vinha ao meu encontro e meu pai estava recostado na cama, ainda rindo. — Não tem um vocábulo mais adequado para mim e seu pai?

Ela me abraçou divertida e beijou minha testa.

— Mãe, pais não transam... No máximo copulam ou acasalam, em um patamar nada *sexy*, mantenho assim, a imagem bem longe da minha imaginação.

— Então, vou lhe dar algo para pensar... — Ela ajeitava os meus cabelos e minha blusa, enquanto falava com seu ar pedagógico. — Pais fazem amor, meu anjo. Um amor com tudo que se tem direito.

Revirei os olhos e ela tornou a me beijar, antes de sair do quarto para dar um telefonema. Desabei na cama, ao lado do papai, e recebi seu beijo carinhoso.

— Está lendo o quê? — Ele tinha um livro grosso nas mãos, mas o fechou em seguida, mantendo um dedo como marcador. Olhou a capa, como que para confirmar.

— Neuroanatomia clínica. É uma edição nova com algumas atualizações. Olhei a capa, curiosa.

— Deve ser uma leitura realmente emocionante!

Papai riu da minha ironia e largou o livro de lado.

— Está tudo bem, amor?

— Sim... — Eu brincava com o cordão que ornava a gola da minha blusa. — E a Margie?

— Na casa do Anderson. Ficaram de escolher as músicas do casamento junto com a cerimonialista.

— E não me chamaram?! — Fingi indignação. — Que traíras!

Ele sorriu e fez um carinho em meu rosto.

— Não seja má, mocinha. E aí... está animada para hoje?

Rolei na cama e coloquei a cabeça em seu colo.

— Hoje eu não serei a estrela, mas estou feliz que a campanha seja um sucesso.

Não lhe contei o motivo principal da minha animação. Antes, precisava dizer que "eu e Alex" era um sonho abortado.

— Ainda que a festa não seja sua, é impossível que não brilhe, minha boneca.

Ergui o olhar e encontrei os olhos lindos de Paulo Henrique Fraise. Olhos de acalento.

— Pai... Preciso te contar um segredo.

— Segredo do papai, é segredo meu também. — Apesar de eu estar sussurrando, Ana Maria era conhecida por seus "ouvidos de tuberculoso". — Desembucha!

Respirei fundo, quase achando graça da careta do meu pai, direcionada à curiosidade indiscreta da jornalista ativa da casa. Sentei em posição de lótus e mamãe meteu-se entre mim e meu pai.

— Quero comunicar que eu e o Alex estamos oficialmente, e definitivamente, separados.

— Como assim?! — Mamãe se indignou, claro.

— Aleluia! — Meu pai comemorou.

— Separados, Bell?! Por que isso? Vocês pareciam tão bem! O que você aprontou, Bellanne Fraise? — Minha mãe olhava-me com severidade.

— Ou o que o Alex aprontou, não é Ana Maria? — Não fiquei surpresa do meu pai entrar em minha defesa.

E pronto! A guerra estava instaurada no castelo dos Fraise. Enquanto um enumerava as qualidades do Alex, outro salientava as merdas feitas pelo caminho.

— Parem vocês dois, por favor! — Quando tive a atenção de ambos, prossegui. — Ninguém aprontou nada. Eu não amo o Alex há muito tempo...

— Se é que já amou. — Papai tirou as palavras da minha boca.

— Pensei que você gostasse dele, Paulo Henrique! — Minha mãe pousou as mãos na cintura, desafiando o papai.

— Ele está certo, mãe. Eu gosto do Alex, mas nunca o amei. E já estava mais do que na hora de colocar um fim.

— Bobagem! Logo vocês voltam. Vocês parecem um ioiô!

Eu ia retrucar, mas meu pai me fez sinal para que relevasse, e eu o fiz. Agora, vinha a parte mais difícil: contar sobre o Erik. Eles iriam encontrá-lo e era melhor que estivessem preparados.

— Além do mais... — Meu pai me fitava com olhos estreitos e um sorriso absolutamente maroto. Estava certa de que ele bem sabia do que se tratava. — É isso... Me apaixonei por outro.

— Eu sabia! — Meu pai vibrou.

— Você sabia o quê, Paulo Henrique? Vocês esconderam isso de mim?

— Ana, olha esse brilho no olho! — E apontou para mim. — Já viu isso em Bella Anne?

Minha mãe me encarou e eu me senti ridícula, como uma peça antiquada em exposição.

— Sim, toda vez que faz alguma traquinagem. — Respondeu, cheia de desfaçatez.

— Traquinagem, mãe?! Estou dizendo que estou apaixonada! Eu nunca me apaixonei e agora...

— E quem é o sujeito? — E, repentinamente, empertigou-se na cama, como um verdadeiro cão perdigueiro. — Ai... Não me diga que é uma sujeita?

Papai gargalhou e eu até senti vontade de brincar um pouquinho e dizer que se tratava de uma linda fisiculturista, mas o assunto era sério.

— O nome dele é Erik, ele é muito gente boa, inteligente, educado, gentil, lindo de morrer... — e quase embolei as palavras propositadamente, ao concluir a descrição — ... dinamarquês e um dos sócios da Drakkar.

Vi o queixo da mamãe despencar.

— E quando se conheceram? Esse cara tem antecedentes criminais? Por que ainda não o trouxe aqui? — Meu pai até tentava, mas era muito infeliz na sua atuação de pai durão.

— Bellanne... Mas esse Erik deve ter muito mais idade que você, não?!

Sabia que ela tiraria esse tipo de conclusão.

— Vocês irão conhecê-lo hoje e, então, poderá fazer esse tipo de pergunta, Ana Maria Fraise. — Concluí, estreitando os olhos para a minha mãe. Eu até poderia mostrar-lhes uma foto do Erik, só para chocar, mas o choque seria muito mais triunfal se fosse ao vivo. Apesar de eu sempre ter tido bom gosto para namorados, Erik estava muito acima de qualquer expectativa, em todos os campos.

E como se tivesse sexto sentido, acabava de me mandar uma mensagem.

— Não morre mais! — exclamei, já abrindo o aplicativo.

Erik - Fraise, estamos abastecendo em Paris. Mateo está voltando comigo.

Digitei rapidamente, sob os olhares curiosos dos meus pais.

Bell - Legal! Mas o que houve? Estou preocupada.

Erik - Axel aprontou mais uma. Mais tarde conto tudo. Preciso ir... Comandante chamando.

Bell - Boa viagem!

Não houve resposta, e quando levantei o rosto, meus pais estavam patéticos, me observando.

— O que foi? — Perguntei intrigada

— Ai, Bell... — Minha mãe gemeu. — Está mesmo apaixonada, não é?

Ergui uma sobrancelha para aquela sentença.

— Claro que está, Ana! Olha essa cara de boba! — Arrematou meu pai.

— Hein?! — Meneei a cabeça, incrédula. — Ah, não... Poupem-me! — Revirei os olhos e saltei da cama. — Tchau para vocês! A gente se vê à noite.

Desprezando os protestos melosos e andando depressa para não ser "lambuzada" pela doçura da mãe coruja que me seguia, parti o quanto antes. Ainda havia muito o que fazer.

Erik

Guardei o celular no bolso de trás da calça e corri para alcançar Mateo no portão de embarque.

— E aí, falou com ela? — Perguntou, enquanto caminhávamos rumo à aeronave.

— Mandeí mensagem, não quero abusar. Ela deve estar muito ocupada hoje.

Mateo fez uma careta engraçada.

— Vocês estão numa relação mesmo, não é? Isso é legal, cara! Ainda bem que você e a Hedda...

— Eu e a Fraise estamos nos conhecendo. Se tivesse acontecido com a Hedda, seria bom, mas também foi legal não ter acontecido. Não quero deixar nada para trás em *Copenhague*.

Mateo baixou o olhar bem no momento em que entrávamos no avião e eu me senti culpado por fazê-lo lembrar do Axel. Meu papel ali era justamente o contrário, animá-lo.

Eu tinha uma história com o Axel e ela em nada tinha a ver com a história do Mateo com o pai. Eu precisava aprender a separar.

— Você lembra do Brasil, Teo?

Tal qual um menino, voltou a erguer os olhos brilhantes. Nos sentamos "lado a lado", embora a distância entre os assentos da luxuosa aeronave fosse bastante grande.

— Lembro do calor agradável, das praias coloridas, de picolé e brigadeiro.

Eu ri, ao lembrar da vez em que voltamos para casa com Mateo tendo dor de barriga a viagem inteira.

— Hoje é o lançamento da Drakkar e, perdoe-me, mas precisarei te deixar sozinho em casa esse final de semana. — e o fitei de soslaio, malicioso. — No entanto, prometo muitos passeios: eu, você e a Fraise.

— Ah... que irmão bonzinho você é! E eu vou ficar empatando os pombinhos?

— A Fraise dará um jeito de lhe arranjar companhia. Ela sempre dá jeito em tudo.

Pisquei um olho para ele e seguimos uma conversa leve, divertida, como há anos não tínhamos. Conteí-lhe sobre a Drakkar, combinamos conseguir-

lhe uma ocupação, bem como um tratamento médico adequado.

Conversamos até que tudo ficou quieto e Mateo acabou adormecendo. Eu até tentei dormir também, mas minha cabeça estava a mil e meu coração disparava vez ou outra, sem qualquer motivo aparente.

Repassei cada passo que daria ao pisar o solo. Passar em casa para um banho rápido, depois a inauguração que, graças à farsa do Axel, eu não iria perder; e então, sequestrar a Fraise por tempo indeterminado. Nesse momento, uma ideia surgiu. Ponderei, analisei e satisfeito com o meu "*insight*", digitei uma mensagem:

Erik - Luciano Dórea, sou eu, Erik Lars. Estou planejando algo e precisarei de sua ajuda. Posso contar com você?

A resposta do Lucien, como disse preferir ser chamado, foi a melhor possível. Minha cabeça fervilhava e precisaria de mais aliados, mas tudo estaria arranjado. Tudo sairia perfeito. Sorri para a janela com a cortina erguida. Lá fora, deixávamos a Europa e em breve alcançaríamos o Atlântico.

Voltei a acessar o celular e passei algumas mensagens para o Thomaz. Vínhamos conversando diariamente e na Drakkar tudo corria de acordo com nossas previsões: as vendas estavam crescentes e, salvo alguns problemas de logística em uma das lojas instaladas em um *shopping*, tudo seguia seu curso. A única coisa que parecia fora de ordem era o fato de eu estar morrendo de saudade da Bellanne Fraise. Ansioso mesmo para vê-la sorrir, sentir seu cheiro. Precisava, mais do que nunca, da sua leveza, sua paz.

Bellanne

Os ponteiros pareciam estar grudados no visor do relógio, no alto da parede da cozinha. Eu acompanhava cada pulo que ele dava, contava sessenta deles, mas o ponteiro menor não me dava a mínima. Para mim, ele continuava inerte.

Estava sentada em um banco, debruçada sobre a ilha, tentando entender como Letícia sairia da posição de ioga na qual se encontrava. Passei a tarde inteira no estúdio, construindo a minha agenda com a Mari: duas viagens rápidas, três ensaios tranquilos e um bem difícil, para o qual eu precisaria de muito preparo.

— Bell, ajuda aqui, filhinha!

Meneei a cabeça e tentei entender como aquele braço havia entrado ali. Mas nessa hora, meu celular tocou e tudo ao redor simplesmente perdeu a cor. Ainda escutei Letícia me gritando, mas eu já havia corrido para o quarto e fechado a porta.

— Viking! — Eu nem tentei disfarçar o entusiasmo.

Seu riso contido causou-me calafrios e mordi o lábio, tentando conter os impulsos.

— Fazendo o quê, linda?

No cúmulo do ridículo, me derreti. Lembrei das várias paixões de amigas, que acompanhei ao longo do tempo, e do quanto fiz *bullying* com cada uma delas, por causas dessas afetações. E agora estava eu ali, aos vinte e sete anos de idade, contaminada com paixonite aguda.

— Na verdade, eu planejava estar entrando no banho.

— Cada vez que você fala que vai tomar um banho, fico imaginando se usa chuveiro ou banheira; sabonete líquido ou não... Se passa aqueles cremes; se demora... É torturante, sabia?

A voz rouca, bem próxima ao fone, foi dissolvendo minhas entranhas e eu fui escorregando na cadeira da minha escrivania.

Esquecendo-me de que era uma mulher adulta ao telefone, respondi com a voz manhosa, quase miando.

— Chuveiro, líquido, óleos e, se eu estiver com você, levarei uma eternidade.

Ele murmurou, parecendo gostar muito da sugestão.

— Falta tão pouco, mas tudo parece ficar pior de aguentar.

— Muito pior. Quase insuportável. — Encolhi e abracei as pernas contra o meu peito. — Falta quanto tempo para chegar?

Eu o escutei falar com alguém por alguns instantes.

— Cinco horas para o pouso. Então... Nos vemos por volta das vinte e três horas?

Levei a mão ao peito para segurar o coração que disparava.

— Quais os planos, Viking?

E a risada suave que deu encheu meus ouvidos, desceu pelo estômago e explodiu em meu sexo, povoando-o de fagulhas.

— Sem planos, Fraise.— e baixou ainda mais a voz, apenas sussurrando — Abra a sua agenda pelas próximas quarenta e oito horas, pelo menos. Eu vou abusar de você até que me implore para parar.

Tudo em mim pulsava, vivo, flamejante.

— Estamos perdidos, Viking... Não sou mulher de implorar e nem pedir *break*.

Ele ficou em silêncio, mas pude escutar a sua respiração pesada, assim como tive certeza de que ele podia escutar a minha.

— Melhor pararmos. — E eu pude jurar que ele estava vermelho como um pimentão. — Tenho uma comissária, um co-piloto e o meu irmão olhando para mim nesse momento e estou grato por estar usando uma camisa comprida.

Gargalhei, e assim nos despedimos, até porque, Letícia gritava da sala, completamente esganiçada, ameaçando matar todos da minha família e até meus descendentes *vikings*. Tive vontade de rir, mas Letícia com raiva é algo que se deve temer.

18º Capítulo



CAPÍTULO 18

Bellanne

Depois de "desempenhar" minha amiga, colocar-lhe um emplastro analgésico e escutá-la praguejar contra as lições de ioga do marido, deixei a coitada em um táxi. Verifiquei o relógio e, apesar de estar com o tempo apertado, calculei que uns minutinhos de corrida iriam me desestressar.

Quase já não havia sol, mas nem o vento frio conseguiu espantar o povo do calçadão. Coloquei o som bem alto nos fones, com *Amy Winehouse* ressuscitando em meus ouvidos. Foquei o olhar e apressei o passo. Queria limpar a mente, acabar com aquela ansiedade.

Quando a noite já havia caído completamente, parei na velha barraca de coco e bebi minha água, lembrando do dia em que Erik viera se despedir e eu havia pensado que tudo se acabava ali. Ri de mim mesma, achando-me mais boba do que nunca.

Com a alma mais leve, repleta de alegria, caminhei até um salão mega exclusivo que ficava em meu bairro. Precisava ficar deslumbrante esta noite e, para isso, não bastariam meu lindo sorriso e a minha boa vontade.

Mais tarde, já em casa, fiz uma seleção de músicas que iam de *Amy* à *Joss Stone* e parti para o banho.

A noite já havia caído completamente quando saí do banho. *Amy* cantava "*Valerie*" e eu a acompanhei, dançando e cantando alto até o *closet*. Sentia-me tão leve, que se vacilasse, sairia voando.

Abri a gaveta e sorri para o conjunto de *lingerie* caríssimo que havia comprado especialmente para hoje.

Apesar de ter uma vida financeira bem confortável, não sou do tipo que sai esbanjando, então, nessa loja eu só entro por motivos especiais. Curiosamente, algo me dizia que, a partir de hoje, eu teria que visitá-la muitas vezes.

Ergui a *lingerie* na altura dos meus olhos e me surpreendi ao ver meu reflexo no espelho. Eu sorria largamente.

Erik

Perdi as contas de quantas vezes dormi e acordei, atordoado com o fuso e ansioso demais para conciliar o sono tranquilo que via em meu irmão. É claro que ele não tinha a *Fraise* nos pensamentos, não conhecia a maciez da sua pele bronzeada e nem o seu cheiro de fêmea cheia de desejo. Por isso, tinha esse sono irritantemente pesado.

Assustei-me, quando a comissária se aproximou, perguntando se eu precisava de algo. Se ela pudesse acelerar o avião, eu ficaria agradecido, mas ante sua incapacidade de me ajudar, declinei.

Ergui a poltrona e peguei uma revista para ler. A ideia era abstrair, entreter-me com alguma futilidade, mas não conseguia me concentrar. A vontade era ligar para ela e prendê-la ao telefone até que estivéssemos frente a frente, mas eu nem tinha esse direito. Certamente, estava ocupada. Olhei o relógio e fiz as contas, calculando a hora local. É... Talvez, se eu fosse breve, pudesse trocar algumas palavras.

Depois do quarto toque, ela atendeu.

— Mandei o piloto acelerar, mas ele é um "roda presa".

O riso dela invadiu-me, aquecendo meu peito.

— *Superman* não apareceu por aí? Que safado! Mandei ele dar uma forcinha.

— Ele te enrolou, *Fraise*. Esse cara terá que se ver comigo.

— Pobre Homem de aço...

Ao fundo, escutei uma música suave, por trás do som rouco do seu riso e da sua respiração.

— Estou atrapalhando, Fraise? Posso ligar...

— Não. Você não atrapalha. Estou me vestindo.

— Para mim?

Sei que soei pretensioso, mas a verdade é que eu queria ouvi-la dizer que sim.

— Não, gracinha... Para você eu me dispo.

Engoli seco. Já estive ansioso para ter uma mulher, mas Fraise estava inaugurando outro nível de ansiedade em mim.

— Faço questão de fazer isso por você. — E, de fato, minhas mãos formigavam em antecipação.

A comissária parou na minha frente e sorriu, informando o início do pouso em Recife.

— Linda, vou precisar desligar.

— Tudo bem. Vou ali passar um sermão no *Superman*.

Queria que ela se vestisse, enquanto nos falávamos, mas era preciso me despedir, mais uma vez. Isso estava ficando chato e eu, definitivamente, queria parar com essas despedidas.

Bellanne

— Uau! É sabedor que a autoestima é algo realmente cultivada em mim, mas o que dizer disso?

Eu falava sozinha, enquanto admirava a mulher fatal, de tomara-que-caia negro e olhos brilhantes à minha frente.

Sophie, a esposa do Thomaz, havia ligado durante a semana, insistindo para que eu usasse um modelo exclusivo da Drakkar, desenhado por uma jovem e badalada estilista brasileira, e agora, diante do meu reflexo cheio de curvas, sorri, não mais irritada com o preço pago pela *lingerie* de grife. Terminei meu ritual com um batom vermelho sangue opaco e gotas do meu perfume favorito.

Enquanto calçava as sandálias altíssimas, verificava o celular. Nada do Viking.

O frio percorria as minhas entranhas e nem mesmo consegui comer uma frutinha que fosse, ansiosa pelo momento em que o veria novamente.

Estava tão tensa, que levei um susto, quando o celular vibrou sobre a

cama. Mais do que depressa, olhei o visor e, apesar da frustração por não tratar-se do Erik, fiquei aliviada por ser o Lucien – estávamos em cima da hora para a coletiva.



— Porra, Jezebell, você está fodástica!

Sentei no carona, ajustando meu vestido que, apesar de ser no Joelho, subia um palmo, quando eu sentava.

— Estou, uma ova! Eu sou. — e sorri para ele. — Você também não está nada mal... Cheio de má intenção, não é?

Lucien passou a mão no cabelo cortado ao estilo militar e fez um charme.

— Estou sempre com más intenções, queridinha.

Enquanto ele avançava em direção à casa de espetáculos onde ocorreria a festa da Drakkar, eu repassava o protocolo daquela noite.

— A coletiva é comigo, o André e o Thomaz.

— E com o Erik, caso ele chegue a tempo. — Completou.

Eu sabia que ele não iria chegar a tempo, mas fiquei calada.

Em poucos minutos adentrávamos o pátio da *Partenon* — o espaço gigantesco, onde costumam acontecer as festas mais disputadas da cidade. Sua área externa, extremamente bem cuidada, estava cenograficamente iluminada e na sua fachada — uma réplica belíssima do verdadeiro *Partenon* —, lasers desenhavam dragões *vikings*.

A música eletrônica ressoava ao longe e, apesar da festa ainda não estar aberta aos convidados, havia engarrafamento e uma pequena multidão se formava à porta.

— Por que mesmo não viemos de táxi, Bell?

Aquela era uma pergunta retórica. Ele não queria escutar a minha resposta, visto que eu havia insistido um milhão de vezes para irmos de táxi.

Olhei através dos carros e vi um aglomerado de pessoas, refletores e câmeras, aquilo me assustou um pouco, embora eu tivesse certa convivência com a imprensa — mais pela mamãe do que pelo meu trabalho, é verdade.

Por sorte, logo o fluxo voltou a correr e nos aproximamos da entrada V.I.P., por onde deveriam entrar executivos da Drakkar, autoridades e alguns poucos convidados especiais, além da imprensa devidamente cadastrada.

Ao verem o carro dirigindo-se à entrada exclusiva, as pessoas começaram a se deslocar e avançaram, apontando suas câmeras e celulares, curiosas por saber quem ocupava o nosso carro.

Lucien segurou a minha mão.

— Tranquila, amiga. — Entendi que ele tinha sentido o quanto eu estava tensa. — Vai dar tudo certo, e... — Lucien estreitou os olhos, marotamente — Não se zangue comigo, mas embora você ame as *t-shirts* compridas, acho que fica incrivelmente fantástica nas camisolas de seda.

— O quê? — Não havia qualquer sentido no que dizia.

Lucien respirou fundo, provavelmente contendo a emoção. Seus olhos escaneavam a multidão lá fora e eu entendi que ele não me explicaria aquela frase desconexa.

— Ok! Estarei o tempo todo com você. — E começou a me orientar, como fazia sempre. — Seja você mesma, cumprimente todos, mas não pare para falar com ninguém. Lá dentro é que está a imprensa oficial e é para ela que você terá que falar.

Meneei a cabeça e estreitei os olhos. Ele sabia que eu não curtia este tipo de coisa. Os caras lá fora, no sereno, eram meus colegas de profissão e eu me sentia mal em não lhes dar uma palavra, mas também entendia que estava atrelada a um severo contrato.

— Tudo bem, mas não se atreva a sumir até que estejamos lá dentro. Estou tremendo.

O manobrista e os seguranças aguardavam que deixássemos o carro, mas meu amigo não tinha a menor pressa. Eu simplesmente amava como ele se importava comigo.

— Bell... Eu só saio do seu lado quando aquele Viking delícia chegar. Até porque... — e revirou os olhos, bastante afetado. — Ele vai me ofuscar completamente e de gente para me ofuscar, já basta você.

Dei-lhe um soquinho no ombro e sorri, beijando-o em seguida.

— Fique aqui. Vou dar a volta e abrir a porta para você.

— Olha só, que cavalheiro! — gracejei.

— Mamãe que ensinou. — e saiu do veículo, contornando-o com sua corridinha sexy.

Logo chegou ao meu lado e segurei sua mão. Imediatamente, os *flashes* luziram sobre nós e, por trás de toda aquela luz, vislumbrei rostos sorridentes e afoitos. Eram repórteres de programas e *sites* de fofoca, além de fãs, desesperados para verem as celebridades convidadas. Cumprimentei cada um

deles e, para desespero do Lucien, até parei por alguns segundos para umas fotos, então, lhes acenei e entramos na área V.I.P.

Lá estava Flávia e Ana Paula, respectivas secretárias de Erik e Thomaz. Elas nos cumprimentaram com muita gentileza, mas percebi tanta alegria na Ana Paula, quanto antipatia por parte da Flávia.

Imaginei que fosse aquele despeito que naturalmente acompanha o preconceito invejoso. Sorri para ela e ainda lhe fiz um gracejo, elogiando suas enormes unhas postiças, horrorosamente ornadas com *strass*. Eu sei... Irei para o inferno por isso, mas afinal, é só mais um, dos inúmeros motivos que tenho para descer um andar.

Entramos por um corredor com a lateral de vidro transparente, deixando livre a visão para o imenso salão onde, dali a cerca de uma hora, centenas de pessoas estariam se divertindo.

A primeira imagem que me veio à mente, ao observar o salão, foi de que a deusa Atena estava dando uma *rave* olimpiana no *Partenon*. A iluminação era baixa, mas canhões de *led* partiam do pé direito altíssimo e cruzavam o espaço até então, praticamente vazio; dois painéis eletrônicos exibiam imagens da campanha e, por alto, pude contar meia dúzia de equipes de TV preparando seus equipamentos.

Espalhados pelo espaço, víamos pequenos *lounges*. De três, dos quatro cantos do salão, saíam passarelas, com cerca de um metro de altura, que se encontravam no centro do espaço. Entendi que aconteceriam desfiles no decorrer da festa.

— Merda, Lucien! Isso aqui vai bombar!

Lu me olhou surpreso.

— É a Drakkar, meu amor, esperava o quê? Tem noção de que irá esbarrar com dezenas de celebridades? — Ele aproximou o rosto do meu, sussurrando. — Passei os olhos na lista de convidados e ali tinha nome de jogador de futebol milionário a ex-BBB ascendente.

Dei de ombros e voltamos a andar, sendo guiados pela insossa Flávia, até ela abrir a porta larga à nossa frente e nos depararmos com um imenso salão, repleto de grandes mesas redondas, com uma decoração refinada.

Garçons circulavam entre as mesas vazias e a banda, vestida de *black-tie*, afinava os instrumentos. À nossa frente, estava o sorridente e muito elegante, Thomaz.

— Bellanne, que bom que chegou!

Ele devia estar mesmo feliz, pois me abraçou — friamente, mas abraçou

— e beijou minha mão.

— Foi um pouco difícil chegar, mas... — Olhei ao redor, admirando. — Nossa! A organização arrasou!

Tornei a fitá-lo e ele reluzia de orgulho.

— Está perfeito! — E voltou a me olhar, agora com um pouco mais de atenção. — Meu amigo que me desculpe... mas você está muito bonita, senhorita Fraise. — O riso constrangido logo tomou o lugar da minha surpresa inicial. — Por falar no diabo... Acabei de receber uma mensagem, dizendo que já está em terra, mas precisaremos começar sem ele.

Discretamente, olhei meu celular. Havia uma mensagem curta e significativa.

Erik — *Estou a uma hora de você.*

Sorri, e quando ergui o rosto, Thomaz me observava. Achei que ele sabia que eu havia recebido mensagem do Erik, mas nada comentou.

— Bellanne... — Ele tocou minhas costas com delicadeza, ao se aproximar para ser escutado sobre a música de afinação da banda. — Esta é uma área V.I.P. e para cá serão trazidos os seus convidados, mas agora precisamos ir. — E apontou para a porta de vidro no final do salão. — A imprensa está toda concentrada para a coletiva.

Era um auditório com um carpete nude e cadeiras confortáveis, e lá encontrei muitos jornalistas já acomodados, empunhando seus gravadores e câmeras; o pessoal da agência de publicidade; executivos da Drakkar e mais algumas pessoas que eu não conhecia, mas que conversavam com Thomaz com certa intimidade. Logo, ele fez um sinal, pedindo que eu o aguardasse e atravessou o auditório na companhia dos dois homens.

— Olá, Bellanne, tudo bem? — A jovem pequena, de cabelos curtos e olhos azuis, aproximou-se, sorrindo para mim. Usava um comunicador e seu crachá indicava que era da assessoria de imprensa. — Sou a Cátia e vou te orientar.

Cátia segurou meu braço delicadamente e eu entreguei a minha *cluth* para o Lucien, pedindo que me aguardasse enquanto eu seguia a garota.

Atravessamos o auditório e observei o Thomaz colocar-se atrás do púlpito, sobre um patamar e à frente de um *background* com a logomarca da Drakkar. Imaginei que estava para iniciar a coletiva.

Eu e Cátia nos posicionamos próximas ao patamar e precisei inclinar-me para escutá-la melhor, quando ela voltou a falar comigo. Além de alta, eu usava saltos consideráveis.

— Bellanne, o senhor Thomaz vai tentar estender a fala e o senhor Erik Lars já está a caminho, mas precisamos manter a imprensa ocupada até lá. Após o senhor Orlosson, será a sua vez. Se importa de tentar entreter os jornalistas até que o senhor Lars chegue?

Gelei. Ele estava para chegar e a cada menção do seu nome, meu estômago tremulava.

— Tudo bem. — Respondi sem muita certeza se conseguiria entretê-los por muito tempo. — Eu dou conta.

Cátia sorriu para mim com admiração.

Ok, falar com a imprensa, estar a frente às câmeras... Nada disso estava na lista das minhas coisas preferidas, mas se era preciso, eu faria. Tensa, concordei, mas olhei diretamente para o Lucien e o vi fazendo o sinal de figa com as duas mãos.

Aquele safado bem sabia que eu seria colocada nessa situação, mas nada me disse. A sua sorte é que eu estava em evidência e o gesto que lhe faria não seria de bom tom.

Olhei o celular novamente e não havia mensagens, o que me deixou ainda mais tensa.

Onde estava o Viking?

Quase vinte minutos depois, eu subia ao púlpito, sendo recebida com sorrisos e aplausos pela imprensa. Algo me dizia que parte dessa simpatia devia-se ao fato de eu ser filha da grande jornalista e colunista, Ana Maria Fraise, mas eu também tinha meus méritos. Saudei a todos e a primeira repórter a cumprimentar-me, arrancou risos de todos, ao perguntar se meu "vestido maravilhoso" fazia parte da coleção Drakkar, porque ela queria um igual. Sim, havia ironia e até certa malícia na pergunta.

— Sim. O pessoal da Drakkar teve a imensa delicadeza de fazer este modelo exclusivamente para mim. A assinatura é da Fernanda Valente. Infelizmente, igual a esse, não vai dar, mas a Drakkar tem coleções incríveis. Hoje mesmo vocês poderão conferir.

Ela sorriu sem graça, mas pisquei-lhe o olho, criando uma cumplicidade.

As perguntas seguintes versaram sobre a concepção do conceito da campanha Drakkar e eu lhes contei as ideias iniciais, dando créditos também ao Thomaz e ao Erik, além de salientar a importância da agência publicitária. Alguém perguntou sobre minha recente exposição e eu respondi de maneira sucinta, contornando e guiando a entrevista de volta ao lançamento Drakkar.

Erik

— Vamos, Mateo!

Eu já estava há quinze minutos com a porta do apartamento aberta, girando a chave de casa no dedo e batendo a ponta do sapato no chão. Thomaz já havia passado uma dezena de mensagens e ligado três vezes.

— Pronto! Nossa... — Ele parou e me olhou, constrangendo-me. — Que estampa!

— Estampa?! Que diabo de gíria é essa?

Fechei a porta e chamamos o elevador.

— Coisa da Soraia. Toda vez que me vê bonito, diz: Que estampa!

— Imagino o quanto isso deve ser raro.

Gargalhamos juntos e descemos em um clima descontraído. Mateo parecia uma criança, olhando e comentando tudo que via pela janela do táxi. Vendedores ambulantes, malabaristas no semáforo, garotas de patins... Tudo o fazia exclamar!

Enfrentamos um engarrafamento chato quando chegamos ao endereço indicado e, por fim, quando descemos do automóvel, nos vimos cercados por gravadores, celulares e máquinas fotográficas.

Aguardei Mateo contornar o carro, enquanto eu aproveitava para cumprimentar formalmente os seguranças que acabavam de se aproximar. Eles nos levaram até a entrada V.I.P. e durante o caminho, tive a impressão de escutar gritos e gracejos, mas os ignorei. Eu não estava acostumado a isso.

Flávia nos aguardava atrás da porta larga de entrada, em um corredor com uma das paredes de vidro. Ela nos recebeu com um sorriso cheio de entusiasmo e seus olhos grudaram em Mateo, mas ele estava tão absorto na grandiosidade da festa que, aposto, sequer percebeu.

— Senhor Lars, seja muito bem-vindo!

— Obrigado, Flávia. Esse é meu irmão, Mateo Lars.

Ela o cumprimentou com todo o charme e depois nos conduziu corredor adentro. Mesmo através dos vidros, escutávamos os primeiros sons vindos das *pick-ups* luxuosas do DJ que, ouvira falar, era de fama internacional.

— O senhor Orlosson já está na coletiva e pediu para levar o senhor imediatamente. — Flávia nos instruiu, enquanto caminhava apressada à nossa frente.

Eu esforçava-me para escutá-la por trás do som. Observei que a entrada dos convidados acabara de ser liberada e, aos poucos, as pessoas começavam

a circular. Eu mesmo havia aprovado a lista de convidados, mas não fazia ideia de quem era cada um daqueles rostos. Sabia apenas que eram celebridades e pessoas influentes na moda brasileira.

Chegamos a um salão reservado, com mesas redondas, já repleto de pessoas que eu também não conhecia, salvo os amigos da Fraise, que localizei em uma mesa central.

As pessoas desconhecidas me cumprimentavam e eu as cumprimentava de volta, mecanicamente. Então, recebi o primeiro tombo da noite: através das portas de vidro do auditório, eu a vi, falava ao microfone e eu simplesmente travei.

Flávia entrou na sala, sem se dar conta de que eu havia parado.

Cacete! Ela estava ainda mais linda do que eu lembrava. Sorria deslumbrante, perfeitamente encaixada em um vestido preto, contrastando com sua pele azeitonada. Jogava os cabelos de forma displicente, exalando sedução.

Poderia apostar que estavam todos hipnotizados, assim como eu, e de onde eu estava, avistei a borboleta azul em seu ombro nu. Aquela visão trouxe-me a lembrança do nosso primeiro e único jantar. Que estranho era juntar a mulher que eu pouco havia visto, à mulher com a qual eu passara a maioria das minhas madrugadas ao telefone, nas últimas semanas.

O misto de intimidade e recente aproximação chocaram-se dentro de mim, levando-me à uma terceira e ainda mais estranha sensação: eu a conhecia mais e melhor do que já conhecera alguém em toda a minha vida.

— É ela? — Mateo tirou-me do transe.

— Sim. Não é um mulherão?

Ele meneou a cabeça e sorriu para mim.

— Mano, tomara que ela seja tão caída por você, quanto você é por ela. Porque se não for... Vou roubá-la de você, cara.

Ri e dei-lhe um soco fraco no braço.

— Eu te deporto no primeiro navio de carga para *Helsinki*.

Empurrei a porta de vidro, entrando, e os olhos de Bellanne encontraram os meus. Quis subir naquele púlpito, segurar-lhe os cabelos e beijar aquela boca tão gostosa, mas apenas sorri, sentindo-me meio bobo.

19º Capítulo



CAPÍTULO 19

Bellanne

Estava bem no meio de uma resposta constrangedora, quando um repórter elogiava a mim e ao meu trabalho, e me perguntava se eu havia me rendido ao charme da Drakkar, e também se eu faria as próximas campanhas da cadeia de lojas.

Antes que pudesse responder, paralisei no deus *viking* de um metro e noventa, usando *blazer* e calça pretos, com uma camisa azul combinando com seus olhos, numa perfeição que faria o mais criterioso alfaiate delirar. Ele havia cortado o cabelo, mas não muito, e sua barba estava um pouco crescida, linda.

Meu coração batia tão forte que senti-me balançar e comecei a hiperventilar. Para disfarçar o meu estado, sorri.

— E eis que chegou quem faltava. Erik Lars! — Anunciei, tirando a atenção de mim.

A comoção foi geral. Vi a ala feminina se agitar e notei o homem ao seu lado, que deduzi ser Mateo. Não seria difícil reconhecê-lo, pois pareciam-se

muito. Mateo era um pouco menor e com os cabelos mais compridos, mas quase tão lindo quanto o meu Viking.

Erik entrou na sala e as pessoas começaram a levantar, cumprimentando-o com ostensiva admiração. Preciso admitir... O cara inspira respeito e deslumbramento instantâneos!

— Senhoras e senhores, deixo-os com o dono da festa. — E afastei-me do microfone, deixando claro que ele deveria tomar o meu lugar.

Na medida em que Erik caminhava, saudando as pessoas e distribuindo sorrisos matadores, eu ficava mais e mais excitada. Uma espécie de fogo subia por minhas pernas, queimando, ardendo todo o meu corpo. Quando ele chegou à plataforma, ergueu os olhos diretamente para mim e sorriu. Eu já sabia que ele era lindo, mas peguei-me admirando seu poder de superação.

Erik aproximou-se e sua mão foi diretamente para a minha nuca, atravessando meus cabelos. Fui coberta por aquele homem de ombros largos. Seu perfume me embriagou e o beijo que me deu foi bem próximo ao ouvido. Eu quase levitava, trêmula, quando sua voz grave, e ao mesmo tempo aveludada, sussurrou, em meio ao beijo:

— Que saudade, Fraise...

Engoli seco e sequer consegui responder. Minha mão deslizou por dois segundos pela sua cintura, mas no instante seguinte, estávamos separados. Tratei de descer da plataforma, antes que me traísse e puxasse-o de volta para os meus braços.

Desci rogando a *Jah* que não me deixasse cair, pois minhas pernas tremiam. Colei em Lucien, segurando em seu braço, mas logo fui distraída por um ex-colega de faculdade, Igor.

— Caramba, Bell! Que massa você trabalhando com moda!

Eu queria prestar atenção ao que Erik estava falando.

— Mais ou menos. Eu continuo correndo de moda. — Desde a faculdade ele sabia das minhas preferências e restrições. — A Drakkar é uma exceção.

Igor seguia falando qualquer coisa que eu não conseguia mais escutar. Voltei o olhar para a porta e lá estava o Mateo, com as mãos metidas nos bolsos da calça, encarando-me e sorrindo para mim. Retribui-lhe o sorriso e o cumprimentei discretamente, inclinando a cabeça.

— ... Um livro reportagem?

Voltei a olhar para o Igor, sem compreender o que havia me perguntado.

— Igor, amor, podemos ver isso depois. O que acha?

Senti que ele ficou um pouco decepcionado, mas entendeu que estava

sendo inconveniente, o que surtiu efeito. Beijou-me no rosto e voltou a sentar-se junto aos demais repórteres. Agora sim, eu tinha novamente a atenção todinha nele, em quem importava, no *viking* mais gostoso do universo.

Eu o comia com os olhos. Erik apoiava as mãos no púlpito e isso fazia seu *blazer* abrir. Não era à toa que as mulheres cochichavam entre si ou ficavam quase em transe, fitando-o e com suas bocas abertas. E quando o Erik sorria, tinha o mesmo efeito de uma metralhadora, eliminando os pensamentos decentes a seu respeito.

As perguntas estavam no campo profissional, até que a mesma repórter que perguntou sobre o meu vestido, ousou-se um pouco mais. Quem poderia julgá-la?

— Posso chamá-lo de Erik? Parece tão jovem... — O ordinário sorriu largamente e assentiu. Se até eu molhei a calcinha, imagina a garota, alvo daquele sorriso?! — Erik, é inegável o seu carisma, concordam, meninas?

Quando todas... eu disse todas, inclusive a Cátia, riram faceiras, concordando, meu queixo caiu, indignada com aquele flerte. A "repórter da calcinha encharcada" prosseguiu:

— Fiz uma pesquisa rápida e não encontrei qualquer indício de compromisso... Posso anunciar que há um bom partido disponível?

Ok. Eu sou uma mulher segura, centrada, madura.... Uma ova! Que tipo de pergunta era aquela?!

O Viking sem vergonha gargalhou e seus olhos encontraram os meus furtivamente, mas bem furtivamente mesmo.

— Huuummm... — E fez um biquinho que, jurei, morderia mais tarde. — Deixe-me pensar... — Fez charme. Olhei para a plateia e os homens também sorriam, divertidos, mas as mulheres estavam quase se abanando! — Não. Não estou disponível.

Sabidamente, Thomaz acercou-se ao púlpito, livrando Erik de mais uma pergunta audaciosa, e me livrando de uma síncope. Eu não costumava ser uma mulher ciumenta, mas o tinha visto primeiro, queridinha!

Enquanto Thomaz encerrava a coletiva e agradecia a presença de todos, convidando-os para a festa, Erik veio em minha direção. Mordi o canto do lábio, tentando conter os espasmos no meu abdômen. E ao se aproximar, discretamente, entrelaçou os dedos nos meus, apertando a minha mão, mas sequer me olhou.

— Tudo bem, Lucien?

Os dois se cumprimentaram e Mateo juntou-se a nós.

— Fraise, esse é Mateo. Mateo...

— Já ouvi falar demais de você, Bellanne Fraise.

Mateo se adiantou e beijou meu rosto, mas minha concentração estava inteirinha na mão grande e forte apertando a minha.

À nossa volta, percebi as mulheres tentando chamar a atenção do Erik e fiquei orgulhosa em ver que ele não as notava. Foi então que seus olhos extremamente azuis finalmente pararam nos meus.

— Preciso ficar sozinho com você por dois minutos. — sussurrou perto do meu ouvido e este sussurro foi diretinho para a assanhada lá embaixo.

Olhei ao redor, vendo as pessoas dispersarem e Thomaz de aproximar. Só então notei Sophie, a sua esposa.

Erik soltou a minha mão para cumprimentar o amigo e sócio. Senti a perda do seu calor.

— Como vai, Bellanne?! — Troquei beijos com a mulher que era tão delicada, quanto elegante. — Parabéns mais uma vez. Você é simplesmente brilhante!

Sorri, agraciada, e lhe agradei o vestido.

Depois de conversarmos amenidades e de perceber que a conversa entre Thomaz, Erik e Mateo tratava de coisas muito particulares, decidi ver se meus pais e amigos já estavam acomodados em suas mesas. Pedi licença à Sophie e já estava me afastando, quando a mão vigorosa segurou meu antebraço com firmeza.

— Espere. — Foi tudo o que disse com sua voz grave, segura, enquanto explicava algo que parecia importante ao Thomaz. Foi uma palavra de ordem e, sendo uma ordem coincidente com a minha vontade, obedeci.

Segundos depois, Thomaz, Sophie e Mateo nos deixaram, mas no auditório ainda haviam alguns técnicos desmontando os equipamentos; garçones e jornalistas, que aguardavam o Erik para mais alguma pergunta.

— Acho melhor você atendê-los, Erik. — E sinalizei os três colegas que reuniam-se em uma “rodinha”.

Erik respirou fundo, sem a menor questão de esconder a impaciência, e pousou sua mão sobre a minha omoplata, antes de sorrir e convidar os jornalistas para algumas perguntas rápidas.

A mão nas minhas costas era a sua maneira de me segurar ali e, sem que soubesse, uma forma também de me esquentar ainda mais. O simples calor que emanava da sua mão espalmada, as carícias quase imperceptíveis das

pontas dos dedos que deslizavam suaves, enquanto falava sobre o processo para a implantação de um novo conceito de moda no Brasil, estava me mantendo cativa.

Por fim, os jornalistas se deram por satisfeitos e nos deixaram, enquanto os garçons recolhiam os últimos copos e também deixavam o auditório, mas ainda havia dois técnicos enrolando alguns fios.

Juntos, eu e Erik, observamos os homens que trabalhavam alheios a nós, esperando que acabassem logo e nos dessem privacidade, mas quando voltei a fitar o Viking, ele estava com as duas mãos pousadas no quadril, o maxilar travado e o olhar perdido em mim. Então, mergulhada naquele azul indecente, ergui minha sobrançelha, colocando-o em cheque.

Como não seria diferente, Erik deu o "mate".

— Foda-se!

Foi rápido. Quando dei por mim, Erik segurava meu rosto com ambas as mãos e sua boca estava colada à minha. E foi uma explosão de fogos de artifício!

Eu entreguei-me ao beijo molhado, sedento, completo de forma que me preenchia inteira. Seu sabor transbordava em mim e alternativa alguma me restou, senão colar-me a ele e pendurar-me em seu pescoço.

Em uma respiração, ele me puxou contra seu corpo, apertando-me tanto em seus braços, que eu não pude distinguir se o coração descompassado que batia forte era o meu ou o dele.

Ansiosa por tocá-lo mais e mais, mergulhei os dedos em seus cabelos e quase perdi o juízo, quando ele retribuiu a carícia, segurando-me os cabelos da nuca com firmeza, ao tempo em que mudava a cabeça de posição, mergulhando ainda mais fundo no beijo.

Pela primeira vez não consegui pensar, apenas sentir... O corpo grande grudado ao meu, a boca macia e quente, a barba que me acarciava, as respirações aceleradas, o cheiro másculo... Era tanto do Erik para assimilar, que todo o resto perdeu a razão de ser. E só porque estávamos a ponto de arrancarmos nossas roupas ali mesmo, descolamos os lábios e ele afrouxou o abraço. Minhas pernas estavam bambas e relutei em abrir os olhos, por medo de que desaparecesse.

Erik manteve os lábios em minha testa e as carícias em minhas costas. E quando seu riso soou, o abracei mais forte, sentindo suas formas perfeitas sob minhas mãos.

— Eles se foram.

Olhei ao redor. Estávamos sós.

— O *feeling* deles está com *delay*.

Erik voltou a sorrir contra a minha testa, e eu acariciei-lhe a barba um tanto crescida. E quando se afastou, realmente achei que fosse cair. Ainda estava atordoada e lamentei perder seu contato.

Erik enfiou a mão no bolso de trás e me mostrou um cartão de acesso com uma plaquinha pendurada.

— Pegue. — Tomei-lhe da mão e vi que pertencia a uma suíte no hotel mais elegante da cidade, disputado por celebridades e sinônimo de luxo e tradição. Ergui os olhos e o encarei sem entender. — Não poderemos sair daqui por um tempo, mas quero que dê um sinal, quando quiser ir embora, então, haverá um carro da Drakkar esperando por você. Ele te levará a este hotel.

Sorri, admirada com a sagacidade do senhor Viking.

De fato, não seria interessante, e nem conveniente, assumirmos uma relação publicamente neste momento. Eu, particularmente, não queria criar expectativas públicas para algo não que sabia onde iria dar.

— Você falou sério quando me mandou abrir espaço na agenda, não foi, Viking? Planejou tudo!

Erik abriu o sorriso mais belo de todo o planeta, lembrando um garoto travesso. Então, fez aquele prenúncio de bico que prometi morder.

— Você ainda não viu nada, Fraise. Eu não deixo nada ao acaso.

Ergui uma sobrancelha, amando a audácia daquele deus nórdico.

Novamente ele entrelaçou os dedos nos meus.

— Vamos, logo estarão nos buscando por todos os cantos.

Depois de tornar a me beijar, desta vez mais brevemente, saímos para a área V.I.P.

Erik

Estávamos de mãos dadas, mas assim que chegamos ao salão, Thomaz nos parou e Fraise soltou a minha mão, apesar de seguir ao meu lado. Olhei para ela com leve pesar, mas parecíamos de comum acordo quanto a não exposição no momento. Em dois dias tudo poderia mudar.

Thomaz explicou alguns pontos básicos sobre a logística da festa e como ocorreriam os desfiles e onde eu deveria estar a cada momento.

Engana-se quem pensa que os donos da festa se divertem.

Quando enfim terminou de dar suas orientações, pareceu-me ainda mais tenso do que antes.

— Não sei como agradecer, Tom. — Apertei seu ombro, como um carinho. — Você segurou tudo por nós dois.

— Você não faria diferente por mim, Erik. — E era verdade.

Aquiesci para o olhar fiel do meu amigo.

— Vou circular um pouco e cumprimentar as pessoas. — Olhei ao redor e todas as mesas estavam ocupadas. — Nos encontramos mais tarde.

Thomaz concordou e nos separamos.

Busquei a mão da Fraise no vazio e voltamos a entrelaçá-las. O contato com sua palma pequena me levou ao seu olhar e me senti um puta sortudo, por estar de mãos dadas com a mulher mais linda e fantástica daquela festa.

— Erik, preciso falar com os meus pais.

— Ok. Eu gostaria de conhecê-los. Importa-se? — E ela abriu o sorriso para mim. Será que pensou que eu não iria querer conhecê-los?

— Claro que não! Vai gostar deles.

— Eu já gosto, Fraise. Já ouviu falar que se admira o artista pela obra?

Bellanne meneou a cabeça, sorriso com lábios e olhos.

— Olha só esse Viking! Que grande conquistador está me saindo!

Seguimos entre risos, ela na minha frente, sendo cumprimentada por quase todos no salão V.I.P., enquanto eu apenas retribuía os acenos que alguns me dirigiam.

As pessoas simplesmente se abriam em sorrisos quando a viam passar e esticavam-se para dar-lhe um adeus. Alguns mais efusivos, ainda faziam sinal para que ela se aproximasse, mas Fraise apenas lhes gesticulava, dizendo que o faria depois.

Eu seguia feito bobo atrás dela e, não vou mentir, era uma perspectiva muito interessante. Ainda mais com o vestido que usava, delineando cada curva e dando-me uma visão tentadora do que era uma ode à beleza. Cada olhada para a bunda da Fraise que eu não conseguia evitar, era uma pontada do desejo imenso que eu sentia de mordê-la.

Apenas nos aproximávamos quando reconheci de imediato os seus pais. Fraise simplesmente era uma réplica da sua mãe, em uma versão mais suculenta e sexy.

A bela senhora olhou-me diretamente, de um jeito que quase me fez corar. Fraise nos apresentou e cumprimentei primeiro a senhora Fraise, beijando-lhe a mão, tendo o cuidado de manter meus olhos bem firmes nos

dela. Pareceu-me uma mulher cheia de personalidade, que me avaliava com minúcia.

— É um prazer, senhora Fraise. É evidente de quem a Bellanne herdou o encanto.

Ana Maria ergueu a sobrancelha do mesmo jeito que a filha.

— Quer dizer que o pai é desprovido de encanto? — Desafiou-me com um sorriso sedutor.

Olhei para o homem simpático, que sutilmente me sorria em solidariedade.

— Espero que dele ela tenha herdado outras tantas qualidades. Odiaria ficar "encantado" pelo senhor Fraise. — E estendi a mão ao homem, que agora sorria largamente, assim como os demais. Identifiquei-me de imediato com sua simpatia.

Bellanne apresentou-me ainda à sua irmã e cunhado, que me pareceram simpáticos e feitos um para o outro. Cumprimentei os dois casais de amigos, que foram divertidos em seus gracejos.

Enfie as mãos nos bolsos, um pouco desconcertado pelo olhar analítico que Ana Maria me lançava, mas relaxei quase que imediatamente, quando Fraise enroscou-se em meu braço e sorriu, fazendo ao mesmo tempo uma espécie de careta, travando os maxilares, como se estremecesse.

— Sobrevivemos! — sussurrou e precisei me controlar para não beijá-la.

— Sinto que vou cair duro antes de alcançar a porta. — sussurrei de volta, referindo-me ao olhar da sua mãe.

Ela riu alto e acariciou meu ombro. Uma sensação imensamente boa me invadiu, como se a nossa intimidade fosse algo de anos, como se tivéssemos sido preparados por toda a vida, apenas para estar ali, na nossa bolha, celebrando o mero prazer de estarmos juntos.

Então, precisei pedir licença e deixá-los. Minhas obrigações sociais me chamavam e eu devia isso ao Thomaz. Não sei se conseguiria estar com a Fraise nas próximas horas, mas eu a teria para mim ao final da noite e isso me manteria cheio de vigor para a maratona que Thomaz e a assessoria haviam preparado.

Bellanne

Desabei na cadeira e evitei encarar as pessoas na mesa. Sabia que estavam curiosos e doidos para tecer um ou outro comentário sobre o Erik.

Roubei o copo do papai e bebi um generoso gole do seu uísque.

— Fiquei surpresa. — Demorou! Virei os olhos para a minha mãe, temerosa do que viria em seguida. — Achei que fosse bem mais velho, um pouco mais arrogante e menos atraente.

Meu queixo caiu com seu comentário e ainda mais com sua soberba.

— O que é isso, Ana Maria?! — Meu pai a interpelou, arrancando risos de todos. — Não basta a filha, agora a mãe também ficou derretidinha?

Quando todos já começam a fazer graça, interrompi.

— Não tire conclusões precipitadas, mamãe. Aquilo é um *viking* e tudo pode vir dali. — Fiz um gesto discreto, chamando o garçom. — Inclusive, seduzi-la tanto, até que o defenda contra o mundo e mande fazer um *outdoor* elegendo-o como o genro do ano. — Rapidamente virei para o Anderson — Perdeu, boy!

Caio começou a rir do Anderson, mas as pessoas acabaram rindo mais da risada idiota dele, do que de qualquer outra coisa.

— Não desafie sua mãe, Bella Anne. Sabe que ela gosta de se fazer de difícil.

Sim, insinuar que o Erik já a tinha nas mãos era o mesmo que matá-la. E porque eu gosto de desafios, cruzei as pernas, apoiei o queixo na mão e encarei Ana Maria Fraise.

— Gostaria de saber a sua opinião, mamãe... O que achou do senhor Erik Lars?

Cheia de afetação, mamãe alisou a toalha de cetim à sua frente, apanhou a taça de proseco e bebericou sua bebida.

— Achei que ele tem uma educação estudada, o que é perigoso. O correto é a educação inerente. Também percebi que é inteligente e homens muito inteligentes são perigosos... — E lançou um olhar de soslaio ao papai. — Melhor que eles sejam um pouco tolos, não é Caio?

O citado olhou embevecido para a mamãe, enquanto Letícia fazia uma careta desgostosa e de tanto rir, eu quase engasgava com o meu uísque recém-servido.

— Mas... — Ela prosseguia com sua metralhadora. — É admirável. Leve-o em casa qualquer dia desses e poderei estudá-lo melhor. Meu senso crítico não falha e saberei detalhá-lo completamente no curto espaço de tempo de um jantar.

Sorri, balançando a cabeça. Aquele era o seu jeito pedante de dizer que havia gostado tanto do Erik, que o queria na intimidade do seu lar e da sua

família. E nesse momento, vi o Lucien passar ainda segurando a minha bolsa, além de um coquetel multicolorido nas mãos.

— Ok, senhora Fraise. Tratarei de levá-lo à sua dissecação. Agora, deem-me licença. — Sorvi um grande gole da minha bebida ao me levantar. — Preciso ficar de olho no Viking, antes que outra o disseque antes da mamãe. E quando já me afastava, voltei e falei para o papai: — Conversamos mais tarde, pois preciso de uma opinião menos apaixonada.

E me apressei para alcançar o Lucien, fugindo da expressão indignada da mamãe. Ela demoraria para admitir que tinha aprovado de cara uma escolha minha.

Caraca!!!

A imensa área que vimos através da parede de vidro, ao chegarmos, estava agora completamente lotada! A pouca luz era cortada por *lasers* coloridos e uma iluminação cenográfica de cair o queixo. O som que vinha das *pick-ups* do DJ que, ouvira falar, havia cobrado uma fortuna, mal nos permitia conversar, e à nossa frente rolava um desfile informal de corpos e rostos perfeitos.

Oh yeah, baby, eis o mundo *fashion*!

No caminho até os camarotes, para onde deveríamos ir, passamos por um sem número de rostos conhecidos das novelas, *realities* e *sites* de fofocas. Lucien quase teve um ataque quando se deparou com um jogador de futebol, do qual eu nunca tinha escutado falar, mas que meu amigo jurou ser o amor da sua vida.

Chegamos a um dos camarotes bem na hora em que iniciava o desfile e a produção da Drakkar conseguiu me surpreender ainda mais. Os efeitos em *neon* davam a nítida impressão de que as modelos desfilariam sobre uma passarela de luz. Eu escutava as pessoas ao meu redor quase surtando de admiração e, mesmo tendo pouca participação nesta parte da campanha, senti-me orgulhosa.

Estava animada e quando começou o desfile, precisei estreitar os olhos e olhar bem direitinho para quem entrava na passarela.

— Ai, meu Deus... — murmurei pausadamente, com meu coração aos pulos e sem poder crer no que meus olhos viam.

Ali, dentre centenas de celebridades e sob os holofotes mais importantes do Brasil, quem desfilava nas passarelas não eram modelos... Eram as mulheres reais que posaram para mim!

Meus olhos encheram de lágrimas e levei a mão à boca, quando as vi

absolutamente glamorosas, orgulhosamente ostentando seus biotipos tão brasileiros, desfilando como divas!

Olhei para Lucien, cheia de emoção, mas antes que pudesse falar qualquer coisa, ele segurou as minhas mãos e sussurrou, bem perto do meu rosto, para que eu pudesse escutá-lo:

— Amiga, dê um trato nesse homem! Ele merece! Foi o seu *viking* quem bateu o pé de que teriam que ser elas, e não as modelos, a desfilarem hoje!

Senti meus olhos arderem. Eu jamais poderia imaginar que isso aconteceria. Jamais! Sem conseguir dar uma palavra, voltei a admirar não só o desfile, mas os rostos encantados de quem também o assistia.

Ao final daquele espetáculo, todo o lugar "veio a baixo", ovacionando a Drakkar com assobios e aplausos, e no palco surgiram os estilistas e, atrás destes, Thomaz e Erik, absolutamente divinos e com a felicidade estampada em seus rostos. O Viking brilhava em sua timidez sensual, agradecendo os aplausos e contendo o sorriso que ameaçava escancarar, tamanha felicidade.

Lucien saltava, gritava e assobiava feito louco ao meu lado e eu, embora quisesse fazer o mesmo, não encontrava pernas para tanto. Estava hipnotizada pelo Erik, e se antes sentia uma imensa vontade de me entregar a este homem... agora, ele poderia fazer comigo o que bem quisesse. Eu já era dele e nem mesmo havia percebido quando isso aconteceu.

Mordi o lábio, tentando conter-me para não sair saltitando, excitada por saber que dali a poucos instantes seria apenas eu e aquele Viking infernal.

Erik

Saí do palco suando frio. A incrível sensação de dever cumprido era imensamente gratificante e eu estava realmente feliz, mas os holofotes, figurativamente falando, não são para mim. Foi com alívio que voltei para a coxia. Estava ansioso para saber o que a Bellanne tinha achado do desfile.

Lembrei do problema que enfrentei na semana passada, quando tive algumas discussões com o Thomaz e o André e, por fim, os convenci a usar no desfile as garotas da campanha, e não manequins. Abri exceção apenas para uma top famosa, que encerrou a apresentação. E agora, víamos essa decisão refletida nos rostos extasiados dos repórteres. Era a noite das "garotas comuns" da Fraise.

E também a minha noite com ela.

Peguei o celular e digitei uma mensagem. Não adiantaria ligar com todo

aquele barulho.

Erik - Gostou do desfile?

Esperei impaciente, muito impaciente, e ela levou alguns minutos para responder.

Fraise - Como não?! Você é incrível, Viking!

Mordi o lábio, para conter o meu sorriso largo demais.

Erik - Hora de ir?

Fraise - Só vou me despedir dos meus pais.

Erik - O carro estará na saída V.I.P.

Imediatamente, mandei uma mensagem à Flávia, avisando-lhe que enviasse o motorista. Ergui o rosto e vi Mateo conversando animado com alguns jovens e tive a impressão de conhecer uma das garotas, dentre eles. Me aproximei e cumprimentei formalmente a todos.

— Teo... — Entreguei-lhe a chave de casa. — No cofre tem dinheiro e a senha é o nome da nossa mãe. Na esquina tem uma *delicatessen*, onde você pode encontrar tudo o que precisa. — Olhei para a sua mão, ele segurava uma garrafa de água mineral. — Não esqueça a insulina. Thomaz te levará para casa e qualquer coisa, pode ligar para mim ou para ele.

— Ok, chefe! — Ele sorria feliz e aquilo me enterneceu. Eu amava profundamente meu irmão e vê-lo tão leve e contente também me fazia feliz.

Puxei sua cabeça e beijei-lhe os cabelos levemente.

— Tudo bem, senhor Erik? — A garota que julguei ser conhecida chamou, antes que eu pudesse me afastar. — Lembra de mim? — Estreitei os olhos, sem conseguir lembrar de onde a conhecia, e antes que a coisa toda ficasse mais constrangedora, ela se apresentou: — Mariana, assistente da Bellanne.

Claro!

Estendi a mão para ela e puxei-a para um beijo rápido no rosto.

— Tudo bem? Perdoe não tê-la reconhecido. — Ela sorria, simpática. — Bem... Toma conta desse rapaz. Você parece mais ajuizada.

E saí sob os protestos divertidos do Mateo. Precisava me despedir de dezenas de pessoas e pedir desculpas ao Thomas, sob a desculpa de que precisava descansar da viagem estressante. O que era “meia verdade”... Não havia o menor cansaço em meu corpo.

20º Capítulo



CAPÍTULO 20

Bellanne

Lucien acompanhou-me até o carro da Drakkar, e quando eu já estava dentro do veículo, pediu-me que abrisse a janela.

— Miga, quando chegar ao seu destino, olhe dentro do armário do banheiro. Depois conversamos sobre como você irá me pagar esse favorzinho.

E gargalhou, enquanto eu o olhava tão perdida quanto uma filha de puta no dia dos pais! Se despediu e eu fechei a janela, tendo mil conjecturas na mente.

— Boa noite, Senhorita Fraise. Sou Marcelo e irei conduzi-la onde o senhor Lars me ordenou. — O motorista era um moreno de simpáticos olhos puxados. — Se desejar, temos champanhe e outras bebidas na geladeira. — E apontou para o pequeno volume próximo aos meus pés.

Agradei.

Na pequena geladeira havia minigarrafas de champanhe, água e vodca. Optei pela champanhe, servindo-a em uma das taças que pendiam em um

suporte no teto do carro. Não era tão grande quanto uma limusine, mas era um carro luxuosíssimo e amplo.

Enquanto Marcelo dirigia, eu tentava relaxar e encontrar o ponto em que havia saído da minha realidade e entrado naquele sonho.

Eu tinha feito os meus planos. Sabia que o Mateo estava com ele, então, preparei minha casa para Erik Lars. Comprei os melhores vinhos; abasteci a geladeira com coisas que, acreditava, ele gostaria; preparei o ambiente... Mas o Viking sabia me surpreender. Por mais que eu corresse, ele sempre estava um passo à minha frente e eu estava disposta a mudar o jogo.

Quase meia hora depois, Marcelo parou o carro. Eu já havia bebido duas garrafinhas de champanhe, algo como duas taças, e o fogo me consumia lentamente.

O jovem abriu a porta para mim e estendeu sua mão. Eu ri, sentindo-me em alguma pegadinha *hollywoodiana*. Estava tudo perfeito demais!

Marcelo beijou a minha mão antes de me deixar na porta do hotel mais luxuoso da cidade. Atravessei as portas do saguão cobiçadíssimo entre as celebridades e desfilei meu salto agulha sobre o mármore de Carrara.

Senti olhares admirados sobre mim e duvidei que me reconhecessem, mas empertiguei a coluna e me fiz camuflar em meio àquela elegância. Eu não iria à recepção. Como iria explicar que tinha nas mãos o cartão de acesso para uma suíte, se não estava hospedada? Então, invoquei a minha mais refinada cara-de-pau e fui direto ao elevador principal.

Eram seis andares apenas. Peguei o cartão de acesso dentro da minha *cluth* para verificar o número da suíte e saber que andar pedir ao ascensorista. Só então dei-me conta de que nele estava escrito “605 (*penthouse*)”. Eu estava no sexto andar de um dos hotéis mais caro do país, isto significava que Erik Lars havia reservado a suíte presidencial...

A porra da suíte presidencial que celebridades internacionais se matam para conseguir!!!!

Quando o elevador abriu, o ascensorista me saudou e eu ainda estava perplexa, provavelmente com cara de boba.

— Sexto andar, por favor. — murmurei e ele olhou para mim, mal disfarçando sua surpresa. Era bem provável que estivesse acostumado a ver apenas figuras subindo para esse andar.

Eu apenas dei uma rápida erguida de sobancelha e dei de ombros, mostrando-lhe o cartão de acesso. Ele meneou a cabeça solenemente e apertou o botão.

Minha cabeça fervilhava, não somente com o fato do Erik nos ter reservado a suíte presidencial, mas também por todo o resto: a compra da minha fotografia predileta; o cartão junto com as flores na exposição; querer conhecer meus pais; o desfile com as garotas... E agora isso.

“*Quarenta e oito horas*”, ele disse.

Meu coração disparou ainda mais quando lembrei da imagem do Viking no púlpito, sublime com todo seu poder de sedução ativado, e depois, sobre o palco, perfeito em seu acanhamento.

Puxei o ar com força, porque ele parecia ter ficado nos pulmões, quando as portas se abriram e o rapaz anunciou o sexto andar.

Era lindo!

Um *hall* octogonal bem iluminado, o mármore claro combinando com o dourado do corrimão da pequena escada... Tudo era de extremo bom gosto. A escada de cinco degraus levava a um patamar superior com saída para outros seis vãos. Cada vão daquele, uma suíte exclusivíssima.

Os móveis clássicos no *hall* de entrada me encantaram, assim como a vista da orla iluminada, que encontrei através da imensa janela de vidro.

Subi os quatro degraus e observei a numeração no alto de cada arco que dava entrada aos vãos das suítes e logo identifiquei o 605. Atravessei o arco e quando ergui a vista, paralisei. Recostado na entrada do quarto, com as pernas cruzadas na altura do tornozelo, descalço, com a camisa para fora da calça e as mãos enfiadas nos bolsos, estava o Viking.

— Você demorou.

Erik

Mandei a mensagem para Flávia e me apressei em falar com o Thomaz. Como eu esperava, ele compreendeu. Procurei o André e o parabeneizei, assim como a toda a sua equipe. Eles realmente brilharam.

Também cumprimentei a cerimonialista principal e o nosso assessor de imprensa. Gosto de elogiar e parabenizar as pessoas quando fazem por merecer.

Desci e atravessei o mar de convidados como uma flecha, ignorando os gracejos e despachando, com polidez e maestria, uma ou outra pessoa que, ao me reconhecer, fazia questão de bloquear-me o caminho e parabenizar-me.

Quando cheguei ao salão V.I.P., ainda vi a Fraise partindo pelo corredor de saída. Mais do que depressa, passei nas mesas dos principais executivos,

despedi-me de cada um deles e, por fim, fui à mesa dos pais da Bellanne.

Certifiquei-me de que estavam divertindo-se e sendo bem servidos, e desculpei-me por minha falta. Sei que fui um tanto descuidado na minha discricção e envergonhei-me por isso, pois na fala de Ana Maria, estava clara a minha falha.

— Você ainda consegue alcançá-la, não precisa correr.

Sorri, encabulado, e agradei.

Cheguei ao estacionamento e a moto *Ducati* que havia alugado estava estacionada. Eu não queria precisar enfrentar trânsito para chegar até Bellanne. Coloquei o capacete e dei partida. Não queria deixá-la esperando.

Minutos depois eu entrava no estacionamento do hotel, tenso como uma corda de violino. Semanas e semanas esperando por esse momento. Lembrei-me de todas as nossas conversas ao telefone, de nossas transas pelo celular e, de repente, me pareceu surreal que, finalmente, estaríamos juntos.

O desejo gritava dentro de mim. Sentia uma necessidade quase doentia de esfregar a minha boca em cada parte do corpo de Bellanne Fraise, de tê-la presa em meus braços e enfiar-me nela até onde eu não mais pudesse seguir. Queria reter seus orgasmos em minha boca, vê-la gozar ao vivo para mim e por mim, e só de pensar nisso, fico duro e dolorido.

A porta do elevador abriu no sexto andar e eu parei no meio do *hall* de mármore. Sacudi meus braços, tentando relaxar e, só então, segui para a suíte. Abri a porta devagar e em silêncio, em meio à penumbra quebrada apenas pela luz da área externa, que invadia a sala.

Segui cômodo por cômodo, buscando-a, até constatar que a minha ansiedade tinha sido tanta, que terminei por adiantar-me. Ela ainda não havia chegado.

Cai no sofá, rindo do quanto estava me sentindo um garoto na expectativa da primeira transa. Esse não era eu.

Levantei e fui até o bar me servir de uísque. Tomei dois *shots* rápidos e deixei a bebida queimar por dentro, sentindo os músculos relaxarem quase que instantaneamente.

Havia um *Home Theater* com um pen drive plugado, e quando liguei o aparelho, apareceu uma seleção de músicas intitulada “*BellErik*”. Estranhei, mas assim que percebi se tratar da junção dos nossos nomes, lembrei-me que Lucien havia estado ali mais cedo. Balancei a cabeça, sorrindo e incrédulo. Apertei o *play* e uma música *sexy* e desconhecida começou a soar.

Depois de descartar o *blazer* sobre o encosto da cadeira, tirei os sapatos,

as meias e puxei a camisa para fora da calça, ficando mais à vontade.

Portas de vidro cobriam toda a parte da sala que dava para a área externa e a noite estava linda. Abri uma delas e saí.

A piscina exclusiva estendia-se pela área rodeada por uma balaustrada. Apoiei os braços sobre essa e respirei fundo. O ar frio invadiu meus pulmões, brigando com o fogo dentro de mim.

Lá embaixo, o trânsito era intenso e isso justificava ela ainda não ter chegado, mas mal conclui meus pensamentos, a vi sair do carro, na porta do hotel.

Bellanne estava ali. A garota que me deu uma visão inesquecível durante um congestionamento; a petulante que me peitou em nossa primeira reunião; a dona da borboleta azul e que, finalmente, me daria passagem para seguir o coelho; a senhora dos meus sonhos e pensamentos; a que me dava paz e me tirava o sossego ao mesmo tempo; a minha conquista *viking*.

A espera havia chegado ao fim.

Bellanne

Me aproximei devagar, replicando o sorriso que via nele.

— O que é que foi? Teletransporte ou o *Superman* quis se redimir?

Erik estendeu a mão, esperando que eu a tomasse. E eu o fiz.

Ele me puxou contra seu corpo e amoleci em seus braços, em sua boca. O calor tomou conta de mim, e quando me pressionou contra o marco da porta, senti o quanto Erik estava duro, o que me levou a um patamar de excitação astronômico!

Eu tremia inteira. Não o tipo de tremor que te sacode, mas uma espécie de espasmo à flor da pele, que você não sabe se vai conseguir controlar.

Preso entre o Viking e o marco, me esfreguei em sua coxa, já entre minhas pernas, estimulando meu sexo. Puta que pariu, estávamos nos pegando no *hall* da suíte presidencial!

Com uma sintonia sem igual, Erik puxou-me para dentro e bateu a porta com o pé, deixando a vergonha, o juízo e o bom senso lá fora.

Se eu dissesse que reparei em alguma coisa daquela suíte, fora *Alicia Keys* cantando “*Fallin*”, estaria mentindo. Andávamos grudados um no outro, eu morrendo de medo de pisar nos seus pés, mas alucinada por sentir-lhe a pele sob minhas mãos, e por isso, deslizei sob a camisa e o toquei. Gemi em sua boca ao tocar a pele quente como fogo, esfreguei-me nele sem

pudores, tendo a sua ereção dura contra meu ventre.

Eu precisava tocá-lo em todos os lugares. Queria cada pedaço daquele corpo, cada poro arrepiado e o pelo dourado sobre sua superfície. Queria seus dedos, sua boca e os olhos em mim, quando eu estivesse gozando para ele.

Meus sentidos foram burlados quando Erik virou-me de repente, colando em minhas costas e mordendo-me o ombro. Seu braço cruzava meu peito e ele segurou em minha garganta sem apertar, mas com vigor. A outra mão deslizava por entre minhas coxas e eu gemi alto, quando ele alcançou meu sexo.

Se a “danadinha” estava em fogo, virou lava nesse momento.

— Ahh, Fraise... — sussurrou dentro do meu ouvido — Que vontade de você!

Revirei os olhos de tesão e tornei a ficar de frente para ele, buscando ávida, botão por botão da sua camisa. Meus olhos encontraram os seus e foi um momento único. O ar tornou-se rarefeito e respirávamos pela boca, afoitos. Meus dedos seguiam trabalhavam nos botões, porém, eu estava perdida no azul dos seus olhos. Suas íris dançavam em meu rosto e eu queimei, sentindo todo o desejo dele por mim.

Avancei em sua boca, mordendo-lhe o lábio. Em resposta, Erik segurou a minha cabeça entre suas mãos e me beijou com força. Nossos dentes colidiram, sua língua invadiu e eu queria mais, cada vez mais.

Escorreguei sua camisa pelos ombros e tornei a gemer, deliciada com o relevo do seu corpo sob as minhas palmas, contornando os ombros largos e os braços fortes.

Com a fome de provar sua pele me consumindo, abandonei seus lábios e mordi o maxilar, sob a barba cheirosa e macia. Alcancei a orelha e arfei, quando ele suspendeu meu vestido e apertou minha bunda. Imediatamente, ergui o braço, dando-lhe acesso ao zíper, na lateral do vestido. Com o olhar travesso preso ao meu, Erik desceu o zíper, sem pressa.

Sacudi o cabelo de propósito, porque sabia que ele gostava, e numa resposta imediata, Erik sorriu, dando-me a deixa para que eu deslizasse o vestido pelo quadril até que este caiu.

O olhar que o Erik lançou, de cima a baixo do meu corpo, quase me despiu inteira, e soube que havia apreciado o corpete preto de desenhos prateados e calcinha boxer de renda porque, quando voltou a me encarar, trazia no rosto a personificação da luxúria.

— Ah, Fraise... Vou me divertir tanto nesse corpo.

Se eu disser que sou uma mulher completamente segura, estaria mentindo. Acontece que ser alvo de um olhar daquele e não se sentir a mais gostosa do mundo, era inconcebível. Em meio segundo e com uma olhada bem dada, Erik triplicou o meu tesão e despertou a mais descarada das mulheres em mim.

Voltei a beijá-lo com volúpia, chupando seu lábio e cedendo às mãos que exploravam meus cabelos e se apossavam da minha bunda, tocando, conhecendo, gravando... Matando a vontade que, sei, o consumiu. Até porque, a minha vontade crescia junto, e por isso, concentrei-me no botão da sua calça. A imagem do Erik se masturbando me fez salivar por um longo tempo e eu não estava disposta a protelar mais esse prazer.

Uma ova que sou mulher de passar vontade!

Assim que desabotoei sua calça e desci o zíper, ergui apenas o olhar para ele e o encarei com toda a safadeza que havia em meu ser. Iniciei uma descida lenta e torturante, com as costas eretas, baixando em meu eixo, saboreando todo o caminho desde o seu queixo, passando pela garganta e pomo de Adão, chupando-lhe o peito definido, mordendo a carne arrepiada, enfiando a língua em seu umbigo e chegando ao cóo.

Erik estava encostado no pequeno bar e ali mesmo apoiou-se. Ainda nos encarávamos, enquanto eu retirava sua calça e cueca. A ereção saltou à minha frente e eu arfei. De longe era o pau mais lindo que já vira na vida, absolutamente coerente com o tamanho e corpulência do meu Viking e eu salivei de verdade. Tomei-o em minha mão, quente, macio, e ele gemeu.

De baixo para cima, a visão era espetacular. Erik franzia as sobrancelhas, como se estivesse em agonia, mas era puro tesão. O acariciei, examinando aquela beleza em minhas mãos, sentindo seu calor e textura. E quando abri a boca para tomá-lo inteirinho para mim, ergui os olhos e encarei o azul matador em meio à penumbra.

Com uma mão, o Viking apoiava-se no bar, enquanto a outra mergulhava em meus cabelos, acariciando-os, estimulando-me, como se ele inteiro já não fosse estímulo suficiente.

Tomei-o em minha boca aos poucos, saboreando, deslizando somente a língua por sua extensão, morta de tesão com os gemidos do Viking. Abaixei o olhar e me concentrei em deixá-lo louco. Mantinha minhas costas eretas, agachada sobre os calcanhares para alcançar-lhe o pau, e assim, comecei a saboreá-lo.

Mergulhei em minha própria viagem, sentindo-o quente, pulsante em meu

palato, deslizar em minha língua. Os pelos curtos cheiravam a puro sexo e me perdi numa exploração lenta, mas vigorosa.

Esmerava-me no mais fabuloso boquete da minha vida, dando-lhe não só as sensações mais enlouquecedoras, como também uma visão que ele jamais iria esquecer. Tudo isso porque queria deixá-lo fora de si e estava conseguindo.

Erik gemia cada vez mais alto, empurrando-se sutilmente contra a minha boca e segurando meus cabelos com mais vigor. Então, ergui os olhos e o vi perdido com o olhar à frente e uma expressão transbordando de desejo. Já imaginando o que seria, tirei-o da minha boca e olhei para trás, por sobre os ombros. Sorri, vendo no meu reflexo na porta de vidro da varanda, o que estava deixando meu Viking hipnotizado: de costas, ele me via agachada, com as pernas levemente abertas, o quadril largo, a bunda redonda, saltando da calcinha e os cabelos descendo pelas costas. Uma visão que deixou até a mim com tesão e me senti poderosa.

— Viking, você é um safado. — disse, rindo.

— Moranguinho, você é uma gostosa.

Ri alto, mas retornei ao meu deleite, sentindo o pré-sêmen adstringir minha língua.

Com a visão do Erik me secando no reflexo da porta e sentindo-o pulsar firme em minha boca, meu tesão elevou e eu esqueci o mundo ao meu redor. Intensifiquei minhas carícias, agora pensando também no prazer que aquilo estava me dando, sentindo a minha calcinha molhar cada vez mais, entreguei-me às chupadas vigorosas, alternando ritmos, deslizando a língua com suavidade num momento e acelerando as carícias que lhe fazia com minha mão, estimulando-o.

Não demorou, Erik se retraiu e ergui meus olhos, questionando-o. Ele tentava fugir, sabia que estava perto de gozar e, cavalheiro como era, tentava me deter. Só que eu sou Bellanne Fraise e nada no mundo me faria sair dali sem sentir o sabor do Viking em minha boca. Sorri com a extremidade do seu pau entre meus lábios, enquanto o encarava, e o engoli de uma vez.

— Caralho, Fraise!

Erik arfou e grudou-se ainda mais à borda do bar, rindo, gemendo e, inutilmente, tentando fugir da minha boca, tudo ao mesmo tempo.

Quase não contive a vontade de rir, quando ele começou a proferir coisas em outro idioma, que julguei serem palavrões. Esmerei-me ainda mais em sucções suaves e fundas dentre outras mais rasas, porém violentas; e com as

unhas cravadas em seu quadril, querendo-o todinho para mim, eu o devorei, até que o Viking desaguou em mim e senti como se engolisse o próprio poder... completamente empoderada!

21º Capítulo



CAPÍTULO 21

Bellanne

O sabor agridoce, levemente salgado, desceu pela garganta e eu me surpreendi querendo mais. Suguei até o último resquício de gozo e só parei porque o Viking me deteve e me puxou pelos cabelos, forçando-me a levantar.

Minha boca foi devorada, mordida, num beijo selvagem e desesperado. Eu já não suportava tamanho tesão, e enquanto me beijava, Erik terminava de tirar sua calça, que seguia presa aos seus pés.

Então, me veio o óbvio.

— Viking... — Ou eu bem respirava, ou bem falava. — Tem camisinha?

Ele parou e me encarou, ainda com as mãos grudadas em meu quadril. Vi perpassar a rápida confusão em seus olhos. Mentalmente, xinguei todos os palavrões que conhecia.

Erik olhou para baixo, para a calça embolada no chão, ponderou e voltou a me olhar.

— Eu sei que é insano, mas... Mas não pensei...

Fechei meus olhos momentaneamente, dizendo a mim mesma que isso não estava acontecendo.

— Nem eu. — Então, algo em seu olhar me fez questionar se ele simplesmente havia esquecido, ou se não queria usar camisinha. Meu sorriso malicioso nasceu com a lembrança de que Erik “nunca deixava nada ao acaso”. — Você quer transar sem camisinha, é isso?

Ele franziu a testa e baixou o olhar, mas em seguida voltou a fitar mais diretamente.

— Eu nunca transei sem camisinha....

— Nem eu. — E era verdade. Nem mesmo com o Alex.

Erik me olhava sério, mas de forma doce. A verdade é que eu não queria uma porra de um látex entre nós. Não saberia dizer o porquê, mas com o Erik eu queria pele com pele.

— Fraise... — Deslizou a mão pelo meu rosto, afastando meus cabelos. — Se você quiser usar camisinha, iremos usar. Faço o hotel providenciar dezenas em dois minutos, mas fiz exames recentemente, posso te mostrar, e... eu queria muito...

— Também fiz exames! — Apressei-me em dizer. Seu sorriso de canto de boca me derreteu quase tanto quanto suas mãos apertando a minha bunda. — E também tomo pílula. Sou altamente confiável.

Ele riu e sugou meu lábio, mordendo-o ao final.

— Eu confio em você, Moranguinho.

Meu coração saltou e parou lá no alto.

Repetindo seu gesto, acariciei suas costas e deslizei as mãos até a bunda — e que bunda!

— Também confio em você, Viking.

E invadi sua boca com toda fome. Erik me puxou contra ele e esfregou-se em mim, roçando o pau contra meu abdômen. Meu lábio já estava dolorido, quando ele separou nossas bocas e segurou minha cabeça com as duas mãos, embolando os cabelos em seus dedos e colando a testa na minha.

— Porra, Fraise, você me deixa doido. — Ele arfava, lançando seu hálito bom contra meu rosto. — Onde você estava, mulher? — E roçou os lábios nos meus, ronronando contra a minha boca. — Onde esteve todos esses anos?

Caminhei de costas pela sala com o Erik me beijando delicadamente. Suas mãos desceram pelos meus braços e pararam no quadril. Contra o meu ventre, sentia seu desejo acender novamente, pronto para mais, impondo-se a mim, até esbarrarmos contra o encosto do sofá.

Erik segurou firme na minha bunda e me apoiou ali, sobre o encosto, meio sem jeito, desequilibrado, mas quem estava ligando? Esfregava sua ereção contra o meu sexo, fazendo-me molhar ainda mais a calcinha, deixando-me latejante sob o tecido fino.

— Ah, Fraise... — Arfou contra a minha boca aberta, quando tocou o tecido úmido, causando-me estremecimento. Ele sentia o quanto eu o queria. Comprovava o estado de tesão surreal em que me deixava.

— Fala “Fraise” novamente, fala... — eu gemia naquela tortura que me infligia.

— Fraise... — Erik arranhou seu melhor sotaque francês no mesmo instante em que mergulhou os dedos através da renda da calcinha e puxou com força, rasgando a peça.

Levei um susto, para em seguida ceder ao seu riso solto, pressionado contra meus lábios.

— Isso é uma *Victoria's Secret*, doido! — Reclamei, em meio à risada.

Ele mordeu meu maxilar e continuava a rir, quando sussurrou ao meu ouvido:

— Compro trezentas dessas para você, se me deixar rasgar ao menos cem.

Perdida nos dedos grossos e experientes que me tocavam e invadiam, segurei seu rosto entre as mãos e trouxe-o para o meu olhar. Erik, inebriado de tesão, encarava meus lábios, enquanto suas mãos espalmavam em minhas virilhas e me abriam.

Uma onda gelada me tomou, quando, segurando o pau, o Viking encostou só a extremidade, pressionando-a contra a minha entrada. Torturante, Erik deslizava a cabeça lisa por entre meus lábios, ao tempo em que, faminto, mordeu minha boca.

Foram só dois segundos entre posicionar-se e segurar no meu quadril, para meter-se em mim de uma vez. Eu urrei em sua boca e agarrei-me aos ombros fortes.

Com meu corpo inundando-se de dor e prazer, fechei os olhos que ardiam e minha cabeça pesou para trás. Erik deslizava com vigor dentro de mim e eu, ao invés de recuar, me empurrava contra ele, ansiosa para tê-lo inteiro, por ter aquela potência toda me empalando.

Putá merda, Fraise... — seus sussurros confundiam-se com os gemidos — Precisa ser gostosa assim?

Quase sorri, enquanto mordida seu maxilar, escorregando os dentes na

barba macia e rebolando, enlouquecida de tesão.

Erik agarrou os cabelos da minha nuca e escorregou para fora de mim e forçou-me a olhá-lo. Todo meu corpo piscava em fagulhas prestes a explodir, e estremeci, frente àquele olhar quase cruel, malvado...

Seus olhos estreitaram e dançaram entre minha boca e meus olhos.

— Precisava ser apertada e quente desse jeito, Bellanne Fraise?

Senti meu queixo tremer e não consegui conter. Ele estava brincando na minha entrada e eu queria tudo. Queria seu pau inteiro dentro de mim, queria sua língua em minha garganta, seus dedos marcados em minha pele.

Tentei falar, mas a voz veio frágil, rouca...quase um sussurro...

— Me come, Viking... come com essa fome, vai.

Erik quase sorriu, lascivo; e eu, desejosa, vi sua língua percorrer os lábios, umedecendo-os; vi suas íris enormes me encarando.

— Ah! Eu vou, Fraise... Vou comer cada pedacinho de você. — E começou a me invadir, lenta e continuamente, enquanto me encarava de muito perto. Eu gemia agudo, sentindo minhas extremidades gelarem, abrindo espaço para o incêndio no centro do meu ventre. Eu ia sendo empalada, aberta, enquanto Erik escorregava para dentro de mim e mordida o lábio, destruindo tudo em mim.

Erik me abraçou com força, mas ainda segurando meus cabelos, com o olhar dentro do meu, me puxando contra a sua penetração verdadeiramente profunda. Mergulhou na curva do meu ombro e eu agarrei-me a ele, buscando um porto-seguro para não me perder de mim mesma. O envolvi com minhas pernas e ergui os olhos, mirando o teto, sem saber se poderia suportar tamanho prazer.

Gradativamente, o Viking foi aumentando seu vigor, me fodendo com força, esfregando-se em mim a cada vez que ia fundo. Eu escutava meus gritos como se fossem de outro alguém, sentia que levitava em um segundo, para no seguinte ser tragada para o epicentro do meu sexo.

Todas as sensações me invadiam ao mesmo tempo... Suas mãos fortes me machucando a pele, as ondas de prazer que iam e vinham com suas estocadas, a barba arranhando meu pescoço, seu corpo grande colado ao meu, os músculos das costas ondulando sob minhas mãos e a mistura insana de seus gemidos roucos com palavras estranhas que eu só conseguia escutar, mas não as compreendia.

As ondas de êxtase foram aumentando e eu mordi seu ombro, fazendo-o contrair e meter-se mais rápido dentro de mim. Estrelas piscavam por trás das

minhas pálpebras e simplesmente nem tentei conter os espasmos e gemidos. Agarrei-me ainda mais a ele, e Erik me surpreendeu com um sonoro tapa em minha bunda — atolei-me inteira no orgasmo.

— Erik! — gritei seu nome, sem nem me dar conta, quando ele puxou meu cabelo, expondo minha garganta para as suas mordidas.

Eu ainda gozava, porra, e já sentia um segundo gozo se aproximar.

— Goza pra mim, Fraise, goza... — Erik sussurrava entre os dentes, dentro da respiração, enquanto continuava a meter em mim sem a menor dó. — Morro quando te vejo gozar.

Ele debruçou sobre mim e nem sei como não viramos sobre o sofá. Erik me fitava de tão perto, que eu aspirava o ar que ele soltava, e vice-versa. E quando ele começou a rebolar com o pau todo enterrado em mim, esfregando meu clitóris contra seus pelos macios, não suportei. O gozo veio agudo, como uma freada, um deslizar de giz em um quadro negro. Veio cruel e bem do meio das minhas entranhas. Eu me encolhi contra ele e franzi o cenho, gemendo, choramingando.

— Que linda, minha Fraise... — Erik sussurrava contra a minha boca, sugando meu prazer, meus gemidos agudos e me comendo com força. — Eu precisava tanto ver isso.

Minhas entranhas se contorciam e me vi quase em agonia. Erik seguia seu ritmo cruel e, embora meu corpo, quase inerte, não obedecesse, eu queria mais. Então, ele colocou sua boca na minha e seu gemido veio lá do fundo, junto com seu abraço ainda mais apertado e fazendo seu pau tocar bem no fundo. Com as pernas trêmulas, travei os tornozelos em suas costas rebolei, extraindo tudo o que ele bombeava para dentro de mim. Nos apertávamos, como se pudéssemos nos fundir ainda mais.

Meu Viking me envolveu toda em seus braços, puxando para baixo, todo dentro de mim, e assim ficou, paralisado. Eu sentindo seu pau pulsar e seu coração bater contra o meu.

Segundos depois, ainda nos equilibrávamos no encosto do sofá, colados um ao outro, escutando nossas respirações acalmarem aos poucos. Foi Erik quem se mexeu primeiro, acariciando meus cabelos, deslizando as mãos para cima e para baixo em minhas costas, sobre o corpete. E quando se afastou apenas o suficiente para me encarar, me dissolvi inteira.

Era lindo demais! A expressão pós-foda do Erik era o suficiente para me fazer querer mais, imediatamente. Os lábios estavam vermelhos, inchados, e os olhos ainda mais azuis.

O Viking deslizou novamente a mão pelas minhas costas e acariciou meus cabelos; logo o polegar acariciava meu rosto e seus olhos acompanharam essa carícia, então, beijou meus lábios, e beijou novamente, e novamente, até que comecei a rir e sua língua me invadiu, macia, chupando meu lábio ao final, para voltar a me encarar.

Eu amava como seu olhar percorria cada ponto do meu rosto, quase com adoração.

— Linda... — sussurrou, sério, com o polegar arrastando meu lábio, amassando-o. — Você me enlouquece, Bellanne Fraise.

Só pude sorrir, quando, na verdade, eu queria que o mundo virasse um grande hospício e nunca mais precisássemos ter juízo.

Erik

Fraise...

Ela conseguia ficar ainda mais linda com aquele cabelo desalinhado, a boca inchada e os olhos repletos de prazer. Não havia nada... nada no mundo que pudesse ser comparado à sensação cruelmente prazerosa de sentir suas paredes contraírem e apertarem meu pau. Ela simplesmente ondulava e eu perdia a razão.

Eu estava irremediavelmente perdido. No momento em que a Fraise me abraçou com pernas e braços... Naquele exato momento, eu soube que estava perdido. Seu cheiro de cio me invadiu. Eu estava dentro dela, todo metido nela, e mesmo assim, só conseguia querer mais. Seus gemidos ainda soavam em meus ouvidos e eu já estava ansioso por começar tudo novamente.

Passando os braços sob os dela, segurei seus cabelos por trás, retirando-os do rosto. Eu era louco por seus cabelos; alucinado pelo rosto perfeito e por seu corpo tão feminino. Uma mulher em todos os sentidos, e ainda havia tanto o que explorar.

Só de pensar no que ainda faria com ela, já sentia o pau reagir. Melhor esperar, ou morreríamos na sala daquela suíte.

— Está com fome? — murmurei, tentando afastar a excitação, enquanto mexia em seu cabelo.

Ela umedeceu os lábios antes de responder.

— Não.

— O que quer fazer? — E beijei a ponta do seu nariz atrevido. Ela sorriu, de olhos fechados.

— Um banho?

Ergui uma sobancelha, animado com sua sugestão. Então, agarrei sua bunda com as duas mãos, adorando enchê-las com sua carne, e a carreguei. Fraise cruzou as pernas em minhas costas e me apertou em seus braços, enfiando o rosto na curva do meu pescoço.

Sem conseguir resistir, deslizei as pontas dos dedos por sua boceta ainda úmida e meu maxilar travou com a vontade de provar aquele mel. Ela gemeu em resposta, e esfregou-se em mim.

— Como você é rápido, Viking. — Sua voz preguiçosa enchia-me de tesão.

— Não é difícil com você, Fraise.

Ela ergueu a cabeça e me encarou no mesmo instante em que chegávamos ao banheiro. Acendi a luz e ela escorregou pelo meu corpo, topando com meu pau começando semiereto.

Apesar de alta, Fraise era mais baixa do que eu uns vinte centímetros, o que deixava a minha boca na altura da sua testa. Segurei-a pelos ombros e virei-a de costas para mim, para finalmente retirar seu corpete. Não resisti e acariciei a bunda redondinha, larga e perfeita. Numa resposta imediata, Fraise inclinou-se sobre a pia e ali apoiou os cotovelos, para então jogar os cabelos para o lado. Olhando-me por sobre o ombro, exibindo um sorriso lascivo e um olhar tentador, encostou a bunda em meu pau e piscou para mim.

— Abre os colchetes, Viking?

Feliz demais por ela ser essa safada que me provoca o tempo inteiro, coleí meu quadril ao dela, esfregando o pau em sua boceta, mas comecei a desabotoar os tais colchetes.

— Agora, vamos tomar um banho, mocinha, mas depois você vai me pagar.

Ela riu.

Depois de aberto o corpete, Bellanne voltou a erguer o corpo e, pelo espelho do banheiro, me encarou. Tinha uma sobancelha alteada e um leve sorriso nos lábios, quando retirou o corpete bem devagar. Na hora nem percebi a sua malícia, de tão absorto que eu estava nos seios que surgiam à minha frente. Eram tão lindos! Empinados, voluptuosos, com mamilos castanhos, eriçados, chamando por mim. Engoli seco.

— Fecha a boca, Viking.

Nossos olhos voltaram a se encontrar no espelho e corei.

— Preciso me acostumar com suas armadilhas, Bellanne Fraise. Vai

pensando que será sempre assim. — Ameacei, ao tempo em que a abraçava por trás e tomava seus seios em minhas mãos. Ainda nos encarávamos pelo espelho e vi seu prazer, quando apertei os mamilos bem de leve. Mordi meu lábio, contentando-me porque não tinha um deles em minha boca.

Fraise pendeu a cabeça para trás, deitando-a em meu peito, e gemeu, fechando os olhos momentaneamente. Busquei sua boca e ela ergueu a cabeça para me encontrar. Meu pau já estava alerta contra a bunda da Fraise e eu desci uma mão por sua barriga macia, sinuosa. Pressionei minha mão em seu ventre, apertando-a contra meu pau, ao mesmo tempo em que me empurrava contra ela.

Com a mão direita, alcancei sua coxa e, segurando-a por baixo, a abri e ergui, para que a Fraise apoiasse um pé na cesta de lixo ao lado, então, refiz o caminho por sua coxa, apertando-lhe a carne firme, macia, até chegar à boceta.

Eu a admirava pelo espelho: olhos semicerrados, lábios entreabertos, respiração acelerada... Circulei meus dedos pelo seu clitóris e depois os trouxe para a minha boca, chupando-os e umedecendo-os, sem tirar os olhos dos dela nem por um segundo.

Meu corpo inteiro estremeceu de excitação.

Eu queria provocá-la, instigá-la. Sentia-me endiabrado, tentando a incendiá-la e foi exatamente essa expressão que encontrei em mim mesmo no espelho: uma crueldade lasciva.

Ela moveu o quadril, sem conseguir controlar-se, quando voltei a esfregar seu clitóris mais delicadamente. Na medida em que eu acelerava as carícias, via Fraise arfar mais e mais. Ergueu os braços para trás, apoiando-se em um dos meus ombros e acariciando minha nuca. Arrepiei e fui mais duro contra ela. Enfiei dois dedos em sua boceta e gemi de tesão com o calor e a cremosidade que havia ali. Era exatamente onde eu queria me afogar.

Deus do céu, como pode ser tão gostosa?!

— Sua boceta é uma loucura, Moranguinho. — sussurrei dentro do seu ouvido, antes de morder o lóbulo da orelha. — Vamos deixar o banho para depois?

Ela gemia e se contorcia contra meu pau em sua bunda e meus dedos em sua boceta, tão molhada que o som da cremosidade me fez salivar.

Meu controle foi para o cacete e eu gentilmente empurrei-a sobre o mármore da bancada, e mantive a minha mão ali, espalmada em suas costas, enquanto com a outra mão guiava meu pau para a sua entrada.

A safada gemia e se empinava para mim, deixando-me ainda mais louco. Mas eu também sabia ser cruel e apenas pincelei em sua entrada, subindo e descendo a cabeça do meu pau, escorregando em nossos fluidos, enquanto quase tirava sangue do meu próprio lábio, de tanto mordê-lo ao tentar conter minha vontade de meter tudo de uma vez.

— Sério que vai fazer isso comigo, Viking?! — Perguntou entre um gemido e outro, me olhando por sobre o ombro. — Vai querer medir força?

Não seria nada mal. Eu gostava de provocar a Fraise, adoraria vê-la suplicar, mas ela, novamente, me colocou no bolso. Pincelei mais uma vez e parei na entrada, rindo do seu desespero. Foi então que ela simplesmente se empurrou para trás, me engolindo de uma vez e seu grito ecoou na acústica do banheiro.

— Caralho! — Arfei e gemi ao mesmo tempo que ela. — Louca!

Fraise riu entre gemidos roucos, movendo-se sem parar, deixando-me à ponto de explodir em gozo.

— Para, Fraise... — Sorri, agarrado ao seu quadril, tentando mantê-la quieta e retardar meu orgasmo, mas ele já se formava como um ciclone no meu pau.

Bellanne gemeu alto, me tirando o juízo, e rebolou ainda mais, quando soletrou, coordenadamente com as estocadas contra o meu pau.

— Não-me-de-sa-fie, Viking!

E explodi no gozo pouco antes dela. A filha da mãe da Fraise estava me fodendo.

22º Capítulo



CAPÍTULO 22

Bellanne

O banho foi quente e suave. E mesmo agora, quando estava sozinha no banheiro, ainda sentia as mãos do Erik passeando carinhosamente por todo o meu corpo.

Enxuguei meu cabelo, encarando a mulher imensamente feliz no reflexo do espelho. Eu sempre me julguei feliz, sempre consegui ver as coisas por um ângulo mais suave e positivo, mas a mulher que me encarava, de cabelos úmidos e um sorriso insistente, parecia alguém bobo, do tipo de ri das piadas do Caio. Eu não era assim. Não tão boba. Não na maioria das vezes.

E foi em meio a essa resistente constatação que lembrei do recado do Lucien: *"... quando chegar ao seu destino, olhe dentro do armário do banheiro"*.

Abri a porta do armário e lá havia uma ducha vaginal e um lubrificante com anestésico.

Que ordinário!

A moça do espelho sorria ainda mais. Se ele estava pensando que eu iria

cair no anal com Erik, estava muito enganado. Não hoje.

Quem sabe amanhã?

Erik chegou à porta e me flagrou rindo e segurando o lubrificante. Fiz uma inspeção rápida, porém minuciosa, no homem escultural à minha frente, que usava apenas uma cueca boxer preta.

Ele contraiu o cenho, estranhando o objeto em minha mão. Eu mesma voltei a olhar o lubrificante.

— Presente do Lucien. — E ergui uma sobrancelha, denotando que o presente parecia algo óbvio, ao menos para o Lucien.

Entreguei-lhe a embalagem e, depois de ler o rótulo, suavizou a expressão e até ganhou um ar jocoso.

— Pretende usar?

Estreitei os olhos. O Viking estava me saindo um grande sonso!

— Quem sabe?

— Estou aqui para servi-la, senhorita Fraise — disse, ao erguer as mãos, como se estivesse na defensiva.

Sustentei meu olhar avaliador de "homens lindos com carinhas de santos, mas que são verdadeiros demônios" e guardei o lubrificante no armário.

Erik apoiou-se em ambos os lados do marco da porta e inclinou-se para frente, facilmente alcançando meus lábios. Sugou-os com doçura e retornou à posição anterior.

— Lucien também lhe deixou outros mimos no guarda-roupa. — E sorriu, tal qual criança travessa. — Vou pedir comida. O que quer?

— Algo leve. E vinho branco, gelado.

Piscou um dos olhos para mim e saiu cheio de charme, direcionando somente para mim, um arsenal de sedução que daria para dizimar meia dúzia de mulheres.

O Viking era um abusado!

Erik

Já era tarde, mas o próprio gerente do hotel me disse que teríamos uma camareira exclusiva e serviços 24 horas. Sendo assim, disquei o número indicado no fone. Enquanto aguardava o atendimento, fui até a sala, fechei a porta da área externa e voltei ao quarto.

— Boa noite, Senhor Lars. Em que podemos ajudá-lo?

— Boa noite, eu gostaria de saber as opções de refeição para esta hora.

— *O que deseja, Senhor? Carne, massa ou frutos do mar?*

Pedi-lhe um minuto e fui até a Fraise.

Ela secava os cabelos com um secador e a cena pareceu-me algo que me faria bem presenciar diariamente.

— Fraise, carne massa ou frutos do mar?

— Uma massa leve. E não esqueça o vinho!

Sorri, encantado como ela conseguia ficar ainda mais linda assim, de cara lavada e cabelos úmidos, longe do ar de diva que pairava sobre ela.

— O que vocês têm de massa leve? — Perguntei à funcionária, enquanto retornava à sala.

Bellanne

Desisti de tentar secar os cabelos totalmente e saí do banheiro vestida com o roupão do hotel. Pela manhã sairia usando roupa de festa ou precisaria pedir ao Lucien que me trouxesse algo para usar.

Do quarto, escutava o Erik "trocando ideias" com alguém do hotel. — Foi o que supus.

Vi que havia retirado os lençóis que cobriam a cama e a realidade de que eu dormiria coladinha ao Viking chegou, agitando as borboletas em meu estômago. Ele também havia acendido as luzes indiretas da suíte, deixando um clima suave e aconchegante.

Curiosa, fui até o guarda-roupa e me surpreendi com a capacidade do Lucien para derrubar o meu queixo. Lá havia um jeans lindo, dois vestidos longos, e outras peças, dentre elas, camisolas e *lingeries*. Notei também a *nécessaire* ao canto, nela havia escova de dentes, perfume e tudo mais que eu pudesse precisar para o final de semana, inclusive camisinhas. Revirei os olhos para as providências do meu amigo e troquei o roupão pela camisola de seda preta com rendas — e mais nada.

Caminhei para a sala, mas me detive na porta do quarto, admirando aquela beleza. Ele estava de costas, com a cabeça baixa, encostado na porta da varanda, falando ao telefone. As costas largas, definidas... Uma bunda irretocável sob a boxer preta e pernas grossas, torneadas.

Dei-me ao luxo de ficar ali por algum tempo, deleitando-me, admirando a tatuagem no braço, que ele não havia me dito que tinha. Era uma fênix, que lhe pegava quase todo o espaço entre o ombro e o cotovelo, muito bonita e cheia de significados para quem conhecia a história do Erik e seus pais.

Sem me notar, ele voltou para o centro da sala e sentou na poltrona de *design* moderno, de frente para a varanda. Debruçado sobre as coxas, balançava as pernas, parecendo ansioso com a provável descrição minuciosa que lhe faziam do cardápio.

Caminhei até ele e, por trás, comecei a acariciar seus cabelos, mergulhando os dedos delicadamente. Erik ergueu o corpo e recostou-se na cadeira e em mim, fechando os olhos e parecendo gostar do que eu estava fazendo.

— Não, não... Não pode colocar nada de noz moscada. Sou alérgico.

Sorri, achando confuso e curioso parecer conhecê-lo tão bem, e ao mesmo tempo descobrir coisas novas sobre ele.

Inclinei-me um pouco e deslizei as mãos por seus braços, beijando-lhe a curva do pescoço. Sorri, ao vê-lo contrair e sua pele arrepiar.

— E quais os vinhos tintos... Não, brancos. Quais os... — Erik se contorcia ante meus beijos em seu pescoço, confundindo-se em seu pedido. — ... brancos que têm?

Adorando os efeitos que lhe causava, passei para a sua frente e, sem a menor cerimônia, ergui a camisola e montei de frente sobre seu colo. E enquanto ele seguia ao telefone, apenas acariciei seus cabelos, observando os olhos azuis me fitarem surpresos.

— Amigo, faz assim... Traz o melhor que tiver, está bem? — A impaciência evidente em seu tom. — Tudo bem, tudo bem.

Desligou e lançou o fone sobre o sofá ao mesmo instante em que segurava a minha nuca e me puxava para um beijo quente, de lábios macios e línguas ousadas. Entreguei-me àquele beijo quase com servidão. Suas mãos me agarraram sob a camisola, ora acariciando, ora apertando. Todos os meus sentidos estavam alertas para recebê-lo em sua plenitude.

Meus poros arrepiavam-se por ele, meu paladar refinava-se com o sabor do Viking; minhas mãos gravavam-lhe as formas, o calor, as texturas. Não era a primeira vez que sentia-me desejada, mas era a primeira vez que não me sentia entediada nesta situação.

Erik

Sempre que a Fraise se aproximava, me roubava a atenção. E assim o foi, quando suas mãos mergulharam em meus cabelos. O pedido que havia elaborado na mente, e tentava explicar ao funcionário, simplesmente

evaporou e eu já nem lembrava as opções de vinho que havia me dado.

Bellanne era feminina em absolutamente tudo o que fazia e isso lhe era inerente e encantador.

Seus dedos mexiam-se sensuais por minha cabeça, fazendo-me arrepiar e querer dissolver até o chão. Seus beijos faziam-me lembrar o quanto sua boca era quente e gostosa de beijar. Eu já estava aceso quando ela me abraçou por trás, beijando meu pescoço e me fazendo prever tudo o que ainda faríamos juntos naquele final de semana. Mas quando veio pela frente, ergueu a camisola tão macia quanto a própria Fraise, e montou em mim, incendiei.

Deslizei as mãos por sua pele e aquela fome, já tão minha conhecida, voltou a me assolar. Enquanto nos beijávamos, elevando cada vez mais a temperatura, atijando meus instintos, nossos corpos se acoplavam com exímia perfeição.

— Gosto de como me toca, Viking. — sussurrou ao meu ouvido, me fazendo levitar. — Gosto de como me beija.

Com resistência, tirei os lábios do seu ombro e fitei-a.

Os olhos de Bellanne me desconcertavam. Seu olhar era profundo, do tipo que desnuda, atravessa. Um olhar que seduzia até quando não queria.

— E como eu te beijo? Como te toco?

Ela desceu o olhar para meus lábios e algo se mexeu bem dentro de mim.

— Com desejo. Com fome. — E encolheu o nariz, dando intensidade à "fome".

Sorri e beijei seu sorriso, ao tempo em que apertava seu quadril, simplesmente porque não conseguia evitar.

— A droga é que essa fome não passa — murmurei.

— É porque não comeu o suficiente. — E o sorriso safado nasceu em seus lábios, deixando-me louco.

— Fraise... Jamais terá sido suficiente.

Ela não respondeu, mas me prendeu como mosca no mel dos seus olhos. Meu coração disparou no peito, me assustando. O olhar de Bellanne Fraise tanto intimida quanto convida. Desafia a ir além e promete recompensas. Eu estava em meio a estava descoberta, quando a sineta da porta soou, trazendo nosso jantar e arrancando-me daquele paraíso particular.

Sentamos à mesa de quatro lugares, em frente à janela, com uma vista fabulosa da praia iluminada pelo luar. Bellanne sentou com as pernas em posição de lótus, puxando a camisola para cima e embolando-a em seu colo, tirando-me o prazer da bela visão que teria, mas agraciando-me com a

exposição das coxas douradas pelo sol.

Estávamos lado a lado, saboreando um *gnhocchi* ao molho *funghi* e um excelente vinho branco, gelado, como ela pediu. O clima estava muito parecido com o do nosso último jantar, com apenas algumas diferenças... A minha mão estava em sua coxa e, vez ou outra, Fraise aproximava-se de mim e beijava meu ombro ou minha boca. Para mim, estava perfeito.

— Eu não penso assim... — Deitou os talheres sobre o prato e apoiou o queixo na mão, fitando-me com olhos sonolentos. — Talvez o Mateo precise justamente dessa responsabilidade para amadurecer. Dê uma chance para ele, Erik.

— Talvez... Eu disse talvez, você tenha razão. — Eu confiava no Mateo, mas estávamos há um tempo longe um do outro. Eu precisaria ir devagar.

— Você pretende voltar para a Dinamarca em breve?

A simples menção de voltar à *Copenhague* me causou náusea.

— Não. E nem o Mateo. — Ergui apenas os olhos para ela. — Não preciso passar novamente pela agonia que passei, longe de você.

Eu juro que vi Bellanne Fraise corar!

Puxei sua cadeira, encaixando Fraise entre as minhas pernas. O desejo, mais uma vez, crescendo dentro de mim. Eu simplesmente não conseguia faltar-me dela.

— Não é muito melhor assim, ao vivo? — Empurrei meu prato vazio e ocupei-me dela.

Bellanne se aninhou em mim feito uma gata.

— Muito melhor... Infinitamente melhor.

Comecei a beijar-lhe o rosto e fui traçando um caminho de beijos até o seu pescoço e retornei para a sua boca. Sentia como se meu sangue corresse mais rápido, acordando minha libido. Ansiava pelo toque de Bellanne, viciando-me rápido demais no seu cheiro de mulher, no calor do seu corpo.

— Quando estava em *Copenhague*, ficava imaginando você assim, toda manhosa... — sussurrava ao seu ouvido, vendo sua pele dourada arrepiar. — Nem ao menos te deixei o coleguinha que ganhou nota 7... Me conta, o que você andou fazendo, Moranguinho, para aliviar a tensão?

Eu queria deixá-la ainda mais quente, queria que falasse como se tocava quando pensava em mim, mas ela ergueu o rosto e me encarou. Estava séria e meu alerta soou.

— Tudo bem?

Bellanne

Eu estava mole, entorpecida com as carícias do Erik em minhas costas, com sua boca me queimando a pele e a voz tão máscula e ao mesmo tempo sensual, me fazendo levitar. Achei graça dele ainda lembrar-se do vibrador, mas com esta lembrança divertida, veio outra não tão agradável: Alex.

Eu poderia esperar, poderia deixar terminar o final de semana, mas tanto ele quanto eu lembraríamos que eu tive essa oportunidade e deixei passar. Ergui o rosto e fitei aquele homem tão lindo que chegava a revirar minhas entranhas. Enchi-me de coragem e tentei não ruir tudo de vez.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Erik franziu a testa por dois segundos e depois, parecendo perceber que estava demonstrando apreensão, desfez o vinco e apenas esperou, ainda mantendo-me em seus braços.

— Eu senti muito a sua falta. Queria você como ainda não havia desejado ninguém na vida... — Erik apenas manteve-se quieto, reforçando o seu adorável hábito de deslizar o olhar por cada parte do meu rosto. — E eu estava muito feliz com a minha exposição. — Meu peito se aqueceu, ao lembrar-me das flores e do cartão do meu Viking. — Bebi um pouco e...

Abaixei os olhos. Não sentia vergonha de ter dormido com meu ex; nem estava me sentindo culpada por nada. Sou bem resolvida e solteira, portanto, livre.

Voltei a erguer o olhar e trombei no azul luminoso do Erik. Por trás daquele azul estava um homem que havia preparado tudo para que hoje fosse um dia especial, e eu estava prestes a destruir esse encanto. Só que, se não fosse agora, mais tarde tudo poderia ser pior. Olhei para as minhas mãos, abrigadas entre meu corpo e o peito do Erik. Quis tocá-lo, mas me contive.

— Eu bebi um pouco além e... Eu... — Tornei a me encher de coragem e o fitei, resoluta. — Eu dormi com o Alex.

As alterações foram evidentes e eu prestei atenção em cada uma delas: a furtiva erguida de uma das sobrancelhas, o maxilar travando, ele erguendo a coluna, afastando-se de mim.

Senti ímpetos de segurá-lo, de não deixá-lo sair dali, mas então, Erik apenas virou o olhar para a janela e eu fiquei ali, imóvel, olhando o seu perfil tenso. Vi seu pomo de Adão subir e descer, duro, e entre nós pairou um silêncio constrangedor, enchendo minha mente de suposições.

Meu coração martelava no peito. Não sabia o que passava na cabeça

daquele homem. Morta de medo de ter colocado tudo a perder, mas ao mesmo tempo resistente na minha dignidade, comecei a desesperar.

— Não tenho vergonha de assumir o que fiz. Sou solteira, livre... Só que... — A garganta ardia. Eu não iria deixá-lo sair dali. Não queria que se afastasse nem meio centímetro de mim.

Surpreendentemente, ele não fez menção de se levantar, mas ainda assim, a aflição me atingiu. Por que estava estático, com o olhar fixo na paisagem noturna lá fora? Por que não me questionava?!

— Não gosto de mentiras, Erik. E eu sei de tudo que estou arriscando agora. Estou sim, profundamente arrependida, mas não de ter dormido com alguém quando tive vontade... Mas porque eu queria não ter essa lembrança...

— Ei... — Erik finalmente saiu da letargia, interrompendo-me. O vi fechar os olhos enquanto apertava o alto do nariz, no ponto entre as sobrancelhas. Então, voltou a me olhar furtivamente. Seus olhos estavam inquietos, sem fixarem-se nos meus.

Sua mão pousou na minha nuca e puxou-me gentilmente contra o seu peito. Seu cheiro era bom e eu sequer mexi, quando ele apoiou o queixo sobre a minha cabeça e respirou fundo, uma... duas vezes.

— Por favor, me dá só cinco minutos, amor. — Pediu, e eu fiquei ali, suspensa na tensão, sem saber o que seria de nós.

Aqueles foram os cinco minutos mais longos da minha vida. Havia apenas sua respiração profunda, meu coração disparado e um medo filho da puta de que ele dissesse "não dá".

Precisei me conter para não abraçá-lo, não pedir que simplesmente esquecesse tudo, porque eu sabia que não tinha esse direito.

E, finalmente, após aqueles minutos torturantes, senti seus lábios pressionando meu cabelo. Então, ele soltou a minha nuca e eu ergui a cabeça, para encarar seus olhos, mas ainda assim, não consegui captar o que havia neles. Dor? Raiva? Compreensão ou apenas resignação?

O vi prender o lábio inferior entre os dentes e lamentei que agora o nosso único contato fossem nossas pernas se tocando.

Sem nada dizer, Erik novamente desviou do meu olhar e pegou a garrafa de vinho sobre a mesa, encheu seu cálice e virou-o de uma vez na boca. Eu acompanhei cada movimento seu, até que o azul voltou a se conectar comigo, dando aquele tranco.

— Vocês ainda têm alguma coisa, Bellanne?

Bellanne... Eu amo meu nome, mas não dito daquela forma, não dito por

ele. A suavidade da sua voz contrastando com a dureza das suas palavras.

Erik

— Eu dormi com o Alex. — Lançou sobre mim.

Mais do que as palavras da Fraise, foi seu olhar que me avisou de que uma grande merda havia ali. Mas mesmo assim, nem todos os avisos conseguiram me preparar para o susto que foi escutá-la dizer que, apesar de tudo o que vínhamos construindo, ela havia dormido com o ex. Eu não esperava e perdi completamente a capacidade de raciocínio.

Tudo o que eu conseguia captar, na confusão que se formou em minha cabeça, foi: "Ela dormiu com outro" e "Mantenha a calma". Forcei minha mente a ser lógica e, praticamente, "resetei meu sistema". Eu precisava de um tempo.

Precisava digerir e ponderar. Não queria perdê-la por conta de um arroubo, mas eu precisava ao menos de cinco minutos para organizar a cabeça e não me trair.

Puxei Fraise para mim, simplesmente porque não queria que fugisse, enquanto eu arrumava a bagunça na minha cabeça. Fechei os olhos e tentei ponderar.

Sim, eu estava muito, muito puto! Saber que menos de 24 horas antes ela estava com outro, mais do que mexeu com meu orgulho, me magoou. A imagem de outro tocando, beijando seu corpo... doeu. Não me lembro de já ter tido sensação semelhante e incomodou pra caralho. Acontece que hipocrisia não está dentre os meus muitos defeitos. Minha consciência também não me deixava esquecer que eu só não fiz sexo com a Hedda porque o Mateo nos interrompeu.

Beijei sua cabeça porque sabia que estava tensa e precisava de respostas. Olhei para ela e um monte de conexões se montou bem na minha frente.

Ela estava ali, se expondo, assumindo e arriscando tudo para ser honesta comigo. Eu também poderia me expor, também poderia dizer-lhe que quase trepei com a minha prima, mas para quê? Já não era suficiente que eu precisasse digerir isso? Precisaria mesmo fazê-la também passar pela experiência agonizante que eu mesmo estava vivendo agora? Que diferença faria contar-lhe isso, se eu também queria apagar a lembrança?

Respirei fundo e tomei um gole generoso de vinho. O álcool desceu queimando.

— Vocês ainda têm alguma coisa, Bellanne? — Precisava me certificar, contudo, as palavras me traíam, demonstrando mais dor do que seria sensato mostrar.

— Não. Tivemos uma conversa e não temos mais absolutamente nada. Há algum tempo já não tínhamos nada. Mas... Erik, eu estava tão cheia de desejo, desejos que eram por você. — *Eu apenas a fitava, buscando captar os sentimentos por trás da fala. Fraise seguia quase sem respirar.* — Eu estava suscetível e, além do mais, não temos um compromisso determinado, embora eu não precise desse tipo de coisa. — *Mas eu preciso, Fraise. E no fundo, você também,* constatei. — Eu precisava te contar porque merece saber e porque tenho esperança de conseguir esquecer tudo.

Ela respirou fundo, parecendo exausta e ansiosa por uma palavra minha. E, no fim, éramos apenas duas pessoas tentando acertar... Duas querendo esquecer. Então, tudo ficou claro para mim. O que de fato importava, era o aqui e o agora.

E assim, levantei da cadeira e me senti um puto ao ver a aflição tão evidente nos olhos da minha Fraise. Estendi a mão e recebi a sua. Gentilmente, beijei seus dedos e convidei:

— Vem, meu amor... Vou te fazer esquecer.

Fiquei feliz em ver aquele rosto lindo iluminava-se novamente e, assim, tomei sua mão e levei-a para o quarto.

23º Capítulo



CAPÍTULO 23

Erik

Paramos ao lado da cama, em meio à penumbra. Os olhos de Bellanne brilhavam, provocando em mim um queimor que, de alguma forma, iam parar bem lá embaixo.

Cheguei mais perto e mexi em seus cabelos. Ainda estavam úmidos. A mulher estonteante, que me deixa tonto, agora era uma menina meiga, e essa capacidade de ser muitas em uma, me deixava de quatro.

— Bellanne Fraise, eu sou um *viking* muito malvado. — Acentuei o “malvado”, estreitando os olhos e vi o divertimento passar também em seu olhar. Meu tom ameaçador sem a menor credibilidade. — Sou meio esquisito, às vezes; sou alérgico à noz moscada, louco por borboletas azuis, beijo na nuca e gosto de andar seguindo coelhos por aí. Ainda assim, acha que vale a pena ser minha namorada? A única coisa que posso prometer é que te farei esquecer as coisas ruins.

Ela sorriu, linda, meiga e sexy pra cacete.

— Viking dos infernos... Sou um morango meio azedo, às vezes. Tenho

um gênio do cão e escorrego feito sabonete. — E fez uma careta engraçada de desdém. — É... Acho que será legal ser sua namorada. E se vale de algo... Eu mal consigo lembrar o que me aconteceu antes de entrar nesta suíte.

Meu coração estava acelerado e o desejo crescia vertiginosamente. Colei-me ao seu corpo e ele estava "pegando fogo", contagiando o meu.

Mergulhei as mãos em seus cabelos e segurei-os com firmeza, sentindo a pressão que a sua barriga fazia contra a minha ereção.

— Sou ótimo em segurar sabonetes, miss Fraise.

Mais do que um beijo, comemos a boca um do outro. Nossas línguas dançavam, esfregando-se, enrolando-se... Seu gosto em mim, o corpo macio me atraindo... Meu pau parecia ter vontade própria e se projetava contra ela, desesperado por estar dentro, por perder-se na delícia que é estar preso à bendita boceta de Bellanne Fraise.

Soltei seus cabelos e desci minhas mãos, delineando suas formas, que me deixavam tonto de tesão. Seu corpo tremulava e irradiava para o meu, como se fôssemos a continuação um do outro, como se cada toque que fazia em sua pele arrepiasse a minha também.

Puxei a camisola, enredando-a em minhas mãos, até que estivesse toda suspensa, acumulada em sua cintura. Bellanne sugava minha língua, simulando o que faria com meu pau em alguns instantes, me excitando mais e mais, quando eu queria ir com calma. Queria fazer amor com ela, a despeito de tudo naquela mulher impelir-me à urgência.

Afastei-me um pouco, tencionando esfriar-me um pouco, mas a safada ergueu os braços para que eu terminasse de despi-la. Simplesmente me vi erguendo-lhe a roupa, obediente aos seus caprichos, e quando passei a camisola pela sua cabeça, ela sacodiu os cabelos, me olhando toda sem vergonha, doida pra me dar.

Como eu poderia negar?

— Porra, Fraise, não me olha assim... — Tenho consciência de que gemi a frase.

— O que foi, Viking? É demais para você?

A filha da mãe estava nua em pelo, nas pontas dos pés e com aquela boca gostosa a centímetros da minha. Sou um homem forte, controlado e obstinado, sei disso.

À porra a minha obstinação!

Segurei seus braços com força e beijei-a com violência, arranhando os dentes em seus lábios, mergulhando a língua sem qualquer cuidado,

devorando, tomando o que ela, sacanamente, me oferecia. Em resposta, desvencilhhou-se das minhas mãos e pendurou-se em meu pescoço, arranhando suas unhas sutilmente na minha nuca.

O arrepio veio não sei de onde, mas fez um estrago filho da puta. Enchi a mão com sua bunda e a ergui. Com as pernas em volta de mim, ela se entregou ao nosso beijo, ora sendo selvagem, ora mais suave.

Não sei bem quando eu havia começado a sentir essa necessidade por ela e, na verdade, ainda não compreendia bem como isso funcionava. Tudo o que eu entendia era que ela encostava, eu acendia; ela oferecia e eu tomava, simples assim. E quando se está louco de excitação a esse ponto, não faz nem sentido tentar entender.

Deitamos juntos, encaixados e atravessados na cama *king size*. Eu me apoiava nos cotovelos, pairando sobre ela, mas sua boceta quente estava ali, bem presente, tirando minha concentração, queimando meu pau e quase fazendo-o romper a cueca, de tão duro.

Olhei para a mulher com os cabelos espalhados sobre a cama, e ela me olhava de volta de uma maneira tão entregue, que me desmoronava.

Acaricieei seus cabelos, admirando os contornos do seu rosto.

— Você tem noção do quanto é linda?

Seu sorriso cresceu, mas os olhos ainda estavam perdidos em mim, tão embriagados quanto os meus.

— Tenho, mas não me importo que repita, quantas vezes quiser.

Meus lábios se abriram num sorriso. Eu andava rindo além do comum.

— Linda... Linda... — Beije seu olho direito e depois o esquerdo. — Linda... — Beije-lhe a ponta do nariz. — Linda demais... Beije a boca carnuda, amassando-lhe os lábios.

Ela estava lânguida, com as pernas relaxadas, abertas para mim.

— Vou comer você... todinha. — sussurrei em seu ouvido, antes de passar-lhe a língua, beijando-o.

Fraise contorceu-se sob mim, arrepiando-se. E tendo-a assim, presa sob mim, decidi que queria fazer amor com ela de um jeito calmo, sem pressa.

Fazer amor com a Fraise.

Sorri contra a pele do seu pescoço, pensando nesta frase.

O fogo dessa mulher me alucinava e me divertiu, vendo-a se contorcer sob meu domínio, gemendo em agonia, enquanto eu explorava as suas diversas possibilidades, experimentando uma textura aqui, um sabor ali...

Acaricieei-lhe os seios e lentamente lambi cada centímetro de sua pele

cremosa, brinquei com os mamilos, rolando-os em minha língua, chupando ora suavemente, ora com mais vigor.

Bellanne seguia gemendo, torpe sob meu peso, agarrada ao lençol e esfregando a boceta em mim, alucinada de tesão.

O cheiro que ela inteira exalava estava me deixando louco! A mistura do odor suave da sua pele, com o cheiro de sexo, de fêmea pronta para ser devorada, me chegava como droga, entorpecendo. O que tornava bastante complicado manter o meu intuito de ir com calma. Bem difícil mesmo.

Deslizei sobre seu corpo, fazendo questão de roçar meu peito em sua boceta, e ri contra a sua barriga, quando ela apertou meus ombros e me praguejou.

— Viking dos diabos! O que você está fazendo comigo? — Ela ria entre suspiros afoitos.

— Me aproveitando de você, gostosa.

Mordi sua barriga, que era coisa mais linda que já vira na vida. Sinuosa, macia e boa de morder. Ela tremulava conforme eu lhe beijava, arrastando a barba áspera sobre a pele de cetim.

Coloquei-me entre suas pernas e fitei aquela boceta linda, brilhando em meio à luz baixa. Era succulenta, perfeita para mim, e senti minhas glândulas apertarem, na ânsia e chupar até a sua última gota.

Bellanne, ora segurava meus cabelos, ora apertava meus braços, gemendo antes mesmo que eu lhe desse a primeira lambida e então, mostrei o quanto posso ser mau.

Primeiro, mordi a parte interna das coxas grossas e firmes, e deslizei a palma da minha mão em sua boceta, friccionando. Fraise estremeceu e eu sorri, achando graça na sua agonia.

Com os dedos, abri seus lábios e soprei suave, bem em cima do clitóris. Ela ergueu o quadril, inquieta, e cobriu o rosto com o travesseiro, abafando o grito, quando passei os braços por baixo do seu quadril e o ergui, trazendo-a ainda mais para mim.

Com as pernas abandonadas para os lados, eu queria vê-la abrir-se ainda mais. Queria ouvir Bellanne gritar, totalmente descontrolada e vê-la gozar mais uma vez, mas na minha boca, na minha língua. Queria sentir aquele pulsar quente em minha boca.

Necessitava estar impregnado dela. Tê-la em todos os espaços, ecoando em gemidos pelo quarto, entrando por minhas narinas, gravando seus orgasmos no fundo da minha mente. Eu precisava retê-la em mim.

Com delicadeza, beijei seu clitóris e suguei-o suavemente, arrastando a ponta da língua em movimentos rápidos. Fraise empurrava-se contra mim, agarrada aos meus cabelos, num desassossego que me enchia de tesão.

Tomei-a em minha boca por inteiro e faminto, deslizando a língua por todas as partes, chupando, extraindo-lhe o sabor e confirmando que ela não era gostosa apenas em suas formas, cheiro e beijos... Fraise era meu banquete, uma mescla de sabores únicos, como ela toda o era — sem igual.

Quase dava-me pena, quando erguia o olhar e via a minha Fraise contorcendo-se, espremendo-se de prazer, mas daí seus olhos me encontravam e eu sentia uma vontade maior ainda de judiar. Por isso, mergulhei o indicador e o dedo médio nela. Fui fundo, bombeei e os tirei, para chupar o seu mel quente, quase agridoce.

Voltei a mergulhá-los. Ela me apertava, pulsando, e enquanto a penetrava, girando os dedos, chupei sua boceta como o fruto mais gostoso que era, com fome, arranhando os dentes nos grandes lábios para depois lambuzá-la inteira com a minha língua, num beijo suculento.

Fraise se contorcia em minha boca e meus dedos, sob o ritmo cadenciado que eu lhe imprimia só para vê-la gemer alto e chamar meu nome, em meio aos seus delírios.

Meu tesão já beirava o insuportável e eu precisava comê-la de verdade, mas antes queria vê-la gozar mais uma vez — o que já estava virando um vício —, e quando ela estremeceu, gemendo, encolhendo-se de prazer, mergulhei a língua bem fundo nela e fui buscar seu mel na fonte.

Bellanne Fraise desaguou inteira em mim, gemendo alto e mordendo a ponta do travesseiro. Era uma cena incrível! E sentir seu pulsar em minha língua, quase me quebrou.

Fazer uma mulher gritar de prazer é sempre gratificante, mas fazer a Fraise gritar de prazer é um novo patamar de conquista. Seus gemidos roucos enchiam o ar, deixando-me tão duro, que chegava a doer. Por muito pouco não gozei bem ali, sobre a cama.

Agora, ela seria minha de vez e eu a faria ver estrelas coloridas por todo o quarto.

Bellanne

Que porra era aquela que o Viking estava fazendo comigo?

Explodi num gozo tão violento que eu cheguei a escutar zumbidos bem

no fundo dos meus ouvidos.

Jah do céu!

Mal me recuperava daquela fodida — sim, porque o cara me fodeu com a língua, sem sombra de dúvidas — já o recebia sobre mim. Ele pesava, mas era um peso bom. Erik era grande e me cobria inteira com seu peito largo e braços fortes. O pau em riste, impondo seu tamanho e dureza, não dava-me tempo para quaisquer considerações sobre meu estado de abandono.

Erik tinha um sorriso lascivo e nos olhos apenas uma faixa grossa de azul, preenchida pela pupila dilatada, negra. Lambeu os lábios e prendeu o inferior entre os dentes. Eu mal conseguia respirar.

— Moranguinho, definitivamente, você não tem gosto de morango... — Constatou. — É muito melhor.

Aquilo até seria engraçado, se não tivesse me dado um tesão danado.

— Viking... — Não sei por que diabos eu ainda tentava falar. Meu cérebro não conseguia formular uma única frase que fizesse sentido.

Erik apoiou-se em um cotovelo, ao lado da minha cabeça, e com a outra mão, guiou o pau para a minha entrada. Seus olhos esquadrihavam meu rosto mais uma vez e pararam bem fundo em meus olhos. Senti que parou sua investida e apenas me fitou.

— Tudo bem? — Perguntei, ainda sem ar.

Seus lábios esticaram apenas de um lado, num meio sorriso, e acariciou meu rosto com as costas da mão. A suavidade com que fazia este carinho me dissolveu.

Fechei os olhos e arquejei ao sentir seus lábios macios sobre minhas bochechas. Busquei sua boca e a encontrei quente, úmida e doce, ainda com meu gosto.

Erik segurou meu rosto com delicadeza e me beijou demoradamente. Mergulhei tanto naquele beijo, que me esqueci do que estávamos fazendo. Ainda sentia seu pau em minha entrada, ainda sentia seu corpo pesando sobre o meu, mas estavam em segundo plano no meu sensorial.

Os beijos terminavam e recomeçavam, sem exatamente haver um espaço entre eles. Acariciei suas costas, amando a suavidade da sua pele e a força dos músculos que ondulavam sob meus dedos.

Ele mudava a posição da cabeça e retomava meus lábios, beijando-me com ternura, e quando eu estava tão molinha quanto uma manteiga ao sol, ele mergulhou a língua e o pau, simultaneamente em mim. Arfei, puxando o ar de dentro da sua boca e respondi ao seu beijo um pouco mais duro com igual

desejo.

Erik penetrou gradativamente, escorregando em meus fluidos, me abrindo, invadindo, e eu adorando tamanha invasão.

Ondas de gelo e fogo vinham da nossa intercessão e espalhavam-se pelo meu corpo, irradiando a incrível mistura de dor e prazer. Passando os braços por baixo dos seus, segurei-lhe os ombros, enquanto ele mantinha minha cabeça entre seus antebraços e acariciava meus cabelos.

— Estou me perdendo em você, Fraise. — sussurrou com a boca a pouquíssimos centímetros da minha. — É gostoso demais fazer amor com você.

Sorri, sentindo uma alegria imensa, porque, como se fosse a derradeira combinação a girar na fechadura do cofre, aquele "fazer amor" abriu minhas últimas reservas. Entreguei-me inteira, sem um pinga de proteção, fechando olhos e ouvidos para os alarmes que, tolos, ainda me diziam para não me apaixonar.

Tornei a abrir os olhos para encará-lo com adoração, e entre os suspiros e as carícias que fazia em suas costas, sussurrei:

— Eu já me perdi faz tempo, Erik.

Ele abriu um sorriso largo que me encheu de calor, e deslizou em mim, alcançando bem fundo.

Contraí inteira e enverguei sob ele. No segundo seguinte, o tinha em minha boca, em um beijo repleto de intimidade que me roubou o resto dos sentidos.

Minha mente dividiu-se entre a paz do seu beijo e o fogo do seu pau me comendo lentamente, entrando todo e saindo quase que completamente, em estocadas longas e cadenciadas, em seu ritmo ondulante, e aquilo foi crescendo em mim, violentamente, criando uma dualidade cruel, enlouquecedora.

Erik gemia em minha boca, um gemido rouco, adoravelmente gutural. Eu mesma replicava seus gemidos, e só me dei conta disso, quando os escutei soltos no ar, e não porque tinha consciência deles.

Apesar do ar-condicionado, suávamos frio, num ritmo que acelerava, crescendo, até que Erik ergueu-se nos braços e parou de se mexer, todo dentro de mim, apertando os olhos numa espécie de prazer dolorido.

— Fraise... — E nunca... Nunca o "Fraise" foi pronunciado daquele jeito, junto com o gemido, nascido do prazer, arranhado num gozo tão gostoso de se ver.

Revirei e fechei os olhos, sentindo o seu jato dentro de mim, e sobressaltei quando, em um movimento rápido, e sem sair de mim, Erik inverteu nossas posições, deixando-me por cima

Erik

Com a Fraise montada em mim, corri os olhos pela aquela deusa. Os cabelos bagunçados, selvagens, o corpo sobre mim como uma ampulheta perfeita.

— Que delícia você é, Fraise — disse, enquanto escorregava minha mão do seu pescoço até o ventre, e refazendo o caminho, até chegar aos seios e tomá-los em minhas palmas.

Ela apoiou-se em meu abdômen e começou a me cavalgar. Decidi que aquela era a minha posição preferida, vendo-a tão deliciosa, gemendo, delirando e me engolindo com toda fome.

Eu me perdia dentro do seu calor, e seu calor já era, de longe, o meu lugar favorito; e a sua visão estonteante, engolindo meu pau — que resistia, resiliente, enchendo-me de orgulho —, cavalcando sobre mim, tornara-se a minha visão de paraíso.

Uma sucessão de ondas cheias de prazer nascia nas estocadas que ela me dava e percorriam pernas e braços, explodindo em fagulhas. Aquela podia ser a melhor visão do mundo, mas não queria ser mero expectador, então, ergui o tronco, sentando e envolvendo-a em meus braços.

Fraise me abraçou com braços e pernas, do jeito que eu, tão facilmente aprendi a gostar.

Por trás, enrolei seus cabelos em minha mão, prendendo seus movimentos, e coleí minha boca à sua, mas sem beijá-la. Eu simplesmente não conseguia conciliar meus pensamentos e comecei a sussurrar, entre os gemidos do gozo que novamente começava a me tomar.

— Eu sou louco, completamente louco por você... Você me faz esquecer quem sou... Faço qualquer coisa por ti, mulher... Qualquer coisa que me pedir, entendeu? O que fez comigo, Fraise? O que fez comigo?

Ela seguia alheia às minhas palavras, já que não as compreendia, e eu me sentia confortável em poder dizer todas as minhas asneiras em dinamarquês, sem que a Fraise soubesse onde iria a minha loucura por ela.

Dois segundos antes que eu afundasse em um puta orgasmo, Fraise me agarrou e gemeu agudo em meu ouvido, espremendo-se e apertando ainda

mais o meu pau. Foi como se eu estivesse no alto de um abismo e ela simplesmente chegasse por trás e me empurrasse.

Enquanto eu gozava, sentia o prazer dobrando sob os choringos do meu Moranguinho. Ela gozava tão lindo, que se eu pudesse, faria ela gozar novamente, vez após vez, somente para vê-la daquele jeito, tão menina, tão em desalento.

Bellanne estava toda colada a mim. Eu sentia seus seios contra o meu peito, sua boceta ainda pulsando em meu pau, a barriga na minha, os braços ao meu redor e o rosto mergulhado na curva do meu pescoço.

Apertei-a em meus braços, como se quisesse fazê-la entrar em mim. Acaricie suas costas e cabelos com uma mão, enquanto a outra pendia naturalmente sobre sua bunda.

Você é minha, não é?

Não tive coragem de verbalizar, mas queria que tivesse lido meus pensamentos. Queria vê-la em minha casa, com sua *t-shirt* de Guadalupe. Queria fazer amor com ela todos os dias, todas as horas, e assim, sentir aquilo que sentia agora que, apesar de louco, era também viciante: o coração disparando, o estômago trêmulo e a boca seca toda vez que lembrava que teríamos mais dois dias juntos. E eu não sabia se conseguiria deixá-la ir na segunda pela manhã.

Você é minha, não é? Mentalizei novamente, e como se tivesse me escutado, Bellanne afastou-se para me olhar.

— Erik... somos uma potência mundial. — A voz preguiçosa acariciando meus ouvidos.

Sorri e beijei seu sorriso.

— Vamos dominar o mundo, Moranguinho.

Fechei os olhos, deleitando-me com suas mãos percorrendo meus cabelos.

— Ah, Viking... Você não me é saudável, sabia?

Abri os olhos, interrogando-a.

— Isso é ruim?

— Seria ruim, se eu quisesse ficar sã. Mas eu adoro o que faz comigo, namorado.

Eu gostei daquilo. Éramos mesmo namorados, então.

Girei nossos corpos e deitei com ela de lado.

Fraise relaxou a cabeça sobre meu braço e espalhou os cabelos pelo travesseiro. A borboleta azul em seu ombro praticamente bateu suas asas para

mim. Deslizei o polegar sobre ela, delineei seus contornos, e então, busquei a tatuagem com a frase "*Follow the rabbit*" em seu quadril. Também delineei suas letras, e quando retornei à mulher que agora era, oficialmente, a minha namorada, ela dormia com uma paz invejável.

Sem mexer meu braço para não acordá-la, puxei o lençol e nos cobri. Ainda fiquei um longo tempo admirando seus traços, brincando com seu cabelo.

A merda do *jet lag* desordenou meus horários, mas, desta vez, eu nem iria reclamar. Eu a tinha ali, colada a mim, e adoraria passar a noite decorando cada sinal sobre a sua pele, cada curva de seu corpo voluptuoso. A abracei, assimilando seu calor. Aspirei seu cheiro bom e, por fim, beijei-lhe a testa.

Não dormi pelas duas horas seguintes, fiquei repassando como tudo havia acontecido, desde que a vi no congestionamento, até aquele momento, quando tinha feito amor com ela e me perdido completamente. Até aquele momento, irremediavelmente apaixonado por Bellanne Fraise.

24º Capítulo



CAPÍTULO 24

Bellanne

Abri os olhos, mas levei um tempo até a ficha cair de onde estava e de tudo que havia acontecido no dia mais longo da minha vida. O corpo quente, quase cobrindo-me inteira, não deixava dúvidas de que tudo havia sido real. A perna do Erik estava entre as minhas, seu braço envolvia a minha cintura e a respiração pesada arrepiava meus pelinhos, bem no pescoço.

Me mexi e foi maravilhoso sentir que seu peito estava colado às minhas costas e seu pau, apesar de adormecido, estava ali, bem grudado em mim.

Girei em meu próprio eixo e fiquei de frente para ele, que me abraçou ainda mais. Fitei seu rosto perfeito, a barba curta e dourada, assim como os cílios e sobrancelhas. Desci os olhos pelo ombro redondo, repleto de pequenas sardas e encontrei a Fênix em seu braço. Era realmente linda.

Imaginei que estivesse acordado, embora mantivesse os olhos fechados, pois me puxou mais para dentro dos seus braços e passou a perna sobre meu quadril, me prendendo. Eu também o abracei.

Estar nos braços do Erik me deu conforto, uma sensação de segurança e pertencimento que jamais havia sentido, salvo quando estava com meus pais,

em outro contexto, óbvio.

Fiquei inerte, apenas aproveitando o momento, a intimidade e o cheiro da sua pele. Erik era o tipo de pessoa que a gente quer tocar a todo momento, seja para sentir seu corpo forte sob a pele sedosa, seja para uma boa troca de energia. O tipo com quem se busca sempre algum contato, simplesmente porque é bom tocá-lo.

Escutei "*Wake up*" ao longe, abafado, e lembrei que meu celular estava com o alarme ativado. Devagar, escorreguei dos seus braços e ele abriu os olhos, ou tentou, pois estavam mais apertados do que o normal e, ainda assim, o azul escapou como uma luz pela fresta.

— Já volto — sussurrei.

Ele "liberou" a minha saída e escapuli, nua, em busca da bolsa que eu não fazia ideia de onde havia largado. Cheguei à sala com os ouvidos atentos e fui encontrá-la sobre o bar. Desliguei o alarme rapidamente e respirei aliviada, não queria incomodar o Erik, ele devia estar exausto, por causa da maratona que precisou fazer para chegar a tempo no lançamento.

Pé ante pé, voltei ao quarto e vi que ele havia se espalhado na cama *kingsize*, abraçado ao travesseiro e respirando pesadamente. Acho que não está acostumado a dividir uma cama e só agora conseguiu dormir de fato. Assim, decidi deixá-lo e fui me vestir.

Coloquei um vestido de seda indiana curtinho e lindo, que havia no armário. Fiz uma nota mental para depois perguntar ao Lucien onde ele havia comprado aquela belezura e resolvi ir lá fora, ver o dia. E ele estava lindo!

No céu, não havia uma nuvem sequer, estava azul como os olhos do Erik. Ainda não eram oito da manhã, mas o sol já estava quente, apesar de haver sombra sobre a piscina e na maior parte da área.

Fui até a balaustrada e observei a paisagem ao redor. Na praia já se viam guarda-sóis coloridos. O calçadão estava cheio dos atletas ocasionais e a cidade seguia sua rotina.

E eu? Eu estava em outra dimensão.

O vento atravessava meus cabelos e o vestido. Respirei fundo e diversas imagens do dia anterior retornaram, acompanhadas do frio no estômago e um prenúncio de excitação. Fora uma noite mágica, desde o momento em que pisei naquela festa, até adormecer nos braços do Viking.

Quem diria, Bellanne Fraise? Você e o Viking... namorados!

Sorri, lembrando o quanto havia sido encantador ele me pedir em namoro. Quem mais pede em namoro hoje em dia? Mas o Viking era isso...

único. E agora estávamos juntos. Agora, dormiríamos juntos sempre que possível, dividiríamos gostos, programas, pipocas e banhos. E tudo aquilo que me causava sufocamento, quando vivido com o Alex, me pareceram coisas certas e prazerosas a se fazer.

O calor do sol ardeu contra a minha pele e vi que havia me perdido tanto em pensamentos, que o sol já avançava sobre a área. Olhei a hora no celular e já havia passado quase uma hora, desde que levantei. A água, refletindo os raios do sol, me pareceu atrativa, então, evitando fazer barulhos, voltei ao quarto e peguei o biquíni que havia visto na noite passada — um *cropped* de calcinha larga nas laterais. O Lu tinha mesmo bom gosto.

A água estava gelada ao primeiro contato, mas logo me acostumei. Nadei um pouco, e quando o cansaço chegou, apoiei-me na borda e deitei a cabeça sobre os braços cruzados.

Era um pensamento bobo, até um pouco infantil, mas sentia falta do Erik. Pensei em sair, tirar o biquíni e me juntar a ele naquela cama, mas não era justo. Ele precisava descansar. Além do mais, ainda precisava ligar para os meus pais, e poderia fazer alguma coisa, até que ele acordasse.

Ah, que droga! Nada que não envolvesse o Viking me interessava nesse momento.

O assobio sedutor me surpreendeu, olhei para trás e ele estava apenas de *shorts*, agachado na outra margem da piscina, prendendo o lábio inferior entre os dentes, delicioso. Nadei até ele e então, ergui o corpo, indo encontrar sua boca.

Só então tive a real noção de que a falta que sentia era muito, muito maior do que eu imaginava.

— Bom dia, sereia.

— Bom dia, Viking.

— Por que não me acordou?

Voltei a imergir, ficando com água até o peito.

— Porque você precisava descansar. E eu precisava pensar.

— Está dizendo que é difícil pensar comigo ao lado, Fraise?

Dei um impulso para trás, flutuando na água que começava a esquentar. Não sei se pelo calor do sol, ou pelo fogo que o Erik acendia em mim, sempre que me olhava daquele jeito malicioso.

— Estou dizendo que ao seu lado eu prefiro não pensar.

Ficamos presos um no olhar do outro, até que me senti tão excitada, que fugi, mergulhando. Nadei submersa, indo novamente até ele e quando

emergir, ele ainda me olhava.

— Gosto de saber que te afeto de alguma forma.

Meneei a cabeça e me apoiei na borda, bem abaixo dele, entre suas pernas. Era inacreditável que Erik não tivesse noção do estrago que faz na calcinha e no coração de uma mulher.

— E eu, como te afeto, Viking?

Ele ficou quieto, seus olhos percorrendo meu rosto e meu corpo, sob a água.

— De todas as maneiras, Fraise. — E num suspiro, levantou, mudando completamente os "ventos" — Vou pedir que tragam o café, estou morto de fome.

Fiquei secando ele até que desaparecesse pelas portas com película. O Viking sempre estava com fome, e eu também, mas nem sempre era de comida.

Comemos na mesa da área externa, admirando o dia perfeito e fazendo planos. Enquanto ele tomava um suco, eu me servia de café, achando graça da careta que fazia, quando comia os mirtilos mais azedinhos. Nossos pés se tocavam sob a mesa, deslizando um sobre o outro. Havia essa estranha e mútua necessidade de contato o tempo inteiro.

Erik arrastou a minha cadeira para o seu lado, a fim de facilitar os beijos e as provas das misturas loucas de sabores que fazia e me oferecia: mamão dentro do *croissant*, mirtilos bolados na *queensberry* de laranja, por exemplo. Sem dúvida, Erik era uma criança no quesito alimentação. Não me surpreenderia encontrar balas e chicletes na gaveta da Drakkar.

— Fraise, prova esse suco de *toranja*? — E me passou seu copo, mas recusei.

— Não dá. Preciso pôr café preto para dentro antes de qualquer coisa.

— Sabe que faz mal, não sabe?

Estreitei os olhos para ele, que sorriu. Porque era uma gracinha vê-lo sorrir daquele jeito, bebi alguns goles e retornei ao meu café, saboreando aquele sabor de despertar.

Erik

Após o café, nos deitamos no *futon*, na sombra ao lado da piscina.

Estávamos entrelaçados, em uma preguiça gostosa e em beijos melhores ainda.

Contei à Fraise sobre as mentiras do Axel e como encontrei a Soraia. Se ficou horrorizada, não demonstrou. Tudo o que fez foi lamentar o estado da minha madrasta, mas percebi que fez questão de não prolongar o assunto "Axel". Certamente, causava-lhe mal, assim como a mim.

Ela estava em meus braços, usava um biquíni que eu estava doido para tirar, mas a conversa nos aproximava, e eu, apesar do tesão, queria saber cada vez mais sobre ela, então, me controlei e contentei-me em beijá-la sempre que sua boca gostosa me provocava.

Ri muito com as histórias do tal Caio e também com a relação de Fraise com sua irmã. Era muito diferente da minha relação com o Mateo. Além da Bellanne parecer ser a mais nova, ainda brigavam o tempo todo, mas era bem claro o amor imenso que havia em meio àquelas brigas.

Estava explorando o cócs do biquíni da Fraise, quando seu celular tocou. Ela verificou que era seu pai quem a chamava e, com um olhar, pediu licença para atendê-lo, porém o fez ali mesmo. Eu gostei disso, mesmo não sendo o dito pela etiqueta, eu adorava vê-la quebrar os protocolos.

— Oi, pai! — Eu seguia deslizando o dedo pelo cócs, curtindo como ela tremulava a barriga de excitação. — Está tudo bem.

Ela o escutava com o semblante sério, o olho fixo nos meus dedos avançando para dentro do biquíni.

— Estou bem, pai. Estou com o Erik. — E mais um longo silêncio, antes dela começar a se derreter. — Paizinho.... Eu sei que se preocupa, mas o Erik sabe cuidar de mim. — E virou seus olhos travessos para mim. Respondi com uma expressão marota, como um "Oh, se sei!", provocando seu sorriso.

Ela voltou ao semblante sério, enquanto o escutava, mas havia cruzado as pernas, me impedindo de chegar onde queria. Dei-lhe um beliscão de leve na vulva, "castigando-a" por me impedir. Ela arfou.

— Ok, pai.... Vou levar sim, tá? Mas nos dá um tempinho, amor... Sou grandinha, Paulo Henrique. — Eu ri, percebendo que ela imitava a mãe.

Quando enfim desligou, encarou-me ao mesmo tempo em que abria as pernas, dando-me acesso.

— Viking, você é o diabo mesmo, hein?! — E puxou meu rosto para um beijo quente, enquanto eu deslizava dois dedos bem fundo nela.

Não fizemos amor no *futon*, trepamos bem gostoso na cama, explorando nossos corpos, sentindo nossos gostos. E eu descobria que amar Bellanne

Fraise era um sem-fim de possibilidades.

Já passava das três da tarde quando saímos para dar uma volta na *Ducati* e almoçar em algum lugar. Percorriamos a orla sem pressa. Ter Bellanne agarrada a mim era algo para se prolongar ao máximo. Ela encostou a cabeça nas minhas costas e suas mãos foram para dentro da minha *t-shirt* de algodão. Desse jeito, eu poderia atravessar o estado inteiro.

Almoçamos em um restaurante reservado, no alto de uma rocha, à beira do mar. Enfim, provei caranguejos com Bellanne me ensinando como fazê-lo e morta de apreensão, com receio de que eu pudesse ser alérgico, mesmo eu lhe garantindo que era compulsivo comedor de crustáceos. Eu não costumava me enganar com as pessoas e assim foi com Bellanne Fraise: era uma mulher rara, absolutamente fascinante e eu tinha a sensação que estava completamente perdido.

Bellanne

Eu ainda não tinha me recuperado da informação de que Erik havia alugado uma moto como aquela, apenas para não me deixar esperando, nem que havia "comprado" o silêncio do meu melhor amigo para nos dar aquele final de semana incrível.

Passávamos pela orla, voltando ao hotel, quando avistamos Mateo e Mariana, junto a outros jovens, em uma festa que acontecia em um dos restaurantes à beira-mar. Erik parou a moto e Mateo se aproximou. Ele estava animado e ficou ainda mais ao ver o irmão. Cumprimentou o Erik dizendo algo em dinamarquês, provavelmente, ao que Erik lhe respondeu com um soquinho no ombro.

— Estamos no Brasil, Teo, o que esperava? — Respondeu ao gracejo do irmão, mostrando um sorriso levemente constrangido.

Mateo olhou para mim com admiração e tomou minha mão, beijando-a.

— O que fazem aqui? — Perguntei mais para a Mariana, que se aproximava, do que para o meu... cunhado. Era estranho, mas a verdade era essa: agora, ele era meu cunhado.

— É o aniversário de um amigo e convidamos o Mateo.

— É Brasil, Erik! — Ri da empolgação do rapaz, mas estava mesmo era pasmada com a semelhança dos dois, embora Mateo ainda levasse uma

beleza juvenil, enquanto Erik era um homem. E que homem! — Venham, juntem-se a nós!

Erik me olhou e ergui as sobrancelhas, considerando aceitar. Saltamos da moto e, de mãos dadas, fomos apresentados ao aniversariante. Contudo, um tempo depois fomos nos afastando da movimentação. O sol começava a se pôr e paramos para observar o espetáculo. Erik encostou-se na balaustrada e eu encostei nele, sendo abraçada por trás.

Ficamos um tempo em silêncio, ele cheirava meu cabelo e, por vezes, me beijava a orelha.

— Sabe quanto tempo tem que não namoro assim, como um adolescente? — Achei uma gracinha a sua colocação, embora estivesse curiosa. Erik nunca me falava da sua vida amorosa. Bem... Eu também não. — Desde os dezoito anos.

— Oi?! — Girei dentro dos seus braços e o fitei — Está falando sério?

Eu morria quando o Erik me olhava assim, do alto do seu porte, com os olhos apertadinhos. Seus lábios estavam extremamente vermelhos e eu não soube precisar se eram fruto do sol que tomamos ao passear de moto ou dos beijos que vínhamos trocando sem parar.

— Estou. Nunca fui de namorar. Sempre fui mais direto, objetivo. — Ele ergueu o rosto e fitou o mar e o horizonte à frente. — Tive namoradas, claro, e até morei com uma garota, em Paris. Mas foram relações muito práticas.

Ele voltou a me olhar e deve ter percebido a minha confusão, porque buscou ser mais elucidativo.

— Marie é uma gerente de câmbio muito competente e trabalhamos juntos por um tempo, durante a expansão da segunda Drakkar, lá mesmo em Paris. — Seu olhar tornou a se perder pela praia, enquanto me contava. — Nos conhecemos, rolou a atração, nos demos bem na cama e por uma questão prática, já que ela viajava muito e tínhamos pouco tempo para nós dois, decidimos morar juntos. Depois de dois anos, admitimos que nenhum de nós tinha mais vontade de conversar ou estar naquela relação e terminamos.

Ele parecia falar de outra pessoa. Não parecia o Erik que estava chupando pernas de caranguejo e gargalhando, enquanto lambia o caldo que lhe escorria pela mão, há pouco mais de duas horas. Ele descrevia ali uma pessoa pálida, mecânica.

— Você gostava dela?

Erik voltou a me encarar, profundamente.

— Achava que sim, mas hoje sei que não. Eu somente gostava de

conversar com ela e... Bem, nos dávamos bem, sexualmente falando.

Ele corou, e era tão lindo quando corava! Fiquei na ponta dos pés e toquei seus lábios com os meus. Estavam quentes, macios. Ele me apertou em seus braços e aprofundou o beijo. Erik estava certo, sentia-me mesmo como uma adolescente.

Quando paramos de nos beijar, o sol já estava quase todo posto. Nos despedimos rapidamente de Mateo e Mariana, sob as severas recomendações do Erik quanto a não ingestão de álcool e quanto ao que Mateo não poderia comer. Achei fofo a Mariana prestar atenção e garantir ao Erik que tomaria conta do Mateo.

Pisquei para ela e fiz um “ok” com a mão. Mateo podia até ser imaturo ainda, mas se agia tão parecido com o irmão, quanto se parecia fisicamente, Mariana não corria o menor risco de terminar a noite assistindo *Dragon Ball Z*.

Erik

Entramos no saguão do hotel e enquanto eu esperava o elevador, Erik correu na recepção para pedir algumas coisas especiais para nosso jantar. Não queríamos sair. Concordávamos plenamente que, se pudéssemos, parariamos o mundo, só para não precisarmos sair daquele quarto nunca mais.

Respondia rápido a algumas mensagens no celular, quando uma presença masculina parou ao meu lado e me chamou a atenção. Ergui o olhar e o homem — um tipo bem bonito até, mas comum — me sorriu com simpatia.

— Boa noite. — Saudei educadamente e retornei ao meu celular.

— Desculpe. Você é a fotógrafa, não é?

Olhei para ele com mais cuidado, me perguntando se não o conhecia.

— Sim... — Estendi-lhe a mão — Bellanne Fraise.

— Claro! — Ele segurou a minha mão entre as suas. — Eu estava em sua exposição. Sou Michel Fontes, dono da revista *Surfer Way*. É um prazer!

Estreitei os olhos e tentei me lembrar dele na exposição. Bem.... Eu não estava no meu melhor estado de consciência naquele dia.

— Idem. Tudo bem? — Ele me olhava sorrindo, encantado. — Então, gostou das fotos?

— Muito! Até entrei em contato com o Lucien sobre algumas daquelas. Estão maravilhosas! Assim como a fotógrafa.

Eu ri da cantada barata, e Erik chegou justamente na hora em que eu

sorria para o tal Michel. A minha vontade foi a de continuar rindo, mas do Erik, não da cantada.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e travou o maxilar, olhando de mim para o Michel. Então, passou o braço sobre meus ombros e estendeu uma mão para o sujeito, com um sorriso claramente forçado.

— Como vai? Erik Lars.

Desconcertado, Michel lhe cumprimentou e se instaurou um clima estranho, mesmo eu tentando quebrá-lo.

— O Michel é dono da revista *Surfer Way*, Erik. Estava me falando que gostou das minhas fotos do *Hawaii*.

Ele assentiu, sério.

— São belíssimas mesmo. — Erik respondeu, sucinto. Quis gargalhar quando vi os olhos do Viking avaliarem o homem a nossa frente.

Eram da mesma altura, praticamente, e eu me surpreendi com um Erik ciumento. Nas últimas horas, havia descoberto uns quinze Eriks dentro do Viking, e isso era muito divertido.

Subimos todos juntos no elevador, em um clima tenso. Ficamos à frente do Michel e senti a mão do Erik descer e subir nas minhas costas, demarcando terreno. Não vou mentir... Adorei essa possessividade e estava me dando um "senhor tesão".

Na hora de sair do elevador, acenei para o Michel e acho que ele tentou segurar minha mão, mas a sua apenas deslizou pela minha e o elevador fechou entre nós. Foi tudo muito rápido, mas eu tinha certeza de que os olhos atentos do Viking haviam captado. Evitei olhar para ele nos cinco segundos seguintes, para não rir da sua provável indignação.

— Que porra foi essa?

Havia um vinco entre as sobrancelhas e ele olhava furioso do elevador fechado para mim.

— Viu que abusado?! — E caminhei, toda cínica, em direção às escadas do *hall* octogonal, segurando meu riso e sentindo que ele vinha em meu encalço.

— Bellanne! Esse cara segurou a sua mão? Na minha cara!

Ele sacou o celular do bolso e começou a digitar freneticamente, enquanto metia a mão no bolso, em busca do cartão de acesso.

— O que está fazendo, Erik?

— Quero saber quem é esse cara de verdade. Que porra ele estava fazendo em sua exposição e agora aqui também, segurando sua mão?

Caramba, ele estava mesmo zangado, mas ainda assim, achei fofo. Ele abriu a porta e eu entrei já tirando as sapatilhas e deixando-as no canto do sofá.

— Ele é dono de revista, Erik. Natural que estivesse na exposição.

Ele me encarou, aparentemente desistindo da sua pesquisa e estreitando os olhos. As mãos no quadril, puto da vida.

— Ele estava te cantando, não foi?

Mordi o lábio, contendo o riso.

— Estou acostumada com isso, Erik. Nesse meio é assim. — Eu sabia que não estava conseguindo conter o riso, até porque, Erik furioso era estupidamente gostoso e minha calcinha já estava mais do que molhada. — Liga não.

Virei e saí para o quarto, divertindo-me horrores!

— Você está achando isso engraçado, Fraise?! — Ele vinha bem atrás de mim e quando larguei a bolsa sobre a cama e girei para voltar à sala, ele parou na minha frente, bloqueando a passagem. — O filho da puta estava secando a minha mulher e você acha isso engraçado?

Caralho! Eu quase gemi de tesão. Além de Viking, um ogro delicioso!

Pousei as duas mãos em seu peito e senti seu coração disparado. Ele também estava excitado. Encostei nele apenas para comprovar o que me parecia evidente.

— Está com tesão, Viking, imaginando a sua mulher com outro?

Ele franziu ainda mais o cenho e engoliu seco.

— Não, Fraise.... Estou explodindo de tesão, mas porque você é uma safada que adora me provocar, não é? A porra é que eu adoro a sua safadeza.

Ele me empurrou de costas na cama e eu arfei!

Erik mordia o lábio inferior com força, quando arrancou a *t-shirt*, puxando pela gola. Eu estava deitada, apoiada nos cotovelos, admirando o espetáculo. Com urgência, baixou a bermuda de brim junto com a cueca e sua linda e imponente ereção saltou. Aguei. O cara era o suprasumo da gostosura e eu, uma puta de uma sortuda!

Erik veio para cima de mim e sentou sobre as minhas pernas, me olhando ferozmente. Puxou meu vestido para cima, e eu o ajudei, descartando a peça em seguida. Então, apenas fiquei fitando-o com todas as sacanagens do mundo rondando meus pensamentos. Ele avançou mais ainda, colando seu peito ao meu e me encarando a poucos centímetros. Fiquei com medo de dizer alguma coisa e quebrar aquela magia, por isso, apenas o desafiava com

o olhar, aticando-o.

— Você me mata de tesão, Bellanne Fraise. — E me beijou com força, me fazendo flutuar de excitação.

Enquanto Erik esfregava a ereção na minha barriga, me incendiando, dei meu jeito e tirei a calcinha, atirando-a longe. O agarrei com firmeza e ele gemeu em minha boca, deslizando dali até os seios, para em seguida erguer-se, ficando de joelhos comigo entre suas pernas, numa altura perfeita.

Tomei o pau do Erik em minha boca com afã, chupando-o com força, fazendo barulho. Ele segurou meu cabelo inteiro com uma mão só e gemeu alto, empurrando o quadril contra mim, penetrando fundo em minha boca, e eu me enchendo cada vez mais de excitação. E quando ergui a cabeça, lambendo os lábios com seu gosto, ele avançou mais e, sem tirar os olhos dos meus, enfiou o pau entre meus seios. O ajudei, segurando os dois seios, um contra o outro, apertando-lhe o pau entre eles.

— Porra, Fraise, você é perfeita, caralho!

Eu ri, porque jamais imaginaria que o Viking pudesse ser tão sujo na cama.

— Adoro essa boca suja, Viking dos infernos!

Ele deitou sobre mim, deslizando em meu corpo e ficando com o rosto perto do meu. Ainda agarrava meus cabelos quando sussurrou contra a minha boca, rouco, cheio de desejo.

— Me dá sua boca suja também, me dá.

Sorri, maliciosa.

— Só se você me foder bem gostoso e forte, Viking. Só se me fizer gritar pedindo mais.

Erik meneou a cabeça, gemendo, e me beijou com força, chocando nossos dentes e machucando meu lábio. Desceu a boca arranhando meu pescoço e gemi alto quando ele apertou um mamilo entre os dedos, enquanto chupava o outro com força. E quando sua mão deixou meu mamilo e desceu para a minha boceta, me empinei toda para ele.

— Minha gostosa...toda molhadinha...

Eu gemia alto, sem o menor controle, completamente entregue, me abrindo para sua mão que, com a palma esfregava meu clitóris, enquanto os dedos me invadiam. Meu grito saiu agudo quando ele mordiscou o mamilo e depois subiu para chupar a minha língua. Erik estava possuído, alucinado e eu só pensava em deixá-lo ainda mais descontrolado.

E quando me girou de bruços, como se eu fosse uma boneca de pano,

gritei. Gritei quando me deixou de bruços e gritei quando recebi a palmada na bunda.

— Adoro essa bunda, sabia?

Lembrei do lubrificante e, com toda essa fúria, achei melhor não mencioná-lo, mas me empinei para ele, louca para recebê-lo de uma vez.

— Vem Viking... — E rebolei, enquanto ele ainda tomava posição. — Vem ser malvado, vem.

Ele veio.

Put a que pariu!

Com o braço esquerdo, circundou minha cintura; com a mão direita, segurou meu cabelo; debruçou sobre mim e colocou a boca ao meu ouvido, pouco antes de me invadir.

— Vou te fazer perder os sentidos, Fraise.

E entrou.

Estrelas.... Muitas estrelas... Constelações desceram como cascata por trás das minhas pálpebras. Susto, prazer, dor, tesão, agonia, mais prazer...tudo se misturava em mim e ainda assim eu pedia mais.

Erik estocava com força, me fazendo tombar para frente ao mesmo tempo em que me mantinha presa pela cintura. Os gemidos em meu ouvido estavam me alucinando e eu podia sentir cada centímetro dele entrando e saindo, forte, vigoroso, delicioso!

Quanto mais ele metia, mais eu me empurrava contra ele.

— Ah, Fraise... rebola pra mim, safada, vai.

E eu rebolava, doida para gritar de verdade, mas com medo de ter o quarto invadido naquela situação. Na ânsia de meter cada vez mais fundo em mim, Erik foi me empurrando na cama, até que alcancei a cabeceira acolchoada e a escalei, ficando quase ereta, com Erik ainda colado em mim, ainda dentro de mim, tirando-me toda a capacidade de raciocínio, de coordenar meu corpo e a mente.

Agarrei-me à cabeceira quando ele abriu ainda mais as minhas pernas, me fazendo escorregar e descer mais em seu pau, tendo a penetração mais funda que já tive na vida. O que, aliás, ao contrário do que Letícia já havia me dito, não doeu. E mesmo que doesse, eu seria incapaz de registrar a dor, porque o prazer era imensamente maior.

Erik me pressionou entre ele e a cabeceira da cama, agora segurando meus seios com as duas mãos e a boca grudada ao meu ouvido.

— Deixa sair, Fraise.... Quero ouvir você gritar.

Meu grilo falante levantou a cabeça, mandando eu me apegar ao restinho de juízo que ainda tinha, mas o ordinário do Viking enfiou o polegar na minha boca.

— Chupa!

Eu chupei com toda vontade, para no segundo seguinte ele usar as duas mãos em mim, com toda sapiência.... Com uma, friccionava meu clitóris, e o dedão por mim chupado foi direitinho para o meu ânus, me deixando louca!

O grilo falante evaporou ante a imagem sexy da cena que se formou em minha mente e do furacão de luxúria que rodeava meu ventre. Eu gritei alucinada, descontrolada pelo prazer que eletrizava meu corpo, agarrada à cabeceira e suplicando para que Erik me desse um tempo, mas essa súplica ficou apenas no pensamento, pois dos meus lábios só saiam gritinhos de prazer.

Não gozei de uma vez só, como se houvesse chegado a um cume de êxtase.... Gozei em queda-livre, prolongadamente, respirando com dificuldade e trêmula. Meus olhos ardiam com a vontade de chorar de leite, e minhas pernas mal me sustentavam sobre o colchão. Erik seguia me penetrando, agora mais vagorosamente, enquanto beijava a minha nuca, acariciava meus cabelos e me falava coisas em dinamarquês que eu não compreendia, mas pelo tom que usava, me pareceu um acalento.

Erik

Precisei de toda concentração do mundo para me segurar, quando senti a pressão de Fraise em meu pau. Ela quase o estrangulou, quando me apertou em meio ao seu gozo. Diminui o ritmo para postergar o meu êxtase, mas ainda assim, foi muito difícil. Bellanne me cegava, me deixa fora de mim, principalmente em momentos como esse, quando choramingava baixinho, gemendo, louca com o prazer que eu lhe dava.

— Meu amor.... Que diabo fez comigo, Moranguinho, hein? — Sussurrava em seu ouvido, propositadamente em dinamarquês. — O que fez comigo, que só consigo pensar em você, só penso em fazer amor com você o tempo inteiro?

Parei de me mexer, admirando Bellanne contraindo-se inteira. Eu ainda latejava, ansioso por alívio, mas vê-la daquele jeito, tão frágil e sexy ao mesmo tempo, me provocava ainda mais.

— Fraise... Está tudo bem? — Ela apenas assentiu e eu me surpreendi, ao

constatar que ela ainda estava gozando.

Mergulhei a língua em seu ouvido e, ainda segurando em seus cabelos, tracei um caminho de beijos até a boca. Tomei-lhe a língua quente, chupando-a ao tempo em que voltava a penetrá-la com vigor. Fraise gemia junto com cada estocada.

Soltei seus cabelos e voltei a segurar-lhe os seios, acariciando-os, enquanto seguia fundo nela. Não consegui sustentar essa condição por muito tempo. Ela me apertava, me sugava, e eu estava à beira de perder completamente o juízo.

Gozei, completamente enfiado em Bellanne, com ela apertada em meus braços, com seu cheiro me deixando doido e a sensação de sua pele de seda quente entrando pelos meus poros. Com certo medo, entendi que quando um homem tem uma experiência assim, dificilmente se contentará com menos, algum dia. O patamar de luxúria onde se encontra Bellanne Fraise, é bem difícil de ser alcançado.

Lentamente — e lamentavelmente — saí de dentro dela e nos deitamos enroscados, exaustos e mais do que satisfeitos. Sua pele brilhava de suor e eu quis lambê-la inteira.

Nossas respirações já estavam calmas, quando alisei seu abdômen macio, apertando-a contra mim.

— Quer comer alguma coisa?

— Você só pensa em comida, Viking? — Ela sorria, radiante. — Que dupla faremos, hein? Você come e eu engordo.

— Como acha que eu sustento esse tamanho todo? E fique tranquila, se não quiser engordar, sei como te fazer gastar o que consumir.

Enfiei o rosto em seu pescoço, adorando o cheiro da sua pele.

— Se eu não quiser?! Minha mãe te mata, se escutá-lo dizendo algo assim. — Ergui a cabeça e olhei para ela, sem entender sobre o que exatamente ela estava falando. Ela captou minha dúvida. — Minha mãe pega no meu pé para que eu faça um regime, implica com o que como... essas coisas.

Não pude acreditar que uma mulher inteligente como Ana Maria Fraise pudesse se apegar a algo assim, tão frívolo.

— Você me parece saudável, por que essa preocupação?

Eu continuava distraído, mordendo seu ombro, mas senti que havia perguntado besteira, porque Fraise me encarou.

— Viking, você é um achado! — Ela me beijou rapidamente nos lábios,

mas seu gosto ficou. Lambi os meus. — É neura da mamãe. Mesmo sem se dar conta do absurdo, ela acredita que para ser feliz e aceita, precisamos ter determinado manequim, usar determinadas coisas.... Enfim. Não a culpo, foi a sociedade em que cresceu.

Fiquei atento, buscando se havia qualquer mágoa em suas palavras, mas a Fraise parecia muito tranquila com essa questão. Talvez um pouco chateada pela mãe pensar de forma tão retrógrada, mas nada que envolvesse rancor.

Joguei minha perna sobre ela e trouxe-a todinha para mim, beijando aquela boca que já me era tão viciante.

— Pois, eu adoro que o seu manequim não seja o de um faquir. — E enchi a mão com sua bunda, escorreguei até a cintura e ali também a pressionei. — Adoro ter onde pegar e o que morder.

Fraise estreitou os olhos para mim e fez um biquinho charmoso.

— Devo gravar isso e mostrar para a minha mãe?

— Não é necessário. Vou deixar isso bem claro para a senhora Fraise, assim que encontrá-la.

Ela riu e eu beijei seu riso. Eu estava realmente gostando disso, de beijar-lhe o riso.

— Já está se convidando para uma reunião familiar, Viking? Que atirado é você, hein?!

— Ah, Fraise! — E fui me aninhando contra seu corpo macio e quente — Quem mandou atravessar as portas da Drakkar e me desafiar daquele jeito? Agora, aguenta.

— Na verdade, foi o Lucien quem mandou. — disse, com ar de sabichona.

— Bem lembrado.... Devo dois grandes presentes ao Lucien.

Então, ela segurou meu rosto entre suas mãos e me deu uma série de beijos furtivos e molhados, aquecendo-me inteiro. Eu não tinha com o que comparar as sensações que me vinham quando estava com a Fraise. Em pouco tempo, fui da paixonite adolescente à vontade de passar a minha vida com ela.

Senti o coração disparar, e até certa falta de ar, quando, com a boca em seu ombro, escutando sua respiração pesar com o sono, me dei conta de que queria aquela mesma cena, a mesma sensação, noite após noite, pelos próximos cinquenta anos. Queria ver a Fraise brava, queria vê-la chorar de rir, vê-la enternecida e também sensibilizada. Queria todas as suas versões, só para mim.

Seu celular tocou, nos despertando daquele momento tão tranquilo e íntimo. Puxei a sua bolsa do chão e lhe entrei, para que pegasse o celular.

— Oi, mãe... — Atendeu preguiçosamente, mas logo sentou-se num susto. — Como é?!

Seu tom mudou completamente e eu sentei ao seu lado na cama. Ela prendeu o cabelo atrás da orelha e começou a chorar.

Meu coração foi parar na garganta!

— Ela está bem? Mãe! Mãe! Me fala a verdade, ela está bem?

Eu estava aflito, mas não sabia bem o que fazer, então, apenas saltei da cama, fui até o frigobar e trouxe-lhe uma garrafa de *Perrier*, mas ela nem mesmo me olhou, estava de pé, rodando nua pelo quarto.

— Onde, mãe?! Em que hospital?

Entendi que precisava de roupas e fui até o armário. Apanhei uma calcinha, a calça jeans, uma blusa e lhe entreguei. Ela apontou para a gaveta e sussurrou para que eu pegasse um sutiã. Também lhe entreguei a peça e fui vestir minha roupa.

— E o pai, ele está bem?

Ela vestia a roupa com o celular apoiado no ombro. Com a calça jeans ainda aberta e sem camisa, corri para segurar o aparelho para ela.

— Certo, estou indo também.

Desliguei o celular e esperei, mas ela continuou se vestindo.

— Fraise, o que foi?

Ela jogou o cabelo para trás junto com um suspiro profundo e me encarou com olhos vermelhos e lágrimas.

— A Margie.... Ela tentou se matar.

25º Capítulo



CAPÍTULO 25

Erik

Chegamos ao hospital cerca de vinte minutos após a Fraise falar com a mãe ao telefone. Segurava firme em sua mão, quando chegamos ao *hall* da emergência, mas ela me soltou e correu para os braços dos pais. Não me aproximei, salvaguardando a privacidade e a dor da família, mas isso não diminuiu a minha agonia.

Bellanne estava nervosa, a escutei chorar por todo o caminho, agarrada a mim, sem que eu pudesse fazer nada além de acelerar a moto.

E agora, estava quieto em meu canto, mas atento ao menor sinal de que pudesse fazer algo pelos Fraise. Paulo Henrique me olhou e me cumprimentou discretamente, enquanto abraçava a filha.

Ana Maria seguia desconsolada, abraçada por uma senhora que eu não conhecia. E eu ali fiquei, como um cão de guarda, esperando que houvesse a menor oportunidade para aliviar a dor que a Fraise sentia.

Pensei em Mateo e no quanto eu ficaria desesperado se algo lhe acontecesse. Pensei em ligar para ele, mas era quase meia-noite e eu só iria

assustá-lo.

Alguém do hospital se aproximou do grupo e levou Bellanne e a mãe pela porta dupla. Paulo Henrique e a senhora que os acompanhava vieram em minha direção.

Ele novamente me cumprimentou com um pequeno menear de cabeça, quando enfiou as mãos nos bolsos e acercou-se. Me apiei. Estava visivelmente abatido, com olheiras profundas e as feições decaídas.

— Boa noite. O senhor quer que eu lhe traga um café, água... — Ofereci, tentando ser solícito.

— Não, meu jovem, obrigado. — Encostou-se na mesma parede que eu — Graça, este é um amigo da Bellanne, Erik. Graça é minha cunhada.

Ok, não gostei de ser chamado de "amigo", mas tudo bem, ele não tinha como saber que não éramos apenas amigos.

— É um prazer, senhora, apesar das circunstâncias.

A vi tentar sorrir, mas foi só.

— Ela está inconsciente, mas levaram a Bella para ver a irmã. — Paulo parecia me dizer que eu ficasse tranquilo, porque logo Bellanne voltaria.

Será que eu parecia tão perdido assim?

— E como está a Marjorie? Qual o seu estado?

Paulo Henrique suspirou, mas quem me respondeu foi a tia da Fraise.

— Estável. Fizeram uma lavagem gástrica, usaram o antídoto e, segundo os médicos, agora é observar como se comportará seu fígado. A sobrecarga foi grande. Vamos rezar para que tudo fique bem.

Assenti, tentando ser positivo.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? Vocês precisam de....

Fraise e a mãe passaram novamente pela porta e ela veio direto para mim. Abracei-a e deixei que chorasse em meu peito, sentindo-me grato por ter sido o escolhido para acalantar sua dor. Acariciei seus cabelos ao mesmo tempo em que cumprimentava solenemente a senhora Fraise. Os três começaram a conversar e eu me concentrei na Fraise, que começava a se recuperar.

— Ei, quer tomar uma água?

Ela assentiu e tocou na mão do pai, antes de nos afastarmos.

Levei Bellanne até uma das mesas mais reservadas do pequeno café do hospital.

— O que quer beber?

Ela ainda enxugava os olhos, se refazendo.

— Um expresso.

Meneei a cabeça, acariciando seu queixo.

— Certeza que não quer nada que alivie essa tensão?

Ela virou seus olhos lindos e molhados para mim.

— Nem um calmante me faria relaxar agora. A noite será longa ainda.

Sorrindo, beijei sua cabeça e fui pedir nossas bebidas. Enquanto aguardava na pequena fila, meu celular tocou. Era Mateo.

— Oi!

— Erik, desculpe te ligar, mas... Está tudo bem? A Mari está tentando falar com a Bellanne, mas não consegue. Uns amigos ligaram e parece que...

— Sim, houve um incidente com a irmã dela, mas já está tudo bem.

Enquanto Mateo explicava que foram acordados com mensagens dos amigos da Fraise, eu fazia o meu pedido ao rapaz do caixa. O fato de Mariana estar dormido com ele não me passou despercebido. O garoto era mais rápido do que eu.

— Mateo, fez compras? E insulina, tem suficiente? Já fez a medição hoje?

Ouvi seu riso e me perguntei se não estava exagerando.

— Comprei o necessário; tenho insulina para um mês e não, não medei nada hoje. São quase uma hora da manhã, Kivo!

Esfreguei os olhos, constatando que eu havia mesmo me perdido nas horas.

— Ok. Vá dormir.

Ele riu e, por fim, desligamos.

Bellanne

A cabeça pesava, mas já não sentia o embrulho no estômago e nem a sensação de sufocamento. Nunca havia sentido tanto medo na vida. Quando minha mãe me falou que Margie lhe pedira socorro, sentindo dores no estômago e confessando a overdose de paracetamol, fiquei desesperada. O medo de perder a minha menina me cegou. Foi bom ter Erik comigo nesse momento.

Ele sentou ao meu lado e colocou à minha frente um copo de água mineral e uma xícara de café fumegante.

— Está mais calma?

Ergui o olhar e encontrei seus olhos doces, preocupados. Ele estava comigo, era madrugada e ele estava comigo, cuidando de mim. Segurei sua

mão e levei-a aos lábios, beijando-a.

— Estou sim. Obrigada por ficar comigo.

Ele fez o mesmo com a minha mão e ficamos nos fitando bem de perto, um beijando a mão do outro.

— Onde mais eu estaria, senão com a minha namorada?

Me surpreendi, rindo contra a sua mão. Ainda estranhava essa novíssima condição.

— Ainda não me acostumei com esse título.

— Me parece bem natural. Quando a Margie receber alta, daremos uma festa e mandarei fazer uma faixa, para ser colocada da Barra ao Porto... — Com a mão livre, ele desenhava no ar a tal faixa — Bellanne Fraise é a namorada do Erik Lars.

Rimos juntos. Erik me encantava.

— Tenho fé de que Margie irá sair logo, mas podemos guardar essa faixa, tudo bem?

Erik estreitou os olhos, marotamente.

— Acha melhor *outdoors*?

Ri novamente e ele tornou a beijar minha mão.

— Veremos. Ela deve receber alta em dois ou três dias, segundo o médico. Só o tempo de verificar a extensão do estrago que a alta dosagem fez em seu fígado.

— Sabe porque ela fez isso? Há algo que se possa fazer para ajudá-la, Fraise?

O nível de fofura do Erik só aumentava. Contudo, algo me voltou à lembrança.

— Margie não disse nada, mas ninguém conseguiu encontrar o Anderson, o noivo da minha irmã.

— Sim, sim. Lembro de vê-lo na festa — Recordou, pouco antes que eu soltasse sua mão, então, peguei meu celular para fazer uma ligação e Erik me alertou. — É madrugada, ele deve desligar o celular...

— Não, Erik. — Acessei a agenda e liguei para o Anderson. — Há algo que você não sabe...

Enquanto tentava falar com o Anderson repetidas vezes, fui contando ao Erik sobre a bebedeira e desabafo do meu cunhado, no dia da despedida de solteiro.

— Na ocasião, achei que era apenas a bebida falando... — Desisti e desliguei o celular — Mas acho que pode ter alguma coisa a ver.

Erik me olhava com atenção, e antes de responder, tocou no meu copo de água mineral.

— Bebe a água, porque o café já deve ter esfriado.

Bebi um generoso gole de café, constatando que já estava realmente frio.

— Você quer fazer algo mais, além de ligar? — Erik afastou a xícara com o resto do café frio.

— Como ir à casa dele?

Erik meneou a cabeça.

— Se você quiser, vamos juntos.

Assenti e teimei em beber o restinho do café, mesmo frio, antes de tomar metade da água para rebater a cafeína.

— Vamos! — Me apressei. Queria olhar nos olhos do Anderson e saber exatamente o porquê da Marjorie ter cometido tamanha loucura.

Erik

Voltamos à sala de espera, e antes mesmo que nos aproximássemos, avistei os amigos da Fraise ao redor dos seus pais. Lucien, a amiga médica e o filho da mãe do Alex, o que havia dormido com ela há dois dias.

O que ele estava fazendo ali?

Eu estava de mãos dadas com Bellanne e, instintivamente, apertei sua mão. Ela me apertou de volta, como uma resposta.

Tatiana foi a primeira a correr para Fraise, dando-lhe um abraço. As nossas mãos seguiam presas, mas eu estava tenso, com os olhos grudados no Alex, que evitou me olhar. Aquele não era lugar e nem momento para uma indisposição, mas também não iria permitir que tomasse qualquer tipo de liberdade com Bellanne que, agora, era a minha namorada.

Furtivamente, vi Fraise sussurrar algo para Tatiana e a expressão da garota mudou instantaneamente. Soube que era algo referente ao Alex, pois ele e Tatiana trocaram olhares cúmplices e nada felizes.

Então, enquanto Lucien abraçava a Fraise, vi Tatiana enfiar o braço por baixo do braço do Alex, contendo-o. Observei tudo, cada movimento, cada olhar e quando finalmente nos encaramos, deixei bem claro que o domínio dele naquele terreno havia acabado. Ele pareceu entender. Que bom.

— Você está bem, Bell? — Alex a cumprimentou de longe.

— Sim, estou. — Respondeu educadamente.

Tatiana me olhava e senti que me avaliava. Então, Fraise se aninhou em

meus braços e a paz pareceu voltar ao meu peito.

Paulo Henrique se aproximou.

— Alguma mudança no quadro da Marjorie? — Perguntei.

Ele suspirou e me fitou. Via-se que precisava descansar.

— Vai ficar tudo bem. Agora, é só observar.

Aquiesci, enfiando as mãos nos bolsos, quando Fraise se desvencilhou de mim e foi ficar com a mãe. Dei uma última olhada para o Alex, queria lhe dizer para manter distância. Espero que meu olhar tenha sido aviso suficiente.

— Bellanne está querendo ir na casa do noivo da irmã. Eu não o conheço... O senhor acha prudente? — Antes que ele respondesse, arrematei — Óbvio que irei com ela.

— Ninguém consegue falar com ele. É preciso saber o que está havendo.

Ficamos em silêncio, mas senti que ele estava ponderando, como se quisesse dizer algo e estivesse pensando bastante sobre.

— Você chegou de viagem na sexta, não foi?

Olhei diretamente para o pai da Bellanne.

— Sim. Cheguei pouco antes da festa.

Ele mexeu as mãos dentro dos bolsos e balançou a cabeça, assentindo.

— Tanto tempo longe... Deve ser difícil controlar uma empresa como a Drakkar de longe, não?

— Não. Meu sócio, o Thomaz, ficou à frente de tudo.

Paulo sorriu, sutilmente. Parecia buscar aproximação, mas sem saber como fazê-lo.

— Deve confiar muito nele, e ele deve gostar muito de você.

Rimos discretamente do tom jocoso que usou.

— Sim, para ambos. Mas nos falávamos diariamente, às vezes mais do que uma vez por dia. Nos entendemos.

Ele me olhou nos olhos por dois segundos e então sorriu, apenas com os lábios esticados, sem nada mais a dizer.

Bellanne

Mamãe conversava com a tia Graça. Falavam sobre os procedimentos médicos da Margie e eu não quis me meter. Estava aborrecida. Além de toda apreensão, a Tatiana ainda inventa de trazer o Alex! Mal concluí o pensamento e minha amiga agachou-se ao meu lado, junto à mamãe.

— Bell, me perdoe. Só agora percebi que errei.

— Tatiana, tem semanas que terminei com o Alex e até agora você não entendeu? — Ela não sabia que havíamos dormido juntos há poucos dias.

— Não seria a primeira vez. Vocês sempre voltam.

— Tatiana, eu estou com o Erik. Imagina a confusão que isso poderia dar?

Ela baixou o olhar, engoliu seco, mas tornou a me fitar.

— É sério, esse seu lance com o Erik? Ele parece gostar de você.

Virei meus olhos para o homem mais lindo do mundo, ao lado do homem mais incrível da Terra.

— Sim, Tati. — Voltei a fitá-la. — Estou com o Erik pra valer. Eu e Alex não temos mais nada a ver.

Tatiana apenas assentiu, sem mostrar muito entusiasmo. Voltei a fitar a mamãe, chorosa ao meu lado, e pensei no Anderson. Eu precisava encontrá-lo. Assim, despedi-me da Ana Maria e fui falar com meus amigos, reunidos a um canto.

— Pessoal, agradeço o apoio de vocês, mas eu vou precisar encontrar o Anderson. Estou indo na casa dele agora.

— Vamos com você, Bell — Lucien se ofereceu.

— Não precisa, Lu...

— A esta hora, Bell? Eu vou com você. — Alex se aproximou, enfático, mas o fitei com censura.

— Eu vou com o Erik, Alex. Mas obrigada.

O vi abaixar o olhar furtivamente, mas logo recuperar sua pose.

— Tudo bem. Alex, pode me dar uma carona para casa? — Tati se adiantou em protegê-lo, como sempre. Desta vez, eu nem iria reclamar. Era melhor que se fossem mesmo.

Agradei novamente aos meus amigos e os acompanhei, para despedirem-se dos meus pais. Vi o olhar gélido que Erik trocou com o Alex e os cumprimentos quase inexistentes. Não poderia culpá-lo. Se ele houvesse dormido com outra há dois dias e eu a encontrasse, seria capaz de queimá-la com apenas um olhar.

Juntei-me ao Erik e ao Papai. Enlacei o braço do meu namorado, aninhando-me, e pisquei os olhos para o meu pai, dizendo-lhe que estava bem.

— O Erik estava me contando que você quer ir à casa do Anderson. — Meu pai me fitava daquele jeito que sempre fazia, quando na verdade queria me perguntar se eu tinha certeza do que estava fazendo.

— Sim. Alguém precisa contá-lo. Margie vai perguntar pelo noivo e, além do mais... — Olhei diretamente nos olhos do meu pai, me perguntando se ele também não saberia de algo. — Pai, vocês não fazem ideia do porquê a Margie fez isso?

— Ela não disse, Bella Anne, mas acho que eles não estavam bem.

Olhei para Erik, compartilhando com ele nosso primeiro segredo. Segurei em sua mão, buscando apoio, e me despedi de todos, antes de deixarmos a sala de mãos dadas.

Quando chegamos ao elevador, Erik passou a mão sobre os meus ombros e eu senti o mesmo conforto que se sente ao enrolar-se em um edredom quentinho numa noite fria. Deixei a cabeça pender em seu peito e aspirei seu perfume. E logo eu, que sempre fui tão independente, tão desapegada, me senti imensamente grata por tê-lo comigo nesse momento. Ele me bastava e era somente com ele que eu queria estar agora.

— Vamos ver o Anderson e depois vamos para o hotel. Vou cuidar de você, Moranguinho.

Sáímos do elevador ainda abraçados, e agarrada a ele atravessei a cidade, sem saber o que iria encontrar ou o que iria dizer ao Anderson.

26° Capítulo



CAPÍTULO 26

Bellanne

Já era a quarta vez que tocávamos a sineta da casa do Anderson. Isso, depois do Erik precisar usar de toda a sua diplomacia, a fim de convencer o porteiro de que era um caso urgente.

Quando enfim a porta rangeu e abriu, engoli todos os meus impropérios. Anderson estava em um estado deplorável.

— Anderson... Por que não atende a porra do celular? — O vi erguer a cabeça e olhar para o Erik. — Você sabe quem ele é, então, sai da frente. Não vou ficar nem mais um minuto dando showzinho no *hall*.

Meu cunhado empurrou a porta, liberando a nossa entrada. Erik o cumprimentou com um tímido "olá" e sentou-se no sofá, depois que lhe disse para ficar à vontade na casa que nem era minha.

— Espero que esteja bem acordado, quero toda a sua atenção.

Anderson parecia atordoado e o cheiro de álcool deixava claro que havia dormido embriagado.

— Caralho, Bell... Que horas são?

— Hora de você se plantar e me dizer o que houve entre você e a Margie!
— Joguei a bolsa sobre o mesmo sofá onde Erik estava sentado e parei na frente do Anderson, com as mãos na cintura. — Vamos! Desembucha!

Anderson bagunçou o cabelo ao mesmo tempo em que ajeitava o cós da calça de moletom. Estava sem camisa e ante aquele gesto tão displicente, revirei os olhos e olhei para Erik que, rindo, balançou a cabeça.

— Ah, Bell... Não dá mais, cara. Sua irmã pira a minha cabeça! — Ele passou por mim e foi para a cozinha, separada da sala por um balcão. — Ela ficou simplesmente insuportável depois que marcamos o casamento.

A Margie era insuportável desde o dia em que nasceu, mas era a minha irmã e eu não iria permitir que ele falasse assim dela.

— Cala a boca, Anderson! — O segui e apoiei as mãos no balcão, encarando os seus olhos por trás da garrafa de água que ele virava na boca. — Eu bem sei o que a Margie vem passando e nos fazendo passar, mas não é possível que você não consiga ser tolerante com ela.

— Tolerância é o que mais tenho tido. Sabe qual foi a última dela, Bellanne? — Recostou o quadril na pia, de frente para mim, com o balcão entre nós. — Não quer mais igreja, nem festa, nem nada! Diz que quer apenas o civil, porque nada vai dar certo, porque vai tudo ser um fiasco! Sem falar nas brigas diárias que temos pelos motivos mais ridículos!

Meu queixo caiu. Marjorie realmente estava louca.

Por alguns segundos fiquei sem fala. Olhei para trás e vi Erik com os antebraços apoiados nas pernas. A expressão completamente impassível. Nossos olhos se cruzaram e ele apenas piscou, me dando força.

— Ok... E por que essa mudança de planos? Ela sonhou com um casamento a vida inteira!

— Loucura! Como foi loucura ela toda hora mudar de igreja para capela e vice-versa. Como foi loucura ela trocar de cerimonialista três vezes. Agora, pronto... Troca de noivo!

Hein?!

Eu já deveria ter lhe dito o que Marjorie havia feito, mas sabia que no momento em que lhe contasse, acabaria a nossa conversa e eu não ficaria sabendo a raiz do problema.

— Ela terminou com você? — Contudo, meu corpo gelou quando vi Anderson abaixar a cabeça. Nesse momento entendi a merda toda. — Foi você, canalha, quem terminou?!

Anderson ergueu o rosto, surpreso e irritado, e no mesmo instante soube

que Erik estava atrás de mim, pois o olhar do Anderson subiu e ele respirou fundo, contendo-se.

— Terminei sim. Para mim, chega! Se ela é pirada, deveria se tratar. Por que seu pai mesmo não trata da filha?

Meu sangue fervia gradativamente.

— Anderson, você é um asno! Duas vezes asno! Meu pai é neurocirurgião, e se fosse possível, eu mesma pediria para ele implantar um cérebro em sua caixa oca!

Ele me olhava estupefato.

— Se acalme, Fraise. — A voz suave e segura soou atrás de mim. — Conte a ele.

Erik tinha razão. Eu precisava contar, mas ao mesmo tempo em que temia Anderson reatar o noivado apenas por piedade, também via nessa mesma piedade a recuperação da minha irmã. Precisei pensar rápido e decidir entre ser egoísta ou assumir que Marjorie precisava de ajuda profissional, e urgente.

Foda-se o altruísmo.

— Ela está internada. — Anderson me encarou de olhos arregalados, mas não pude encará-lo. — Margie ingeriu uma quantidade bem grande de remédios...

Toda a aflição, o desespero das últimas horas, voltaram ao meu peito.

— Merda, Bellanne, fala! — Anderson já estava no balcão, vociferando em meu rosto. Erik contornou o balcão, tocando no ombro do Anderson, ao mesmo tempo contendo-o e tentando acalmá-lo.

— Calma, amigo. Ela está bem. Saímos do hospital agora e ela está bem.

— Ela tentou se matar? Foi isso?!

Não tive mais condições de prosseguir. Imaginei a imensa agonia que se passava na cabeça confusa da minha irmã. Margie sempre fora insegura, ansiosa... E tudo isso parecia ter potencializado com o casamento. E no meio disso tudo, aquele que era seu esteio, simplesmente lhe tirava o chão.

Me afastei. Caminhei até o sofá e desabei com a cabeça entre as mãos. De repente eu tive um vislumbre da dimensão que tinha a dor da minha irmã. Ao longe, escutava Erik conversar com o Anderson, mas eu não os compreendia. Fui tragada para a escuridão da Margie e experimentei de longe algo que jamais na minha vida gostaria de viver: A puxada de tapete de alguém que amamos.

Enfiada até o pescoço nesse sentimento ruim, apenas voltei ao presente

quando vi Erik se abaixar na minha frente.

— Ei, amor... Toma, bebe um pouco. — Com sua voz sussurrada, ele me oferecia um copo d'água. Olhei ao redor, buscando Anderson, mas segurei o copo e bebi alguns goles. — Ele foi trocar de roupa. Vai para o hospital ficar com a Marjorie.

Respirei fundo e depois de colocar o copo no chão, me lancei nos braços do Erik.

Ele me abraçou apertado, acariciou meus cabelos e aqueceu meu coração.

— Vamos?

Anderson estava de pé, nos aguardando, pronto para ir ao hospital. Saímos juntos, mas antes que a porta do elevador se fechasse no *playground* do prédio, e Anderson seguisse para a garagem e nós para a moto estacionada na calçada, meu cunhado segurou na minha mão.

— Desculpe, Bell. Fui duro com você.

Eu balancei a cabeça, negando.

— Não. Eu fui dura com você. — Ele tentou sorrir, mas eu cortei o seu sorriso. — E serei ainda mais. Não terminamos nossa conversa, Anderson. — Respirei fundo e o fitei com um pouco mais de doçura. — Dá um beijo na minha irmã. Diz a ela que eu a amo muito.

Ele assentiu e partimos, eu precisava de acalento e ele de redenção.

Ainda me sentia muito mal, mesmo estando abraçada ao Erik, cortando as avenidas e retornando ao nosso paraíso. O que senti no apartamento do Anderson me deu uma ideia do quanto a positividade, a alegria e a força, ao contrário do que se pensa, podem ser frágeis, frente à solidão. E quando penso em solidão, não penso em estar sem companhia, mas em estar só. Todos nós ignoramos a Margie, vulgarizando seus temores, fazendo pouco caso dos seus chiliques, que nada mais eram do que pedidos de socorro.

Chegamos ao hotel e descemos na garagem. Subimos até o saguão em silêncio, de mãos dadas, dedos entrelaçados. Erik foi até a recepção, me arrastando com ele.

— Senhor, boa noite. Estou na *penthouse* 605 e mais cedo fiz um pedido. Por favor, poderia providenciá-lo para agora?

O homem respondeu polidamente, dizendo que o providenciaria para já, e fomos ao elevador.

— O que pediu, Viking? — Perguntei curiosa, enquanto me aninhava sob seu braço.

— Pedi *sushi* e algo para beber. O que acha de um banho quente na

banheira, para relaxar um pouco?

Ergui o rosto e me deparei com sua boca vermelha, irresistível.

— Acho perfeito.

Erik foi direto ao chuveiro e aproveitei para ligar para a mamãe. Graças a *Jah*, a Margie estava consciente e bem e o noivo estava com ela. As coisas pareciam caminhar e nos restava aguardar para nos certificarmos de que não havia sofrido nenhuma lesão.

Erik saiu do banheiro envolto em uma toalha pela cintura e me peguei admirando-o. Ele sequer precisava se esforçar para me acender. Tudo naquele homem me incendiava de forma imediata, simplesmente apagando a minha mente.

Ele me olhou de soslaio e sorriu.

— Admirando a paisagem?

— Sim, e pensando no quanto ainda irei me divertir nesse parquinho.

Ele riu e o som rouco foi reverberar entre as minhas pernas.

— Parquinho?! — Fez uma careta. — Primeiro fui subestimado em detrimento de um vibrador; e agora me chama de "parquinho"?

Me aproximei, segurando-o pela toalha e arranhando os dentes em seu queixo.

— Ok... Tem toda razão, *Mr. Disney*.

Sua língua começava a me invadir, me derretendo, quando tocaram à porta. Ignoramos, mas a sineta insistiu e Erik me deixou, quente como lava. Só me restou entrar no chuveiro e resfriar a caldeira.

Prendi os cabelos em um coque frouxo para não molhá-los e comecei lavando o rosto. Estava realmente cansada. Abri os olhos e ainda estava só. O banheiro era enorme, com uma bancada de duas pias, uma ducha moderna e uma hidro triangular junto à janela de vidro, que estava coberta por uma persiana branca. Erik havia ligado a água e a banheira estava quase toda cheia, espumante e perfumada.

Eu já estava terminando a minha ducha, quando Erik entrou no banheiro trazendo uma compoteira inox, suada de gelo, uma garrafa de champanhe rosé e duas taças.

— Gosta de óleo de banho? — Ele perguntou e eu fiz que sim, ao enxugar meu rosto e retirar o excesso de água do corpo. — Vi um frasco no armário do quarto.... Se importa de pegar?

Ele deixou a toalha cair e meu queixo foi junto. Seu pau estava em absoluta imponência, orgulhoso e petulante. Apenas murmurei um "não", e

me perdi admirando o Adônis que arrumava e servia as taças sobre o mármore da banheira. Sua bunda perfeita, redonda e forte, com saboneteiras suaves, as pernas torneadas, grossas e cobertas por pelos dourados que, eu sabia, eram bem macios.

Salivei e lambi os lábios, me perdendo em desejo.

As costas largas se abriam em asas e músculos, mas mantendo-se harmoniosa com o quadril e com os ombros arredondados. A Fênix chamava a atenção sobre a pele clara, embora ele estivesse levemente corado pelo sol de ontem.

Erik terminou de servir as taças e virou para mim, surpreso por eu estar lhe admirando. Meus olhos pararam em seu peito forte, com alguns pelos dourados. Não lembro dele ter dito que fazia musculação, mas em algum momento da vida esta deve ter sido sua atividade física, pois via-se músculos definidos, sem que seu corpo parecesse com o de um fisiculturista. Erik é um homem, no mais corpulento e saboroso sentido da palavra, do tipo que arranca suspiros e treme úteros, e o meu estava tendo convulsões naquele instante.

— Isso não é justo. — Disse, ao entrar na banheira e sentar-se, apoiando a cabeça no encosto de couro acolchoado. — Já é a segunda vez, em quinze minutos, que me come com os olhos e eu sequer tive essa chance.

Ele ergueu uma sobrancelha, repleto de uma autoridade excitante.

— Fraise, larga essa toalha e vai buscar o óleo, vai.

Eu sabia que ele queria era me ver andar nua e também desfrutar da visão. Jamais, em toda a minha vida, tive pudores, e não me fiz de rogada. Deixei a toalha cair e o fitei provocante. Caminhei lentamente, pé ante pé até a porta do banheiro e ali parei, lançando-lhe um olhar teatral e sedutor por sobre o ombro. Erik já estava recostado na banheira, mas ereto, com o lábio inferior preso entre os dentes e o olhar perdido entre a minha bunda e meus olhos. Sorri, me sentindo a *Jessica Rabbit* e achando graça em sua expressão de garoto que está observando a vizinha boazuda por trás da cortina.

Fui até o armário e encontrei um óleo de banho. Não conhecia o óleo, mas era obra do Lucien, e por isso, sabia que tinha a ver com putaria. Abri o frasco e o perfume delicioso me convenceu. Podia apostar que era afrodisíaco.

Erik

Ela foi buscar o óleo e eu voltei a me recostar, sentido quase todos os músculos relaxarem com a vibração da água. Estava de olhos fechados, mas com os ouvidos atentos, esperando que ela voltasse.

— Isso aqui é bom!

Ela entrou lendo o rótulo do óleo, completamente nua, sem o menor pudor, e eu gostei muito disso. Seus seios cheios, empinados, com uma marca de biquíni pálida ressaltando os mamilos castanhos; a cintura fina, contrastando com o quadril voluptuoso e as coxas grossas, lindamente torneadas. Eu amava a barriga dela. Não era chapada, como dizem. Era levemente sinuosa, feminina, denotando que ali havia um ventre fértil. Fraise era uma ode à feminilidade e à beleza. E eu era completamente dominado por esta deusa.

Ela entrou na banheira de costas para mim e eu não resisti, acariciei e apertei sua bunda lisinha, enquanto ela imergia na água. Recostou em meu peito e eu a prendi entre as minhas pernas.

— Viking, esse negócio aí não vai furar meu rim?

Eu ri da menção que fazia ao meu pau duro contra suas costas. O humor desta mulher me trazia luz.

— Só se for por dentro — sussurrei em seu ouvido, deixando-a mole, enquanto deitava a cabeça em meu peito.

— Seria insensível da minha parte dizer que quero muito isso?

— Não, amor... é excitante.

Peguei uma taça com champanhe e entreguei a ela. Meus olhos grudaram nos seios que estavam apenas metade submersos. A espuma avançava sobre nós, mas eu a afastava, deixando os seios livres para o meu deleite.

— Que delícia! — Ela saboreava a bebida e acariciava a minha perna. — Eu estava mesmo precisando disso.

— Está mais tranquila, Moranguinho?

— Estou sim, Viking. — Pode ser ridículo, mas até que eu me divertia e gostava, quando ela me chamava assim. — Falei com Ana Maria e está tudo bem por lá. O Anderson está com a Margie. E sobre isso.... Acho que te devo desculpas.

Peguei o óleo que ela havia deixado sobre o mármore e cheirei. Era realmente bom. Derramei um pouco em minhas palmas e as esfreguei. Bellanne vivia cercada de amigos e eu era também seu amigo naquele momento. Bem, ela precisava falar e eu queria ouvi-la. Massageá-la iria relaxar a nós dois.

Bellanne

Ele começou escorregando suas mãos grandes e untadas pelos meus ombros e braços, indo e voltando, fazendo uma leve pressão e me deixando mole. O pau duro em minhas costas estava me desconcentrando, mas insistimos em manter um diálogo.

— Não me deve desculpa alguma, Moranguinho.

Ele tocou em minhas costas, me indicando que afastasse um pouco, para que pudesse massageá-la. Suas mãos quentes deslizando, me tocando, estavam me excitando de uma forma completamente nova, sem arroubos, mas lentamente, fervendo sob minha pele, queimando meu ventre e fazendo minha boceta contrair e relaxar, consecutiva e involuntariamente.

— Eu me descontrolei. — Ele me puxou de volta contra seu peito e suas mãos tomaram meus seios. Gemi e fechei os olhos, deitando a cabeça em seu ombro. Aquilo era gostoso demais e Erik estava me levando a um lugar totalmente surpreendente para mim: o prazer prolongado e torturante. Arfei, antes de voltar a falar, murmurando — Quando o Anderson me disse que havia terminado com a Margie, imaginei como ela havia sofrido.

Ele apenas murmurou, mostrando que estava me escutando, mas seguiu me alisando inteira, suas mãos escorregando, oleosas, pelos meus seios e barriga. Meu sexo pulsava, ansioso pelo toque que ele me negava. Bebi um generoso gole de champanhe, molhando a garganta que estava seca.

— Ela sempre foi uma garota muito ansiosa, sabe? — Erik fazia movimentos circulares em meus seios, descia até o ventre e voltava, delineando a minha cintura. Eu me sentia vibrar inteira. — Sempre insegura, fosse por um trabalho de escola, fosse por ter feito alguma travessura.

— O seu oposto, suponho.

Seu riso mudo em meu ouvido me arrepiou.

— Somos opostas. Enquanto eu cabulava aula e fugia dos castigos da mamãe, Margie enchia-se de raiva por não ter coragem de fazer o mesmo, por esta necessidade que tem de ser admirada, ser a filha perfeita.

— E mesmo rebelde, você continuava tendo a atenção dos seus pais.

Suas mãos desceram novamente por minha barriga e alcançaram as minhas virilhas. Me segurei em seus joelhos e me abri, mas ele apenas fez uma leve pressão ali e voltou pelo mesmo caminho, seguindo pelas coxas. Arquejei, buscando ar.

— Viking, você está me deixando louca.

— Relaxe, meu Morango... — sussurrou e mordiscou minha orelha — Não está gostoso?

— Mais do que posso suportar. — Eu sentia como se fosse perder os sentidos a qualquer momento. Suas mãos possessivas tornaram a subir e agarraram meus seios, pressionaram meus mamilos, e eu me contorci entre suas pernas. — Erik!

Então, ele suavizou seus movimentos. Seu pau pulsava em minhas costas, eu podia sentir.

— E o que fez você ter essa empatia hoje?

As mãos, mesmo untadas, ainda eram um pouco grossas, e quando deslizavam pela parte interna das minhas coxas, me faziam dissolver.

— A decepção dela. Eu estava bem, mas quando ele disse que terminou com ela, deixando-a no olho do furacão... surtei. — Erik me torturava, descendo as duas mãos pelas minhas virilhas e pressionando minha boceta pelos lados, mas sem tocá-la. Quando me dei conta, estava cravando as unhas em suas pernas, quase levitando de excitação. — Me senti perdida, como se toda a minha força, minha dureza, fossem frágeis, ante algo tão terrível quanto a decepção.

— Sssss... — Ele sibilou ao meu ouvido. — Entendo você, mas passou. Essa tristeza não combina com você. Não vamos falar mais disso, tudo bem? Você é a mulher mais forte que conheço e, por isso mesmo, irá ajudar a Marjorie.

Suspirei, afundando em seu peito. A barba arranhava minha pele, quando me beijava a curva do pescoço. Ergui o rosto para encontrar a sua boca, mas ele apenas me deu um beijo suave, tornando a acariciar meus seios, já doloridos e sensíveis.

— Moranguinho, trouxe uma coisa para você.

Erik meteu a mão na compoteira de inox, sobre o mármore, e de lá retirou um morango gigante! Levou-o à minha boca e eu o mordi. Estava gelado, mas delicioso.

— Gostoso?

— Sim. — Respondi, antes de dar mais uma dentada.

Erik pegou mais dois morangos gigantes, um em cada mão, e quando pensei que fosse deslizá-los sobre a minha pele, ele simplesmente os esmagou, e com as mãos repletas do morango gelado e esmagado, Erik voltou a tomar meus seios.

Sobressaltei e arfei ao mesmo tempo, me contorcendo contra seu peito. O gelo contra a pele quente dos meus seios foi refletir diretinho na minha boceta, acendendo uma imensa lanterna vermelha e piscante, bem lá.

Erik esfregava as sementes, levemente ásperas, contra a minha pele, me lambuzando de morango, enquanto lambia meu ouvido, sugando-me o lóbulo. O contraste entre a água quentinha e o morango gelado me proporcionou sensações tão estranhas, quanto maravilhosas.

— Ah, minha Fraise.... Você é tão gostosa, tão perfeita... — Erik sussurrava e eu só conseguia gemer, frente às suas mãos esfregando as peles dos morangos sobre a minha pele hipersensibilizada. — Perfeita para mim, Bellanne Fraise.

Eu gemia baixinho, quase escorregando pela banheira, absolutamente lânguida de tesão e prazer. Erik tornou a pegar mais um morango gelado, mas desta vez, depois que esmagou o fruto, levou-o direto para a minha boceta, esfregando o morango esmagado e gelado contra o meu clitóris. Me agarrei ainda mais em suas pernas flexionadas dos meus dois lados e me abri para ele.

Erik fazia movimentos circulares, lentos e torturantes contra meu ponto mais delicado. E eu, que já estava em alfa de tanto tesão, me contorcia, sentindo meu ventre dar cambalhotas.

— Goza bem gostoso para mim, Moranguinho, goza... — Ele sussurrava dentro do meu ouvido, e com sua mão esquerda brincava com meu mamilo túrgido. — Vai, minha Fraise, adoro ver você gozando, choramingando de prazer, apertando essa bocetinha para mim.

Por *Jah!* Erik Lars falando sacanagem ao pé do meu ouvido era demais para mim. Desabei num orgasmo surreal, apertando as minhas coxas e prendendo sua mão em minha boceta, enquanto ele me estimulava mais e mais. Gemi alto e mandei que parasse, porque achei que fosse morrer. Ele largou o que restou do morango e mergulhou dois dedos profundamente em mim, massageando-me por dentro, e eu renovei o orgasmo.

Gozei esfregando-me no antebraço do Erik e mordendo a cabeça da Fênix, no alto do seu braço, toda trêmula e mole. Erik segurou em meu coque e ergueu a minha cabeça, capturando a minha boca com um beijo suculento, voraz e possessivo. Eu simplesmente amava quando ele me beijava assim.

Mal me recuperei e, sem pararmos o beijo, girei no meu eixo e me posicionei de frente para ele, deixando-o entre as minhas pernas, mas sem montá-lo. Apoiei as mãos nas bordas da banheira e empurrei meu peito contra

o dele, fazendo-o recostar.

— Que viking gostoso eu tenho aqui — sussurrei entre risos e contra sua boca, mas ele metia a língua entre meus dentes e eu não conseguia resistir a isso. Chupei sua língua e mordi seus lábios.

Suas mãos percorriam minhas costas e desciam, apertando a minha bunda com possessividade, metendo-se entre as minhas pernas. Ele estava em todos os lugares.

Agarrei seu pau submerso e o acariciei, arrancando gemidos do meu viking. O massageei lentamente, deslizando para baixo e para cima, sentindo seu calibre, sua pulsação e calor. E quando o deixei, troquei a mão pelos meus grandes lábios, continuando a massagem torturante.

Me apoiei em seus ombros e, enquanto subia e descia, roçando em seu pau, mas sem comê-lo, mordia seu pescoço, perdendo-me no desenho do maxilar até a orelha.

— Você gosta de ser malvado, não é, Viking? — Ele apenas murmurava e gemia, cheio de tesão. Então, me ergui, ficando de joelhos.

Erik abriu os olhos e me encarou. Segurei seus braços na borda da banheira, impedindo-o de me tocar, e fui descendo devagar, até que sua ponta apenas encostou em minha entrada.

Erik empurrava-se para cima, tanto para abocanhar meus seios, quanto para me penetrar. Eu escapava do pau, mas não da boca chupando meus mamilos.

Quem estava torturando quem, mesmo?!

E então, o prendi em meu olhar, mirando-o de cima para baixo, e comecei a minha pirraça: eu descia devagar até que a cabeça do seu pau entrasse em mim, o apertava com a boceta e depois subia, tirando-o de mim.

— Fraise... você vai para o inferno por isso.

Sorri e rebolei, com a cabeça do pau dentro de mim.

— Você vai estar lá, Viking, reinando e me esperando. Ficarei bem.

Erik prendeu o lábio entre os dentes e tentou me penetrar profundamente, mas fui mais rápida e saí. E eu, que achava mesmo que estava contendo o Viking, simplesmente virei uma boneca de pano, quando ele se soltou das minhas mãos, prendeu a minha cintura com um dos braços e, com um movimento rápido, derramando uma imensa quantidade de água por todos os lados, inverteu nossas posições, apoiando as minhas costas no encosto de cabeça e quase metade do meu corpo para fora da banheira.

Com a mesma ferocidade, Erik me penetrou fundo e de uma vez. Me deu

uma, duas, três estocadas violentas e fomos escorregando de volta à banheira. Eu estava sem ação, partida ao meio e gemendo feito uma louca, enquanto o ordinário mordida meu ombro.

Tornando a girar ao nosso eixo, voltei a ficar sobre ele e fui sendo guiada por suas mãos em minha cintura, me conduzindo na cavalgada, sendo tomada pelo costumeiro fogo, que sua invasão brusca gelava.

Erik me abraçou apertado e tomou minha boca, metendo-se todo em mim. Mergulhei a mão em seus cabelos e recebi sua língua, enquanto me esfregava inteira nele. Gozamos juntos, enlouquecidos, enquanto ainda nos beijávamos. O prazer iniciava em nossos sexos e terminava em nossas bocas, onde o gosto do morango ainda prevalecia.

Terminamos aquela noite de domingo na cama, fartos de *sushi*, exaustos e entrelaçados em pernas e braços. A despeito do susto e consequente agonia que sofri neste dia, sem dúvida, aquela fora a noite em que melhor dormi em minha vida inteira.

Amanheceremos em uma nova realidade, cada qual com a sua rotina, tocando sua vida. Eu posso apenas falar por mim: aquele não foi somente um fim de semana quente. Já tive outros finais de semana quentes — talvez não tão quente, mas já os tive. Acontece que naquelas tão prometidas 48 horas, aprendi muito sobre mim mesma e sobre o que quero para a minha vida. Aprendi que a minha paz tem um nome: Erik Lars.

27º Capítulo



CAPÍTULO 27

Erik

Descíamos o mesmo viaduto onde conheci Bellanne Fraise, mas desta vez, não havia congestionamento. Ela tinha suas mãos metidas por dentro da minha camisa, acariciando meu abdômen, enquanto eu cortava os corredores e desviava dos carros pela avenida.

Nosso pequeno interlúdio na suíte 605 me parecia uma eternidade, quando pensava no quanto a nossa relação havia crescido naquelas pouco mais de 48hs. Depois de ter dividido tantas refeições, de ter conversado sobre tudo e de conhecer o corpo da Fraise de tantas maneiras, deixá-la era uma alternativa pouco atraente. Na verdade, eu mesmo não via como uma alternativa.

Ela desceu da moto e eu a ajudei com a mochila que o Lucien havia comprado. O resto de nossas coisas seria entregue mais tarde, pelo hotel.

— Vou sentir sua falta. — Falei com sinceridade e ela sorriu, sacudindo o cabelo ao tirar o capacete.

— É um bom motivo para vir me ver, à noite.

Estreitei os olhos. Esperava que o convite fosse sério, pois não pensava em recusá-lo.

— É só me dizer a hora e o que quer para jantar.

Com seu jeito sedutor, e ao mesmo tempo carinhoso, Fraise se colou em mim e pendurou-se em meu pescoço.

— Nos falamos mais tarde.

Apenas assenti e fui direto para a locadora, devolver a *Ducati*. Talvez comprasse uma, só para ter o prazer de ter Bellanne grudada em mim daquele jeito, uma vez ou outra. Peguei um táxi para casa.

— E aí? — Batemos as mãos, uma na outra, quando Mateo abriu a porta de casa para mim. Ele usava apenas *shorts* e parecia assustado. — Está tudo bem?

Estava no meio da sala quando dei de cara com a Mariana usando uma *t-shirt* comprida. Meu olhar encontrou o do Mateo, e pela reação nervosa dele, achei que meu olhar havia sido duro.

— Desculpe, Erik. — Ele se adiantou em juntar-se à garota. — Não sabia que chegaria agora...

— Tudo bem, Mariana? — Ignorei a apreensão do meu irmão e tentei me redimir com a garota. — Já tomaram café?

Ela olhou de mim para ele e vice-versa.

— Ainda não.

Ergui a sacola de mercado que estava na minha mão e entreguei-a ao meu irmão.

— Mateo, faz um café para a gente? Vou tomar um banho.

Passei por Mariana sorrindo e fui para o meu quarto, torcendo para não encontrar a cama bagunçada. Por sorte, estava tudo como havia deixado há quase dois meses.

— Cara, me desculpe... — Mateo me seguiu até o banheiro.

Tirei a camisa e coloquei-a na tulha de roupas.

— Mateo... — Pousei a mão em seu ombro. — Está tudo bem. A Mariana parece ser uma boa garota, além de que é amiga da Fraise. Relaxe e vai fazer um café da manhã para a garota. Temos que conversar sobre você e a Drakkar, ok?

Ele apenas assentiu, visivelmente mais tranquilo, e me deixou. Tomei meu banho evitando pensar muito em Bellanne, no que ela estaria fazendo, se

também estava tomando banho... É óbvio que falhei na tentativa.

Quando voltei à cozinha, encontrei os dois sentados, rindo e comendo cereais, mas pararam de rir assim que entrei. Mariana evitava me olhar e me senti um verdadeiro tirano.

— Cereal integral, Teo?

— É sim, Kivo, integral.

Atravessei a ampla cozinha e me servi de café, na cafeteira. Então, sentei-me com eles à mesa.

— Mari... Posso te chamar assim? — Ela assentiu, sorrindo. — Não tem problema algum você estar aqui, ok? A casa é do Mateo também e você é muito bem-vinda.

— Obrigada, Erik. Eu estava mesmo nervosa, sem saber se você estava aborrecido por me encontrar aqui.

Sorvi o café extremamente quente, encarando a loirinha que parecia estar fazendo os dias do Mateo mais coloridos.

— Eu só tenho a cara de bravo, Mari, mas sou legal.

Ela sorriu, levemente envergonhada.

— Eu sei que é. Bellanne não se envolveria com você, se não fosse um cara muito legal.

Então, fui eu que corei.

— Acha que ela está envolvida? — Frisei a última palavra.

— Sem dúvida. Bellanne jamais passaria um final de semana inteiro com você, se não estivesse envolvida. Ela não faz o tipo que se apegam.

Ergui uma sobrancelha e ela pareceu se arrepender do que disse. Eu achei interessante, afinal, Fraise estava fazendo um caminho contrário comigo.

— Quero dizer... Ela não dá muito ibope para os caras, porque não é muito de se apaixonar, mas...

— Você acha que ela está apaixonada? — Observei Mateo e ele parecia estar assistindo a uma partida de *ping-pong*.

Mari me fitou e fechou-se um pouco.

— Não sei. Acho que só ela e o tempo podem dizer.

Assenti e mudei de assunto.

— Mateo, quero que trabalhe comigo na Drakkar. — Meu irmão engasgou com o cereal e precisou beber um longo gole de água. Esperei que se refizesse e retomei. — Sou sócio da Drakkar, você é meu irmão e estudou para administrar. Nada mais natural, não?

Bebi o resto do café, observando Mateo processar a informação.

— Eu vou gostar — disse, enfim, com um belo sorriso. — Já sabe o que irei fazer?

— Não. Vou me reunir hoje com Thomaz e os diretores. — Pousei a xícara no pires e limpei os lábios com um guardanapo. — Apareça na Drakkar à tarde. Mandarei um motorista te pegar às dez horas.

Vesti meu *blazer* e me despedi dos dois, mas quando já estava quase na porta, voltei.

— Ah! Daqui a pouco chegará uma senhora de nome Rita. Ela faz a limpeza do apartamento em dias alternados, e ela tem a chave da porta, portanto... Comportem-se.

Saí dando risada das expressões ruborizadas que deixei para trás.

Bellanne

Engolia uma torrada com geleia quando meu celular começou a disparar alertas do grupo que eu havia silenciado durante o final de semana: "As loucas", e sim, Lucien era o administrador.

"Corre! Reunião no QG às onze horas", Lucien havia escrito, mas vi inúmeras mensagens indiscretas da Letícia, perguntando sobre o Erik; tantas outras perguntando sobre a Margie; e me surpreendi com as perguntas da Tati, sobre como seguiria a minha relação com o Erik, após o final de semana atípico.

Definitivamente, eu precisava ter uma conversa com Tatiana. Vinha adiando há semanas, mas ela estava chegando a um ponto tal de abuso que, ou eu lhe dava uma "chamada", ou terminaríamos brigando.

Verifiquei a minha agenda *online* e havia mais compromissos a cumprir do que eu imaginava. Respondi ao Lucien, cancelando a minha presença no QG, que era a forma como chamávamos o restaurante onde nos encontrávamos há anos.

Penteei os cabelos com os dedos enquanto escovava os dentes, e passei meu batom vermelho da sorte, que ficou super bem com a blusinha de seda preta com flores coloridas salteadas.

Entrei no carro e peguei a avenida principal, aproveitando o congestionamento para checar novamente as mensagens: nada do Erik. Um frio estranho percorreu meu estômago. Será que para ele foi apenas um final de semana? Será que o pedido de namoro foi fruto do entusiasmo?

Ah, Bellanne, deixa de ser boba! Desde quando fica esperando pedidos

de namoro e ansiando pela ligação pós-foda de um homem?!

Joguei o celular no console e aumentei o som.

— Dane-se, Erik Lars!



Entrei no estúdio e estranhei a Mariana ainda não ter chegado. Abri as cortinas e me delicieei com a vista do lago, refletindo a luz do sol como pequenos cristais. Liguei o ar condicionado e o meu *notebook*. Mari costumava deixar meus compromissos em *post-its* na área de trabalho. Bem... não havia espaço vazio. Contudo, antes de "meter a mão na massa", precisava fazer algo importante.

— Mãe? Como vão as coisas? — Enquanto falava ao telefone, olhava as fotos da campanha Drakkar, veiculadas em uma revista eletrônica.

— Oi, filha. Sua irmã está bem e vamos para casa daqui a pouco. Estamos aguardando a alta médica.

— E o Anderson? — Eu ainda estava maravilhada com a beleza da campanha, mas havia algo estranho nas fotos. — Como eles estão?

— Ah, amor... Ele não saiu do lado dela um segundo sequer. Estão bem. Suspirei, mas não totalmente aliviada.

— Mamãe, sabe que precisamos conversar, não é? O que aconteceu com a Margie tem um motivo que precisa ser cuidado.

— É verdade, Bella. — Concordou, após um breve instante de silêncio.

Nos despedimos e lhe prometi visitá-las em casa, após o almoço. Quando desligava o celular, Mariana entrou na minha sala, toda apressada e falando como uma metralhadora.

— Me perdoe, Bell. Acabei perdendo a hora e eu deveria ter aceitado a carona do Teo, mas ele também já estava atrasado e não queria decepcionar o irmão no primeiro dia, daí eu ia pegar um....

— Freia, garota! Cadê as vírgulas e os pontos de seguimento?

Ela expeliu o ar com forma, enfim, tomando fôlego. Eu ri, embora ela estivesse merecendo uma bronca por não ter me avisado que atrasaria.

— Perdão... Foi tudo muito rápido.

— Te dou dez minutos para passar um café para nós duas e vir aqui me contar tudo! Estou com abstinência de fofocas.

Mari soltou um riso nervoso, ainda não havia relaxado. Mesmo assim, ergueu o polegar para mim e deu meia-volta, em direção à copa. Retornei aos meus *e-mails* e o próximo a ser lido tinha como assunto "Foi muito bom te encontrar", oriundo da revista *Surfer way*.

Tamborilei as unhas nos lábios, aguardando que a mensagem carregasse.

"Como vai?"

Não consegui dormir, por isso decidi escrever de uma vez. Adorei te encontrar. Sua fama te precede, como uma fotógrafa fenomenal, mas tive uma grata surpresa em conhecer sua simpatia e simplicidade. Gostaria que trabalhássemos juntos. O que acha de um almoço, para conversarmos sobre esta possibilidade?"

Com imensa admiração,

Michel Fontes, Adm Revista Surfer Way"

— Bell, a Senhora Danneman me ligou o final de semana inteiro. Ela queria falar com você sobre uma sessão de fotos em Paris. Disse que você já sabia...

— Já ouviu falar de Michel Fontes, da *Surfer Way*, Mari?

Ela colocou nossas xícaras sobre a mesa e sentou à minha frente.

— Não é o dono da revista? Ele é um *playboy*, figura fácil nas revistas de celebridades. Por quê?

Humm... Aquela poderia ser uma excelente proposta de trabalho, mas também uma cantada barata, portanto, problema.

— Ele está me propondo trabalho. — Observei Mari. Queria "pescar" mais alguma informação, mas ela apenas assentiu e levou sua atenção ao café. — Ok, vou acertar com a senhora Dannemam para irmos a Paris após o casamento da Margie. Serão apenas dois ou três dias. Quem sabe o Erik não vai comigo?

— Por falar em Erik Lars... O vi hoje de manhã. — Ergui meus olhos e uma sobrancelha para Mariana Nogueira. — Ele chegou quando tínhamos acabado de acordar e quase morro de vergonha, mas ele foi legal. Inclusive, Mateo irá trabalhar com ele, na Drakkar.

Eu estava adorando ter uma nova e rica fonte de informações, mas precisava ser profissional. Por isso, cortei o assunto sutilmente e Mari concentrou-se nas entregas das fotos compradas na exposição.

Passei o resto da manhã respondendo aos diversos *e-mails* e nem cheguei

perto de esvaziar a caixa de mensagens. A proposta do Michel ainda ardia em minha cabeça, mas como ambição nunca foi um dos meus atributos... Decidi apenas respondê-lo educadamente.

"Olá, Michel. Agradeço imensamente os elogios e o convite. Contudo, no momento não disponho de qualquer data favorável. Podemos voltar a conversar na semana que vem? Agradeço novamente a sua gentileza."

Rápida, estéril e indolor.

Erik

— Bom dia, Flávia... Ana Paula.

Passei pelas duas como uma flecha e vi a Flávia se apressar em me seguir. Consegui dar uma olhada em minha caixa de correio enquanto estava no elevador e o teor das poucas mensagens que vi me assustou. As duas lojas de Paris, administradas por uma equipe muito competente, estavam apresentando alguns problemas. Elas eram responsabilidade minha e eu deveria ter passado por lá, na volta ao Brasil.

— Bom dia, senhor Lars. — Flávia seguia de pé, enquanto eu ligava o *laptop* e acessava a minha agenda.

— Peça ao Thomaz que se reúna comigo assim que possível, marque uma reunião com a diretoria logo após o almoço e quero um relatório com resumo das atas de cada reunião que ocorreu na minha ausência, bem como os balanços dos últimos seis meses das lojas de Paris. — Ergui a cabeça para encontrá-la de olhos arregalados. — O resumo das atas você pode me entregar amanhã.

Ela assentiu enquanto fazia anotações.

— Senhor Lars, o senhor Orlosson ainda não chegou, mas assim que ele entrar, darei o seu recado.

Não lhe respondi. Meus olhos começavam a vasculhar as mensagens no *e-mail*.

— Mateo Lars chegará em breve. Faça-o entrar em minha sala a qualquer hora. Por enquanto é só.

Pelo canto dos olhos a vi deixar a sala e respirei fundo. Eu tinha tudo sob controle. Mantive os olhos atentos até mesmo de *Copenhague*, e Thomaz me disse que estava tudo bem... Então, meus olhos bateram no *e-mail* da

assessoria de comunicação e eu entendi. Um *clipping*, contendo notas de jornais parisienses que apontavam para pequenas, mas incômodas, manifestações nas portas da Drakkar. Eram militantes que acusavam a Drakkar de utilizar tinturas tóxicas, e supostamente cancerígenas, na coleção de outono.

Isso é um absurdo!

Não fabricamos todas as roupas, mas nossos fornecedores são indústrias severamente vigiadas por órgãos de controle e todas elas são obrigadas a nos apresentar selos de qualidade periódicos, selos estes que são dificílimos de adquirir. Não pagamos fortunas a estas indústrias à toa!

Quando já pegava o telefone para falar com Flávia, ela entrou na minha sala acompanhada da copeira, que me trazia café e água.

— Flávia, por favor, convoque uma reunião com a assessoria de comunicação ainda hoje. É urgente.

— Ok, senhor Lars. Trouxe um café para o senhor. Deseja mais alguma coisa?

Agradecido, disse-lhe que estava bem, enquanto aceitava a xícara de café que a copeira me oferecia.

Naquela manhã eu afundei em trabalho e só parei no final desta, quando Thomaz e Mateo chegaram, juntos.

Numa reunião rápida, coloquei Thomaz a par da situação de Paris e decidimos alocar Mateo para nos ajudar na área de administração das lojas de Paris, ao menos até apagarmos o "incêndio". Quando Flávia entrou na minha sala com o almoço que sequer havia lembrado de pedir, fiquei mais uma vez grato. Ela era uma secretária, de fato, eficiente.

— Senhor Erik, gostaria que lhe agendasse uma sessão de massagem para a noite? Conheço um *Spa* aqui perto e eles trabalham muito bem.

Era evidente o meu estresse, mas tudo o que eu precisava era uma ou duas horas com Bellanne.

— Não, Flávia, obrigado. Poderia reservar uma mesa em um restaurante japonês que fica no caminho para orla? Não sei seu nome, mas se ligar para a assistente da senhorita Bellanne, ela saberá dizer. É o preferido da Fraise.

Também foi evidente a mudança de humor da Flávia. Olhei sério para ela. Era só o que me faltava, ciúmes de uma secretária para quem eu jamais dei esperanças.

Ela pediu licença e me deixou sozinho. Foi só então que tive tempo de pegar o celular e escutar a voz rouca e sexy da minha Fraise.

Contava-lhe vagamente sobre o problema em Paris e ela me escutava com a maior paciência.

— Ai, Erik... Eu sinto muito. Ainda bem que você tem o Mateo agora, para te ajudar nessa questão.

— É sim. Mas e a sua manhã, como foi?

— Intensa. Estou indo para a casa dos meus pais, conversar com a Margie. A sua voz me remetia diretamente ao nosso fim de semana. Queria voltar àquela manhã de sábado, deitado com ela no *futon*, na área da piscina, com aquela brisa e o som da sua risada.

— Te pego que horas, Moranguinho?

A escutei sorrir.

— A hora que quiser, Viking. Só me avise antes.

— Tudo bem. A partir das sete, então.

Nos despedimos e tudo parecia estar mais claro ao meu redor. Sem dúvida alguma, Bellanne Fraise me fazia um homem melhor.

Bellanne

Quando cheguei na casa dos meus pais, encontrei um clima muito melhor do que eu esperava. Meu pai não estava, mas a mamãe e Margie conversavam animadamente, com Anderson esticado na poltrona do quarto da minha irmã, rindo com elas.

Quando cheguei na porta do quarto, eles pararam, mas ainda sorriam quando viraram-se para mim.

— Bell! Vem cá!

Marjorie parecia que havia chegado de uma cirurgia para implante de silicone mamário, tal a sua alegria, e não de uma tentativa de suicídio. Me aproximei da cama, achando tudo muito estranho, e sentei na pontinha do colchão, segurando sua mão.

— Como você está, *baby*?

Ela me fitou com um brilho no olhar e o sorriso meigo.

— Estou ótima! E você... Soube que está num relacionamento sério com o bonitão da Drakkar. Ele vai para o meu casamento, não vai? As minhas amigas não vão acreditar!

Olhei para a minha mãe e para Anderson, e todos pareciam ter esquecido que ela tentou se matar. Será que apenas eu achava aquele clima de "nada aconteceu" muito estranho?

— Provavelmente, Margie. Ainda não falamos sobre isso...

— Bell! Ligue para ele agora e fale, vamos! — Ela pegou o próprio celular e me ofereceu, quase eufórica.

— Eu vou encontrá-lo à noite e falo pessoalmente, tudo bem?

Margie estreitou os olhos, fazendo biquinho.

— Olha, amor, a Bell já está querendo escorregar. — Anderson não se manifestou. — Deveria ter nos dito antes, que estavam juntos. Ele poderia ser o seu par como padrinho, não é amor?

— Margie, eu acabei de conhecer o Erik e você sequer o conhece. Padrinho e madrinha são coisas sérias.

E ela começou a dissertar sobre o quanto se ter empatia com os padrinhos é importante e tal e tal.... E eu fiquei observando a minha mãe radiante de felicidade, e Anderson concordando com tudo. Será que tinham realmente se entendido e ele estava, enfim, feliz?

Fiquei mais alguns minutos com eles e depois pedi a mamãe que me fizesse um dos seus preciosos *capuccinos*. Fomos sozinhas para a cozinha.

Sentei no banco da ilha da cozinha e observei a minha mãe colocar a cápsula na cafeteira. De costas para mim, ela executava tudo no maior silêncio e eu estudava seus movimentos.

— O papai está na Universidade?

— Está, anjo. Ele precisava se reunir com um dos seus orientandos, mas logo estará de volta. Seu pai concordou em tirar uns dias de licença das aulas.

— Que bom. Fará bem à Margie ter vocês em casa.

Ela se virou e colocou uma xícara fumegante sobre a ilha, sentando-se de frente para mim.

— Ah, sim! Você deveria passar uns dias conosco também.

Eu sei que deveria ficar calada. Sei que deveria entrar no jogo e deixar o rio correr da maneira como eles queriam. Sei que deveria seguir com a minha vida, mas se eu fizesse isso, estaria indo de encontro à minha natureza.

— Eu não sou boa atriz, mamãe.

Ela apenas ergueu o olhar.

— O que quer dizer com isso, Bellanne?

— Vocês ao menos conversaram com ela? Perguntaram por que ela fez o que fez? Aconselharam-na a visitar um psiquiatra? Ao menos se importaram com isso?

— Ela está bem, não está vendo? Ela fez o que fez porque o Anderson terminou com ela. Agora que estão juntos novamente, tudo voltou ao seu

lugar.

— Mãe, não é normal alguém tentar se matar porque terminou um relacionamento. Pode até ser comum, mas definitivamente não é normal. A Marjorie precisa de ajuda. E mais... Eu sei que praticamente obriguei o Anderson a voltar para a Margie, mas alguém se perguntou se ele está feliz?

Ela simplesmente parou a xícara no meio do caminho para os lábios e depois de um tempo, voltou a pousá-la no pires.

— Ele te pareceu triste, Bellanne?

— Você olhou para ele, mamãe? Ou só enxergou a falsa felicidade da Margie? Este é o seu problema, Ana Maria Fraise! — Debrucei sobre a ilha e bati a ponta do indicador na madeira fosca da mesa. — Se aparenta estar bem, então está bem. As coisas não se definem pela aparência, mãe!

Ana Maria franziu o cenho e empertigou a coluna. Estava pronta para o ataque.

— Não admito que fale assim comigo, Bellanne! Ainda sou sua mãe!

— É justamente por isso que digo! Se não amasse tanto vocês, não me importaria em abrir os seus olhos. — Abaixei a minha voz, pois começava a me alterar — A Marjorie precisa de ajuda, e se nem você e nem o papai disserem isso a ela, eu direi!

— Não se atreva, Bellanne! — Ela havia levantado do seu banco, então, respirou fundo e ponderou. — Deixe que o casamento passe, por favor.

— Ok, deixemos o casamento passar e se o Anderson a abandonar um mês depois, a gente reza para que ela use aspirina e não cianureto. É assim que será?

— Ei... O que está acontecendo? — Meu pai estava de pé na porta da casa, segurando um saco de mercado e as chaves de casa. — Vocês estão brigando?

Me afastei e peguei minha bolsa e minhas chaves sobre o sofá, sem nem olhar novamente para a mamãe.

— Já terminamos, papai. Depois te ligo e a gente conversa. Dá um beijo na Margie.

E saí sem ao menos beijar o meu pai. Eu não iria mesmo compactuar com aquele teatro!

Saí de casa com lágrimas nos olhos e o coração apertado. Odiava brigar com a mamãe, mas eu simplesmente não consigo ir contra a minha natureza. Não consigo ver as coisas e me calar. Dirigia repleta de frustração e raiva de mim mesma. O semáforo fechou bem na minha hora de passar.

Maldição!

Respirei fundo e bati os olhos no outdoor à frente. Era da Drakkar, mas havia algo estranho na negra linda que caminhava com o ar petulante na propaganda... Havia algo...

— Caralho! — Meus olhos estavam arregalados e senti gosto de sangue na boca! — Filhos da puta!

Eles alisaram a porra do cabelo da garota! Eles usaram um caralho de uma edição grotesca na porra da minha foto!

28º Capítulo



CAPÍTULO 28

Bellanne

Parei o carro no acostamento e desci com os olhos grudados no outdoor. Não era apenas o cabelo da garota, eles haviam mexido em suas curvas, em sua altura... Lembro dela ser mais cheinha, mas curvilínea. Minhas mãos tremiam quando peguei o celular do bolso da calça e fotografei o outdoor. Tudo o que eu conseguia pensar era que havia sido uma condição não negociável. Havia deixado bem claro que não admitiria manipulações desnecessárias em meus trabalhos. Estava no contrato!

Disquei o número de chamada rápida e aguardei.

— Oi, Jezebell!

— Luciano, quem autorizou a edição nas minhas fotos? — Dois segundos depois ele ainda estava mudo e eu não tinha mais muita paciência. — Luciano, merda, responde... Quem autori...

— Não sei, Bell. De que edição você está falando?

Afastei o telefone do ouvido e mandei-lhe a foto do outdoor.

— Esta edição. Você sabia disso, Luciano?

Ele demorou a responder e imaginei que estivesse olhando a foto.

— Bell... Não faço ideia de como isso foi acontecer... Tem certeza de que...

— Nem vou te responder, Luciano. Conheço muito bem cada uma das fotos que fiz em minha vida. — Respirei fundo, tentando conter a ira. Andava de um lado para o outro no acostamento, sentindo o estômago doer. — Não vou aceitar isso. Estou me lixando para a grana que gastaram nas porcarias dos outdoors... Quero todos fora! E mais... Estou indo agora mesmo na Drakkar.

— Espera! Bellanne, espera! O que vai fazer?

Eu já entrava no carro.

— Quero explicações. Quero quebra de contrato, quero indenização, quero a porra toda!

— Calma, Bell! Não pode fazer isso! Primeiro vamos entender o que aconteceu.

Bati no volante com força.

— Entender o quê, Luciano?! Não está óbvio? Alguém autorizou a porra da agência a fazer justamente aquilo que mais fui contra! O que você não entendeu?

— Olha... Onde você está? Eu vou aí. Me espera... Já estou saindo de casa.

— Estou indo para a Drakkar, Luciano. — Coloquei a ligação no viva voz do carro e liguei a seta para sair. — Quero que olhem na minha cara e digam quem autorizou. E quero fora de circulação todas as peças editadas.

— Bell, vamos com calma, tá? — Eu escutei uma porta bater. Ele estava mesmo saindo de casa. — Você está coberta de razão, mas não pode chegar lá querendo matar as pessoas. Desse jeito, vai perder a razão.

— Posso até perder a cabeça, Luciano, mas não a razão. Vou meter um processo tão grande, que irão pensar duas vezes antes de alterar até o cardápio de casa!

— Bellanne Fraise, tem ciência de que está falando da empresa do seu homem?

Eu não havia esquecido disso, óbvio, mas escutar a sentença em voz alta fez meu cérebro chacoalhar. Freei em cima da faixa de pedestre, no mesmo instante em que o semáforo acendia a luz vermelha.

— Eu sei, Lucien. Mas sendo ou não "meu homem", Erik Lars terá que se explicar e, se for o caso, arcar com as consequências. O fato da gente trepar não muda a minha vontade de esmagar quem fez essa merda.

Quando engatei a primeira marcha e arrastei, já respirava melhor, mas estava astronomicamente longe de me acalmar.

— Encosta esse carro, Bell, vamos conversar antes...

— Lucien, já estou na avenida da Drakkar. Tchau!

Meti o dedo na tecla e desliguei o telefone. Ele tinha cerca de cinco minutos para tentar me impedir e tanto ele, quanto eu, sabíamos que não iria conseguir.

Erik

No exato instante em que vi Bellanne atravessar o *hall*, sabia que havia algo errado.

Eu estava em uma reunião com o Thomaz e mais dois diretores, e a vi através da parede de vidro. Estava linda, como sempre, e seus passos eram elegantes e decididos. As pessoas a olhavam com admiração, mas ela sequer as notava. Mantinha o semblante altivo e quando, repentinamente, seu olhar cruzou com o meu, me arrepiei. Sim, havia algo de muito errado.

Bellanne sumiu do meu campo de visão, indo na direção da presidência e um minuto depois meu celular vibrou. Era uma mensagem dela:

"Sua secretária deixou claro que não deveria interrompê-lo, mas eu quero deixar claro que o meu assunto é bastante sério. Estou na sua sala."

Meu estômago revirou e um milhão de coisas ruins passaram em minha mente. Estávamos terminando a reunião e apenas o Camilo ainda falava sobre as reações dos funcionários, com relação ao novo plano de cargos e salários que iríamos implantar.

— Senhores, sei que já resolvemos tudo da pauta, então, precisarei me retirar antecipadamente. — Dirigi-me ao Thomaz: — Tom, antes de ir embora, passo na sua sala, tudo bem?

Ele assentiu e eu saí depressa. Temia que fosse algo com a irmã da Fraise, mas quando abri a porta da minha sala, vi que em seu rosto não havia preocupação, mas raiva.

— Ei... O que houve? — Tentei parecer calmo e assim, acalmá-la também.

Me aproximei, mas antes que pudesse beijá-la, Fraise escapuliu de mim.

— Quem está tratando das coisas com a agência de publicidade, Erik? Você ou o Thomaz?

Eu nunca a tinha visto tão fria, nem mesmo na ocasião em que nos conhecemos e nos hostilizamos. Não gostei nada disso.

— Por quê?

Ela virou-se para mim e colocou as mãos na cintura.

— Pode apenas responder?

Fraise tinha uma sobrancelha erguida e, sem querer, acabei fazendo o mesmo. Bellanne estava completamente armada, distante, seca. Estava claro que se tratava de algum problema muito sério e temi responder à sua pergunta. Queria saber do que se tratava, antes de meter o Thomaz em uma enrascada.

— O que houve? — Me aproximei com cuidado, mas ela tornou a caminhar para longe de mim, evitando meu toque.

Observei seus sinais: olhar duro, maxilar travado e um ar de superioridade que, devo confessar, me excitou.

— Foi você, Erik? Foi você quem autorizou a agência a fazer aquela droga?

Ah, não! Que tipo de merda o Thomaz havia feito?

— Não sei do que está falando... Mas não, Fraise... Não autorizei nada para a agência de publicidade. — Enfie as mãos nos bolsos da calça e abri as pernas, buscando minha base. Tentei fitá-la diretamente, mas ela me olhava com tanta severidade, que acabei abaixando os olhos para o chão, furtivamente. — Quem cuida das coisas com a agência é o Tom. Agora pode me dizer o que houve?

Ela se aproximou e seu perfume me invadiu. Me fitou com o olhar tão frio, tão distante... E tudo o que eu queria era beijá-la.

— Olha isso. — E me estendeu seu celular. — Ele autorizou a manipulação na minha foto! Ele não podia ter feito isso!

Olhei o nosso *outdoor* estampado na tela do seu celular. Para mim, parecia tudo normal, mas se ela dizia que havia algo estranho ali, eu acreditava. Fraise tomou seu celular de volta e virou as costas para mim, assemelhando-se muito a uma fera enjaulada, lutando para conter sua raiva, mas sem muito sucesso.

— Calma, Fraise. Deve haver alguma explicação.

Ela rodopiou de volta e quase esbarrou em mim, seu rosto a centímetros do meu e todo meu corpo estremeceu na vontade de tomá-la.

— Calma uma ova! Eu deixei bem claro, Erik Lars, deixei em contrato que não admitia manipulações! — Fraise me olhou tão profundamente, que

fez com que minha respiração parasse na garganta, e quase soletrou para mim: — Eu não aceito manipulações.

— Fraise... — Ela me deixou sem fôlego. Como podia ficar ainda mais linda com raiva? — O Thomaz não faria algo assim. Não quebramos contratos. Deve haver algum mal-entendido, mas vou descobrir o que...

— Vamos, Erik! Nós vamos descobrir. — E tornou a se afastar, sentando-se em frente a minha mesa. — Não saio daqui até que encontre o culpado.

Eu apenas estava conhecendo Bellanne Fraise, mas poderia dizer que ela não estava brincando. A mulher à minha frente, para além de sua beleza estonteante e do tesão que estava me dando, era de uma personalidade sem igual. Um furacão com um poder de destruição respeitável, letal. E era evidente o quanto estava se contendo.

Agachei-me à sua frente, deixando-a olhar-me de cima, quis mostrá-la que eu estava ali para servi-la, para ajudá-la. Pousei as mãos em suas coxas e as acariceei bem sutilmente. Ela desceu os olhos até os meus e os manteve ali, presos, fixos e austeros.

— Você pode ficar o quanto quiser, Fraise. Vamos saber o que aconteceu e vamos resolver, está bem? — Eu falava com calma, tentando também acalmá-la.

Estava coberta de razão e eu estava realmente disposto a esclarecer tudo, mas precisava que se acalmasse e confiasse em mim.

Bellanne continuava muda, apenas me encarando e eu me senti diminuir, quase encolher.

— Não me trate como criança, Erik. Estou muito puta da vida e quero ver o Thomaz.

Engoli seco, buscando palavras que não a inflamassem mais.

— Não foi a minha intenção tratá-la como criança. — Toquei suas mãos e a vi tremer os cílios. — Apenas quero que fique calma e confie em mim. Vamos resolver tudo.

Ela continuou a me encarar, mas quando seus olhos desceram para minha boca, acompanhando as minhas palavras, minha excitação elevou. Foi impossível não fantasiar. Eu poderia tê-la ali, sobre a minha mesa, com o pôr do sol sobre nós e a cidade aos nossos pés.

— Então, chame o seu sócio e o André. Sei que ele tem montado aqui um braço da sua agência. — Fiquei feliz por perceber sua voz um pouco mais serena. — Vamos resolver isso de uma vez.

Sustentei meu olhar no dela. Era de longe a mulher mais maravilhosa que

eu já havia conhecido e eu queria dizer-lhe isso, mas pareceria cafajeste demais, fazer isso exatamente agora. Quando engoli cada uma das minhas palavras, o telefone tocou. Levantei e fui atendê-lo.

Era a Flávia, anunciando a chegada do Thomaz.

— Deixe-o entrar. Também ligue para o André, mas apenas diga-lhe que venha e que aguarde na sala de espera, está bem?

O olhar de Bellanne estava o tempo inteiro sobre mim. Sentei em minha cadeira e a encarei de volta. Havia tantas emoções, tantas coisas naquele mel esverdeado, que prazerosamente, ficaria um dia inteiro decifrando-o. Em cada raja esmeralda vi passar a raiva, a desconfiança, a indignação e, por fim, o desejo. Sim... Ele também estava lá.

— Com licença...

Thomaz surgiu pela porta, exibindo um sorriso que foi se desfazendo rapidamente.

— Está tudo bem? — Perguntou desconfiado.

Bellanne levantou-se e encostou o quadril na minha mesa, ficando exatamente entre eu e Thomaz. Julguei que fora proposital, para cortar uma possível comunicação.

— Você ordenou que manipulassem as minhas fotos, Thomaz?

Levantei, enfiei as mãos nos bolsos, porque não sabia o que fazer com elas, e caminhei até eles, ficando ao lado dos dois. Queria que ela me visse, quando me dirigisse ao meu amigo. Thomaz me olhou e parecia perdido.

— Tom, houve alguma ordem, daqui da presidência, para efetuar alterações nas fotos da campanha?

Eu sabia que ele havia compreendido a pergunta da Fraise, mas ratifiquei-a na intenção de lhe dar um tempo. Queria a verdade tanto quanto a Fraise, mas Thomaz era meu amigo e sócio, e merecia certo crédito.

— Não! Claro que não! — Tom encarou Bellanne. — Está em contrato, Bellanne. Jamais quebraríamos um contrato!

Fraise puxou o ar e cruzou os braços sobre o peito.

— Alguém ordenou, Thomaz. Manipularam as fotos e foi com ordem de alguém. Se não foi você ou o Erik, quem foi?

Respirei aliviado, pois ela parecia mais branda, embora ainda estivesse claramente furiosa.

— Eu.. Eu não faço ideia, Bellanne.

Enquanto Thomaz tentava se situar, contornei a mesa e, pelo telefone, pedi que Flávia deixasse o André entrar.

— A coisa é bem clara, Thomaz: Há outdoors por toda a cidade e, muito provavelmente por todo o país, exibindo uma foto minha toscamente manipulada. Quiçá mais de uma.

Meu amigo estava com a boca aberta, sem palavras, e seus olhos dançavam entre mim e a Fraise. Estávamos realmente encrencados e sem respostas.

— Boa tarde. — André chegou entusiasmado e dando leves tapinhas nas costas do Thomaz. Me fechei, estranhando sua expansividade.

— Oi, Bell! — André se adiantou para beijá-la, mas ela colocou a mão em seu peito, detendo-o e virou o rosto, constrangendo-o.

Eu quis socá-lo. Ah, se quis! Será que não conseguia manter uma relação profissional, com tratamento profissional?!

— André, boa tarde. — Estendi a mão para apertar a dele, e o fiz com firmeza, olhando em seus olhos. — A sua agência veiculou uma imagem que nos custará grande dor de cabeça e embaraço... Quem a autorizou?

Ele franziu a testa e buscou o apoio de Thomaz, mas este estava tanto ou mais perdido que o próprio André.

— Será que houve outra manipulação, além do outdoor, André? — Bellanne o encarava friamente, e esta frieza também estava em sua voz. — E você está se perguntando de qual estamos falando?

Bellanne havia descruzado os braços e agora apertava a borda da mesa, enquanto fincava seu salto finíssimo no carpete.

— O outdoor? — André riu, com evidente tensão. — Está falando do outdoor com aquela garota negra?

Fraise ergueu-se, ficando de frente para o André. Eu gelei, temeroso pelo o que poderia acontecer ali.

— Estou falando da sua pachorra em meter a mão no meu trabalho! Quem deu autorização?!

As feições do André mudaram completamente e meu alerta acendeu.

— Olha essa boca, Bellanne Fraise. Não é porque está de casinho com o Lars que pode falar o que quer.

E tudo aconteceu rápido demais!

Bellanne caminhou até o André. Imediatamente, me aproximei, temendo que André tomasse qualquer atitude agressiva contra ela. Eu não sei o que seria capaz de fazer com ele, caso chegasse a tanto. Contudo, ela pousou a mão no meu braço, detendo-me, e parou diante dele, encarando-o com uma audácia admirável.

— Eu não tenho um "casinho" com o Erik Lars, você está mal informado. Somos namorados. — A despeito da tensão do momento, senti orgulho da Fraise, da sua força, da sua petulância. — E anos antes de conhecer o Erik e a Drakkar, eu já defendia o meu trabalho e a ética. Se você desconhece o conceito de ética, não se comporte como um moleque frustrado e machista, vá estudar.

Ela lhe deu as costas e quando percebi que ele, enfurecido, avançaria para segurar o braço da Fraise, agarrei seu punho com força e o encarei. André me olhou com raiva, mas eu estava certo de que ele via coisa bem pior em meus olhos.

— Estamos falando de quebra de contrato, de multa, de retirada dos outdoors e colocação de novos, estamos falando de pedido de desculpas e de processos, André. — Falei quase entre os dentes, com ânsia de socá-lo, enquanto, sutilmente, forçava seu punho até que ele cedeu.

— Nem é para tanto! — Solto o braço da minha mão e o massageou. — Para quê tudo isso? Nós apenas melhoramos a esteti...

— Cala a boca! — Bellanne me contornou para acessar o André, e eu a contive com meu braço. — Cala esta boca, André! Minhas fotos não precisam do seu retoque! O que fez foi a porcaria de uma adulteração!

Eu olhava para Thomaz, esperando que ele tomasse alguma atitude, e pareceu surtir efeito. Segurando André pelos ombros, Tom o arrastou até a cadeira e o fez sentar, enquanto ele enumerava as modificações que fez na fotografia da Fraise, como se tivesse feito um favor para ela.

Bellanne voltou a caminhar pela sala, enfurecida como jamais a vi. Liguei o comunicador e pedi à Flávia que trouxesse água.

Eu olhava a mulher à minha frente e tudo o que eu pensava era em bomba-relógio e desarmamento.

— E você, simplesmente achou que poderia meter a mão no meu trabalho? — Bellanne apoiou as mãos na cintura e tornou a encostar o quadril na minha mesa, mirando André, sentado à sua frente. — Simplesmente ignorou a cláusula no contrato?

— Não. Claro que não. O Thomaz autorizou.

Olhei para o meu amigo e o vi se perder entre nossos rostos. Conhecia-o há anos e estava certo de que realmente não sabia do que André estava falando.

— Como assim, “autorizei”? Eu não autorizei nada!

— Autorizou sim, no dia em que fizemos a apresentação da distribuição

publicitária. Falei com você sobre melhorarmos a estética...

— Melhorar a estética, o caramba! — Fraise se voltou ao André, enfurecida. Debruçou sobre o homem, apoiando as mãos nos braços da cadeira onde ele estava sentado e eu me apressei em segurá-la pela cintura e trazê-la para mim, afastando-a dele. Não sei o que seria capaz de fazer se ele ousasse tocá-la.

— Se acalme, Fraise... — Sussurrei e ela me encarou indignada.

— Me acalmar? Escutou o que ele disse?

— Ok... Se autorizei, nem sabia o que estava fazendo. — Tom parecia desesperado para se explicar. — Estávamos discutindo aquela coisa maçante de outdoor, público-alvo e tudo mais, há horas! Pensei que ele estivesse falando de.... Bellanne, eu jamais autorizaria qualquer retoque em sua arte, e nem tanto pelo contrato, mas por respeito à sua obra.

Ela calou-se e a vi engolir seco, parecendo ponderar em seu julgamento. Antes que pudesse dizer algo sobre a justificativa do Thomaz, entraram na sala Flávia, a copeira e o Lucien, com a aflição estampada em seu rosto. Ele nos cumprimentou rapidamente, mas logo acercou-se da Fraise.

Apesar de ser grato por sua presença ali e por estar conseguindo acalmar sua amiga, não pude evitar sentir um embrulho no estômago. Eu é quem deveria estar ali, acariciando seu braço, acalmando-a. Depois de sentir, mais uma vez, o gosto travoso do ciúme, entendi que era mais prudente ignorar meus instintos possessivos e tratar o assunto de forma prática.

— Muito bem. — Dirigi-me ao André que, embora estivesse mais contido, se mostrava bastante tenso. — Acho que agora, depois de esclarecido, podemos separar as coisas, não? Thomaz, poderia resolver esse caso com o André em particular? As fotos precisam ser trocadas dos outdoors com urgência. Se Bellanne quiser nos processar... — E olhei para Fraise, buscando alguma resposta, mas ela manteve-se inabalável — ... Também entraremos com uma ação contra a agência. A autorização dada pelo Thomaz não foi formal e me pareceu ter sido fruto de ludibriação.

André ergueu a sobrancelha e quando tencionava contestar, Thomaz sussurrou-lhe algo, e supus que o mandava calar, mas não me importei. Minha atenção estava de volta à Fraise, encostada no vidro da janela, com Lucien acariciando seu cabelo. Olhei aquela mulher contra o sol de fim de tarde e lembrei de tudo o que havíamos feito naquele quarto de hotel. Queria poder levá-la para lá novamente, dar-lhe banho, fazer-lhe uma massagem... Acalmar a sua fera e deixá-la atizar a minha.

Sorri internamente, lembrando como a encontrei ao entrar em minha sala. Não posso mentir... Quis fazer algumas coisas más com a Fraise, naquele momento. Quis empurrá-la contra o sofá e tomar sua boca à força, quis quebrar sua frieza, quis tocá-la até que ela ficasse molinha, entregue. E essa vontade, esse tesão não queriam ir embora.

— Está tudo bem, Fraise?

Bellanne ergueu seus olhos de cílios longos e me encarou. Era outra mulher agora. Estava doce, suave.

— Está tudo bem sim, Erik. Tudo foi esclarecido. Obrigada.

— Bellanne... — André chamou-a e, mesmo claramente constrangido, foi gentil. — Quero pedir desculpas. Não foi por mal...

— O inferno está cheio de pessoas que "não fazem por mal". — Quando percebi, eu já havia lançado meu olhar reprovador para ela, dizendo-lhe que já bastava. Surpreendentemente, ela acatou. — Desculpas aceitas, mas quero as minhas fotos originais de volta à campanha. E mais... Não esqueci o "casinho".

André baixou o olhar e, sem voltar a erguê-lo, saiu da minha sala na companhia do Thomaz. Conhecendo meu amigo, ele já havia relacionado todas as inconveniências que um processo duplo — Bellanne x Drakkar e Drakkar x agência — iria custar ao André e sua empresa.

Melhor assim. Se a Bellanne realmente quisesse levar adiante a ameaça de processo, não iria impedi-la. Estava em seu direito e eu, em seu lugar, faria ainda pior, caso se metessem em meu trabalho. Mas é certo que seria uma dor de cabeça ficar entre Thomaz e Fraise.

Voltei-me a Bellanne a tempo de vê-la ganhar um selinho de despedida do Lucien e isso sim, fez meu maxilar travar. Sabia que ele era *gay*, mas o quanto *gay* ele poderia ser?

Lucien se aproximou de mim e me estendeu a mão.

— Está tudo bem agora. — Retribuí seu cumprimento, lutando para disfarçar a minha expressão de insatisfação. — A Bell detesta essa coisa de mexerem no trabalho dela, de mudarem as coisas dela, sabe?

— Entendo... Você conhece bem ela, não é?

— Até demais. Somos amigos desde a faculdade. — Lucien lançava olhares carinhosos para a Fraise, que se servia de água, parecendo alheia a nossa conversa quase sussurrada. — Ela tem esse gênio forte, essa impulsividade, mas é a melhor pessoa que conheço.

Eu também a observava. Esta era uma distração que vinha sendo cada vez

mais atrativa para mim: observar a Fraise.

— Eu sei. — E voltei a encarar o rapaz magro e de cabelo estiloso. — E queria agradecer-lhe pela ajuda com o hotel e tudo mais. Estamos, eu e a Fraise, juntos de verdade, e você foi um bom contribuinte.

— Ah, sim...— e sorriu, um tanto tímido. — Não foi nada. Agora que está tudo em paz novamente, preciso ir. Nos vemos depois.

Esperei que ele saísse, e então, me aproximei lentamente da minha namorada. Ainda estranhava chamá-la assim. Rapidamente a Fraise se tornava bem mais que isso.

— É bom vê-la mais tranquila.

Bellanne ergueu o rosto e me sorriu sutilmente.

— Te assustei, hein?

Minha risada soou com um toque de "alívio de tensão".

— Para falar a verdade, sim. — Sentei sobre minha mesa, bem ao seu lado.
— Me senti tentando desarmar uma bomba atômica!

Ela deu um passo para o lado e posicionou-se entre as minhas pernas, apoiando as mãos dos dois lados do meu quadril.

— Achou que comigo tudo seria sempre prazeroso? — Aproximou sua boca da minha, me seduzindo. — Que eu seria sempre a "Moranguinho"? Não sou flor que se cheire, Viking. Basta pisar em meus calos e eu viro uma fera.

Umedeci os lábios na expectativa de recebê-la, mas ela apenas me provocava.

— Engana-se se acha que também não foi prazeroso te ver selvagem daquele jeito. Ideias terríveis passaram por minha cabeça, envolvendo você, esta mesa e sua ferocidade. — Aproximei meus lábios dos dela e os lambi lentamente, explorando seus cantos. — Não me importa que não seja...como disse? "Flor que se cheire". A minha intenção é comer você, não cheirar.

Sua mão ousada alcançou meu sexo simultaneamente aos dedos habilidosos, desabotoando minha camisa.

— E você quer me comer aqui, nesta mesa? — Ela sussurrava com a boca roçando a minha. — Quer que eu me debruce sobre ela, para me comer por trás?

As imagens se formavam rápido demais e eu até já conseguia sentir meu quadril batendo contra a sua bunda.

Deslizei a mão por sua nuca e segurei-lhe os cabelos bem ali, trazendo-a para um beijo duro, faminto. Sua língua macia deslizava pela minha como uma enguia, me excitando cada vez mais.

Abri o zíper da calça, dando-lhe acesso ao meu pau, pouco me importando que estávamos sobre contratos importantes e pesquisas sérias e caras. Na minha mente, havia apenas Bellanne em foco. Apenas sua pele lisinha e quente, sua boca safada e aquele gosto único, que me fazia perder totalmente o bom senso.

Ela afastou seu rosto do meu e eu encarei seus olhos de gata. As mãos de unhas longas e vermelhas deslizaram pelos meus ombros, fazendo a camisa pender ali e eu enchi as minhas mãos com o seu quadril, puxando-a contra minha ereção.

— Quero tanto você, Fraise... — Sentia-me meio zozinho, como se tivesse bebido um pouco demais. Ela me deixava assim, desorientado, perdido... O inusitado é que eu estava gostando de me sentir assim. — Quero você todos os dias, a toda hora.

Suas mãos subiram e seguraram a minha cabeça, acariciando de leve os meus cabelos. Ela me fitava de uma forma diferente, como se buscasse algo em meu rosto, em meus olhos. Me sentia estranho quando via em Bellanne aquele olhar misterioso, que eu simplesmente não conseguia ler.

— Estou gostando mesmo de você, Viking, e isso está me assustando pra burro.

Metaforicamente, senti uma bala de canhão bater contra meu peito, num misto de desequilíbrio e alegria. Não consegui formular nada coerente para dizer, apenas acariciei suas costas, apertando-a com meus dedos. Ela prosseguiu.

— Antes que pense besteira... Não estou preocupada se você está sentindo o mesmo. Já passei dessa fase. Está tão bom, que vou me permitir ser egoísta e apenas aproveitar.

Puxei o ar com força, porque me pareceu que ele havia congelado pelo caminho. Será que ela não se dava conta do que fazia comigo?

Antes que pudesse dizer-lhe algo, ela me beijou. Seus lábios juntaram-se aos meus lentamente, com suavidade. Eu a recebi completa em minha boca, encaixando nossos lábios com perfeição, preenchendo nossos espaços, nos misturando, e eu fui me entregando, mergulhando no calor de Bellanne, me dispondo em suas mãos, em seus braços.

Pela primeira vez, a necessidade de abraçar uma mulher, de apenas prendê-la a mim, foi imensamente maior do que a necessidade de penetrá-la.

Mas essa mulher era Bellanne e jamais o desejo será algo secundário entre nós.

Ela desceu a mão, deslizando os dedos e a unha pelo meu peito, testou o cinto ainda fechado e mergulhou pela abertura do zíper, segurando-me.

Gemi em sua boca, com o tesão subindo vertiginosamente. Então, toda a nossa bolha, a aura que pairava ao nosso redor, foi tragada pelas duas batidas rápidas e consequente abertura da porta da sala. Tive tempo apenas para erguer furtivamente os braços, para que a camisa subisse e cobrisse meus ombros. Bellanne não me soltou e eu me senti completamente constrangido ao olhar por sobre o ombro e encarar a minha secretária, pálida, de pé na porta entreaberta.

Quis matar a Fraise, quando ela riu contra meu pescoço.

— Perdão, senhor Lars...

Flávia girou nos calcanhares e voltou a sumir porta a fora.

— Droga! — Segurei nos braços de Bellanne e a afastei um pouco. A última coisa que poderia acontecer ali, no escritório, era ser flagrado fazendo sexo.

— Ei! Calma. — Fraise me olhava com certo divertimento. — Ela já foi.

O desconforto estava em mim e, por mais que Fraise tivesse o poder de me fazer relaxar, não me agradava passar a ser assunto nos corredores da Drakkar.

— Não é certo, Fraise. — Desci da mesa e fechei meu zíper primeiro, e a camisa em seguida. — Deveria ser o exemplo aqui dentro.

Ergui o olhar e a encontrei meneando a cabeça e estreitando os olhos para mim.

— Quê?

— Erik, não é como se você estivesse me comendo sobre a mesa, não é mesmo? Errada foi ela, que sabendo que estava acompanhado, deveria esperar ser convidada a entrar.

Enfiei a camisa dentro da calça, avaliando o quanto Bellanne teria de razão.

— De qualquer forma, agora serei o assunto preferido dentre os funcionários.

— Dentre os funcionários, eu não sei. Mas dentre as funcionárias, você sempre foi o assunto, Erik Lars.

Eu só entendi a insinuação por causa do seu olhar malicioso para mim. Um olhar que, devo acrescentar, dava uma cor toda especial à Fraise.

— Está enganada. Mantenho uma postura bastante profissional...

— Erik, sua secretária faria o diabo para estar em meu lugar. Não me diga

que é tão ingênuo.

Ergui uma sobancelha, enquanto ajeitava as mangas da camisa e fitava a mulher aparentemente ciumenta à minha frente.

— E você... Não me diga que está com ciúmes!

Ela rompeu em uma risada gostosa, mas seu celular soou, interrompendo-nos. Era a sua mãe e Bellanne ergueu o indicador para mim, pedindo um tempo, e contornou a mesa em direção à janela, falando baixo ao celular.

Arrumei os papéis que haviam se espalhado sobre a mesa pensando em como recuperaria a minha imagem respeitável frente à minha secretária. Depois, apenas sentei e me perdi na contemplação da minha Fraise, esperando que terminasse sua conversa.

Fato que Fraise era absurdamente diferente de qualquer outra mulher que já cruzara meu caminho, contudo, mais que isso, ela estava me fazendo cruzar fronteiras surreais para mim, e por mais estranho que me parecesse, eu estava gostando. Até demais. Ela conseguia fazer as coisas parecerem simples, descomplicadas, normais. Conseguia ver humor em tudo... Bem, em quase tudo. Acrescentei, lembrando da versão fera da minha Bella.

Ela voltou-se para mim, desligando o celular e caminhando em minha direção, até sentar em meu colo sem a menor cerimônia.

— Vou resumir: tive uma discussão com a mamãe mais cedo, sai meio estressada e agora ela quer fazer as pazes. Quer ir jantar na casa dos meus pais e experimentar a lasanha verde do doutor Paulo Henrique Fraise?

Inclinei a cabeça sobre seu ombro e beijei o exato lugar onde estava a sua borboleta, agora encoberta pela manga da sua blusa. De onde venho, jantar com a família da mulher com quem está saindo denota certa seriedade à relação e, embora eu tenha me sentido muito bem nessa situação, desconfio que, como sempre, não estava conseguindo expressar.

— Não precisa ir, se não quiser. É só um convite.

Ergui o rosto e admirei seus lábios carnudos e tão bem desenhados.

— Claro que vou.

Ela sorriu e mordeu o lábio inferior, insinuante, antes de acrescentar:

— Depois podemos ir à minha casa. Ainda tenho todo aquele arsenal com o qual o Lucien nos presenteou.

Esse sim, era um convite irrecusável.

E quando saímos juntos, atravessando o *hall* de entrada, Bellanne soltou a minha mão e dirigiu-se à mesa da Flávia. Congelei no meio do *hall*, e me aproximei para escutá-las.

— Flávia, por favor, você ainda tem o contato do decorador que trabalhou aqui, não tem?

— Sim... Tenho. — Flávia estava pálida e eu evitei tornar a olhá-la.

— Poderia passar para mim? Eu amei a mesa do Erik! Firme, forte... sem o menor ruído! Não esquece, tá?

Fraise se despediu das secretárias e veio em minha direção sorrindo, ignorando a minha expressão estupefata e a raiva com que a Flávia a fitou.

— Você é louca. — Foi tudo o que consegui murmurar, ao entrarmos no elevador.

— Você não viu nada, Viking.

E piscou o olho para mim, antes de rir, se pendurar no meu pescoço e me roubar o fôlego com seu beijo.

29º Capítulo



CAPÍTULO 29

Bellanne

Nos despedimos na garagem e cada um seguiu para a sua casa, mas uma hora depois ele me ligou, avisando que já estava chegando para me buscar.

Eu me sentia uma garotinha indo encontrar o gatinho da escola. Meu coração disparava por qualquer motivo. Bastava Erik me ligar, se aproximar de mim e, às vezes, pensar nele era o suficiente para fazer meu estômago dar cambalhotas, o coração pulsar na garganta e a calcinha molhar. Eu achava que já havia me apaixonado, mas estava enganada. Nenhum outro causou em mim os efeitos que o Viking causava. Nenhum.

Desci as escadas da entrada do prédio quase pulando, ao ver aquele homem lindo me aguardando. Acenei para o porteiro, que me fez um sinal de positivo, aprovando meu visual. Optei por pouca maquiagem, sandálias baixas e um vestido de alcinhas, que deixava a minha borboleta e a marca do biquíni expostas.

Erik tinha a luz interna do carro acesa e estava debruçado sobre o volante, me acompanhando. Entrei no carro e logo roubei-lhe um beijo.

— Você está linda, Fraise. — Ele lambeu os lábios, saboreando meu gosto. Erik também estava lindo com uma calça cargo e uma blusa de malha com as mangas $\frac{3}{4}$ e gola em "v", relaxado como eu gostava de vê-lo.

Prendi meu cinto e alisei suas coxas grossas, dando-lhe um leve aperto.

— Você também está uma gracinha, Viking! Essa produção toda é para impressionar ainda mais a Sra. Fraise?

Ele riu, enquanto colocava o carro em movimento.

— Seria bom deixá-la rendida aos meus encantos, não? Assim, será mais fácil roubar-lhe a filha.

Sorri, mas voltei a atenção à rua. Estava bem movimentado.

— Erik, sobre hoje... Não tenho intenção de processar a Drakkar.

Ele olhava para a frente, concentrado no trânsito.

— Tudo bem. Mas se tivesse interesse em processar-nos, estaria em seu direito e eu não iria me meter.

Observei seu perfil, ele parecia inalterado, prático, sem algum tipo de emoção. Ele falava a verdade.

— Mas irão retirar os *outdoors*, não irão?

— Já foi providenciado isso, Moranguinho. — E me olhou diretamente, roubando meu ar. — Alguns já devem ter sido retirados.

— Desculpa, se causei mal-estar...

— Não tenho nada a desculpar. — E me fitou, aproveitando o semáforo fechado. — Você fez aquilo que achou certo. Eu não teria sido impulsivo como você, porque não é o meu *modus operandi*, mas também ficaria muito, muito bravo.

— Você, bravo?! Como é o Viking bravo? Não vá me dizer que aquele ataque de ciúmes, por causa do Michel, foi você bravo?!

Ele riu, me derretendo.

— Naquele dia eu fiquei bravo sim, mas normalmente sou mais frio. — O semáforo abriu e ele me olhou de soslaio, enquanto girava o volante numa curva. — Eu teria entrado com o processo sem dizer nada à Drakkar. E eu tiraria tudo da Drakkar e do André.

Fiquei pensando sobre isso, sobre como era incompatível a pessoa à minha frente e este ser frio que ele acabava de descrever. Acabei rindo, quando ele piscou aquele olho azul perfeito para mim.

Ensinei-lhe o caminho e logo entrávamos no condomínio onde eu cresci. Eram casas grandes, com jardins, quintais e quase todas elas tinham varandas nos fundos e *decks* para a lagoa artificial. Meu pai amava pescar aos

domingos e, muitas vezes, lhe fiz companhia.

Segurei na mão do Erik quando descemos do carro e não fiquei surpresa quando ele tirou do banco de trás um delicado jarro de orquídeas, dizendo que não era educado visitar a casa dos pais da namorada sem agradar a sogra.

Seguimos de mãos dadas pelo jardim. O calor da sua mão aqueceu-me inteira, e antes de entrarmos, ele me puxou contra o seu peito e me deu um beijo profundo, lento.

Jah, quando foi mesmo que deixei de ser a caçadora e virei a presa?

Erik

Fomos recebidos por Ana Maria e, como eu esperava, ela gostou das flores. Marjorie estava na sala de TV com o noivo e me pareceu estar muito bem. Tudo indicava que Fraise não tinha motivos para se preocupar. Cumprimentei os dois e acertei o nome do *game* que estavam jogando. Eu estava sempre comprando *games* e enviando-os para o Teo, mesmo depois dele já ser um adulto.

Paulo Henrique estava na varanda e fomos para lá.

A casa tinha um clima muito agradável, com fotos da família por todos os lados e lembranças de infância. Muito diferente da casa do meu pai, porém, decorada com iguais sofisticação e aconchego.

O único momento que a Fraise largou a minha mão foi para abraçar o pai, um abraço apertado, demorado, que me tocou. Me fez lembrar os abraços da minha mãe.

— Seja bem-vindo, Erik! — Paulo Henrique apertou a minha mão e me sorriu com simpatia. — Fico feliz que a Bella Anne tenha trazido você aqui, assim podemos avaliar melhor com quem a minha filha anda se metendo.

O tom foi jocoso, mas se aquela era uma tentativa de amedrontar-me, falhou. Sorri e o fitei diretamente.

— Ainda bem que ensaiei tudo antes. Por nada no mundo posso ser reprovado nesse teste.

Paulo riu alto, a mesma risada gostosa e espontânea da sua filha. Sentei-me ao seu lado, enquanto Fraise buscava algo para beber.

Falamos sobre pesca por algum tempo, mas logo entrei no raio-x de Paulo Henrique Fraise.

— E então, seu irmão está se adaptando?

— Ah, o Mateo sempre quis morar no Brasil. Está bem adaptado.

— E seu pai, não reclama a ausência dos filhos? Eu jamais conseguiria viver longe das minhas meninas.

Não consegui responder de pronto. Por alguns rápidos segundos, imaginei como seria se meu pai fosse como Paulo Henrique Fraise. Eu olhava para as minhas mãos, quando enfim respondi.

— Ele tem a vida dele por lá. Éramos mais apegados à minha mãe. Axel sempre foi mais voltado aos seus interesses, aos negócios.

— E você, se parece mais com sua mãe ou com ele?

Ergui o rosto de pronto, encarando o jovem senhor.

— Não. Não sou como ele.

— Suco para o papai, vinho pra gente. — Fraise abaixou-se entre nós, colocando os copos de bebidas na mesinha de apoio. — O que houve com a lasanha verde, pai?

Ela não percebeu, mas houve um constrangimento momentâneo naquela varanda. A pergunta dele foi tão direta, que me remeteu a uma sensação ruim, que eu já nem lembrava como era: a da proximidade de Axel.

— Sua mãe não encontrou sequer um pé de brócolis que estivesse no ponto certo. Além de que, depois de saber que o Erik viria, decidi que o distinto cavalheiro era merecedor de algo especial. Está fazendo o *capeletti* de carne com ervas finas.

Admirei Paulo Henrique. Ele conseguia dar severas alfinetadas com uma leveza incrível.

— Você vai amar o *capeletti*, Viking! Já tem anos que ela não faz.

— Viking?! — Paulo Henrique me olhou, divertido.

— Pai, não queira saber... É um apelido íntimo, igual aquele seu apelido odioso, como é mesmo?

Comecei a rir. Os dois eram engraçados juntos, além do amor evidente.

— Que apelido? Eu não tenho apelidos, Bella Anne. Vê lá se homem velho vai ter apelido!

— Tem sim! Como é mesmo?... *Chespirito*!

Não consegui segurar e acabamos rindo juntos, com Paulo Henrique vermelho, tentando se recompor, e Bellanne imitando o dito personagem mexicano e seu choro que, segundo ela, lhe era característico.

— Ora, menina! Pare com essa pilhéria e vá ver se sua mãe não colocou fogo na cozinha.

Levantei e puxei Fraise pela mão, seguindo o conselho do Paulo Henrique. Apesar dele ser muito simpático, sentia-me mais à vontade com a

Ana Maria.

— Já pensou, Viking? Esse choramingo entre lençóis?

— Bellanne Fraise! — O pai fingia estar aborrecido, mas nem mesmo conseguia camuflar o riso. — Melhor cuidar do seu conquistador bárbaro aí. Os *vikings* têm fama de frios e estrategistas, isso sim!

Olhei para Paulo Henrique, tentando decifrar mais aquele enigma, mas Fraise me arrastou, correndo do chinelo que o pai ameaçava lançar-lhe.

De fato, Ana Maria parecia meio atrapalhada com uma colher em cada mão e resmungando baixinho. Nos sentamos nos bancos da ilha, observando-a.

— Mamãe, quer uma ajuda?

Ana Maria não respondeu, apenas colocou uma placa de vidro sobre a ilha e entregou uma faca e três tomates para Fraise.

— Pequeninos, meu anjo. Bem pequeninos. — E voltou a ficar de costas para a gente, lavando umas folhas na pia.

— Posso ajudar em alguma coisa, Ana Maria?

Ela me olhou por sobre o ombro e sorriu.

— Você cozinha, Erik?

Bellanne parou o que fazia e me fitou, curiosa.

— Não, mas posso cortar algo para ajudar.

Ela veio até mim, enxugando a mão em um pano.

— Lindo, bem-sucedido, educado... Sabia que teria algum defeito. As mulheres da família Fraise são péssimas na cozinha. Bell não lhe disse?

A mulher linda ao meu lado riu, ameaçando a mãe com a faca.

— Muito bem, senhora Fraise, acaba de arruinar o golpe que eu estava prestes a dar em Erik. Agora, adeus casamento!

Rimos juntos, com Ana Maria fingindo indignação, pondo a mão no peito.

— Esse não é um problema. Existem cozinheiras ótimas que podem ser contratadas.

Não sei se foi algo que disse, mas Fraise me olhou estranha, séria, mas não aborrecida, apenas séria. Por bem, achei melhor desviar o assunto.

— Fraise, porque não vai ver sua irmã? Saber como ela está. — E fiz menção de tomar-lhe a faca. — Deixa que eu faço isso.

Ainda meio atônita, ela me deu a faca e depois de assentir com a cabeça, saiu da cozinha. Ana Maria nos observava.

— Uma notícia boa e outra ruim, a depender da sua intenção. — Ela

avaliava as próprias unhas, enquanto me falava.

— Começamos pelo seu entendimento de bom e ruim. — Eu precisava saber, antes de tudo.

Ela ergueu a sobrancelha, exatamente do mesmo jeito que a filha, e recostou o quadril na pia.

— Ruim: A Bell odeia a palavra casamento, compromisso e coisas afins. A vida inteira fugiu desse tipo de conversa.

— E a boa?

— A boa é que ela não reagiu como sempre. Normalmente, Bell retrucaria imediatamente e cortaria pela raiz qualquer conotação que levasse à ideia de compromisso.

— Estamos namorando. É um compromisso.

Ela suspirou profundamente, o que me deixou em dúvida sobre sua interpretação.

— Espero que sim, meu querido. E se é assim... Corte logo esses tomates e depois venha me ajudar com o bacon. Você precisa se qualificar para prender uma Fraise.

Sorri divertido e comecei a picar os tomates. Sem dúvida, Ana Maria era uma aliada.

Bellanne

Bati duas vezes na porta do seu quarto e a abri devagar. Margie estava deitada em sua cama.

— Oi, Bell. Pode entrar.

— O que houve, bonequinha? Não estavam jogando?

Margie sentou na cama e abraçou o travesseiro. Sentei-me à sua frente.

— Estou enjoada.

Imediatamente liguei os pontos.

— Margie, você está grávida?!

Ela riu, mas logo seu riso entristeceu.

— Não, Bell... os enjoos são por conta do que o paracetamol fez ao meu fígado. O médico disse que com o tempo, e medicamentos, podemos reverter.

Estiquei-me sobre a cama e deitamos lado a lado. Eu a abracei e beijei seu rosto.

— Por que fez aquilo, bonequinha?

Senti minha irmã soltar o ar pesadamente.

— Não é fácil para mim, Bell. Quero que tudo saia perfeito e nada parecia encaixar. Então, reconheço que fiz da vida do Anderson um inferno. E quando ele terminou...

— Se eu te disser que seu casamento está perfeito, você acredita?

Ela sorriu e beijou minha testa.

— Juro que estou tentando.

Eu não tinha um diploma de psiquiatria ou psicologia, mas podia jurar que sabia bem qual era o seu problema.

— Margie, já pensou em buscar uma ajuda? Acho que você está tendo crises de ansiedade. — Queria dizer-lhe que poderia ser sintoma de algo mais sério, mas poupei-lhe disso. — Seria muito bom poder desabafar com alguém que saberia o que fazer.

Ela ficou calada por vários segundos e eu cheguei a pensar que ela havia fechado a porta do nosso entendimento.

— Não acha que pensarão mal de mim? Que irão achar que estou desequilibrada?

Eu ri e cheguei a me sacudir, rindo contra seu ombro, até ela começar a rir também.

— Amor, você tentou se matar com paracetamol. Você é desequilibrada! Sempre foi.

Margie começou a gargalhar e me deu dois tapas no braço.

— Idiota! — E depois que paramos de rir, ela completou: — Você iria comigo?

Um peso imenso saiu do meu peito.

— Claro que sim. Apenas marque e me avise.

Ela me beijou novamente e nos abraçamos forte. Não tínhamos momentos assim com grande frequência, mas éramos irmãs e quando o carinho chegava, era verdadeiro, e bem forte.

— Ei! Vou na cozinha salvar o Erik. A mamãe deve estar interrogando ele.

Levantei da cama e ajeitei meu vestido.

— Ele parece ser legal. E gosta de você. — Ela sorriu, me fitando com admiração. — Você sempre com os melhores caras, danadinha.

Joguei o cabelo para trás com charme e afetação.

— São os quinze quilos a mais, amor. Pare de comer folhas que você troca o Anderson pelo *Henry Cavill* em minutos.

Virei as costas e saí, escutando o som adorável de sua gargalhada.

Voltei à cozinha e meu pai estava sentando onde eu estivera antes, mas Erik estava na pia, ajudando a minha mãe. Não pude deixar de notar como a bunda dele estava incrível na calça cargo.

— Estão trabalhando direitinho? — Perguntei ao papai e Erik me olhou por cima do ombro, sorrindo.

— É... Estão se esforçando. Não espere um banquete, Bella Anne.

— Eu escutei isso, Paulo Henrique! Seja mais modesto.

Rimos da mamãe e continuamos a brincadeira.

— E você, pai, o que achou do Erik? Ele é um cara legal para mim? — Falei baixo, mas deixando que os outros dois me escutassem claramente.

Meu pai estreitou os olhos, avaliando o Erik, enquanto minha mãe trocava olhares e risos com meu namorado.

— Ele é muito alto, não? Além de que... Ouvi falar que homens de olhos azuis não são muito fiéis. — Erik riu e Ana Maria lhe sussurrou que meu pai era doido. — Bella Anne, ele nem sabe cozinhar!

O riso ecoou e eu me vi completamente encantada pelo Erik que estava ali, absolutamente inserido no cenário, relaxado como nunca, trocando segredos desdenhosos com a minha mãe e cortando aipos.

— Venha, Paulo Henrique... Pare de dizer bobagens e me ajude a pôr os pratos na mesa.

A mamãe arrastou o papai e eu aproveitei e saltei do banco, indo abraçar Erik por trás, acariciando seu abdômen perfeito e me deliciando com seu perfume.

— Para mim, está muito bom comer de quentinha. Não me importo que não saiba cozinhar.

Ainda com a faca em uma das mãos, virou-se para mim sem sair de meus braços, e me beijou, mas logo em seguida enfiou o polegar em minha boca, cheio de molho de ervas. Estava delicioso e eu chupei vigorosamente. Os olhos do Erik estavam vidrados em minha boca e eu senti que começava a se excitar.

— Cena linda é te ver chupando. — Ele sussurrou e eu soltei seu polegar com uma última chupada.

— Chupando o dedo ou o seu pau?

— Chupando o dedo é lindo, o pau é gostoso... E lindo.

Antes que meus pais o flagrassem de pau duro, me afastei até esbarrar na ilha.

— Comporte-se, Viking. Ana Maria é PhD em detectar pau duro dos

namorados das filhas e meu pai em fazê-los baixar.

Ele voltou à pia enquanto sorria de lado a lado.

Erik

Inesperadamente — porque nem eu acreditava que seria possível — o *capeletti* estava incrível! A família estava toda à mesa e a cena me comoveu. Há muitos anos eu não tinha isso. Conversávamos animados, enquanto repetíamos os pratos. Bellanne, sentada à minha frente, me lançava olhares incendiários e eu estava certo de que tinha o rosto vermelho. Ela iria me pagar cada minuto de ereção que eu estava tendo ali, à mesa com sua família.

Eu estava passando a travessa de salada para o Anderson, quando senti o pé da Bellanne entre as minhas pernas, roçando a minha coxa. Virei os olhos direto para ela, que me sorriu toda safada. Eu só consegui mexer a cabeça discretamente, dizendo-lhe que não prosseguisse, o que não foi obedecido, óbvio, era Bellanne.

Discutiam sobre umas obras que o condomínio queria executar, em função do lazer, mas eu já havia me perdido da conversa e só conseguia pensar no pé da Bellanne, que se esticava para alcançar meu pau. Senti a sala esquentar drasticamente e já não conseguia engolir uma garfada sequer. Então, não acreditei no que meus olhos viam. Bellanne começou a se mover na cadeira, dentro do que ela imaginava que era descrição.

— Lagostas! — Chamei a atenção de todos sem ter a menor ideia do que iria falar. Só queria que prestassem atenção em mim, e não à Bellanne que, ao que me parecia, estava tirando a calcinha. — Deveria fazer um criadouro de lagostas... na lagoa.

Paulo Henrique franziu a testa e os demais me olhavam sem entender.

— Lagostas? Em uma lagoa?! — Ana Maria questionou.

— Camarões de água doce? — Arrisquei, sem muita certeza, mas aliviado porque notei que Bellanne ou havia conseguido tirar a calcinha, ou havia desistido.

— Huumm... Acho que não. A pesca com vara é mais relaxante e prática.

— Paulo Henrique pontuou. — Mas a ideia do *playground* novo...

Retomaram o assunto e eu olhei zangado para Bellanne, que estava tensa e ao mesmo tempo tentando conter o riso. Disfarcei, bebendo um gole de vinho. Ela tentava me dizer algo, mas nunca fui bom em ler lábios. Ela tentou uma, duas, três vezes, e quando franzi as sobrancelhas mais uma vez, sem

entender, ela simplesmente não se conteve.

— Caiu.

— O que caiu, Bell? — Ana Maria quis entender.

Putaque pariu! Meu pau subiu como termômetro no fogo! A calcinha de Bellanne estava no chão, bem debaixo da mesa onde sua família jantava.

Ela olhou meio dispersa para a mãe.

— A ideia da lagosta. Caiu... Não vai dar certo.

Bellanne estava absolutamente desconcertada, o que era algo raro de se ver.

— Você está bem, Bella Anne?

— Não, pai. Acho que algo não me fez bem. — Levantou e, contendo o riso, sequer me olhou e pediu licença.

Todos na mesa trocaram olhares, sem entender. Estiquei o pé e encontrei a peça ao lado dos pés de Ana Maria. Com um movimento rápido consegui pegá-la e enfiei a peça diminuta no bolso da calça.

Meu rosto pegava fogo de tesão e não conseguiria ficar ali, sabendo que Bellanne estava em algum lugar da casa sem sua calcinha.

— Me deem licença. Vou ajudar a Bellanne.

Lembrando do aviso da Fraise, de que Ana Maria detectava paus duros, disfarcei o quanto pude e deixei a mesa.

Bellanne

Minha barriga estava dolorida de tanto rir, e eu escondida no lavabo.

— Fraise?

A graça evaporou, frente ao sussurro do Erik contra a porta. A abri e o que vi foi um homem doido para me comer. Não pensei duas vezes: segurei sua mão e entrei na primeira porta que vi, o quarto da Marjorie. O lavabo era pequeno e perto demais da sala de jantar e o quarto da Marjorie seria uma imensa sacanagem. Foi o Erik quem me puxou para o *closet* da minha irmã e trancou a porta após entrarmos. Também era pequeno, quase um corredor com dois armários dos lados e um espelho ao fundo, mas arejado.

— Você é louca! — sussurrou contra a minha boca, já me invadindo com sua língua, chupando a minha. — Vou te comer agora e não aceito um não.

— Não tenho a menor intenção de negar — Eu ofegava, contorcendo-me nas mãos atrevidas e famintas do Erik.

Ele me empurrou contra a porta do armário e puxou as alças do meu

vestido até descê-lo à cintura. Sua boca estava quente como o inferno e gemi quando ele me tomou, chupando meus mamilos, agarrando a minha cintura, espremendo-me contra ele.

Busquei apoio para não cair e encontrei a maçaneta do armário. A porta abriu, nos desequilibrando e quando me vi, estava sentada na prateleira do armário da Marjorie, entre suas camisas de seda e *tailleurs*. Me inclinei para trás, enquanto Erik abria as minhas pernas, me devorando com seus olhos escuros de excitação.

Todo meu corpo piscava por aquele homem, desesperada para que ele se metesse inteiro em mim. Ergui os braços e me agarrei às roupas da Marjorie como se fossem cordas, pendendo a cabeça até encostar no fundo do armário. Erik puxou o meu quadril mais para fora e enfiou-se em mim com tudo.

Nossos gemidos ecoaram dentro do armário e eu mordi a primeira peça de pano que encontrei, absolutamente preenchida por ele, todinha dele. Fitei seus olhos e eles estavam grudados em mim, vidrados.

— Me mata, Viking... Me fode inteira, vai.

— Até você gritar.

Erik agarrou a minha cintura e meteu fundo, sem dó e nem piedade. Eu revirei os olhos, caindo num abismo, perdendo todas as noções possíveis. Seus dentes arranharam meus seios e prenderam meu mamilo. Cruzei as pernas em sua cintura e me empurrei ainda mais contra ele.

Meu cérebro estava a 200km/h e em nada conseguia focar. O prazer ia e vinha junto com as estocadas, em ondas que me arrastavam e me traziam de volta, até que arrebentei em um quebra-mar e urrei de tanto gozo. Erik me agarrava apertado, desaguando em mim e pulsando em minha boceta. Pulsávamos juntos, vibrávamos juntos e juntos começamos a rir, insanos, completamente perdidos de paixão.

Precisávamos de alguns minutos para conseguirmos caminhar, porque as minhas pernas tremiam e todo meu corpo parecia ser feito de gelatina. Apesar da respiração pesada, Erik parecia estar morto sobre mim. Nossos corações ainda estavam disparados, eu podia sentir o dele nas batidas em contrapasso sobre as minhas.

— O que foi isso?

Ele beijou meus seios e sem se mover de cima de mim, enfiou a mão no bolso da calça, me devolvendo a calcinha.

— Foi por isso.

— Não culpe a pobre peça, Viking. — sussurrei entre risos — Você é um

tarado.

Ele ergueu a cabeça e me encarou com uma expressão séria, porém engraçada, fingindo aborrecimento.

— Você é cínica, Bellanne Fraise.

Apertei a boca contra seu cabelo para abafar o riso.

— Erik, estamos dentro do armário da minha irmã. Ela vai me matar!

Enfim, ele ergueu o tronco e me puxou. Escorreguei e, mesmo sem muita firmeza, consegui ficar de pé. Vesti a calcinha enquanto ele se recompunha e depois de um beijo rápido, mas delicioso, saímos de mãos dadas.

Quando abrimos a porta do quarto, já decentemente refeitos, encontramos Marjorie e Anderson. Margie olhava de mim para Erik e vice-versa, atônita.

— Não aconteceu nada. Estou bem. Vomitei um pouco, mas já estou bem.

Sem coragem de olhar para o Erik, sorri para minha irmã e seu noivo, e me retirei logo em seguida. A imaginação dela que preenchesse as lacunas.

O papai e a mamãe estavam lavando as louças e apenas viraram-se, quando nos aproximamos da ilha.

— Você está bem, anjo?

— Sim, mamãe. — A mão do Erik queimava em minhas costas. — Foi apenas mal-estar.

— Você não engravidou a minha filha, não é Erik?

Apesar do tom divertido do papai, Erik gaguejou.

— Acredito que não.

Meu pai deu um beijo no rosto da mamãe e, ao passar por nós, convidou Erik para um licor digestivo.

— Está bem mesmo? — Ana Maria me olhou carinhosamente.

Me aproximei e peguei um pano de prato, para ajudá-la a enxugar a louça.

— Estou sim. Foi passageiro.

— Precisa parar de comer bobagens, meu anjo. E por falar nisso, acho que deveria aumentar as corridas e amanhã ficar em uma dieta de líquidos. Além do mal-estar, o *capeletti* é muito calórico. Seria bom perder uns graminhas, não?

Ana Maria sendo Ana Maria.

Olhei por cima do ombro e vi o Erik, um deus grego no meio da sala dos meus pais.

— Olha ali, mãe... — Olhamos para o Erik, que bebia seu licor com a elegância de um lorde, com seu 1,90m cobertos de carne de primeira e massa

bem trabalhada pela excelente genética. — Daqui a uma hora aquele viking maravilhoso vai me fazer perder até as calorias do assado que comi na semana passada. — voltei a fitá-la divertida. — Não precisa se preocupar.

Ela sorriu para mim, mas seus olhos estavam estreitos, sem me levar muito a sério.

— Se cuide, meu anjo... O Erik é um homem cobiçado e você precisa manter-se à altura, não acha? — Abri a boca porque meu queixo pesou e quase foi ao chão. — Estou falando para o seu bem, Bell.

— Mamãe, saiba que o Erik conhece cada gordurinha deste corpo aqui e, imagine só... Ele adora! — Ela desceu os ombros e curvou os lábios em um quase sorriso, vencida — Aceite, mamãe, isso não é ser estranho, é não se comportar como gado.

Ana Maria suspirou e beijou minha bochecha.

— Não leve a mal, anjo. Penso apenas no seu bem.

E era verdade. A mamãe havia crescido em um mundo onde os homens, apesar de comerem e se fartarem das mulheres gordas, gostavam de torturar a ala feminina, forçando-as a seguir um padrão ainda mais leve do que o padrão que elas mesmas criavam para si. Louco, mas real.

Meia hora depois deixávamos a residência dos Fraise e Erik dirigia com o semblante límpido e um sorriso pairando nos lábios. E eu? Eu não conseguia tirar os olhos dele.

30º Capítulo



CAPÍTULO 30

Erik

— Lindo trabalho. — Ele esticou a mão e deslizou a ponta dos dedos sobre a tela. — Que textura maravilha você conseguiu dar!

Mamãe sorria, toda feliz com os elogios do papai.

— Deu um pouco de trabalho, precisei pesquisar a técnica... Mas gostei de como ficou.

Os olhos claros da minha mãe brilhavam de orgulho e, desconfio, são mais pela atenção do papai do que por qualquer outra coisa.

— Você não pensa em expor, pensa? Não há preço que pague esta beleza, Diana! Podemos pendurá-la na sala, na parede atrás do sofá...

Meu peito doeu, quando vi a expressão da mamãe mudar para um claro desânimo.

— É que eu estava pensando em pintar mais algumas e colocá-las na galeria...

— Ah, meu amor! — Axel puxou a mamãe para seus braços. — Se quer pintá-las, se te faz feliz... Pinte-as. — Ele a olhava nos olhos e acariciava seus

cabelos. — Mas não desperdice seu tempo criando essas maravilhas para qualquer galeria.

Ela suspirou, colocou os cabelos dourados atrás da orelha e deixou-se abraçar pelo pai.

— O que sugere?

— Tenho amigos em Paris. O que acha de viajarmos para lá na primavera e tentarmos uma exposição mais glamorosa? Podemos contratar o melhor *marchant* da França, podemos dar uma recepção digna de suas obras...

E novamente o rosto lindo da mamãe parecia ganhar luz. De repente, ela sorria como uma criança sonhando com o Natal.

— Poderíamos convidar pessoas importantes... E também a mídia!

— Sim, meu anjo! Mas apenas os veículos mais relevantes. — Ele deslizou a mão pelo contorno do seu rosto e beijou-lhe os lábios. — Eu te amo, Diana, e irei cuidar de você para sempre. Mas para isso preciso que me deixe cuidar de você.

— Me perdoe, Axel. Eu sei que você está certo e que quer o melhor para mim.

O Axel tornou a beijá-la, dessa vez na testa, e caminhou na direção da porta, deixando a mamãe com o olhar sonhador. Eu me assustei e saí correndo, antes que ele me flagrasse espiando pela fresta da porta. Mais tarde, antes do jantar, fui ao seu escritório.

— Pai?

— Oi, Erik! Entre!

Fechei a porta atrás de mim e caminhei até ele, tentando conter a minha excitação.

— Diga, meu garoto. O que quer? — seus olhos estavam fixos em alguns papéis, examinando-os.

— Pai, o campeonato francês será em maio e o PSG irá jogar... Podemos ir?

Ele ergueu apenas o olhar e me encarou.

— Já lhe disse que futebol não é um esporte adequado para você, Erik. Como estão as aulas de polo?

Engoli seco, sem coragem de lhe dizer que não ia aos treinos há dois meses. Não queria estragar o nosso jantar.

— Bem. Mas é que... Como estaremos em Paris na primavera, pensei...

— Quem te disse isso? — E tornou a atenção aos seus papéis.

Ah!, pensei, concluindo que eu e o Mateo não estávamos incluídos no

viagem. *Droga!*

— Então... Se importaria, ao menos, de me trazer um boné do PSG?

Ele voltou a me fitar, desta vez, com as sobrancelhas contraídas.

— De onde tirou essa ideia de Paris, garo... Ah! Entendi. Andou escutando conversas atrás da porta, não é?

Abaixei a cabeça, envergonhado. Já estava com doze anos e não gostava de levar bronca.

— Foi sem querer.

— Esqueça Paris. Ninguém irá à Paris este ano e nem no próximo. Tenho negócios para gerir.

— Mas disse à mamãe que...

— O que eu disse à sua mãe não vem ao caso! Agora, por favor, vá verificar se o jantar irá demorar a ser servido.

Eu não acreditei que ele pudesse estar enganando a mamãe! Não acreditei que ele fosse capaz disso! Mas quando ele me olhou sério, com o semblante quase raivoso, calei-me e saí.

Ao passar pelo quarto da mamãe, a vi retirar uma de suas telas da parede. Ela cantarolava uma música brasileira da qual eu também gostava muito.

— O que está fazendo? — Indaguei, sem entender porque retirava da parede quadros dos quais ela gostava tanto.

Ela me olhou com grandes olhos brilhantes.

— Venha cá! Venha cá! — falou em português — Acha que devo levar essa beleza à Paris? Faremos uma exposição na primavera!

Olhei para ela e meu coração pesou. Ela estava feliz como há alguns dias eu não a via. Pensei em contar-lhe a verdade, em dizer-lhe que papai era um mentiroso, mas a vi caminhar pelo quarto, observando suas telas a partir de ângulos diferentes, provavelmente testando como ficariam em uma galeria em Paris, e perdi a coragem.

— Não sei, mamãe... — Eu não queria ser o mensageiro de sua tristeza. E, apesar da minha pouca idade, naquele momento, entendi que o Axel fazia o que fazia porque não queria que as pessoas notassem o quanto a minha mãe era maravilhosa. Ele a amava, sem dúvida, mas deixá-la brilhar era demais. Meu pai não queria que ela entendesse que um dia poderia viver sem ele. Mentindo, ele não apenas adiava o problema... ele a mantinha feliz. Uma falsa felicidade que, para o Axel, era fazer o bem à mamãe.

Como um susto, sentei na cama repentinamente. O barulho do mar, vozes

ao longe, a luz do sol atravessando tênue pela cortina, a cama macia onde estava sentado...

Aos poucos meus sentidos foram captando o meu presente e levei as mãos ao rosto. Não havia tido um sonho ou pesadelo, eram lembranças. Lembranças do início de uma série de coisas ruins.

Olhei ao redor, me dando conta de que estava na casa da Fraise, mas eu estava sozinho na cama. Sobre o travesseiro dela havia um bilhete.

"Fui correr. Me espere."

Levantei lentamente, ainda zozinho com as péssimas recordações, e me espreguiceei, alongando a coluna. Tornei a olhar em volta, atentando ao ambiente.

Ontem, quando chegamos, fomos direto para a cama e nem havia me dado conta do quanto simpático era seu quarto. A cama imensa era alta, macia, com a cabeceira em vime, assim como a decoração de todo o quarto: branco e vime.

Próximo à varanda, havia uma mesinha redonda com tampo de vidro, fazendo conjunto com a poltrona de almofada branca. Na parede havia um pôster da Fraise. Nele, ela olhava para a câmera através dos cabelos desalinhados pelo vento, ao fundo víamos a praia com o pôr do sol e a luz atravessando seus cabelos e refletindo no mel dos seus olhos.

Meu coração saltou e bateu forte no peito. Bellanne Fraise era, de longe, a mulher mais linda que eu já havia visto. Uma beleza que não se via em cabelos escovados, vestidos de alta costura e maquiagem bem feita. A beleza da Fraise saltava de cada poro, dos olhos, do seu jeito de andar e se mexer, do seu sorriso largo e natural. O tipo de beleza que ainda estaria ali, daqui a cinquenta anos, porque não dependia das formas ou elasticidade da pele.

Puxei o ar, retomando meu equilíbrio fortemente abalado pela indescritível sensação de saber que ela agora era minha. Que seus beijos eram meus, que seus gemidos eram provocados por mim.

Apanhei a minha calça no encosto da poltrona e a vesti, então, fui ao banheiro, antes de ir buscá-la onde quer que estivesse.

A sala era bastante ampla, com uma varanda igualmente grande. Uma estante em madeira tomava uma das paredes de fora a fora, repleta de livros, discos e fotografias, além da imensa TV. Havia também um sofá bastante confortável, um tapete e uma mesa de centro.

Atravessei a sala e fui até a cozinha. Me surpreendi com a perfeita arrumação que encontrei ali, ao contrário da sua mesa no estúdio. A cozinha era toda em madeira, com detalhes amarelos, bem decorada e iluminada. Fraise tinha muito bom gosto.

Encontrei facilmente a cafeteira, mas custei a encontrar o filtro e o pó de café. Sem saber o que lhe fazer para o café da manhã, inseri os ingredientes e liguei a cafeteira. Era bem cedo ainda e queria um pouco mais de Fraise naquela manhã.

Na larga varanda havia apenas um conjunto de mesa e cadeiras, além da rede pendurada. Debrucei na balaustrada de vidro e alumínio, apoiando-me nos cotovelos, e contemplei a paisagem maravilhosa!

O meu apartamento ficava no vigésimo segundo andar e, apesar da vista ser magnífica, me tirava o privilégio de observar as pessoas se exercitando, o movimento da orla no início da manhã. Ali, no quinto, a vista era mais divertida.

Estreitei os olhos contra os reflexos do sol sobre o mar e busquei Bellanne entre as pessoas. Ela vinha longe, correndo ao lado de outra mulher e acenando para quase todos pelo caminho. Apoiei meu queixo na mão e acompanhei sua chegada.

Estava ansioso para que viesse logo, mas também gostei de observá-la de longe. O cabelo em um rabo de cavalo, balançava de um lado para o outro. Usava uma calça colada e algo que se parecia com um top ou algo assim. Estava linda sob a luz da manhã.

Bellanne

Por mais que eu tentasse ignorar alguns conselhos peculiares da Ana Maria, pensei em esticar a corrida em três quilômetros, mas desisti antes de começar. Foi difícil sair e deixar Erik todo espalhado em minha cama, e a vontade de acordá-lo de um jeito bem safado foi vencida pelo senso de disciplina que tento manter.

— E tem mais dois salva-vidas naquela ponta.

Deyse, uma velha colega de corrida, apontava para a curva da praia, indicando onde estariam os novos e gostosos salva-vidas da nossa prainha.

— Espero nunca precisar deles. — disse-lhe, entre as sopradas de ar para manter o fôlego.

— Ah... Eu espero não precisar para um salvamento, mas há de concordar

que eles são úteis para mais que isso, Bell.

Sorri, acenando para dona Velma, uma simpática avó que há anos levava o neto, um garoto portador de Síndrome de Down, para pegar um sol de manhã cedo.

— Eu imagino, Dê.

— Vou voltar! — Ela anunciou já fazendo a curva e voltando para a sua casa, na outra ponta da praia.

Me despedi com um aceno e diminuí meu ritmo, enquanto cumprimentava um ex-paquera que passava correndo. Ainda estava um pouco distante quando o vi debruçado na varanda, preguiçosamente. Uma pérola em meio às diversas varandas vazias.

Senti meu peito queimar de alegria e sorri, mas não acenei. Não sabia se estava sendo vista e não queria ficar feito uma tonta, balançando os braços no meio do calçadão.

Cheguei à barraca de coco, quase em frente ao meu prédio, e dali já dava para perceber que ele estava sim, me olhando. Seu sorriso era maroto e eu sorri também, mas disfarcei ao encostar no balcão e pedir dois cocos para viagem.

— Cara, se ele me chamar, eu vou! — A garota, que não tinha mais do que vinte anos, comentava com sua amiga, ainda mais nova.

— Ele está sorrindo! Puta que pariu, Nêssa... Faz um sinal!

Embora eu imaginasse, acompanhei o olhar delas e constatei que falavam do Erik, que agora já não tinha o queixo na mão e apenas apoiava-se nos cotovelos sobre a balaustrada, exibindo aqueles ombros que eu conhecia bem, e o sorriso endiabrado. Senti ciúme, óbvio, mas também certo orgulho.

Aquilo tudo era meu.

Dei o dinheiro ao atendente e aguardei o troco.

— Se ele faz um sinal, subo lá e dou um trato nele, garota. Que deus! — Disse a que eu supunha se chamar Vanessa e tinha todo o estereótipo de surfista já passada da idade dos cigarrinhos de bali. Sorri para ela, que acrescentou, apontando o queixo na direção do Erik e me perguntando: — Diga se não é um deus?

Olhei novamente para ele e o vi morder o lábio. Será que o ordinário sabia que estava sendo o assunto da manhã?

— É sim, uma delícia. — Respondi com um sorriso presunçoso. — Pode deixar que eu dou um trato por você.

Pisquei para ela e vi que me olhou de cima até embaixo, avaliando,

enquanto a outra gargalhava, claramente me menosprezando.

Já tinha visto estas expressões tantas vezes, que já não conseguiam me abalar. Dei meia volta e fui em direção à faixa de pedestres, levando os nossos cocos e ignorando o preconceito que ficou lá atrás, estirado no chão, se corroendo de inveja.

Era meio absurdo, uma mulher acima do peso estar com um cara tão acima da média quanto o Erik. Se fosse o contrário, e eu fosse homem, seria totalmente admissível, desde que fosse acrescentado o fato de que a gatinha estaria comigo por dinheiro, mas seria algo aceitável.

Ignorei suas reações porque, simplesmente, a minha realidade era outra. Nunca escolhi homens pela beleza e odiaria que fosse escolhida pelo mesmo motivo. Por um acaso — aliado a um vibrador safado no meio de um congestionamento — ali estava eu, indo "dar um trato" no homem mais gato de toda a minha história.

Erik

Ela atravessou a rua e eu simplesmente adorava a forma como ela destruía corações sem sequer atentar para isso. As pessoas a olhavam com admiração, e muitas vezes com cobiça, mas isso não me irritava. Desde que ela não percebesse, desde que isso não lhe despertasse a vaidade. Continuei na varanda, aproveitando o sol e esperando que a Fraise chegasse.

Suas mãos estavam quentes, quando deslizaram pelo meu tórax e ela me abraçou por trás.

— Bom dia, Viking!

Trouxe-a para dentro dos meus braços, pressionando-a contra a balaustrada e a beijei com toda saudade que sentia.

— Bom dia, Moranguinho. Estava vendo você daqui.

Seu rosto estava levemente corado, com um ar deliciosamente saudável.

— Vendo a mim ou às lolitas lá de baixo?

Ri contra seus lábios.

— Eu não estava olhando para elas, mas espero que elas estejam bem atentas em mim agora.

E tornei a beijá-la, sentindo seu corpo quente em minhas mãos e controlando a vontade de arrancar aquela malha e saborear o seu suor.

— Você é um safado, Viking. — dizia, em meio aos diversos selinhos que eu lhe dava — Pena que temos compromissos e eu não posso te dar um

castigo por sua safadeza.

— Pense em algo bem malvado para a noite. — Ela afastou um pouco o rosto, me fitando e me fazendo parar de beijá-la. — Vamos nos ver à noite?

O frio no estômago veio e partiu com a mesma velocidade.

— Sim, claro... — E segurou na minha mão, me levando para dentro. — Vamos tomar café, estou morta de fome!

Senti que ficou estranha de repente e pensei em questioná-la, mas me contive. Não queria criar um clima, quando estávamos indo tão bem.

— Fiz café, mas não sabia o que iria querer comer... — A segui para dentro de casa e quando estávamos na sala, ela voltou para mim e encostou seu peito ao meu.

— Tem pão de forma na geladeira. Poderia fazer torradas? Vou tomar um banho. — E me beijou rapidamente. — Tem geleia e queijo também na geladeira. — disse, quando já partia para o banheiro.

— Alguma chance de dividir o banho comigo? — gritei, mas ela já estava no quarto.

— Não! Temos compromissos, Viking, lembra?

— É...Temos um compromisso. — sussurrei para mim mesmo, conformado.

Bellanne

Desliguei o chuveiro, mas continuei estática no meio do banheiro, com a mão na válvula. A verdade é que meu cérebro deu um puta de um *bug*, quando ele sugeriu que nos víssemos à noite. Em mais uma noite. Estávamos juntos há poucos dias e, embora eu sentisse que conhecia o Erik a vida inteira, eram apenas dias. E por mais que eu amasse estar com ele e sentisse cada vez mais essa vontade, eram apenas dias!

Respirei fundo, puxando o ar que parecia se tornar denso.

Estávamos indo rápido demais e isso não significava uma coisa ruim para mim, mas era impossível ignorar o medo de que tudo terminasse tão rápido quanto estava começando.

— Fraise. — Olhei para o lado e o vi na fresta da porta. — A torrada vai ficar dura.

— Já terminei.

Ele entrou, sorrateiro como um gato, e quando abri o box, ele se aproximou, me encarando. Desviei meu olhar.

— Está tudo bem? você ficou distante, de repente.

Erik havia sentido o meu medo. *Merda!*

— Não é nada. — Mas ele segurou em meu queixo e me olhou com seu azul que me fazia esquecer tudo.

— Você prefere que não nos vejamos à noite? É isso?

— Não. Quero muito te ver à noite. Foi só uma bobagem que pensei. — Dei-lhe um sorriso consolador e beijei-lhe os lábios.

— Estamos indo rápido demais? É isso?

Tornei a respirar fundo. Eu amava tanto quanto odiava esse seu jeito direto.

— Sim, estamos rápidos demais e eu tenho medo de que também termine rápido demais. Mas não sei se quero desacelerar. — Acrescentei rapidamente.

Ele riu e acariciou meu queixo, com os olhos grudados em meus lábios.

— Coloque o cinto, Fraise. Sou bom condutor, mesmo em alta velocidade. Apenas aproveite a viagem.

Estreitei os olhos e inclinei a cabeça, avaliando-o, para logo depois ganhar um beijo divertido como resposta.

— Vamos comer, Viking. E espero mesmo que tenha ABS nessa McLaren.

Dez minutos depois, estava sentada no colo do Erik, dividindo torradas e fatias de queijo, como se todo medo houvesse se dissipado. Ele me contava sobre a adaptação de Mateo à Drakkar e todos os planos que tinha para o irmão. Eu o escutava, encantada com o imenso amor dos dois. Eu e a Margie nos amávamos muito, mas estávamos a anos luz dessa cumplicidade.

O interfone soou na parede logo acima da minha cabeça.

— Sim?

— Dona Bellanne, a senhora Tatiana está subindo.

Como a Tati já era de casa, há muito tempo fora dispensada a autorização para deixá-la subir.

— Ok, obrigada.

— Visita? — Seu rosto mergulhado na curva do meu pescoço, sua barba arranhando e me fazendo arrepiar.

— A Tatiana... Ela não me disse nada sobre vir aqui. — Salientei, preocupada.

Mal fechei a boca, a sineta soou e corri para atendê-la.

— Tati? Está tudo bem? — Tati me deu um beijo rápido e entrou.

— Bell, vi você passando no calçadão e... Bem, eu precisava conversar...

— Ela mora a três quarteirões de mim. Acompanhei seu olhar e vi que estavam sobre o par de sapatos do Erik, no canto da sala. — Bellanne, eu não acredito!

Imediatamente empertiguei a coluna e ergui as sobrancelhas, numa posição defensiva.

— Oi?!

— Puta que pariu, Bell! São do Alex, não são? — Ela tentava falar baixo, mas sem sucesso. Com a mão na testa, apreensiva, Tatiana foi até o meio da sala. — Eu sabia! Eu sabia...

Eu estava paralisada, e antes que pudesse lhe responder, Erik surgiu na sala, completamente sem graça. Desta vez, foi ela quem acompanhou o meu olhar.

— Olá, Tatiana, tudo bem? — Ela estava tão surpresa, que nem conseguiu respondê-lo. — Fraise, onde pego uma toalha?

— No banheiro tem um armário. Fique à vontade.

Ele assentiu e apontou para os sapatos, indo até eles e apanhando-os, para sumir rumo ao quarto, logo em seguida. Então, encarei minha amiga.

— Que merda você tem na cabeça, para pensar que os sapatos seriam do Alex?!

Tatiana estava furta-cor de tão sem graça, mas ainda assim, manteve sua postura orgulhosa e indignada.

— Qual é, Bell?! Não seria a primeira vez que vocês terminam, que você curte outro cara e depois voltam, seria?

Meus olhos arregalaram!

— Que droga, Tati! — Embora eu tentasse sussurrar, a irritação elevava a minha voz. — Qual o seu problema?!

Ela levantou do sofá e veio até mim.

— Eu só quero saber qual é a sua! Foram tantas vezes... Foram anos, Bellanne, nessa novela de vai e volta, que você e o Alex encenam, e eu preciso saber se terá novo capítulo porque eu...

Ela parou a meio caminho, empalidecendo.

— Por que o quê?! Vamos, fale! — Minha raiva por ela estar falando aquelas coisas, e bem quando o Erik estava em casa, começava a reverberar. Eu bem desconfiava do que era, mas ela teria que falar. — Quero te ouvir falar. Desabafa, Tatiana!

De seus olhos saíam fogo. Tatiana meteu as mãos nos bolsos de trás da calça e ergueu o queixo para mim.

— Porque eu amo o Alex! Eu amo o Alex há tanto tempo, que nem sei quando começou. E nunca, nunca me atrevi porque sempre que vocês terminavam e eu tomava um pouco de coragem, vocês acabavam voltando. E eu simplesmente não posso me aproximar dele enquanto vocês tiverem esse caso mal resolvido!

Soltei o ar com força. Apesar de desconfiar de suas atitudes suspeitas, eu jamais poderia imaginar que ela nutria tais sentimentos há tanto tempo.

Olhei para a minha amiga e seus olhos estavam marejados. Ela estava apavorada. Soltei o ar, tentando me acalmar e busquei o meu tom mais doce.

— Eu não tenho isso de caso mal resolvido com o Alex, Tati. — Sua pálpebra tremeu e tentei ser ainda mais clara. — Não tenho mais nada com o Alex, eu juro.

Ela assentiu, mas parecia incrédula.

— E esse aí? — E fez menção ao Erik — Vocês estão mesmo sério? Porque, me perdoe, mas foram tantas...

Ergui a mão, pedindo que parasse já. Respirei fundo, revirando os olhos para fechá-los apertados em seguida e fui buscar a minha calma.

— Eu tenho um lance legal com o Erik e, ao que tudo indica, sim, é sério... Ainda estamos descobrindo como funciona, mas o Alex não tem nada a ver com isso, tá? — Ela apenas me olhou, séria. — Olha, Tati... Vou apenas terminar umas coisas, depois vou precisar sair. Poderia me esperar e conversamos no caminho?

Novamente ela assentiu e voltou ao sofá. Ainda estava bastante nervosa, mas nesse momento eu precisava ver como as coisas estavam com o Erik que, com toda certeza, havia escuta tudo.

Droga! Droga!

Corri para o quarto e encontrei o Erik sentado na cama, já vestido e muito sério, embora não parecesse aborrecido.

Ele ergueu o olhar para mim e levantou.

— Está tudo bem? — Com as mãos nos bolsos, aproximou-se de mim.

Eu apenas o abracei, dando-me conta do quanto estava receosa dele ter interpretado aquela conversa de um jeito deturpado.

— Espero que sim — sussurrei contra seu peito. — Tenho que resolver essa questão com a Tati.

— Tudo bem. — Erik segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou suavemente. — Vou passar em casa, trocar de roupa e vou com o Mateo para a Drakkar. Nos falamos mais tarde.

Ele ia se afastando e a sensação ruim de perda me fez segurar em seu braço e puxá-lo de volta.

— O jantar está de pé?

Erik me olhou profundamente e depois de alguns segundos de torturante silêncio, me beijou.

— Claro que sim.

Eu o vi sair e em meu peito havia um aperto estranho, uma aflição.

Apanhei minha bolsa, calcei os sapatos e esperei até que seu carro saísse da garagem. Não queria que ele escutasse mais nada da minha conversa com a Tatiana.

Bati a porta do carro e coloquei o sinto. Não havíamos dado sequer uma palavra até ali.

Tatiana amava o Alex. Desde quando, exatamente? E por que ficava me empurrando para ele?

Antes de ligar o carro, debrucei sobre o volante e fitei a cara emburrada da minha amiga.

— Antes de você começar a desembuchar, quero que olhe em meus olhos e me escute. — Tati me olhou muito séria. — Eu não tenho mais nada com o Alex. Não vou voltar com ele. Não o quero mais. Dei um basta. Acabou. Não existe mais eu e o Alex, entendeu, Tatiana?

Ela baixou o olhar por alguns instantes e depois voltou a me fitar.

— Como tem tanta certeza? Já te vi ficar com outros caras e depois estalar os dedos e o Alex voltar como um cachorrinho.

Olhei para a frente, pensando.

— Se eu soubesse que gostava dele... — Voltei a fitá-la. — Desta vez é diferente. Eu não vou estalar os dedos e acho que até o Alex já entendeu isso.

— Por que é diferente? — A sua postura pedante estava me irritando.

Putá que pariu! Já não era suficiente eu lhe garantir que era diferente?!

— Porque eu nunca me apaixonei na vida! Porque eu estou completamente, irremediavelmente apaixonada pelo Erik! Deu para entender, Tatiana Mendonça?!

— Apaixonada? De verdade? Do tipo fissurada? Que só pensa nele?

— Vá se foder, Tatiana! — Eu quis bater nela, quis mesmo. — Você sabe o que é estar apaixonada. Agora, fala! Por que estava me jogando para o Alex, se estava de olho nele?

Liguei o carro e comecei a manobrar.

— Porque não queria me iludir. Não podia simplesmente jogar meu casamento pela janela, se houvesse a menor possibilidade de você e o Alex voltarem.

— O mais lógico não seria me jogar para o Erik?

Ela gargalhou, teatralmente.

— Ninguém força você a nada, Bellanne. Mesmo que eu te jogasse para o Erik, se você quisesse, voltaria para o Alex. Então, prefiro que, se tiver que voltar, que volte logo, antes que eu me iluda demais.

Meneei a cabeça, sendo obrigada a concordar.

— Ok, então pode ficar tranquila. Eu estou de quatro pelo Erik. — Suspirei, conformada. Do que adiantava negar? — Agora me conta... O Alex sabe?

— Já rolou uns lances... — murmurou, olhando para fora da janela.

Filha da puta!

— Como é?! — Freei frente ao engarrafamento. — Quando rolou "uns lances", Tatiana?! Você furou meu olho?!

Ela me olhou indignada.

— Claro que não! Tá louca?! — e voltou a fingir que prestava atenção à rua. — Foi na noite do lançamento da Drakkar. Ele estava mal pra cacete por sua causa, e eu fui seu consolo.

Ai, que droga! O que dizer numa hora assim?

— Tati, posso ser sincera? — O trânsito estava meio lento, mas o hospital onde ela trabalhava não ficava tão longe. — O Alex não me ama. Ele está acostumado com a ideia de ser meu namorado.

— O pior é que eu sei disso.

Ergui as sobrancelhas surpresa.

— Sabe? Que bom! — Suspirei, sentindo certo alívio. — E quanto ao maridão?

— Aí é que está a merda. — Tati cruzou os braços sobre o peito. — Eu e o João já não somos um casal há tempos e me culpo por isso. Ele nunca foi o fodão na cama, e só Deus sabe o quanto isso me mata! O tanto de fogo que eu tenho e o João é um cara passivo demais, ortodoxo demais — disse um pouco mais baixo, como se tivesse vergonha de ser uma mulher fogosa. — Acontece que ele sempre foi um bom marido e bom pai.

Engoli seco, lembrando do vídeo do João na boate, na despedida de solteiro do Anderson. Naquele dia, e em outros que só eu, o Lucien e a Let

sabíamos, o João não havia sido nada ortodoxo.

— Amiga, você ainda sente algo pelo João?

— Definitivamente, apenas gratidão. E é por isso que me sinto culpada. Ele tem sido um marido fiel, comprometido...

Aí, foi demais para mim! Minha amiga não devia fidelidade àquele cachorro!

— Para, para, para! — Parei o carro em um posto de gasolina e pedi ao frentista para completar o tanque. Olhei para a Tati e criei coragem. Precisava abrir o jogo e seria numa cacetada só! — Tatiana, o João é um belo de um escroto! Nunca te dissemos nada porque você parecia bem feliz com ele e fazia questão de propagar isso.

— Como assim, escroto, Bellanne?! Do que você tá falando?!

Então, contei-lhe sobre a boate, sobre a vez em que Lucien o havia flagrado saindo do motel com uma garota que, muito provavelmente, ainda estava no ensino médio, e sobre a vez em que a Letícia acessou um vídeo de um "boy magia", em um *site* de pornô caseiro.

— A Let quase infartou, quando depois de se masturbar com a imagem do cara batendo uma punheta, viu que na verdade o pau era o do João. — Tatiana estava com as duas mãos na boca e tinha os olhos arregalados. — Ela traumatizou tanto, que nunca mais conseguiu entrar em sites pornôs, coitada.

— Deus do céu! Por que vocês nunca...?

— Não tivemos coragem, Tati. Você o tinha como a um santo. Jamais iria acreditar na gente.

Ela estava pálida, coitada, e segurei em sua mão.

— Estou com náuseas, Bell... Acho que vou vomitar. — E abriu a porta do carro, colocando o corpo para fora.

— Ai, Tati, só não vá me dizer que está grávida!

Imediatamente, Tatiana retornou à sua posição e fechou a porta do carro, parecendo refeita na náusea.

— Não brinca com isso, Bell! Se eu estivesse grávida, seria do Alex, não do João.

Ui!

Quando, minutos depois, a deixei na porta do hospital, a Tati já estava bem melhor, apesar do semblante disperso, aéreo.

— Resolve a tua vida com o João, Tati, vocês têm o Junior e seria bom que tudo fosse feito da forma mais amigável. — Ela assentiu e tentou sorrir. — Depois, se joga no Alex. O caminho está completamente livre.

Então, finalmente vi seu semblante serenar e me deu um abraço tão forte, que me sufocou.

— Obrigada, Bell. Precisávamos ter essa conversa, não era?

— Precisávamos sim, amor. Estou com você e por você, sempre que quiser.

Ela assentiu e saiu do carro, fechando a porta em seguida. Mas antes de se afastar, voltou e se abaixou na janela.

— Ah! Estou feliz que esteja apaixonada. E nem é por causa própria. É maravilhoso te ver assim, toda brilhante!

Rimos juntas e antes que começássemos a vomitar arco-íris, fui embora. Precisava chegar à serra antes das dez horas. O trabalho me aguardava.

31º Capítulo



CAPÍTULO 31

Bellanne

Depois de um trânsito complicado, um congestionamento na estrada e a *playlist* inteira que o Lucien batizou de "*BellErik*", finalmente cheguei à locação: uma reserva florestal de cair o queixo!

Como sempre, o Lucien já estava lá e toda a produção estava executada. Há meses havia fechado contrato com essa mega marca de cosméticos ecologicamente correta e faríamos a campanha para uma nova linha de produtos. E ali eu estava, em meio a um cenário típico da Nova Zelândia, mas a apenas trinta quilômetros de casa!

— E aí, Bell, foi difícil chegar?

Lucien me cumprimentou com um selinho.

— Mais ou menos. — Olhei ao redor, analisando a luz e o ambiente. — Quais as opções?

Ele me mostrou alguns pontos interessantes para fazermos as fotos, mas o meu olhar me mostrava outros ângulos. Assim, lá fomos nós, iniciar o que seria um dia inteiro de muito trabalho.

Algumas modelos não foram exatamente um sinônimo de simpatia, mas outras — e o restante da equipe — facilitaram meu trabalho, com um astral legal e total disposição para as minhas ideias inusitadas. Deste modo, às catorze horas estávamos sentados a uma mesa, na varanda de um restaurante dentro da própria reserva, dando um tempo após o almoço.

E porque não tínhamos segredos, contei ao Lucien a minha conversa com a Tatiana.

— Eu sempre achei que havia coisa ali, Bell. Não era normal aquela defesa ferrenha do Alex.

— Ah, Lu... Eu estou realmente torcendo para que eles se acertem. Vai ser estranho, o fato de eu conhecer o namorado da minha melhor amiga em todas as suas modalidades, mas com o tempo a gente acostuma.

— E acha que o Erik escutou a Tati falando sobre você e o Alex?

— Estou certa que sim, mas ele agiu com maturidade e não comentou nada.

Mal fechei a boca, vimos Letícia encostar o carro no estacionamento.

— Putz! Ela veio mesmo. — Lucien esticou-se para ver melhor a nossa amiga, que vinha trajando um macacão estampado com folhas. — E veio camuflada.

Ela chegou na varanda e eu ainda ria, vendo como ela andava toda contida, absolutamente convencida de que estava sendo discreta.

— Boa tarde, patota!

Let beijou cada um de nós e sentou à nossa frente.

— Letícia Amorim, me diz que você estava brincando. — Lucien suplicava. — Diz que não veio fazer espionagem industrial.

Ela havia nos telefonado mais cedo, e quando descobriu que estaríamos o dia inteiro fotografando para uma indústria cosmética, disse que precisava vir estudar o terreno. Na hora, não entendi bem, e agora, entendia ainda menos.

— Espionagem?!

— Conta para a Bell, Letícia, o que você veio fazer aqui.

O balançar das pernas do Lucien indicava bem seu estado de espírito, mas o biquinho que estava fazendo era uma evidência de que ele queria mesmo era ver Letícia se enrolar toda para explicar o que viera fazer aqui. Havia entre eles uma divertidíssima aura de disputa eterna.

Olhei para a minha amiga, curiosa. Esperava que me dissesse que pretendia se aproximar de alguém da empresa, para tentar uma vaga de emprego ou um bico durante a campanha, talvez. Mas ela, mais uma vez,

conseguiu me surpreender.

— Se você falar mais alto, Lucien, deixará de ser espionagem, daí eu mesma vou aos donos da empresa e pergunto o que quero saber.

— E o que quer saber, Let? — Eu começava a ficar preocupada.

— Preciso saber exatamente o que eles pretendem lançar, Bell. Como empresária, preciso estar um passo à frente, ou no máximo, acompanhar o que há de melhor no mercado.

Olhei para Lucien, em busca de uma luz, mas ele apenas meneou a cabeça e deu de ombros.

— Por que não procura o setor comercial? Você quer revender os produtos, não é isso?

Lucien rompeu em uma risada afetada, o que fez meu braço arrepiar.

— Conta, Letícia Amorim! — Ele a pressionou.

Let respirou fundo e olhou para as unhas, fingindo descaso.

— O Caio, finalmente, descobriu para que veio ao mundo. — Ergueu lentamente os olhos para mim e eu tive vontade de mandá-la calar. Não sei se queria escutar o que estava por vir. — Ele está fazendo um curso de química e desenvolvendo uma linha maravilhosa de xampus e condicionadores. Eu precisava vir sondar essa coisa de utilizar essência de...

— Você enlouqueceu, Letícia Amorim?! — Acabei falando bem mais alto do que pretendia. — Ou a porra da maconha lesou seu cérebro?!

Ela me fitava com a máscara da indignação.

— Eu não uso maconha, Bell! Não mais. — Afirmou indignada. — E isso do Caio é uma coisa muito séria. Você precisa ver com que dedicação...

— Ele está fazendo um curso, Bell. — Lucien a interrompeu, acrescentando com ironia e tentando segurar o riso. — O que já é um avanço.

Letícia fuzilou nosso amigo com o olhar.

— Está mesmo! E saiba que nunca o vi fazendo algo com tanta seriedade.

Inclinei para a frente, apoiei os cotovelos nos joelhos e cobri a boca com as mãos. Precisava ponderar e falar a coisa certa para deter aquele trem descarrilhado que era a Letícia.

— Let, em nome de *Jah*, que curso é esse? Tem certificado? A instituição é séria?

Lucien gargalhou e Letícia ergueu seu dedo médio gigante para ele.

— É um curso sério, Bell. — E tornou a virar-se para o Lucien. — Não é porque é *online* que não é sério.

— *Online*?! — Me desesperei, mas logo em seguida modulei a voz,

tentando me acalmar. As coisas não poderiam ser tão ruins, né? — Ok, é *online*, mas é uma faculdade decente, reconhecida?

Eu já começava a me irritar com o Lucien, que não parava de rir e as pessoas ao redor já nos olhavam curiosas.

— Não é uma faculdade... — Eu abri a boca para protestar, mas ela não me deixou falar. — É no *youtube*, mas o professor é um químico e botânico concei...

— Letícia, você pirou, cara! — Levantei e puxei a cadeira para ficar mais perto dela, ao mesmo tempo em que lancei uma ameaça velada ao Lucien. O assunto era sério. — Escuta, amiga... Sei que tem muita gente entendida no *youtube*, mas amiga... Cosmético é coisa muito séria.

— Olha, Bell... — E passou a mão pelos cabelos, trazendo-os para a frente do rosto. — Cheira aqui. Foi o Caio quem fez.

Só então me dei conta de que seus cabelos estavam com um aspecto estranho, quase como uma lã de carneiro. Mesmo assim, os cheirei e, de fato, estavam bem perfumados.

— O cheiro está bom, mas você se olhou no espelho hoje, Let?

A gargalhada de Lucien pôde ser escutada do outro lado da reserva, tenho certeza. Imediatamente, Let enrolou os cabelos e fez um coque.

— Ele ainda está testando e é por isso que estou aqui. Quero sondar que nova linha é essa. Já pensou, se tivermos xampus com a mesma essência, e antes de todo o resto do mundo?

Eu estava estupefata.

— Let, já pensou que ele pode acabar detonando os cabelos de várias pessoas? Já pensou que pode dar até cadeia?

— Não é para tanto...

— Ah, é sim! Vamos supor que eu fosse uma compradora desse produto, e se eu ficasse com o cabelo como o seu... — E olhei para os diversos fios arrepiados no alto da sua cabeça, escutando Lucien, às minhas costas, dizer que estava um horror. — Eu meteria um processo no Caio sem nem pensar duas vezes. E onde eu teria comprado o xampu? Pois é... Vão os dois para o xadrez, porque não serei a única a reclamar.

Let baixou o olhar, decepcionada, e partiu meu coração. Ela desejava tanto que o marido acertasse em algo na vida, que apostava todas as suas fichas em suas empreitadas.

— Não fica assim, Let... Uma hora o Caio vai encontrar seu lugar no mundo, mas você precisa ser o "pé no chão" da relação. Não pode embarcar

em tudo que ele inventa.

— E o que vou dizer a ele, Bell? Como vou jogar esse balde de água fria?

— Mostra o seu cabelo, ué!

— Cala a boca, Lucien! — Falamos juntas, eu e Let, e Lucien ergueu as mãos, em defesa.

Respirei fundo, buscando inspiração para ajudar a minha amiga.

— De certa forma, o Lu está certo. Mostra o seu cabelo, mas de uma forma que não o ofenda. — Mais uma vez vi a Let ajeitar os fios rebeldes. — Diga que ele precisa melhorar as fórmulas e que, para isso, seria bom ele buscar outras fontes, estudar...

— Sabe bem que o Caio é burro, Bell. Ele é bom de cama, mas para estudos é uma negação.

— Ele deveria ser *youtuber*, então.

— Lucien! Que horror! De onde tirou essa ideia?

— Que ideia? A de que *youtubers* são burros ou que ele serviria para isso?

— *Youtubers* não são burros, muito pelo contrário. Não seja preconceituoso.

— Alguns são. — Lucien sussurrou, disfarçando, e eu simplesmente o ignorei.

Quando me voltei à Let, ela estava com os olhinhos brilhando e me dei conta de que Lucien havia criado um monstro.

— *Youtuber*?! E sobre o que ele falaria, Lu?

Letícia levantou e foi sentar no braço da cadeira do Lucien, como se há dois minutos não estivesse querendo matá-lo.

Olhei aqueles dois sem poder acreditar que estavam mesmo cogitando aquela possibilidade. Bem, ao menos não seria tão perigoso quanto experiências cosméticas. Levantei, mas nenhum dos dois pareceu notar.

— Vou trabalhar, porque ganho mais do que escutar as loucuras de vocês. Lu, você volta para cidade comigo?

Lucien interrompeu a conversa animada apenas para dizer que sim e tornaram ao assunto, que parecia empolgar a ambos. Eu me recusei a participar de mais essa loucura e corri para aproveitar a luz fria que ainda havia.

Erik

Já tinha alguns minutos naquela posição, queixo apoiado na mão e

cotovelo sobre a mesa. Batia a ponta da caneta sobre o balanço semanal, meio impaciente. Na mente, a conversa de Bellanne e sua amiga Tatiana.

E se a outra estivesse certa e a Fraise um dia voltasse para o Alex? A Bell andava cheia de medos de se envolver comigo... E se eu é que estiver me envolvendo demais? E se a ligação dela com o ex for tão forte assim, que a nossa relação não possa superar?

Era meio idiota que eu estivesse preocupado com essas coisas. Nunca foi do meu feitio ficar pensando a relação, mas Bellanne Fraise estava revirando tudo em mim, mudando meus conceitos, bagunçando a minha vida.

As batidas na porta foram seguidas pela entrada animada do Thomaz e do Mateo.

— Ocupado? — Meu sócio perguntou, enquanto o Teo, todo sorridente, já estava sentando à minha frente.

— Não. Apenas pensando e aguardando a hora da reunião.

— Já tenho tudo arrumado, Erik. Será uma reunião rápida e não daremos chance ao conselho. Estamos apenas aguardando o *link* para a videoconferência. Assenti. Não estava preocupado com a reunião semanal do conselho, pois passei muito tempo conduzindo-a sozinho, quando morava em Paris.

— Mateo, você também irá participar. — Eu o Tom já havíamos conversado sobre a possibilidade de ampliar a participação do Teo na administração. Ele era justamente a peça que faltava para conseguirmos conciliar as agendas. — Por isso, quero que aproveite esse tempo, antes da reunião, para estudar as atas passadas. A Flávia pode colocá-lo a par.

Mateo assentiu, parecendo satisfeito, e depois de trocar um cumprimento informal e engraçado com o Thomaz, nos deixou a sós.

— É impressão minha ou você está treinando o Mateo para o seu lugar? — Tom perguntou, enquanto sentava na cadeira que Mateo acabara de vagar.

— Me substituir? — Ri, porque havia apreensão na fala do Thomaz. — Não... Ainda não. Mas quero dar-lhe responsabilidades. Quero que sinta que confio nele.

— Isso é bom. Como acertamos, você tem carta branca... Mas não para uma substituição. — Acrescentou em tom de ameaça jocosa. — O Teo precisa mesmo ganhar asas.

Sorri, lembrando-me do garoto de cabelos que, de tão loiros, eram quase brancos, correndo com sua bicicleta. E agora, vejo-o tornar-se um homem. Estava grato por ainda ter tempo de participar da sua transformação.

— Mas tem algo a mais preocupando você. Conheço-o bem, Erik.

De cabeça baixa, ergui o olhar e encontrei o do Tom. De fato, ele me conhecia melhor do que qualquer um. Ainda assim, avaliei se deveríamos entrar em uma seara tão íntima.

Meu amigo pareceu ler meus pensamentos.

— Erik, se não quiser, não precisa falar. Eu não quis meter-me em seus assuntos, apenas... Bem, se for algo referente à exposição póstuma da sua mãe, eu posso lhe garantir que a Sophie está cuidando de tudo.

— Eu sei, Tom. A sua esposa é uma mulher muito competente. Não é isso.
— Larguei a caneta e entrelacei os dedos sobre a mesa. — Meu problema é com outra mulher.

— Bellanne Fraise? Ela está conseguindo tirar seu sossego?! — Perguntou divertido, com certo ar de deboche, mas não o interpretei mal. Ele tinha motivos para estranhar.

— Pela primeira vez na minha vida, estou inseguro. — Tom arregalou os olhos para mim e eu sabia exatamente o que ele estava pensando. — E isso é estranho pra cacete.

— Eu imagino, "senhor *Freezer*". Devo acrescentar que ver seus olhos brilhando está me deixando bem assustado.

Sorri, embora um tanto acanhado.

— Estamos bem, mas é que ela age de uma maneira que não me permite prevê-la. Nunca sei como Bellanne irá reagir, não consigo lê-la, e isso está me pirando. — Tom manteve-se calado, muito sério e apenas balançando a cabeça, como se analisasse minhas palavras.

— Não conseguir prever suas reações está pirando você?

— É que hoje... — Ignorei sua pergunta. Eu precisava mesmo era desabafar. — Sem querer, escutei uma conversa dela com uma amiga e falavam sobre o ex-namorado da Fraise. Sua amiga dizia que eles estão sempre retomando a relação e...

— E você está morto de ciúme. — Encarei o Tom sem saber o que dizer. — Ou seria apenas desconforto, por não ter o menor controle da situação?

Engoli seco, entendendo sua pergunta anterior, e também esta última.

— Ela não segue um roteiro, Tom. E isso tanto me desnorteia, quanto me deixa de quatro.

Ele estreitou os olhos para mim.

— Erik, você tem ciência do que está me dizendo, não tem?

Abaixei o olhar. A negação gritando alto em mim.

Sempre muito piedoso, Thomaz apenas dispensou as acusações e prosseguiu:

— Sei lá, amigo... Talvez, seja a hora de deixar que ela conduza. Entregue o comando a ela, Erik.

Havia ironia em seu conselho, e no fundo não consegui fazer a conexão entre meu problema e o que ele me dizia.

— Eu... Eu não sei como lidar.

Tom passou a mão pelo rosto e eu poderia apostar que seu cérebro estava em curto, variando entre o que gostaria e o que deveria dizer. Embora gostasse muito da sua sinceridade, no momento, eu preferia que ele olhasse o problema isoladamente e me aconselhasse sobre como superar a minha insegurança.

— Amigo, porque ao invés de tentar sempre estar à frente, não entrega os pontos? Fale para ela como se sente e apenas deixe que ela decida como será.

Meu coração disparou e senti como se um vazio estivesse sob meus pés.

— Eu já lhe dei a entender que gosto dela de verdade.

— Pois não dê a entender. Fale diretamente. Conte suas intenções, abra seu coração e veja no que dá.

— Simplesmente sentar e esperar? É isso que me propõe?

Seu olhar foi direto, desafiador.

Merda! Ele sabia bem o que estava em jogo. Ninguém me conhecia como ele.

Recostei na cadeira, sentindo o estômago revirar.

— Acha que consegue, Erik? Acha que consegue não planejar nada? Não conduzir?

Não lhe dei resposta, simplesmente porque eu não a tinha.

Bellanne

Começava a escurecer, quando pegamos novamente a estrada. Lucien ameaçava cochilar ao meu lado, e a voz suave do Djavan contribuía para isso, mas eu era "do contra" e, de forma alguma, o deixaria dormir, enquanto eu dirigia e minha cabeça fervilhava — Erik não havia ligado ou mandado mensagem durante o dia inteiro.

— Lu, quando soube do lance do Caio e os xampus?

Ele abriu um dos olhos, apenas.

— Há dois dias, mas não achei que fosse tão longe.

— Sabe que o Caio é doido.
Ele soltou o ar em meio ao riso.
— Doida é a Letícia, que ainda está com ele. — Desistindo de dormir, ergueu o encosto do banco.
— Ouviu ela dizer que o cara é bom de cama. — Ultrapassei o caminhão e retornei à minha pista. — Não é motivo suficiente?
— Seu casamento com o Viking será quando? — Olhei para ele, espantada. — Ele é bom de cama, não é? Então, motivo suficiente.
Bufei, dando um ponto a ele.
— Se dependesse disso, estaríamos fazendo bodas de ouro.
— Uau! É bom assim? — Lucien ficou todo interessado e, definitivamente, seu sono passou. — Você não me contou nada, sua bruxa! E aí, deu essa “rabetada”?
— Rabetada quem dá é a sua mamãe. Eu faço anal.
Lucien gargalhou.
— Faz? Então, rolou? Agora entende minhas preferências sexuais?
O tráfego estava tranquilo e logo estaríamos em casa.
— Entendo que deve haver um motivo plausível para você ficar ao menos uma semana de jejum, entre as suas “rabetadas”.
— Por Deus, Bellanne Fraise, rabeta é um prato especial! — Pelo canto do olho notei sua expressão divertidamente prepotente. — No dia a dia ofereço outros pratos, querida. É claro que seu menu é mais diversificado, mas não deixa ninguém passar fome.
Gargalhei e peguei a saída para o centro da cidade.
— E está me sugerindo dar um banquete ao Viking?
— Não estou sugerindo nada. Só perguntei se aproveitou meu “*gift*”. — disse, se referindo ao “*kit* rabeta”, que havia deixado no hotel.
Ficamos em silêncio um tempo. Eu, pensando em por que eu tinha tanto medo de fazer anal, se morria de tesão só de pensar na possibilidade, e Lucien, provavelmente, esperando a minha resposta.
— Ok. Acho que tenho medo porque nunca encontrei um cara que me inspirasse confiança.
— Nem o Alex, que você conhece há dois mil anos?!
— Alex sempre foi meio afobado. — Eu nem mesmo curtia lembrar do sexo com o Alex. Não que fosse ruim, mas... Enfim, difícil achar graça no feijão com arroz, quando se acostuma a comer lagosta ao *thermidor*.
— E quanto ao Viking?

As luzes da cidade clarearam todo o carro e eu encontrei os olhos lindos e puxadinhos do Lucien. Sorri e voltei a atenção à rua. A verdade é que o Erik parecia ser o cara perfeito e estava certa de que ele saberia fazer melhor do que qualquer um.

— Me explica direitinho como faz a tal “chuca”?

Meu amigo gargalhou e quase perco a entrada para a casa dele.

— Hoje tem rabeta no jantar! — Lucien berrou e eu agradei pelos vidros estarem fechados.

32º Capítulo



CAPÍTULO 32

Erik

Não era um bicho de sete cabeças, afinal. Não quando podia-se comprar tudo semipronto e apenas montar o *smørrebrød*.

— Explica isso novamente, porque não estou acreditando!

Olhei para Fraise, sentada elegantemente na minha cozinha, com as pernas cruzadas e um olhar arteiro de menina levada.

Abafei o riso com um generoso gole de vinho.

Tentava fazer a receita parecer mais elaborada, mas o prato mais típico da Dinamarca era algo tão simples quanto um sanduíche.

— Vou montar o *smørrebrød* colocando um ingrediente sobre o outro, na ordem correta.

— Você me disse que iria cozinhar para mim, Viking. E agora me vem com sanduíches?

Fui até ela e beijei seus lábios, quase não contendo meu riso.

— Será o sanduíche mais perfeito que já comeu na vida.

— Não tenho dúvida. — E segurou na minha camisa, me puxando de volta

para si, quando ameacei retornar ao *smørrebrød*. — Mas quero crer que você preparou cada um desses ingredientes.

— Eu tive o imenso trabalho de ler seus rótulos, escolher os melhores, comprá-los e, com muita técnica, abrir cada uma das embalagens. Tenho muitas qualidades, Bellanne Fraise.

Seu gosto misturou-se ao do vinho, quando a beijei mais profundamente, criando um novo sabor para mim.

— Você é cínico, Erik Lars. — Rindo, ela me empurrou de volta à pia.

— E agradeça eu não ter encontrado *rugbrød*, que é o pão utilizado para este prato. Ele é odiado por doze, entre dez estrangeiros que o provam.

— Ah! Fico feliz que não o tenha encontrado!

Bellanne levantou e pegando a taça sobre a pia, bebeu um gole do meu vinho.

— Achei que não fosse beber. Quer um copo?

Ela encostou o quadril na pia e me encarou. Estava linda com seu vestido longo, negro de alças finas, contrastando com a pele levemente dourada. Os cabelos soltos iluminavam seu rosto perfeito.

— Você fez de propósito, Viking. Cozinhar descalço e usando bermuda, todo sexy, exibindo essas pernas lindas, foi covardia.

Yes! Larguei a faca na pia e a envolvi em meus braços, sem tocar-lhe com as mãos sujas.

— Sabia que essa bermuda seria decisiva para fazê-la passar a noite comigo.

Ela ergueu o rosto, me oferecendo a boca carnuda, sedutora.

— O que estamos fazendo, Viking? Passamos todas as noites juntos, desde que voltou.

— Não está gostando?

Seus olhos desceram para meus lábios e eu salivei de vontade de beijá-la novamente. Se pudesse, eu a beijaria o tempo inteiro. A maciez dos seus lábios vivia em minha mente.

— Muito mais do que seria sensato gostar.

Tomei seu lábio inferior entre os meus e o chubei, lentamente. Fraise cerrou os olhos e senti todo seu corpo amolecer, enquanto eu, endurecia mais e mais.

— Esqueça a sensatez, Moranguinho. Eu estou disposto a derrubar todas as minhas muralhas para você, por que não faz o mesmo?

Ela abriu seus olhos grandes e feiticeiros para mim.

— O que chama de muralhas, Viking?

Instintivamente, esfreguei minha ereção contra seu ventre e pensei seriamente em colocá-la sobre a pia e comê-la ali, entre os rosbifes e queijos.

— Não tenha medo de se envolver. Eu quero muito você, e quero o tempo todo. — sussurrei com a boca junto a dela.

Suas mãos subiram por minhas costas, sob a camisa, me arrepiando.

— Eu estou morta de medo, Erik.

Meu coração saltou e foi algo estranho de sentir. Não saberia precisar se aquilo era excitação ou receio.

— Eu também, mas só porque não sei o que você quer de mim. O que quer de mim, Bellanne Fraise? — Lambi os cantos da sua boca e chupei sua língua antes que me respondesse.

— Fica difícil pensar com você me torturando assim.

Sorri com seu lábio entre os meus.

— Responda, Fraise... O que quer de mim?

— Tudo, Erik Lars... Não sou mulher de querer pouco.

Afastei o rosto e fitei-a diretamente.

— Eu posso te dar tudo, Bellanne Fraise. Eu quero te dar tudo.

— E você, Erik Lars... O que quer?

Havia uma infinidade de respostas para esta pergunta, mas naquele momento, vendo aquela mulher estonteante, exalando sensualidade e absolutamente deliciosa à minha frente, havia apenas uma resposta na ponta da minha língua.

— Nesse momento? Comer você.

Passei a mão sobre a bancada da pia e arrastei o pote de *cream cheese*, queijo e pão, tudo para dentro da pia, carreguei Bellanne e coloquei-a sentada sobre o balcão. Puxei as alças do seu vestido, desnudando seus seios, e tomei um deles em minha boca. Gemi de prazer, quando senti o bico enrugar e endurecer ainda mais em minha língua.

A pele macia e firme sob minhas mãos estava arrepiada e quente. Deslizei as mãos sujas por suas coxas, apertando sua carne como se assim pudesse senti-la ainda mais. Ergui seu vestido e alcancei as tiras da calcinha.

Ela puxava meus cabelos, gemendo, cheia de desejo, enquanto eu mordiscava seus mamilos, sugando-os com força e contendo a ânsia de mordê-la de verdade.

Bellanne dava-me uma imensa vontade de ser cruel, simplesmente porque meus sentidos já não eram suficientes para absorvê-la. Por mais que eu

tivesse do seu corpo, nunca parecia ser o bastante, e eu me sentia enlouquecer de desejo. E todo planejamento que fiz para um jantar romântico, cheio de declarações de amor, acabara ali, sobre a pia da cozinha, perdendo-se de tesão.

Mais uma vez, Bellanne fugia do meu roteiro, deixando-me vulnerável.

Retirei sua calcinha, que se perdeu pela cozinha, e me enterrei nela com pouca suavidade. Mergulhando em sua boca faminta, apertando suas costas, trazendo-a ainda mais para mim. Entrei no calor de Bellanne para me perder em meu paraíso. Ela me envolvia com pernas, braços e boceta, me apertando, sugando e eu entregando-me inteiro àquela mulher.

Ansioso pelo êxtase, agarrei-lhe os cabelos e penetrei fundo em sua boca, engoli seu gemido de gozo, enfiando-me até o fundo e desaguando todo meu prazer em suas entranhas.

E assim, a cada vez que a possuía, me dava conta do quanto estava viciado nela. Viciado em fodê-la, em beijá-la, em escutar sua gargalhada, em sentir seu olhar guloso. Eu queria dizer-lhe o quanto a queria em minha vida, o quanto a amava, mas de tão denso, meu sentimento arrastava-se pela garganta, preguiçoso, e morria ali, sem liberdade.

Ela ainda me beijava, enquanto eu estremecia de gozo. Ainda me apertava, pulsando ao meu redor, ainda me sugava, retirando tudo de mim. Nossas respirações, afoitas, estavam sincronizadas e eu podia sentir seu coração contra meu peito.

— Você me destrói, Fraise. — murmurei contra a sua bochecha, arrastando minha boca por sua pele sedosa. — Meu controle desaparece.

Seu riso rouco, sussurrado ao meu ouvido, me arrepiou.

— Culpa dessa bermuda.

Sorri, enquanto erguia a cueca e fechava a dita bermuda. Fitei seus olhos ainda encobertos de tesão e ela me prendeu ali, atravessando a minha alma com seu olhar.

O ar parecia ter parado e eu quase pude escutar o som da água no cano da pia. O mundo simplesmente parou para escutá-la, quando ela me impediu de me afastar, novamente envolvendo-me com suas pernas, e apoiou as mãos sobre o balcão, inclinando-se para trás, displicentemente.

— Eu estou muito, muito apaixonada por você, Viking. Pode lidar com isso?

Eu não soube o que dizer. Meu coração disparou e em meio segundo eu construí na mente os nossos próximos dez anos. E realmente gostei do que

vislumbrei.

— Eu dou um jeito. — Gracejei. E de repente, eu sorria tanto, que até doeu as minhas bochechas. Ela também sorria, enquanto mordia o lábio e me olhava com aquele jeito de menina travessa.

— Acho bom se preparar. Nunca me apaixonei, não sei como será.

Acaricieei seus cabelos, completamente perdido na beleza daquela mulher. Uma beleza ao mesmo tempo selvagem, doce, e que ia muito além de suas cores, curvas ou qualquer simetria.

— Vamos descobrir juntos. — Deslizei a mão até a nuca e trouxe-a para mim. Indeciso entre a sedução dos seus olhos e o desejo de beijá-la, umedeci meus lábios. — Tudo o que quero nessa vida, é você, Fraise. — E mergulhamos em um beijo lento e molhado.

Bellanne

Chuei cada um dos dedos, saboreando o que restou do tal *smørrebrød*. Estávamos sentados no tapete da sala, encostados no sofá, de frente para a varanda, com apenas as luzes dos abajures acesas e a *playlist "BellErik"* soando uma série de músicas excitantes, aquelas que o próprio Lucien denominava de "músicas para o sexo".

Na mesa de centro, duas taças, uma garrafa de vinho e um prato, todos vazios. No meu colo, a cabeça loira do Erik; e no ar, uma aura de cumplicidade, de intimidade.

— Ok... Foi numa tarde de domingo. Estávamos eu e mais duas colegas sozinhas em casa e bebemos o uísque doze anos do papai. Ele nos encontrou no chão da sala e eu havia feito xixi nas calças e ria sem parar. Uma das minhas colegas estava com metade do corpo debaixo da mesa e gritava por socorro. Enfim, terminamos a noite no hospital, com glicose na veia. E eu, terminei o mês sem colocar a cara na rua.

Erik ria sem parar e, vez ou outra, cravava os dentes na minha barriga.

— Minha vez, não é? — Enxugou as lágrimas que desciam de tanto rir. — Então... Meu primeiro porre foi em uma festa na casa do Thomaz. Era natal e eu não queria ficar com meus pais. O clima não estava agradável. Eu tinha, sei lá... treze? Quatorze anos? Em *Copenhague* se bebe muito e em qualquer idade, então, ninguém estranhou quando desaparecemos com a garrafa de vodca. Foi quase tão vergonhoso quanto o seu. Não precisei ir para o hospital, mas a mãe do Thomaz precisou segurar minha cabeça, quando

comecei a vomitar em seu sofá novo.

— Cacete, Erik! — Rimos, com ele se empolgando nos detalhes.

— Foi ridículo!

Enfiei os dedos por entre seus cabelos sedosos, admirando o dourado escuro e brilhante.

— Agora, deixe de enrolação... — Afastei uma mecha do seu olho e insisti.

— Quem foi a sua primeira transa?

— Já disse que esqueci. — E tentou morder a minha barriga, mas eu a contrái a tempo.

— Não se esquece uma coisa dessa, Viking. Fala de uma vez!

— Tudo bem.... Foi com a minha prima, a Hedda. Tínhamos quinze anos e era aniversário dela.

— Ah, que original! — Ironizei e acariciei-lhe a barba cerrada, adorando sua maciez.

— E você, Fraise, quem foi seu primeiro?

— Foi o Fred, um amigo que fazia a maior propaganda que odiava usar camisinha, então, eu disse que transaria com ele, mas só se ele usasse camisinha.

— Você quebrou a honra do cara. — Erik segurou minha mão e beijou a palma, diversas vezes. — Ele devia ser uma lenda, com coragem para não usar preservativo.

— Eu não quebrei nada... Eu dei uma honra a ele! — Respirei fundo, retomando o fôlego depois de tanto rir. — E já que entramos na seara... Como foi a primeira vez que fez anal? — Lancei, e enfim, chegávamos ao ponto. Eu precisava saber o grau de experiência do Viking.

— Como assim? — Erik saiu do meu colo, apoiando-se nos cotovelos, e me fitou com uma cara engraçada. — Que porra de pergunta é essa, Fraise?!

Ri de sua fingida indignação.

— A primeira vez que comeu, não que deu. Essa, eu nem quero saber.

Apertou os olhos com os dedos, enquanto ria e, acredito, tentava se lembrar. Seriam tantas vezes assim?! Uau!

— Também foi com a Hedda. Éramos um pouco mais velhos e não foi muito legal, mas com o tempo, fui pegando o jeito.

Eu encarei seus olhos azuis na penumbra, pensando em quantas vezes, ou por quanto tempo, ele e a prima tinham sido amantes.

— Virou expert, Mr. enrabador?

— Nem tanto, mas sou competente.

Ergui uma sobrancelha, me divertindo com o seu ar provocadoramente prepotente.

— Agora, é sua vez... Com quem fez anal pela primeira vez?

Revirei os olhos, fingindo que estava tentando lembrar, mas me traí e comecei a rir. Erik franziu a sobrancelha, com ar divertido.

— Fala sério... Você nunca fez anal?!

— Ah, qual é?! Já fumei maconha, pulei de paraquedas e roubei as moedas do Buda da minha avó. O que é um cuzinho virgem, diante disso tudo?

Erik me olhava incrédulo, mas de um segundo para o outro, a malícia apoderou-se de seu olhar e me senti queimar.

— Eu posso resolver seu probleminha de "cuzinho virgem", Fraise. — Os olhos do Viking me atravessaram e eu juro que se ninguém me detivesse, logo eu estaria de quatro, empinando a bunda para ele. — Ao menos, daqui a alguns anos, se lembrará de mim como a sua primeira vez.

Ele sentou e veio para cima de mim, me pressionando contra o sofá, e eu já começava a esquecer os relatos assustadores que andei escutando, em especial de Letícia, sobre sexo anal. Erik era bastante motivador.

— Se você prometer que será bom para nós dois, posso pensar no seu caso, Viking. — Estreitei os olhos enviesados para ele. — E também que terá muita paciência.

Ele mordeu meu lábio e o sugou, enchendo-me de tesão.

— É claro que prometo. Te farei gozar como louca, sendo anal ou não. — Sua língua deslizava entre meus lábios e eu já sentia tudo em mim contrair, de puro desejo. — Não vamos estipular nada, está bem? Se na hora você quiser, a gente deixa rolar, mas se não for a hora, será gostoso do mesmo jeito.

Fiz um biquinho charmoso.

Uma ova que eu não iria querer! Só de imaginar o tesão que o Viking ficaria, minha boceta latejava. Coloquei as duas mãos em seu peito e o afastei. Seus olhos, que estavam grudados em minha boca, ergueram-se lentamente para encontrar os meus.

— Vou precisar de mais vinho... — E porque ele fez uma expressão de puro desconsolo, beijei-lhe mais uma vez, agora com mais intensidade. Então, voltei a me afastar e encarei seus olhos celestes. — ... E de um lubrificante. Você quer ser o meu primeiro ou não?

Erik não me respondeu de tão surpreso, mas seus olhos brilharam. Ele se

afastou, dando-me espaço para levantar.

Quando cheguei à cozinha, onde havia deixado a minha bolsa, meu coração estava disparado. Havia me preparado toda, mas não sabia se teria coragem. Só que... De repente, me vi quase implorando para que ele fizesse sexo anal comigo.

Estava quase quicando de tesão e ansiosa para que ele me comesse de todas as maneiras possíveis. A despeito do frio no estômago, num misto de medo e excitação, o que mais queria nesse momento era ser todinha do Erik Lars.

Mexia na bolsa quando, furtivamente, o vi passar de volta à sala e nem mesmo havia percebido que tinha levantado. Peguei a bisnaga que dizia "lubrificante e anestésico" e também mais uma garrafa de vinho na adega.

Voltei à sala trêmula e o encontrei sentado sobre o tapete, recostado no sofá, no lugar onde antes eu estava sentada.

Agora, Erik usava apenas uma cueca boxer preta e brincava com o restinho de vinho no fundo da sua taça. Paralisei, chocada com a beleza daquele quadro. Queria ter a minha Chiquinha à mão e registrar este momento. As sombras, os contornos, a plástica do corpo perfeito em proporções e formas. Sem contar a aura que pairava ao seu redor e que minha Chiquinha não conseguiria captar. Ele estava absolutamente compenetrado, com seu perfil destacado pela luz que vinha do abajur.

A voz de *Adam Levine* soava baixinha, suave e *sexy*, cantando "*Unkiss me*", quando caminhei até ele e lhe ofereci a garrafa de vinho. Erik ergueu sua taça e eu lhe servi, me arrepiando com a mão que subia por entre minhas pernas.

Coloquei a garrafa sobre a mesa de centro e lhe entreguei a bisnaga. Erik ergueu seus olhos matadores para mim, sério, e me encarou, como se me perguntasse se eu estava certa do que queria. Como resposta, retirei as alças do vestido e deixei que o tecido sedoso escorregasse até meus pés.

Seus olhos saíram dos meus e registraram cada centímetro do meu corpo, demoradamente, até a calcinha boxer de renda preta.

— Você me dá água na boca, *Bellanne Fraise*.

Ele me ofereceu sua taça ao mesmo tempo em que sua mão deslizava pela minha panturrilha e subia, lentamente, até a virilha, fazendo-me tremer.

Sorvi o vinho e o álcool acendeu minhas células.

Erik deslizou as mãos por baixo das laterais da calcinha e retirou-a bem devagar. Então, me puxou para si.

Saí de dentro do vestido amontoado aos meus pés e passei uma perna sobre ele, ficando de pé, com ele sentado entre as minhas pernas. Sua mão subiu por entre as minhas coxas e ele tocou meu sexo, me fazendo vacilar.

Devolvi-lhe a taça e ele a virou na boca, bebendo todo o vinho de uma vez, para depois deixá-la no chão, a certa distância de nós.

Com uma calma calculada, Erik voltou a me fitar, de baixo para cima, acariciando as minhas pernas e minha boceta. Mergulhei as mãos em seu cabelo e abri a boca em busca de ar. Era difícil respirar naquela aura densa de sensualidade.

A cada toque em meu sexo, todo o meu corpo espasmava com uma descarga de excitação completamente nova para mim. Seus olhos, grudados nos meus, registravam minhas reações, queriam me ver sentindo prazer, e eu dei isso a ele.

A minha cabeça pendeu para trás e me deixei dominar pelo prazer que seus dedos me proporcionavam, ora estimulando meu clitóris das mais diversas formas, ora metendo-se fundo dentro de mim. Eu tentava me sustentar e descontava o tesão nas carícias que fazia em seus cabelos.

— Você sabe que é gostosa, não sabe? — Ele apenas sussurrou e eu abri os olhos, voltando a encará-lo, e só depois dei-me conta de que em meu rosto havia um sorriso soberbo. — Sabe que me deixa doido, não sabe?

Meu tesão cresceu, vertiginosamente, quando segurou na minha coxa esquerda, fazendo-me erguer a perna e apoiar o pé no sofá. E assim, tendo-me aberta para ele, mergulhou o nariz e a boca em minha boceta.

Gemi alto e quase desequilibrei, com o choque da chupada vigorosa que ele deu bem ali. Erik segurou em minha bunda, puxando-me ainda mais contra sua boca, e o carinho que eu fazia em seus cabelos, tornou-se duro, desesperado.

Quando percebi, meus gemidos estavam ecoando pela sala e meus joelhos dobravam, sem conseguir me sustentar. Erik me chupava com afã, com verdadeira fome, saboreando cada parte do meu sexo, sorvendo meus fluidos e me fazendo trepidar de prazer. Seus dedos amassavam a minha bunda e logo encontraram meu ânus. Ele os manteve ali, apenas acariciando, massageando, e eu louca que ele me invadissem.

Eu queria absolutamente tudo do Viking. Queria seu carinho, mas também o queria rude, bruto. Queria sua língua em minha boceta, mas estava desesperada por seu pau. Queria que ele me invadissem de todas as formas, que me fizesse sua de todas as maneiras possíveis e até mesmo as que são apenas

imagináveis.

Depois de gozar, esfregando-me na boca *sexy* do meu Viking, minhas pernas cederam e desci, escorregando pelo seu peito e barriga, até alcançar o pau duro sob o tecido da cueca boxer.

Rocei nele, queimando de desejo, e suas mãos fortes seguraram a minha cabeça, guiando-me para um beijo voraz, invasivo e succulento. Entreguei-me inteira, sentindo o próprio gosto da minha boceta, misturado ao vinho e ao gosto tão próprio da saliva do Erik.

Cheguei a um estado tal de tesão, que não faria objeção a absolutamente nada que ele quisesse fazer comigo. Eu toparia as coisas mais insanas, mais bizarras sem nem questionar.

Erik pressionava seu pau rijo contra mim, provocando, e quando separamos nossas bocas em busca de ar, ele encostou nossas testas e, de olhos fechados, começou a sussurrar aquelas palavras incompreensíveis, em seu dinamarquês. Será que tinha noção do quanto aquilo me excitava?

— O que significa? — sussurrei, em meio à busca de ar.

Ele sorriu de olhos fechados e sugou meus lábios mais uma vez. Segurando em minha cintura, me fez erguer o quadril apenas o suficiente para que conseguisse retirar sua cueca. Seu pau bateu em minha boceta, me deixando louca.

— Quer saber o que significa?

Lentamente, fui engolindo seu pau para dentro de mim. Meu corpo regelando em meio ao fogo, na medida em que ele me abria, em que elastecia minhas paredes, pouco a pouco. O prazer me invadindo de imediato, provocando arrepios em partes que eu sequer sabia que poderiam arrepia.

— Quero... — Soltei junto com o ar.

Estávamos presos no olhar um do outro, e enquanto uma mão deslizava pelas minhas costas, me puxando contra seu peito, a outra mergulhava em meus cabelos.

— Estou louco por você... — A voz rouca chegando aos meus ouvidos, simultânea à cabeça do seu pau alcançando-me o fundo. Seus olhos presos aos meus, fixos, me diziam mais do que sua boca. — Você me faz esquecer quem sou, esquecer que existe um mundo lá fora...

O gemido veio sem que eu o previsse, e não saberia dizer se era fruto do prazer de senti-lo me invadir ou das carícias que suas palavras faziam em meus ouvidos.

Eu saboreava o significado de cada frase, embora ainda não conseguisse

compreender a força que tinham.

— Estou com medo, porque sinto que não me pertencço mais. — Erik sussurrou, em meio aos gemidos, e eu quase me desmanchei quando ele franziu as sobrancelhas e mordeu o próprio lábio, sentindo prazer. — Não sou mais dono da minha vida, Fraise... Estou tão louco por você, que tenho medo de assumir até para mim mesmo.

Sua última frase ecoou em meus ouvidos e a emoção apertou meu peito junto à excitação que me dominava. Não suportando mais a pressão que sentia, coleí a minha boca à dele, sugando seu lábio, lambendo sua língua. Meu quadril ganhando vida, subindo e descendo cada vez mais rápido.

Entendendo a minha urgência e, desconfio, experimentando a mesma emoção que eu, Erik sorriu contra a minha boca e, segurando em meu quadril, acelerou o nosso ritmo.

A cada estocada, subíamos um degrau no êxtase. O cheiro de sexo pairava ao nosso redor e os gemidos do Erik sobressaíam à voz do *Adam Levine*.

Comecei a rebolar com um pouco mais de desespero, mas fui cortada, quando ele me segurou com força, parando suas investidas, e arquejando, fitou-me diretamente.

— Ainda quer tentar?

Ri, nervosa. Eu queria e muito, mas também estava com um pouco de receio. Não foram poucas as vezes que escutei Letícia contar que chorava de dor, enquanto Caio gozava em sua bunda.

Erik tornou a me beijar e acariciou minha nuca.

— Fraise, não sou exatamente o cara alucinado por sexo anal. É muito bom, mas vivo bem sem. Não precisamos fazer, se não quiser. Mas se quiser, o momento é agora, que você está cheia de tesão.

Não sei se foram suas palavras ou seus olhos que me deixaram à vontade, mas naquele instante, me senti cheia de coragem.

— Como faremos?

Depois de me dar um beijo rápido, esticou-se e pegou o lubrificante sobre o sofá. Com o braço envolvendo a minha cintura, Erik me deitou de lado sobre o tapete de pelos macios que arrepiaram a minha pele sensível.

— Você precisa apenas confiar em mim, se entregar e pensar em seu prazer. — Deitei a cabeça sobre seu braço e senti ele se colar inteiro às minhas costas. — Me avisa se ficar difícil, está bem?

Assenti e empinei a bunda, provocando-o. Ainda estava muito excitada, e

cada fibra do meu corpo voltava a vibrar como antes, a despeito da tensão.

— Abre a perna pra mim, Moranguinho. — Estávamos de conchinha e sua mão deslizou pela parte interna da minha coxa, erguendo-a e apoiando-a sobre a sua própria perna, enfiada entre as minhas.

Seus pelos roçaram contra a minha pele quente e eu estava tão sensível, que captava o menor toque, a sua mais sutil respiração contra a minha nuca.

A mão enorme do Erik deslizou pela curva do meu quadril, afundando na cintura e chegando à barriga, sem pressa, judiando da minha urgência. Com o braço que estava sob a minha cabeça, ele virava meu rosto, para alcançar o canto da minha boca, onde enfiava sua língua atrevida. E quando sua mão possessiva cobriu minha boceta inteira, me contraí.

Minha bunda parecia ter vida própria, esfregando-se no seu pau, suplicando por atenção.

Erik me acariciava com dedicação, alternando movimentos, me erguendo na escala do prazer. Seus dedos invadiram a minha boceta e imprimiram um ritmo agressivo, com a palma da mão friccionando meu clitóris.

Mordi seu antebraço, prestes a gozar e seu riso sussurrado inundou meu ouvido, quando bruscamente, retirou os dedos de mim.

— Ssss... Nada de gozar ainda mocinha.

Então, bem na frente do meu rosto, ele apertou a bisnaga de lubrificante e encheu seus dedos, ainda melados com meus fluidos. No instante seguinte, eu revirava meus olhos de tesão, com a carícia que fazia em meu ânus virgem e estreito.

— Você gosta disso, minha safada? Gosta que eu faça assim? — E deslizou um dedo para dentro. Meu gemido ecoou e segurei seu antebraço com uma mão, enquanto com a outra busquei minha intimidade e a apertei, quase chorando de tesão.

Erik girou o indicador dentro de mim, entrando e saindo, e logo depois deslizou o dedo médio. Nem em mil anos eu iria imaginar que aquilo seria tão gostoso, e de tão bom que estava, nem me incomodei quanto ele introduziu o terceiro dedo, com todo cuidado. Ele me penetrava, girando os dedos, me abrindo, me preparando sem pressa.

— Estou explodindo de tesão, Fraise... Você ainda vai me deixar louco.

Enquanto enterrava seus dedos em mim, eu me acariciava, perdida em agonia, alucinada por satisfação, até que, ao retirar seus dedos grossos de mim, o vi colocar uma quantidade grande de lubrificante na mão.

— Eu vou bem devagar, amor... — Sussurrou, beijando e lambendo meu

pescoço. — Se quiser, é só falar e eu paro.

E quando senti a cabeça do pau encostar na minha bunda, sequer titubeei. Eu queria, queria muito. Queria ele todo dentro de mim. Queria escutar seu gemido rouco no meu ouvido, queria ser todinha dele.

Erik posicionou o pau no meu ânus e forçou um pouco. Senti que ele meio que encaixou na minha entrada, então, me abraçou e eu dissolvi.

Ele me envolveu inteira em seus braços e beijou meu pescoço, sussurrando coisas em dinamarquês que, agora eu sabia, era apenas a sua forma de extravasar o tesão. O tom que usava era de extremo carinho, e foi com esse mesmo carinho que ele desceu a mão e começou a me masturbar, lentamente, quase no mesmo ritmo em que sussurrava ao meu ouvido e que investia seu pau em meu ânus, entrando e saindo apenas com sua ponta, que já era o suficiente para me deixar dividida entre o prazer e a dor.

Naquele momento complicado da minha vida, entendi o real significado de ser safada, porque por mais que sentisse medo, tudo o que eu conseguia fazer era gemer e empinar a bunda para que ele me invadisse de uma vez.

Doía... Oh, se doía! Mas seria uma extrema leviandade da minha parte dizer que era insuportável. A ardência vinha tão encoberta pelo tesão, pela vontade de ser tomada que, mesmo queimando feito o diabo, eu queria mais. Até porque, ele manobrava tão bem, empurrando um pouco e recuando e, desta forma, tudo o que fazia era me excitar.

— Minha Fraise.... — Sua voz estava rouca e arrastada. Eu sabia que para ele também não estava sendo fácil manter o controle. — Quero todos os seus gozos só para mim. Vou te fazer gritar, minha Bell. Vou te fazer gritar de tesão comigo todinho dentro de você.

O contraste entre o Erik acanhado, sério demais, e as sacanagens que ele dizia enquanto trepávamos, me fazia subir pelas paredes. E foi assim, quando eu estava começando a me acostumar com seu volume, que o Erik me apertou em seus braços e forçou mais a sua entrada. Puxei o ar com força, quando senti que me invadia um pouco além e seu pau havia ultrapassado uma espécie de anel dentro de mim.

Erik percebeu a minha contração e cessou sua investida.

— Moranguinho, está vendo essa caixa perto da sua cabeça? — Sussurrou, quase sem voz.

Ergui o rosto e vi a caixa, como a de um relógio. Ela não estava ali antes, então, concluí que ele havia ido buscá-la quando fui pegar mais vinho.

— Abre para mim?

Curiosa, abri a caixa e fiquei sem ação. Fui tomada por um misto de divertimento, surpresa e tesão.

— Você guardou?

Ele sorriu e seu hálito fez cócegas em meu ouvido.

— Chegou a hora da nota sete dele ser útil.

Era o mesmo vibrador que usei no engarrafamento, o responsável pela primeira troca de olhares entre nós. Eu sequer lembrava-me dele, mas o Viking o havia guardado todo esse tempo!

Retirei nosso amiguinho da caixa e entreguei ao Erik. Me encolhi, ao sentir os beijos molhados pelo meu ombro e pescoço.

— Abre a perna para ele, Bellzinha, abre.

Sorri, porque estava excitada e porque havia uma dose de ironia em sua frase. Havia uma velha rixa entre o vibrador e Erik Lars, e o meu Viking parecia estar disposto a humilhar o coitado.

Porém, ao invés de levá-lo direto ao meio das minhas pernas, Erik o levou a minha boca primeiro e me mandou chupar, e eu o fiz com toda vontade.

Enquanto eu chupava, lambuzando o vibrador, sentia o olhar do Viking me queimando e seu pau voltando a investir. Eu sabia que ele estava explodindo e eu não estava a fim de colaborar para o seu controle.

— Amo sua safadeza, Bellanne Fraise.

Mordi o lábio, tentando me controlar, quando ele tirou o vibrador da minha boca e o deslizou para dentro da minha boceta.

Meu amiguinho não era grande, talvez, um pouco maior do que o dedo médio de um homem, mas a sua anatomia e desempenho eram meus conhecidos. Um pouco inclinado, o danado tocava justamente a parede anterior interna da boceta e suas vibrações eram projetadas para alcançar o suposto ponto G, enquanto na parte de fora, um adendo rugoso massageava meu clitóris.

Erik ligou sua chave e iniciei a minha viagem ao céu.

Em segundos eu estava me contorcendo, suando, a despeito da brisa fresca que vinha da varanda, gozando feito louca. Sentindo o orgasmo se prolongar e dobrar, como se não tivesse fim.

Erik me abraçava com braços e pernas, enquanto escorregava para dentro de mim devagar, entrando e saindo, urrando em meu ouvido.

Ao longe, eu ainda sentia uma pequena ardência, um certo incômodo, mas eu havia entrado num frenesi de prazer tão grande, que jamais

classificaria aquilo como dor. Meu corpo, quase desfalecido, ainda sentia as descargas do orgasmo múltiplo, mas recusava-se a dizer basta.

Erik já estava todo dentro de mim, e ainda assim eu queria mais. Ele deslizava sem dificuldade e minha atenção estava lá, em seu pau comendo minha bunda. Meu tesão ainda estava todo lá, então, retirei o vibrador de dentro de mim e ergui o braço, segurando a cabeça do meu viking contra a minha.

— Me faz gozar, Erik. — pedi, entre gemidos.

Erik espalmou uma mão em meu ventre e com a outra, por baixo do meu pescoço, tomou meu seio. Meu clitóris já estava dolorido, e o prazer que eu sentia vinha de outro lugar que eu não saberia precisar. Vinha da minha pele bronzeada, roçando na pele cremosa do Erik; vinha dos gemidos roucos, dolorosos, sussurrados ao meu ouvido; vinha da mão máscula, grande e possessiva sobre mim; vinha do contato do seu corpo grande cobrindo as minhas costas; vinha da sensação incrível de saber que era em meu corpo, fora dos padrões, que Erik Lars se perdia de prazer; vinha da certeza de que nasci para ser dele, e do tesão que me invadia no mesmo ritmo em que bombeava seu pau dentro de mim.

Tudo isso explodiu em meu corpo e eu sequer tentei conter os gritos insanos. Cravei os dedos entre os pelos do tapete no mesmo instante em que os dedos de Erik marcaram a minha pele.

O gozo percorreu meu corpo como se buscasse uma saída, antes de explodir por cada poro. Meus mamilos doeram, com a violência com que se arrepiaram, meus olhos arderam por trás das pálpebras e, segundos depois, quando me vi encolhida dentro dos braços do Erik, dei-me conta de que o gozo ainda estava em mim. Todo meu corpo ainda latejava de prazer, como se não quisesse me abandonar.

Erik

Bellanne estava em mim de todas as formas. Enquanto ela jazia, plena de prazer em meus braços, eu me embestia em seu cheiro, em seu corpo delicioso. Ela era perfeita para mim nos mais diversos sentidos. Só ela me fazia ter bons pensamentos, querer ser diferente, me inspirava.

Bellanne era capaz de me fazer esquecer tudo que deixei para trás, e por ela ser esse sol em minha vida, não havia a menor chance de perdê-la.

Eu demoraria a admitir para ela, mas não conseguia negar a mim mesmo

que, definitivamente, eu precisava de Bellanne. Precisava da sua gargalhada, da sua espontaneidade. Sentia-me dependente do seu toque, dos seus beijos, de estar dentro dela.

E quando senti que se quebrava inteira de prazer em meus braços, a minha vontade foi dizer-lhe o quanto era importante para mim. Só não sabia se conseguiria dizer isso sem assustá-la.

— Você está bem, minha Fraise?

Acaricieei seus cabelos e beijei-lhe a curva do pescoço.

— Muito melhor do que eu esperava.

Sorri contra a sua pele dourada e ela girou no eixo, ficando de frente para mim. Fechei meus braços ao seu redor.

Com o rosto a centímetros do meu, me perdi em seu olhar. Ela passou a perna por dentro das minhas e me abraçou.

— Eu adorei, Viking. Você foi tudo o que eu esperava que fosse.

Sorri apenas com os lábios, tentando conter meu orgulho masculino.

— Você é muito mais do que eu poderia esperar na vida, Bellanne Fraise.

Ela não me deu qualquer resposta atrevida, não sorriu, não fez uma piada. Apenas me olhou, mirando uma pupila e depois a outra. Meu coração disparou e uma sensação estranha de euforia começou a nascer em mim. O desejo que eu tinha era de apertá-la em meus braços e não deixá-la sair nunca mais.

— Eu...

Por mais difícil que fosse, eu sabia que precisava dizer. E quando ela me olhava desse jeito, como se conseguisse enxergar os lugares mais escondidos da minha alma, eu me sentia impelido a falar, mas não encontrava as palavras.

— Eu também acho que estou amando você, Erik.

Ergui as sobrancelhas, surpreso, tanto porque parecia ler pensamentos, quanto porque lhe fora tão fácil dizer o que eu não conseguia verbalizar.

— É isso... — Quase admiti. — Você sabe que sim.

E trouxe-a ainda mais para mim, colando meu queixo em sua testa e absorvendo-lhe o calor. E se adormecêssemos ali, não haveria problema. Eu avisei que mataria o Mateo se ele voltasse para casa antes das dez horas da manhã seguinte.

Bellanne

Acordei com um som suave, o toque de um telefone. Estava meio tonta, estranhando o lugar, e me vi no tapete, no meio da sala do Erik, em completa escuridão e sozinha. Vi a luz vermelha do telefone piscar e seu tom estava baixo.

— Erik? — Levantei e tornei a chamá-lo, um pouco mais alto. — Erik!

Fui até o que achei que fosse seu quarto e vi que havia alguém tomando banho.

— Erik?

— Oi, linda. Entre. — Abri a porta e me deparei com o Viking debaixo do chuveiro. — Não quis te acordar... Quer entrar?

Eu ainda estava meio zonza.

— Erik, o telefone estava tocando...

— Deve ter sido o Mateo.

— Que horas são? — Busquei onde poderia haver um relógio.

— Onze horas, mais ou menos.

Recostei no marco da porta, me situando. Ele abriu o box e sorriu para mim.

— Quer se juntar a mim?

Sorri de volta e já caminhava para ele quando o telefone voltou a tocar.

— Posso atender?

— Por favor. O Mateo tem diabetes e pode estar precisando de algo.

Voltei para o quarto e atendi ao telefone, que estava no criado-mudo.

— Alô?

A pessoa ficou muda por alguns segundos e eu me preocupei.

— Boa noite. É da casa dos Lars? — Era uma voz masculina, grave e com um sotaque acentuado.

— Sim, é da casa do Erik. É urgente? É que ele está ocupa...

— Quem está falando?

Contraí a testa, involuntariamente. Na sua voz havia uma autoridade petulante.

— Sou Bellanne, namorada do Erik. Posso ajudá-lo? Como dizia, o Erik...

— Bellanne?! — Meu nome soou como se estivesse referindo-se a algo asqueroso e eu gelei de surpresa e raiva. — Será que você poderia passar o telefone para o dono da casa? Eu sou o pai dele.

33º Capítulo



CAPÍTULO 33

Bellanne

Não pude acreditar na petulância daquele homem, e logo tudo o que Erik já havia me contado sobre o Axel, fez sentido. Dois segundos depois de eu ter passado o telefone para o Erik, me veio à mente pelo menos cinco respostas à altura, que eu poderia e deveria ter dado ao Axel, mas a minha surpresa foi tamanha, que eu simplesmente não lhe respondi e estendi o fone ao Erik, perplexa.

Ele o atendeu e imediatamente senti o tom da sua voz mudar. Nada entendi do que falava em dinamarquês, mas a dureza com que era dito, ficou evidente.

Fui para o banho, mas mantive a atenção na conversa que ocorria. Erik andava pelo quarto como uma fera enjaulada. Sua voz alterava e retornava ao normal com uma frequência incrível, e ainda que o próprio idioma já não tivesse certo acento agressivo, seria fácil reconhecer que ele e o pai estavam em uma discussão calorosa.

Erik

Atendi ao telefone, mal o cumprimentei e fui logo interrompido.

— Erik? Você há pouco chegou ao Brasil e já tratou de se envolver com alguém?

Era inacreditável que ele estivesse perguntando esse tipo de coisa. Meu sangue esquentou e cogitei desligar o telefone, mas era, dentre muitas coisas, o meu pai, e eu ainda tinha o mínimo de respeito por ele.

— O que quer, Axel?

Escutei ele respirar fundo, obviamente tentando também se acalmar.

— Quero saber como vocês estão. Acabei de ter um pesadelo e agora compreendo que se tratava de um aviso. Onde está o Mateo? Você teve coragem de meter uma mulher em sua casa estando o seu irmão...

— Disse bem, minha casa. — E baixei o tom, assim que percebi que quase havia gritado. — E ela não é "uma mulher", é a minha mulher.

Eu tentava manter o tom de voz calmo, mas sentia meu controle por um fio.

— Sua mulher?! Você enlouqueceu, Erik Lars?! Você perdeu o juízo?!

Put a que pariu!

Sentei na cama e abaixei a cabeça. A minha vontade era simplesmente mandá-lo se meter com sua vida, mas meu consciente ficava ecoando "é o meu pai", "é o meu pai". Apesar de tudo, eu precisava me controlar.

— Axel, o Mateo não está em casa, mas ele está bem. Se era isso que queria saber...

— Eu sempre tive esse receio... — Recomeçou. Levantei e caminhei até a janela. Evitei dar-lhe atenção, mas isso não era fácil. — Quando soube que ia para o Brasil...

— Por acaso está lembrado de que suas duas esposas são brasileiras?! Você é quem enlouqueceu! E eu não admito que se meta em minha vida!

Com isso, ele se calou e eu soltei o ar que estava me sufocando, parado em meus pulmões. Olhei para o relógio e eram onze e quarenta da noite, o que significava que eram quase três da manhã em *Copenhague*.

— Mateo está bem, deve estar dormindo, e você também deveria estar. Se era isso que queria saber, te desejo boa...

— Você vai desligar?! Erik... Estou lhe dizendo que acordei sentindo-me mal por causa de um pesadelo terrível com meus dois únicos filhos e é assim que me trata?

— Se você se comportasse com menos petulância, eu o trataria de maneira diferente.

— Está me ofendendo por causa da sua amiga?

— Ela é minha namorada, não minha amiga.

— Que seja! Sou seu pai e estou preocupado, aflito por você!

Tornei a respirar fundo e apertei os cantos dos olhos com o polegar e o indicador.

— Ok, Axel... Não precisa mais se preocupar. Estamos bem e agora precisamos dormir. Boa noite. Fique bem.

— Espere!

Bufei, exasperado, e voltei à cama, mas dessa vez apenas apoiei o pé sobre ela. Axel prosseguiu.

— Essa mulher... Essa sua namorada... — Sua voz estava mais serena, embora a palavra "namorada" fora quase que cusvida. — Quem é ela?

— Basta saber que é a mulher que amo. Isso deveria ser suficiente para você.

Na medida em que ele parecia se acalmar, eu também sentia meu sangue esfriar.

— Bellanne é seu nome, não é verdade? Bellanne o quê?

— Fraise. — Soltei, como se assim pudesse me livrar dele mais rapidamente. — Axel, por favor... Estou cansado e sabemos que você não tem o menor interesse nela, então, vamos nos despedir e só.

— Francês? Ela tem ascendência francesa? Qual o grau?

Mirei o teto e antes que dissesse algo que lhe provocasse um novo infarto, dei fim àquela loucura.

— Você é ridículo, e para mim chega. Boa noite, Axel.

Desliguei o telefone com o coração cheio de culpa. Por mais sacana, por mais filho da puta que ele fosse, era o meu pai, além do chefe da família Lars, e eu não me sentia confortável em tratá-lo assim. Mas, honestamente, ele estourava todos os limites!

As mãos suaves alisaram meus ombros e eu cedi, consciente dos meus músculos, antes tensos, relaxando aos poucos.

— Está tudo bem? — Bellanne sussurrou contra as minhas costas.

— Vai ficar. — Ergui o braço e trouxe-a para minha frente, abraçando-a. — Com você, tudo fica bem.

— Ele é uma pessoa difícil mesmo, hein?

Encostei os lábios em sua testa e tentei sorrir. Não queria contagiá-la com

a negatividade do Axel.

— É sim. — Estalei um beijo onde começavam seus cabelos. — Vamos dormir?

Fraise envolveu minha cintura e apenas balançou a cabeça, concordando.

— Vou buscar um copo de água. Você quer alguma coisa?

Encarei seus olhos na penumbra, olhos grandes, sinceros, sedutores e, neste momento, estavam tão cheios de carinho, que me enterneceram.

— Quero apenas deitar ao seu lado e voltar a esquecer que coisas ruins acontecem... E vivem.

Bellanne apertou os lábios, um contra o outro, e desviou do meu olhar. Não entendi sua expressão. Talvez ela apenas não compreendesse bem como alguém poderia odiar o próprio pai, como alguém poderia ser mais feliz longe dele. Ela não tinha o menor motivo para compreender.

Observei-a deixar o quarto metida em uma *t-shirt* minha que lhe chegava ao meio das coxas. Era bom vê-la sempre à vontade, sendo ela mesma. Isso me passava a sensação de que tudo era simples, de que tudo se resolvia com facilidade. Bellanne era assim: a personificação do "tudo vai ficar bem". Que, ainda que o tempo fechasse e a tempestade caísse, o estio sempre viria. Quem sabe com o tempo eu não aprenderia a ser como ela? Quem sabe não terminaria por me “bellannizar”?

Bellanne

As semanas seguintes foram bem agitadas e os preparativos do casamento da Margie terminaram por cair em minhas mãos, o que era de se esperar.

A cerimonialista e o meu amigo Dimitri — um fotógrafo da maior qualidade — acabavam de sair da minha sala e eu teria alguns minutos, antes de partir para uma reunião com o pessoal da SLA, uma famosa agência alemã que está promovendo um mega concurso fotográfico e estamos negociando a minha participação como jurada.

A vida estava agitada e eu começava a sentir a velha comichão, me chamando para viajar e fazer umas fotos. O casal Dannemann andava assediando a Mariana, loucos por um ensaio em Paris, mas embora eu também desejasse esse trabalho, não havia a menor condição de deixar o país nos próximos quinze dias. Teria que adiar.

Desci a barra de rolagem do *Instagram*, achando um absurdo um homem como o Erik ter poucas fotos em uma rede social tão utilizada. Ele era mesmo

peculiar.

Abri a postagem com uma foto sua em um evento. A legenda estava em francês e era de dois anos atrás: "A Drakkar é uma das finalistas para o prêmio marca do ano", algo assim.

Erik faz um tipo mais tranquilo, não via-se muito sua figura em festas, badalações — o meu oposto, devo acrescentar.

Ele tem preocupações com segurança — usa carro blindado, mora em um condomínio equipado com o mais moderno sistema de segurança e tal —, mas é discreto quanto a isso. Jamais o vi com seguranças ou algo do tipo. É um homem que comanda uma multinacional, mas também tem consciência de que roupas de seda não podem ser lavadas na máquina e que existem produtos distintos para limpar uma e outra coisa na casa.

Erik fala quatro idiomas com extrema fluidez, já se sentara à mesa com chefes de Estado, mas também usava jeans para trabalhar e gosta de desembaraçar meus cabelos, sentado no sofá, enquanto assistimos à série *House of Cards*. Erik Lars é isso: incrivelmente imprevisível.

Desde que passamos aquele primeiro final de semana juntos, não conseguimos mais nos separar. Dormimos juntos cada dia daqueles quatro meses, e a cada vez que deitava a minha cabeça perto da dele, na hora de dormir, sentia que terminava o dia mais apaixonada.

— Bell, está na hora de ir.

Mari me olhava com expectativa e eu ainda estava um pouco perdida em meus pensamentos.

— Certo. — Desliguei a tela do computador. — Tem a localização?

— Mande para o seu celular.

— Qual a previsão para o término? — Peguei minha bolsa e uma garrafa de água no frigobar. — Ainda tenho que ir ao salão e chegar na exposição pontualmente.

A exposição póstuma da mãe do Erik, enfim, seria inaugurada e, embora o Erik ainda não soubesse, eu queria tirar umas fotos desse momento. Por isso precisava chegar cedo.

— Se realmente seguirem a previsão, levará somente duas horas.

Passei por Mari e beijei sua cabeça. Ela não era muito alta.

— Eles são alemães, amor. Terminará em uma hora e cinquenta e nove minutos. — Ela riu, enquanto me seguia. — O Mateo vai te pegar?

— Não. Eu irei para a "Lars-caverna". Me trocarei lá.

Sorri e depois soltei um beijinho no ar para ela, antes de fechar a porta e

partir.

Erik

— O jurídico sinalizou que o melhor é fazermos a migração dos processos e sistemas antes do final do ano, Erik. Não será difícil, e se começarmos o ano com essas alterações já definidas, tudo ficará mais fácil.

Tom estava sentado à frente da minha mesa e desconfio que havia tomado um energético, pois estava agitado demais para um final de tarde. Mateo, de pé, recostado na janela de vidro, acompanhava a discussão com atenção, enquanto a minha mente já começava a falhar.

— Vamos marcar uma reunião amanhã com o representante de cada setor e vamos fazer o comunicado das futuras mudanças, e também o que será de competência de cada um. Mateo... Quero você nessa reunião. Você será nosso contato direto nesse processo de mudança, ok?

Mateo pareceu meio apavorado, mas Tom o tranquilizou.

— Relaxa, Teo... Não é nada demais, é apenas para cumprimos algumas exigências legais e o setor jurídico estará dando todo o suporte.

— Só precisamos que mantenha-se informado e nos informe de tudo.

Meu irmão ergueu uma sobrancelha e eu achei graça como fazia exatamente como eu.

— Fácil! Serei a fofoqueira!

— Quase isso. — Sorri para ele, que estreitou os olhos fazendo uma falsa ameaça. — Mas uma fofoqueira dentro de um terno Armani e com poder suficiente para não deixar escapar detalhe algum. Será nossos olhos, mais uma vez.

— Acho bom vocês se acostumarem a tatear. "Seus olhos" — disse, fazendo referência a si mesmo — estará em *Copenhague* dentro de dois meses.

Eu havia esquecido que o Mateo havia agendado essa viagem. Seriam apenas alguns dias, mas ele me faria uma falta imensa.

— Ok! Deixemos de conversa! — Levantei, batendo as duas mãos na mesa e encerrando o pequeno concílio. — Vou para a minha última reunião do dia que, espero, seja bem rápida.

— Estou indo para casa. Nos vemos, então?

Abracei meu amigo e beijei sua bochecha.

— Obrigado, Tom. Será importante ter vocês lá.

— Kivo! — Mateo me alcançou quando eu já passava pela porta. — Vou para casa também. A Mari deve estar chegando.

Encarei meu irmão por alguns segundos, fascinado pelo brilho que havia em seus olhos. Mateo estava vivendo como jamais o havia visto viver. Ainda era um menino, mas Mariana estava sendo peça-chave no seu amadurecimento. Sua felicidade me comovia e me fazia pensar se eu também andava com aquele brilho no olhar.

— Tudo bem. Vejo vocês mais tarde.

Bellanne

— Erik Lars, eu vou te matar!

Rosnava, enquanto lia a mensagem do Erik, dizendo que a reunião estava se estendendo e que eu fosse para a exposição com o Mateo e a Mari. Ele me encontraria lá.

— Ei! — Mateo entrou correndo no quarto e "brecou" na porta, antes de invadir o banheiro da suíte do Erik, onde eu estava. — O Kivo...

— Estou sabendo. — Virei meus olhos para ele, tentando não borrar o delineador que secava. — Vou com vocês.

— Uau, Bell, você está um colosso!

— Um o quê?! — O Teo tinha umas expressões muito peculiares. Provavelmente, devido à pouca intimidade com o idioma e o vocabulário um tanto ultrapassado.

— Está linda!

Fiz a vistoria na versão mais modesta do Erik e ele estava um gato! Não era tão alto quanto o irmão, mas em compensação, era um pouco mais forte, e nesse talhe, ostentava uma belíssima camisa azul, da cor dos seus olhos.

— Você também está um "colosso", Teo Lars! Ainda bem que a Mari estará grudada em você. Eu não terei essa mesma sorte.

Erik seria o mais requisitado naquela noite e eu já estava resignada.

— Não se preocupe quanto a isso, *baby*... O Erik estará com os olhos grudados em você.

Eu ri, e recebi um beijo do meu cunhado na bochecha.

Quase uma hora depois, chegávamos ao mais imponente centro cultural da cidade, um local à altura da mulher que Erik pouco a pouco me ensinava a admirar.

O ar frio da noite atravessou o tecido delicado do macacão pantalone

negro e decotado que eu usava. Os meus braços nus arrepiaram e eu me apressei para entrar na galeria.

Já na porta, a imprensa nos bloqueava, fazendo seu trabalho. Lá dentro, além de convidados ilustres, como empresários, políticos, artistas e críticos, vi também algumas dezenas de rostos conhecidas da mídia. A assessoria da Drakkar era mesmo competente.

Entreí no casarão colonial admirando a arquitetura belíssima, que nos surpreendia com seu interior moderno. O piso em madeira espelhada e o pé direito altíssimo imprimiam requinte ao local, e uma escadaria de madeira em espiral, que levava a um mezanino, era destaque no centro do grande salão.

Olhei ao redor, admirando a iluminação baixa, com focos de luz destacando as obras de Diana Lars. As pessoas admiravam os quadros e conversavam em pequenos grupos, enquanto soava uma música ambiente suave. Tudo ali refletindo a simplicidade elegante de Erik.

Respirei fundo, admirando o esplendor da festa. Cumprimentei os repórteres com simpatia e respondi a algumas perguntas frívolas, principalmente sobre a minha relação com o Erik. Saudei alguns conhecidos e me senti meio estranha, quando me parabenizaram pelas obras da Diana, como se eu fosse da família.

A exposição estava impecável! Caminhei entre as pessoas, escutei alguns críticos elogiando as técnicas usadas pela artista e me detive admirando mais um sucesso de Erik Lars.

O trânsito de beldades era intenso e se eu não estivesse me sentindo absolutamente linda, com meus cabelos presos em um penteado meio displicente e meu batom vermelho "do poder", teria titubeado frente à beleza daquelas mulheres.

Depois de cumprimentar o Tom e Sophie, além de mais tantas pessoas que me pararam pelo caminho, encontrei minha família e amigos. Erik havia feito questão de convidar todos eles, inclusive o Alex e a Tatiana que, sim, estavam finalmente juntos.

Saudei meus amigos rapidamente, ignorando o olhar abismado do Alex, e fui até os meus pais.

— Está tudo tão lindo! — Segurei na mão do papai e lancei um beijinho para a mamãe. Margie e Anderson estavam circulando pela galeria.

— Está sim, filha. — Meu pai me fitou com tanta admiração, que me derreteu. — Mas, sem dúvida, nada aqui é tão belo quanto você.

Sorri, embevecida.

— Elogio de pai não vale.

— Amei as suas joias, Bell! — Ana Maria segurou com delicadeza os brincos de brilhante que pendiam graciosos das minhas orelhas. — De muito bom gosto!

Dei-lhe uma piscadela e sorri. Eu simplesmente não conseguia manter meus lábios fechados. Seria a nossa primeira aparição pública como um casal e eu estava quase quicando de orgulho.

— Eu já dei uma olhada por aí e os quadros são realmente primorosos! — Papai olhou ao redor, encantado.

— Há peças maravilhosas, pai, e eu queria muito que estivessem à venda. Compraria exatamente aquela.

Apontei para o quadro com os dois garotos loiros, brincando com uma mangueira no jardim. Era lindíssimo! Eu adoraria ter o Erik e o Mateo para sempre na minha sala, e assim, poderia zoar eternamente com a cara deles, pois os garotos estavam pelados.

— Uau! Aquilo ali é a bunda do Erik?!

— Era a bunda do Erik, mamãe. Hoje, está muito melhor.

Ana Maria revirou os olhos e Paulo Henrique franziu o cenho para mim, com falsa repreensão.

— Comporte-se, Bella Anne! Ainda sou seu pai e não tenho o menor interesse na bunda do seu namorado.

— Ainda bem! Odiaria tê-lo como rival! — murmurei, gracejando e olhando ao redor. — Vou dar uma volta. — Ergui a máquina fotográfica na minha mão. — Vou fazer umas fotos por aí.

— Não deixe sua irmã ver ou ela ficará enciumada.

— Mamãe avisou, mas eu não respondi, já me metia exposição adentro. Queria registrar as expressões do Mateo, ao ver as obras da sua mãe em destaque. Queria muito captar o orgulho em seu olhar.

Minutos depois, conferia as fotos perfeitas do Teo no visor digital. Ele estava radiante, comunicativo. Então, meu celular vibrou no case da máquina.

— Oi, Viking!

— Já está na galeria, Fraise?

— Já sim. E você?

— Entrando agora.

Eu me virei e o ar sumiu! Facilmente o localizei, pois era o mais alto de todos. Estava entrando, e quando Mateo juntou-se a ele, logo foram cercados pelos repórteres.

Erik estava estonteante! Assim como eu, estava todo de preto, com um *blazer* feito sob medida. Os cabelos crescidos ainda estavam úmidos, com algumas mechas caindo-lhe sobre os olhos... Olhos que faiscavam um azul surreal.

34º Capítulo



CAPÍTULO 34

Bellanne

Contornei a área, mantendo-me à distância, e comecei a fotografá-los sem que me notassem. Ao contrário do irmão, Erik estava sério, e como já o conhecia bem, notei que estava impaciente, embora atendesse os repórteres com muita gentileza. A forma como seus olhos corriam o salão, enquanto a moça lhe fazia perguntas, e como sorria apenas com os lábios, contido, denotavam sua ansiedade.

Captei seu olhar e sua sobrancelha erguida. Captei seu meio sorriso e também quando passou a mão pelos cabelos, retirando-o dos olhos.

Ele é tão lindo que faz meus joelhos tremerem.

Ao seu redor, mulheres desmanchavam-se. Eu as observei. Uma ajeitava o cabelo, outras duas cochichavam, esperando a hora em que ele, talvez, cruzasse o olhar com uma delas. Ainda havia aquela que lhe sorria escancaradamente, pronta para a hora em que ele a notasse, mas quando eu mirei o Erik, era em mim que seu olhar estava... estático, profundo, e seu sorriso largo, enfim, apareceu.

O fogo que subiu por minhas pernas quase me fez derreter e eu precisei puxar o ar com força para os pulmões, ou eles não se encheriam.

O vi responder mais algumas perguntas, antes de deixar Mateo com os repórteres e partir para uma cruzada em minha direção. As pessoas o paravam a todo momento, e a todo o momento seu olhar encontrava o meu.

Caminhei, mudando de lugar apenas para provocá-lo, mas como um ímã, ele me encontrou sem esforço. Eu já queria suas mãos sobre mim. Já queria seus lábios nos meus. Então, sobre as cabeças, ele franziu o cenho de forma engraçada, quase me mandando ficar parada. Algumas pessoas viraram para conferir quem tão facilmente conseguia a atenção de Erik Lars. E ele também tinha toda a minha atenção.

Segui fotografando suas expressões, seus olhares diretos, flagrei quando abriu um sorriso largo para alguma pergunta que o divertiu, e logo em seguida, me olhou e piscou, sedutor. Então, as luzes das câmeras desligaram e ele veio para mim.

Seu perfume me atingiu pouco antes de suas mãos deslizarem para dentro do meu decote nas costas. Apoiei-me em seu corpo para não fraquejar.

— Você está um perigo, Fraise. — Tomou meus lábios com um beijo casto, mas longo, repleto de sentimento. — E está tirando todo o meu foco.

Eu estava meio tonta, meio besta, meio uma adolescente deslumbrada, mas completamente lixando-me para isso tudo.

— Não me culpe, Viking. Eu me mantive discreta, quietinha.

Seus olhos deixaram os meus e desceram para os lábios, e de lá para o meu decote, sem o menor disfarce ou pudor.

— Você não tem nada de quietinha, Bellanne Fraise. — As mãos grandes acariciaram minhas costas e eu quase gemi de deleite. Só não o agarrei ali mesmo porque havia dezenas de olhares sobre nós, sem falar nas câmeras e *flashes* que luziam.

— Não dá para ser quietinha com você, Erik. Você atíça o que há de mais pervertido e louco em mim.

Ele trouxe seu olhar direto para o meu, e quando fazia isso, parecia que algo me atingia com força.

— Engraçado... Era exatamente o que eu diria de você, minha Fraise.

— Com Licença... — Mateo pousou uma mão sobre o ombro do irmão e a outra sobre o meu ombro. — Como será o protocolo, Erik?

Erik lhe sorriu e a semelhança entre ambos ficou ainda maior.

— Gostei das suas respostas, Teo. Está se acostumando fácil com as

câmeras, hein? — Mateo sorriu em resposta e meneou a cabeça, um tanto tímido e muito lindo. — Não se preocupe com protocolos. Cátia, a moça da assessoria, irá nos explicar. Será tudo muito tranquilo.

Eu adorava a forma máscula como ele pousava sua mão na curva das minhas costas e conversava com o irmão, enquanto seus dedos apertavam levemente a minha carne. Ao tempo em que falava sério com o Mateo, parecendo esquecer-se de mim, suas mãos me contavam que eu tinha também a sua atenção.

— Ok, vou buscá-la. Estou ansioso. — Mateo estava realmente eufórico e, estou certa, divertia-se com a fama repentina!

— Espera, Teo... Quero apresentá-lo a algumas pessoas importantes.

Erik olhou de Mateo para mim e vice-versa. Parecia sem saber como dizer que teria que me deixar. Antes que ficasse ainda mais desconcertado, acrescentei:

— Eu vou continuar fazendo algumas fotos. Vai com o Mateo.

Ele vacilou e quando, por fim, deslizou a mão para fora do meu decote, segurou em minha mão e beijou-a.

— Ok, mas estarei de olho. Se algum sujeito ousar...

Ri e dei um selinho, calando-o.

— Deixe de bobagem. Ninguém é louco o suficiente para concorrer com Erik Lars. É partida perdida. — sussurrei contra seus lábios.

Afastei o rosto e voltei a encará-lo, mas logo Erik encostou a boca em meu ouvido.

— Já falei que você está incrível, Fraise? Estou enciumado até de mim mesmo. — Estalou um beijo ali, me arrepiando, e se afastou, cobrindo os ombros do irmão com seu braço.

Ainda sorrindo feito uma boba, abri o visor da máquina e observei cada uma das fotos tiradas. Cada ângulo do Viking me contava algo sobre ele. Cada olhar, cada ruga da testa franzida, apreensiva, enquanto respondia à entrevista; cada prenúncio de sorrisos que não nasciam.

— Oi, Jezebell. — Assustei-me com a chegada brusca do Lucien, que me deu um beijo estalado na bochecha. — E aí, qual a boa?

Devolvi o beijo, admirando seu estilo meio artista *pop* latino.

— Uau! Caprichou, hein?!

Ele sorriu, envaidecido, e ajeitou os cabelos com gel.

— E o Viking, já te achou?

— Já sim. — Virei o visor da máquina para que ele visse o deus nórdico

sob o meu olhar. — Ele está fazendo a social por aí.

Lucien fez uma cara de admiração, ao olhar as fotos.

— E você não está ao lado dele posando de primeira-dama, por quê? — A mão em minhas costas me encaminhava para uma das mesas estilo *bistrot*, dispostas em uma área reservada do imenso salão. Garçons circulavam servindo champanhe e a cada instante víamos os refletores das câmeras anunciar a chegada de uma nova figura pública.

Desliguei a minha máquina e deixei-a sobre a mesa.

— Não é algo que eu faça questão. É a exposição da mãe dele, Lu. Prefiro que ele o Mateo sejam o destaque, não a nossa relação.

— Bell, você físgou o mais novo e tesudo partidão da cidade, não tem como se esconder.

— Não estou me escondendo... — Ajeitei o decote profundo, que insinuava a curva dos meus seios. — Só não preciso acender um *neon* sobre mim.

Quando ergui o olhar, dei de cara com a Tatiana e o Alex, que se aproximavam. Ela estava lindíssima, em um vestido *pink* que destacava seu corpo violão. Não havíamos conversado mais sobre o assunto daquele novo casal e sentia-me até em certa dívida com a minha amiga.

— Bell, os quadros são tão lindos! — Tati segurou minha mão. Seus olhos brilhavam, notei. — Estou encantada com tamanha sensibilidade.

Falar de Diana sempre me tocava o coração. Conhecê-la através das memórias do Erik criou em mim uma espécie de empatia. Sorri, olhando as obras expostas nas paredes e nos *displays* flutuantes, e concordei.

— Tudo bem, Alex? — A distância entre nós era estranha. Apesar de tudo o que aconteceu, nossa história está entranhada demais na minha própria história. Eu sentia a sua falta como amigo.

— Tudo. — Ele deu um passo à frente e me beijou no rosto. — Parabéns pela exposição.

— Parabenize os filhos da artista, Alex, eles são os anfitriões. — disse divertida.

Ele apenas assentiu, e só quando o clima constrangedor se instaurou, percebi que fui além da linha vermelha, ao sugerir que Alex cumprimentasse diretamente o homem que, teoricamente, havia me “roubado” dele.

— Vou pegar algo para beber. Alguém também quer uma bebida? — Alex estava sem graça e senti que buscava pretextos para fugir.

Todos nós aceitamos a oferta e Lucien acompanhou o Alex para ajudá-lo.

— Então, como vocês estão? — Não esperei para interrogá-la, buscando findar o clima chato que provoquei. — Tudo certinho? — Torcia por Tati, mas também sabia que separar do marido não seria fácil para uma mulher acostumada com uma relação, afogada em uma falsa segurança, em um falso amor.

— Estamos nos dando bem. — Foi tudo o que disse e percebi seu constrangimento, mas não soube precisar se era devido à minha antiga relação com o Alex, ou a algo mais.

— E o João?

Tati ergueu seus lindos olhos negros para mim, meio alardeada, para em seguida baixá-los, fitando as mãos sobre a mesa.

— Estamos tentando resolver. — Como mantive-me em silêncio, ela voltou a me olhar. — Ele não aceita a separação. Disse que é maluquice da minha cabeça, que inventaram coisas sobre ele... Enfim, ele não entende que já não é suficiente para mim.

Instintivamente ergui as sobrancelhas. Isso sim era uma evolução, admitir que o "marido perfeito" já não era bom o bastante.

— Você contou sobre o Alex?

— Está louca, Bell?! — Tati olhou para os lados, como se alguém pudesse nos ouvir em meio a tantas conversas paralelas e à música ambiente. — Eu morro se o Junior souber que a mãe tem um amante!

— Alex só será seu amante enquanto você for casada. — Respirei fundo, sentindo que começava a me exaltar. Eu só queria vê-la feliz, realizada. Pensei no Alex, que não devia estar confortável com essa condição. Eu também queria vê-lo feliz. — O que o Alex pensa disso?

— Ele odeia essa situação. Eles se conhecem há tanto tempo...

Tati parecia inquieta, sem conseguir fixar seu olhar em nada.

— Tati, não tem porque prolongar essa agonia. Não é pelo Alex que você está deixando o João, eu e você sabemos disso. É pelos anos que você vem tentando erguer uma relação falida. Seja honesta com ele e com você, fale dos seus sentimentos, dos seus desejos e seja direta, firme. Você e o Alex merecem uma relação legal.

Assim que acabei de fechar a boca, Alex e Lucien retornaram à mesa, trazendo nossas bebidas, e o nosso assunto ficou pairado em nossos olhares, mas por pouco tempo. Logo Letícia e Caio aproximaram-se, mudando os "ventos". Trocamos beijos e Caio fez um comentário bajulador, referente às celebridades ali presentes, o que me lembrou sua nova atividade.

— Então... Caio é o mais novo *youtuber*?

Apesar de completamente sem noção, Caio até que era uma pessoa legal. Dentro da sua mente desequilibrada, ele esforça-se para ser útil em algo e, a despeito do merecido sarro que eu e Lucien tiramos dele, ao menos ele tenta.

— Estou fazendo toda a produção do vídeo piloto. Será sucesso, Bell, estou certo disso!

Sorri por trás da borda da taça de vinho branco, já acostumada com esse discurso.

— E sobre o que será o canal? — Quis saber e pensei escutar Lucien murmurar algo que, certamente, era para abusar a Letícia.

— Medicina alternativa! E o primeiro programa será sobre *Kefir*, já ouviu falar?

Fiquei sem palavras, tentando lembrar se alguma vez havia visto o Caio usando medicina alternativa. Mesmo a esposa sendo dona de uma loja de produtos naturais, Caio não era adepto a chás ou coisas do tipo.

— Caio... E como você pensa ganhar dinheiro com publicidade? — Lucien não se conteve e ironizou: — O “*Mate Leão*” irá patrociná-lo?

Nesse momento, Letícia ergueu o dedo indicador, cortando qualquer possibilidade de intervenção do Lucien que, teatralmente, pediu licença e nos deixou, sorrindo por trás do copo de uísque.

O Lu era completamente intolerante com o Caio porque acreditava que ele explorava a Let que, por sua vez, embarcava nas viagens do marido por medo de ficar sozinha. Para mim era meio surreal uma mulher ter medo de ficar só. Ainda assim, amava a Let e a apoiaria em qualquer circunstância.

Então, em defesa própria, Caio iniciou toda uma dissertação de como ganharia dinheiro, aliando a medicina alternativa, divulgada em seu canal, aos produtos vendidos por sua mulher, na loja de produtos naturais. De certa forma, fazia sentido, embora eu tivesse as minhas reservas quanto à efetiva elevação das vendas na loja.

Honestamente, sempre achei que a Let fizesse mais sucesso com os produtos eróticos. Contudo, por alguns minutos dei atenção às justificativas do Caio, apenas para fazer a minha amiga feliz.

— Bem, me deem licença, preciso ir ali. — Para mim era o suficiente.

Saí em direção ao banheiro e meu olhar cruzou com o do Erik na passagem. Estava rodeado de homens que pareciam ter a sua atenção, contudo, aonde quer que eu fosse, encontrava o seu olhar sobre mim.

Já havia terminado de usar o sanitário quando escutei pessoas entrarem no banheiro e logo reconheci a voz da Flávia, secretária do Erik. Ela ria alto, e só por isso retardei a minha saída da cabine.

— É meu triunfo, Rosa!

— Não cante vitória antes do tempo, Flavinha. Uma coisa é ela cair fora, outra coisa é você conseguir o Erik.

Meu coração saltou e fiquei alerta, querendo crer que havia escutado errado.

— Essa é a melhor parte, e também a mais fácil. Estou cada vez mais próxima do chefinho, Rosa, e sei que sem ela na jogada, ele acaba cedendo.

Alguém ligou a torneira, dificultando a minha escuta. Aproveitei a agitação, fechei a tampa do vaso e sentei. Minhas pernas tremiam e eu queria escutar aquela merda até o fim.

— É provável, ainda mais quando se tem um aliado tão forte. O que ele te pediu em troca, Flávia?

Fecharam a torneira e as vozes ficaram mais claras.

— Nada demais, Rosa. Acho que o velho foi com a minha cara. Além do mais, ele me pareceu estar puto com o fato do Erik estar namorando aquela gorda sem classe. — Levei a mão à boca, enojada. — Basta olhar para notar que não tem casal mais discrepante!

Meu estômago embrulhou, fazendo-me reviver sentimentos que eu já não sentia desde menina. Tive ímpetos de fazer aquilo que de melhor sabia fazer: ignorar, erguer a cabeça e mandar à merda, mas seria pura hipocrisia.

Meu peito doía porque, de repente, a opinião daquelas duas me fez pensar se não era uma opinião geral. Eu não deveria me importar com a opinião de ninguém, meu cérebro repetia isso como um disco arranhado, mas ela continuava a destilar seu veneno e assim, pega de surpresa, eu ia me envenenando.

— Caralho, Rosa, o que ele viu nela?! Ela é toda over! — Elas gargalharam e eu me encolhi. — O Erik é a perfeição... Nada a ver os dois, sinceramente.

— Ah, Flávia, também não é assim. Ela é toda sexy, se veste bem pra burro e é talentosa.

— Talento merda nenhuma! Qualquer um pode tirar foto. E aquilo que você chama de sexy, eu chamo de safadeza. Queria saber que merda ela fez para conseguir um cara como ele. Certamente alguma magia negra, algo do

tipo.

Eu sentia-me em choque. Era evidente que ela nunca gostara de mim, mas as palavras duras, cruéis, batiam em mim, e por mais que eu odiasse o fato, estavam conseguindo arranhar minha armadura.

— Credo, Flávia!

— Ah! Cale a boca e vamos logo, não quero perder a surpresa por nada no mundo!

Escutei seus passos afastarem e olhei para as minhas mãos. Elas tremiam. Eu nem saberia dizer se tremiam de raiva ou de nervoso.

Meu coração doía e eu lutava para empurrar a antiga Bellanne para o fundo do poço, onde era o seu lugar. Ela não iria voltar, não havia por que voltar. Há mais de quinze anos ela estava morta e não teria por que voltar, eu repetia.

Levantei e respirei fundo, bloqueando as lágrimas que ameaçavam cair.

Abri a porta da cabine ainda insegura, pequena, desesperada por resgatar minha força. Buscando dentro de mim o amor próprio que a puta da Flávia acabava de arranhar.

Erik está comigo, não está? Está com a gorda, com a "over". É comigo que ele quer ficar. Repetia mentalmente para a mulher perfeitamente maquiada e elegante no espelho.

Observei meu rosto no reflexo, os olhos grandes esverdeados e bem pintados, a boca carnuda que Erik tanto amava, os cabelos, a curva da cintura, o quadril acentuado... resgatei a memória dos momentos em que fui adorada pelos homens que passaram em minha vida. As minhas conquistas, o fato de que usar um manequim 44 nunca fora problema para que eu fosse desejada. E pensei em Flávia... Uma mulher bonita, inteligente, elegante e magra... mendigando a atenção daquele que estava aos meus pés.

Respirei fundo e empertiguei a coluna, estufando o peito. Ela precisava me diminuir para abrandar a sua frustração. Precisava colocar o meu peso, as minhas formas, como algo negativo, inferior, para que a sua "perfeição" não fosse humilhada.

Inclinei meu corpo, ficando cara a cara com o espelho, e ajeitei o contorno da sobrancelha. Era a única coisa que estava fora do lugar em mim. E quando tornei a me erguer, sentia pena da Flávia. Pena, porque quem estaria na cama e na vida do Erik por um longo tempo, seria eu, a gorda que ele tanto queria.

Caminhei rumo à saída com o queixo erguido, e não era uma atitude

simbólica. Eu gosto de ter coxas grossas, a bunda grande e até a barriguinha sinuosa. Se eu gostaria de ser mais magra? Até que seria legal, como seria interessante um dia pintar os cabelos de preto, por exemplo. Mas jamais moveria um dedo em sacrifício, apenas para diminuir meu manequim.

Além do mais, seria arriscado eu até perder o namorado.

O viking era dado a se fartar.

Erik

A conversa até que estava interessante e eu adoraria me aprofundar, mas em outra oportunidade. Disfarçava a ansiedade com as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Sorria para alguma colocação, concordava com outra... Mas eu queria mesmo era saber onde se metera a Fraise.

— As ações caíram e é o momento ideal, ao menos para quem não está do outro lado da mesa, claro.

Os dois homens riram e eu os acompanhei, embora tenha perdido sobre as ações de que empresa falavam, exatamente.

— É um mercado vacilante. — Acrescentei, crendo que ainda falavam da empresa Radiol. — Mas se você não tem pressa no retorno, pode valer a pena.

Com alívio os vi concordar. Olhei novamente na direção em que havia sumido, minutos atrás, e vi a Fraise surgir por trás de um *display* flutuante. Ela se destacava em meio às pessoas, fosse por seu andar *sexy* e elegante, fosse pela voluptuosidade das suas formas tão femininas.

Deus do céu! Será que eu nunca deixarei de sentir esse frio no estômago, sempre que a vejo?

— Mas quem não tem pressa, hoje em dia? — O mais velho pontuou, requisitando minha atenção. Contudo, eu ainda estava lá, no Michel Fontes e em sua mão no braço da minha mulher. Ele havia surgido de repente e bloqueado sua passagem.

Estreitei os olhos, contendo a raiva que começava a sentir desse cara. Eu havia levantado a sua ficha e o mais relevante que encontrara, era que se tratava do típico conquistador. Há alguns meses vinha tentando fazer negócios com a Fraise, e embora a agenda dela nunca estivesse disponível, o sujeito não desistia.

— O senhor tem toda razão. — Respondi ao grupo de executivos à minha frente. — Se tem pressa, é melhor buscar um investimento mais imediato. — Sorri para a dupla que me fitava com admiração e pedi licença, sem me

prolongar.

Enquanto, educadamente, desviava das moças que tentavam me deter, sob algum pretexto torpe, meus olhos estavam neles: no tipo metido a galã e na minha mulher, que sorria e tinha os olhos brilhantes, fixos no Michel.

Meu ciúme ganhou grandes proporções.

Aquele sorriso era meu, aquele olhar era meu. E ao mesmo tempo que eu adorava vê-la distribuir sua luz, também odiava compartilhá-la, principalmente com outro homem.

— Boa noite. — Cheguei por trás do Michel, que virou-se, surpreso.

— Boa noite, Erik. Como vai?

Michel estendeu a mão e eu o cumprimentei seco, firme, com meus olhos grudados na Fraise, que já não sorria tão largamente quanto antes. Ela fitava-me com uma expressão que ao longo dos meses eu aprendera a decifrar, e que dizia: "Relaxe, Viking".

— Vou bem, obrigado.

— As obras da sua mãe são incríveis! Parabéns!

Eu o olhei direta e demoradamente e assenti. Ele sorria, como se eu não tivesse notado suas investidas na minha mulher. Eu precisaria deixar ainda mais claro que Fraise não estava disponível, ainda que todos os jornais e *sites* de fofocas já tenham noticiado e ele, como dono de uma revista, já deveria estar bem ciente disso.

Convidá-lo para a exposição havia sido ideia da assessoria, certamente. Eu jamais o teria chamado.

Passei a mão por sobre os ombros de Bellanne, sutilmente puxando-a para perto de mim, dentro dos meus braços. Respirei calmamente, tentando conter a minha raiva. Definitivamente, não gostava do Michel.

— Amor... — Modulei a voz para parecer calmo. — O Mateo preparou algo que irá passar no projetor. Vamos? — Dentre tantos homens que devoravam a Fraise com os olhos, algo me dizia para mantê-la longe do Michel. Talvez fosse apenas porque ele parecia não ter limites. Sob meu julgamento, convidá-la sete vezes para viagens "a trabalho", no período de dois anos, era exceder os limites.

Bellanne deslizou a mão pela minha cintura e aninhou-se sob meu braço.

— Depois voltamos a conversar, Michel. Gostei da sua ideia.

Apenas baixei o olhar, observando-a, e logo voltei a fitar o Michel. Ele seguia com o sorriso insolente nos lábios, embora seus olhos me encaravam com um ar de desafio. Senti meu maxilar travar.

— Nos vemos, Michel — disse, secamente.

Nos afastamos, caminhando dentre os convidados. Meu sangue corria rápido e eu já começava a pensar no que poderia fazer, para derrubar a petulância do sujeito.

— Esse cara não tem medo do perigo — murmurei e Bellanne riu de mim. Estava certo de que ela não fazia ideia do quanto aquele cara estava lhe cercando.

— Deixa de ser bobo, Viking. Falávamos de fotografia, apenas isso.

Não discuti. Por nada no mundo estragaria a minha noite com a Fraise por causa dele. Me ocuparia do Michel Fontes outro dia, com calma.

Atravessamos a galeria abraçados, cumprimentando uma pessoa aqui, outra ali, eliminando qualquer dúvida de que estávamos juntos. Eu não costumava ser ciumento, e muito menos possessivo, mas isso foi antes da Fraise.

Nunca se tratou de falta de confiança em Bellanne, óbvio, mas eu era bem consciente de que, aquilo que mais me atraía na Fraise, também era o que atraía sujeitos como o Michel Fontes, como moscas ao mel. Bellanne fazia as pessoas gravitarem em sua órbita, e elas simplesmente caíam, quando lhes sorria ou falava. E nessas horas, apesar de ser fascinado por seu poder sedutor, me sentia pequeno, descartável.

Apertei meu abraço, trazendo-a mais para perto, até chegarmos próximos ao Mateo, que conversava animado com um grupo de pessoas. Flávia, minha secretária, também aproximou-se e, erguendo-se na ponta dos pés, sussurrou ao meu ouvido:

— Senhor Erik, o Senhor Mateo tem uma surpresa. Iremos reproduzir um vídeo oriundo de *Copenhague*. O Senhor precisa ir à sala de projeções, do outro lado do salão, e juntar-se ao seu irmão.

Um vídeo de Copenhague?!

Busquei Mateo, mas ele dirigia-se ao local indicado por Flávia, sem me dar chance de lhe questionar. Voltei-me para a secretária.

— Do que se trata?

Ela se apoiou em meu ombro, mas antes que pudesse sussurrar sua resposta, a mão da Fraise voou e retirou a mão da Flávia de sobre meu ombro com firmeza.

— Pode falar daí mesmo, Flávia. Erik não tem problema de audição.

Olhei para Fraise, surpreso, sem entender o que era aquilo, mas ela mantinha-se fixa em Flávia, com fogo nos olhos.

Minha secretária, parecendo totalmente desconfortável, deu um passo para trás e baixou o olhar, antes de continuar, desta vez, sem contatos físicos. Eu tinha a sensação de que estava chegando no meio de um filme e tinha perdido a melhor parte.

— O Senhor Mateo pode explicá-lo melhor, Senhor Erik.

Antes de nos deixar, notei Flávia fulminar Bellanne com o olhar.

— Vaca! — Fraise apenas sussurrou, mas como ela mesmo disse, não tenho problemas de audição, e a fitei ainda mais surpreso.

Aquilo não parecia nada bom e eu precisaria entender, antes de tomar medidas, em outro momento.

— Uma coisa de cada vez. — Segurei em sua mão, entrelaçando nossos dedos. — Primeiro, preciso entender esse vídeo, depois falamos do que foi isso aqui.

Atravessamos o local com certa dificuldade. As pessoas, ao notar que a sala de projeções fora aberta, dirigiam-se também para lá.

O local era amplo e pode acomodar boa parte dos convidados. Todos agitados, perguntando-se do que se tratava. Eu desconfiava de quem seria o autor do vídeo e só tive tempo de pedir à Deus que fossem imagens de arquivo ou algo do tipo.

Avistei Mateo e Mariana, próximos ao projetor. Ele estava mais ansioso do que antes e torcia as mãos. Seu sorriso alargou quando me aproximei.

— O que é isso de vídeo, Teo?

Mantinha a mão da Fraise dentro da minha, quente, macia.

— É uma surpresa, Kivo. Uma homenagem para a mamãe!

Respirei fundo, temeroso quanto ao que veríamos ali. Vindo de *Copenhague*, eu deveria temer mesmo. Passei o braço sobre os ombros de Bellanne e beijei-lhe a testa.

— O que houve entre você e Flávia, amor?

Fraise ergueu o rosto e vi que ainda estava irritada. Lindamente irritada, mas não me respondeu. Sorri sutilmente, apenas para tentar acalmá-la, e beijei seus lábios no exato instante em que o Mestre de cerimônias falou ao microfone.

— Boa noite, senhoras e senhores. Gostaria de pedir um minuto da vossa atenção. Hoje, estamos celebrando uma grande artista: Diana Lars. — a salva de palmas soou e eu meneei a cabeça, agradecendo. — Diana, como todos podem comprovar hoje, foi uma pintora fenomenal, com a alma repleta de amor e arte. E, para homenageá-la, seu esposo, pai dos senhores aqui

presentes, Erik e Mateo Lars, o senhor Axel Lars, nos dará a honra de algumas palavras, direto da Dinamarca!

Engoli seco, tenso. Meu estômago doeu e algo me dizia que aquilo não deveria acontecer. Ele sequer valorizava a arte da minha mãe. Ele sequer queria manter seus quadros. Que diabo vinha agora fazer homenagem?!

35° Capítulo



CAPÍTULO 35

Erik

A figura do Axel surgiu no telão. Estava sentado na sua poltrona de couro, em seu escritório rústico, na nossa casa. Usava um terno evidentemente garboso e sua imagem era a pura imponência ornada por um sorriso gracioso nos lábios.

— Boa noite a todos. Peço licença para interromper este momento tão especial. — Seus olhos fixos na câmera, pareciam me encarar. — Meus filhos amados... Erik, Mateo... Sei o quanto esta data é importante. Hoje seria o aniversário da minha amada Diana.

Fraise apertou a minha mão e eu a encarei.

— Erik... Você não disse nada sobre ser o aniversário dela...

Dei-lhe um sorriso singelo e tornei a atenção ao homem gentil e apaixonado à minha frente. Ninguém parecia notar que de seus olhos saíam gelo.

— Diana foi uma mulher maravilhosa, cheia de vida, de luz! Todos a adoravam, todos a idolatravam, e eu tive a sorte de ser o seu escolhido. —

Tornei a engolir seco, lembrando como ele foi, pouco a pouco, apagando sua luz. — Era um ser muito peculiar, a minha esposa. Sempre tivera um olhar *apurado, refinado*, e quando íamos às exposições de arte, ela sabia diferenciar as obras *de estirpe*, dos trabalhos *chulos*. Ainda que acreditasse que tudo era interessante, *pitoresco*. — E riu, espirituoso. — Gosto de pensar que os meus filhos saíram a ela. *Assim espero*.

Axel abriu um sorriso que pode ter parecido a expressão do amor, para as pessoas ali presentes. Para mim, era a face do cinismo. Senti meu peito pesar porque conseguia captar cada uma das suas mensagens cruéis. Consequia ler nas entrelinhas a sua perspicácia mordaz.

— Diana Lars foi uma mulher extraordinária, com uma capacidade ímpar para se moldar, se *adaptar*. Infelizmente, nem todas as mulheres têm essa *capacidade*. Penso que seja algo especial, que não se encontra em *qualquer lugar, em qualquer esquina*.

Eu estava paralisado, sem acreditar que ele tivera coragem, o cinismo de gravar um vídeo para nos passar suas opiniões. Ele salientava determinadas palavras, arranhando propositadamente seu sotaque fortíssimo. Comecei a sufocar.

Olhei ao redor e as pessoas pareciam enfeitiçadas por ele, encantadas com seu jeito majestoso, suas maneiras refinadas. Encontrei o olhar triste do Mateo e precisei engolir seco, e quando abaixei o rosto e olhei para Fraise, ela estava inerte, com os olhos fixos em Axel e o semblante pálido. Sua mão estava gelada e meu estômago embrulhou mais uma vez.

Ela havia entendido a mensagem cruel e esmagadora do Axel.

Putá que pariu!

Voltei a olhar ao redor sem conseguir prestar muita atenção ao homem sorridente no telão. Queria que aquilo acabasse. Que todos fossem embora, que o Axel morresse! Mais uma vez olhei em volta e realmente cogitei tirar a Bellanne dali, mas isso faria com que todos se dessem conta da mensagem e do destinatário.

Apertei Bellanne sob meu braço, trazendo-a mais para mim.

— ...Infelizmente, o dom da arte não fora herdado por nenhum dos meus filhos. — Axel inclinou-se um pouco para frente e, colocando a mão em concha, fingiu cochichar para a câmera. — O Erik foi reprovado em artes por duas vezes — e retornou a sua posição soberba —, mas espero que, ao menos o *refinamento e o bom senso*, lhe sejam natos. Que ele tenha *bons olhos* para apreciar apenas aquilo que for, de fato, *valeroso*. Obrigado pela atenção e

divirtam-se! Meus filhos, amo vocês! *Børn, jeg elsker dig.*

O vídeo terminou, mantendo a imagem simpática, sorridente e distinta de Axel Lars na tela, mas meu coração estava no pé, espremido. Abracei Bellanne apertado e beijei-lhe o alto da cabeça.

— Por favor, esqueça tudo que escutou. — Supliquei. Foi tudo o que consegui lhe dizer, ante a imensa vergonha que sentia.

As pessoas ao redor ainda riam, comentando o quanto o Axel era elegante e cativante, enganadas por sua habilidade em ludibriar, em desferir punhaladas enquanto sorri.

— Kivo... — Mateo segurou meu braço. Seu olhar estava entre apavorado e triste. Mariana seguia-o e parecia não entender porque seu namorado estava daquele jeito.

— Mateo, controle-se, as pessoas estão olhando.

— Eu não sabia que seria assim, Kivo... Não sabia.

— Depois falamos, Teo. Agora, sorria e vá receber os cumprimentos.

— Preciso sair... — disse Fraise, ao sair de sob meu braço. — Preciso de ar.

Tornei a segurar sua mão e levei-a para a varanda. Eu necessitava de ar tanto quanto ela.

Felizmente, a varanda estava vazia. Bellanne apoiou-se no gradil e eu a segui, abraçando-a por trás.

— Perdão, amor... Eu não sabia que ele faria um vídeo. — Ela seguia silenciosa. E eu, embora estivesse certo de que ela havia entendido todas as indiretas do Axel, procurava não falar diretamente. Estava deveras constrangido com a grosseria do meu pai. — Quando Flávia falou que vinha de *Copenhague*, eu soube que boa coisa não poderia ser, mas o Mateo é tão ingênuo... tão crente do Axel.

Seu silêncio estava me matando, torturando. Precisava saber como estava, o que estava pensando... Por que não dizia nada?!

— Fraise... Fala comigo. Por favor, não leve em conta nada...

— Ele é sempre assim?

Puxei o ar, aliviado por escutar sua voz.

— Quase sempre. — Segurei em seus ombros e virei-a para mim. Seus olhos estavam vazios, tristes, e vê-la deste jeito magoou-me profundamente. A tristeza em nada combinava com Bellanne. — Me perdoe por te fazer passar por isso. Se for possível, eu te peço, esqueça tudo o que ele falou. Não suporto pensar que mesmo de longe, ele tenha sido capaz de machucá-la.

Seus olhos tão expressivos, inteligentes, me esquadrihavam.

— Sei que cada palavra daquela teve o objetivo de me ferir. A mim e à Mariana, coitada, que sequer deu-se conta. — Abaixei o olhar, extremamente envergonhado. — E machucou, claro, mas eu tenho você, Erik. — Ela esforçava-se para manter-se forte, notei. — E se era ele falando, e não você, nada mais importa. Vou tentar esquecer.

Soltei o ar com força, aliviando a pressão em meu peito.

Eu a abracei, segurando sua cabeça contra meu peito. A simples ideia de Axel maltratar Bellanne, me sufocava. Ele jamais teria acesso a ela, jamais faria com ela o que fez à minha mãe. Eu a defenderia de todas as maneiras. Fitei seu rosto sério e meu coração acelerou. Sentia-me dependente de Bellanne. Dependente de sua atenção, do seu perdão, da sua presença.

— Eu vou te fazer esquecer, meu bem.

Ela me olhou e sorriu, mas um sorriso ainda frio, distante.

— Comece dançando comigo. Eu adoro essa música.

Debrucei-me sobre ela e a apertei mais uma vez em meus braços, enquanto mergulhava na curva do seu pescoço.

— Dançarei a noite inteira, se isso te fizer sorrir.

Seus braços também me envolveram e nos balançamos, embalados pela melodia. E fui obrigado a concordar com a letra de Bruno Mars... Isto sim, é o que eu gosto.

Bellanne

As pessoas demoraram a partir e ficamos até bem tarde. Mateo roncava no colo da Mariana, no banco de trás do carro, enquanto eu tinha o olhar perdido na rua deserta, por trás do vidro da janela, e o pensamento solto, vagando.

Os acontecimentos daquela noite mexeram com coisas muito íntimas em mim, abriram velhas feridas, coisas que eu julgava já terem sido eliminadas.

Desde que Erik entrou na minha vida, eu vivia coisas muito fora da minha rota. Eu me desconhecia, vendo-me apaixonada, boba, com o pensamento o tempo inteiro nele; reconhecia-me, reencontrando peças que havia largado no passado; estranhava-me, vendo-me ter atitudes e pensamentos que jamais julguei que teria. Erik mexia demais comigo, desordenava meus esquemas e o que mais me assustava é que, quanto mais ele mudava a minha rota, mais eu o seguia.

— Tudo bem? — sussurrou, segurando minha mão, pousada sobre a minha

coxa.

Olhei seus olhos azuis em meio à penumbra. Ainda era um choque, encarar aquele homem tão lindo, tão *sexy*. Acho que nunca iria me acostumar com a beleza do Erik.

— Estou bem, mas acho que gostaria de ir para casa. Para a minha casa.

Ele manteve o olhar fixo na rua, mas senti que ficou tenso, contraiu as sobrancelhas e travou o maxilar. A verdade é que não sei se queria estar com ele hoje. Talvez eu apenas precisasse ficar um pouco só. No entanto, quando me imaginava entrando em casa, sozinha, longe dele, uma sensação de pânico me invadia.

O que está acontecendo comigo?

— Vou deixar o Teo e a Mari em casa, tudo bem?

Tornei a olhar a rua pela janela do carro. Estava meio assustadora. E por não saber se queria ou não estar com ele, apenas calei. Deixei que as coisas corressem. Talvez eu não fosse uma boa companhia hoje, mas teríamos que pagar para ver.

Antes de chegarmos ao seu prédio, ainda o flagrei olhando-me algumas vezes, mas não trocamos palavras. Senti que ele seguia tenso, e quando nossos olhares cruzavam, havia uma imensa interrogação em Erik.

Nada disse porque eu simplesmente não saberia o que dizer. Tinha a impressão de que tudo o que dissesse, poderia gerar interpretações distorcidas e não seria fiel aos meus sentimentos.

Nos despedimos do Teo e da Mari, que não se sentia muito bem, e fomos para a casa ainda em silêncio.

Estávamos a poucas quadras do meu prédio quando Erik pousou o braço sobre meu encosto e acariciou a minha cabeça.

— Cansada?

Fechei os olhos, amando a carícia.

— Um pouco.

— Quer que te faça um leite morno ou algo assim?

Entramos na garagem e perdi o cafuné.

— Não. Só quero ficar quietinha.

Descemos do carro e ele jogou o *blazer* sobre o ombro, esticando a mão para que eu a segurasse, e quando eu o fiz, me puxou para debaixo do seu braço e beijou minha testa.

— Vou te colocar na cama, docinho.

Sorri e abracei a sua cintura quando entramos no elevador. Seu cheiro era

o melhor aroma do mundo e eu fiquei ali, com o rosto em seu peito, inalando o cheiro da sua pele misturado ao perfume "*Cade*" que usava.

Sua mão deslizava em minhas costas, arrepiando a minha pele nua no decote. Os únicos ruídos eram o do elevador e o do coração do Erik, pulsando firme em meu ouvido.

Abri a porta e tirei os sapatos ali mesmo. Fui direto para o quarto sem dizer nada, mas quando parei próxima à cama e olhei para trás, Erik estava parado na porta do quarto, abrindo os botões da camisa. Ele me olhava diretamente, cheio de dúvidas, inseguro. E vendo-o ali, todo lindo, com aquela carinha de menino abandonado, dei-me conta de que eu estaria muito puta da vida, se tivesse dispensado sua companhia e subido sozinha.

Fui até ele e segurei suas mãos, entrelaçando nossos dedos.

— Não é nada com você, Kivo. — Pela primeira vez o chamei pelo apelido de infância, com o qual Teo costumava chamá-lo. — São coisas minhas e que somente eu posso resolver.

Seus olhos brilhantes passearam pelo meu rosto, com calma. A serenidade começava a surgir em suas feições e isso me alentou.

— Quero te pedir perdão pelo Axel. Eu queria poder voltar o tempo e...

Pousei o indicador sobre seus lábios, suavemente.

— Não quero o Axel neste quarto, amor. Ele não pode entrar aqui.

Erik baixou o olhar e assentiu, mas logo em seguida voltou a me encarar.

— E entre você e a Flávia, o que houve?

Desta vez, fui eu que abaixei o olhar, sentindo vergonha da minha fraqueza. As palavras duras daquela mulher ainda ecoavam em mim. Eu me forçava a esquecê-la, tentava me agarrar à força que havia em mim, mas hoje estava difícil. Ela e o Axel foram golpes duros na minha autoestima. Eu iria me curar, sabia disso, mas não agora.

— Também prefiro não falar disso agora, tudo bem?

Erik segurou meu queixo e o ergueu, forçando-me a encarar o seu azul límpido e hipnótico.

— Deixa eu dar o que você precisa? Deixa eu te mostrar o quanto preciso de você.

Todos os sentimentos revirados naquela noite subiram por minha garganta e senti os olhos arderem, mas não havia lágrimas. Sua boca redonda e rubra me atraiu e eu simplesmente assenti. Eu precisava dele e de nada mais.

Erik

Fechei os olhos quando meus lábios tocaram os dela. Eram sempre muito macios e quentes. Tomei-os entre os meus, massageando-os, prendendo-os, chupando-os com suavidade. Aspirei seu perfume, enchendo-me de Bellanne.

Colei nossos corpos e senti que ela amolecia pouco a pouco. Ela me fascinava com sua entrega, com a maneira como respondia de imediato aos meus estímulos. Suas mãos pousaram em meu quadril e eu segurei seu rosto, mantendo-me concentrado em sua boca, que sempre me deixa tão cheio de tesão.

Sem pressa, beijei-lhe os cantos dos lábios, beijei seu rosto, seus olhos fechados e a ponta do nariz, então, voltei à boca, que se abriu para mim. Deslizei minha língua pela dela, sentindo seu gosto delicioso. Nosso beijo era sempre tão quente, tão gostoso, que bastava isso para me deixar completamente duro.

Afastei nossos lábios e puxei o ar.

Eu e a Fraise somos como fogo e gasolina, basta estarmos perto para a mente começar a trabalhar, criando as cenas mais excitantes, as sacanagens mais loucas que fazíamos e que eu ainda sonhava em fazer com ela. Naqueles quase cinco meses nos experimentamos de diversas formas, mas ainda havia uma infinidade de loucuras que eu planejava fazer com ela, no entanto, hoje eu queria nos dar mais do que sexo. Queria que fosse especial.

Ao invés do incêndio que sempre havia entre nós, hoje, queria que queimássemos em fogo brando.

Deslizei as mãos do seu rosto pelo pescoço e ombros, dividindo minha concentração entre a boca que chupava a minha língua, simulando o que ela faz magistralmente em meu pau, e a pele quente sob minhas mãos.

Afastei nossos lábios para admirar a cor dourada da sua pele sempre bronzeada. Puxei as alças do macacão e elas escorregaram pelos braços, desnudando os seios que eu tanto amava. Salivei, ao vê-los arrepiados, no tamanho exato das minhas mãos, com mamilos durinhos, prontos para mim.

Sua respiração, excitada, fazia com que subissem e descessem, me convidando.

Enchi as minhas mãos com os seus seios e observei suas reações, quando deslizei os polegares pelos mamilos eriçados. Ela abriu a boca em busca de ar e eu não resisti, capturei sua língua, lambi seus dentes, mordi seus lábios, sentindo meu pau latejar de tanta vontade, em resposta às mãos que,

eroticamente, contornavam minha cintura, por sob camisa.

— Gosto de você assim... minha.

Ela abriu os olhos, e mesmo na penumbra, o mel se fez presente.

— Sou sua, meu Viking — A voz rouca, quase somente um fio. — Não tenho mais o que te dar. Você já me tem inteira.

Suas palavras inflaram meu peito e me vi desejando-a além do que achava ser possível. Sorri lentamente, com um sentimento de plenitude que me induziu mostrar-lhe o quanto eu também sou dela.

Eu não era tão bom com as palavras quanto ela, mas precisava fazê-la entender que entre nós dois não havia espaço para quaisquer interferências. Somos apenas ela e eu.

Ainda assim, tentei falar, mas as palavras se perderam quando suas mãos quentes subiram pelo meu peito.

— Isso é tudo o que eu sempre quis ouvir.

Com a sombra de um sorriso safado, ela colocou seus seios em meu peito, mas em seus olhos ainda pairava aquela tristeza que me doía.

Eu queria fazer devagar, ser meticuloso e saborear cada pedacinho do seu corpo, mas... *Deus do céu!* Não é fácil resistir à tentação de jogá-la na cama e foder forte, selvagem, arrancando seus gritos. Meu pau latejava no auge da sua rigidez e eu começava a cogitar adiar o amor cuidadoso e sem pressa, para acabar de vez com a minha agonia.

A despeito das mãos ousadas acariciando o cóis da minha calça, olhei em seus olhos e novamente vi sua fragilidade, então, contive meu afã.

— Acho que vou te amarrar — murmurei. — Suas mãos estão me desconcentrando.

Ela sorriu e ergueu seu queixo para mim.

— Eu até topo, mas não hoje.

A simples ideia de tê-la amarrada em minha cama me fez delirar. Um dia, quem sabe.

— Eu até quero, mas não hoje. — Respondi, antes de beijei-lhe a boca porque não consegui resistir.

Desabotoei o seu cinto e puxei o tecido para baixo. Sua roupa escorregou, amontoando-se no chão. Bellanne segurou-se em meu pescoço e eu a ergui, colando nossos corpos quentes, febris. Com suas pernas ao redor na minha cintura, levei-a para a cama.

36° Capítulo



CAPÍTULO 36

Erik

Coloquei-a bem no centro da cama e me mantive sentado de joelhos entre as suas pernas para admirar a mulher mais gostosa do mundo, usando apenas uma calcinha de renda, *sexy* pra caralho. Estava todinha depilada, notei através da renda e minha boca encheu d'água. Inclinei-me e mordi sua virilha. Ela estremeceu.

— Toda lisinha... Isso é maldade.

Ela ergueu-se nos cotovelos e me olhou com um sorriso safado.

— É uma delícia sentir sua barba roçando a pele... lisinha.

Mergulhei meu nariz na sua boceta e aspirei o seu cheiro de mulher, cheiro de tesão.

Mordi a púbis por cima da renda e enchi minhas mãos com suas coxas, apertando, subindo e curtindo a pele arrepiada da barriga tremular sob meus lábios, reagindo a mim.

Ainda estava de calças e meu pau estava dolorido, apertado na cueca, doido por liberação. Fiz menção de levantar para me despir, mas ela me

prende entre suas coxas fortes.

— Não sai daqui, Viking — sussurrou, arfando de excitação.

— Vou só tirar a calça. — Ela me liberou de imediato.

Enquanto desabotoava o cinto e a calça, me perdi de admiração pela mulher lindíssima naquela cama, praticamente nua e toda minha. Fraise era de uma beleza selvagem que me deixava sem fôlego. Uma mulher voluptuosa, cheia de curvas, gostosa de tocar, de apertar e morder. Feminina desde a unha do pé até o último fio de cabelo. Todo seu corpo era um convite à luxúria, à fartura e aos desmandos. E ainda tinha aquela aura de sedução que lhe era nata.

Tudo, absolutamente tudo em Bellanne Fraise me remetia à desejo, ao prazer; tudo me fazia querer comê-la em qualquer lugar, à qualquer hora. Fosse seu olhar sedutor ou sua boca de pecado, seus sorrisos provocantes, e até mesmo quando ia na contramão da sedução, como quando passeava pela casa usando minha calça de moletom e minha camisa do PSG, com o cabelo todo embolado em um coque, por exemplo, a filha da mãe me deixava louco.

Bastava um olhar e lá estava eu, de pau duro.

E era exatamente assim eu estava agora... hipnotizado por seu corpo estendido sobre a cama, por seu olhar convidativo. Abaixei a calça junto com a cueca e foi um alívio liberar meu pau, que implorava por ela.

Tornei a subir na cama e, como se fizesse uma flexão, parei sobre seu corpo. Nossos rostos ficaram a centímetros um do outro, novamente.

— Correndo o risco de criar um monstro, vou alimentar seu ego... — sussurrei contra seus lábios, olhando bem dentro dos seus olhos cor de mel. — Você, Bellanne Fraise, é a mulher mais linda e gostosa que já conheci na vida.

Ela ergueu uma sobrancelha, absolutamente petulante.

— Agradeça a Deus por eu ser sua namorada, Viking. Isso é que é sorte.

Abaixei os olhos e tentei conter o riso, apertando os lábios, balançando a cabeça, constrangido porque ela conseguia me quebrar de todas as formas. Mesmo sendo evidente que não estava bem, ela sabia ser espirituosa.

— Obrigado, Deus! — Dramatizei, fechando os olhos em uma falsa oração, e consegui arrancar-lhe um sorriso sutil, para logo depois vê-la retornar ao seu casulo.

Flexionei mais os braços e coleí-me a ela. Beijeí sua boca, enquanto me encaixava entre suas pernas, esfregando o pau contra a renda quente da calcinha, sentindo como estava molhada para mim. Terminei o beijo

deixando-a molinha, exatamente como eu queria.

Percorri minhas mãos por seu corpo, absorvendo a maciez de cada parte, adorando senti-la arrepiar à minha passagem e estremecer sob minhas carícias. O tempo todo eu me via na borda do abismo, louco para arrancar sua calcinha e meter-me nela com força, vê-la gritar e gemer enlouquecida. Ao invés disso, respirei fundo, controlando meus instintos, e fitei seus olhos.

Ela me encarava lânguida, manhosa. Fui tragado pelo seu olhar, e se não fosse o desejo me empurrando para dentro dela, ficaria ali, pasmado, por um longo tempo.

Fechei os olhos, derretendo para a carícia que fazia em meus cabelos e quando voltei a abri-los, ela continuava me olhando daquele jeitinho, e eu soube que estava no caminho certo. Estava alcançando um lugar novo em Bellanne Fraise, e podia apostar que ela sentia aquela força estranha tanto quanto eu.

— Eu amo você, Fraise. — Seus olhos pareciam penetrar mais e mais nos meus. — Amo de uma maneira tão intensa, que me assusta. — A emoção só crescia e eu já não tinha o menor domínio sobre as palavras. O sentimento crescia no meu peito e eu o deixei fluir. Não tinha escolha. Não quando ela me olhava daquele jeito. — Amo absolutamente tudo em você. Amo como me olha... Como me toca...

Meus olhos arderam e eu pisquei rapidamente.

Desviei o olhar para onde seus cabelos começavam a crescer, na testa pequena, e ali os acariciei, procurando onde eu havia deixado o controle das minhas emoções, mas seu olhar me chamou de volta e eu sabia que precisava terminar de falar:

— Eu simplesmente adoro poder estar no seu dia, na sua agenda. — E sorri, sentindo-me ridículo e tentando disfarçar meu constrangimento, mas quando vi duas lágrimas rolares em seu rosto perfeito, toda a censura, meu controle e todas aquelas merdas que nos freiam, foram pra puta que pariu! — Amo você, minha Fraise, mais que tudo.

Bell novamente entreabriu os lábios e puxou o ar. Seu corpo tremulou sob o meu e percebi que meu abdômen também estremecia, com leves espasmos nervosos.

— Que bom... — disse, num sussurro quase inaudível. — Porque também amo você, Kivo.

Eu até tentei me conter, ser mais sutil e menos emocional, mas meus lábios abriram-se em um sorriso que nasceu lá no peito.

— Que bom. — Mordi o lábio, inibindo, enfim, o meu sorriso. — Deve ser chato amar sozinho.

Quase com receio de quebrar aquilo que tínhamos ali, beijei sua boca, saboreando a maciez dos lábios, seu gosto tão próprio, e quando aprofundamos o beijo, senti que ela se entregava a mim de uma maneira diferente.

Eu não saberia explicar como, mas naquele instante eu soube que éramos um só. E enquanto o desejo imprimia seu próprio ritmo aos nossos sexos, nos beijávamos sem pressa.

Desci minhas mãos, deslizando sobre sua pele de veludo, adorando sentir esse veludo arrepiar-se sob meus dedos famintos. Puxei as laterais da sua calcinha, ansioso por tê-la nua, por afogar-me em seu corpo.

Apoiei-me e ergui o tronco. Bellanne ergueu-se comigo, com a boca colada à minha, mas quando sorrimos juntos e o beijo se desfez, ela voltou a deitar. Eu precisava me livrar da calcinha. Era uma questão de necessidade.

Puxei a peça por suas coxas, panturrilhas e tornozelos, descartando-a em algum lugar do quarto. Com um dos pés massageando meu peito, Fraise me atiçava. Segurei o pé safado que já descia para o meu pau e beijei-lhe a parte interna, o tornozelo e fui subindo, distribuindo beijos molhados sobre a pele lisa e quente da minha perdição.

Não falávamos. De repente, as palavras tornaram-se vazias, como se, naquela meia dúzia, proferidas com tanto amor, tivéssemos gasto todo nosso vocabulário. É que as palavras carregavam significados que iam além do dicionário. Nossos olhares terminavam de contar aquela história com as frases não encontradas.

Mordi a parte interna do seu joelho, mas a Bell ergueu o quadril e eu sabia exatamente o que ela queria. Como sempre, era o que eu queria também.

Passei os braços sob suas coxas, agarrando-lhe o quadril, mantendo-o quieto no lugar, enquanto Bellanne tremulava, sem conseguir se conter.

— A barba... — Ela arfou e eu rocei o rosto em sua boceta. — Nunca mais na sua vida raspe essa barba, Erik Lars.

Sorri, e o ar que soprei atingiu em cheio o seu sexo. Bellanne mergulhou os dedos em meus cabelos e me pressionou contra si. Eu adorei aquilo. Adorei sabê-la tão excitada, tão cheia de desejo por mim.

Arranhei os dentes sobre o púbis liso e mordi os grandes lábios de leve. Ela arqueava o corpo e eu precisei segurar seu quadril com firmeza. Como se

lhe desse um beijo de língua, inclinei a cabeça e tomei na boca os pequenos lábios e o clitóris, tudo de uma vez.

Seu gosto me enlouquecia, seu cheiro de fêmea no cio me instigava a devorá-la. Eu queria dar-lhe prazer. Ansiava sentir seu gozo na minha língua e vê-la perder o tino por minha causa.

Desci mais a boca, mordiscando e lambendo a virilha até a polpa da bunda e retornei lambendo o períneo, até enfiar a língua em sua boceta quente. Seu gosto me invadiu e meu pau voltou a doer de tesão.

Fodi sua boceta com a língua, girando a ponta dentro dela, buscando lá no fundo o seu gozo, e quando ergui a mão e alcancei seu seio arrepiado, ela desaguou em mim, gritando, se contorcendo, fugindo de mim. Eu a segurei com firmeza e puxei-a de volta à minha boca, dando-lhe mais um succulento beijo de língua na boceta que me viciava.

Bellanne arrastou-se pela cama, gozando loucamente, fugindo da minha boca, em agonia, mas eu a seguia devorando seu gozo. Desesperada, agarrou-se aos meus cabelos, choramingando, mas eu iria me deliciar em seu prazer até a última gota.

E assim foi.

Ela tornou a cair sobre o travesseiro, trêmula e gemendo baixinho. Eu estava explodindo, mas me concentrei. Respirei fundo e subi por seu corpo levemente suado, abandonado sobre o colchão. Agarrei sua cintura e me encolhi contra Bellanne. Mordi sua barriga macia, segurando a carne entre os dentes. Ela apenas gemia, sem ação, totalmente abandonada.

Sentia-me tão necessitado dela, tão faminto, que acredito ter deixado marcas por todo seu corpo. Eu a apertei com minhas mãos ansiosas, lambi e chubei seu umbigo e acabei passando direto por seus seios, simplesmente porque não suportava mais. Eu precisava me enfiar nela com urgência.

Mergulhei na curva do seu pescoço e o perfume me entorpeceu. Bellanne segurou meu rosto entre suas mãos e devorou minha boca. Era a minha vez de me entregar.

Direcionei o pau para a sua entrada e penetrei lenta, mas continuamente. Bellanne gemeu dentro da minha boca, enquanto chupava a minha língua. Gememos juntos, respirando o ar que o outro expirava. Sua boceta me engoliu, me sugando para dentro, apertada, quente como o inferno. Aquele era o meu lugar.

Conseguimos pegar um ritmo sincronizado. Eu movia-me, rebolando para dentro e para fora dela; Bellanne erguia o quadril, acompanhando meu

movimento, e logo arfávamos, em busca de ar.

Ela gozou primeiro, aninhando-se em meu pescoço. Rolamos e ficamos de lado, ela dentro do meu abraço, eu todo dentro dela, não demorei a gozar. Explodi dentro da minha Bell ao mesmo tempo em que a apertava em meus braços, quase esmagando-a. E mesmo depois de gozar, continuei enfiando fundo, gemendo rouco em seu ouvido, completamente sem controle, até estafar.

Bellanne

Antes mesmo de abrir os olhos tive consciência do corpo do Erik colado em minhas costas. O rosto na minha nuca, a coxa enfiada entre as minhas, o braço circundando minha cintura e a mão cobrindo meu seio nu.

Feliz, fiquei ali quieta, assimilando a delícia de ter o homem da minha vida, um ser de quase 1,90m, todo enroscado em mim. Como nada é perfeito, Flávia surgiu em minha mente e estando nos braços do homem que me adora, vitoriosa, não pude deixar de sentir uma pontinha de mágoa.

Axel foi o próximo a ocupar minhas lembranças. Era claro que ele estava detestando a minha relação com o Erik. Isso não deveria me importar, já que para o Erik pouco importava a opinião do pai, mas a verdade é que incomodava.

A bexiga deu sinal de vida e, com cuidado, retirei o braço pesado de cima de mim e escorreguei para fora da cama. Quando voltei do banheiro ele tinha mudado de posição e dormia de bruços, espalhado. Sorri, extasiada com aquela visão. O dourado escuro dos seus cabelos parecia mais um castanho, na penumbra do quarto, com as cortinas fechadas, mas na barba e no bigode, viam-se os fios dourados que tanto lhe caem bem.

Pensei em voltar para cama, me abrigar naquele corpo grande e macio, mas quando estava prestes a deitar, meu celular vibrou. Corri e atendi, antes que fizesse mais barulho.

— Oi. — sussurrei, ao atender sem nem ver quem era, ao tempo em que pegava uma roupa no banheiro.

— Bell? Tudo bem?

Ao sair, fechei a porta do quarto devagar.

— Mari? — Olhei para o relógio do *home teather* e ainda eram oito horas da manhã. — Está tudo bem?

— Mais ou menos... — Meu coração disparou, pensando no Mateo. — Eu

tô meio mal.

Soltei o ar, terminando de vestir a calcinha e fazendo malabarismo com o celular para conseguir vestir a camisa de brim, tentando não errar as casas dos botões. O reflexo do sol no mar ofuscou meus olhos e virei de costas para a porta de vidro da varanda.

— Não melhorou? O que você comeu?

— Acredito que tenha sido um sanduíche que comi ontem na praia.

— Mari, não deveria comer essas porcarias. E o Teo, não comeu não, né?

Ainda equilibrando o celular no ombro, fiz um coque no alto da cabeça e fui para a cozinha. Eu precisava de um café.

— Não, ele está bem. Tudo em ordem. Só um pouco abalado por causa do pai. O que houve ontem, Bell?

Coloquei água e pó na cafeteira, e encostei o quadril na pia, olhando meus pés descalços.

— Não sei bem, Mari, eu e o Erik não conversamos sobre isso ainda. — Se Mari ainda estava ingênua no quesito Axel, não seria eu que iria envolvê-la. — É coisa deles. Deixe que eles resolvam.

Mari me explicou que estava ligando para dizer que tinha agendado umas visitas às locações, para um projeto meu envolvendo mulheres em profissões historicamente masculinas. Me dizia que teria que faltar, devido ao seu mal-estar.

Enchi minha caneca de café e fui para a sala.

— Divida comigo, Mari. Amanhã posso visitar algumas locações e depois trocamos figurinhas.

Saí para a varanda e fechei a porta atrás de mim. Ainda não estava quente e a brisa do mar arrepiou minha pele. O dia estava lindo e o calçadão já estava movimentado.

— Ah, vou aceitar, Bell. Passo tudo por *e-mail* logo mais.

— Se estiver melhor, vamos fazer algo à noite, nós quatro.

Sorri ao escutar Mateo se animar, quando ela lhe perguntou o que achava do convite, e logo depois nos despedimos. Coloquei o celular sobre a mesinha de alumínio, onde também coloquei meus pés, cruzando as pernas na altura do tornozelo.

As tristes lembranças da noite anterior voltaram. Não havia muito o que fazer com o Axel, mas eu precisaria dar um jeito em Flávia, isso era um fato. Não por ela ser a secretária e eu a namorada do patrão, e muito menos por ela ter me magoado, afinal, alguém só consegue nos magoar quando estamos

inseguros, fragilizados. Ela tinha culpa por ser má, e eu por dar importância à sua maldade. Contudo... Dar em cima do homem de Bellanne Fraise, é o mesmo que soltar bombinha de São João na Faixa de Gaza.

— Você vai se arrepender, Flavinha. — murmurei, com a borda da caneca entre os lábios.

Mal o café tocou meus lábios, a porta da varanda abriu. Olhei o loiro de parar o trânsito, usando apenas uma samba-canção de algodão, com os olhos inchados de dormir e a preguiça estampada no rosto. Lindo e surpreendente, como sempre. Sorri, pensando que em nada se parecia com o presidente de uma multinacional. Eu adorava essa sua peculiaridade, sua simplicidade encantadora.

— Bom dia. — O saudei.

Ele apenas se inclinou, me deu um selinho e sentou à minha frente, admirando o mar. Só depois voltou a olhar para mim e fez uma cara engraçada, apertando os olhos, como se tivesse levantado à contragosto.

— Bom dia. Por que levantou?

Então, entendi que estava contrariado por eu tê-lo deixado dormindo.

— A Mariana me ligou. Ela não passou bem a noite e queria desmarcar um compromisso.

— Hum — murmurou e esticou braço, me pedindo o café.

Entreguei-lhe a caneca e ele olhou curioso para o interior da caneca.

— Tomou tudo isso de café? — Não lhe respondi e ele não insistiu. Apenas bebeu um gole e me devolveu a caneca.

Eu tomei mais um gole e me estiquei, colocando a caneca sobre a mesa de alumínio. Erik estava com os olhos em mim e havia um leve sorriso em seus lábios. Seu olhar era insistente e me constrangeu. Logo comecei a rir.

— Ah! Finalmente a minha Fraise de volta! — exclamou, erguendo as mãos furtivamente, no que seria um agradecimento.

Sabia que se referia à minha mudança de humor de ontem à noite. Também sabia que não conseguiria fugir de dar explicações.

— Me perdoe. — Não consegui olhá-lo nos olhos, por isso, olhei o mar. Havia um navio imenso à deriva. — Me deixei abalar.

Ele seguia me fitando, até que arrastou sua cadeira mais para perto e, tirando as minhas pernas da mesa, colocou-as em seu colo, acariciando-as. Arrepiei. As mãos do Erik tinham esse dom.

— Quer falar sobre isso?

Meneei a cabeça como se dissesse "tem jeito?". Ele sorriu apenas com os

lábios e os umedeceu.

— Entendi o recado do seu pai, Kivo. Ele não gosta muito que estejamos juntos, mesmo sem me conhecer.

O vi abaixar o olhar, disfarçando, enquanto alisava minhas panturrilhas.

— Para mim não faz a menor diferença, ele gostar ou não, Fraise. — Voltou a me olhar, embora seus olhos dançassem entre mim e o mar. Estava sério. — De onde está, ele não poderá fazer nada além de torrar a minha paciência. E com isso, eu já estou acostumado. Basta desligar o telefone.

Respirei fundo, confirmando o que eu já havia entendido. Azar do Axel, se não gosta de mim.

— E o que foi aquilo com a Flávia?

Estreitei os olhos, achando que estava interessado demais no assunto.

— Escutei ela e uma outra trocando ideias no banheiro. — Desta vez, fui eu que busquei o mar como refúgio para a minha vergonha. — Ela gosta de você, Erik, e joga baixo.

Ele ficou me olhando um tempo e depois seu olhar foi para as minhas pernas, ainda em seu colo. Sério demais. Não cogitei falar sobre a ligação entre Axel e Flávia. Isso, eu iria resolver.

— Sabia disso, que ela gosta de você? — Meu coração disparou e tive medo da resposta, e mais medo ainda do que poderia ver em seus olhos.

— Ela faz insinuações há algum tempo. — Seus olhos me encontraram e eu os preendi. — Começou bem antes de você.

— Vocês já tiveram alguma coisa? — Eu estava firme. Ele parecia constrangido, mas sustentou meu olhar.

— Nunca. Nem mesmo um flerte. — Ele me encarava, seguro e eu soltei o ar devagar, disfarçando minha tensão. — O que ela disse, Bellanne?

Ele parecia ter cuidado com as palavras. Acho que Erik começava a me conhecer bem demais.

Voltei a atenção ao calçadão e vi a barraca de coco vazia. Pensei em ir lá embaixo e pegar um para nós dois.

Ah, droga! Não foge do assunto!

— Ficaram com baboseiras infantis de que eu sou gorda, não presto para você... — Eu não tive coragem de olhar para ele. No fundo, me sentia tão infantil quanto aquelas duas. — ...Essas coisas idiotas. — Só porque escutei o som do seu riso, eu o olhei. — Ah, não ri!

Mas ele chegou a cadeira para ainda mais perto, metendo-se entre minhas coxas e apoiando os cotovelos nos braços da minha cadeira, me encurralando.

— Você não é gorda, Fraise.

— Sou sim, e não há o menor problema nisso. Não me ofendo por ser referida como gorda, é o que sou. O que me deixa puta da vida é o escárnio com que algumas criaturas o fazem.

Ele continuava rindo e ergueu-se sobre mim, beijando minha boca enquanto eu reclamava e ele ria.

— Ok, você é gorda. É a minha gorda e eu adoro que você seja gorda. Ela deve ter inveja de você, por ser gorda, porque eu morro de tesão por sua "gordice", viu minha gorda! — Empurrei ele de volta à sua cadeira, sem conseguir disfarçar que eu ria também. — Olha aqui, eu também sou gordo.

Ri ainda mais, vendo Erik segurar a barriga, que não era bem aquele "tanquinho" todo dividido, mas estava astronomicamente longe de ser gorda.

— Para com isso. Já disse que não ligo. O que me magoou foi a maneira como ela falou. Se me chamasse de gostosa com aquela entonação, eu me sentiria da mesma forma. Ela sim, deve morrer, preocupada com essas coisas. Eu tô me lixando se tenho celulite ou não.

Olhei para ele e Erik me encarava com os olhos brilhantes, me derretendo.

— Você não tem celulite.

— Você nem sabe o que é celulite, Erik Lars.

— Mostra.

Ergui uma sobrancelha para ele, surpresa. Então, girei a perna e apertei a minha coxa.

— Isso aqui é celulite — disse, apontando para o tecido semelhante à casca de laranja, que surgiu mediante o aperto.

Ele se inclinou, aproximando o rosto de forma teatral.

— Ahhh... É isso?! — E me olhou, cínico. Tive vontade de bater nele. — Para mim, isso aqui foi fruto daquele dia em que você desistiu de correr para ficar na cama comigo. — e piscando para mim, completou: — Aquilo foi bom demais. Pensei que fosse também aquela pizza que dividimos, enquanto morríamos de rir com o Lucien, lembra? Ou... Não! Disso eu tinha certeza. Isso aí... — e apontou para a minha coxa — foi por causa daquele chocolate com o qual você lambuzou meu pau e chupou de um jeito que me deixou tonto. Poderíamos acrescentar mais uma celulite aí e repetir, o que acha?

Eu estava muda, absolutamente comovida.

Respirei fundo algumas vezes, para inibir um possível choro, ainda assim, meus olhos molharam. Mordi o lábio, sem saber o que dizer. Ele me olhava

com um sorriso lindo e safado no rosto.

Balancei a cabeça e fechei os olhos, sem conter o riso, que logo virou uma risada. Ele ria junto. E quando voltei a fitá-lo, ele simplesmente levantou e me estendeu a mão.

— Tem chocolate em casa?

Levantei e me coleí a ele, com o som do mar ao fundo.

— Acabei de tomar café, Viking. Podemos substituir o chocolate por uma maionese sem calorias. — Brinquei.

Ele riu e me deu um selinho.

— Nem fodendo você vai transformar meu pau em cardápio alternativo, Bellanne Fraise.

E entramos entre risos e beijos. O mar, o calçadão, os problemas... tudo poderia esperar, menos a minha paixão pelo Viking. Essa, era urgente e constante.

37º Capítulo



CAPÍTULO 37

Dois depois...

Bellanne

Acordamos cedo. Erik saiu logo, para uma reunião em São Paulo junto com o Thomaz; eu saí mais tarde... para a Drakkar. Há três dias eu estava com algumas coisas entaladas e precisava chutar alguns baldes, nem que fosse comigo dentro.

Confesso: Usei requintes de crueldade quando escolhi a roupa mais elegante e os saltos mais altos, propícios para a ocasião. Fui calculista, quando esperei o Erik sair, caprichei na maquiagem e até dei-me ao trabalho de escovar os cabelos.

Olhei bem meu reflexo no espelho e tive vontade de me mostrar para meia cidade, de tão linda e sexy que eu estava. Coloquei meus óculos escuros e saí afiando a língua. Hoje, eu estava com vontade de comer fígado de secretária.

Cheguei na Drakkar por volta das onze e meia da manhã, e depois de entregar as chaves ao manobrista — sim, eu já tinha meus privilégios —,

atravessei o saguão, totalmente consciente de cada olhar admirado sobre mim. Por trás dos óculos *Prada*, percebi as pessoas pararem para me olhar.

À medida em que andava, a fenda na perna se abria, sensual, até um pouco acima do joelho. O vestido preto, ajustado ao meu corpo, afinava a minha cintura, destacando a curva do quadril e, propositadamente, deixei os dois primeiros botões abertos, apenas insinuando a curva dos seios voluptuosos no decote.

Caminhei séria, cumprimentando as pessoas com discretos acenos. Em dado momento tive vontade de rir das expressões pasmadas, mas mantive o carão e entrei no elevador.

As portas se abriram e cumprimentei os dois homens lindos que abriram caminho para que eu passasse. Caminhei elegantemente até chegar ao *hall* das secretárias. Flávia foi a primeira a me ver e ficou claramente sem jeito. Esperei que seus olhos terminassem a inspeção na minha figura, para então cumprimentá-la.

— Bom dia, Flávia. Erik já chegou?

Eu estava de pé e ela sentada, então, eu a olhava do alto da minha soberba.

— Não, dona Bellanne. Ele está em uma...

— Reunião em São Paulo, eu sei. Estava aqui perto e pensei em buscá-lo para almoçar. Odeio almoçar sozinha.

— Bom dia, dona Bellanne! — Ana Paula, a simpática secretária do Thomaz, veio me cumprimentar com sua usual alegria. — Se quiser, pode esperá-lo em sua sala.

Ana Paula sorria com os olhos. Desde o primeiro dia ela se mostrara mais do que gentil, uma tiete.

— Obrigada, Paulinha, mas eu realmente quero ir almoçar. Por que não vem comigo? O Thomaz também não está em São Paulo? Certamente irão almoçar por lá.

A garota ficou eufórica e logo aceitou, então, retirei meus óculos e, com um sorriso caloroso, virei-me novamente para Flávia.

— Flávia, querida, nos acompanha? Estou certa de que o Erik não irá se importar, afinal, estará comigo. Além do mais, será por minha conta. — E pisquei-lhe um dos olhos, esmerando-me na conquista.

Obviamente desconcertada, Flávia olhava de mim para Ana Paula, em dúvida, até que, mediante o entusiasmo da outra, a bobinha aceitou. Eu quase comemorei.

Eu as levei a um restaurante estratégico, especializado na comida francesa, muito elegante e caro, estava com ódio e, nessas ocasiões, me faltam os freios e o bom senso.

Atravessamos o salão, decorado em bordô e madeira escura, sob olhares cobiçadores. Conforme eu havia planejado, Flávia estava constrangida, contida, por estar em minha companhia. Isso era apenas a preparação do meu “prato principal”: amolecer a carne para melhor espetar-lhe o garfo.

O que eu queria com isso?

Não muito, somente massagear o meu ego e ter sua atenção.

Se Flávia é o tipo de gente que se impressiona com luxo e poder, eu a deixaria de boca aberta.

Sentamos à uma mesa mais reservada e eu fiz questão de ser muito simpática com ambas.

O *maitre*, velho conhecido meu e com quem eu costumava praticar o francês, aproximou-se, nos saudando. Nos cumprimentamos, rimos, o apresentei às garotas e falamos algumas amenidades em límpido francês.

Pedi nossos pratos e fiz Flávia repetir o nome da iguaria, em francês, por quatro vezes, até que fosse compreensível. Com a Ana Paula fiz questão de elogiar a pronúncia, apesar desta não ser louvável.

Ao longo daquele almoço, vi Flávia diminuir em sua cadeira, na medida em algumas celebridades saíam de suas mesas para me cumprimentar e quase tive um orgasmo múltiplo, quando o Reinaldo, um galã de novela, teceu dez mil elogios à minha pessoa e ao meu charme — um presente do destino.

Sorri, gloriosa, ao observar que Flávia estava muito calada, com olhos assustados e quando muito, nos dava sorrisos apagados. Por outro lado, Ana Paula, uma criatura esfuziante por natureza, divertia-se, o que me deixou feliz, pois jamais fora a minha intenção humilhar a Paulinha. A verdade é que eu só a havia convidado porque seria a única maneira da “Flavíbora” almoçar comigo, além de nos servir de “fiel da balança”. Conversar com Flávia dentro da Drakkar estava fora de cogitação.

Após o almoço, fiz questão de pedir um *Crème Brulée* e vi a Flávia declinar com desdém, acrescentando que não comia sobremesas, para manter a forma. Eu apenas sorri e saboreei cada colherada do meu *Crème*. Ana Paula seguia admirando meu deleite com a sobremesa, cheia de vontade, mas podada pelo olhar reprovador da colega.

— Ana Paula, isso está maravilhoso. Se quiser comer, coma sem culpa. — Eu a provoquei, enquanto colocava mais uma colherada na boca. — Depois

você poderá pensar em muitas formas de perder as calorias. A vida é curta, Paulinha.

Vendo sua imensa vontade ganhar um incentivo, Paula ergueu a mão e pediu uma sobremesa para ela também. Sorri para a cara azeda da Flávia.

Por fim, ao terminar a minha sobremesa, limpei os lábios polidamente com um guardanapo de linho, pousei os braços cruzados sobre a mesa e encarei a Flávia. Era hora de dar-lhe sua sobremesa bem calórica.

— Há quanto tempo você trabalha com o Erik, Flávia?

Ela também cruzou os braços sobre a mesa e se inclinou para a frente, desafiadora. Pelo canto dos olhos, vi Ana Paula mexer-se em sua cadeira, atenta e incomodada, mas logo a sua sobremesa chegou e isso a acalmou.

— Diretamente com ele, há quase um ano. Mas antes eu já cuidava das suas coisas. Digo, antes dele vir morar aqui no Brasil.

— Uau! Quase um ano?! — Ela ajeitou o guardanapo sobre a mesa e foi fácil notar o orgulho em seu semblante. Eu esperava que ela tivesse a mesma facilidade em notar a minha ironia. — E nesse quase um ano, Flávia, já houve algum convite, da parte dele, para uma viagem, um jantar, um café, ao menos, querida?

Flávia e Ana Paula trocaram olhares, mas segui firme, encarando o rosto pálido da víbora. Ela ajeitou a coluna e jogou os longos cabelos para trás, num esforço para manter-se durona, embora seus olhos estivessem perdidos, denotando sua confusão mental.

Senti que ponderou, como se estivesse decidindo se iria me falar a verdade ou mentiras. Eu esperava que ela fosse inteligente e não me subestimasse. Mas ela simplesmente não me respondeu, ficou com o olhar baixo, apesar no rosto altivo.

Passei a mão pelos meus cabelos e deslizei as unhas de leve pelo meu maxilar, fingindo reflexão. Ana Paula seguia atenta tal qual uma espectadora em uma partida de tênis.

— Será que não teve um elogio mais ousado? Ou quem sabe um presente?

Titubeando, Flávia olhou para Paula e elas se encaram por algum tempo. A garota tinha a colher cheia de *Crème Brulée* na boca, e desse jeito, paralisou.

— Está bom, não é? — Me referi à sobremesa, olhando firmemente para Paula, esperando inibi-la de compactuar com uma possível mentira da colega.

Ana assentiu feliz e em seguida baixou o olhar para a taça de vidro

decorado.

Enfim, Flávia voltou a me encarar, ousada.

— Onde quer chegar, Bellanne?

— Flávia... — Eu a olhava quase com pena, e ao mesmo tempo desprezo. — Eu conheço o Erik há o quê? Cinco, seis meses? E você há quase um ano! Querida... Você é inteligente e, mesmo assim, ainda não se deu conta de que, se em quase um ano, o Erik não lhe deu esperanças, por que seria agora, que ele está feliz comigo, que ele iria correr para os seus braços?

Ela respirou fundo e olhou ao redor, provavelmente para conferir se ninguém mais prestava-nos atenção. Percebi que evitou a Ana Paula.

— Já que está sendo tão direta... — Seu olhar voltou petulante, ousado. — Não esqueça que eu cuido de tudo do Erik. Apesar de você estar na cama dele, eu busco fazer um caminho menos óbvio, menos vulgar. — Flávia fez questão de me dar aquela olhada de cima a baixo.

Eu ri e pisquei-lhe um olho, safada.

— “Menos óbvio”, “vulgar” e bem mais gostoso, posso garantir. E se por “caminho menos óbvio” refere-se àquilo que tem com o Axel e que chama de “contato”, “relação”, “amizade”, o que for... — A maneira como empinou o nariz me confirmou seu conluio.

Debrucei um pouco sobre a mesa, encarando-a séria, bem no fundo dos olhos. — Eu achei que fosse mais inteligente, Flávia. Mesmo estando há um ano trabalhando com o Erik, você ainda não se deu conta de que ele e o pai não são exatamente amiguinhos?

Ela vacilou, abaixando o olhar, mas voltou a erguê-lo em seguida, me encarando. Sorri para Ana Paula, que estava boquiaberta assistindo àquele diálogo.

Com uma calma que eu estava longe de sentir, coloquei uma mecha de cabelos atrás da orelha e voltei a fitar a Flávia.

— Flavinha... Acha mesmo que o Axel vai mandar o Erik ficar com você e ele simplesmente irá obedecer, como um bonequinho? Acha mesmo que o Axel, aquele senhor arrogante, maldoso e orgulhoso, está contando com você para ser sua norinha? — Ergui a coluna e mexi nos cabelos com charme. — Flávia, amor... Você não está fazendo o caminho menos óbvio... Está no caminho mais estúpido e curto... para uma demissão.

Os olhos da Flávia estavam grudados na mesa e suas mãos escondidas sob a toalha bordô. O silêncio se fez e eu olhei novamente para Ana Paula. Seus olhos me encontraram e neles havia certa empatia. Tornei minha

atenção à Flávia.

— Enfim, você não pediu, mas te darei um conselho de mulher para mulher: Atenha-se a ser aquilo que você louvavelmente o é: uma primorosa secretária. Para ser mais que isso, linda, é preciso ser convidada. — Eu falava como se explicasse algo à uma criança. — É preciso que haja uma abertura, um espaço. Bem, infelizmente para você, eu já ocupei esse espaço. — E sorri, leve como uma pluma. — E sendo gordinha como sou, não sobrou espaço para você.

Ela ergueu o olhar e encontrou o meu, divertido, sarcástico. E lhe desferi a última facada.

— Deixe de ser tolinha e aproveite o tempo. Logo todas estaremos senhoras e você aí, correndo atrás de um homem que não te quer. Ame-se mais, criatura!

Vi os olhos de Flávia encherem-se de lágrimas, mas não senti remorso. Pelo fogo que via, sabia que não eram lágrimas de pesar, mas de ódio. Nos encaramos friamente por longos segundos, até que Paula nos interrompeu.

— Senhoras, desculpem... — Com a voz trêmula, tentava fazer gracejos. — Preciso voltar à Drakkar.

Quebrei o contato visual com Flávia e chamei o garçom para pedir-lhe a conta.

Sei que Flávia é uma mulher ambiciosa, cheia de audácia. Ela não ter me respondido, não ter me desafiado, só me deixou de orelha em pé. Eu sabia que não havia levado essa guerra, apenas a batalha. Sabia que mais coisa viria, mas contava que, ao menos, eu tenha aberto seus olhos para as burradas que vinha cometendo, ao meter-se com o Axel.

Durante o caminho de volta à Drakkar, Flávia não deu sequer uma palavra. Seguia muda, com o olhar fixo na rua, amuada no banco de trás. Eu a olhava vez ou outra, através do retrovisor, tentando captar o que se passava naquela cabeça louca.

Ana Paula engatou uma conversa sobre a violência na cidade, contando um caso ocorrido com uma prima, quando meu celular tocou. Como sempre, estava ligado ao *bluetooth* do carro e, mesmo vendo que era o Erik, atendi no viva-voz.

— Oi!

— Fraise? Acabei de chegar, amor. Onde você está?

Pisquei o olho para Ana Paula, que sorria.

— No carro. Já almoçou?

— Já sim. Almoçamos no avião. Amor... Vai estar ocupada hoje à tarde?
— Para você? Nunca. — Pelo espelho vi Flávia entortar a boca, fazendo uma careta disfarçada. — O que quer de mim?

O risinho safado do Erik me fez formigar nos lugares mais inusitados.

— Meu quarto, um filme bobo e você. Estou com saudade e...

— Amor... faço todas as suas vontades... — Eu sorria, divertida, vendo Ana Paula ficar vermelha. — ...Mas não as descreva. Está no viva-voz e tenho acompanhantes no carro.

Ele ficou mudo no primeiro momento e eu ri, ri pra valer!

— Ok, desculpe. — O modo Erik sério foi ativado. — Venha logo, estou exausto.

— Já estou chegando.

Nos despedimos e voltei a fitar a Flávia, que de tanto olhar para fora, eu já estava achando que ficaria com aquele pescoço duro pelo resto da vida.

Assim que saímos do elevador, vimos o Erik e o Mateo na porta da presidência. Estavam animados, conversando.

De costas para mim, Erik tinha as mãos enfiadas nos bolsos, mas, por vezes, erguia uma delas e bagunçava o cabelo do irmão. Eles eram absolutamente lindos juntos. Tão unidos, tão parecidos, que apenas a altura e o tipo de beleza os diferenciavam: Mateo, com seu jeito muito jovial, meigo; e o Erik, um homem viril.

Aquela cena confirmava a minha impressão de que o Erik mantinha uma responsabilidade quase paternal sobre o Mateo, embora este já não fosse um garoto.

Ao caminhar, sorri para o Mateo e logo em seguida o Erik virou. Seus olhos inteligentes fizeram a leitura bem rápido: depois de quase me despirem, foram da Ana Paula à Flávia e voltaram para mim. Ele tornou a enfiar as mãos nos bolsos e balançou a cabeça, compreendendo toda a situação e quem eram as minhas acompanhantes no carro.

Erik esticou o braço e eu encaixei direitinho sob ele.

— Você está um perigo, Fraise. — sussurrou, antes de me beijar suavemente.

— Eu sei... — Sorri em meio ao seu beijo. — E o Thomaz?

Deu-me outro beijo, antes de afastar sua boca da minha.

— Foi para a casa também. — E virou-se para a sua secretária com certa frieza na voz. A frieza de um profissional. — Flávia... preciso falar com você um instante. Pode ser agora?

Ergui a cabeça e busquei em seus olhos se estava aborrecido por eu tê-las levado para almoçar, mas não encontrei uma pista sequer. Antes de entrar em sua sala com Flávia, tornou a beijar meus lábios e sussurrou:

— Não saia daqui. Volto em cinco minutos.

Erik

Desde a sexta-feira a minha cabeça trabalhava na conexão Flávia — Axel. Conversei com o Mateo e ele me confirmou que toda a negociação para a exibição do vídeo do Axel fora controlada pela Flávia. Tudo o que o

Mateo sabia era que Axel queria homenagear a mãe.

Sentei à minha mesa e abri a agenda. Flávia parou à minha frente, profissional como deveria ser.

— Flávia, por favor, ligue para o Roger, diretor da logística, e cancele a reunião desta tarde. Cancele também o *happy hour* que eu e o Thomaz teríamos com o pessoal da Global Comunicações. Marque um almoço para a semana que vem. Veja um restaurante que impressione.

Ela apenas assentia e anotava em sua caderneta.

Por fim, recostei em minha cadeira e a observei. Era uma jovem competente, inteligente, mas infelizmente, até as mentes mais aguçadas, uma hora ou outra, eram ludibriadas pela imagem e mente diabólica do Axel. Até mesmo eu, que lido com suas armadilhas desde sempre, vez ou outra acabo caindo, tocado pela figura paterna da qual sempre senti falta.

Eu era consciente de que a minha vontade de ter um pai, no sentido sentimental da palavra, era tanta, que por muitas vezes, cansado de ficar sempre atento às suas investidas, apenas relaxava e embarcava em seu sorriso cativante, em sua rede de mentiras.

Que chance a pobre Flávia poderia ter?

— Flávia, conte-me como aquele vídeo chegou à exposição.

Seus olhos arregalaram e foi incrível ver como o sangue pode mesmo desaparecer do rosto de uma pessoa aflita.

— Bem... O Senhor Axel tentou falar com o senhor, e não o encontrando, falou comigo.

Peguei a minha caneta pessoal e fitei o nome Erik Lars, gravado nela.

— O quê, exatamente, ele disse ou perguntou, Flávia, e o que você respondeu?

Ela foi sentando devagar na poltrona à frente da minha mesa. Seus olhos

dançavam, sem conseguir focar em mim.

— Ele queria falar com o senhor, mas eu lhe disse que o estava em uma reunião, então... Bem, ele quis saber quem eu era e elogiou minha... — Ela ergueu o olhar e agora seu sangue havia voltado ao rosto, deliberadamente. — Ah, Senhor Erik, ele teceu elogios ao meu profissionalismo. Disse que já tinha... Bem, que já tinha escutado o senhor elogiar meu trabalho e que estava feliz por isso.

Bati a ponta da caneta na mesa, tentando conter a raiva que sentia daquele homem. Nas raras vezes que conversei com o Axel, nos últimos dez anos, meus funcionários jamais foram citados. Nem havia porquê. Balancei a cabeça, incentivando-a a continuar.

— Ele citou a exposição da senhora Lars, disse que tinha visto na mídia e que havia decidido não participar, mas que ao encontrar fotos da esposa amada, naquela manhã, sentiu-se tocado.

Sentindo gosto de sangue na boca, lembrei do dia em que ele arrancou a foto da mamãe da parede, dizendo que eu a levasse comigo, pois meu sangue era sujo como o dela. Naquele mesmo dia, abri os armários da biblioteca e levei comigo todas as fotografias da Diana, salvo a que ficava no quarto do Mateo. A mesma que hoje estava na cabeceira do meu irmão.

— E por que não me contou, Flávia?

— Desculpe, Senhor... Ele havia me pedido segredo, mas ainda assim, achei que não poderia fazer algo desta forma, na surdina. Por isso, falei com o senhor Mateo.

Eu assenti, transparecendo uma calma extremamente falsa.

— E o que o Axel falou com relação à minha vida pessoal?

Não queria ser direto e dar à secretária mais intimidade do que aquela que ela já havia tomado, mas me referia exatamente à Bellanne.

— Pessoal? — Perguntou, dentre um sorriso sutil e ao mesmo tempo tenso. — Por que falaria?

Ergui a caneta à altura dos meus olhos e rolei-a entre meus dedos.

— Porque é o Axel, e porque você é minha secretária. — Tirei o foco da caneta e foquei nela. — Tenho plena certeza de que falaram da minha vida pessoal. Isso não está em questão. Quero saber o que ele disse.

Seus olhos desceram e não voltaram a me fitar por breves segundos.

— Ele quis saber se a dona Bellanne estaria na exposição. — Inquietos, seus olhos encontravam os meus furtivamente. — Juro que foi só isso, Senhor.

Respirei fundo. Ele queria mesmo atingir a Fraise. Queria mesmo me tirar

do sério e me ver muito puto. Axel nunca deveria ter pensado em atacar Bellanne, nunca!

— Flávia. — A garota empertigou a coluna, mas seus olhos seguiam constrangidos. — A partir de amanhã você passará a atender ao senhor Thomaz e a Ana Paula será minha secretária. O Thomaz está de pleno acordo.

— Mas, Senhor Erik, eu... eu não sabia. Por favor...

— Eu sei. Conheço o Axel e sei do que ele é capaz, sei quais são as suas intenções. — Inclinei-me sobre a mesa, apoiando-me nos cotovelos e fitando-a bem diretamente. — E se eu abomino que se metam em minha vida pessoal, não sei do que sou capaz de fazer quando as pessoas se colocam contra os meus interesses pessoais. Espero que entenda o que quero dizer.

Eu realmente esperava que ela tenha entendido que Bellanne Fraise era o meu maior interesse pessoal.

— Me perdoe, Senhor Erik, eu jamais voltarei a fazer algo parecido.

Pousei as mãos entrelaçadas sobre a mesa e as mirei.

— A exposição... Era para nos render boas lembranças, Flávia. — Ergui o olhar e encarei a garota trêmula à minha frente. — A mim, ao Mateo e à Fraise, porque me interessa que ela tenha boas lembranças comigo, compreende?

Eu a vi completamente desconcertada, mas não me apiedei. Era imperdoável o que tinha feito. O mau humor, a tristeza da Fraise naquela sexta-feira devia-se, prioritariamente, à Flávia, e isso era imperdoável.

Jamais havia visto Bellanne triste daquele jeito e jamais admitiria que tornassem a machucá-la assim.

Flávia assentiu.

— Portanto... Para o seu bem e o meu conforto, a partir de amanhã, responderá ao Thomaz, e a Paula à mim. — Retirei o fone do aparelho e apertei a discagem direta para a Ana Paula.

— Ana Paula, por favor, poderia vir aqui um instante? Ah! Traga o celular corporativo da Flávia.

— O celular, Senhor Erik?! — Os olhos de Flávia estavam ejetados, assustados.

Desliguei o telefone calmamente, em contraposição à tensão da garota.

— Sim. Importa-se que eu o leve à minha casa hoje?

Ela abriu a boca para protestar, mas não havia o que dizer. Seu rosto empalideceu e, nesse instante, eu soube que no celular haveria o que eu imaginava. E quando ela começou a chorar, me condoí, não vou negar,

contudo, ao menos ela não seria demitida.

— Flávia, vai apenas mudar de chefe direto, nada mais mudará.

Apesar de tentar dissimular as lágrimas, elas corriam por seu rosto.

— Pois não, senhor? — Ana Paula entrou, com seu passo apressado e me entregou o celular.

Sob o olhar assombrado e atento de Flávia, guardei o aparelho no bolso da camisa, deixei a caneta sobre a mesa e levantei, ajeitando o terno.

— Ana Paula, quero que aproveitem a tarde de hoje para trocar as informações, compromissos e orientações, uma com a outra. — E gesticulei, apontando para ambas. — A partir de amanhã, você Paula, será a minha secretária, e a Flávia tratará apenas das coisas do Thomaz. Sem mais perguntas... Até amanhã.

Nenhuma das duas me respondeu. Uma, porque estava chorando; outra porque estava atônita.

Ao sair da sala, deixando-as para trás, deparei-me com a visão devastadora que era Bellanne naquele vestido, fazendo meu corpo retesar assim que a vi. Um vislumbre de nós dois, agarrados na cama, com o quarto escuro, o ar condicionado na alta potência e um filme antigo na TV, abrandou minha ira.

Segurei sua mão com firmeza e, enquanto caminhávamos para o elevador, beijei-lhe os dedos.

— Você é tudo para mim, Fraise.

Ela sorriu, daquele jeito derretida que eu aprendera a amar tanto, e encostou a cabeça em meu braço, quando o elevador fechou as portas.

38º Capítulo



CAPÍTULO 38

Bellanne

Enquanto eu dirigia, Erik mexia no celular corporativo da Flávia. Estava calado demais, até que eu não aguentei mais de curiosidade.

— Encontrou algo relevante.

— O bastante.

Seus olhos estavam grudados na tela e os dedos trabalhavam rápido.

— O que é o bastante?

Erik passou a mão pelo rosto alisando a barba. Ele costumava fazer isso quando estava nervoso.

— Ligações, Fraise, muitas ligações do meu pai para ela e mensagens dela para ele. Dias antes da exposição e hoje à tarde também.

— Hoje à tarde?! — Ela não perdeu tempo! — O de hoje foi mensagem? O que diz?

— Apenas "preciso falar". — Pelo canto do olho notei que me olhava. — Ei, o que foi aquilo de vocês almoçarem juntas, Fraise?

Não gostei do seu tom, por isso não lhe respondi de imediato. Apenas

lancei-lhe um olhar que o fez entender.

— Ok, vou reformular... "Por que foi almoçar com as secretárias hoje, posso saber?"

Contive o sorriso, achando graça da sua falsa paciência e da maneira quase silábica com que me perguntou.

— Porque precisava dizer umas coisas à Flávia. Não se preocupe, não doeu e nem corro o risco de ser processada.

Ele não me respondeu. Perdeu-se com o olhar na rua, distraído, pensando sabe-se lá o quê. E quando chegamos à sua casa, ele ainda estava em silêncio.

— O que há, Erik? Estou ficando preocupada. Se aborreceu porque eu...

— Claro que não. — finalmente falou, ao passar o braço por sobre meus ombros e me puxar para o seu peito, quando caminhávamos para o elevador. — Estou pensando no Axel. Preocupado com o que a Flávia possa ter passado para ele.

— Esqueça isso, Viking. O que ele pode fazer contra você ou contra mim?

Seus olhos de água marinha pousaram em mim, preocupados, mas ele apenas beijou minha testa.

— Vamos esquecer. O que acha de "*O Poderoso Chefão*" sequenciado?

— Quantas vezes assistiu a isso, Viking?

Ele abriu a porta de casa e entramos. Começou a tirar a gravata e eu o ajudei. Erik odiava usar terno e só abria exceção hoje por conta da reunião em São Paulo.

— Duas vezes. E você, o que sugere?

Pensei por alguns instantes. Sempre gostei de filmes, mas com o Erik adquiri o hábito de assistir a filmes antigos.

— O que acha de "*Suplício de uma saudade*"? — Ele fez uma careta e eu segurei na lapela do seu terno. — Vamos no par ou ímpar!

Ele riu e eu amei vê-lo mais relaxado, longe da sombra do pai que atravessa o oceano para infernizá-lo. Por fim, perdi no par ou ímpar e, enquanto ele tomava um banho, fui preparar a nossa "amostra grátis" de paraíso: abri o *Streaming* e selecionei o filme, puxei a colcha, liguei o ar condicionado e fechei bem as cortinas.

Eu tinha trabalho a fazer, minha consciência me acusava, mas o Erik precisava de mim e eu jamais lhe negaria colo. Afinal, quem mais vezes pedia colo era eu.

Mal o *Bonacera* começara o seu discurso pró América para o Senhor *Corleone* e Erik já ressonava, adormecido.

Como sempre, suas pernas estavam sobre as minhas e envolvia meu quadril com seus braços. E eu, que sempre resisti a um relacionamento sério, estou completamente adaptada a dormir assim, atrelada a um homem, diariamente.

Vejo metade das minhas roupas em um guarda-roupas majoritariamente masculino. Tenho creme de barbear no armário do banheiro e eliminei de vez noz moscada da minha vida.

E o mais engraçado e surpreendente nisso tudo?

Cada mudança dessa parecia-me certa demais. O Erik parecia ter vivido comigo a vida inteira.

Quando se encontra o amor, tudo é pouco, tudo é curto, tudo é fugaz. O tempo voa. "Quando se vê, já são seis horas. Quando se vê, já é sexta-feira. Quando se vê... já se passaram dois meses", parafraseei o *Mário Quintana*, ao lembrar meu tempo de escola.

Dois meses depois...

Acordei com Erik me abraçando, a barba roçando em minha nuca, a Fênix me saudando em seu braço.

— Está gelada... Quer que desligue o ar?

— Terminou o filme? — A última coisa que lembrava era do *Patrick Swayze* sendo assassinado e virando um fantasma, em *Ghost*.

Erik sorriu contra o meu ouvido, fazendo-me arrepiar.

— Terminou sim. E você dormiu e perdeu a vez de escolher o filme.

Gemi, lamentando o fato de que o nosso próximo filme seria sobre alguma guerra no pacífico, e acabamos rindo juntos, lembrando que há dois meses ele também havia dormido durante "*O poderoso chefão*" e foi obrigado a assistir "*Bonequinha de luxo*" na semana seguinte.

— Sabe que horas são?

Erik esticou-se sobre mim e pegou o celular no meu criado-mudo. E só de sentir seu peso, cada célula minha despertou.

— Cinco e vinte e sete da manhã.

— Ah, droga! — Sentei na cama apenas de calcinha e camiseta, e me espreguiceei.

Erik segurou em meu quadril e me arrastou para dentro da cama e dos seus braços, fazendo-me deslizar sobre o lençol de seda.

— Aonde pensa que vai, Fraise?

Ele estava abraçado ao meu quadril e mordiscava minha cintura. Eu me contorcia, excitada.

Oh, Jah! Como foi fazer um homem irresistível assim? Precisei ser forte, muito forte.

— Hoje é o casamento da Margie, Viking... Preciso levantar.

E antes que ele me vencesse, saltei da cama e corri para o banheiro.

— Volta aqui, Bellanne Fraise! — A voz grave soou autoritária e do banheiro eu ri, mas por dentro eu quicava de tesão.

Tomei uma ducha fria bem rápido e saí do *closet* usando uma camisa *mullet* de botão e com o cabelo em um coque frouxo. Erik já tinha levantado e fui direto ao seu escritório. Precisava fazer algumas coisas antes que Letícia passasse para me buscar.

Abri o *laptop* e comecei a digitar um *check-list* de serviços que eu precisaria me certificar pessoalmente, como a limusine que a Margie exigiu que a levasse à cerimônia. Também tinha o Dimitri, meu amigo fotógrafo que consegui convencer Margie a contratar. E ainda tinha que lidar com a cerimonialista que, na sua razão, estava pirando com as minhas intromissões.

Por outro lado, a Margie impôs que eu deveria ficar no pé da moça. Situação complicada.

— Café?

Ergui a vista e meu queixo desceu meio centímetro. Na porta do escritório, Erik segurava uma xícara de café quente, usava apenas uma calça de moletom e eu vi, claramente, que não usava cueca. O viking sabia jogar sujo e bem baixo.

— Por favor... — murmurei e nem eu mesma sabia se pedia pelo café ou pelo loiro suculento e "animadinho" à minha frente.

Ele sorriu, *sexy*, convencido, dono da situação, e veio até mim, parou exatamente ao meu lado e encostou o quadril na mesa, de frente para mim. Lancei um olhar rápido para a ereção que começava a despontar sob o moletom.

Filho da puta!

E comecei a rir, forçando-me a manter os olhos no *e-mail* que, nem a pau, eu conseguiria terminar sem meter uma palavra obscena no meio.

— Muito complicadas as coisas aí?

Ele havia bebido um gole de café e agora pairava a xícara na minha frente, na altura da minha testa. Ergui os olhos e quando fui pegar a xícara, ele a suspendeu. Fitei seus olhos azuis, estreitos de sono, e seu sorriso safado,

afogado na malícia.

— Você tem essa carinha de anjo, mas o capeta foi seu pupilo, fala a verdade.

Ele sorriu, escorregou o lábio inferior entre os dentes e fez aquele maldito biquinho que me fazia molhar a calcinha quase que instantaneamente.

Pousou a xícara entre seu quadril e o *laptop* e colocou as mãos para trás, inclinando o corpo e apoiando-se na mesa, deixando a ereção ainda mais evidente. Eu nem tentei disfarçar, seria em vão. Meus olhos grudaram ali e salivei.

— Vai demorar para terminar? — A pergunta ordinária veio cheia de más intenções.

Voltei ao *e-mail*, mas sabia que não conseguiria digitar nada coerente, então, fechei o *laptop* e o empurrei para o lado. Ergui o rosto e ele sorria, vitorioso.

— Ok, Erik Lars... Digamos que você sabe ser persuasivo.

Afastei a cadeira e ele deslizou o quadril pela beira da mesa, ficando exatamente na minha frente.

— Sabe que morro de tesão quando te vejo trabalhar?

Ergui uma sobrancelha para ele, enquanto pegava a xícara e bebia um gole de café.

— Muito séria, concentrada... Fico imaginando o que poderia tirar sua concentração.

Lambi meus lábios molhados de café e recostei na cadeira, mantendo Erik entre as minhas pernas.

— Acho que já descobriu isso, não?

Sem a menor vergonha em sua cara de “*go-go boy* de elite”, Erik tornou a morder o lábio, segurando-o entre os dentes, e deslizou o polegar pelo cócs elástico da calça.

— Eu sempre consigo o que quero, Bellanne Fraise. Consegui você.

Abaixei os olhos completamente vencida. Se a vida inteira fui a garota que metia o xeque-mate na rapaziada, eu havia encontrando um oponente à altura.

Meta seu mate, Erik Lars!

Pousei a xícara novamente sobre a madeira polida e arrastei a cadeira de rodinhas mais para perto dele, que logo ficou tenso, segurando a borda da mesa com as duas mãos. Ergui apenas os olhos e, sem deixar de fitá-lo, desabotoei os dois primeiros botões da minha camisa, apenas dois.

Vi o pomo de Adão do Erik subir e descer, e sorri, safada. Então, umedecendo meus lábios lentamente, desci os olhos para a sua ereção. Deslizei as pontas dos dedos pelo cóis e ele contraiu o abdômen. Para provocá-lo, brinquei com o elástico, passando as unhas de leve sobre a sua pele, me divertindo ao ver o músculo do seu abdômen tremular.

— Você também não é nenhum anjinho, Fraise. — Sua voz saiu tremida e eu adorei isso.

Olhei em seus olhos e sorri, *sexy*.

— Não estamos juntos à toa, meu bem.

Voltei a atenção ao meu interesse e puxei-lhe o cóis devagar, descendo a calça e exibindo um pau de dar água na boca. Ouvi Erik puxar o ar e prender o fôlego. Então, deixei a calça baixa, o suficiente para exibir aquele pau lindo, de excelente calibre, rosado e brilhante.

Apanhei a xícara sobre a mesa e voltei a me recostar na cadeira, bebendo meu café calmamente. Admirando aquela maravilha da natureza, e depois, por cima da borda da caneca, eu o encarei.

Ele me olha sério e, podia apostar, sem respirar, então, começou a rir e balançou a cabeça para os lados, sem acreditar no que eu fazia.

Mas o Erik não havia chegado onde chegou, sendo fraco. Com uma das mãos, puxou mais a calça mais para baixo e segurou o pau, massageando-o devagar, subindo e descendo, exibindo sua extremidade lisa, plasticamente perfeita e já molhada. Seus olhos turquesa me fitavam, desafiadores, e devo dizer... Eu perdi.

Erik me encarando, se masturbando lentamente e com aquele meio sorriso pairando nos lábios era o fiel retrato da luxúria, da perdição e eu... eu não sou tão forte assim. Quase babei, porque poucas coisas nessa vida são mais belas do que o Erik se masturbando para mim. Isso era algo com que eu realmente não sabia lidar.

Sorvi um generoso gole de café quente e o mantive na boca por alguns segundos, até que perdesse parte do seu calor em minha boca. Nossos olhos estavam fixos um no outro quando me aprimei na cadeira e me aproximei dele, e depois de engolir o líquido cálido, fui direto no seu pau e o fiz quase desaparecer em minha boca quente.

— Caralho, Fraise!

Erik se empertigou na borda da mesa e agarrou meus cabelos presos no coque. Sabia que o calor do café ainda estava em minha boca e aquilo iria deixá-lo louco de tesão.

Deslizei seu pau em minha boca lentamente, subindo e descendo e, por fim, terminei com uma chupada sonora em sua extremidade. Quando o fitei, ele arfava de boca aberta.

Não lhe dei muito tempo. Voltei a encher a boca de café e quase cuspi tudo em cima dele, quase rindo, quando Erik passou a mão pela barba e murmurou:

— Ordinária...

Engoli o líquido antes que ele esfriasse muito e voltei a chupá-lo, dessa vez, segurando-o e massageando as bolas, enquanto subia e descia a boca, apertando-o entre a língua e o palato, alternando a velocidade e a fome. Erik segurava em meus cabelos com uma mão e com a outra estava quase para partir a borda da mesa.

Seus gemidos roucos enchiam a sala e já o sentia pulsar, quando a porta da rua bateu e escutamos o barulho de chaves sendo jogadas sobre a mesa da sala.

Ergui a cabeça imediatamente, e Erik a calça, bem na hora em que o Mateo chegou na porta do escritório.

— Oie! Bom dia... — E então, acredito que ele tenha notado algo, talvez a cara pálida do Erik, ou a minha vermelha, porque ficou sem graça. — Caíram da cama?

Erik olhou para mim e fez um gesto discreto para que eu fechasse a camisa, depois virou apenas a cabeça para o irmão.

— Trabalho... Temos trabalho.

Mateo, obviamente constrangido, sorriu.

— Vou tomar uma ducha. — E saiu rapidamente.

Erik virou-se para mim com a expressão de quem tinha visto um fantasma e eu explodi no riso, tapando a boca com a mão para tentar disfarçar.

— Não ria, Fraise... Minhas pernas estão tremendo.

Eu não conseguia parar de rir e seu gosto ainda estava em minha língua.

— Ai, Viking... Vai dizer que nunca foi flagrado?

Ele saiu da minha frente e já estava no meio da sala quando me olhou.

— Já, mas nunca com a minha mulher. — Pousou a mão nos quadris e soltou o ar com força, junto com a tensão, então, começou a rir. E enquanto se virava para sair, apontou para mim. — Vá se vestir. Vou tomar um banho frio e sugerir que Mateo alugue um lugar para ele. Isso não está dando certo.

Ainda rindo, abri o *laptop* e tentei me concentrar, mas foi difícil.

Erik

Mais calmo e conformado em não ter a Fraise naquela manhã, enxuguei a cabeça e pendurei uma das toalhas no box. Voltei para o quarto e a encontrei se maquiando na frente do espelho. Com a boca semiaberta, os lábios sendo pintados de vermelho e o olhar concentrado no espelho em sua mão. Meu corpo respondeu àquele estímulo e eu já começava a me sentir meio maníaco, porque bastava olhar para ela para começar a imaginar as maiores sacanagens.

— Em que horário quer que te pegue? — Desviei o olhar e tirei a outra toalha da cintura, ficando de cueca enquanto buscava algo para vestir. Peguei uma bermuda de brim e quando virei, flagrei a Fraise me olhando, através do pequeno espelho em sua mão.

Contive o riso e comecei a me vestir.

— Se não vai comer, Fraise, não seque o cardápio.

Ela fechou o batom e guardou o espelho, então, veio até mim, e segurando em meus ombros ficou na ponta dos pés e me beijou de leve. Passei a mão em sua cintura, apertando-a contra o meu peito. Era bom tê-la assim, toda colada em mim.

— Estou só verificando o cardápio para o *delivery* mais tarde. — Tornou a me beijar, mas não se demorou. — Posso pegar um táxi ou pedir que a Let me deixe aqui, Viking.

— Quero ir buscá-la, Fraise.

E depois de mais um beijo, aceitou.

— Às onze horas, então? Podemos almoçar em algum lugar, juntinhos, agarradinhos... — Ela sussurrava em meus lábios, me acendendo. — O que acha?

Apertei sua carne macia em minhas mãos, controlando meu tesão.

— Te pego às onze horas.

Sorrindo, afastou-se de mim e, por fim, me deixou. Foi uma crueldade.



— Já mediu a glicemia hoje? — Perguntei ao Mateo, que estava na cozinha

preparando seu iogurte natural com granola.

— Já sim. Está tudo sob controle.

Do armário acima da pia, tirei duas xícaras.

— Essa granola é dietética, não é? — Teo sorriu para mim e eu dei-me conta de que estava sendo controlador demais, como sempre. — Não faz essa cara. Eu me preocupo com você, inclusive, podemos nos tornar sócios do clube de tênis. Eu até te acompanharia, o que acha?

Nos servi de café. Ainda iria trabalhar esta manhã, ali mesmo em casa, mas eu tinha tempo para um café normal com meu irmão.

— O que acho é que estou muito sem graça, porque sei que interrompi algo agora há pouco.

Sem fitá-lo, sorri.

— Interrompeu sim, e eu estou com muita vontade de matar você. — Coloquei a garrafa de café na cafeteira, rindo da vermelhidão que apareceu no rosto do Mateo. — Mas teremos tempo para retomar.

— Foi mal, Kivo... Não imaginei que estivessem acordados.

Sentei de frente para ele, ali mesmo na cozinha.

— Esquece isso, estou apenas te provocando. — Ele bebeu o seu café e fez sinal de positivo com o polegar, dizendo que o café estava aceitável. — Teo, como você está com a Mariana?

Teo recostou em sua cadeira e lambeu o café dos lábios.

— Kivo, sinceramente... Cara, eu tô muito na dela. — Ergui uma sobrancelha, surpreso, mas deixei que continuasse. — Ela é tão carinhosa, sabe? É meiga, tem um coração puro!

Como ele, pensei.

Sorri e sorvi meu café. Parecia mentira que eu e o Teo, enfim, fôssemos felizes. Que juntos, acabássemos encontrando o amor, e logo aqui, no Brasil. Minha mãe deve estar rindo muito, onde quer que esteja.

— Já tem algum tempo que quero falar com você... — Pousei a xícara sobre a mesa e peguei um *cookie* no pote de vidro à minha frente. — Sei que você vai para a casa da Mariana para que possam ter privacidade... — E olhei para ele de um jeito que nós, homens, entendíamos sem precisar verbalizar. — Mas não fico bem com isso. A casa da Mari fica em um lugar legal, não é esse o caso. Acontece que lá não tem a mesma proteção que temos aqui.

Ele fez menção de falar, e eu já sabia que iria dizer que não havia qualquer problema. Eu o conhecia bem.

— Teo... Eu e você fomos criados em *Copenhagen* e de uma forma muito

simples. Frequentamos escolas públicas, convivemos com crianças e jovens de todas as classes, e mesmo o Axel tendo uma boa posição social, nunca fomos colocados em uma redoma. — Ele me olhava sério, reflexivo. — Acontece que aqui temos outra realidade. Sou sócio de uma Companhia muito visada, as pessoas não nos olham da mesma forma com que olham o filho do carteiro, por exemplo.

— Eu sei, Kivo. — Ele baixou os olhos para a xícara. — Eu entendo o que está dizendo.

— Aqui no condomínio, temos muita segurança. Nossos carros são blindados, a Drakkar tem segurança, e mesmo assim, nos arriscamos diariamente, sabe disso. E, sinceramente, eu ficaria mais tranquilo se você não se arriscasse tanto.

Ele assentiu, mas não estava feliz.

— E se o que aconteceu hoje se repetir? — Ele ainda estava preocupado com o que quase deu em mim e na Fraise.

— Não vai se repetir. — Respirei fundo e olhei em seus olhos, atento à sua reação. — O que acha de comprar um apartamento aqui no condomínio? — Ele ergueu o olhar repleto de surpresa e enlevo. — E você decide se mora sozinho ou com a Mariana, mas que seja nesse prédio, o mais perto possível.

— Você está falando sério?!

— Claro que estou! — Meu alívio, por ver que não havia me interpretado erroneamente, saltou aos olhos.

— E eu tenho dinheiro para isso, Kivo?

— Nós temos, Mateo. Será um presente, tudo bem?

Teo levantou e me deu um abraço como há algum tempo não nos dávamos.

— Nem sei o que dizer, Kivo! Vou viajar feliz!

— Que horas sai o voo?

— Preciso estar no aeroporto às onze horas, mas a Bell já falou comigo que você irá me levar antes de ir buscá-la. — Teo suspirou e fez cara de coitadinho, e eu logo vi que dali vinha uma gracinha. — Cara, eu já te disse... — e me olhou com uma cara engraçada. — Se cuide, porque a Bell me deu um abraço daqueles de despedida. Se você vacilar, ela cai de amores por mim, e não poderei fazer nada.

Ele deu de ombros e eu chutei sua perna ao tempo em que ríamos juntos.

Mateo estava voltando à *Copenhague* por duas semanas, apenas para resolver alguns problemas na faculdade, questões pessoais e ver o pai. E

decidimos que na volta conversaríamos com nossos advogados para providenciarmos a compra do apartamento.

Levantei e coloquei nossas xícaras na lava-louças, e quando escutei o telefone vibrar, pensei que fosse o meu, mas era o do Mateo, que logo o atendeu.

— Oi, Pai.

Fiquei atento. Axel andava estranho... Depois de eu ter cortado a informante dele da minha vida, ele não voltou a me ligar, não fez qualquer chantagem ou ameaça e isso não era do seu feitio.

— Devo chegar de madrugada, mas não se preocupe. — disse o Teo ao Axel.

Peguei a tigela em que meu irmão havia tomado o iogurte e também coloquei na lava-louças. Fazia tudo com calma, prestando atenção ao que falavam em dinamarquês.

— Vou sozinho, pai. Claro que não... Não... ele não vai.

Mateo olhou para mim e eu apenas mexi uma sobrancelha, entendendo que falavam de mim. Fui até a geladeira e peguei um pouco de suco.

— Pai, não é um problema nosso, não? Ele é adulto. — Teo estava ficando nervoso e eu me segurava para não tomar-lhe o telefone. — Pai, pai... podemos conversar aí?

Respirei fundo e, sem ter mais o que fazer na cozinha, saí, gesticulando para o Teo, dizendo que queria falar-lhe depois.

Entrei no escritório e abri as cortinas, apreciando o mar sob o sol. Sentei na frente do *laptop* e ri sozinho, lembrando do que eu e a Fraise fazíamos li, momentos antes.

Mal liguei o *laptop*, Mateo entrou.

— O pai preferiu não falar com você, Kivo. Desculpe.

Ergui o olhar para ele.

— Melhor assim. Não queria falar com ele. — Prestei atenção à tela que começava a carregar. — Além do mais... Ele está fugindo de mim.

— Por causa da questão da Flávia, não é?

— Sim. Ele sabe que eu tenho ciência de suas manobras. Eu estou bem sem falar com ele.

Teo apertou os lábios e já ia saindo do escritório, quando o interrompi.

— Teo! — Ele voltou. — O que ele falou para que você dissesse que eu sou adulto?

Meu irmão ergueu as sobrancelhas e baixou os olhos, pensativo.

— Nada demais...

— Teo. — O chamei, sério.

Ele mordeu o canto da boca e se aproximou devagar.

— Ele perguntou sobre a Bell. Se você ainda está com ela. Em suma, foi isso.

Soltei o ar, exasperado, e recostei na cadeira.

Ele não desiste nunca!

— Kivo... Não fica assim. É porque ele não conhece a Bell. No dia em que...

— Isso nunca irá acontecer, Mateo. Jamais irei expor a Fraise ao veneno dele. — Meu sangue corria mais rápido quando pensava nisso. — Ele vai odiá-la no instante em que colocar os olhos sobre ela, e sabemos bem do que ele é capaz, quando odeia alguém.

Mateo recuou, tenso, e apenas assentiu.

— Então vamos, Kivo... Vamos mantê-las longe dele. Ela e a Mari.

De cabeça baixa, Mateo deixou o escritório e eu ainda demorei para me acalmar. A lembrança da família Paaske se reconstruiu em mim. Silje era apenas uma amiga de escola e seu pai era empregado do escritório do tio Jakob, pai da Hedda.

O único erro da Silje foi aceitar os meus convites para estudarmos juntos em casa e irmos ao cinema duas ou três vezes. Eu estava gostando dela e nunca escondi isso de ninguém, mas nem mesmo namorávamos ainda.

Um dia, meu pai a humilhou muito, bem na minha frente, e na semana seguinte, seu pai foi transferido para Moçambique, para uma filial do escritório do tio Jakob. Silje estudava no conservatório de música. Ela queria ser pianista.

Dias depois, Hedda passara a morar em nossa casa.

Inclinei sobre a mesa e cobri o rosto com as mãos. Não... Ele jamais colocaria os olhos em Fraise.

39º Capítulo



CAPÍTULO 39

Bellanne

Retirei os sapatos sob a mesa, onde mais tarde seriam dispostos os doces, e mexi os dedinhos. Eu estava exausta e passara a última hora ao telefone, confirmando serviços, ajustando intercorrências.

A florista havia trocado lírios por orquídeas e se eu não tivesse visto a tempo, aquela conta sairia uma fortuna! E a Margie iria me matar!

— Ok, Dimitri. Conforme combinado, a câmera é sua. Fique à vontade. Deus me livre trabalhar hoje. — Sorri com um gracejo simpático do velho colega de profissão. — Te espero cedo, então.

Desliguei o telefone e agradei a água que o garçom acabara de me servir.

— Bell, tudo ok com a limusine, mas eles só poderão disponibilizar o modelo grafite. — Letícia fez uma careta, ante a mudança dos planos. — A preta teve um probleminha.

Apoiei a cabeça na mão, cansada.

— Let, será noite... Estará tudo escuro e a Margie nervosa. Ela nem vai

notar a diferença.

— A Margie notaria até se um dos pneus fosse de uma marca diferente, Bell.

Olhei feio para Letícia, criticando sua pouca boa vontade para a resolução de mais aquele obstáculo, e ela abriu um sorriso tão largo quanto forçado, desculpando-se. Então, piscou um olho e voltou a falar ao telefone com o responsável da locadora de veículos de luxo.

Tornei a calçar os pés e levantei, indo até ao pessoal que estava montando a estrutura da boate. Depois de mudar duas mil vezes o local do seu casamento, Margie decidira casar-se em uma mansão do século XIX, em um bairro um pouco afastado do centro. Sem dúvida, não havia lugar mais romântico e perfeito para a cerimônia.

A parte religiosa será no jardim interno do casarão: um espaço a céu aberto no centro da casa, contornado por uma varanda muito charmosa e ornado por lindas lanternas antigas. A festa acontecerá nos três salões conjugados, cada um com uma arquitetura mais linda que a outra, mas todos no estilo colonial, inclusive com piso original.

Caminhei pela casa, admirando a sua beleza e, por instinto, visualizando as fotos incríveis que poderiam ser feitas ali. Se a Margie topasse, eu adoraria fazer fotos sensuais suas, quiçá nuas, naquelas namoradeiras de cor carmim.

Não... A Margie nunca faria. Quem sabe a Tati? Uau! Uma negra, divando num casarão colonial daria o que falar!

Meus olhos brilharam e as ideias começaram a estourar na minha cabeça, enquanto perdia-me nos detalhes em gesso do teto, próximos ao imenso lustre de cristal. E quando meus olhos desceram, me surpreendi com o homem de pé, encostado no marco da porta, com as pernas cruzadas no tornozelo e as mãos nos bolsos da calça. Usava uma camisa social clara e uma calça jeans preta, e tinha os olhos mais azuis e apaixonantes do planeta.

— Não te vi chegar.

— Eu sei... Gosto de olhar você. — disse, sensual.

Caminhei até ele, quando a minha vontade era sair saltitando até esbarrar em seu peito.

— Estava admirando a arquitetura. É perfeita.

Ele me olhava muito diretamente.

— Concorde. Eu também estava admirando a arquitetura... A sua.

E me sorriu, daquele jeito que faz meus joelhos fraquejarem. Meneei a cabeça e estreitei os olhos para o seu galanteio. Seus olhos percorriam meu

rosto, enchendo-me de encanto.

— Vamos embora? — Estava louca para que ficássemos a sós, namorando um pouquinho, enquanto almoçamos.

— Precisa mesmo ficar com a Margie o dia inteiro, amor?

Baixei o olhar, sabendo que o nosso desejo, mal satisfeito naquela manhã, só fazia crescer. Então, voltei a fitá-lo, pensando no quanto a Margie precisava de mim.

— É minha única irmã, Kivo. Você tem o Mateo e sabe como é isso.

— Você está certa. — Erik enlaçou minha cintura e ajeitou uma mecha do meu cabelo. — Eu vou sobreviver.

Sorri, já tendo ideias.

— Você não conhece bem a região, mas... — Maliciosamente, ergui o indicador, apontando para trás, por cima do meu ombro. — Sabe aqui atrás, no Horto? — ele ergueu uma sobrancelha, lendo minha expressão lasciva. — Tem um motel bem charmosinho.

Um sorriso de orelha a orelha nasceu em seu rosto. Primeiro, seus olhos desceram à minha boca, para depois ele segurar meu lábio inferior suavemente entre os dentes, chupando-o.

— Adoro quando você lê minha mente, Fraise. — sussurrou em minha boca.

Erik tomou minha mão e saímos dali. Na varanda do jardim interno, Letícia nos aguardava.

— Let, estou indo. Nos vemos mais tarde?

Segurei em seus ombros e já ia beijar-lhe o rosto.

— Bell, Erik... por favor, podem me levar com vocês? — A expressão de coitada da Letícia não inibiu a minha expressão de desânimo. — O Caio vai me buscar na casa dos seus pais, Bell. Aqui é horrível para se pegar um táxi e é tão contramão!

Erik apertou minha mão e eu fiquei sem saber o que fazer. Realmente o lugar era muito ermo e... Ah, que droga!

Olhei para o Erik e ele entendeu imediatamente. Suspirou fundo, bem fundo, e com os lábios pressionados em uma linha, apenas assentiu.

Let olhou para mim erguendo os ombros, mas lhe fiz um carinho nos cabelos, aliviando o constrangimento.

— Vamos, Let. Mas fique sabendo que os vikings são bárbaros e vingativos.

Ela contraiu o cenho, creio que sem entender a risada do Erik, ao meu

lado.

Quando paramos na porta da casa dos meus pais, Let agradeceu a carona ao Erik e desceu do carro, já encontrando o Caio na calçada.

Virei-me para o Viking e ele tinha a cabeça apoiada na mão e o cotovelo na janela fechada. Achei que estivesse aborrecido.

— Ei... — Inclinei-me para ele e acariciei-lhe a barba clara e macia. Seus olhos lindos viraram para mim, em encarando sério, mas sem sinal de aborrecimento. — A noite será só nossa, certo?

— Por que tenho a sensação de que o noivo sou eu?

Rimos juntos e beijei sua boca carnuda, gostosa.

— Porque está ansioso. Porque vai ficar sozinho, sem mim e sem o Teo. — Sorri e tornei a sugar seus lábios, mergulhando a língua em sua boca quente, de sabor único. — Você vai ficar bem, meu Viking.

Ele não deu uma só palavra, mas antes que eu pudesse sair, segurou em meu braço, me contendo, e logo sua mão grande tomou minha nuca e me prendeu à sua boca. O beijo quente, dominador, enviou um sinal de alerta direto para o meio das minhas pernas.

Arfei em sua boca, entregando-me, deslizando em sua língua macia e ágil, com meu corpo precipitando-se contra o dele, desejando, obedecendo. E quando finalmente nos separamos para respirar, estávamos alterados, extremamente alterados.

— Putz, Viking... — Eu tremia de tesão e tudo em Erik dizia que ele estava no mesmo estado.

— Putz, Fraise! — Repetiu, fazendo graça.

Sorri nervosa. Aquilo entre a gente jamais iria passar. Jamais deixaríamos de arder um pelo outro.

— Eu vou contar as horas, meu Viking. E vou compensar cada segundo da nossa espera.

Ele sorriu, perverso, malicioso.

— Não vou pensar em outra coisa, Moranguinho.

Eu quis beijá-lo novamente, mas sabia que se o beijasse, a coisa iria pegar fogo, então, lambendo os lábios com seu gosto, afastei-me e saí do carro.

Erik

Há meses eu não sabia o que era estar só. A única coisa que eu fazia sem a Fraise era trabalhar, e foi o que fiz.

Liguei o *laptop* e comecei a revisar uns relatórios das lojas de Paris. Eu precisava ir até lá e acho que seria uma grande oportunidade para que ela fosse comigo.

Abri a gaveta e tirei a caixa de veludo azul marinho. Abri a caixa e o delicado anel com uma turmalina “Paraíba *Neon*”, rodeada por pequenos diamantes, brilhou de forma mágica. Há um mês eu o havia encomendado para a Fraise e esperava o momento certo, mas eu já não aguentava de ansiedade.

Retirei o anel da caixa e fiquei admirado como o seu brilho era realmente diferente, valendo cada dólar gasto. Uma pedra brasileira, como Fraise, e com a mesma cor dos meus olhos. Além do mais, é uma das pedras mais raras do planeta, quase tanto quanto Bellanne.

— Ah, Bellanne... — Girei o anel em meus dedos, vendo o brilho mudar de ângulo. — Será que vai gostar?

A verdade é que eu tinha medo dela dizer que ainda era cedo, que eu estava me precipitando. Talvez estivesse mesmo, mas eu queria fazê-la entender que não estava passando um tempo com ela. Queria deixar bem claro que ela é a única mulher com quem já pensei em ter filhos, em envelhecer ao lado.

E comecei a rir, imaginando a cara dela quando eu lhe dissesse essas coisas. Ela me mandaria calar a boca e iria marcar uma consulta urgente com o ginecologista. E era justamente por essa impressão que até o momento aquele anel estava ali, na caixa, e não em seu dedo.

Tornei a guardá-lo, e ali o “Paraíba” ficaria até que eu tivesse a certeza de que ela também queria dividir a vida inteira comigo.

Com a imagem da Fraise na minha cabeça, voltei-me aos relatórios de Paris, mas ainda assim, pensando se, talvez, essa viagem não seria a oportunidade perfeita.

Bellanne

Gemi alto quando as mãos da massagista apertaram minhas panturrilhas. Margie estava ao meu lado, deitada, com duas rodela de pepinos nos olhos, e eu fiquei tentada a aprontar-lhe uma travessura.

— Bella...

Ergui a cabeça e encontrei minha mãe com tinta no cabelo e o indicador em riste, fazendo que não, e me senti novamente com dez anos de idade.

Como as mães conseguem saber quando pensamos em aprontar?

Fechei os olhos e tentei relaxar, mas deveria saber que não conseguiria. Embora estivesse tudo certinho, e até as nossas roupas já estivessem aqui — na mansão colonial, onde nos arrumaríamos —, cada músculo do meu corpo clamava pela única coisa que me faria relaxar.

— Bell, já pegou seu vestido? — Margie ainda se preocupava com essas coisas.

— O verde *tiffany*? — Não resisti. — Chegou lá...

— Verde o quê?! — Ela arrancou os pepinos dos olhos e quase a mandei segurar suas órbitas para não perdê-las. Caí na gargalhada.

— Você é uma idiota, Bellanne!

— Ok, ok...desculpe. Foi ridículo. — Apressei-me em me desculpar para evitar um discurso da mamãe. — Peguei sim, Margie. O vinho lindo, já está lá no quarto.

— Deus do céu... — murmurou, recolocando os pepinos nos olhos.

— O que foi agora, Margie? — Mordi a boca, sentindo uma dorzinha boa quando a massagista começou nas costas.

— Não sei como um homem sério, distinto e importante como o Erik aguenta suas palhaçadas.

— É porque ele não é mal-humorado, Margie. — falei tranquilamente. — Nos divertimos, somos leves, sabe?

Ela resmungou, mas não respondeu. E até o momento em que o maquiador começou o seu trabalho em mim, Erik havia passado duas mensagens, com um teor que me fez suar, mas não me ligou. E quando o telefone tocou, achei que fosse ele, mas era o Lucien.

— Diga, Lu!

— Diva, posso levar um bofinho para esse casamento da Margie?

— Claro que pode!

— Ela não vai me barrar, não?

— Não, desde que vocês não destoem da decoração, amor.

Lucien riu, provavelmente imaginando loucuras como eu.

— Pode deixar, Jezebell, irei de véu.

— Esse é o caminho mais rápido para a porta da rua, Lucien. E não demore. Quero que você esteja aqui antes de começar a cerimônia, porque não vou aguentar sozinha a tensão da Margie e a pressão da mamãe. — sussurrei a última parte. — Sabe que não lido bem com essas coisas.

— Ok, amada. Sei que você não vive sem o Lucien *Odara*!

— Vai à merda, Lucien *Odara*. Tchau.

Desliguei com um sorriso no rosto. O Lucien tem o dom de nos fazer rir, mas é o tipo de cara que quase nunca divide suas dores.

Ao final da tarde, com o sol já quase todo posto, desci do segundo andar da casa e nem bati, quando abri a porta do quarto da noiva.

Ela estava de costas e posava para a lente do Dimitri. Eu fiquei paralisada: Margie estava muito mais do que linda! O seu vestido alvíssimo seguia um modelo grego, e em sua cabeça havia uma linda tiara dourada que cruzava sua testa. Estava uma verdadeira visão e eu fiquei emocionada.

— Margie... — Ela se virou para mim e deu um sorriso de pura felicidade.
— Você é a noiva mais linda que já vi!

E era verdade.

Margie segurou na saia plissada do vestido e a abriu, mostrando o quanto era belo. Sim, ele era lindo, mas ela era muito mais.

— Uau! — Fiquei sem fala e meus olhos marejaram. — Minha menina...

Corri e dei-lhe um abraço com cuidado para não desarrumá-la.

— Você também está linda, Bell. — Afastou-se para me olhar e estreitou os olhos em sua avaliação. — Esse não era bem o modelo que eu havia escolhido, não é?

— Não, Margie. Eu nunca usaria o modelo que você escolheu.

Ela ergueu os olhos e sorriu.

— Está milhões de vezes mais lindo, Bell, e combina perfeitamente com você. — Sorri aliviada, e me olhei no reflexo do espelho. O vestido longo em cetim de seda bordô descia ajustado em meu corpo até a cintura e sua saia reta abria-se em uma fenda desde o alto da coxa. O decote discreto na frente e profundo nas costas era acompanhado por um lindo colar de pérolas cultivadas. — E as outras damas, gostaram desse modelo?

— Bem... A Magda ficou parecendo um espantalho e a Julinha ainda não conseguiu encontrar a frente do vestido, mas isso não importa, porque eu fiquei bem.

Margie começou a rir porque sabia que era tudo mentira.

— Ai, Bell... Você é maluca, mas eu te amo mesmo assim.

Sorri, embevecida com a beleza que lhe saltava pelos olhos. Ela estava leve, feliz como tinha que ser.

— Margie, vou descer e ver como andam as coisas.

— Bellanne. — Chamou-me o Dimitri, meu colega fotógrafo, um ucraniano bastante alto e charmoso, apesar de não muito belo e que, surpreendentemente, eu sequer havia notado no canto do quarto. — Juntem-se. Quero fazer algumas fotos.

Era o Dimitri, e por isso me senti à vontade. Fiz poses, caras e bocas e nos divertimos. E quando desci, haviam apenas os profissionais que finalizavam os preparativos, e Lucien, já sentado com seu acompanhante. Eu os cumprimentei e Lucien me ajudou a ver se estava tudo em ordem com o cerimonial. Graças a *Jah*, tudo estava milimetricamente ao gosto da Margie.

Sendo assim, logo voltei ao quarto para tranquilizar minha irmã, mas a encontrei na companhia de suas damas de honra e não quis interrompê-las.

Continuei pelo corredor, aceitei a taça de champanhe que o garçom ofereceu-me no caminho e cheguei ao terraço. A noite estava linda, estrelada e, inevitavelmente, pensei no Viking, rodando as pérolas do meu colar e imaginando o que havia feito o dia inteiro longe de mim.

Debrucei na balaustrada e me surpreendi, ao ver a quantidade de carros que paravam na porta da mansão e o número de convidados que chegavam. Dei risada da camisa amarelo ovo do Caio e do vento, fazendo um rebu nos cabelos de uma amiga da mamãe. E quando vi o carro do Erik parar logo abaixo, meu sangue gelou, como se estivéssemos em comecinho de namoro juvenil.

Ele desceu do carro e entregou as chaves ao manobrista, então, ajeitou o *blazer* do terno cor de chumbo. Usava uma camisa preta por dentro e uma gravata da mesma cor do terno e, como sempre, estava um colosso, como diz o Mateo.

Como se tivesse escutado meu chamado silencioso, Erik olhou para cima. Eu lhe sorri, ergui a taça, saudando-o, e ele me fez uma saudação discreta, que reconheci como uma saudação árabe: colocou a mão no peito, em seguida nos lábios, na testa e, por fim, apontou a mão discretamente para mim, o que significava: meus sentimentos, minhas palavras e meus pensamentos são seus.

Foi o bastante para me fazer levitar. Meu coração, meus beijos e minha vida também eram dele.

40º Capítulo



CAPÍTULO 40

Erik

Depois da segunda mensagem para Fraise, naquela tarde, achei que já estava abusando e desliguei meu celular. Ela precisava de um tempo com a família e, para ser sincero, eu tinha muita coisa para resolver com referência às lojas de Paris.

Thomaz tinha ido à França no início da semana e vinha passando-me os dados e detalhes. Talvez fosse preciso um de nós estar mais próximo e ele já havia me sinalizado que voltaria a Paris, se fosse necessário. Jamais lhe agradeceria o suficiente.

À noite, depois de uma tarde inteira de análises de documentos e dados, finalmente estava prestes a ver a Fraise.

Desci do carro e entreguei as chaves ao manobrista e, olhando ao redor, reconheci muita gente e cumprimentei a todos com discretos meneios de cabeça. Era engraçado pensar que há pouco mais de seis meses, quando encontrei Bellanne, eu simplesmente não conhecia quase ninguém na cidade.

Hoje, sentia-me quase como um político, às vésperas das eleições.

Um tanto ansioso, fechei os botões do terno e, como se escutasse um chamado, olhei para cima e a vi, no terraço da casa. Estava linda, embora eu não pudesse vê-la inteira. É que a beleza da minha mulher não vinha das roupas ou maquiagem, e ela ainda estaria linda, mesmo se vista há quilômetros de distância.

Fraise também me viu e ergueu a taça para mim, saudando-me. Tudo que me ocorreu, foi saudá-la com veneração e, instintivamente, toquei meu peito, meus lábios e minha testa, oferecendo-lhe tudo que havia em mim, inclusive a minha devoção.

Entrei na cerimônia cumprimentando as pessoas, e muitas já estavam acomodadas nas cadeiras no jardim interno.

Como já conhecia boa parte da família Fraise e amigos, não me senti tão deslocado, embora ainda sentisse sua falta.

Admirei o corredor de lírios que seguia desde a entrada do jardim até o pequeno altar. O perfume das flores pairava no ar, suave. Toda a decoração estava elegante e primorosa e, de alguma forma, pude perceber a mão da Bellanne em cada detalhe. Sentei na quarta fileira, próximo ao corredor por onde passariam a noiva e minha namorada, dentre outros.

Peguei o celular no bolso interno do *blazer* e verifiquei que não havia mensagens, então, digitei uma bastante significativa.

"Agora sim, sinto-me um noivo, ansioso por minha noiva".

Ela não demorou a responder:

"Está querendo casar, Viking?", seguida de emojis risonhos.

Cocei a barba, tenso. Estávamos chegando lá... No assunto que eu tinha tanto receio de tocar. E ela levar como brincadeira não estava me ajudando.

"Quem sabe? Só preciso que a noiva diga 'sim'", respondi.

Segundos depois, Lucien aproximou-se de mim e cumprimentou-me, todo animado.

— Uau, Senhor Viking, que beca! — Lhe sorri com simpatia e cumprimentei seu acompanhante. Aprendi a gostar do Lucien muito fácil. Era evidente seu amor por Bellanne e isso me confortava, a despeito do ciúme que, inevitavelmente, eu sentia. — Bell me pediu para entregar-lhe.

Ele me passou o celular da Fraise e eu lhe agradei, entendendo que ela não tinha visto a minha última mensagem. Lamentei, porque teria que

prolongar minha ansiedade. Então, as pessoas agitaram-se, quando a primeira música começou a ser entoada pelo pequeno coro.

Anderson entrou acompanhado de quem imaginei ser sua mãe. Inevitavelmente, pensei em Diana. Ela ficaria linda, entrando na igreja comigo, com seus cabelos dourados e o sorriso que era-lhe uma marca.

Anderson passou por mim e nos cumprimentamos com um sorriso e um meneio de cabeça. Logo mais, uma música muito suave soou e entrou a Ana Maria, de braços dados com um homem que não reconheci. Pela lógica, acreditei ser o pai do Anderson. Ela estava muito bonita, em um longo azul que desenhava suas belas formas. Era uma linda mulher e tinha os olhos idênticos aos da Fraise. Era o que eu mais admirava nela.

Quando passou por mim, lhe sorri e pisquei um olho, vendo-a enrubescer e aprumar-se. Então, a música mudou e eu vi as damas de honra se colocarem na entrada do corredor de lírios. Não vi Bellanne, mas sabia que estava ali.

Os casais começaram a entrar: eram três, e os vestidos em degradê deram um efeito bonito em meio aos lírios. Fraise seria a última, com o vestido mais escuro.

Eu me atinha aos detalhes, atentando aos protocolos e às entradas, no intuito de conter a ansiedade. Jamais havia pensado em cerimônia, igreja, essas coisas, e agora, via-me admirando os pormenores.

Eu observava o Thomaz e sua família e, óbvio, sabia que um dia iria chegar a minha vez, mas isso não estava nos meus planos para os próximos dez anos. E agora, intimamente, perguntava-me se eu estaria nervoso, no meu dia; se Bellanne gostaria de um casamento tradicional... Ri de mim mesmo, das minhas tolices.

Enquanto os casais se aproximavam, me questionava sobre quando havia me tornado meio que dependente da Bellanne, porque já não conseguia visualizar qualquer momento da minha vida futura sem que ela estivesse no centro dele. Para alguém acostumado a ser sozinho, isso era bem assustador.

E foi em meio aos meus devaneios que a vi por trás das duas primeiras damas.

Putz! Como ela é linda!

Meu coração disparou e fui tomado de orgulho. Fraise brilhava, como se houvesse um refletor apenas sobre ela. O vestido vinho fora realmente feito sob medida em cada detalhe e conforme andava, sua perna torneada surgia entre o tecido, sensual, até mesmo erótica.

Ela sorria como uma rainha em sua coroação e as pessoas eram

contagiadas por seu brilho, saudando-a, ignorando as outras damas. Sem a menor cerimônia, ela tocava-lhes as mãos e soltava beijos discretos ou franzia o nariz, fazendo uma careta que eu achava muito lindinha. Novamente, me senti um felizardo porque aquela mulher, no mais elevado, belo e majestoso sentido da palavra, era a minha mulher.

E eu duvidei que a noiva estivesse mais bela do que ela. Era impossível.

Quando Fraise se aproximou, eu sorria tanto que minhas bochechas doíam. Mordi o lábio para conter o sorriso exagerado. Seus olhos encontraram os meus e eles brilhavam de felicidade. Não pude evitar a ideia de como seria, quando ela entrasse de branco em uma igreja. Aposto que as pessoas aplaudiriam. Eu aplaudiria.

Seus olhos não saíram dos meus, enquanto passava por mim, e quando estendi a mão, encontrando a sua, levei-a aos lábios. Foi rápido, mas reconfortante, sentir sua pele, seu calor.

Acompanhei seu andar, o balanço sexy do quadril, as costas expostas pelo decote que terminava na cintura, acentuando as curvas onde eu me perdia. E quando chegou ao altar, virou-se, deitando o olhar diretamente em mim.

Uma das coisas mais fabulosas entre eu e a Fraise, era a capacidade de nos comunicarmos sem que precisássemos nos falar. E ali, naquela troca de olhares, muita coisa foi dita. Coisas que apenas eu e ela poderíamos entender.

Quando a música da noiva a anunciou, precisei me forçar a tirar os olhos da Fraise para prestigiar a verdadeira rainha da festa, mas não a minha.

Bellanne

Vinte e sete anos muito bem vividos não me prepararam para Erik Lars. Conhecer várias partes do mundo, ter experiências maravilhosas com outros caras e abrir a mente não me tornaram apta a encarar o Viking de forma intacta. Não era o primeiro homem lindo, sexy e inteligente da minha vida, mas sem dúvida, era pioneiro em tirar meu chão.

Seu olhar tem a capacidade de aniquilar tudo ao meu redor, monopolizando a minha atenção. E sempre que me olhava assim, como o fez desde a minha entrada até o altar, alterava meu estado mental, deslocava meu eixo. E eu ainda seria capaz de agradecê-lo por isso, porque somente seu olhar me dava essa sensação única de plenitude. Com muita facilidade, Erik consegue convencer-me de que sou sim, a mais linda, a melhor e mais importante criatura desse mundo. E ninguém poderia me convencer do

contrário, ele jamais permitiria.

E só quando Marjorie chegou ao altar, dei-me conta de que estive perdida na figura imponente e máscula do Erik por um longo tempo, ao invés de observar a entrada da noiva.

Com votos emocionantes e um discurso rápido e divertido do padre, logo a minha irmã passou ao rol das mulheres casadas. Consegui me desvencilhar das pessoas que tentavam acessar os noivos e agarrei a mão do Viking. O seu calor me era tão familiar.

— Foi lindo. — Inclinou-se e falou junto a mim, enquanto seus olhos astutos observavam a movimentação.

— Sim, foi perfeito. — Abriguei sua mão grande entre as minhas e caminhamos devagar para o salão onde a festa já começava. — A Margie estava muito emocionada, mas o Anderson parecia estar ainda mais nervoso.

Com um sorriso muito leve nos lábios, Erik tornou a se aproximar e murmurou, mas ainda sem olhar para mim:

— É uma situação muito especial, eu também estaria. — E seus olhos foram direto nos meus. — Você não?

Eu o encarei, tentando ler o rosário de justificativas por trás do seu azul turquesa.

— Claro que sim. Na verdade... Eu estaria meio em pânico, acredito. — Continuamos nos encarando, até que o Viking desviou o olhar, contendo o risinho.

— Vamos, Fraise. Depois dessa resposta, vou precisar de algo para beber.

Sentamos e jantamos juntos com o papai e a Ana Maria. Margie e Anderson passeavam pelo salão, parando de mesa em mesa e recebendo os cumprimentos.

Eu e o Erik contávamos aos meus pais que havíamos presenteado os noivos com uma viagem de lua de mel — uma semana nos Alpes Chilenos, com tudo pago. Achei espirituoso mandar a rainha do gelo a uma estação de esqui. —, quando vieram nos chamar para a dança dos noivos.

Todos levantaram para assistir, aglomerando-se ao redor da pista de dança. Erik me abraçou por trás e sua respiração em meu ouvido causava-me um leve arrepio, enquanto admirávamos Margie e o então marido deslizarem ao som de "*Close to you*", dos *Carpenters*. Eles haviam ensaiado por toda uma semana e, ao que parecia, aprenderam a coreografia direitinho.

Quando chegou a vez do papai dançar com a Margie, Erik começou a balançar suave no ritmo, abraçado a mim. Estava sem o *blazer* do terno,

mantendo o colete chumbo sobre a camisa preta, e seus braços fortes envolviam minha cintura. Eu me aninhava cada vez mais, reconhecendo aquele vão aconchegante como meu lugar favorito.

Erik

Estávamos perfeitamente encaixados, quando Paulo Henrique se aproximou e estendeu a mão à Bellanne. Ela escorregou para fora dos meus braços e eu lamentei.

Dobrei as mangas da camisa, porque estava começando a me sentir quente demais, e enfiei as mãos nos bolsos porque não sabia muito bem o que fazer com elas. Os observei deslizar pela pista de dança dividida com mais alguns casais, e aos poucos outros iam juntando-se a eles.

Bellanne dançava com uma leveza incrível e me perdi na beleza da cena. O amor tão evidente dos dois, o carinho de Paulo Henrique expresso em seu olhar repleto de orgulho e ternura. A adoração com que Bellanne fitava o pai me enteneceu.

Eu sentia-me especialmente emocionado nesta noite. Talvez fosse o clima de amor que pairava no ar; talvez fossem minhas reflexões e dúvidas acerca da nossa relação. Contudo, muito provavelmente, era apenas o leve efeito do proseco.

Quando eles voltaram e Paulo Henrique trouxe-me Bellanne em sua versão mais sexy e feliz, entendi por que me sentia daquele jeito.

— Cansada? — Segurei em sua mão, tencionando dançar com ela.

— Você dança, Viking? — Perguntou, divertida.

— Eu me balanço. — Pisquei-lhe um olho, cúmplice. Então, retribui o sorriso simpático do Paulo Henrique e levei minha dama ao centro da pista.

Começava a tocar uma música que o Mateo adorava escutar em seu quarto e berrar do chuveiro, e de tanto escutá-la, aprendi a gostar: "*Thinking Out Loud*", do *Ed Sheeran*.

Mergulhei a mão por dentro do decote dela, acariciando-lhe as costas macias, e coleí meu corpo ao seu. Seu cabelo cheirava ao xampu que dividia espaço com o meu, na prateleira do nosso banheiro. Seu calor atravessava a minha roupa e me esquentava ainda mais. E juntos, como se fôssemos um, nos deixamos levar pela música, até que eu apenas deixei fluir.

— Fraise? — Eu estava nervoso pra cacete, tenho que admitir. Ela ergueu a cabeça e me fitou. Seus olhos brilhavam em puro mel. — Feche os olhos. —

Ela franziu as sobrancelhas, estranhando, mas fui incisivo, ordenando-lhe de forma jocosa. — Feche os olhos.

Ela sorriu, mas obedeceu. Respirei fundo e encostei minha cabeça na sua, mantendo meus lábios o mais próximo do seu ouvido que a nossa diferença de estatura permitia, embora ela usasse saltos.

— Escute a música e relaxe. — Novamente ela obedeceu, e quando senti seu corpo mexer-se com ainda mais suavidade, respirei fundo e criei coragem. — Amanhã iremos acordar juntos... Iremos tomar nosso café da manhã na varanda, você comerá torradas e eu salada de frutas. — Eu falava lentamente, seguindo o ritmo dos nossos corpos. — E depois, quem sabe, iremos à praia. Consegue visualizar isso, amor?

Ela voltou a erguer o rosto e me olhou, lânguida, com um sorriso gostoso nos lábios.

— Oh, *yeah, baby...* Com perfeição.

Também sorri, achando encantadora sua carinha sonolenta.

— Ok, mas volte a fechar os olhos. — Prontamente ela o fez. — E daqui a um ano... — Comecei com cuidado, pensando em cada palavra. — ...Poderíamos ainda acordar juntos... Quem sabe, numa casa com uma piscina... e um jardim com gerânios e rosas? — Ela não disse nada e eu fiquei ainda mais tenso. Prossegui: — Poderíamos fazer *cooper* juntos, pelo condomínio à beira mar, beber uma água de coco... e na volta, parariamos em alguma loja de decoração para escolhermos móveis novos.

Fechei os olhos, aguardando sua resposta, e quando senti que ela novamente erguia o rosto, eu a fitei, esperançoso. Bellanne tinha apenas um dos olhos aberto, sapeca, avaliando-me, com um biquinho sedutor nos lábios, mas com a expressão repleta de dúvidas.

— Feche os olhos, Fraise, e me diga que consegue ver. — Nem eu acreditei que estava quase suplicando-lhe que visualizasse essa "fantasia".

Ela o fechou e respirou fundo ao passar a língua entre os lábios e deixar o inferior escorregar entre os dentes.

— Eu escolheria os móveis, não é mesmo? — Determinou, um segundo antes de mergulhar seu rosto em meu pescoço.

Involuntariamente soltei um riso de alívio.

— Com certeza.

Bellanne voltou a relaxar e a dissolver-se em meus braços. Beije o alto da sua cabeça e a apertei contra mim.

— Então... Em dois anos, quem sabe, poderíamos acordar cedo, mas desta

vez não iríamos correr. Poderíamos nadar na piscina... — Tornei a fechar meus olhos, temeroso, e respirei fundo, lentamente. — ... Estaríamos ensinando, quem sabe... nosso filho a boiar...

Bellanne ergueu o rosto para mim repentinamente, e senti que nos perdemos um pouco na dança. Ela me encarou um tanto sobressaltada, talvez. Ou poderia ser apenas a minha tensão refletida.

Tentei reverter.

— Tudo bem, poderíamos esperar mais um ou dois anos, talvez, mas ainda assim faríamos algo juntos. — Buscava contornar a situação sem, necessariamente, desfazer-me da ideia.

Que merda! Eu não sabia o que fazer! Ela me olhava estática e eu não soube se continuava com o jogo ou simplesmente mudava de assunto. Olhei adiante, para onde o cantor da banda esmerava-se para imitar o *Sheeran*, sem de fato enxergá-lo.

Achei por bem desconstruir todo o cenário imaginário que montei.

— Tudo bem, estaríamos apenas preparando um churrasco para nossos amigos...

— Gosto mais da versão com o nosso bebê, Viking. — Absolutamente surpreso, encontrei seus olhos diretos nos meus e meu raciocínio meio que deu ré, sem muita certeza se tinha compreendido. — Você pode continuar.

E novamente senti o gelo evaporar de dentro do meu peito e ser substituído pelo calor do estio. Aliviado, acariciei seus cabelos e prossegui, encarando seus olhos brilhantes.

— Seríamos felizes, imensamente felizes. — Bell cerrou os olhos e encostou a testa em meu maxilar. — Eu faria você dormir e acordar sorrindo; cuidaria de você e dos nossos filhos...

— E eu cuidaria de você, Viking. — Seu hálito acariciava meu pescoço. — Eu também diminuiria o café, principalmente durante a gravidez, e nossos filhos jamais provariam noz-moscada.

Soltei o ar devagar e ele, o ar, pareceu estar preso em mim há horas! Estreitei meus braços ao redor da Bell e arrepiei quando suas mãos envolveram minha cintura e acariciaram minhas costas.

— Não é cedo demais, não é? — Perguntei, mas era pura retórica.

— É sim, cedo demais. — Bell voltou a me olhar e por meio segundo senti receio. — Mas também pode ser bastante tarde, visto que não tenho planos de viver mais nada sem que você o viva comigo.

Engoli seco. Era tudo o que eu precisava e queria ouvir.

— Eu vou adorar viver cada segundo com você, Fraise.

E meu desejo por sua boca quente e macia ultrapassou todos os limites. Beije Bellanne Fraise com paixão, mas em meus lábios, o sabor que sentia era o de Bellanne Lars. Minha senhora Lars.

Horas mais tarde...

Enquanto aguardava a Fraise buscar seus pertences para ir embora, pedi uma dose de uísque no bar. Uma sensação boa me levava a desde já, tecer uma série de situações, de possibilidades para a nossa vida.

Deixaria que Fraise pensasse na cerimônia, enquanto eu planejava uma viagem especial de lua de mel. Logo pensei no Leste Europeu, em começarmos pela Croácia, contornando o Mar Negro até a Turquia, e finalizarmos na Grécia.

Sorvi um gole de uísque enquanto sorria, imaginando o quanto Fraise iria ficar louca com as paisagens e as mais incríveis fotografias que iria fazer.

— Será que irá demorar para terminar essa festa?

Paulo Henrique encostou no balcão ao meu lado e fez um sinal para o *barman*, pedindo uma dose.

— Se depender do pessoal... Acredito que irá até o amanhecer.

Ele parecia realmente cansado, e quando recebeu sua bebida e tomou um generoso gole, percebi que além de cansado, estava também sem muita paciência para a festa.

— A Fraise irá dirigindo. Quer uma carona?

Meu sogro, e como era estranho pensar assim, fitou-me com uma expressão engraçada.

— Vai chamá-la de Fraise a vida inteira? — E riu, me contagiando. — Vi vocês dançando... Casal bonito.

Olhei para a borda do meu copo e girei o líquido âmbar, orgulhoso. Eu não a chamaria de Fraise a vida inteira, até porque, logo ela seria uma Lars. Talvez a Bellanne quisesse contar para a sua família, mas eu me sentia na obrigação de falar pessoalmente com o seu pai.

— Paulo Henrique, é certo que a Fraise gostaria de ter essa conversa com você, mas entendo que tenho deveres.

Ele pousou seu copo no balcão, coçou o nariz e me olhou. Algo me dizia que ele já fazia ideia do que se tratava, porque assentiu deliberadamente e aguardou.

— Eu propus casamento à Bellanne. — Ele ergueu as sobrancelhas. — E ela aceitou.

— Ela aceitou?!

Me senti incomodado porque, de alguma forma, ele parecia não acreditar ou, talvez, estivesse decepcionado com o fato dela ter aceitado.

— Está surpreso, Paulo Henrique?

Ele me olhava diretamente e um sorriso sutil nascia em seu rosto, enquanto me apontava o dedo displicentemente.

— Você é um danado, Erik Lars. — E quando começou a rir, eu relaxei um pouco. — Achei que nunca fosse ver a Bella Anne casando-se. O que foi? Foram contagiados pela Margie?

— Não... Não foi uma decisão precipitada. Eu já vinha pensando nisso há algumas semanas.

— Claro que sim... Grande sacada a sua! — E tomou mais um gole do seu uísque. — Não haveria dia melhor para pedir Bellanne em casamento, do que o dia do casamento da sua irmã menor. Brilhante estratégia, Erik Lars!

Eu o observava e tudo parecia bastante dúbio para mim. Ele estava sóbrio, mas obviamente sem censura, por conta da bebida. Parecia me parabenizar por conseguir um "sim" da sua filha, mas algo me dizia que suas felicitações estavam cobertas de ironia.

A minha única certeza era a de que ele estava me julgando um estrategista. Insinuando que eu havia planejado colocar Bellanne contra a parede, justo em um momento em que estaria comovida com o casamento e, talvez até mesmo sensibilizada, pelo fato da irmã mais nova estar casando antes dela.

Um completo absurdo!

Só eu sei o tanto de angústia que passei nessas duas últimas semanas, para só agora encontrar coragem.

— Paulo Henrique...— Eu falava sério, mas sem a mínima agressividade. — Não planejei assim. Não como uma forma de manipulação. — Só de pensar assim me arrepiava, e justamente por isso, negava essa sugestão até a mim mesmo. — Eu seria a última pessoa a tentar manipular algo ou alguém, muito menos a mulher que amo.

A minha própria voz ecoava em meus ouvidos, como gritos desesperados.

Nos encarávamos e eu sustentei seu olhar penetrante, porque queria fazê-lo entender que eu, sendo vítima de uma vida inteira das manipulações do meu pai, jamais tentaria manipular a Bellanne.

Ele me escutou com atenção e, por fim, colocou a mão sobre meu ombro, apertando-o sutilmente, e eu não soube definir se era um gesto de carinho ou ameaça.

— Fico feliz, meu rapaz. Fico muito feliz que pense assim. — Seu sorriso me fez decidir que aquele gesto era de carinho. Ou talvez fosse essa a minha vontade. — Porque Bellanne é como um rio... Se com a sutileza do tempo as margens conseguiram retê-lo e até direcioná-lo, sorte da margem. Mas se tentarem represá-lo à força... Ele transbordará.

— Nosso casamento não precisa ser uma represa, Paulo Henrique. Tem uma ideia muito errônea da nossa relação.

Ele sorriu, fez um carinho quase paternal em meu rosto e depois bateu de leve seu copo contra o meu, brindando algo que para mim já não fazia sentido.

— Não conheço a relação de vocês, meu caro Erik, mas conheço a minha filha e conheço você mais do que possa imaginar. — Franzi o cenho para aquela afirmativa pretensiosa. — Eu te admiro e sei que é tão forte, sólido e grandioso, quanto uma imensa represa.

Em segundos, me vi dentro dos seus olhos. Em segundos, compreendi cada palavra, cada insinuação, cada receio seu. Receio que julguei infundado, desnecessário e até ofensivo.

— Estou pronta.

Fraise agarrou meu braço, mas Paulo Henrique ainda tinha a minha atenção. Ele sorria com simpatia, mas em seus olhos havia algo que voltava a me confundir: não era raiva, nem desafio... Era pesar.

41º Capítulo



CAPÍTULO 41

Erik

Sentado no banco do carona, ainda pensava na conversa com Paulo Henrique, e ao meu lado, Fraise cantarolava uma música da *Joss Stone*.

Preguiçosamente, virei o rosto para ela. Seus cachos soltos, graúdos, balançavam, conforme ela jogava o cabelo de lado, murmurando a música, imersa em seu mundo. Seu perfil me lembrou a manhã em que a vi pela primeira vez, em meio ao tráfego, de boca entreaberta, gozando lindamente.

Eu jamais esqueceria essa imagem.

Lembrei do nosso encontro na Drakkar, do nosso primeiro jantar no restaurante japonês, das nossas conversas à distância... E quanto mais eu recordava os nossos momentos, mais parecia que nos conhecíamos há longos anos.

Me peguei pensando em como havia cruzado aquele caminho que me levou a amar tão profundamente esta mulher. Que me fez trocar a praticidade da minha vida, ordinariamente cumprindo tarefas, pelo turbilhão que envolvia Bellanne, sem nem pestanejar.

Perscrutei seu perfil atrevido e me flagrei sorrindo, feliz por tê-la conhecido, por ter sua luz em minha vida. E então, me veio a conclusão clara de que Bellanne era meu centro.

Olhando para trás, vi uma vida inútil. Dias e dias de ação e reação, de plantar para colher, sem parar para observar como era lindo o crescimento de tudo o que plantava. Bellanne não... Ela observava tudo. Fraise saboreava a vida, enquanto eu apenas me alimentava dos dias.

Ergui a mão e acariciei seu rosto lindo e ela sorriu para mim.

— Você está bem, Viking? — Assenti. — Está muito calado.

— Estou pensando em você.

Ela ergueu as sobrancelhas e me fitou divertida.

— Exatamente o quê?

— No quanto tenho sorte. No quanto amo você.

Bell fixou o olhar na rua e sua expressão serenou. Seu silêncio me incomodou.

— Você entendeu que te pedi em casamento, não entendeu, Fraise?

Seu olhar cor de mel me atingiu furtivamente.

— Entendi, Viking, embora você não tenha me pedido em casamento formalmente, mas entendi.

Pensei sobre aquilo e lembrei de Paulo Henrique acusando-me de manipular a situação.

— Isso é importante para você? Eu te pedir formalmente?

Depois de menear a cabeça, ela voltou a me fitar, e o fez com atenção, com minúcia.

— Não me importo com as formalidades dos casamentos, Erik. Eu quero estar com você e isso já me basta. Mas sim... É importante que pergunte a minha opinião, sempre.

Eu poderia perguntá-la ali mesmo se queria casar comigo, mas eu faria a coisa certa dessa vez. Ao menos, certo ao modo "Bellanne" de ser. Então, apenas tomei a sua mão do câmbio e beijei-lhe os dedos.

— É a coisa que mais quis em toda a minha vida, Fraise... Estar com você.

E seu sorriso me iluminou. Eu jamais iria manipular Bellanne, e isso — ao contrário do que a maioria dos homens pensaria — era um alívio para mim. Uma libertação.

Bellanne

Esperava o elevador dentro dos braços do Viking. Ele me envolvia, cobrindo-me inteira, e era impossível sentir qualquer tipo de medo ou insegurança em seus braços.

Quando ele me guiou naquela viagem pelo o que seria o nosso futuro, deixei-me levar e me pareceu a visão mais linda e perfeita de uma vida. Eu jamais havia cogitado casar com alguém. Simplesmente não me via no lugar da Margie, vestida de noiva, subindo ao altar. E antes de Erik, sequer havia passado pela minha cabeça dividir a cama, contas, a minha vida com um homem.

Acontece que com ele tudo fluía de maneira tão natural, tão simples, que eu apenas construí mentalmente a minha vida inteira ao seu lado, como se não houvesse alternativas. Como se viver com o Erik fosse algo já programado em minha vida.

Eu nem mesmo havia me dado conta de que ele, de fato, não havia me perguntando se queria casar. Não até aquele momento.

E eu queria casar com ele?

Em segundos, visualizei duas realidades: com e sem o Erik, e a segunda opção se mostrou absolutamente sem cor, sem sentido e vazia. Mas isso não significava que eu teria que me vestir de branco e jogar buquê.

Balancei a cabeça, confusa e tentando empurrar aquilo tudo para o canto, até porque, quando as portas do elevador abriram e entramos, o espelho nos mostrou duas pessoas felizes por estarem juntas. Seus olhos azuis e travessos me fitavam com desejo, enquanto seus braços me apertavam.

Segurei na barra logo abaixo do espelho e Erik colou seu corpo às minhas costas, enquanto espalmava as mãos no alto do espelho, me pressionando.

Ele baixou o olhar para meu decote e apertou os lábios.

O desejo em seu rosto acendeu ainda mais o meu, e num último lampejo de sanidade, pensei no quanto ser olhada assim era bom. Não era mero desejo, era uma necessidade aliada a uma ternura ímpar. É por esse tipo de olhar que tudo vale a pena.

Entreguei-me aos beijos que me dava na nuca, me perdi no roçar da sua barba e em suas mãos tateando meu corpo. E quando lembrei da câmera de segurança e olhei para o alto da parede, alarmada, Erik também olhou e simplesmente pousou o indicador sobre os lábios, como se mandasse a câmera ficar quieta. Rimos, mas quando retomávamos nossas carícias, as portas abriram em nosso andar.

A casa estava em penumbra e foi com alegria que lembrei que Mateo

havia viajado para *Copenhague*. Ia abrir a porta da varanda quando a mão vigorosa do Erik me deteve, possessiva, autoritária.

— Ei! Vem cá.

Ele segurou em minha nuca e me puxou para os seus braços. Tombei contra o peito forte, novamente sentindo-me sua menina, protegida, dependente da sua boca. Novamente derretia-me nas mãos daquele homem, esquecendo-me até do meu nome.

Erik exercia um poder tão grande sobre mim, que eu seria incapaz de negar-lhe o que quer que fosse, enquanto estivesse em seus braços. E Deus me livre dele um dia descobrir que detém todo esse poder.

As mãos ágeis desceram o zíper do meu vestido e todo meu corpo arrepiou. Sem um pinga de decência, cada pedaço de mim se oferecia, suplicava por seu toque. Sem o menor pudor, meu corpo abria-se para Erik, ficando à sua mercê.

Por mais que minhas ideologias gritassem que sou uma mulher independente e autossuficiente, a minha mais secreta verdade é que eu era dele. Cada pensamento do meu dia, cada célula nervosa... Tudo convertia em Erik Lars. E quando ele se travestia de deus, como agora, judiando do meu controle, testando meus limites, eu não tinha escolha e quase caía de quatro à sua frente, rendida.

O vestido foi o primeiro a ser vencido e jazia no chão, aos meus pés. Eu não usava sutiã e meus seios logo foram abrigados nas palmas duras do Erik. Sua boca me devorava e eu devorava a dele. Nos comíamos, famintos, sedentos.

Eu queria seus fluidos, sua carne, e servia-lhe meu banquete. Ali, em meio a sala banhada pela luz da noite na cidade, ante os móveis finos e sóbrios, envolta nos sons que produzíamos com chupadas, tecidos abrindo e gemidos, mais uma vez entregava-lhe bem mais do que meu corpo. E como não poderia ser diferente, Erik também me entregava sua vida.

A ânsia com que me acariciava, a violenta necessidade com que me chocou contra a parede e arrancou minha calcinha, evidenciava o quanto ele também estava rendido.

Eu lutava com os botões do colete e nossas mãos chocavam-se enquanto ele desatava a gravata. Trocávamos olhares cheios de tesão e ríamos do nosso desespero. E a cada olhar endiabrado, repleto de más intenções que ele me lançava, eu umedecia mais e mais.

— Você me deixa desorientado, Fraise. — Sua voz rouca de desejo,

acompanhada do hálito gostoso, misturado com álcool, me faziam querer comê-lo além do possível.

Meu sorriso foi acompanhado de um som igualmente rouco, carregado de luxúria.

— Eu gosto de você assim, Viking... Selvagem, descontrolado. — A gravata e o colete voaram juntos ao chão e logo em seguida ele também conseguiu se livrar da camisa.

Agarrei seus ombros fortes, quando ele novamente avançou contra mim, mergulhando na curva do meu pescoço, me mordendo. Uma mão estava apoiada na parede, ao lado da minha cabeça, mas a outra, atrevida, metia-se entre minhas coxas, me apertando, subindo deliberadamente até alcançar minha boceta, já toda melada de desejo. Erik gemeu em meu pescoço e seus dedos foram direto para dentro de mim.

Gritei, e isso me trouxe a lembrança deliciosa de que estávamos sós. Mergulhei a mão na nuca do Erik e puxei-lhe os cabelos ali. Mordi a curva do seu pescoço, enchendo minha boca com o sabor do seu suor, com sua carne dura e macia ao mesmo tempo.

Disputávamos quem conseguia morder o pescoço de quem, num desejo avassalador. Seus dedos, ora me invadiam profundamente, ora acariciavam meu clitóris com certa pressão, me cozinhando em fogo brando.

Sentia que iria explodir a qualquer instante e, ansiosa, busquei seu pau. Obviamente, estava duro, quente e inquieto. Afoita, abri seu zíper e o encontrei também molhado. Ele pulsou em minha mão e gememos juntos, guturais e aflitos.

— Quero tanto você, minha Fraise... — Ele ofegava. — Quero te comer até perder as forças.

Sorri entre os gemidos, massageando-o. E antes mesmo que pudesse livrar-se das calças, Erik me ergueu contra a parede e guiou seu pau para a minha boceta. Ele escorregou para dentro de mim e eu novamente gritei, com todos os meus poros abrindo-se para ele. Com meus sentidos ampliando-se para recebê-lo de todas as formas.

Agarrei-me aos seus ombros. Seus músculos ondulavam com a força que fazia ao meter-se todo dentro de mim. Emaranhei meus dedos em seus cabelos e coleí minha boca em seu ouvido. Ele me invadia grande, me alargando, enchendo-me de prazer.

Gemíamos palavras desconexas, cheias de tesão; frases interrompidas, aspirando o ar que nos faltava. Suas mãos me machucavam, e ainda assim, eu

dissolvia-me em prazer. E quando o gozo se anunciou, Erik segurou a minha cabeça entre as suas mãos grandes, pressionou-a contra a parede e me invadiu com sua língua macia e abusada.

Gozei colada a sua boca, engolindo seus gemidos, suando e lambendo o suor do seu rosto, delirando no prazer que percorria meu corpo como ondas, enquanto ele seguia arremetendo-se em mim, furioso, frenético em busca do seu prazer. E quando finalmente gozou, contraí minhas paredes, tentando prendê-lo, tentando reter cada gota do seu gozo, como se temesse perder o que quer que fosse do meu Viking.

Minhas pernas trêmulas escorregaram da sua cintura suada, mas ele continuava a me beijar, seguia dentro de mim. Ainda estávamos calçados, ele ainda tinha a calça e a cueca pendendo do quadril, mas de resto, éramos pura entrega.

— Deus do céu! Como é bom te comer, Fraise!

Virei o rosto para olhá-lo e seu cabelo estava bagunçado, do jeito que eu amava, e seus olhos apertados deixavam escapar o azul límpido que me hipnotizava.

— Fala “foder”, Viking. Fala que gosta de me foder.

Ele contraiu o cenho e sorriu. Eu nunca o tinha escutado dizer que me fodia, que queria me foder e tive vontade de vê-lo assim, sujo, sacana. Então, creio que ante a minha expressão sem vergonha, ele mordeu seu lábio inferior e mirou a minha boca, antes de falar.

— Eu adoro foder você, Moranguinho... Adoro foder com você. Te foder até que não aguente mais e desmaie em meus braços. — Eu já me sentia pronta novamente e ele ainda pulsava dentro de mim. Lambi meus lábios para provocá-lo e o vi balançar a cabeça devagar, negando algo. — Puta que pariu, Bellanne... você fode o meu juízo.

Meu sorriso largo foi coberto por sua boca faminta, agressiva. Nossos dentes se chocaram e tornei a abraçar sua cintura com as pernas.

Erik recomeçou a mexer-se dentro de mim, enfiando fundo, violento, e a sala encheu-se com meus gritos de prazer e seus gemidos roucos.

Eu sentia pontos de dor, onde ele me apertava na costas, quadril e cintura, enchendo a mão, como se fazendo isso me tornasse mais real, como se ao me apertar, ele pudesse ter ainda mais de mim.

Minhas pernas mal me sustentavam, quando novamente gozamos, juntos dessa vez. Erik apoiava agora as duas mãos na parede e eu me segurava em seus braços musculosos estendidos dos dois lados da minha cabeça. Ele tinha

o alto do meu trapézio entre os dentes, fazendo-me cócegas.

Me contorci, rindo, e ele afastou a cabeça, levando entre os dentes o meu colar de pérolas, e isso me deu ideias.

Erik sorriu, deixando o colar escapar.

— O que é essa cara safada, Fraise?

Mordi o lábio, imaginando o quanto ele iria curtir o que eu pretendia fazer com o colar, e deixei minhas pernas escorregarem, voltando ao chão. Elas ainda tremiam.

— Espere aqui, Viking.

Já ia retirar os sapatos, quando ele me deteve.

— *Tsc, tsc...* Nada disso. — E moveu a cabeça em negativa. — Quero te ver caminhar nua e de salto.

Abri a boca, surpresa, e avaliei se minhas pernas seriam fortes o suficiente, após dois orgasmos seguidos.

Atiçada pelo desafio e pela vontade de ver o Viking pegar fogo, contraí o abdômen, espalmei a mão em seu peito, empurrando-o suavemente, e sacodi o cabelo, antes de começar a andar, pé ante pé, lentamente, divertindo-me com a tara do Viking. E quando olhei por sobre o ombro, o vi me secando, com a cabeça inclinada enquanto mexia as pernas, livrando-se da calça. Nitidamente, vi seu pau voltar a se animar, mostrando que não estava para brincadeira. Gargalhei e sumi pela escuridão do corredor.

A delícia da vida era vê-lo assim, louquinho por mim.

42º Capítulo



CAPÍTULO 42

Erik

Bellanne caminhava provocantemente. Seu corpo cheio de curvas, assemelhando-se ao *design* de um violão, com coxas grossas e uma bunda perfeitamente larga, redonda e feminina. Me perdi admirando aquela beleza que mesclava uma audácia selvagem com o *glamour* das divas do cinema antigo. E eu tinha o luxo de poder desfrutar disso o quanto quisesse, com toda a liberdade e sem regras.

Caralho!

Rindo das minhas divagações insanas, chutei a calça e a cueca para longe e caminhei nu até o aparador, ao lado da mesa de jantar. Me servi de uma dose bem generosa de uísque, sabendo que seria minha e dela, então, lembrei-me de algo que eu precisava fazer, e aquele sim, era o estilo Bellanne de se fazer o que era precisava.

Fui até o escritório e abri a gaveta para pegar a caixa com o anel, mas Bell encostou-se, displicentemente, no marco da porta e me olhou. Trazia no rosto a safadeza estampada, e nas mãos, um frasco pequeno e o colar de

pérolas, com o qual brincava, trocando-o de mãos. Estava divinamente nua, como antes.

Recoloquei a caixa na gaveta.

— O que faz aí, Viking?

Ergui o corpo, pressentindo que a nossa noite estava só começando.

— Servi uísque pra gente... — Desconversei. — Mas talvez você queira tomar café.

Ela riu sonoramente, sedutora, sabendo que me referia ao nosso interlúdio de logo cedo.

— Logo você, oferecendo-me café? — Ela caminhava me seduzindo, cercando-me, brincando com o colar e me devorando com os olhos, inflamando tudo em mim. — Onde foi parar o discurso quanto ao mal da cafeína em excesso?

Mordi a boca para conter meu sorriso, que ameaçava abrir de orelha a orelha, e deslizei a mão pelo meu abdômen, indo até o meu pau, acariciando-o, como se o afiasse para ela.

— Tenho fortes argumentos. E a partir de hoje, devido ao caráter absurdamente malicioso que vem apresentando, não te chamarei mais de Moranguinho... — Ela ergueu uma sobrancelha, atrevida, e contornou a minha mesa, empurrando a cadeira para longe e me fazendo virar e ficar entre ela e a própria mesa. — *Freya* combina bem mais com você.

— Morango é meu nome em francês... Fraise; e *Freya*, o que significa?

Acaricieei seus cabelos e beijei-lhe a boca, chupando o lábio carnudo, enquanto escorregava minhas mãos para os seios petulantes.

— *Freya* é a deusa da luxúria, na mitologia nórdica. — sussurrei contra sua boca. — Ela enfeitiça os vikings.

Beijei seu sorriso e enchi a mão com os seios mais lindos que eu já havia tocado, mas ela deitou a mão em meu peito e me empurrou devagar, forçando-me a sentar na borda da mesa.

— Serei sua *Freya*, então.

Bell puxou a cadeira e sentou entre as minhas pernas, exatamente como fizera pela manhã, quando encheu a boca de café e meu corpo de tesão.

Completamente à sua disposição, peguei o copo de uísque sobre a mesa e bebi um gole generoso, depois levei-o à sua boca e ela também bebeu o uísque, então, apertou o frasco que trazia e uma pequena quantidade de uma espécie de gel transparente foi parar na palma da sua mão. Ela o espalhou pelo colar de pérolas, dentro das suas mãos. Eu observava a tudo com

curiosidade.

— Viking... Vou te mostrar porque os homens deveriam dar mais colares de pérolas às suas mulheres.

Seu sorriso arrepiou minha espinha de excitação. Então, coloquei o copo de uísque novamente sobre a mesa e apoiei as mãos no tampo, relaxando o corpo para trás, deixando meu pau já ereto completamente exposto para ela.

Bellanne pendurou o colar entre seus dentes e espalhou um pouco mais do gel em suas mãos.

— Você tem um bom motivo? — Questionei. — Achava que a preferência feminina era pelos diamantes.

Ela novamente emitiu aquela sua risada sexy e travessa, tendo o colar entre os dentes, e eu gemi, quando começou a massagear meu pau com as mãos macias como veludo, efeito do gel.

Ondas de calafrio percorriam meu corpo, com suas mãos macias subindo e descendo, me estimulando. Meu quadril mexia-se sozinho, motivado pelas carícias e eu estremecia levemente, quando suas unhas triscavam a cabeça hipersensível.

— Ah, meu bem... Os diamantes não fazem isso.

Com o lábio entre os dentes e uma carinha sapeca, Bellanne abandonou as carícias, enrolou o colar em sua mão, como se fossem pulseiras, e me surpreendeu quando, daquele jeito, o enrolou no meu pau. Eu ri, sem crer nas ideias incrivelmente criativas da minha mulher.

Com toda delicadeza, ela puxou um pouco o colar, de forma que ele foi estreitando-se ao redor do meu pau, cobrindo-me desde a base até pouco abaixo do meio. Senti as pequenas bolinhas deslizarem macias e todo meu corpo pareceu derreter.

Putá merda, a sensação das pérolas massageando, envoltas naquele gel de veludo... era bom demais!

Com uma mão, ela segurou o excesso do colar, controlando para que ele ficasse levemente folgado ao redor no meu pau, e com a outra mão, ela começou a deslizar as pérolas para cima e para baixo. Eu estava vidrado em seus movimentos, sentindo-me içar de tanta excitação.

As mãos de unhas bem feitas subiam e deslizavam as bolinhas na cabeça rosada, inchada, e eu escutava os meus gemidos como se fossem de outro alguém. Ela ergueu os olhos, atraindo o meu olhar, e quando nos encontramos, eu delirei. Bellanne estava entregue, com os olhos banhados em desejo, parecendo simplesmente adorar o que estava fazendo.

— Você gosta, Viking?

Não pude responder, apenas meneei a cabeça e engoli seco, ostentando um meio sorriso nervoso.

— Vai ficar melhor. — concluiu, e logo depois tomou meu pau em sua boca.

Apertei a borda da mesa e gemi alto com o assalto da sua boca quente. Os lábios carnudos envolvendo a minha ponta como se fossem os próprios lábios de sua boceta. Estava molhada, escorregadia, quente como o inferno e eu me vi empurrando-me contra ela, desejando mais e mais, enlouquecendo pouco a pouco.

— Porra, Fraise... Que boca!

Enquanto chupava a minha extremidade, deslizando a língua e dando sugadas vigorosas, sua mão seguia me estimulando com as pérolas.

Cacete! Eu perdia todo o juízo quando a Fraise me chupava assim, com essa fome. Ela começava devagar, se deliciando, melando-me com sua língua macia e ousada. Contornava, saboreando, fazendo-me ter arrepios onde eu nem sabia que era possível arrepia e, tal qual eu esperava, desenrolou o colar e o descartou no chão do escritório, pois, era a hora do seu *show*.

Era a hora em que eu pedia para morrer.

Bell chegou a cadeira ainda mais para dentro das minhas pernas e me deu uma lambida generosa, desde a cabeça do meu pau, descendo por seu comprimento e subindo pelos meus pelos curtos até quase meu umbigo, e seu sorriso e o olhar safado me atingiram.

Senti ímpetos de tomar-lhe o rosto e comer sua boca a mordidas, de enfiar minha língua tão fundo quanto o meu pau.

Senti ímpetos de fazer-lhe maldades, de dar-lhe umas palmadas, de fazê-la gritar até que implorasse para que eu a matasse de prazer de uma vez. E eu o faria, mas não agora. Agora, eu a queria exatamente onde estava, com meu pau enterrado inteiro em sua boca e seu olhar lascivo preso em mim.

— Viking... — ela arfava suavemente. — Você é muito... Muito gostoso.

Meu peito subia e descia, e eu respirava com dificuldade, na expectativa de que ela me abocanhasse e me levasse ao céu.

— Me come, Fraise... — empurrei o quadril sutilmente contra ela, ansioso. — Aproveita que está no controle... Porque quando for a minha vez, você vai precisar ser forte.

Seus olhos brilharam frente à promessa e eu me diverti com isso. E quando ela segurou no meu pau e o direcionou à sua boca, fazendo-o quase

sumir, eu urrei. Deus do céu! Se alguém sabia chupar um pau na face da terra... esse alguém era Bellanne Fraise!

Tudo em mim tornava-se desconexo, porque meu cérebro simplesmente desligava quando eu me sentia deslizar pelo céu da boca da Bell até alcançar o fundo e a contração involuntária da sua garganta me expulsar de volta, para novamente ela me sugar com força.

A pressão da língua, me envolvendo e me apertando contra o palato, as pontinhas dos dentes que, vez ou outra, me arranhavam... Cada sensação me instigava a segurá-la pelos cabelos e foder sua boca com força, e só porque confiava que o prazer com Bellanne só fazia crescer, eu me segurava.

Ela sabia o que estava fazendo e o fazia muito bem. E quando eu estava a ponto de surtar dentro da sua boca quente, ela me retirava de dentro e lambia meu comprimento até chegar nas bolas, chupando-as, deliberadamente.

Cacete!

Eu gemia alto e me espremia todo quando ela fazia isso. Seu olhar repleto de tesão encontrava o meu e eu sentia que ela também ficava louca com aquilo. Bellanne não apenas me dava prazer, ela sentia prazer em me chupar, e eu podia entendê-la perfeitamente, porque mergulhar a língua em sua bocetinha quente e apertada era uma das minhas fontes preferidas de prazer.

Suas mãos apertavam minhas coxas e as pontas das unhas enterravam na minha carne, mas eu apenas as percebia como uma fisgada ao longe. Toda a minha atenção, a minha vida, parecia ter se condensado e focado no meu pau. Ela voltava a tomá-lo na boca e como se precisasse disso para viver, Bell me chupava com força.

— Bell... Caralho! — Eu mal conseguia respirar! Minhas pernas tinham micro movimentos involuntários, como espasmo, reagindo a ela. — Puta que pariu!

Eu sentia cada onda do seu palato passando pela cabeça do meu pau, e quando mergulhava e batia lá no fundo, parecia que eu ia explodir. Eu pulsava inteiro, desde as bolas, que se contraíam em descargas elétricas, até a extremidade inchada.

Fraise era impiedosa e quando segurei seus cabelos e ela ergueu o olhar cheio de tesão, tentei avisar, mas ela já sabia o que estava vindo, tanto quanto eu sabia que ela só me deixaria quando realmente estivesse acabado.

Com a mão cheia dos seus cabelos sedosos, sua boca molhada e quente me apertando e as mãos cravadas em minhas coxas, deixei o gozo vir sem reservas, e foi como se toda aquela energia que circulava feroz, enfurecida,

buscando uma saída em mim, desaguasse no meu pau.

Urrei, sentindo a descarga elétrica se multiplicar. Meus olhos arderam e o ar me faltou, mas fui recobrando a sanidade aos poucos.

As ondas de prazer pareciam diminuir a intensidade, mas tudo em mim ainda estava muito sensível, e quando vi minha porra extrapolar a boca carnuda da Bellanne e ela passar o dedo, limpando o canto do lábio, e chupá-lo, sem deixar sobrar nada, gemi baixinho. Ver que ela gostava de verdade do que fazia, me levava a outro patamar de tesão.

— Fraise... — Meu coração ainda estava aos pulos, mas puxei-a para cima e tomei seus seios em minhas mãos.

— Viking... — Ela passava a língua nos lábios, saboreando. — Isso com chocolate deve ser um sucesso.

Rimos, e eu a beijei. Meu gosto ainda estava em sua boca, mas misturava-se ao seu próprio sabor.

Deslizei as mãos por seu corpo macio, cheio de curvas. Apertei a carne tenra do seu quadril, enchendo minhas mãos. Apertei sua bunda firme e gostosa. Escorreguei as mãos pelas costas lisinhas e mergulhei em sua nuca, trazendo-a ainda mais para mim.

Nossas línguas disputavam espaço no quase inexistente vão de nossas bocas e os bicos dos seus seios contra o meu peito me faziam arrepiar.

— Eu amo tanto você, Bellanne Fraise. — sussurrei contra a sua boca, quando paramos de nos beijar.

— Também amo você, mas... — Espalmou as mãos no meu peito, me forçando a deitar no sentido do comprimento da mesa, ao tempo em que, com a outra mão, enfiava o nosso copo de uísque vazio na gaveta. — Estou subindo pelas paredes, Viking.

Ela subiu de joelhos na mesa e montou em mim, mas de costas. A visão que tive foi apoteótica. As luzes da cidade delineavam suas curvas, contornando seu quadril voluptuoso, com uma bunda que me fazia imaginar todo tipo de perversão. Então, a cintura afunilava de uma forma extremamente feminina, como uma ampulheta.

Impossível não fantasiar as fodas mais loucas com essa mulher.

Ela me olhou por sobre o ombro, sacudindo os cabelos nas costas, e eu me senti bobo. A meia ereção começava a ascender com a vista que eu tinha e com o prenúncio da delícia que eu já conhecia bem, que era me afundar no calor da Bell.

Ela empinou a bunda e eu enchi as minhas mãos com ela. Então, Bell

segurou meu pau, já de pé, direcionando-o, e desceu nele, devagar.

O primeiro contato com sua umidade causou-me uma espécie de choque, e na medida em que ela escorregava pelo meu pau, eu endurecia mais. Ela inclinou o corpo para frente e desceu até a minha base. Eu sequer me mexia.

Ainda estava paralisado com a visão do ânus e da boceta da minha mulher, toda aberta para mim, deliciosa, toda minha. Somente segundos depois dela começar a me cavalgar, consegui ter uma reação.

Me perdi em carícias por sua bunda e quadril, apertei sua cintura por incontáveis vezes. Arrastei minha mão espalmada desde o cóccix até a nuca e puxei seu cabelo, empinando a minha pélvis contra o seu rebolado indecente.

Ela gemia e brincava comigo. Fugia das minhas mãos, curvando seu corpo para a frente e isso me dava uma visão privilegiada do meu pau invadindo sua boceta.

Por saber que dessa vez eu iria demorar a gozar, decidi que também iria me divertir com ela. Molhei meu polegar na boca e acariciei seu ânus, circulando, forçando um pouco. Bell se contorceu e empinou ainda mais aquela bunda perfeita, gemendo, enlouquecida, e me respondeu com uma acelerada frenética na sua cavalgada.

Alucinado com o ritmo que ela colocava, ergui o tronco e me apoiei no braço direito. Com o outro, enlacei sua cintura e forcei-a contra mim, penetrando bem fundo. O seu grito ecoou pelo escritório e ela empertigou o corpo, em alerta, mas ainda assim, rebolando.

Mordi sua nuca e ela se envergou sobre mim. Eu mexia meu quadril, mas quem mandava era ela. E ali estávamos nós, sobre a imensa mesa de carvalho, na penumbra do escritório, nos saciando um do outro.

A verdade é que bem poderíamos ser um só.

— Rebola pra mim, Fraise... — sussurrei ao seu ouvido.

E quando ela novamente rebolou, deslizei a mão pela cintura, contornando o corpo e segurando-lhe o seio, enquanto me perdia no prazer que sentia. Num amontoado dele, pairando em meu quadril, rodopiando em meu pau e espalhando-se pelo meu corpo. Um prazer constante, mas grave, fervendo lentamente como água em fogo brando. E foi com essa calma que este tipo de prazer me proporcionava, que conduzi Bellanne à beira da loucura.

Desci a mão do seio direto para o clitóris e quando ela deixou a cabeça pender, arfando, gemendo em agonia, tornei a morder-lhe a nuca, porque sabia que novamente envergaria e se abriria para mim.

Ela jogou a cabeça para trás, apoiando-a na curva do meu pescoço, e enquanto eu ainda me apoiava com o braço direito na mesa, com a mão esquerda eu a masturbava, circulando as pontas dos dedos juntas pelo seu clitóris.

Bell ergueu a mão e agarrou meus cabelos, envergando sua coluna sobre mim. Seu cheiro me entorpecia, seu clitóris inchado nos meus dedos me deixava doido, seus gemidos espalhados pelo ar me tiravam o fôlego e tudo o que eu queria era vê-la gritar.

— Vai, minha *Freya*... Fica louca pra mim, fica. — sussurrei em seu ouvido e ela me respondeu com um gemido que veio de algum lugar bem profundo.

E quanto mais eu estimulava seu clitóris, mais ela gemia e rebolava. E quando reconheci seu orgasmo chegando, simplesmente parei meus dedos e segurei seu quadril com força contra o meu pau, paralisando seus movimentos.

— Quieta. — Ordenei e adorei ouvi-la choramingar baixinho.

— Não faz isso, Viking... — Choramingou mais uma vez.

Eu a mantinha imóvel e sabia que amanhã teriam marcas de meus dedos em seu quadril. Eu iria olhá-las e lembrar desse momento.

— Estou fazendo jus ao meu apelido, Fraise. — sussurrei cruel ao seu ouvido. — respira, minha gostosa...respira.

Era surreal sentir Bellanne trêmula de prazer em minhas mãos, quase miando em súplica. Seu orgasmo estava ali, congelado na linha de chegada, exatamente onde eu o queria.

— Você é um filho da puta, Viking! — Ela me xingava, enquanto tentava respirar e forçar qualquer movimento com o quadril. — Eu estava quase lá.

— Você vai lá, amor... E eu vou com você.

E quando senti que seu sangue tinha esfriado um pouco, soltei-a, mas segurei em sua garganta, passando meu braço direito entre seus seios e mantendo-a presa.

— Rebola devagar para mim, rebola. — Ela obedeceu, e me dava um tesão da porra quando ela me obedecia sem nem pestanejar. — E para de me apertar.

Ela riu, porque de fato contraía as paredes da boceta propositadamente para me fazer perder o tino.

— Me impeça. — Desafiou, petulante.

Eu estava em vantagem. Havia acabado de gozar violentamente e poderia

aguentar um bom tempo, mas a Fraise estava desesperada.

— Se não parar, vai se arrepender. Vou te deixar louca.

Fraise virou o rosto por sobre o ombro e esbarrou no meu. Sorriu e contraiu sua boceta.

Filha da mãe!

Tornei a segurá-la pela cintura e a ergui um pouco, somente para voltar a penetrá-la de uma só vez. Bellanne gritou e caiu para a frente, debruçando-se sobre as minhas pernas, e na posição em que estava, oferecia seu ânus para meu deleite.

Me sustentei, contraindo o músculo do abdômen, e enquanto agarrava seu cabelo com a mão direita, enrolando-o em meu punho, com a esquerda, tornei a molhar o polegar na boca e comecei a massagear seu ânus, para logo mergulhá-lo, naquele buraquinho que já era meu.

Como eu previa, a petulante madame Fraise perdeu a linha.

Cavalgando sem a menor coordenação dos movimentos, Fraise gemia alto e eu sentia suas unhas arranharem as minhas panturrilhas.

Circulei meu polegar dentro do seu ânus, tentando me concentrar nessa carícia, mas o meu próprio prazer já estava se tornando insuportável. Foi quando a vi romper em gritinhos abafados pelos gemidos, manhosos, repletos de gozo, como uma gata no cio, miando. Bell agarrou minhas pernas, pendendo completamente para a frente. Eu sentia que todo seu corpo tremulava.

Voltei a me apoiar com o cotovelo esquerdo na mesa e enlacei seu quadril com força, acelerando os meus movimentos contra a Fraise, ainda inerte e gemendo.

Eu estava quase explodindo dentro dela, com todas minhas terminações nervosas alvoroçadas, quando ela ergueu o corpo e os braços, erguendo o cabelo e exibindo sua nuca enquanto acompanhava meus movimentos, embora ainda muito timidamente.

Me deixei cair sobre a mesa de carvalho, vencido pela sua visão. Ela começou a subir e descer cada vez mais rápido, tentando pegar o meu ritmo e eu simplesmente me abandonei, afundando num gozo ainda mais forte que o anterior.

Cravei meus dedos em seu quadril, espremendo-me contra ela, deixando que meus gemidos corressem tão livres quanto a corrente elétrica que percorria meu pau e minhas pernas.

Quando tudo pareceu ter vida à minha volta e apenas eu estava

catatônico, ela ergueu-se devagar, saiu de cima de mim e desceu da mesa, deixando-se abandonar na cadeira. Uma perna sobre um dos braços do assento, displicente, selvagem, com a expressão pós-foda mais sexy do universo. E eu jazia como um verdadeiro sacrificado no altar.

E ainda há Freyas que insistam em dizer que os Vikings são os seres cruéis.

— O que foi isso, Erik Lars? — Eu apenas ergui furtivamente uma sobrancelha para ela e tentei sorrir, enquanto mirava o teto rebaixado. Parecia que eu tinha corrido quilômetros e mal conseguia me mover. — A foda foi tão boa que, mesmo sem fumar, estou com vontade de acender um cigarro.

Voltei a fitá-la e ri, tanto da sua colocação espirituosa, quanto do seu semblante sem vergonha.

— Guarde seu cigarro, Bellanne Fraise. — E voltei a mirar o teto, sem forças, mas jurando o retorno ao campo de batalha, como um soldado ensandecido. — Ainda não acabei com você.

Ela não esboçou qualquer reação e eu desconfiei que estivesse tão cansada quanto eu. Mas a verdade eu que não estávamos satisfeitos. Cansados, mas ainda famintos. Voltei a fitá-la e vi a minha resposta bem ali, no lábio preso entre os dentes, no seu olhar malicioso e guloso sobre mim.

Bell estalou a língua no céu da boca e abriu uma gaveta da mesa, me fazendo lembrar do que eu havia guardado ali. De lá, retirou a caixa de lenços de papel e, lançando-me olhares sacanas, deslizou um deles na boceta, meticulosamente, sem sequer perceber a caixa do anel, suponho. Então, jogou o lenço fora e fingiu fumar um cigarro, arrancando-me um sorriso.

— O que será agora, senhor Viking? O fogão? A máquina de lavar roupas, ligada, também deve ser um lugar interessante.

Em meio ao riso, virei-me e, agilmente, desci da mesa e agachei-me entre Bellanne e a mesa. Abri a gaveta, apanhei a caixa com o anel e coloquei-me bem à sua frente, sentado sobre as minhas pernas, sob o seu olhar perplexo.

— Será onde quiser, Fraise... Desde que seja aqui, comigo. — Segurei nos braços da cadeira e puxei-a para mim, posicionando-me entre suas pernas abertas. — Bellanne Fraise... — Ela me olhava ainda sem qualquer reação. Pousei o queixo em sua barriga e ali deixei um beijo, antes de continuar. — Você aceita casar-se comigo?

Coloquei a caixa de veludo preto bem entre os seios e a abri de frente para ela. Seus olhos se abriram simultaneamente aos seus lábios, e tentou erguer o corpo, mas eu estava atrelado a ela, impedindo-a de se mover.

— Putz! Que lindo, Erik!

Seus olhos refletiam o brilho azul da turmalina “Paraíba” e foi uma visão quase mágica. Eram os meus olhos dentro dos dela.

— Quase tão lindo quanto você, Fraise.

Ela me fitou e, mesmo na penumbra, percebi que estava emocionada. Meu coração saltou de felicidade e alívio.

Retirei o anel da caixa, descartando-a no chão, tomei sua mão e o anel deslizou com naturalidade.

— Aceita ser minha esposa, Fraise?

Ela estava hipnotizada pelo anel, assim como eu por ela.

— Caraca, Erik! E como faremos para você continuar me chamando de Fraise?

Bellanne virou os olhos para mim e estou certo de que percebeu minha expressão perplexa. Eu teria que agarrar o touro à unha, como dizem.

— Bellanne... Vou perguntar novamente: Quer ser minha esposa?

Ela riu e segurou meu rosto entre suas mãos antes de colar seus lábios aos meus.

— Claro que quero, meu amor!

Soltei o ar e fechei os olhos, num agradecimento rápido. Por um segundo achei que ela fosse, mais uma vez, levar na brincadeira.

Mergulhei meu rosto entre seus seios e aspirei seu cheiro.

— Obrigado. — murmurei contra sua pele perfumada e me dissolvi em suas mãos acariciando meus cabelos.

— Não há nada melhor para fazer nos próximos oitenta anos, Erik. — Ergui os olhos para ela. — Ser sua mulher e te amar me parece uma alternativa plausível.

Sorri e me levantei para alcançar sua boca atrevida.

Terminamos a noite como meros mortais, nos despimos da *Freya* e do Viking e fizemos amor como Erik e Bellanne, absorvendo nossos cheiros, arrepiando nossas peles, nos reconhecendo nos detalhes.

Fizemos planos enquanto eu entrava nela, olhando bem dentro dos seus olhos. Decidimos nos casar em segredo em *Udaipur*, na Índia, ao tempo em que fazíamos um “papai e mamãe” fenomenal. Combinamos que ela usaria *sari* com cores fortes, e que jasmims estariam por toda parte, justamente quando, mais uma vez, ela gozou para mim.

E quando eu me entreguei ao prazer, havíamos acabado de nos jurar cumprir cada detalhe combinado. Assim, dentro dos braços da minha noiva,

adormeci, feliz porque ela não seria minha noiva por muito mais tempo. Eu ansiava adormecer o quanto antes nos braços da minha esposa.

Quando ainda estava num sonho doce, que acreditei ser com a Bell, escutei ao longe o som do telefone fixo de casa. Acordei desorientado. Era um telefone que não costumava tocar e, quase sempre que o fazia, era por uma ligação proveniente de *Copenhague*.

Em meio à total escuridão, tateei o aparelho, praguejando intimamente e jurando escarpelar o Mateo, caso estivesse me ligando àquela hora, apenas para dizer que estava sentindo nossa falta, o que era típico dele.

Bellanne também acordou e escutei-a murmurar algo que não compreendi, antes que eu finalmente alcançasse o telefone.

— Alô. — Sei que soei mal-humorado, mas não me importei.

— Erik! Erik, meu filho... — Era o meu pai, e o tom da sua voz me fez despertar imediatamente. Levantei, apoiando-me sobre os cotovelos.

— O que houve?! — Todos os meus sentidos ficaram alertas de uma vez.

— Erik, eu... Eu nem sei...

— Fala, Axel, é o Mateo?!

Ele ficou mudo e meu coração veio parar na boca.

— Um acidente, Erik... Um acidente horrível! O Mateo... Deus do céu! O Mateo.

Eu senti tudo girar ao meu redor e meu estômago embrulhou. Havia choro e muito barulho por trás do telefonema, mas nos meus ouvidos, a voz do meu pai ficava ressoando "Um acidente horrível". De repente, perdi completamente a capacidade de raciocínio e acho que travei.

Eu precisava ir imediatamente para *Copenhague*!

FIM DO LIVRO 1

Cena do Livro 2

Bellanne

Mariana... Eu precisava falar com ela.

Corri no quarto e apanhei meu celular, então, sentei na poltrona sob a janela e digitei o número da Mari, mas caiu na caixa de mensagens. Parei para pensar de que maneira conseguiria falar com a ela. Ao longe, escutava o

chuveiro, que não cessava em momento algum.

Lembrei que Letícia havia levado a Mariana para casa, pouco depois de terminada a cerimônia de casamento da Margie. Mari não se sentia muito bem. Rapidamente digitei a tecla de discagem rápida.

— Bell? — Let atendeu sonolenta.

— Oi, amiga, desculpa te acordar...

— Bell, você está bem?!

— Estou sim, Let. Acontece que... É o Mateo... Aconteceu um acidente em *Copenhague* e estado dele é muito grave.

— Amiga do céu! — escutei-a contextualizar rapidamente o Caio, que perguntava insistentemente do que se tratava. — Ele está bem?

— Não, né Let. Está em estado grave e preciso muito falar com a Mariana, mas o celular dela não atende.

Letícia seguia muda ao telefone.

— Let, está me ouvindo?

— Não faz isso, Bell...

Empertiguei na cadeira, cheia de conjecturas.

— Por que? Let, ela é a namorada do Mateo, tem todo o direito de saber.

— Bell... Ai, meu Deus, como digo isso?

— Fala de uma vez, Letícia!

— Bell, a Mari está grávida.

Levantei de chofre da cadeira.

— O quê?!

— Ela me confidenciou ontem, durante a festa. Está enjoando demais a bichinha, mas não quer que ninguém saiba ainda. Está morrendo de medo de que pensem que se trata de um golpe da barriga.

Levei a mão à testa, tentando pensar rápido. Sem dúvida alguma, o Axel pensaria isso, mas não o Erik ou o Mateo.

— Let, não posso esconder algo assim.

— Bell, fale com ela pessoalmente. Eu também não poderia contar isso a você, porque ela me pediu segredo. Vá conversar com ela, antes de qualquer coisa.

Ponderei sobre aquilo. Claro que jamais poderia dar uma notícia daquela por telefone à uma mulher grávida, mas também estava com o tempo curto demais. Escutei o chuveiro desligar e sabia que logo o Erik estaria ali.

— Ok, Let. Vou dar um jeito. Amiga, por favor, cuida do meu apê? Deixo a chave com o porteiro, tudo bem?

— Cuidar do seu apê?! Como assim? Bell, você...
— Claro que vou, Let. Onde mais eu poderia estar nesse momento, senão ao lado do Erik?
— Bell... Deus do céu... Você está lembrada do pai do Erik, não está? Aquele homem é uma víbora e te odeia!
Respirei fundo. Meu estômago tremulava de nervoso.
— Sim, eu sei. — Encontrar o Axel não estava nos meus planos, até o momento. — Mas nada, muito menos o monstro do Axel, irá me impedir de estar com o Erik quando ele mais precisa de mim. — Respirei fundo, bem fundo. — Estou indo, amiga, e estou indo preparada. Confie em mim.

NOTA DA AUTORA:

Agradeço imensamente a Deus, antes de tudo. Ele me deu o dom, as ferramentas e os motivos. Eu faço uso desses presentes com amor e por amor.

Agradeço às leitoras pelo carinho, pelo incentivo, pelas oportunidades e pelo respeito. À minha família pela compreensão, porque não é nada fácil ter mãe, esposa e filha escritora. Ter uma irmã ou amiga que nunca aparece e está sempre alheia, também não é fácil. Obrigada, amores.

Agradeço às minahs betas fantásticas: à minha amiga e irmã, Eliane Diniz, e à minha "beta sensações" linda, Sueli Assis. Obrigada pela paciência, pelos puxões de orelha e pelo amor que vocês têm por tudo o que faço.

E por todos os sacrifícios, dedicação, empenho, superação e amor que nós, escritores, temos e fazemos para/por escrever livros que levem não apenas diversão, mas reflexões, emoções, momentos de prazer inesquecíveis, é que peço a você, leitora, que deixe sua avaliação na Amazon, não importando porque meio ou dispositivo esteja lendo este livro. As avaliações da Amazon dão visibilidade à obra e nos trazem oportunidades. É com base nas avaliações que outros leitores se interessam, bem como editoras.

Caso deseje, terei imenso prazer em enviar marcadores lindos para quem avaliar e der um print da avaliação (positiva ou negativa, não importa), mandando-a para o meu e-mail, junto com o endereço (vauline.autora@gmail.com).

Finalizando, gostaria de convidar todas vocês para conhecer mais do meu trabalho e da minha pessoa, acessando minhas redes sociais. Terei imenso prazer em conhecê-las.

Muuuito obrigada!

Facebook: www.facebook.com/Vaulineautora

Instagram: @vau_goncalves_escritora

Wattpad: @vaulinegoncalves

Site: vaulineautora.wixsite.com/vaulinegoncalves